H. P. BLAVATSKY

A DOUTRINA SECRETA

síntese da ciência, da religião e da filosofia

Volume II

SIMBOLISMO ARCAICO UNIVERSAL

PENSAMENTO

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

A DOUTRINA SECRETA

Síntese de Ciência, Filosofia e Religião

Tradução de
RAYMUNDO MENDES SOBRAL

VOLUME II

SIMBOLISMO ARCAICO UNIVERSAL

EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

Tradução do original inglês
The Secret Doctrine
The Synthesis of Science, Religion and Philosophy
Edição Adyar
Theosophical Publishing House, 1938
Copyright © 1973 by Sociedade Teosófica no Brasil

Edição
9 8 7 6 5 4 3

Ano
3 4 5 6 7 8 9

Direitos reservados.

EDITORA PENSAMENTO LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374, fone 63-3141,
04270 São Paulo, SP

Impresso em nossas
oficinas gráficas

Esta obra
é dedicada aos verdadeiros Teósofos
de todos os países,
seja qual for a raça a que pertençam.
Eles a solicitaram e para eles foi escrita.

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

SUMÁRIO

Parte II

A EVOLUÇÃO DO SIMBOLISMO

Seção I — SIMBOLISMO E IDEOGRAFIA 9

As Mitologias e as Tradições contêm verdades históricas — Há uma diferença entre *Emblema e Símbolo* — O primeiro é uma série de Pinturas Gráficas explicadas alegoricamente — A História Esotérica está oculta pelos Símbolos — A Potência Mágica do Som — A linguagem do Mistério chama-se hoje Simbolismo.

Seção II — A LINGUAGEM DO MISTÉRIO E SUAS CHAVES 16

Os Sábios já usaram uma vez a chave da Antiga Linguagem Universal — Anais Antigos escritos em Linguagem Universal — Os Rituais e Dogmas Egípcios

conservam os Ensinamentos Principais da DOUTRINA SECRETA — Os Sábios descobrem o Sistema Geométrico e Numérico das Medidas da Grande Pirâmide — A Quadratura do Círculo — A Verdade deve prevalecer no final — Moisés e a Arca de Junco copiados de Sargão — Os Números Ocultos são Pedras Angulares das Cosmogonias Esotéricas — A identidade dos Símbolos Antigos — A criação de vários Adãos — As Raças Satânicas.

Seção III — A SUBSTÂNCIA PRIMORDIAL E O PENSAMENTO DIVINO 32

Os Metafísicos ocidentais estão longe da Verdade — O pensamento Divino não pode ser definido, exceto pelas inumeráveis Manifestações da Substância Cósmica — A Ideação Cósmica é inexistente durante o Pralaya Universal — Todo o Universo é uma Ilusão — Que é a Substância Primordial? — O Æther é o Fogo Universal — A Cosmogênese de Manas — Os Sete Prakritis — Os Deuses do *Gênese* — Do Tríplice Uno emanou todo o Cosmos — O "Fogo Vivente" — O Éter da Ciência — Todo o Cosmos surgiu do Pensamento Divino — A Ciência Oculta ainda conserva a chave de todos os Problemas do Mundo.

Seção IV — CHAOS, THEOS, KOSMOS 49

O Espaço, Recipiente e Corpo do Universo em seus Sete Princípios — O Caos se converteu na Alma do Mundo — O Primeiro Triângulo — O Nascimento da Mente — O Inefável Nome — Os Quatro Elementos Primários — Cosmolatria.

Seção V — SOBRE A DIVINDADE OCULTA, SEUS SIMBOLOS E SIGNOS 56

Prajâpatis e Patriarcas — O Macroposopo e o Microposopo — As Sete Letras Secretas de que se compõe o Nome de Deus — A Alma Universal era considerada a Mente do Criador Demiurgo — Significado dos Animais e Plantas Sagrados — Símbolos dos Poderes Ativos — Os Sete e os Dez Construtores — Houve uma Revelação Universal Primordial? — O Cisne como Símbolo do Espírito — Simbologia Antiga.

Seção VI — O OVO DO MUNDO 66

O Ovo é o Símbolo do Universo e seus Corpos Esféricos — O Ovo e a Arca — Dez, o Número Sagrado do Universo — Simbolismo das Divindades Solares e Lunares — Os Quatro Animais Sagrados são os Símbolos dos Quatro Princípios Inferiores do Homem — As Serpentes de Fogo — O Globo Alado — O Ovo dá nascimento aos Quatro Elementos — Todos os Deuses Egípcios eram Duais — A Cosmogonia Escandinava — Os Quatro Rios do Éden estão simbolizados pelo Cubo.

Seção VII — OS DIAS E NOITES DE BRAHMA 76

O Presente Kalpa é o Varâha (Boar) — Os Avatares indicam Ciclos Maiores e Menores — Três Pralayas Principais — Uma Chave Cabalística — Quatorze Manus no Final de um Mahâ-Yuga — A Chegada da Noite Cósmica — O Satya-Yuga e a Primeira das Quatro Idades, e Kali a Última — A Volta de Moru e Devâpi.

Seção VIII — O LÓTUS COMO SÍMBOLO UNIVERSAL 86

O Lótus é o Símbolo da Criação e da Geração — A Ideação Divina passa do Abstrato ao Concreto — O Deus Criador é Pensamento tornado Visível — Antropomorfismo Hebreu — O Significado Esotérico do Pecado e da Queda, no *Gênese* — O Significado Sagrado da Letra "M".

Seção IX — A LUA: DEUS LUNUS, PHŒBE 94

Personificação da Lua — Deuses Solares e Lunares, Raças e Dinastias — A Chave Fisiológica do Símbolo da Lua — O Número Dual, Masculino e

Feminino — Uma Alegoria do *Zohar* — A Complexidade do Símbolo Lunar: sua Chave Fisiológica — O Aspecto Dual da Lua — Ritos do Culto Lunar, baseados no Conhecimento da Fisiologia — O Sol e a Lua, como Divindades Masculinas-Femininas, frutificam a Terra — A Virgem-Mãe Imaculada e Deusas Pagãs — O Culto da Lua é tão antigo quanto o Mundo — A Lua, Símbolo aceito de todas as Deusas Virgens-Mães.

Seção X — O CULTO DA ÁRVORE, DA SERPENTE E DO CROCODILO 111

O Fruto da Árvore do Conhecimento — Serpentes e Dragões eram Nomes que os Adeptos Iniciados dos Tempos Antigos davam aos Sábios — A Serpente, Símbolo da Iniciação — Os Ocultistas conhecem os Significados Primitivos da Árvore da Vida e da Cruz — A Árvore da Vida tem suas Raízes no Céu — As Serpentes e Dragões de Sete Cabeças da Antiguidade simbolizam os Sete Princípios da Natureza e do Homem — O Crocodilo é o Dragão Egípcio — O Significado dos Sete Fogos, das Sete Vogais, etc., representados pelas Sete Cabeças da Serpente da Eternidade.

Seção XI — DEMON EST DEUS INVERSUS 119

O Bem e o Mal: podem existir dois Absolutos Eternos? — Como "Satã" foi antropomorfizado — Não há Vida sem Morte — O Bem e o Mal são as Duas Faces de Uma Só e Mesma Coisa — O Mal denota a Polaridade da Matéria e do Espírito — A "Queda" é o desejo de Conhecer — O Significado da Rebelião e Queda dos Anjos — Adeptos da Mão Direita e da Mão Esquerda — A Guerra dos Deuses — Dois Aspectos de Vishnu — As Forças Criadoras são Entidades Viventes e Conscientes — A Pirâmide Negra e a Pirâmide Branca.

Seção XII — A TEOGONIA DOS DEUSES CRIADORES 132

A Hierarquia das Forças — O Artífice do Universo não é o Deus mais Elevado — O Ponto é a Unidade que dá início ao Sistema Inteiro — As Criações na Cosmogonia Hindu — O Logos é o *Verbum* — Sinônimos do Logos — Poderes Femininos da Natureza — O Mistério do Som — A Luz, o Som e o Número são os três Fatores da Criação — A Doutrina Pitagórica dos Números — A Mãe dos Deuses — A Antiguidade das Pirâmides — Anjos, Arcanjos, Principados, Virtudes, Dominações, Tronos, Querubins e Serafins — Os Deuses Cósmicos — Graus de Manifestação — O Nome Impronunciável — A Cosmogonia de Confúcio — Os Sete e os Quatorze Ciclos de Existência — Os Símbolos do Mistério das Trevas — O Eu Supremo é o Único que é Divino e é Deus.

Seção XIII — AS SETE CRIAÇÕES 153

As Sete Criações Purânas — A Ogdóada — O Primeiro Homem "Pensador" e os Sons de Uma, Três e Sete Vogais — As Criações Primárias e Secundárias — Mahat é a Mente Divina em Operação Ativa — Muitas Versões da Verdade Única — Os Dhyân-Chohans são o Agregado Coletivo da Mente Primordial — As Sete Criações (1) Mahat-tattva, a Evolução Primordial em si; (2) Princípios Rudimentares ou Tanmâtras; (3) Ahamkâra ou o Conceito do "EU"; (4) as Séries de Quatro Reinos Rudimentares ou Elementais, Bases dos Sentidos; (5) Criação dos Animais Mudos; (6) Protótipos da Primeira Raça (humana); (7) o Homem — Quem são os Kumâras — Os Ascetas Virgens que se negaram a criar o Homem Material — A Importância do Número Sete.

Seção XIV — OS QUATRO ELEMENTOS 169

Os Elementos são a Vestimenta Visível dos Deuses Cósmicos — Elementos Corpóreos e Espirituais das Forças da Natureza — Os Atlantes compreendiam

o Fenômeno dos Quatro Elementos — São Paulo acreditava nos Deuses Cósmicos — Jeová, Deus dos Elementos — Astartéia e a Virgem Maria — Cada Elemento é Dual em sua Natureza — As Forças Físicas dos Elementos.

Seção XV — SOBRE KWAN-SHI-YIN E KWAN-YIN 179

O Alfa e o Ômega da Natureza Manifestada — Os Mantras originam um Efeito Mágico — Kwan-shi-yin é uma Forma do Sétimo Princípio Universal ou, misticamente, o Logos — Kwan-yin é o Princípio Feminino da Natureza.

Parte III

APÊNDICE

SOBRE A CIÊNCIA OCULTA E MODERNA

Seção I — RAZÕES PARA ESTE APÊNDICE 187

Não pode haver conflito entre a Ciência Oculta e a Ciência Exata quando as conclusões da última se baseiam no Fato Irrecusável — As Forças são Inteligentes e são Devas e Gênios — O Sol é Matéria e o Sol é Espírito — O Sol é o Dispensador de Vida do Mundo Físico: o Sol Espiritual Oculto é o dispensador de Vida e Luz nos reinos Espirituais e Psíquicos.

Seção II — Os FÍSICOS MODERNOS ESTÃO JOGANDO A "CABRA-CEGA" 192

A Ciência terá que aprender o que na realidade são a Matéria, o Átomo, o Éter e a Força — É a Luz um Corpo ou não? — Hipóteses contraditórias — Conceitos sobre a Constituição do Éter — Os Ocultistas dizem que o Autor da Natureza é a própria Natureza.

Seção III — É A GRAVITAÇÃO UMA LEI? 200

Conceitos científicos sobre a Gravidade — Opiniões de Pitágoras e Platão sobre os Regentes Planetários — Fohat, a Inteligência Animadora é o Fluido Universal Elétrico e Vital — As Forças da Natureza são Individualidades Inteligentes — Teoria de Newton sobre o Vácuo Universal — Movimento Perpétuo — Magnetismo Cósmico — Idéias de Kepler sobre Forças Cósmicas — A Causa da Rotação.

Seção IV — AS TEORIAS CIENTÍFICAS DA ROTAÇÃO 211

Hipótese quanto à Origem da Rotação, dos Planetas e dos Cometas — Paradoxo da Ciência — As Forças são Realidades.

Seção V — AS MÁSCARAS DA CIÊNCIA — *Física ou Metafísica?* 219

Doutrina e Princípio Ocultos em Spiller — Definições científicas da Força — Força e Substância no Ocultismo — Que é a Força? — Os Ocultistas dizem que a Causa da Luz, do Calor, do Som, da Coesão, do Magnetismo, etc., é uma Substância — Os Sete Raios Místicos do Sol — Causas e seus Efeitos — Que é um Átomo? — Os Quarenta e Nove Fogos Originais personificados: sua relação com as Faculdades Psíquicas Humanas e as Potências Químicas e Físicas — O "Princípio Indiviso" do Sistema Filosófico Vishishtâdvaita.

Seção VI — ATAQUE DE UM HOMEM DE CIENCIA À TEORIA CIENTÍFICA DA FORÇA 236

Vários homens de ciência ingleses chegam quase a ensinar Doutrinas Ocultas — O Espírito e a Alma do Cosmos.

Seção VII — VIDA, FORÇA OU GRAVIDADE 241

A Atração por si só não é suficiente para explicar o Movimento Planetário — Os fluidos ou Emanações do Sol imprimem todo o movimento e despertam toda a Vida no Sistema Solar — O Sol é o Depósito de Força Vital — Panteísmo ou Monoteísmo? — Os Sete Sentidos Físicos — A Árvore da Vida — Que é o "Éter Nervoso"? — Uma verdadeira Escala Setenária.

Seção VIII — A TEORIA SOLAR 253

Breve análise dos elementos compostos e simples da ciência em oposição às doutrinas ocultas. Até que ponto é científica esta teoria, tal como aceita geralmente. O Sol é o Coração do Sistema Solar — Os Elementos que ora conhecemos não são os Elementos *Primordiais* — A Química se aproxima, mais que outras ciências, do Reino do Oculto na Natureza — As descobertas do Professor Crookes justificam os Ensinamentos Ocultos — Termos Químicos e a Gênese dos Deuses — O Poder que dirige o Átomo — O Significado do Caduceu de Mercúrio — O Estado *Lava* e o Ponto Zero — O Ocultismo afirma que a Matéria é Eterna, somente se tornando atômica periodicamente — As "Atomicidades" dominantes — As Mentes Inteligentes e Regentes de Mônadas e Átomos.

Seção IX — A FORÇA FUTURA 266

Suas possibilidades e impossibilidades. Causa e Efeitos da Eletricidade Cósmica — O Som é um Poder Oculto — Keely, um Ocultista Inconsciente — O Significado Oculto de um Centro Laya — A Humanidade está relacionada psiquicamente com os Grupos de Dhyân-Chohans — Por que não pôde Keely levar suas Descobertas ao seu desfecho lógico — Não se permitirá que a Força Elétrica sirva para fins mercantis — "Vril" é uma Força Real — As descobertas prematuras de Keely.

Seção X — SOBRE OS ELEMENTOS E OS ÁTOMOS 278

Quando empregado em sentido metafísico, o termo Elemento significa o Homem Divino Incipiente — Átomos-Almas são Diferenciações do Uno — A Alegoria da "Terra Prometida" — A Mônada, segundo os Ensinamentos dos Antigos Iniciados — O Peregrino Eterno — Buddhas dos Três Mundos — Dhyâni-Buddhas e os Sete Filhos da Luz — Personalidade e Individualidade — Mônadas Angélicas, Mônadas Humanas e Estrelas-Pais — O lugar de Urano e Netuno — A Origem Planetária da Mônada foi ensinada pelos Gnósticos — A Queda Cíclica dos Deuses — A Natureza de Jeová.

Seção XI — O PENSAMENTO ANTIGO COM VESTUÁRIO MODERNO 290

A Química e a Ciência Oculta — Rogério Bacon tinha a Chave da verdadeira significação da Magia e da Alquimia — O Átomo é inseparável do Espírito — A Trindade em Unidade — A Gênese dos Elementos — *Purânas* versus Sociedade Real.

Seção XII — EVIDÊNCIA CIENTÍFICA E ESOTÉRICA DA TEORIA NEBULAR MODERNA, E OBJEÇÕES À MESMA 299

A Teoria Nebular é errônea — O Sol e os Planetas são Irmãos Co-Uterinos — O Dever do Ocultista se refere à *Alma* e *Espírito* do Espaço Cósmico — A necessidade de estudar todo o Sistema Cosmogênico Esotérico — As Forças são Aspectos da Vida Una Universal — A opinião de um Mestre sobre Teorias Científicas — Que é a Nebulosa? A Teoria Nebular e a DOUTRINA SECRETA — O nosso Universo visível é o Sthûla Sharira do Sétuplo

Cosmos — Que é a Matéria Primitiva? — A Seleção Natural e a Doutrina Oriental da Evolução.

Seção XIII — AS FORÇAS: MODOS DE MOVIMENTO OU INTELIGÊNCIA? 312

Os Efeitos da Matéria Primitiva sentidos através de Inteligências denominadas Dhyân-Chohans — Estas Inteligências devem ser admitidas pela Ciência — A Mente Universal é a Luz Divina (Fohat) que emana do Logos — Os Fenômenos Terrestres são Aspectos da Natureza Dual dos Dhyân-Chohans Cósmicos — A Lei de Analogia é a Primeira Chave para o Problema do Mundo — Diferentes classes de Humanidades — Distintos Sentidos em outros Mundos — Tudo tem seu período de Vida: a Terra, a Humanidade, o Sol, a Lua, os Planetas, as Raças, etc.

Seção XIV — DEUSES, MÔNADAS E ÁTOMOS 322

O Cosmos está cheio de Existências Invisíveis e Inteligentes — Só os mais elevados Iniciados e Adeptos são capazes de apreender o Pleno Conhecimento dos Mistérios da Natureza — Aquele que dominar os Mistérios de nossa própria Terra dominará todos os demais — O Ponto Matemático — O Universo *Absolutamente Ideal* e o Cosmos Invisível porém Manifestado — A Mônada é o Ápice do Triângulo Eqüilátero Manifestado, o "Pai" — O Espaço é o Mundo *Real* — Os Dez Pontos Pitagóricos — O Triângulo Ideal — A Mônada e a Díada — Almas Atômicas e sua Peregrinação Individual — A Descida e a Ascensão da Mônada Individualizada — A Química do Futuro — A Ciência Esotérica abrange todo o Plano de Evolução, desde o Espírito à Matéria — O Número do Oxigênio, Hidrogênio e Nitrogênio — As Teorias de Leibnitz — Natureza da Mônada — Os "Deuses" são as Radiações da Natureza Primordial — Os Átomos são o Movimento que mantêm em perpétua marcha as Rodas da Vida.

Seção XV — EVOLUÇÃO CÍCLICA E CARMA 346

Carma é a Lei Una que governa o Mundo do Ser — Os Ocultistas têm igual respeito à Vida Animal Externa do Homem e à sua Natureza Espiritual Interna — A influência Esotérica dos Ciclos Cármicos sobre a Ética Universal — Ninguém pode escapar ao seu Destino Dominante — Carma, a Lei de Compensação — As Grandes Mudanças Geológicas não são mais que instrumentos que atuam periodicamente para alcançar certos fins — Os Grandes Ciclos e os Ciclos Menores — Carma-Nêmesis — Profecias Antigas e Modernas — A Astrologia, uma Ciência.

Seção XVI — O ZODÍACO E SUA ANTIGUIDADE 360

O Zodíaco na *Bíblia* — A Antiguidade do Zodíaco — Messias Avatares e os Signos do Zodíaco — Deuses Caldeu-Judeus e Ciclos — A Antiguidade do Zodíaco dos Hindus — Conclusão Científica — O princípio do Kali Yuga — Os Métodos Astronômicos Hindus e sua verificação.

Seção XVII — RESUMO DA SITUAÇÃO 379

Que é Éter, Matéria, Energia? — Quão pouco se conhece do Universo Material — Os Ensinamentos Esotéricos eram idênticos no Egito e na Índia — Além das fronteiras do Sistema Solar há outros Sóis e o Misterioso Sol Central — Fohat é, no Ocultismo, a Chave que abre e decifra os Símbolos e Alegorias de todas as Mitologias — Fohat sob muitos Nomes — A Lenda e a História.

Notas Adicionais 389

Bibliografia 391

SEÇÃO I

SIMBOLISMO E IDEOGRAFIA

"Não é sempre o simbolismo, para quem o sabe decifrar, uma revelação mais ou menos clara, mais ou menos confusa, do que seja Deus?... Através de todas as coisas... brilha debilmente algo da Idéia Divina. Mais ainda: o próprio emblema ante o qual se reuniram e se congraçaram os homens, a cruz, não possui senão uma significação extrínseca e acidental."

CARLYLE (*Sartor Resartus*)

A MAIOR PARTE da vida de quem escreve estas linhas foi ocupada com o estudo da significação oculta das lendas religiosas e profanas de vários países, grandes ou pequenos, e especialmente das tradições do Oriente. Alista-se a autora entre os que se acham convencidos de que nenhuma narrativa mitológica, nenhum acontecimento tradicional das lendas de um povo, em qualquer época, representou simples ficção, mas possui, cada qual, um fundo histórico verdadeiro. Diverge, assim, daqueles mitólogos — por maior que seja a sua reputação — que não vêem, em cada mito, senão uma prova da tendência supersticiosa dos antigos, e julgam que todas as mitologias tiveram origem e se basearam em *mitos solares*. O poeta e egiptólogo Geraldo Massey, em uma conferência sobre "Luniolatria Antiga e Moderna", situou, em traços admiráveis, esses pensadores superficiais no seu devido lugar. Os termos incisivos de sua crítica merecem ser aqui reproduzidos, por serem um eco fiel de nossos próprios sentimentos, manifestados abertamente desde 1875, quando escrevemos *Ísis sem Véu*:

"Há trinta anos vem o Professor Max Müller ensinando, em seus livros e conferências, no *Times*, na *Saturday Review* e em várias revistas, na tribuna da Royal Institution, no púlpito da Abadia de Westminster e na cátedra de Oxford, que a mitologia é uma enfermidade da linguagem, e que o simbolismo antigo era o resultado de uma espécie de aberração mental primitiva.

"Sabemos — diz Renouf, repetindo Max Müller, em suas conferências de Hibbert — sabemos que a mitologia *é* enfermidade que se desenvolve em um estágio particular da cultura humana." Esta é a explicação trivial dos não evolucionistas; e explicações que tais são ainda aceitas pelo público inglês, que pensa pelos cérebros de outros. O Professor Max Müller, Cox, Gubernatis e outros tratadistas de mitos solares, descreveram-nos o primitivo inventor de mitos como uma espécie de metafísico indogermanizado a projetar sua própria sombra, e a falar ingenuamente de fumo ou, pelo menos, de *nuvens*, fazendo do céu sobre sua cabeça a abóbada do país do sonho, na qual se

desenham as imagens confusas dos pesadelos de seus habitantes. Imaginam o homem primitivo à sua própria semelhança, supondo-o capaz de se deixar lamentavelmente mistificar, ou, como disse Fontenelle, "sujeito a ver coisas que não existem"! Eles apresentam o homem primitivo ou arcaico sob um aspecto falso, retratando-o desde o início como o joguete estúpido de uma imaginação fértil e desorientada, a crer em toda sorte de falsidades, que eram imediata e constantemente desmentidas por sua própria experiência diária; como um néscio fantástico no meio daquelas feias realidades, em cujo atrito as suas experiências se deformavam, à maneira das rochas submarinas que se desgastam pela ação dos *icebergs*. Resta-me dizer, e algum dia se há de reconhecer esta verdade, que aqueles mestres, como tais considerados, não chegaram mais perto das origens da mitologia e da linguagem que de Pégaso o poeta Willie de Burns. Eis minha resposta: Só a imaginação do metafísico teórico é que faz da mitologia uma doença da linguagem ou de qualquer outra coisa que não seja o seu próprio cérebro. Esses traficantes de mitos solares perderam completamente de vista a origem e o significado da mitologia! A Mitologia era um modo primitivo de *objetivar* o pensamento antigo. Baseava-se em fatos naturais, e ainda hoje se verifica nos fenômenos. Nada tem de insano nem de irracional, se considerada à luz da evolução e quando de todo compreendido o seu modo de expressar por meio de signos. O insensato está em querer tomá-la por história humana ou como Revelação Divina [1]. A Mitologia é o repositório da mais antiga ciência do homem, e o que principalmente nos interessa é o seguinte: quando vier de novo a ser corretamente interpretada, deverá dar o golpe de morte em todas aquelas falsas teologias, a que involuntariamente deu origem [2].

Na fraseologia moderna se diz algumas vezes que determinada afirmação é mítica em razão de sua falsidade; mas a mitologia antiga não era um sistema ou processo de falsificação nesse sentido. Suas fábulas eram um meio de apresentar fatos; não eram fraudes nem ficções... Por exemplo, quando os Egípcios representavam a Lua como um *gato*, não eram tão ignorantes para supor que a Lua fosse um gato; nem a sua fantasia divagava ao ponto de ver semelhança entre a Lua e um gato; nem tampouco era o mito gato *simples desenvolvimento de metáfora verbal*; nem havia por parte deles a intenção de propor enigmas... Haviam simplesmente observado que o gato enxergava no escuro, e que os seus olhos aumentavam e se tornavam mais brilhantes durante a noite. A Lua, à noite, era o vidente dos céus, e o gato o seu equivalente na terra; e assim foi o gato adotado como um signo natural e representativo, uma pintura viva do globo lunar... E daí resultou que o Sol, que olhava o mundo embaixo durante a noite, podia igualmente ser chamado gato, como sucedeu, *porque também via* nas trevas. Em egípcio gato é *mau*, nome que significa vidente, de *mau*, ver. Um tratadista de mitologia afirma que os egípcios "imaginavam um enorme gato atrás do Sol, que era a pupila do olho do mesmo gato". Mas isto é uma invenção inteiramente moderna, que faz parte do fundo de comércio de Max Müller. A Lua, *como gato, era* o olho do Sol, *porque refletia a luz solar*, e porque o olho reflete a imagem em sua retina. Sob a forma da deusa Pasht, o gato vela pelo Sol, segurando e esmagando com suas patas a cabeça da serpente das trevas, considerada o seu eterno inimigo!"

Eis aí uma exposição bastante correta do mito lunar, sob o seu aspecto astronômico. Contudo, a Selenografia é a menos esotérica das divisões da simbologia lunar. Para dominar a Selenognose — se nos permitem o neologismo — há mister conhecer a fundo algo mais que o seu significado astronômico. A Lua está intimamente relacionada com a Terra, como se mostrou

(1) No que se refere a "Revelação Divina", estamos de acordo. Não assim, porém, quanto a história humana. Porque há "história" na maioria dos "mitos" e alegorias da Índia, e por trás deles se acham ocultos acontecimentos indubitavelmente verdadeiros.

(2) Quando as "falsas teologias" desaparecerem, encontrar-se-ão incontestáveis realidades pré-históricas, sobretudo na mitologia dos árias e dos antigos hindus, e até mesmo na dos helenos pré-homéricos.

nas Estâncias; e mais diretamente ainda com todos os mistérios do nosso Globo do que mesmo Vênus-Lúcifer, irmão oculto e *alter ego* da Terra [3].

As infatigáveis investigações dos mitólogos ocidentais, notadamente dos alemães, durante o último século e no atual [4], fizeram ver a todas as pessoas livres de preconceitos, inclusive obviamente os ocultistas, que sem o auxílio da simbologia (com suas sete divisões, de todo desconhecidas dos modernos) nenhuma das antigas escrituras sagradas pode ser entendida no seu exato sentido. Importa que o simbolismo seja estudado em cada um de seus aspectos, porque cada povo tinha o seu *método peculiar de expressão*. Numa palavra, nenhum papiro egípcio, ola [5] indiana, tijolo assírio ou manuscrito hebreu deve ser lido e aceito *literalmente*.

Hoje em dia todo erudito sabe disso. As sábias conferências de Geraldo Massey, por si sós, bastam para convencer um cristão de espírito independente de que o aceitar a letra morta da *Bíblia* vale por incidir em um erro mais grosseiro e supersticioso que os já produzidos pelo cérebro de um selvagem das ilhas dos mares do Sul. Mas há um ponto em que parece que continuam cegos os orientalistas, sejam eles arianistas ou epiptólogos, mesmo aqueles que amam e buscam sinceramente a verdade: é que cada símbolo constante de um papiro ou ola é um diamante de facetas múltiplas, cada uma das quais não somente comporta várias interpretações, mas também se relaciona com diversas ciências. Disso temos um exemplo na interpretação que há pouco citamos — a da Lua simbolizada pelo gato, exemplo de uma imagem sídero-terrestre; pois a Lua encerra muitos outros significados além desse, em outras nações.

Conforme o demonstrou o sábio maçon e teósofo Kenneth Mackenzie, em sua *Royal Masonic Cyclopœdia*, há uma grande diferença entre *emblema* e *símbolo*. O primeiro "compreende uma série de pensamentos maior que a do símbolo, o qual se deve antes considerar como destinado a esclarecer uma só idéia especial". Daí resulta que os símbolos — lunares ou solares, por exemplo — de vários países, compreendendo cada qual uma idéia ou série de idéias especiais, formam coletivamente um emblema esotérico. Este último é "uma pintura ou signo concreto visível, que representa princípios ou uma série de princípios, *compreensíveis para aqueles que receberam certas instruções* (Iniciados)". Para dizer ainda com maior clareza, um emblema se compõe geralmente de *uma série de pinturas gráficas*, consideradas e explicadas alegoricamente e que desenvolvem uma idéia em vistas panorâmicas, apresentadas umas depois das outras. Assim, os *Purânas* são emblemas escritos. Igualmente o são os dois *Testamentos*, o Antigo ou Mosaico e o Novo ou Cristão, ou a *Bíblia*, e todas as demais Escrituras exotéricas.

Diz ainda a mesma autoridade:

"Todas as sociedades esotéricas fizeram uso de emblemas e símbolos — como a Sociedade Pitagórica, a dos Eleusinos, as Confrarias Herméticas do Egito, os Rosa-

(3) Veja-se a Seção IX: "A Lua, Deus Lunus, Phoebe".
(4) O século XIX.
(5) Do tamil *olai*, folha de palmeira.

cruzes e os Francomações. Muitos desses emblemas não convém que sejam divulgados; e *uma diferença muito pequena* pode modificar consideravelmente a significação do emblema. Os selos mágicos, fundados em certos princípios dos números, incluem-se entre eles, e, ainda que pareçam monstruosos e ridículos aos olhos dos ignorantes, transmitem todo um corpo de doutrina aos que souberem reconhecê-los."

As sociedades acima enumeradas são todas relativamente modernas; nenhuma delas remonta além da Idade Média. Também é muito natural que os estudantes das escolas arcaicas mais vetustas se abstenham de divulgar segredos de uma importância muito maior para a humanidade (por serem perigosos em mãos ignorantes) que os chamados "segredos maçônicos", os quais, como dizem os franceses, passaram a ser segredos de Polichinelo!

Mas tal restrição deve entender-se tão só quanto ao significado psicológico, ou, mais propriamente, psico-fisiológico e cósmico de um símbolo ou de um emblema, e, ainda assim, só parcialmente. Porque, embora o Adepto não deva comunicar as condições e os meios que conduzem a uma correlação de elementos (sejam estes físicos ou psíquicos), estará, contudo, sempre disposto a transmitir ao estudante sério o segredo do pensamento antigo em tudo o que concerne à história oculta sob o simbolismo mitológico, abrindo assim um horizonte maior à visão retrospectiva do passado e proporcionando informações úteis relacionadas com a origem do homem, a evolução das Raças e a geognosia. E no entanto esta é a queixa de nossos dias, não só entre os teósofos, mas também entre os raros profanos que se interessam pelo assunto: Por que os Adeptos não revelam o que sabem? A isto se poderia responder: Por que haveriam de fazê-lo, sabendo de antemão que nenhum homem de ciência aceitaria, nem mesmo como hipótese, e muito menos, portanto, como teorias ou axiomas, os fatos que lhe dessem a conhecer? Porventura aceitastes o ABC da Filosofia Oculta, contido em *The Theosophist*, no *Budismo Esotérico* e em outras obras e revistas, e acreditastes no que elas diziam? O pouco que vos foi oferecido não chegou a ser ridicularizado e posto em confronto, de um lado, com a "teoria animal" e do "símio" de Haeckel e de Huxley, e, de outro, com a história da costela de Adão e da maçã? Apesar de tão pouco desejáveis perspectivas, muitas coisas são expostas na presente obra, e a autora se ocupa, da maneira mais completa que lhe é possível, das questões referentes à origem do homem, à evolução do Globo e das Raças, humanas e animais.

As provas que são apresentadas, confirmando os antigos ensinamentos, se encontram disseminadas em todas as escrituras das civilizações da Antiguidade. Os *Purânas*, o *Zend Avesta* e os clássicos antigos estão repletos de fatos que tais; mas ninguém se deu ao trabalho de os recompilar e os comparar entre si. A razão é que todos estes fatos foram registrados simbolicamente; e os espíritos mais penetrantes e perspicazes entre os nossos arianistas e egiptólogos só mui raramente aprofundaram suas investigações, obscurecidos que estavam por suas idéias preconcebidas, e, ainda com mais freqüência, pelos pontos de vista parciais do significado secreto. No entanto, até uma parábola é um símbolo falado: uma ficção ou uma fábula, dizem alguns; uma representação alegórica de realidades da vida, de aconteci-

mentos e de fatos, dizemos nós. E assim como de uma parábola se deduz um preceito moral, sendo esta moral um fato real da vida humana, do mesmo modo se seduzia um fato histórico e verdadeiro (para aqueles que eram versados nas ciências hieráticas) de certos emblemas e símbolos registrados nos antigos anais dos templos. A história religiosa e esotérica de cada povo se achava entranhada nos símbolos; nunca era expressa literalmente em muitas palavras. Todos os pensamentos e emoções, todo o conhecimento e saber, adquiridos pelas primeiras raças ou a elas revelados, encontravam sua expressão pictórica na alegoria e na parábola. Por quê? Porque a *palavra articulada tem um poder que os "sábios" modernos não só desconhecem, mas nem sequer suspeitam, e por isso nele não acreditam.* Porque o som e o ritmo estão estreitamente associados aos quatro Elementos dos antigos; e porque tal ou tal vibração no ar deve inevitavelmente despertar os Poderes correspondentes, e a união com eles produz resultados bons ou maus, conforme o caso. Nunca foi permitido a nenhum estudante recitar narrativas de fatos históricos, religiosos, ou reais, com palavras que claramente os determinassem, para evitar que de novo fossem evocados os Poderes relacionados com tais acontecimentos. Estes só eram contados durante a Iniciação, e cada estudante devia vertê-los para símbolos apropriados, elaborados em sua própria mente e mais tarde submetidos ao exame do Mestre, antes de aceitos em definitivo. Foi assim que pouco a pouco se criou o Alfabeto Chinês, do mesmo modo que anteriormente se haviam determinado os símbolos hieráticos do antigo Egito. Na língua chinesa, cujos caracteres podem ser lidos em qualquer outro idioma [6], e são, como acabamos de dizer, um pouco menos antigos que o alfabeto egípcio de Thoth, cada palavra tem o seu símbolo correspondente, em forma pictórica. Possui a mesma língua milhares de letras-símbolos, ou logogramas, cada um dos quais significa uma palavra inteira; pois letras propriamente, ou um alfabeto como nós o entendemos, não existem no idioma chinês, como também não existiam no egípcio até uma época mais próxima.

Tentaremos agora explicar os principais símbolos e emblemas, uma vez que os Volumes III e IV, que tratam da Antropogênese, seriam de compreensão muito difícil sem um conhecimento preparatório, pelo menos, dos símbolos metafísicos.

Não seria justo, porém, iniciar a interpretação esotérica do simbolismo sem tributar a devida homenagem a quem prestou assinalados serviços no campo destes estudos, durante o século atual, descobrindo a chave mestra da antiga simbologia hebraica, tão intimamente ligada à mitologia, uma das chaves da Linguagem dos Mistérios, outrora universal, Referimo-nos ao Sr. Ralston Skinner, de Cincinnati, autor de *The Key to the Hebrew-Egyptian Mystery in the Source of Measures.* Místico e cabalista por natureza, ele trabalhou durante muitos anos naquele sentido, e os seus esforços foram coroados efetivamente de grande êxito, segundo suas próprias expressões:

(6) Deste modo, um japonês que não saiba uma só palavra de chinês, encontrando-se com um chinês que nunca tenha ouvido a língua do primeiro, pode comunicar-se com ele por escrito, e assim os dois se entenderão perfeitamente, visto ser simbólica a maneira pela qual ambos escrevem.

"O autor está plenamente convencido de que existiu uma linguagem antiga, que parece haver desaparecido para os tempos modernos, até o presente, mas de que restam ainda numerosos vestígios... O autor descobriu que aquela razão geométrica |a razão integral numérica do diâmetro para a circunferência do círculo| era a origem bem antiga e provavelmente divina... das medidas lineares... Parece mais ou menos provado que o mesmo sistema de geometria, de números, de razão e de medidas era conhecido e usado no continente da América do Norte, antes ainda de que o conhecesse a posteridade semita...

A singularidade dessa linguagem era que podia estar contida dentro da outra, por um processo oculto, não sendo percebida senão com a ajuda de certas instruções; as letras e os signos silábicos possuíam, ao mesmo tempo, os poderes ou as significações dos números, das figuras geométricas, das pinturas ou ideografias, e dos símbolos, cujo objetivo era determinado e especificado por meio de parábolas, sob a forma de narrações completas ou parciais, mas que também podia ser exposto separada ou independentemente, e de vários modos, por meio de pinturas, obras de pedra e construções de terra.

Para esclarecer o que pode haver de ambíguo no termo linguagem, direi: primeiro, que esta palavra significa a expressão falada das idéias; e segundo, que pode significar a expressão das idéias por qualquer outro meio. Aquela antiga linguagem era de tal modo infiltrada no texto hebraico que, empregando-se os caracteres escritos, cuja pronúncia forma a linguagem definida em primeiro lugar, se podia intencionalmente comunicar uma série de idéias muito diferentes das que se expressam com a leitura dos signos fonéticos. A segunda linguagem exprimia veladamente séries de idéias, cópias mentais de coisas sensíveis, que podiam ser desenhadas, e de coisas que, não sendo sensíveis, podiam classificar-se como reais; do mesmo modo, por exemplo, que o número 9 pode ser tomado como uma realidade, embora não tenha existência sensível, e que uma revolução da lua, considerada como algo à parte dessa mesma lua que fez a revolução, pode ser havida como a origem e a causa de uma idéia real, apesar de não possuir tal revolução nenhuma substância. Esta linguagem de idéias pode consistir em símbolos que se achem concretizados em termos e signos arbitrários, que tenham um campo muito limitado de conceitos sem importância, ou pode ser uma leitura da Natureza, em alguma de suas manifestações, de um valor quase incomensurável para a civilização humana. A imagem de uma coisa natural pode dar nascimento a idéias de assuntos coordenados, que se irradiem em sentidos diferentes e até opostos, como os raios de uma roda, dando lugar a realidades naturais que pertençam a um gênero de idéias muito distinto da tendência aparente apresentada na primeira leitura. Uma idéia pode dar origem a outra idéia conexa; mas, assim acontecendo, todas as idéias resultantes, por mais incongruentes que pareçam, guardam o liame com a imagem original e devem estar harmonicamente relacionadas entre si. Desse modo, de uma idéia suficientemente fundamental, que se tenha formado, pode-se chegar à concepção do próprio Cosmos e até à de todos os pormenores de sua construção. Semelhante aplicação da linguagem comum caiu em desuso; mas o autor destas linhas pergunta se em alguma época remota não foi essa língua, ou outra semelhante, universalmente adotada, passando a ser o apanágio de uma classe ou casta selecionada, à medida que se revestia de formas cada vez mais veladas. Quero com isso dizer que a linguagem popular ou nativa serviu, ela mesma, originariamente, como veículo deste modo especial de comunicação das idéias. Existem a esse respeito sérias provas, e parece realmente que houve na história da raça humana, em conseqüência de fatores que nos escapam, pelo menos até o presente, o desaparecimento ou a perda de uma língua primitiva perfeita, assim como de um sistema perfeito de ciência. Devemos dizer que eram perfeitos por causa de sua origem e importância divinas?" [7]

"Origem divina" não quer significar aqui uma revelação de um Deus antropomórfico, no alto de uma montanha, no meio de relâmpagos e trovões; mas, segundo entendemos, uma linguagem e um sistema de ciência transmitidos à primeira humanidade por homens de uma raça mais adiantada, tão

(7) De um manuscrito.

elevada que aparecia como *divina* aos olhos daquela humanidade infantil; em uma palavra, por uma "humanidade" proveniente de outras esferas. Esta idéia nada encerra de sobrenatural, e o aceitá-la ou recusá-la depende do grau de vaidade e presunção da pessoa a quem seja exposta. Porque, se os professores da Ciência estivessem dispostos a confessar que, embora eles nada saibam — ou antes, nada queiram saber — sobre o destino do homem desencarnado, esse futuro pode, contudo, encerrar um mundo de surpresas e revelações inesperadas, quando os seus Egos se acharem libertos do corpo material, então o cepticismo materialista não teria o mesmo êxito que hoje tem. Quem, dentre eles, sabe ou pode dizer o que sucederá quando o Ciclo de Vida deste Globo chegar ao seu fim, e a nossa mãe Terra entrar em seu derradeiro sono? Quem ousará afirmar que os Egos *divinos* de nossa humanidade — pelo menos os eleitos de entre as multidões que passam a outras esferas — não virão a ser, por sua vez, os instrutores "divinos" de outra humanidade, por eles gerada, em um novo Globo, chamado à vida e à atividade pelos "princípios" desencarnados de nossa Terra?

Tudo isso pode constar da experiência do Passado, e estes estranhos anais permanecem ocultos na "Linguagem do Mistério" das idades pré-históricas, a linguagem a que hoje se dá o nome de SIMBOLISMO.

SEÇÃO II

A LINGUAGEM DO MISTÉRIO E SUAS CHAVES

DESCOBERTAS recentes, feitas por matemáticos e cabalistas eminentes, provam, sem haver lugar para dúvidas, que todas as teologias, da primeira até a última, provieram não só de uma fonte comum de crenças abstratas, mas de uma linguagem esotérica universal ou Linguagem do Mistério.

Estando aqueles sábios de posse da chave da antiga língua universal, usaram-na com êxito, ainda que só *uma vez*, para abrir a porta hermeticamente fechada, que conduz ao Vestíbulo dos Mistérios. O grande sistema arcaico, conhecido desde os tempos pré-históricos como a Ciência Sagrada da Sabedoria, sistema que existe em todas as religiões, assim antigas como modernas, onde os seus traços podem ser acompanhados, possuía e ainda possui a sua linguagem universal — entrevista pelo maçon Ragon —, a língua dos Hierofantes, que compreende sete "dialetos", por assim dizer, cada um dos quais trata de um dos sete mistérios da Natureza, a que é especialmente apropriado. Cada dialeto tinha o seu simbolismo peculiar. Podia-se, desse modo, decifrar a Natureza em sua plenitude ou em um de seus aspectos particulares.

A prova está em que, até o presente, os orientalistas em geral, e os indianistas e egiptólogos em especial, experimentam grande dificuldade para interpretar os escritos alegóricos dos árias e os anais hieráticos do Egito. Assim acontece porque eles se obstinam em não admitir que todos os anais antigos foram escritos em uma língua que era universal e conhecida igualmente por todas as nações nos dias da antigüidade, mas que hoje só é inteligível para uma pequena minoria. Assim como os números arábicos, que todos os homens entendem, seja qual for a sua nacionalidade; ou assim como a palavra inglesa *and*, que se transmuda em *et* para os franceses, *und* para os alemães, y para os espanhóis, e assim por diante, mas que pode ser expressa em todas as nações civilizadas pelo signo &; da mesma forma todas as palavras da Língua do Mistério possuíam igual significação para todo o mundo. Alguns homens notáveis tentaram revigorar uma língua desse gênero, universal e *filosófica*: Delgarme, Wilkins, Leibnitz; mas Demaimieux, em sua *Pasigraphie*, foi o único que conseguiu demonstrar a possibilidade disso. O método de Valentim, chamado "Cabala Grega", baseado na combinação de caracteres gregos, pode servir de modelo.

Os diversos aspectos da Língua do Mistério conduziram à adoção de uma grande variedade de ritos e dogmas, na parte exotérica do ritualismo das Igrejas. A esses aspectos remonta a origem da maior parte dos dogmas da Igreja Cristã, como, por exemplo, os Sete Sacramentos, a Trindade, a Ressurreição, os sete Pecados Capitais e as sete Virtudes. Entretanto, havendo estado as Sete Chaves da Língua do Mistério sempre sob a custódia dos mais altos Hierofantes Iniciados da antiguidade, só o uso parcial de algumas delas passou às mãos da nova seita dos nazarenos, por traição de alguns dos Primeiros Padres da Igreja, ex-iniciados dos Templos. Alguns dos primeiros Papas foram Iniciados; mas os últimos fragmentos do seu saber caíram em poder dos Jesuítas, que os transformaram em um sistema de feitiçaria.

Afirma-se que a *Índia*, não a dos limites atuais, mas compreendendo suas antigas fronteiras, é o único país do mundo que ainda conta, entre seus filhos, Adeptos que possuem o conhecimento de todos os sete subsistemas, e a chave do sistema completo. Desde a queda de Menfis, o Egito começou a perder as suas chaves, uma após outra, e a Caldéia não possuía mais de três na época de Berose. Quanto aos hebreus, não demonstram em todos os seus escritos senão um conhecimento completo dos sistemas astronômico, geométrico e numérico, que utilizavam para simbolizar as funções humanas e especialmente as fisiológicas. Nunca possuíram as chaves superiores.

Gaston Maspero, o grande egiptólogo francês, sucessor de Mariette, escreve:

"Sempre que ouço falar da religião do Egito, sinto-me tentado a perguntar a *que* religião egípcia se referem. É à religião da quarta dinastia, ou à do período dos Ptolomeus? À religião do povo, ou à dos sábios? Àquela que se ensinava nas escolas de Heliópolis, ou àquela outra que estava nas mentes e concepções da classe sacerdotal de Tebas? Porque entre a primeira tumba de Menfis, que leva a inscrição de um rei da terceira dinastia, e as últimas pedras gravadas em Esneh, sob Felipe-César, o Árabe, há um intervalo de cinco mil anos pelo menos. Deixando de lado a invasão dos Pastores, a dominação etíope e a dos Assírios, a conquista persa, a colonização dos gregos e as mil revoluções de sua vida política, o Egito passou, durante aqueles cinco mil anos, por muitas vicissitudes morais e intelectuais. O capítulo XVII do *Livro dos Mortos*, que parece conter a descrição do sistema do mundo, tal como o entendiam em Heliópolis na época das primeiras dinastias, só veio ao nosso conhecimento por intermédio de algumas raras cópias da undécima e duodécima dinastias. Cada um dos versículos que o compõem era já interpretado de três ou quatro maneiras diferentes; tão diferentes que, segundo esta ou aquela escola, o Demiurgo se convertia ora no fogo solar, Ra-shu, ora na água primordial. Quinze séculos mais tarde, o número das interpretações havia aumentado consideravelmente. O tempo, em seu transcurso, havia modificado as idéias sobre o Universo e as forças que o regem. Durante os curtos dezoito séculos de existência do Cristianismo, a maioria de seus dogmas foram elaborados, desenvolvidos e transformados; quantas vezes, pois, não teriam os sacerdotes egípcios alterado os seus dogmas no decorrer daqueles cinqüenta séculos, que separam Teodósio dos Reis Construtores da Pirâmides?" [1]

Temos para nós que o ilustre egiptólogo aqui foi demasiado longe. É possível que os dogmas exotéricos tenham sido muitas vezes alterado,

(1) *Guide au Musée de Boulaq*, pp. 148-149.

mas nunca os esotéricos. Não levou em conta a imutabilidade sagrada das verdades primitivas, reveladas somente durante os mistérios da Iniciação. Os sacerdotes egípcios *haviam esquecido muita coisa, mas nada alteraram.* A perda de grande parte dos ensinamentos primitivos foi motivada pela morte súbita de grandes Hierofantes, que faleceram sem que tivessem tempo de revelar *tudo* aos seus sucessores, e sobretudo por falta de herdeiros dignos do conhecimento. Todavia, em seus rituais e dogmas conservaram os principais ensinamentos da Doutrina Secreta.

É assim que nós deparamos, no capítulo do *Livro dos Mortos* a que se refere Maspero: 1.º Osíris dizendo que é Tum* (a força criadora da Natureza, que dá forma a todos os seres, espíritos e homens; gerado por si mesmo e por si mesmo existente), saído de Num, o rio celeste, chamado Pai-Mãe dos Deuses, a divindade primordial, que é o Caos ou o Abismo, impregnado pelo Espírito invisível; 2.º Osíris encontrando Shu, a força solar, na Escada da Cidade dos Oito (os dois quadrados do Bem e do Mal, e aniquilando os princípios maus de Num (o Caos), os Filhos da Rebelião; 3.º Osíris como o Fogo e a Água, isto é, Num, o Pai Primordial, criando os Deuses de seus próprios membros — quatorze Deuses (duas vezes sete), sete de Luz e sete de Trevas (os sete Espírito da Presença dos Cristãos, e os sete Espíritos Maus); 4.º Osíris como a Lei da Existência e do Ser, o Bennu ou Fênix, a Ave da Ressurreição na Eternidade, onde a Noite sucede ao Dia e o Dia à Noite — alusão aos ciclos periódicos de ressurreição cósmica e de reencarnação humana (pois que outra significação poderia ter?) "O Viajante que atravessa milhões de anos é o nome de um; e o Grande Verde (Água Primordial ou Caos) é o nome do outro": um produzindo milhões de anos em sucessão, e o outro absorvendo-os para fazê-los reaparecer; 5.º Ele, o Viajante, fala dos Sete Seres de Luz que seguem o seu senhor, Osíris, que confere a justiça, em Amentí.

Está hoje demonstrado que tudo isso foi a fonte e a origem dos dogmas cristãos. O que os judeus receberam do Egito, por intermédio de Moisés e de outros Iniciados, ficou bastante confuso e desfigurado em épocas posteriores; mas o que a Igreja tomou a ambos é interpretado de maneira ainda pior.

O seu sistema, no entanto, provou-se atualmente que é idêntico, nesta parte especial da simbologia — principalmente a chave dos mistérios da astronomia relacionados com os da geração e da concepção — àquelas idéias das antigas religiões, cuja teologia desenvolveu o elemento fálico. O sistema judeu de medidas sagradas, aplicado aos símbolos religiosos, é o mesmo da Grécia, da Caldéia e do Egito, no que se refere às combinações geométricas e numéricas, porquanto foi adotado pelos israelitas durante os séculos de escravidão e cativeiro naquelas duas últimas nações [2]. Que sistema era

(2) Conforme dissemos em *Ísis sem Véu* (volume II, pp. 438-439): "Até agora, apesar de todas as investigações e controvérsias, a História e a Ciência permanecem na mesma ignorância de sempre acerca da origem dos Judeus. Eles tanto podem ser os Chandálas desterrados da Índia antiga, os "pedreiros" mencionados por Veda-Vyâsa e Manu, como os Fenícios de Heródoto, os Hicsos de Josefo, descendentes dos pastores

esse? O autor de *The Source of Measures* acredita que "os Livros Mosaicos tinham por objetivo, usando uma linguagem artificial, estabelecer um sistema geométrico e numérico de ciência exata, que devia servir como origem das medidas". Piazzi Smyth é da mesma opinião. Alguns eruditos julgam que esse sistema e essas medidas são idênticos aos empregados na construção da Grande Pirâmide, o que só em parte é verdade. "A base de tais medidas era a razão de Parker" — diz Ralston Skinner em *The Source of Measures*.

O autor de tão extraordinário livro conta que fez essa descoberta com o uso da razão integral do diâmetro para a circunferência, revelada por John A. Parker, de New York. A razão é de 6 561 para o diâmetro, e de 20 612 para a circunferência. Diz ainda que esta razão geométrica foi a origem antiquíssima, e provavelmente divina, do que veio a ser, por manipulações exotéricas e aplicações práticas, as medidas lineares britânicas, "cuja unidade fundamental, isto é, a *polegada*, era também a base de um dos *côvados* reais egípcios e do *pé* romano".

"Descobriu ainda que existiu uma forma modificada da razão, a saber, 113 a 355, e que, ao mesmo tempo em que esta última indicava, por sua origem, o valor exato de (pi), ou 6 561 para 20 612, servia também como base para cálculos astronômicos. O autor descobriu que um sistema de *ciência exata*, geométrica, numérica e astronômica, baseado sobre essas relações, e cuja aplicação prática se observa na Grande Pirâmide egípcia, era em parte o conteúdo daquela *linguagem* que se acha oculta na letra do texto hebreu da *Bíblia*. A *polegada* e a medida de dois pés de 24 polegadas, posta assim em uso por meio dos elementos do círculo e das razões mencionadas, viu-se que formavam a base ou fundamento daquele sistema central de ciência egípcio e hebreu, enquanto que, por outra parte, pareceu que o sistema era, em si mesmo, considerado como de origem divina ou proveniente de revelação divina."

Vejamos, porém, o que dizem os adversários das medidas que o Professor Piazzi Smyth dá à pirâmide.

O Sr. Petrie parece negá-las e destruir por completo os cálculos de Piazzi Smyth em suas relações com a *Bíblia*. Outro tanto vem fazendo o Sr. Proctor, o campeão das "coincidências", desde muitos anos, em todas as questões de ciência e arte antiga. Falando do "grande número de relações independentes da Pirâmide, que vieram à luz quando os piramidalistas se esforçavam por associar a Pirâmide com o sistema solar", eis o que ele diz:

"Estas coincidências (as que 'existiriam ainda quando não existisse a Pirâmide') são bem mais curiosas do que qualquer das existentes entre a Pirâmide e os números astronômicos. As primeiras são tão exatas e notáveis quanto reais; as segundas, que são apenas *imaginárias* (?), só tiveram curso por aquele processo que os meninos de escola chamam de "cola"; e novas medidas, recentemente tomadas, farão com que todo o trabalho seja refeito." [3]

---

pâlis, ou ainda um misto de todos esses. A *Bíblia* fala dos Tírios como um povo da mesma raça dos israelitas, atribuindo a estes a supremacia sobre aqueles... Não obstante, seja qual for a origem dos Judeus, deve ter sido um povo da raça híbrida, já que a *Bíblia* no-los mostra consorciando-se livremente, não só com os Cananeus, mas com gente de todas as nações e raças que se punham em contato."

(3) *Knowledge*, vol. I, veja-se também a correspondência de Petrie à *The Academy*, 17 de dezembro de 1881.

(4) *The Origin and Signification of the Great Pyramid*, p. 8.

A isso observa com razão o Sr. C. Staniland Wake:

"Sem embargo, devem ter sido mais do que *simples coincidências*, se os construtores da pirâmide possuíam conhecimentos astronômicos, como se depreende da orientação perfeita da mesma pirâmide e de suas outras características claramente astronômicas."

Certamente que os possuíam; e era nestes "conhecimentos" que se baseava todo o programa dos Mistérios e da série de Iniciações. Daí a construção da Pirâmide, registro permanente e símbolo indestrutível dos Mistérios e das Iniciações da Terra, como o é nos Céus a trajetória das estrelas. O ciclo da Iniciação era uma reprodução em miniatura daquela grande série de transformações cósmicas, a que os astrônomos deram o nome de ano tropical ou sideral. Assim como, no fim do ciclo do ano sideral (25 868 anos), voltam os corpos celestes às mesmas posições relativas que ocupavam no início, da mesma forma, ao terminar o ciclo da Iniciação, o homem interior readquire o primitivo estado de pureza e conhecimento divino, de onde partiu ao empreender o seu ciclo de encarnações terrestres.

Moisés, Iniciado na *Mistagogia* egípcia, baseou os mistérios religiosos da nova nação, que fundou, sobre a mesma fórmula abstrata derivada daquele ciclo sideral, que simbolizou sob a forma e as medidas do Tabernáculo, por ele construído no deserto, conforme se supõe. Com esses dados prepararam os Grão-sacerdotes judeus, posteriormente, a alegoria do Templo de Salomão — construção esta que nunca teve existência real, como também o próprio rei Salomão, que não é senão um mito solar, idêntico ao de Hiram Abif dos maçons, consoante bem o demonstrou Ragon. Se, portanto, as medidas desse templo alegórico, símbolo do ciclo da Iniciação, coincidem com as da Grande Pirâmide, é porque derivaram destas últimas, por intermédio do Tabernáculo de Moisés.

Que o nosso autor tenha efetivamente descoberto *uma* ou mesmo *duas* das *chaves*, ficou plenamente demonstrado na mencionada obra.[5] Basta a sua leitura para nos convencer de que o sentido oculto das alegorias e parábolas de ambos os *Testamentos* se acha agora esclarecido. Não é menos verdade, porém, que o autor deve semelhante descoberta mais ao seu próprio gênio que a Parker e a Piazzi Smyth. Porque, conforme já expusemos, não pode haver tanta certeza de que as medidas da Grande Pirâmide, tomadas e adotadas pelos piramidalistas bíblicos, sejam estremes de qualquer dúvida. A prova disso, vamos encontrá-la na obra *The Pyramids and Temples of Gizeh*, de F. Petrie, e também em outros livros mais recentes e cujos autores, contrariando aqueles cálculos, os qualificam de "tendenciosos". Podemos ver que quase todas as medidas de Piazzi divergem das que foram posteriormente tomadas, com mais cuidado, pelo Sr. Petrie, o qual concluiu a Introdução de sua obra com estas palavras:

(5) Refere-se, aparentemente, ao livro de C. Staniland Wake, já citado.

"Quanto ao resultado final das investigações, muitos teóricos compartirão da opinião de um americano que era um partidário entusiasta das teorias da Pirâmide, quando foi a Gizeh. Tive a satisfação de passar ali dois dias em sua companhia; e a última vez em que fizemos a refeição juntos ele me declarou, com ar repassado de tristeza: "Sinto-me como se houvesse assistido a um enterro. Seja como for, façamos com que as velhas teorias tenham um funeral decente; devemos, porém, ter o cuidado de não enterrar vivos, em nossa pressa, os que estiverem apenas feridos'."

Com relação aos cálculos, em geral, feitos por J. A. Parker, e principalmente no tocante à sua terceira Proposição, tivemos oportunidade de consultar alguns matemáticos eminentes, e eis o resumo do que nos disseram:

O argumento de Parker funda-se mais em considerações sentimentais que em considerações matemáticas, e carece de toda lógica.

A Proposição III, segundo a qual

"O círculo é a base ou princípio natural de toda superfície, sendo artificial e arbitrário, na ciência matemática, fazer do quadrado essa 'base",

é um exemplo de proposição arbitrária, sobre a qual não se pode alicerçar um raciocínio matemático. Cabe igual observação, com mais força ainda, à Proposição VII, quando estabelece que,

"Sendo o círculo a forma primária da Natureza, e conseqüentemente a base da superfície, e porque o círculo é medido pelo quadrado e igual a este só na razão entre a metade de sua circunferência e o raio, segue-se que a circunferência e o raio, e não o quadrado do diâmetro, são os únicos elementos naturais e legítimos da superfície, por meio dos quais todas as formas regulares podem ser levadas ao quadrado e ao círculo."

A Proposição IX é um exemplo notável de raciocínio vicioso; apesar disso, constitui o fundamento principal da quadratura de Parker. Afirma que

"O círculo e o triângulo equilátero são opostos um ao outro em todos os elementos de sua construção, donde resulta que o diâmetro de um círculo, que seja igual ao diâmetro fracionário de um quadrado, é inversamente proporcional ao dobro do diâmetro de um triângulo equilátero, cuja superfície seja a unidade, etc., etc."

Admitindo, por amor do argumento, que se possa dar ao triângulo um raio no sentido que atribuimos ao raio de um círculo — pois o que Parker chama raio de um triângulo é o raio de um círculo inscrito no triângulo, e não o raio mesmo do triângulo — e admitindo por um momento as outras proposições matemáticas e imaginárias que ele faz entrar em suas premissas, por que haveríamos de concluir que, se o triângulo equilátero e o círculo se opõem em todos os elementos de sua construção, o diâmetro de um círculo qualquer há de estar na razão inversa do dobro do diâmetro de um triângulo equivalente? Qual a relação necessária entre as premissas e a conclusão? Raciocínio desta espécie é desconhecido em geometria, e não seria aceito por verdadeiros matemáticos.

Que o sistema arcaico esotérico haja ou não dado origem à polegada inglesa, é questão de menos importância para o metafísico propriamente dito. E a interpretação esotérica da *Bíblia* do Sr. Ralston Skinner não deixa

de ser correta só porque as medidas da Pirâmide possam ou não concordar com as do Templo de Salomão, as da Arca de Noé, etc., ou porque os matemáticos se neguem a reconhecer a quadratura do círculo de Parker. Pois a interpretação do Sr. Skinner se apóia, antes de tudo, nos métodos cabalísticos e no valor que os rabinos davam às letras do alfabeto hebreu. Mas é da maior importância apurar se as medidas usadas na evolução da religião simbólica dos árias, na construção de seus templos, nas alegorias dos *Purânas* e principalmente na sua cronologia, nos seus símbolos astronômicos, na duração dos ciclos e em outras computações eram ou não idênticas às medidas empregadas nos cálculos e signos da *Bíblia*. O fato provaria, realmente, que os judeus — a menos que houvessem copiado as suas medidas e o seu côvado sagrado dos egípcios (cujos Sacerdotes tinham iniciado Moisés) — devem ter adquirido tais noções na Índia. Em todo caso, transmitiram-nas aos primeiros cristãos.

São, portanto, os ocultistas e os cabalistas os verdadeiros herdeiros do Conhecimento ou Sabedoria Secreta que se encontra na *Bíblia*, porquanto hoje só eles compreendem o seu real significado, ao passo que os judeus e cristãos profanos se atêm ao sentido exterior e à letra morta.

Está agora demonstrado pelo autor de *The Source of Measures* que foi a esse sistema de medidas que se deveu a invenção dos nomes de Elohim e Jeová atribuídos a Deus, e sua adaptação ao falicismo; e que Jeová é uma cópia, não muito lisonjeira, de Osíris. Mas tanto esse autor como Piazzi Emyth parecem estar sob a impressão de que: (*a*) a prioridade do sistema pertence aos israelitas, sendo o hebraico a língua divina; (*b*) esta língua universal tem por origem a revelação direta.

A última hipótese só é correta no sentido indicado no parágrafo final da Seção precedente; com a ressalva de que não estamos ainda de acordo quanto à natureza e o caráter do divino "Revelador". A procedência da primeira hipótese sobre a questão da prioridade dependerá, sem dúvida, para os profanos: (*a*) das provas internas e externas da revelação, e (*b*) das idéias preconcebidas de cada um. O que, aliás, não pode impedir que o cabalista deísta ou o ocultista panteísta tenha a sua convicção, cada qual à sua maneira, sem que nenhum dos dois convença o outro. Os dados que a história subministra são por demais escassos e pouco satisfatórios, para que um deles consiga provar ao céptico com quem está a razão.

Por outro lado, as provas que a tradição proporciona são rejeitadas sistematicamente, de modo que não é possível esperar solução para o problema na época atual. E a ciência materialista continuará fazendo tábua rasa tanto dos ocultistas como dos cabalistas. Mas, uma vez dirimida a importante questão da prioridade, a ciência, em seus ramos da filosofia e da religião comparada, tendo afinal que se manifestar, ver-se-á obrigada a admitir a asserção comum.

Um a um vão sendo aceitos os postulados, à medida que os homens de ciência, um após outro, se vêem na contigência de reconhecer os fatos antecipados pela Doutrina Secreta, ainda que só raramente o façam. Por exemplo, ao tempo em que a opinião de Piazzi Smyth pesava como autori-

dade na questão da Pirâmide de Gizeh, sustentava ele a teoria de que o *sarcófago do pórfiro da Câmara do Rei, que era "a unidade de medida* de duas das mais ilustradas nações da Terra, a Inglaterra e a América", não passava de um "depósito de trigo". Tal coisa foi por nós peremptoriamente contestada em *Ísis sem Véu*, que acabávamos de publicar. A imprensa de Nova York (principalmente os jornais *Sun* e *World*) então se mobilizou contra nós, à simples idéia de que tivéssemos a pretensão de dar quinau a um astro da ciência. Havíamos dito que Heródoto, quando se referiu àquela Pirâmide,

"...podia ter acrescentado que, exteriormente, ela simbolizava o *princípio criador da Natureza*, e também projetava luz sobre os *princípios da geometria, das matemáticas, da astrologia e da astronomia*. Interiormente, era um templo majestoso, em cujos sombrios recintos se celebravam os Mistérios, e cujos muros haviam tantas vezes testemunhado as cerimônias da iniciação de membros da família real. O sarcófago de pórfiro, que o Professor Piazzi Smyth, Astrônomo Real de Escócia, rebaixa ao nível de um celeiro de trigo, era a *fonte batismal*, de onde o neófito saía *nascido de novo*, convertendo-se em um Adepto."[6]

Riram-se do que dissemos. Fomos acusados de haver plagiado nossas idéias do "visionário" Shaw, escritor inglês que sustentara ter sido o sarcófago usado para a celebração dos Mistérios de Osíris; quando nem sequer conhecíamos a existência desse autor. E agora, seis ou sete anos depois (1882), eis o que escreve Staniland Wake:

"A chamada Câmara do Rei — *sobre a qual escreveu um piramidista entusiasta:* 'As paredes polidas, os materiais selecionados, as imponentes proporções e a situação dominante falam com eloqüência de futuras glórias' — se não era a 'câmara das perfeições' do túmulo de Cheops, era, provavelmente, o *recinto onde tinha admissão o neófito depois de atravessar a estreita passagem do alto e a grande galeria com a extremidade pouco elevada, que gradualmente o preparavam para a fase final dos Mistérios.*"[7]

Se Staniland Weke fosse teósofo, poderia acrescentar que a estreita passagem de acesso à Câmara do Rei, ao alto, tinha realmente uma "porta estreita"; essa mesma "entrada estreita" que "conduz à vida" ou ao renascimento espiritual a que alude Jesus em *Mateus*[8]; e que era a essa porta do Templo da Iniciação a que se referia o escritor quando registrou as palavras que se supõem pronunciadas por um Iniciado.

Então, os grandes homens de ciência, em vez de encolher os ombros ante o que eles chamam "um amontoado de fantasias e superstições absurdas", qualificativo geralmente atribuído à literatura bramânica, tratarão de aprender a linguagem simbólica universal, com suas chaves numéricas e geométricas. Mas ainda aqui não serão bem sucedidos, se imaginarem que o sistema cabalístico judeu contém a chave de *todo* o mistério; *porque assim não é*. Nem ela se encontra tampouco em nenhuma Escritura atualmente; os próprios *Vedas* não são completos. Cada religião antiga não é

(6) *Op. cit.*, I, 519.
(7) *The Origin and Significance of the Great Pyramid*, p. 93 (1882).
(8) VII, 13 e seguintes.

mais que um ou dois capítulos do volume completo dos primitivos mistérios arcaicos; só o Ocultismo oriental pode vangloriar-se de estar na posse integral do segredo, com suas *sete* chaves.

Na presente obra serão feitas comparações e apresentadas as explicações que forem possíveis; quanto ao resto, será deixado à intuição pessoal do estudante. Ao dizer que o Ocultismo oriental detém o segredo, não pretende a autora significar que ela possua o conhecimento *completo*, nem mesmo aproximado, porque seria absurdo. O que sabemos, nós o expomos; o que não podemos explicar, cumpre ao estudante descobri-lo por si mesmo.

Mas, embora tudo leve a crer que todo o ciclo da Linguagem universal não seja ainda conhecido durante vários séculos, basta o que já foi descoberto na *Bíblia* por alguns sábios para comprovar matematicamente a existência dessa linguagem. Como o judaísmo se utilizava de duas das sete chaves, e estas duas foram agora descobertas, já não se trata mais de especulações ou de hipóteses individuais, e muito menos de "coincidências", senão de uma interpretação correta dos textos da *Bíblia*, do mesmo modo que uma pessoa versada em aritmética lê e verifica uma adição. Em suma, tudo o que dissemos em *Ísis sem Véu* está hoje confirmado no livro *Egyptian Mystery or The Source of Measures*, com as interpretações da *Bíblia* por meio das chaves numéricas e geométricas.

Mais alguns anos e este sistema eliminará a interpretação literal da *Bíblia*, assim como a de todas as demais crenças exotéricas, mostrando os dogmas à sua verdadeira luz. Então, aquele inegável significado, por mais incompleto que esteja, desvendará o Mistério do Ser, e ao mesmo tempo mudará totalmente os modernos sistemas científicos de Antropologia, Etnologia e — sobretudo — Cronologia. O elemento fálico que se encontra em todos os nomes de Deus e nas narrações do *Antigo Testamento*, e em parte no *Novo Testamento*, poderá também, com o tempo, modificar muito as modernas teorias materialistas da Biologia e da Fisiologia.

Livres da crueza rude com que hoje são apresentados, os quadros da Natureza e do homem, pela autoridade dos corpos celestes e de seus mistérios, retirarão o véu que encobre as evoluções da mente humana, e deixarão ver quão natural era semelhante curso do pensamento. Os chamados símbolos fálicos só parecem repulsivos por causa do elemento material e animal que neles se introduziu. De início, tais símbolos eram perfeitamente naturais, pois tiveram sua origem entre as raças arcaicas, que, sabendo-se descendentes de antepassados andróginos, faziam assim representar as primeiras manifestações dos fenômenos da separação dos sexos e do subseqüente mistério pelo qual elas, por sua vez, criavam. Se as raças posteriores, e notadamente o "povo eleito", degradaram os mesmos símbolos, isto em nada altera a origem deles. A pequena tribo semita — uma das menores ramificações dos cruzamentos da quarta e quinta sub-raças, as chamadas mongol-turânia e indo-européia, depois da submersão do grande Continente — só podia aceitar aquele simbolismo com o sentido que lhe davam as nações de onde procedia. É provável que, no começo do período

mosaico, os símbolos não fossem tão grosseiros como vieram a ser mais tarde, quando Ezra refundiu todo o *Pentateuco*. Para dar um exemplo, o mito da filha do Faraó (a mulher), do Nilo (o Grande Abismo e a Água) e do menino encontrado a flutuar dentro de uma cesta de junco, não havia sido originariamente composto para Moisés, nem por ele; descobriu-se que era muito mais antigo, pois figura nos tijolos babilônicos, na lenda do rei Sargão, que viveu muito antes de Moisés.

O Sr. George Smith, em sua obra *Assyrian Antiquities*, diz o seguinte: "No palácio de Sennacherib, em Kuyunjik, encontrei outro fragmento da curiosa história de Sargão... que traduzi e publiquei em *Transactions of the Society of Biblical Archæology*" [9]. A capital de Sargão, o Moisés babilônico, "era a grande cidade de Agade, chamada Accad pelos semitas e mencionada no *Gênese* [10] como a capital de Nenrod... Accad situava-se não longe da cidade de Sippara, à margem do Eufrates e ao norte de Babilônia" [11]. Outra "coincidência" estranha é que o nome Sippara, a cidade vizinha, é o mesmo da mulher de Moisés, Zipporah. [12] É óbvio que a lenda é uma hábil interpolação feita por Ezra, *que não devia ignorar o original*. A curiosa história consta de fragmentos de ladrilhos de Kuyunjik, e assim reza:

"1. Eu sou Sargina, o rei poderoso, o rei de Accad.
2. Minha mãe era uma princesa, meu pai não o conheci; um irmão de meu pai governa o país.
3. Na cidade de Azupiran, situada perto do rio Eufrates.
4. Minha mãe, a princesa, me concebeu; com sofrimento me deu à luz.
5. Ela me pôs numa cesta de junco, revestindo o fundo com betume.
6. Deixou-me sobre as ondas do rio, que não me afogou.
7. O rio me levou a Akki, o carregador de água, que me retirou.
8. Akki, o carregador de água, com a ternura de seu coração, me adotou." [13]

Compare-se agora com a narrativa da *Bíblia*, no *Êxodo*:

"E quando ela [a mãe de Moisés] não pôde escondê-lo por mais tempo, tomou uma cesta de junco e a untou de argila e betume, pôs o menino dentro dela e a deixou a flutuar entre os caniços à beira do rio." [14]

Continua dizendo George Smith:

"Supõe-se que o fato ocorreu cerca de 1600 anos antes de Cristo, um pouco antes da época assinalada por Moisés; e como sabemos que a fama de Sargão chegou ao Egito, é muito provável que essa história tenha alguma relação com os acontecimentos mencionados no livro II do *Êxodo*, porque toda ação, uma vez executada, tende a repetir-se."

---

(9) *Assyrian Antiquities*, p. 224; *Transactions of the Society of Biblical Archæology*, volume I, Parte I, 46.
(10) *Transactions*, etc., X, 10.
(11) Veja-se *Isis sem Véu*, II, 442-443.
(12) *Êxodo*, II, 21.
(13) George Smith, *Chaldean Account of Genesis*, pp. 299-300.
(14) II, 3.

Mas agora, que o Professor Sayce teve a coragem de fazer recuar de 2 000 anos as épocas atribuídas aos reis caldeus, vê-se que Sargão deve ter precedido Moisés em 2 000 anos pelo menos. A confissão é bem significativa, faltando, porém, um ou dois zeros às quantidades.

Ora, qual é a dedução lógica? Certamente a que nos autoriza a dizer que a versão de Esdras, a respeito de Moisés, fora por ele ouvida quando esteve na Babilônia, havendo Esdras aplicado ao legislador judeu a alegoria concernente a Sargão. Numa palavra: que o *Êxodo* nunca foi escrito por Moisés, e sim recopilado por Esdras de antigos materiais.

Sendo assim, por que outros símbolos e mitos muito mais grosseiros em seu elemento fálico não podiam ter sido acrescentados por Esdras, versado que era no último culto fálico da Caldéia? Diz-se que a primitiva crença dos israelitas era muito diferente da que veio a ser, vários séculos depois, adotada pelos talmudistas e, anteriormente a estes, por David e Ezequiel.

Tudo isso, a despeito do elemento exotérico, tal como hoje se vê dos dois *Testamentos*, é mais que suficiente para classificar a *Bíblia* entre as obras esotéricas, e associar o seu sistema secreto ao simbolismo indiano, caldeu e egípcio. Todos os símbolos e números bíblicos, sugeridos por observações astronômicas — pois a Astronomia e a Teologia são estreitamente relacionadas —, se encontram nos sistemas indianos, tanto exotéricos como esotéricos. Esses números e seus símbolos, os signos do Zodíaco, os planetas, seus aspectos e seus nodos — (tendo este último termo passado para a botânica moderna) —, são conhecidos em Astronomia como sextis, quartis, etc., e foram usados pelos povos arcaicos durante séculos e séculos; em certo sentido, sua significação é a mesma dos algarismos hebreus. As primeiras formas da Geometria elementar foram, sem dúvida, sugeridas pela observação dos corpos celestes e de seus agrupamentos. É por isso que os símbolos mais antigos do esoterismo oriental são o círculo, o ponto, o triângulo, o quadrado, o pentágono, o hexágono e outras figuras planas de vários lados e ângulos — o que mostra serem o conhecimento e o uso da simbologia geométrica tão antigos quanto o mundo.

Partindo desta base, fácil é compreender como a Natureza, mesmo sem o auxílio de instrutores divinos, pôde ensinar à humanidade primitiva os primeiros princípios de uma linguagem de símbolos, numérica e geométrica [15]. Daí o vermos o emprego de números e figuras para exprimir e registrar o pensamento em todas as Escrituras simbólicas arcaicas. Os símbolos são sempre os mesmos, salvo certas variações resultantes das primeiras figuras. Assim, a evolução e a correlação dos mistérios da Natureza e do Cosmos, do seu crescimento e desenvolvimento — espiritual e

(15) Para recordar como a religião *esotérica* de Moisés foi várias vezes abandonada e substituída pelo culto de Jeová, tal como instituído por David, do que é exemplo o caso de Ezequiel, leiam-se as páginas do vol. II de *Ísis sem Véu*. Certo, devia haver boas razões para que os saduceus, que deram quase todos os grandes Sacerdotes da Judéia, aceitassem as Leis de Moisés, mas desprezassem os chamados "Livros de Moisés": o *Pentateuco* da Sinagoga e o *Talmud* (?).

físico, abstrato e concreto —, foram a princípio registrados por modificações da forma geométrica. Cada Cosmogonia começou por um círculo, um ponto, um triângulo e um quadrado, até o número 9, tudo sintetizado depois pela primeira linha e o círculo, a Década mística de Pitágoras, a soma total que continha e exprimia os mistérios de todo o Cosmos; mistérios registrados no sistema indiano com uma exatidão cem vezes maior que em outro qualquer sistema, para todo aquele que pode entender a linguagem mística. Os números 3 e 4, com a sua soma de 7, assim como os números 5, 6, 9 e 10, são as pedras angulares das Cosmogonias Ocultas. A Década, com suas mil combinações, se encontra em todas as partes do Globo. Pode ser identificada nas grutas e nos templos cavados na rocha do Indostão e da Ásia Central; nas pirâmides e nos monólitos do Egito e da América; nas catacumbas de Ozimandyas; nos baluartes das fortalezas coroadas de neve do Cáucaso; nas ruínas de Palenque; na ilha da Páscoa; em toda a parte onde o homem da antiguidade pôs os pés. O 3 e o 4, o triângulo e o quadrado, ou os signos universais masculino e feminino, que indicam o primeiro aspecto da evolução da divindade, estão representados perpetuamente nos Céus pelo Cruzeiro do Sul, como o estão na Cruz Ansata egípcia, conforme muito bem o expôs o autor de *The Source of Measures*:

"O desdobramento do Cubo dá a Cruz com a forma egípcia, o Tau, ou a cruz cristã... Unindo um círculo à primeira, temos a Cruz Ansata... Os números 3 e 4 contados sobre a cruz mostram uma forma do candelabro |hebreu| de ouro |no Sanctum Sanctorum|, e os 3 + 4 = 7 e 6 + 1 = 7 dão os dias no *círculo da semana*, como as sete luzes do sol. Da mesma forma que a semana de sete luzes deu origem ao *mês* e ao *ano*, assim também indica o *tempo do nascimento*... A forma da cruz é, assim, determinada pelo uso simultâneo da fórmula 113 : 355, e o símbolo se completa pelo *homem pregado na cruz*[16]. Esta espécie de medida estava associada à idéia da *origem* da vida humana, e daí a *forma fálica*."

As Estâncias mostram a cruz e aqueles números como representando um papel muito importante na Cosmogonia arcaica. Por outra parte, podemos valer-nos dos testemunhos reunidos pelo mesmo autor, na seção que tem o título mui pertinente de "Vestígios Primordiais dos Símbolos", para mostrar a identidade dos símbolos e de seu significado esotérico em todo o mundo.

"Depois de lançada uma vista geral sobre a natureza da forma dos números... é sobremodo interessante investigar onde e quando eles surgiram e foram usados pela primeira vez. Teriam resultado de alguma revelação nos chamados tempos históricos, tempos relativamente modernos se considerarmos a idade da raça humana? Parece, efetivamente, que o emprego dos números pelo homem remonta a uma época muito mais distanciada dos antigos egípcios do que estes o estão de nós.

As ilhas da Páscoa, no "*meio do Pacífico*", aparentam ser os picos que restam das montanhas de um *continente submerso*, por existirem ali inúmeras estátuas ciclópicas, vestígios de um povo numeroso e inteligente, que devia, necessariamente, ter ocupado uma área muito extensa. Sobre o ombro das imagens, vê-se a "*cruz ansata*", e esta

(16) Recorde-se também o Withoba indiano crucificado no espaço; a significação do "signo sagrado", a Suástica; o Homem de Platão, posto em forma de cruz no espaço, etc.

mesma cruz modificada segundo os contornos do corpo humano. No número de janeiro de 1870 do *London Builder* há uma descrição minuciosa, acompanhada de gravuras, que mostram a região coberta por uma floresta de estátuas, e uma reprodução das imagens...

Num dos primeiros números (o 36.º), do *Naturalist*, que se publica em Salem, Massachusetts, encontra-se a descrição de algumas figuras muito antigas e curiosas, esculpidas sobre a rocha nas cristas das montanhas da América do Sul, e seguramente muito anteriores às raças hoje existentes. O que há de estranho nessas esculturas é que elas apresentam os contornos de um homem estendido sobre uma cruz [17], em uma série de desenhos nos quais a forma de *um homem* acaba por se converter na de uma cruz, mas feitos de tal modo que a cruz pode ser tomada pelo homem e o homem pela cruz...

Sabe-se que entre os Aztecas foi conservada a tradição de uma narrativa completa do *dilúvio*... O Barão de Humboldt diz que devemos procurar o país de Aztalan, que é o país de origem dos Aztecas, na altura do paralelo 42 de latitude Norte, pelo menos, de onde, viajando, chegaram por fim ao vale do México. Neste vale, as pequenas elevações de terra do extremo Norte se convertem em elegantes pirâmides de pedra e em outras estruturas, cujos restos estão sendo agora descobertos. A relação que existe entre as relíquias astecas e as egípcias é bastante conhecida... Atwater, depois de ter examinado centenas delas, está convencido de que esses povos conheciam Astronomia. Uma das mais perfeitas construções em forma de pirâmide, deixadas pelos Aztecas, é assim descrita por Humboldt:

'A forma desta pirâmide (de Papantla), que tem *sete* andares, é mais fina e alongada que a de qualquer outro monumento do mesmo gênero até hoje descoberto; mas sua altura nada tem de extraordinária, pois é de apenas 57 pés, e sua base mede 25 pés de cada lado. Há nela, porém, uma particularidade digna de nota: foi toda construída com enormes pedras talhadas, e sua forma é muito pura. *Três* escadas, cujos degraus são ornados com hieróglifos esculpidos e pequenos *nichos* dispostos com bastante simetria, conduzem ao alto. O número dos nichos parece ter relação com os 318 *signos simples e compostos dos dias do seu calendário civil*.'

318 é o valor Gnóstico de Cristo, assim como o número famoso dos disciplinados e circunciados servidores de Abraão. Se considerarmos que 318 é um *valor abstrato e universal*, que exprime o valor da circunferência cujo diâmetro é a *unidade*, a razão de seu uso na composição de um calendário civil torna-se evidente." [18]

Idênticos signos, números e símbolos esotéricos são encontrados no Egito, Peru, México, Ilha da Páscoa, Índia, Caldéia, Ásia Central — homens crucificados e símbolos da evolução de raças descendentes dos Deuses —; e, no entanto, vemos a Ciência repudiando a idéia de uma raça humana que não seja feita à *nossa* imagem, a Teologia aferrando-se aos seus 6 000 anos desde a Criação, a Antropologia ensinando que somos descendentes do macaco, e o clero pretendendo que o somos de Adão, 4 004 anos antes de Cristo!!

Devemos nós, pelo temor de incorrer na pecha de tolos e supersticiosos, e até na de *mentirosos*, abster-nos de apresentar provas, tão boas como outras quaisquer, só porque ainda não despontou o dia em que se darão todas as Sete Chaves à Ciência, ou melhor, aos homens de saber que investigam o ramo da simbologia? Diante das esmagadoras descobertas da

---

(17) Veja-se mais adiante a descrição da primeira Iniciação ariana: Vishvakarman crucificando o Sol, Vikârttana, privado de seus raios, sobre uma prancha em forma de cruz.

(18) Skinner, *The Source of Measures*, ed. de 1875, Seção II, § 24, pp. 54-59.

Geologia e da Antropologia, no que respeita à antiguidade do homem, devemos circunscrever-nos aos 6 000 anos e à "criação especial", ou aceitar com submissa admiração a genealogia que nos faz descendentes do macaco, para evitar o dissabor que sofre todo aquele que se afasta das trilhas batidas, tanto da Teologia como do Materialismo? Não, pelo menos enquanto soubermos que os anais secretos guardam as Sete Chaves do mistério da gênese do homem. Por deficientes, materialistas e eivadas de preconceitos que sejam as teorias da Ciência, estão elas muito mais perto da verdade que as divagações da Teologia. Estas se acham hoje nos seus últimos estertores, exceto para os que são beatos ou fanáticos. Custa a crer que alguns de seus defensores não hajam perdido a razão. Com efeito; que se pode pensar quando vemos continuarem a ser publicamente defendidos, e com o mesmo calor de sempre, os absurdos da letra morta da *Bíblia*, e quando deparamos com os teólogos a sustentarem que, "embora as escrituras se abstenham cautelosamente (?) de contribuir de modo direto para o conhecimento científico, nunca emitiram eles qualquer opinião que não fosse capaz de suportar a luz da Ciência e do seu progresso" [19]!!

Só há, portanto, esta alternativa: ou aceitamos cegamente as deduções da Ciência, ou com ela rompemos, enfrentando-a resolutamente, proclamando o que a Doutrina Secreta nos ensina e dispondo-nos inteiramente a sofrer as conseqüências.

Mas vejamos se a Ciência, com as suas especulações materialistas, e mesmo a Teologia, em seus últimos e supremos esforços para conciliar os 6 000 anos a partir de Adão com as *Geological Evidences of the Antiquity of Man* (Provas Geológicas da Antiguidade do Homem), de Sir Charles Lyell, não vêm inconscientemente ao nosso encontro. A Etnologia, segundo confissão de alguns de seus mais eruditos cultores, já reconhece que é impossível explicar as variedades da raça humana, se não se admitir a hipótese da *criação de vários Adãos*. Falam "de um Adão branco e de outro negro, de um Adão vermelho e de outro amarelo" [20]. Os hindus, se enumerassem os renascimentos de Vamâdeva, a que alude o *Linga Purâna*, não poderiam dizer mais. Pois, ao relatar os sucessivos nascimentos de Shiva, diz aquela escritura que em um Kalpa era *branco*, em outro *negro*, e no seguinte *vermelho*, transformando-se o Kumâra, depois, em "quatro jovens de tez *amarela*". Essa estranha coincidência, como diria Proctor, depõe em favor da intuição científica; pois Shiva-Kumâra não é senão a representação alegórica das raças humanas durante a gênese do homem. E conduz também a outro fenômeno de intuição — nas fileiras dos teólogos, desta vez. O autor incógnito de *Primeval Man*, em um desesperado esforço para proteger a Revelação Divina contra as inexoráveis e eloqüentes descobertas da Geologia e da Antropologia, observa que "seria uma desgraça que os defensores da *Bíblia* se vissem reduzidos à alternativa de abandonar a inspiração da Sagrada Escritura ou negar as conclusões dos geólogos", e

(19) *Primeval Man Unveiled, or the Anthropology of the Bible*, pelo autor (desconhecido) de *The Stars and the Angels*, 1870, p. 14.

(20) *Op. cit.*, p. 195.

busca encontrar uma fórmula de meio termo. Chega até a dedicar todo um volume à demonstração de que "Adão não foi o *primeiro homem*[21] criado sobre a terra". As relíquias do homem pré-adamita, já exumadas, "em vez de quebrantar nossa fé na Sagrada Escritura, acrescentam mais provas em favor de sua veracidade"[22]. Como? Da maneira mais simples do mundo; pois o autor declara que, de ora em diante, "nós" (o clero) "podemos deixar os homens de ciência prosseguir em seus estudos, sem procurar detê-los com o temor da heresia". Não há dúvida que já é um consolo para os senhores T. H. Huxley, Tyndall e Sir Charles Lyell!

"A narração da *Biblia não principia pela criação*, como geralmente se supõe, mas pela formação de Adão e Eva, *milhões de anos depois* de haver sido criado o nosso planeta. Sua história anterior, no que concerne à Escritura, ainda não foi escrita... É possível que tivesse havido, não uma, mas vinte raças diferentes sobre a terra antes da época de Adão, como talvez haja vinte raças diferentes em outros mundos."[23]

Que ou quais eram então essas raças, já que o autor insiste em sustentar que Adão foi *o primeiro homem de nossa raça?* Eram a raça e as raças Satânicas! "Satã nunca (esteve) no céu, (sendo) os anjos e os homens uma espécie". A raça pré-adamita de Anjos "foi a que pecou". Lemos que Satã foi "o primeiro Príncipe deste mundo". Tendo sido morto em conseqüência de sua rebelião, permaneceu na Terra como *Espírito desencarnado*, e tentou Adão e Eva.

"As primeiras idades da raça satânica, e principalmente *durante a vida do mesmo Satã* [!!!], podem ter sido um período de civilização patriarcal e de relativa tranqüilidade (época dos Tubal-Cains e dos Jubais, quando as ciências e as artes tentaram implantar suas raízes naquele solo maldito)... Que assunto para um poema épico!.. Devem ter ocorrido incidentes inevitáveis. Vemos diante de nós... o alegre amante primitivo fazendo a corte à sua enrubecida bem-amada, ao cair o rocio da noite, sob a fronde dos carvalhos, que então cresciam, lá onde agora já não medra o carvalho...; e o velho patriarca de antanho... com a inocente prole primitiva saltitando alegremente ao seu lado... Mil quadros semelhantes se desdobram aos nossos olhos!"

A evocação retrospectiva daquela satânica "noiva ruborizada", nos dias da inocência de Satã, não perde em poesia o que ganha em originalidade. Bem pelo contrário. A noiva cristã moderna — que já não enrubece facilmente com a presença de seu galante bem-amado — poderia até aprender uma lição de moral com aquela filha de Satã, criada pela exuberante fantasia do seu primeiro biógrafo humano.

Os aludidos quadros — para cuja exata apreciação seria necessário que fossem examinados no próprio livro — foram todos imaginados com o objetivo de conciliar a infalibilidade da Escritura revelada com a *Antiquity of Man* de Sir Charles Lyell e com outras obras científicas perigosas. Mas isso não impede a conclusão de que tais divagações, que o autor preferiu

(21) Sobretudo ante o testemunho da própria *Bíblia*, no capítulo IV do *Gênesis* (IV, 16 e 17), em que se fala da ida de Caim ao país de Nod, onde tomou esposa.

(22) *Op. cit.*, p. 1194.

(23) *Ibidem*, p. 55.

não assinar, nem mesmo com um pseudônimo, têm um certo fundo de verdade. Porque as raças pré-adamitas (não satânicas, mas simplesmente atlantes, bem como as hermafroditas que as precederam) se acham mencionadas na *Bíblia* (quando lida esotericamente), da mesma forma que o estão na Doutrina Secreta. As Sete Chaves descobrem os mistérios, passados e futuros, das sete grandes Raças-Raízes e dos sete Kalpas. Certamente que a gênese do homem e a geologia segundo o esoterismo serão rejeitadas pela Ciência (tanto quanto as raças satânicas e pré-adamitas); não obstante, se os cientistas, por não terem outro caminho para sair das dificuldades, se virem na contingência de escolher entre as duas versões, estamos convencidos de que — apesar da Escritura, e uma vez entendida, ainda que em parte, a Linguagem do Mistério — há de prevalecer o ensinamento arcaico.

(24) *Ibid.*, pp. 206-207.

SEÇÃO III

A SUBSTÂNCIA PRIMORDIAL E O PENSAMENTO DIVINO

"Como seria irracional afirmar que conhecemos já todas as causas existentes, deve-se admitir a possibilidade de um *agente inteiramente novo*, se tal se fizer necessário.

Supondo que a hipótese ondulatória explique todos os fatos, o que não é perfeitamente certo, restará decidir se a existência do éter ondulatório fica assim provada. Não *podemos garantir de modo positivo que haja outra hipótese capaz de explicar os fatos*. Admite-se que a hipótese corpuscular de Newton foi suplantada pela teoria da ondulação, que não encontra rival atualmente. Contudo, seria de todo desejável, em hipótese semelhante, que se descobrisse alguma confirmação colateral, alguma evidência *aliunde* do *suposto Éter*. Certas hipóteses consistem em suposições quanto à estrutura diminuta dos corpos e suas operações. Dada a natureza do caso, tais presunções nunca podem ser provadas por meios diretos. Seu único mérito está em *sua adaptação para explicar os fenômenos*. São *ficções representativas*."

ALEXANDER BAIN LL.D., *Lógica*, parte II, p. 133.

O ÉTER — (esse Proteu hipotético, uma das *ficções representativas* da ciência moderna, e que, não obstante, foi admitido desde há muito tempo) — é um dos "princípios" inferiores do que chamamos Substância Primordial (Akâsha em sânscrito), um dos sonhos da antiguidade, que ora se converteu no sonho da ciência de nossos dias. É a maior e a mais ousada das especulações que sobrevivem dos antigos filósofos. Para os ocultistas, porém, o Éter e a Substância Primordial são ambos realidades. Mais claramente, o Éter é a luz Astral, e a Substância Primordial é o Akâsha, o Upâdhi do Pensamento Divino.

Em linguagem moderna, poderia este último ser chamado Ideação Cósmica, Espírito; e o primeiro, Substância Cósmica, Matéria. Os dois (o Alfa e o Ômega do Ser) são as duas *facetas* da Existência Absoluta. Os antigos jamais se dirigiram a esta última, nem lhe deram nome algum, exceto alegoricamente. Na mais antiga das raças arianas, a raça hindu, o culto das classes intelectuais não consistiu nunca, como entre os gregos,

em uma fervorosa adoração das maravilhas da forma e da arte, adoração que depois chegou ao antropomorfismo. Mas, enquanto o filósofo grego adorava a forma, e só o sábio hindu "percebia a verdadeira relação entre a beleza terrena e a verdade eterna", as pessoas incultas de todas as nações jamais compreenderam nem uma nem outra coisa.

Não as compreendem mesmo em nossos dias. A evolução da idéia de Deus segue a par e passo com a própria evolução intelectual do homem. Tanto isto é verdade que o mais nobre dos ideais, que pode ser alcançado pelo espírito religioso de uma época, há de parecer sempre uma caricatura grosseira à mente filosófica de uma época posterior. Os próprios filósofos tinham que ser *iniciados em certos mistérios perceptivos*, antes de que pudessem apreender o verdadeiro pensamento dos antigos sobre este assunto, o mais metafísico de todos. De outro modo — isto é, sem essa iniciação — a capacidade intelectual de cada pensador clamará: "até aqui chegarás, mas não irás além", traçado assim um limite claro e inelutável, como o que a Lei do Carma impõe ao progresso de cada raça ou nação, no seu respectivo ciclo. Sem a iniciação, os ideais do pensamento religioso contemporâneo terão sempre as asas cortadas, incapazes de levantar vôo; pois tanto os pensadores idealistas como os realistas, e até os livres pensadores, não são mais que a expresão e o produto natural de sua época e do seu ambiente. O ideal de cada um deles não é senão o resultado inevitável do seu temperamento e a manifestação daquela fase de progresso intelectual que uma nação alcançou, em sua coletividade. E é por isso, conforme já houve oportunidade de observarmos, que os mais altos arroubos da metafísica ocidental moderna têm permanecido muito longe da verdade. A maioria das especulações agnósticas correntes sobre a "Causa Primeira" quase não passam de materialismo velado — só a etiqueta é que varia. Até um pensador tão eminente como o Sr. Herbert Spencer fala por vezes do "Incognoscível" em termos que demonstram a influência perniciosa do materialismo, que tem secado e esterilizado, qual o mortal siroco, todas as fontes de especulação ontológica.

Por exemplo, quando ele diz que a "Causa Primeira" (o "Incognoscível") é "uma força que se *manifesta* por meio do fenômeno" e "uma *energia* infinita e eterna", está claro que não aprendeu senão o aspecto *físico* do Mistério do Ser, ou seja, tão somente o das Energias da Substância Cósmica. O aspecto coeterno da Realidade Una, a Ideação Cósmica, absolutamente não é objeto de cogitação; e, quanto ao seu Número, parece não existir na mente do grande pensador. Sem dúvida alguma, esse modo unilateral de tratar o problema deve-se, em larga escala, ao hábito deplorável seguido no Ocidente de subordinar a Consciência à Matéria, ou de considerar aquela como um "subproduto" do movimento molecular.

Desde os primeiros tempos da Quarta Raça (quando só ao Espírito se rendia culto, e o Mistério se achava manifesto), até os últimos dias de esplendor da arte grega, na aurora do Cristianismo, só os Helenos se haviam atrevido a erguer publicamente um altar ao "Deus Desconhecido". Fosse qual fosse o profundo pensamento que inspirou São Paulo quando declarou aos atenienses que esse "Desconhecido", a quem assim adoravam, era o

verdadeiro Deus por ele anunciado, uma coisa é certa: tal Divindade *não era Jeová*, nem tampouco o "criador do mundo e de tudo o que nele existe". Porque não se tratava do Deus de Israel, mas do "Desconhecido" dos panteístas, antigos e modernos, que "não mora em templos *construídos pala mão do homem*" [1].

O Pensamento Divino não pode ser definido, nem sua significação explicada, exceto pelas inumeráveis manifestações da Substância Cósmica, na qual aquele Pensamento é *sentido* espiritualmente pelos que têm capacidade para tanto. Dizer isto, depois de enunciado que a Divindade Desconhecida é abstrata, impessoal e assexa, devendo estar na raiz de toda Cosmogonia e de sua subseqüente evolução, equivale a não dizer absolutamente nada. É como se tentássemos resolver uma equação transcendente sem dispormos, para determinar o valor real de seus termos, senão de certo número de quantidades *desconhecidas*.

Nas primitivas cartas simbólicas da antiguidade, o Pensamento Divino aparece representado por uma obscuridade sem limites, em cujo fundo, conforme já mostramos, surge o primeiro ponto central em branco — simbolizando deste modo o Espírito-Matéria coevo e coeterno, que faz o seu aparecimento no mundo fenomenal, antes de sua primeira diferenciação. Quando "o Uno se converte em Dois", pode-se então nomeá-lo como Espírito-Matéria. Ao "Espírito" podem ser atribuídas todas as manifestações da consciência, direta ou reflexa, e da "intenção inconsciente" (adotando uma expressão moderna, em uso na chamada *filosofia ocidental*), como se evidencia no Princípio Vital e na submissão da Natureza à ordem majestosa da Lei imutável. A "Matéria" deve ser considerada como o objetivo em sua mais pura abstração, a base existente por si mesma, cujas manvantáricas diferenciações setenárias constituem a realidade objetiva, subjacente aos fenômenos de cada fase da existência consciente. Durante o período do Pralaya Universal, a Ideação Cósmica é inexistente, e os diversos estados diferenciados da Substância Cósmica se resolvem novamente no estado primitivo de obvidade abstrata potencial [2].

O impulso manvantário principia com o redespertar da Ideação Cósmica, a Mente Universal, simultânea e paralelamente com o primeiro emergir da Substância Cósmica — sendo esta última o veículo manvantárico da primeira — de seu estado pralaico não diferenciado. A Sabedoria Absoluta então se reflete em sua Ideação, a qual, por um processo transcendente, superior e incompreensível à consciência humana, se transforma em Energia Cósmica: Fohat. Vibrando no seio da Substância inerte, Fohat a impulsiona à atividade e guia suas primeiras diferenciações em todos os Sete

(1) *Atos*, XVII, 23-24.

(2) O termo Prótilo deve-se ao eminente químico Professor Crookes, que deu esse nome à pré-Matéria, se se pode assim chamar a substância primordial e absolutamente homogênea, suspeitada — se não ainda efetivamente descoberta pela ciência — na composição última do átomo. Mas a segregação incipiente da matéria primordial em átomos vem a dar-se subseqüentemente à evolução de nossos Sete Prótilos. É o último destes que o Professor Crookes está pesquisando, havendo recentemente acusado a possibilidade de sua existência em nosso plano.

planos da Consciência Cósmica. Deste modo, há Sete Prótilos (como são chamados atualmente, ao passo que para a antiguidade ária eram os Sete Prakritis ou Naturezas), servindo cada um de base *relativamente* homogênea, que se vai diferenciando, no curso da crescente heterogeneidade, durante a evolução do Universo, na maravilhosa complexidade dos fenômenos que se apresentam nos planos de percepção. O termo "relativamente" é empregado de propósito, porque, a própria existência resultando de semelhante processo de segregações primárias da Substância Cósmica não diferenciada, dentro de suas bases setenárias de evolução, somos levados a considerar o Prótilo de cada plano como sendo só uma fase *intermediária* por que passa a Substância na sua trajetória desde o abstrato até a objetividade completa.

Diz-se que a Ideação Cósmica é não existente durante os períodos pralaicos, pela simples razão de que não há nada nem ninguém para lhe perceber os efeitos. Não pode haver manifestação de consciência, de semiconsciência ou mesmo de "intenção inconsciente", senão por meio do veículo da Matéria; vale dizer que, no plano em que vivemos, onde a consciência humana, *em seu estado normal*, não pode elevar-se acima da chamada metafísica transcedente, só por meio de uma agregação ou construção molecular é que o Espírito surge como corrente de subjetividade individual ou subconsciente. E como a Matéria, separada da percepção, é mera abstração, os dois aspectos do Absoluto, Substância Cósmica e Ideação Cósmica, são interdependentes. Para dizer com toda a exatidão, evitando confusões e interpretações errôneas, a palavra "Matéria" deveria ser aplicada ao agregado de objetos cuja percepção é possível, e a palavra "Substância" aos Números. Porque, se os fenômenos do *nosso* plano são criações do Ego que percebe — modificações de sua própria subjetividade —, todos os "estados de matéria que representam o agregado dos objetos percebidos" não podem ter, para os filhos do nosso plano, senão uma existência relativa e puramente fenomenal. Como diriam os idealistas modernos, a cooperação do Sujeito com o Objeto tem como resultado o objeto de sensação ou fenômeno.

Mas daí não se segue necessariamente que o mesmo se verifique em todos os outros planos; que a cooperação dos dois, nos estados de sua diferenciação setenária, tenha como resultado um agregado setenário de fenômenos, igualmente não existentes *per se*, ainda que sejam realidades concretas para as Entidades de cuja experiência participem; do mesmo modo que os rochedos e os rios que nos cercam são reais aos olhos do físico, mas não passam de ilusões dos sentidos para o metafísico. Seria um êrro dizer ou sequer imaginar semelhante coisa. Do ponto de vista da metafísica mais elevada, todo o Universo, inclusive os Deuses, é uma Ilusão (Mâya). Mas a ilusão daquele que em si mesmo é uma ilusão difere em cada plano de consciência; e nós não temos mais direito de dogmatizar sobre a possível natureza das faculdades perceptivas de um Ego do sexto plano, por exemplo, que de identificar nossas percepções com as de uma formiga, ou tomá-las como paradigma do modo de consciência desta última. A Ideação Cósmica, concentrada em um princípio, ou Upâdhi (base), tem

como resultado a consciência do Ego individual. Sua manifestação varia com o grau do Upâdhi. Por exemplo: com o princípio conhecido por Manas, surge como consciência mental; e com a construção mais sutilmente diferenciada de Budhi, sexto estado da matéria, e tendo por base a experiência da Manas, como uma corrente de Intuição Espiritual.

O Objeto puro, separado da consciência, nos é desconhecido enquanto vivemos no plano do nosso Mundo de três dimensões; pois só conhecemos os estados mentais que ele suscita no Ego que o percebe. E, enquanto durar o contraste entre o Sujeito e o Objeto, isto é, enquanto apenas dispusermos dos nossos cinco sentidos, e não soubermos como libertar o nosso Ego, que é todo percepção, da escravidão dos mesmos sentidos, será impossível ao Eu *pessoal* romper a barreira que o separa do conhecimento das "coisas em si" ou da substância.

Aquele Ego, progredindo em um arco de subjetividade ascendente, deve esgotar as experiências de todos os planos. Antes, porém, que a Unidade seja absorvida no Todo, neste ou em outro plano, e antes que tanto o Sujeito como o Objeto desapareçam na negação absoluta do Estado Nirvânico — negação, repetimos, *só em relação ao nosso plano* — não se pode escalar o pináculo da Onisciência, o Conhecimento das Coisas em si mesmas, e chegar próximo à solução do enigma ainda mais transcendente, diante do qual até os mais elevados Dhyân-Chohans se prosternam silenciosos e ignorantes — o Inefável Mistério a que os vedantinos dão o nome de Parabrahman.

Mas, assim sendo, dar um nome ao Princípio Incognoscível é simplesmente degradá-lo. E até mesmo falar da Ideação Cósmica — salvo em seu aspecto *fenomenal* — equivale a querer armazenar o Caos primordial, ou aplicar um rótulo à Eternidade.

Que é, pois, a "Substância Primordial", essa coisa misteriosa a que sempre se referiu a Alquimia, e que serviu de tema às especulações filosóficas de todos os tempos? Que pode ser, finalmente, inclusive em sua pré-diferenciação fenomenal? Ela mesma o *Todo* da Natureza manifestada, e *nada* para os nossos sentidos. É mencionada sob nomes diferentes em todas as cosmogonias; todas as filosofias se referem a ela, e até os nossos dias continua sendo o Proteu sempre fugidio e sempre presente na Natureza. Nós a tocamos, sem a sentir; nós a olhamos, e não a vemos; nós a respiramos, e não a percebemos; nós a ouvimos e a inalamos, sem ter a menor noção de sua existência; porque ela está em cada molécula daquilo que em nossa ilusão e ignorância chamamos de Matéria, em qualquer de seus estados, ou no que concebemos como uma sensação, um pensamento, uma emoção. Numa palavra, é o Upâdhi, ou o veículo de todos os fenômenos possíveis, sejam físicos, psíquicos ou mentais. Nas primeiras frases do *Gênesis*, como na Cosmogonia caldéia; nos *Purânas* da Índia e no *Livro dos Mortos* do Egito; por toda a parte, ela abre o ciclo da manifestação. É chamada o "Caos" e a Face das Águas incubadas pelo Espírito procedente do Desconhecido, seja qual for o nome que se dê a esse Espírito. (Veja-se a Seção IV).

Os autores das Sagradas Escrituras da Índia penetram mais a fundo a origem e evolução das coisas do que Thales ou Job, quando dizem:

"Da inteligência [chamada Mahat nos *Puranas*] em associação com a Ignorância (Ishvara como divindade *pessoal*), *acompanhada de seu poder projetivo*, no qual predomina a qualidade da torpeza [*tamas*, insensibilidade], procede o Eter — do éter, o ar; do ar, o calor; do calor, a água; e da água, a terra, com tudo o que nela existe."[3]

"Disto, deste mesmo Eu, foi produzido o Éter" — diz o *Veda*[4].

É, pois, evidente que não é *este* Éter (originado do quarto grau de uma emanação da "Inteligência associada com a Ignorância") o princípio elevado, a *Entidade deífica* a que rendiam culto os gregos e os latinos, sob os nomes de "Pater Omnipotens Æther" e "Magnus Æther", em seus agregados coletivos. A gradação setenária e as inumeráveis subdivisões e classes estabelecidas pelos antigos entre os poderes coletivos do Éter — desde o limite exterior de seus efeitos, que é tão familiar à nossa Ciência, até a "Substância Imponderável", que já se admitiu como "Éter do espaço" e que agora está prestes a ser posta de lado — sempre constituíram um inquietante enigma para todos os ramos do conhecimento.

Os mitólogos e os simbologistas de nossa época, confundidos por essa incompreensível glorificação, de um lado, e degradação, de outro, da mesma Entidade deificada, e nos mesmos sistemas religiosos, incorrem freqüentemente em equívocos os mais ridículos. A Igreja, que se mantém firme como a rocha em cada um de seus primeiros erros de interpretação, fez do Éter a morada de suas legiões satânicas. Toda hierarquia dos Anjos "Caídos" ali está: os Cosmocratas ou "Portadores do Mundo", segundo Bossuet; Mundi Tenentes ou "Sustentadores do Mundo", como os denomina Tertuliano; Mundi Domini, "Dominações do Mundo", ou melhor, os Dominadores; os Curbati ou "Encurvados", etc.; transformados desse modo as estrelas e os orbes celestes em Demônios!

Foi assim que a Igreja interpretou este versículo: "Pois não lutamos contra a carne e o sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste mundo"[5]. Em seguida menciona São Paulo as malícias espirituais ("wickedness" nos textos ingleses) disseminadas pelo ar — *spiritualis nequitae coelestibus*; dando os textos latinos vários nomes a essas "malícias", que são os inocentes "Elementais". Neste ponto a Igreja tem razão, equivocando-se, porém, no qualificar tais entidades como demônios. A Luz Astral ou Éter inferior está apinhada de *entidades conscientes, semiconscientes e inconscientes; só que a Igreja tem* menos poder sobre elas que sobre os micróbios invisíveis ou os mosquitos.

A distinção entre os sete estados do Éter que é um dos sete Princípios Cósmicos, ao passo que o Æther dos antigos é o Fogo Universal — pode ver-se nos mandamentos de Zoroastro e de Pselo, respectivamente. Diz o primeiro: "Não o consultes senão quando ele esteja sem forma ou figura"

(3) Compare-se com o *Sankhya Karika*, volume III, e comentários.
(4) *Taittiriyaka Upanishad*, Segundo Valli, Primeiro Anuvâka.
(5) *Efésios*, VI, 12.

(*absque forma et figura*), o que significa: sem chamas ou brasas ardentes. "Quando revestido de uma forma, *não lhe dês atenção*" — ensina Pselo — "mas, quando não tenha forma, obedece-lhe, porque então é o *fogo sagrado*, e tudo o que te revele é verdade" [6]. Isso mostra que o Éter, que é em si um aspecto do Akâsha, tem, por sua vez, diversos aspectos ou "princípios".

Todos os povos antigos deificavam o Éter pelo seu aspecto e força impoderáveis. A Júpiter Virgílio chama *Pater Omnipotens Æther* e "Grande Éter" [7]. Os hindus também incluem o Akâsha, a síntese do Éter, entre as suas divindades. E o autor do sistema homeomeriano de filosofia, Anaxágoras de Clasomene, acreditava firmemente que os protótipos espirituais de todas as coisas, assim como os seus elementos, se encontravam no *Æther* sem limites, onde eram gerados, de onde evolucionavam e para onde retornavam: um ensinamento oculto.

Claro é, portanto, que do Æther, em seu aspecto mais elevado, e uma vez antropomorfizado, é que surgiu a idéia primeira de uma divindade pessoal criadora. Entre os filósofos hindus, os Elementos são *tâmasa*, isto é, "não iluminados pelo *intelecto*, que eles obscurecem".

Cumpre agora solucionar a questão do significado místico do Caos Primordial e do Princípio Raiz, e mostrar como estavam associados, nas antigas filosofias, ao Akâsha (traduzido erroneamente por Éter) e também a Mâyâ, a Ilusão, de que Ishvara é o aspecto masculino. Mais adiante falaremos do Princípio Inteligente, ou melhor, das propriedades imateriais e invisíveis dos elementos materiais e visíveis, que "brotaram do Caos Primordial".

Pois, "que é o Caos Primordial, senão o Æther?" — indagamos em *Ísis sem Véu*. *Não o Éter moderno; não o que hoje se admite como tal*, mas como *era* conhecido dos filósofos antigos, muito antes do tempo de Moisés: o Æther com todas as suas propriedades misteriosas e ocultas, contendo em si os germes da criação universal. O Æther Superior ou Akâsha é a Virgem Celestial, Mãe de todas as formas e de todos os seres existente, e de cujo seio, "incubado" pelo Espírito Divino, surgiram a Matéria e a Vida, a Força e a Ação. Æther é ao mesmo tempo o Additi e o Akâsha dos hindus. A eletricidade, o magnetismo, o calor, a luz e a ação química são, ainda hoje, tão pouco compreendidos, que novos fatos vêm cada dia ampliar o horizonte de nossos conhecimentos. Quem sabe onde termina o poder desse Proteu gigante, o Æther, ou qual a sua misteriosa origem? Quem, dizemos nós, pode negar o espírito que nele atua e dele faz evolucionar todas as formas visíveis?

Seria fácil tarefa demonstrar que as lendas cosmogônicas de todos os povos estão baseadas no conhecimento, que os antigos possuíam, daquelas ciências que se aliaram em nossos dias para apoiar a doutrina da evolução. E uma investigação mais profunda faria ver que os antigos conheciam muito

(6) *Oráculos de Zoroastro*, "Effatum", XVI.
(7) *Geórgica*, Livro II, 325.

melhor a evolução do que nós, tanto em seu aspecto físico como no espiritual.

"Para os filósofos antigos, a evolução era um teorema universal, uma doutrina que abrangia *tudo*, e um princípio estabelecido; ao passo que os nossos modernos evolucionistas não nos podem oferecer senão meras teorias especulativas, com teoremas *parciais*, quando não inteiramente negativos. É inútil que os representantes de nossa ciência moderna encerrem o debate e pretendem que a questão se acha resolvida, só porque a obscura fraseologia da narração mosaica... contradiz as explicações definidas da 'ciência exata'." [8]

Se atentarmos para o "Livro das Leis de Manu", aí encontraremos o protótipo de todas essas idéias. Apesar de em grande parte se terem perdido na sua forma original, para o mundo do Ocidente, e de se acharem desfiguradas por interpolações e acréscimos, essas Leis conservam ainda o bastante de seu antigo espírito para dar-nos uma indicação do seu caráter.

"Dissipando as trevas, o Senhor existente por Si Mesmo (Vishnu, Nârâyana, etc.) se manifestou; e, querendo produzir seres de sua Essência, criou, no princípio, somente a água. Na água lançou a semente. A semente se converteu em um Ovo de Ouro."

De onde provém este Senhor existente por Si Mesmo? É chamado ISTO, e a ele se alude como sendo "Trevas Imperceptíveis, sem qualidades definidas; indiscernível; incognoscível; e como imerso em profundo sono". Havendo morado naquele Ovo durante todo um Ano Divino, esse "a quem o mundo chama Brahma" quebra o mesmo Ovo em dois, e da parte superior forma o céu, da inferior a terra, e do centro o firmamento e o "lugar perpétuo das águas" [9].

Mas, imediatamente depois destes versículos, há algo mais importante para nós, visto corroborar plenamente os nossos ensinamentos esotéricos. Os versículos 14 a 36 apresentam a evolução na mesma ordem descrita pela Filosofia Esotérica. Isso não pode ser facilmente contestado. Até Medhâtihi, o filho de Virasvâmin e autor do Comentário *Manu Bhâsya*, que data, segundo os orientalistas ocidentais, do ano 1000 de nossa era, nos ajuda com suas observações ao esclarecimento da verdade. Não quis ser mais explícito, porque sabia que devia guardar reserva perante os profanos, ou então estava realmente embaraçado. Mas o que disse mostra claramente o princípio setenário do homem e da Natureza.

Comecemos pelo capítulo I das *Ordenanças* ou "Leis", depois que o Senhor existente por Si Mesmo, o Logos Não-Manifestado das "Trevas Desconhecidas", se manifestam no Ovo de Ouro.

Desse Ovo,

"11. Daquele que é a Causa Indistinta (não diferenciada), eterna, que *é* e não *é*, saiu o princípio masculino, que no mundo é chamado Brahmâ".

(8) *Ísis sem Véu.*
(9) *Op.*: it., I, 6, 9, trad. de Burnell.

Aqui deparamos, como em todos os verdadeiros sistemas filosóficos, o mesmo "Ovo", o Círculo ou Zero, a Infinidade sem limites, que se designou com a palavra ELE [10], e Brahma, que não é senão a primeira unidade, mencionada como o Deus masculino, isto é, o Princípio frutificador. É ⊕ ou 10 (dez), a Década. Somente no plano do Setenário, ou seja, em *nosso* mundo, é chamado Brahma. No mundo da Década Unificada, no reino da Realidade, o Brahma masculino é uma ilusão.

"14. Do Eu Supremo (*Âtmanah*) ele criou a Mente (*Manas*), *que é e não é;* e da Mente, o Ego-ismo (a Consciência de si mesmo) (*a*), o dono (*b*), o Senhor."

(*a*) A Mente é Manas. Medhâtithi, o comentador, observa com razão que é justamente o contrário do que se diz aqui, ficando assim provada a existência de interpolações e alterações no texto; pois é Manas que brota de Ahamkâra ou Consciência Própria (Universal), da mesma forma que Manas, no microcosmo, provém de Mahat ou Mahâ-Buddhi (Buddhi no homem). Manas é dual. Conforme Colebrooke mostra em sua tradução, "a Mente, *servindo tanto para o intelecto como para a ação*, é um órgão de afinidade, que se acha em estreita união como o resto" [11]. "Com o resto": quer dizer que Manas, nosso Quinto Princípio (*quinto*, porque o corpo era considerado o primeiro, contrariamente à verdadeira ordem filosófica), está em afinidade tanto com Âtmâ-Buddhi como com os quatro Princípios inferiores. Daí o nosso ensinamento, a saber: que Manas segue Âtmâ-Buddhi ao Devachan; e que o Manas inferior, isto é, o resíduo ou a escória de Manas permanece com o Kâma-Rûpa no Limbo ou Kama-Loka, que é a morada dos "cascões".

(*b*) Eis a tradução de Medhâtithi: "a consciência una do Eu" ou o Ego. E não "o dono", como traduzem os orientalistas.

É assim que estes últimos também traduzem o sloka seguinte:

"16. Havendo dado ainda às partes sutis daqueles seis |o grande Eu e os cinco órgãos dos sentidos| um brilho desmesurado, para entrar nos elementos do Eu (*âtmâ-matrâsu*), criou ele todos os seres."

Entretanto, segundo Medhâtithi, devia ler-se mâtrabih [12], em vez de *âtmamâtrâsu*, sendo a seguinte a tradução:

"Depois de ter feito impregnar as partes sutis daqueles seis com um brilho incomensurável, pelos Elementos do Eu, criou ele todos os seres."

Esta última deve ser a interpretação correta, pois que Ele, o Eu, e o que chamamos Âtmâ, e portanto o Sétimo Princípio, a síntese dos seis. Tal é também a opinião do editor do *Mânava Dharma Shâstra*, que, com sua intuição, parece haver penetrado mais a fundo no espírito da filosofia

(10) O vértice ideal do Triângulo Pitagórico.
(11) Veja-se a tradução de A. Coke Burnell, editada por Ed. W. Hopkins, Ph. D.
(12) Medir.

que o tradutor Dr. Burnell, uma vez que não hesita entre o texto de Kulluka Bhatta e o comentário de Medhâtithi. Rejeitando os *tanmâtras*, ou elementos sutis, e o *âtmamâtra* de Kulluka Bhatta, diz ele, aplicando os princípios do Eu Cósmico:

"Os seis parecem antes ser o *Manas*, mais os cinco princípios — éter, ar, fogo, água e terra. Havendo unido cinco destas seis partes com o elemento espiritual [o *sétimo*], *ele criou* (assim) *todas as coisas que existem*... *Âtmamâtra é*, pois, o átomo espiritual, por oposição aos seus próprios átomos elementais, não reflexivos".

Medhâtithi assim corrige a tradução do versículo imediato;

17. "Como os elementos sutis das formas corporais do Uno dependem daqueles seis, os sábios chamam à sua forma Sharira."

E acrescenta que a palavra "elementos" aqui significa porções ou partes (ou princípios), interpretação que é confirmada pelo versículo 19:

19. "Este (Universo) não eterno surge, pois, do Eterno, por meio dos elementos sutis das formas *daqueles seis* gloriosíssimos princípios (Purusha)."

Comentando esta retificação de Mehdâtithi, o editor observa que "se trata, provavelmente, dos cinco elementos mais a Mente (*Manas*) e a Consciência Própria (Ahamkâra)[13]; 'os elementos sutis' (significando), como antes, 'delicadas porções de forma' (ou princípios)". Assim o demonstra o *versículo 20*, quando diz que *estes cinco elementos* ou "delicadas porções de forma" (Rûpa com a adição de Manas e da Consciência Própria) são os "Sete Purusha" ou Princípios, que nos *Purânas* são chamados os "Sete Prakritis".

Além disso, os "cinco elementos" ou as "cinco partes" estão mencionados no versículo 27 como "as chamadas porções atômicas destrutíveis", sendo, portanto, distintos dos "átomos do Nyâya".

O Brahma criador, que surge do Ovo do Mundo, reúne em si ambos os princípios: masculino e feminino. É, em suma, como todos os Protólogos criadores. De Brahma, todavia, não se poderia dizer, como de Dioniso, "πρωτόγονον διφνη τριγονον Βακχειόν Αναχτα Αγριὸν ἀρρηὸν κρύφιον δικερωτα διμόρφον" (que é "o primogênito, e de dois sexos, o de tríplice aspecto, o Senhor das Bacanais, o Sagrado, cujo nome não deve ser pronunciado abertamente, o de dois cornos, o de dupla figura") — um Jeová lunar, Baco verdadeiramente, com David bailando desnudo ante o seu *símbolo* na Arca — porque nunca foram instituídas festas dionisíacas licenciosas em seu nome e em sua honra. Todos os cultos públicos desse gênero eram exotéricos, e os grandes símbolos universais foram desvirtuados por

(13) Ahamkâra, como Consciência Própria Universal, tem um aspecto tríplice, da mesma forma que Manas. Porque este conceito do "Eu" ou do Ego ou é "sáttva", pura quietude, ou aparece como "rajas", atividade, ou então permanece como "tamas", inatividade, nas trevas. Pertence ao Céu e à Terra, e assume as propriedades de ambos.

toda a parte, como o são hoje os de Krishna pelos Vallabâchâryas de Bombaim, sectários do Deus "menino".

Mas são esses deuses populares a *verdadeira* Divindade? São eles a última palavra e a síntese da sétupla criação, inclusive o homem? Impossível! Cada um e todos sejam pagãos ou cristãos, são um dos degraus dessa escada setenária da Consciência Divina. De Ain-Soph se diz que também se manifesta por meio das *Sete Letras* do nome de Jeová, a quem, tendo usurpado o lugar do Desconhecido Sem Limites, lhe deram seus adoradores os Sete Anjos da Presença — em verdade, seus Sete Princípios. Efetivamente, em quase todas as escolas são eles mencionados. Na filosofia Sânkhaya genuína, Mahat, Ahamkâra e os cinco Tanmâtras são chamados os Sete Prakritis, ou Naturezas, sendo contados desde Mahâ-Buddhi ou Mahat até a Terra [14].

Contudo, por mais desfigurada que tenha sido por Esdras a versão original eloísta; por mais repugnante que talvez seja, às vezes, a própria significação *esotérica* dos pergaminhos hebreus — mais ainda do que possa ser o seu véu ou vestimenta exterior —; uma vez eliminadas as partes que versam sobre Jeová, observa-se que os Livrós Mosaicos estão repletos de conhecimentos ocultos de inestimável valor, notadamente os seis primeiros capítulos.

Lidos com a ajuda da *Cabala*, deparamo-nos com um templo sem par de verdades ocultas, uma fonte de belezas profundamente encobertas sob um edifício cuja estrutura *visível*, apesar da aparente simetria, não pode resistir à crítica da razão fria, nem revelar sua idade, porque pertence a todas as épocas. Há mais sabedoria oculta sob as *fábulas* exotéricas dos *Purânas* e da *Bíblia* que em toda a ciência e em todos os *fatos* exotéricos da literatura universal; e mais verdadeira Ciência Oculta que no conhecimento exato de todas as academias. Ou, para falar de um modo mais claro e incisivo: há tanta sabedoria esotérica em alguns trechos dos *Purânas* e do *Pentateuco* exotéricos, como há de contra-senso, fantasia e infantilidade intencional, quando se vê apenas o aspecto da letra morta e as interpretações vazias das religiões dogmáticas, e principalmente as de suas seitas.

Que se leiam os primeiros capítulos do *Gênese* e se reflita no que eles dizem. Ali "Deus" ordena a *outro* "Deus", *que lhe obedece a ordem*. É o que se lê até mesmo na *cuidadosa* tradução dos protestantes ingleses, autorizada pelo rei Jaime I.

No "princípio" (a língua hebraica não dispõe de palavra para exprimir a idéia de Eternidade) [15], "Deus" fez o Céu e a Terra; e a Terra "estava

(14) Veja-se o *Sânkhya Kârikâ*, III, e Comentários.

(15) A palavra "eternidade", pela qual os teólogos cristãos interpretam o termo "por sempre e sempre", não existe na língua hebraica. "Oulam" — diz Le Clerc — não implica senão um tempo em que nem o começo nem o fim são conhecidos. Não significa "duração infinita", e o termo "para sempre", no *Antigo Testamento*, quer dizer apenas um período de longa duração. Nos *Purânas* também não é empregada a palavra "eternidade" no sentido cristão. Porque no *Vishnu Purâna* se diz claramente

vazia e sem forma, ao passo que o primeiro não era propriamente o Céu, mas o "Abismo", o "Caos", com as trevas sobre a sua face [16].

"E o Espírito de Deus se movia sobre a face das Águas" [17], isto é, sobre o Grande Abismo do Espaço Infinito. E este Espírito é Nârâyana ou Vishnu.

"E Deus disse: Faça-se o firmamento..." [18] e "Deus", o segundo, obedeceu, e "fez o firmamento" [19]. "E Deus disse: Faça-se a luz", "houve a luz" [20]. Mas esta última não significa absolutamente a luz física, mas, como na *Cabala*, o Adão Kadmon andrógino, ou Sephira (a Luz Espiritual) — os dois sendo um só; ou, segundo o *Livro dos Números* caldeu, os Anjos *secundários* — sendo os primeiros os Elohim, que são o agregado daquele *Deus* "que faz". Pois a quem são dirigidas aquelas palavras de comando? E quem é o que ordena? O que ordena é a Lei Eterna, e quem obedece são os Elohim, a quantidade conhecida operando em x e com x, ou o coeficiente da quantidade desconhecida, as Forças da Força Una. Tudo isso é Ocultismo, se encontra nas Estâncias arcaicas. Não tem nenhuma importância dar a essas Forças o nome de Dhyân-Chohans ou o de Auphanim, como o faz Ezequiel.

"A Luz Una Universal, que são Trevas para o homem, é sempre existente" — está escrito no *Livro dos Números* caldeu. Dela procede periodicamente a Energia, a qual se reflete no Abismo ou Caos, este depósito dos mundos futuros; e que, uma vez desperta, agita e fecunda as Forças latentes, que constituem suas potencialidades eternamente presentes. Então, acordam novamente os Brahmas e os Buddhas — as Forças coeternas — e um novo Universo vem à existência.

No *Sepher Yetzireh*, o Livro Cabalístico da Criação, é evidente que o autor repetiu as palavras de Manu. Ali se representa a Substância Divina como sendo a única existente desde a eternidade absoluta e ilimitada, e que de si mesma fez emanar o Espírito [21]. "Uno é o Espírito do Deus vivo;

---

que por "eternidade" e "imortalidade" se entende só "a existência até o fim do Kalpa" (Livro II, cap. VIII).

(16) A Teogonia de Orfeu é puramente oriental e indiana em seu espírito. As transformações sucessivas por que passou distanciam-na muito, hoje, do espírito da antiga Cosmogonia, como se pode ver comparando-a com a própria *Teogonia* de Hesíodo. O verdadeiro espírito indo-ariano transparece, no entanto, por toda a parte, assim no sistema de Hesíodo como no de Orfeu. (Veja-se o notável trabalho de James Darmesteter, "Cosmogonies Aryennes", em seus *Essais Orientaux*.) Assim, o conceito original grego do Caos é o da Religião-Sabedoria Secreta. Em Hesíodo, pois, o Caos é infinito, sem limites, sem começo e sem fim no tempo; uma abstração e uma presença visível a um tó tempo; o Espaço cheio de trevas, que é a matéria primordial em seu estado pré-cósmico. Porque, no seu sentido etimológico, Caos é Espaço, segundo Aristóteles, e o Espaço é a Divindade sempre Invisível e Incognoscível de nossa Filosofia.

(17) *Gênese*, I, 2.

(18) *Ibid.*, I, 6.

(19) *Ibid.*, I, 7.

(20) *Ibid.*, I, 3.

(21) O Espírito *manifestado*: o Espírito Divino, Absoluto, é uno com a Substância Divina absoluta; Parabrahman e Mûlaprakriti são unos em essência. Portanto, a Ideação Cósmica e a Substância Cósmica, em seu caráter primordial, são também unas

bendito seja o Seu nome, que vive por todo o sempre! Voz, Espírito e Verbo, eis o que é o Espírito Santo"[22]. E esta é a Trindade abstrata cabalista, antropomorfizada com tanta sem-cerimônia pelos Padres cristãos. Dessa tríplice unidade surgiu todo o Cosmos. Primeiro, do Uno emanou o número Dois ou o Ar (o Pai), o Elemento criador; depois, o número Três, a Água (a Mãe), procedeu do Ar; o Éter ou o Fogo completa o Quatro místico, o Arbo-al[23]. "Quando o Culto dos Ocultos quis revelar-se, começou por fazer um ponto (o Ponto Primordial ou o Primeiro Sephira, o Ar ou o Espírito Santo), figurado em uma Forma sagrada (os Dez Sephiroth ou o Homem Celeste), e o cobriu com uma Vestimenta rica e esplêndida: *que é o Mundo*"[24].

"Ele fez do Vento o seu Mensageiro, do Fogo flamífero o seu Servidor"[1] — diz o *Yetzireh*, mostrando o caráter cósmico destes últimos Elementos evemerizados (humanizados)[25] e que o Espírito repassa cada átomo do Universo.

Paulo chama "Elementos" aos Seres Cósmicos invisíveis. Mas hoje os Elementos foram degradados e reduzidos à categoria de átomos, sobre os quais ainda nada se sabe, e que não são mais que "os filhos da necessidade", como também o é o próprio Éter. Conforme dissemos em *Ísis sem Véu*:

> "Os pobres Elementos primordiais foram de há muito desterrados, e os nossos ambiciosos físicos rivalizam entre si quem será o primeiro a acrescentar mais uma substância simples às sessenta e tantas que já possuímos".

Enquanto isso, ocorrem os mais acesos debates na química moderna sobre a questão dos termos. Negam-nos o direito de chamar "elementos químicos" àquelas substâncias, por não serem "os princípios primordiais das essências por si mesmas existentes, de que foi formado o Universo", segundo Platão. Tais idéias associadas à palavra "elemento" eram boas para a antiga filosofia grega, mas a ciência moderna não as aceita; porque, como disse o Professor Crookes, são "termos infelizes", e a ciência experimental "nada quer com essência de espécie alguma, a não ser aquelas que se podem ver, respirar ou provar. Quanto a outras, deixa-as aos metafísicos..." Devemos ainda mostrar-nos agradecidos por esta pequena concessão!

A "Substância Primordial" é designada por alguns como o Caos. Platão e os Pitagóricos chamam-na a Alma do Mundo, impregnada pelo Espírito daquele que fecunda as Águas Primitivas ou Caos. Refletindo-se nela — dizem os cabalistas — o Princípio incubador "criou" a fantasma-

(22) *Sepher Yetzireh*, cap. I, Mishna IX.
(23) *Ibid. Abraham* deriva de "Arbo".
(24) *Sepher Yetzireh*, Mishna IX, 10.
(25) Evemerismo (e seus derivados) — sistema geral de interpretação defendido por Evêmero, que nega a existência de seres divinos e considera os deuses da antiguidade comos eres humanos divinizados pelo homem. Max Muller, em *Science of Language*.

goria de um Universo visível manifestado. O Caos antes, e o Éter depois desse "reflexo", é sempre a Divindade que penetra o Espaço e todas as coisas. É o Espírito invisível e imponderável das coisas, e o fluído invisível, ainda que bem tangível, que brota dos dedos vigorosos do magnetizador; porque é a Eletricidade Vital, a própria Vida. Dava-lhe o Marquês de Mirville, com certa ironia, o nome de "Todo-Poderoso nebuloso", e os teurgistas e ocultistas o chamam ainda hoje "o Fogo Vivo"; e não há um hindu, que pratique certa classe de meditação ao amanhecer, que lhe não conheça os efeitos. É o "Espírito de Luz" e é Magnes. Como bem o disse um adversário nosso, Magus e Magnes são dois ramos que saem do mesmo tronco e que produzem os mesmos frutos. E naquela denominação de "Fogo Vivo" podemos descobrir também o significado da enigmática sentença do *Zend Avesta*: de que há "um Fogo que dá o conhecimento do futuro, a ciência e a facilidade da elocução", isto é, que desenvolve uma extraordinária eloqüência na sibila, no sensitivo e até mesmo em alguns oradores. Sobre este assunto escrevemos em *Ísis sem Véu*:

"O Caos dos antigos, o Fogo Sagrado de Zoroastro, ou o Atash-Behram dos parses; o Fogo de Hermes; o Fogo de Elmes dos antigos germanos; o Raio de Cibele; o Archote Flamejante de Apolo; a Chama do altar de Pan; o Fogo perene dos templos de Acrópole e de Vesta; a Chama de Fogo do capacete de Plutão; as Centelhas brilhantes das toucas das Dióscuras, da cabeça da Górgona, do elmo de Palas e do caduceu de Mercúrio; O Ptah-Ra dos egípcios; o Zeus Cataibates grego (o que desce) de Pausânias; as Línguas de Fogo do Pentecostes; a Sarça ardente de Moisés; a Coluna de Fogo do *Exodo* e a Lâmpada incandescente de Abraão; o Fogo Eterno do 'abismo sem fundo'; os vapores do oráculo de Delfos; a Luz Sideral dos Rosacruzes; o Akâsha dos Adeptos hindus; a Luz Astral de Lévi; a Aura nervosa e o Fluido dos Magnetizadores; o *Od* de Reichenbach; o Psychod e a Força Ectênica de Thury; a 'Força Psíquica' de Sergeant Cox e o magnetismo atmosférico de alguns físicos; o galvanismo; e, finalmente, a eletricidade: todos estes não passam de nomes diferentes para as múltiplas manifestações ou efeitos da mesma Causa misteriosa que anima e penetra todas as coisas, o Arqueu dos gregos."

Podemos agora acrescentar: é tudo isso e muito mais ainda.

Esse "Fogo" é mencionado em todos os livros sagrados hindus, assim como nas obras cabalísticas. O *Zohar* o descreve como o "Fogo Branco Oculto no Risha Havurah", a Cabeça Branca, cuja Vontade faz circular o Fluido Ígneo por 370 correntes em todas as direções do Universo. Identifica-se com a "Serpente que corre dando 370 saltos", do *Siphra Dzeniou-tha*[26], Serpente que, ao ser *criado* o "Homem Perfeito", ou seja, quando o Homem *Divino* habita no homem *animal*, se converte em *três* Espíritos: Âtmâ-Buddhi-Manas, segundo a nomenclatura teosófica[27].

Assim, o Espírito, ou Ideação Cósmica, e a Substância Cósmica — um de cujos "princípios" é o Éter — não fazem mais que *um*, e compreendem os Elementos no sentido que lhes dá São Paulo. Estes Elementos são a Síntese velada que representa os Dhyân-Chohans, os Devas, os Sephi-

(26) Ver *Notas Adicionais* no tomo IV desta obra.

(27) Veja-se o Vol. IV, Parte II, Seção IV: As Muitas Significações da "Guerra no Céu".

roth, os Amshaspends, os Arcanjos, etc. O Éter da ciências — o Ilus de Berose ou o Protilo da química — constitui, por assim dizer, o material relativamente tosco de que se utilizam os Construtores já mencionados para formar os Sistemas do Cosmos, segundo o plano que lhes foi eternamente traçado no Pensamento Divino. Dizem que se trata de "mitos". Não são mitos mais do que o Éter e os Átomos, respondemos nós. Correspondem estes últimos a necessidades absolutas da Ciência Física; os Construtores são também uma necessidade absoluta da Metafísica. "Nunca os vistes" — é a objeção que nos lançam em rosto. Perguntamos aos materialistas: Acaso vistes alguma vez o Éter ou os vossos Átomos, ou ainda a vossa Força? Demais a mais, um dos maiores evolucionistas ocidentais dos nossos dias — cujas "descobertas" foram feitas ao mesmo tempo que as de Darwin —, o Sr. A. R. Wallace, ao mostrar a insuficiência da Seleção Natural para explicar, por si só, a forma física do Homem, admite a ação diretiva de "inteligências superiores" como parte "*necessária* das grandes leis regem o Universo material" [28].

Essas "inteligências superiores" são os Dhyân-Chohans dos ocultistas.

A verdade é que há poucos mitos, em qualquer dos sistemas religiosos dignos deste nome, que não tenha um fundamento histórico, e também científico. "Os mitos" — diz com muita razão Pococke — "está provado que não são fábulas senão na justa medida *em que os deixamos de entender;* e eram *verdades* na medida *em que eram antes entendidos.*"

A idéia dominante mais precisa que se encontra em todos os ensinamentos antigos, a respeito da Evolução Cósmica e da primeira "criação" do nosso Globo com todos os seus produtos orgânicos e *inorgânicos* — palavra estranha na pena de um ocultista! — é que todo o Cosmos surgiu do Pensamento Divino. Este Pensamento impregna a Matéria, que é coeterna com a Realidade Única; e tudo o que vive e respira é produto das emanações do Uno Imutável, Parabrahman — Mulaprakriti, a Raiz Una Eterna. O primeiro destes dois aspectos, o do Ponto Central dentro, por assim dizer, de regiões completamente inacessíveis à inteligência humana, é a Abstração Absoluta; ao passo que, em seu aspecto de Mulaprakriti, a Eterna Raiz de Tudo nos dá, pelo menos, uma vaga idéia do Mistério do Ser.

"Ensinava-se, portanto, nos templos *internos*, que este Universo visível de Espírito e Matéria não é senão a Imagem concreta da Abstração Ideal; que foi plasmado segundo o modelo da primeira Idéia Divina. Assim, o nosso Universo existia em estado latente desde toda a Eternidade. A Alma que anima este Universo é o Sol Central puramente espiritual ou a Divindade suprema. Não foi o Uno quem plasmou a sua idéia, dando-lhe a forma concreta, mas o seu Primogênito; e como ela foi construída sobre a figura geométrica do dodecaedro [29], o Primogênito 'houve por bem empregar 12 000 anos em sua criação'. Esse número está indicado na cronologia tirrena [30], segundo a qual o homem foi criado no sexto milênio. Concorda isso com a

(28) *Contributions to the Theory of Natural Selection.*

(29) Platão, *Timeu*

(30) "Suidas", *sub voc.* "Tyrrhenia". Veja-se *Ancient Fragments*, de Cory, p. 309, 2.ª edição.

teoria egípcia dos 6 000 "anos" [31] e com o cômputo hebreu. Mas é isso a forma exotérica. O cômputo secreto explica "que os 12 000 e os 6 000 anos" são Anos de Brahma, equivalendo um Dia de Brahma a 4 320 000 000 de anos. Sanchuniaton [32] declara em sua *Cosmogonia* que, quando o Vento (Espírito) se enamorou de seus próprios princípios (o Caos), uma união íntima se estabeleceu entre eles, união que foi chamada Pothos (πόθος) e da qual a semente de tudo proveio. O Caos não tinha consciência de sua própria produção, pois era insensível; mas de seu enlace com o Vento nasceu Môt, ou o Ilus (limo) [33]. E deste procederam os Esporos da criação e a existência objetiva do Universo [34].

...Zeus-Zen (Æther), com suas esposas Chthonia (a Terra Caótica) e Metis (a Água); Osíris — que também representa o Æther —, a primeira emanação da Divindade Suprema, Amun, origem primitiva da Luz, com Ísis-Latona, a Deusa Terra e também a Água; Mithras [35], o Deus nascido da rocha, símbolo do Fogo do Mundo masculino, ou a Luz Primordial personificada; e Mithra, sua mãe e esposa ao mesmo tempo — o elemento puro do Fogo, o princípio ativo ou masculino, considerado como luz e calor, conjunção com a Terra e a Água, ou a matéria, o elemento feminino ou passivo da geração Cósmica —; Mithras, que é filho de Bordj, a Montanha do Mundo dos persas [36], da qual ele brotou como um raio de luz brilhante; Brahma, o Deus do Fogo, e sua prolífica esposa, e o Agni hindu, a divindade refulgente, de cujo corpo efluem mil correntes de glória e *sete* línguas de fogo, e em cuja honra os brâmanes ainda hoje mantêm um fogo perpétuo; Shiva, personificado por Meru, a Montanha do Mundo dos hindus, o terrível Deus do Fogo, que, segundo a lenda, desceu do céu, tal como o Jeová judeu, em "uma coluna de fogo"; e uma dúzia de outras divindades arcaicas, de ambos os sexos: todos proclamam claramente seu significado oculto. E que outra coisa poderiam significar esses mitos duais, senão o princípio psicoquímico da criação primordial; a Primeira Evolução em sua tríplice manifestação de Espírito, Força e Matéria; a *correlação* divina em seu ponto de partida, simbolizada pela alegoria do casamento do Fogo com a Água, produtos do Espírito eletrizador (a união do princípio ativo masculino com o elemento passivo feminino), que se tornam os pais do filho telúrico, a Matéria Cósmica, a Matéria-Prima, cuja Alma é o Æther e cuja sombra é a Luz Astral?" [37].

Mas os fragmentos dos sistemas cosmogônicos, que chegaram até nós, são agora desprezados como fábulas absurdas. Não obstante, a Ciência Oculta, que sobreviveu até mesmo à Grande Inundação que submergiu os gigantes antediluvianos, e com eles suas própria lembrança (salvo os registros conservados na Doutrina Secreta, na *Bíblia* e em outras Escrituras), detém ainda a Chave de todos os problemas do mundo.

Apliquemos, pois, essa Chave aos raros fragmentos de Cosmogonias há tanto tempo esquecidas, e, por maio de suas parcelas esparsas, procuremos restaurar o que em tempos foi a Cosmogonia Universal da Doutrina Secreta.

---

(31) O leitor compreenderá que por "anos" se quer significar "idades", e não simples períodos de treze meses lunares.

(32) Veja-se a tradução grega de Filon de Biblos.

(33) Cory; *op. cit.*, p. 3.

(34) *Isis sem Véu*, I, 342.

(35) Mithras era considerado entre os Persas como o *Theos ek Petras*: o Deus da rocha.

(36) Chama-se Bordj a uma montanha de fogo; contém, portanto, fogo, rocha, terra e água (um vulcão); isto é, elementos masculinos ou ativos, e elementos femininos ou passivos. O mito é sugestivo.

(37) *Op. cit.*, I, 156.

A Chave serve para todas. Ninguém pode estudar seriamente as filosofias antigas sem perceber a surpreendente semelhança de conceitos que há em todas elas; e que tal semelhança, muito freqüente em sua forma exotérica, e invariável em seu sentido oculto, é o resultado, não de mera coincidência, mas de uma intenção predeterminada. Não deixará também de perceber que, durante a juventude da humanidade, houve uma só linguagem, um conhecimento e uma religião universais, quando não havia igrejas, nem credos, nem seitas, mas quando cada homem era seu próprio *sacerdote*.

E, se ficar demonstrado que já naqueles tempos, ocultos à nossa vista pelo exuberante crescimento da tradição, o pensamento religioso do homem se desenvolvia em simpatia uniforme por toda a parte do Globo, então se tornará evidente que — não importa em que latitude tenha nascido, fosse no frígido Norte ou no ardente Meio-Dia — no Oriente ou no Ocidente — esse pensamento foi inspirado pelas mesmas revelações, e o homem foi criado à sombra protetora da mesma *Árvore do Conhecimento*.

SEÇÃO IV

CHAOS, THEOS, KOSMOS

CHAOS, THEOS, KOSMOS, eis o que contém o Espaço ou, como definiu um sábio cabalista: "O Espaço, que a tudo contém, sem ser contido, é a corporificação primária da Unidade simples... a extensão sem limites" [1]. Mas, pergunta em seguida, "extensão sem limites, de quê?" E dá ele mesmo a resposta correta: "O Continente Desconhecido de Tudo, a *Causa Primeira Desconhecida*". A definição e a resposta não podiam ser mais exatas, mais esotéricas e mais verdadeiras, sob todos os aspectos do Ensinamento Oculto.

O *Espaço*, que os *sábios modernos*, em sua *ignorância* e em sua tendência para destruir todas as concepções filosóficas da antiguidade, pretendem ser "uma idéia abstrata" e "um vazio", é, na realidade, o Continente e o Corpo do Universo com seus Sete Princípios. É um Corpo de extensão ilimitada, cujos Princípios, segundo a fraseologia ocultista — cada um deles constituindo, por sua vez, um setenário —, só manifestam em nosso mundo *fenomenal* a estrutura mais densa de suas subdivisões. "Ninguém jamais viu os Elementos em sua plenitude", reza a Doutrina. Devemos buscar a nossa Sabedoria nas expressões originais e sinônimos dos povos primitivos. Até o último deles, o povo judaico, apresenta a mesma idéia em seus ensinamentos cabalistas, quando fala da Serpente de sete cabeças do Espaço, chamado o "Grande Mar".

"No princípio os Alhim criaram os Céus e a Terra; os seis |Sephiroth|... Eles criaram Seis, e nestes estão baseadas todas as coisas. E estes |Seis| dependem das *sete formas* do crânio, inclusive a Dignidade de todas as Dignidades." [2]

Vento, Ar e Espírito sempre foram sinônimos em todos os povos. Pneuma (Espírito) e Anemos (Vento) entre os gregos, Spiritus e Ventus entre os latinos, eram termos intermutáveis, até mesmo quando não estavam associados com a idéia original do Sopro de Vida. Nas "Forças" da ciência não vemos senão o *efeito material* do *efeito espiritual* de um ou outro dos quatro Elementos Primordiais, que a Quarta Raça nos transmi-

(1) Henry Pratt M. D., *New Aspects of Life*.
(2) *Siphra Dzeniouth*a, I, 16.

tiu, assim como nós transmitiremos o Æther, ou melhor, a subdivisão densa do ÆEther, em sua plenitude, à Sexta Raça-Raiz.

Os antigos diziam que o Caos era inconsciente porque representava e continha em si — Caos e Espaço sendo sinônimos — todos os Elementos *em seu estado rudimentar, não diferenciado. Faziam do Æther o quinto* Elemento, a síntese dos outros quatro, pois o Æther dos filósofos gregos não era o Éter, seu resíduo, que certamente conheciam melhor que a Ciência de hoje, *resíduo ou Éter que se considera, a justo título, como o agente* operador de muitas Forças que se manifestam na Terra. O Æther daqueles era o Akâsha dos hindus; o Éter dos físicos não é mais que uma de suas subdivisões, *em nosso plano: a Luz Astral dos cabalistas, com todos os* seus efeitos, bons e *maus*.

A Essência do Æther, ou o Espaço Invisível, era tida como divina, porque se supunha ser o véu da Divindade, e imaginava-se que fosse o Intermédio entre esta vida e a outra. Acreditavam os antigos que, quando as Inteligências ativas dirigentes — os Deuses — se retiravam de alguma parte do Æther, fosse qual fosse, em *nosso* Espaço, ou dos quatro reinos que elas governam, então aquela região especial ficava submetida ao *mal*, assim chamado em razão da ausência do *bem*.

"A existência do Espírito no Mediador comum, o Éter, é negada pelo materialismo, ao passo que a Teologia dele faz um Deus pessoal. Mas os cabalistas sustentam que ambos se equivocam, e dizem que, no Éter, os elementos representam somente a matéria, as forças cósmicas cegas da Natureza; e que o Espírito representa a inteligência que as dirige. As doutrinas cosmogônicas árias, herméticas, órficas e pitagóricas, assim como as de Sanchuniaton e de Berose, se baseiam no postulado irrefutável de que o Æther e o Caos, ou, em linguagem platônica, a Mente e a Matéria, eram os dois princípios primordiais e coeternos do Universo, independentes por completo de tudo o mais. O primeiro era o princípio intelectual que a tudo vivifica; e o Caos, um princípio fluídico, "sem forma e inconsciente". Da união dos dois nasceu o *Universo*, ou melhor, o Mundo Universal, a primeira Divindade andrógina — sendo a Matéria Caótica o seu Corpo, e o Éter a sua Alma. No expressar de um Fragmento de Hermias, "o Caos, adquirindo a *consciência* em virtude desta união com o Espírito, ficou radiante de alegria; e assim nasceu o Protógonos, a Luz (o Primogênito" [3]. Tal é a Trindade Universal, segundo o conceito metafísico dos antigos, que, raciocinando por analogia, fizeram do homem, composto de Inteligência e Matéria, o Microcosmo do Macrocosmo, ou do Grande Universo." [4]

"A Natureza tem horror ao Vácuo", diziam os peripatéticos, os quais conquanto materialistas a seu modo, compreendiam talvez por que Demócrito e seu mestre Leucipo ensinavam que os primeiros princípios de todas as coisas contidas no Universo eram átomos e um Vazio. O último significa simplesmente a Força *latente* ou Divindade, que, antes da primeira manifestação — quando se converteu em Vontade, comunicando seu primeiro impulso aos átomos —, era o grande Nada, o Ain-Soph ou Não-Coisa, e portanto, em todos os sentidos, um Vazio ou o Caos.

(3) Damáscio, em sua Teogonia, o chama *Dis*, "aquele que dispõe de todas as coisas". Cory, *Ancient Fragments*, p. 314.

(4) *Ísis sem Véu*, I, 341.

O Caos, no entanto, segundo Platão e os pitagóricos, tornou-se a "Alma do Mundo". De acordo com o ensinamento hindu, a Divindade, em forma do Æther ou Akâsha, penetra todas as coisas. Eis por que os teurgistas a chamavam o "Fogo Vivo", o "Espírito da Luz" e, algumas vezes, "Magnes". Platão dizia que foi a própria Divindade suprema quem construiu o Universo na forma geométrica do dodecaedro; e que o seu "Primogênito" nasceu do Caos e da Luz Primordial, o Sol Central. Esse "Primogênito" não era, contudo, senão o agregado da Legião dos Construtores, as primeiras Forças Construtoras, que as teogonias antigas chamavam de Antepassados, nascidos do Abismo ou Caos e do Primeiro Ponto. É o Tetragrammaton, à frente dos Sete Sephiroth inferiores. Esta era também a crença dos caldeus Filon, o Judeu, discorrendo superficialmente sobre os primeiros instrutores de seus antepassados, escreveu o seguinte:

"Estes caldeus eram de opinião que o Cosmos, *entre as coisas que existem* [?], é um simples Ponto, sendo ele próprio Deus [Theos], ou encerrando Deus em si e contendo a Alma de todas as coisas." [5]

Chaos, Theos e Kosmos são apenas os três símbolos de sua síntese: o *Espaço.* Ninguém espere poder jamais resolver o mistério desta Tetraktys atendo-se à letra morta, até mesmo das velhas filosofias, tais como são hoje conhecidas. Porque, nestas inclusive, Chaos, Theos, Kosmos e Espaço estão identificados por toda a Eternidade como o Espaço Uno Desconhecido — e a última palavra não virá talvez antes de nossa Sétima Ronda. Contudo, as alegorias e os símbolos metafísicos a respeito do cubo primitivo e *perfeito* são dignos de atenção, mesmo nos *Purânas* exotéricos.

Ali também, Brahmâ é Theos, que se desenvolve do Caos ou Grande "Mar", as Águas, sobre as quais o Espírito ou o Espaço, que se personifica por *ayanas* (períodos) — o Espírito movendo-se sobre a face do Cosmos futuro e ilimitado — plana silenciosamente na primeira hora do redespertar. É ainda Vishnu, que repousa sobre Ananta-Shesha, a grande Serpente da Eternidade, que a teologia ocidental, ignorante da *Cabala,* única chave que abre os segredos da *Bíblia,* transformou no Diabo. É o primeiro Triângulo ou Tríade pitagórica, o "Deus dos *três* Aspectos", antes de se converter, por meio da quadratura perfeita do Círculo Infinito, no Brahmâ de "quatro faces". "Daquele que é, e contudo não é, do Não-Ser, a Causa Eterna, nasceu o Ser, Purusha" — diz Manu, o Legislador.

"Na mitologia egípcia, Kneph, o Deus Eterno *não revelado,* é representado por uma serpente, emblema da Eternidade, enroscada em torno de um vaso com água, a cabeça suspensa sobre a água, que ela fecunda com o seu sopro. Neste caso a serpente é o Agathodaimon, o Bom Espírito; em seu aspecto oposto, é o Kakodaimon, o Espírito Mau. Dizem os *Eddas* escandinavos que, durante a noite, quando o ar está impregnado de umidade, cai o rocio de mel, alimento dos deuses e das abelhas criadoras Iggdrasil. É um símbolo do princípio passivo da criação do Universo, saído das Águas. Esse rocio de mel é a Luz Astral em uma de suas combinações, com propriedades criadoras e destruidoras. Na lenda caldéia de Berose, Oannes ou Dagon, o homem-peixe, instruindo o povo, lhe mostra o mundo em sua infância, recém-saído da

(5) "Emigração de Abraão", 32.

Água, com todos os seres oriundos desta Matéria-Prima. Moisés ensina que somente a Terra e a Água podem produzir uma Alma Vivente; e nas Escrituras lemos que a erva não pôde crescer antes que o Eterno fizesse *chover* sobre a Terra. No *Popol Vuh mexicano*, o homem é criado do *barro* ou argila (*terra glaise*), retirada do fundo das águas. Brahma, sentado em seu lótus, cria o grande Muni, o primeiro homem, mas somente depois de haver chamado à existência os espíritos, que assim tiveram prioridade sobre os mortais; e o criou da Água, do Ar e da Terra. Sustentam os alquimistas que a Terra primordial ou pré-adamita, quando reduzida à sua primeira substância, era, em seu *segundo* período de transformação, semelhante a Água clara, sendo que no primeiro era, propriamente, o Alkahest [6]. Esta substância primordial contém em si a essência de todos os elementos constitutivos do homem; não só os de sua estrutura física como o próprio "sopro de vida" em estado latente e pronto para ser despertado. Este "sopro de vida" provém da "incubação" do "Espírito de Deus" sobre a face das Águas — o Caos, que deste modo se identifica com a substância primária. Era desta última que Paracelso pretendia fazer o seu Homúnculo; e daí também a razão por que Tales, o grande filósofo da Natureza, dizia que a Água era o princípio de todas as coisas na Natureza [7]... Job afirma que as *coisas mortas* se formam debaixo das águas, e dos habitantes que nela existem [8]. No texto original, em lugar de "coisas mortas", está escrito: "Rephraim mortos", os Gigantes ou homens primitivos poderosos, dos quais a Evolução talvez venha a mostrar, algum dia, que a nossa raça atual descende." [9]

"No período primordial da criação" — diz a *Mythologie des Indous*, de Polier — "o Universo rudimentar, submergido na água, repousava no seio de Vishnu. Brahmâ, o Arquiteto do Mundo, saindo desse Caos e dessas Trevas, flutuava (movia-se) sobre as águas, mantendo-se em cima de uma folha de lótus, sem poder distinguir nada mais além de água e trevas". Analisando tão angustioso estado de coisas, Brahmâ, consternado, disse consigo mesmo: "Quem sou eu? De onde venho?" Ouviu então uma voz [10]: "Dirige os teus pensamentos a Bhagavat". Brahmâ, deixando a posição em que estava, senta-se sobre a folha de lótus em atitude contemplativa, e reflexiona sobre o Eterno, que, satisfeito com essa prova de piedade, lhe abre o entendimento, dissipando a obscuridade primitiva. "Em seguidaí Brahmâ sai do Ovo Universal (o Caos Infinito) sob a forma de Luz, pois sua inteligência agora está desperta, e começa a trabalhar. Ele se move sobre as Águas Eternas, trazendo em si o Espírito de Deus; e, em sua capacidade de Agitador das Águas, é Vishnu ou Nârâyana".

É evidente que tudo isso é esotérico; mas, não obstante, em sua idéia principal guarda certa identidade com a cosmogonia egípcia, cuja exposição se inicia com Athtor [11] ou a Mãe-Noite — representando a Obscuridade

(6) Termo criado por Paracelso para significar o dissolvente de todas as substâncias.

(7) Entre os gregos, os Deuses-Rios, todos eles Filhos do Oceano Primitivo — ou o Caos em seu aspecto masculino —, eram os respectivos antepassados das raças helênicas. Para eles, os gregos, o Oceano era o pai dos Deuses; de modo que, sob este aspecto, haviam antecipado as teorias de Tales, como muito bem observou Aristóteles (*Metaph.*, I, 4-5).

(8) XXVI, 5.

(9) *Ísis sem Véu*, I, 133-4.

(10) O "Espírito" ou voz oculta dos Mantras; a manifestação ativa da força latente ou potência oculta.

(11) Ortografia do *Archaic Dictionary*.

Ilimitada — como o Elemento Primitivo que cobria o Abismo Infinito, animada pela Água e pelo Espírito Universal do Eterno, e o único habitante do *Caos*. De modo semelhante principia a história da criação nas Escrituras judaicas, com o Espírito de Deus e sua Emanação criadora: outra Divindade [12].

Ensina o *Zohar* que são os elementos primordiais — a trindade de Fogo, Ar e Água —, os Quatro Pontos Cardiais e todas as Forças da Natureza, que formam coletivamente a Voz da Vontade, Memrab, ou o Verbo, Logos do TODO absoluto e Silencioso. "O Ponto Indivisível, Ilimitado e Desconhecido" se estende sobre o Espaço e forma assim um Véu, o Mûlaprakriti de Parabrahman, que oculta esse Ponto Absoluto.

Mas cosmogonias de todas as nações, os Arquitetos, sintetizados pelo Demiurgo (na *Bíblia*, os Elohim ou Alhim), são os que, do Caos, formam o Cosmos; e são o Theos coletivo andrógino, Espírito e Matéria. "Por meio de uma série (*yom*) de fundamentos (*hasoth*), os Alhim fizeram surgir o céu e a terra" [13]. No *Gênesis*, primeiramente são os Alhim, depois Jahva-Alhim, e, por último, Jeová, após a separação dos sexos no capítulo IV. É de notar que em parte alguma das cosmogonias de nossa Quinta Raça, a não ser na *mais recente*, a da *Bíblia*, se vê o inefável e impronunciável NOME [14] símbolo da Divindade Desconhecida, que só se usava nos MISTÉRIOS — relacionado diretamente com a "Criação" do Universo. São os Agitadores, os Corredores, os Theoi (de θέειν, correr) que procedem à obra da formação; os Mensageiros da Lei Manvantárica, que no Cristianismo de hoje passaram a simples "Mensageiros" (Malachim). A mesma coisa ocorre também no Hinduismo ou Brahmanismo primitivo: no *Rig Veda*, não é Brahmâ quem cria, mas os "Prajâpatis", os "Senhores do Ser", que são também os Rishis; estando o termo Rishi, segundo o Professor Mahadeo Kunte, associado à palavra correr (conduzir), que a eles se aplica em seu caráter terrestre, quando, como Patriarcas, conduzem suas legiões para os Sete Rios.

Demais, a mesma palavra "Deus", no singular que abrange todos os deuses, ou Yheoi, veio até as nações de civilização "superior" através de uma estranha fonte, tão completa e eminentemente fálica como o Lingam, de que a Índia se fala com tão rude franqueza. A idéia de que a palavra *Deus* (*God*) seja derivada do anglo-saxão *Good* (Bom) está fora de cogitação, porque em nenhuma outra língua, desde o *Khoda* persa até o *Deus* latino, se encontrou exemplo de que um nome de Deus derivasse do atributo de Bondade (*Good-ness*). Aos latinos, veio do ariano *Dyaus* (*Dia*); aos eslavos, do grego Baccho (*Bagh-Bog*); e aos de raça saxônia, diretamente do hebreu *Yod* ou *Jod*. Este último é', a letra numeral 10, macho

(12) Não nos referimos aqui à *Biblia* corrente ou aceita, mas à verdadeira Escritura judaica, que hoje se explica à luz da *Cabala*.

(13) *Gênese*, II, 4.

(14) "Impronunciável", pela simples razão de ser inexistente. *Nunca* foi um *nome* nem *palavra* alguma, mas uma *idéia* impossível de exprimir. Em seu lugar foi criado um substituto no século que precedeu a nossa era.

e fêmea, e *Yod* é o gancho fálico. Daí o *Godh* saxônio, o *Gott* alemão e o *God* inglês. Pode-se dizer que esse termo simbólico representa o Criador da Humanidade física no plano terrestre; mas seguramente nada tem a ver com a Formação ou "Criação" do Espírito, dos Deuses ou do Cosmos.

Chaos-Theos-Kosmos, a Divindade Trina, é *tudo em tudo*. Daí o dizer-se que é masculino e feminino, bom e mau, positivo e negativo, toda a série de qualidades opostas. Quando se acha em estado latente, em Pralaya, não se pode conhecê-lo; é então a Divindade Incognoscível. Só pode ser conhecido em suas funções ativas: como Matéria-Força e Espírito *vivente*, correlações e manifestação, ou expressão, no plano visível, da Unidade última sempre desconhecida.

Por sua vez, essa Tríplice Unidade é a produtora dos Quatro Elementos Primitivos [15], que são conhecidos, em nossa Natureza terrestre visível, como os sete Elementos (cinco até o presente), cada um divisível em quarenta e nove — sete vezes sete — subelementos, dos quais a química conhece uns setenta. Todos os Elementos Cósmicos, tais como o Fogo, a Água, o Ar e a Terra, participam das qualidades e defeitos de seus Primários, e são, por sua natureza, o Bem e o Mal, a Força ou Espírito e a Matéria, etc.; e cada um deles, portanto, é ao mesmo tempo Vida e Morte, Saúde e Enfermidade, Ação e Reação. Estão constantemente formando Matéria, sob o impulso incessante do Elemento Uno, o Incognoscível, representado no mundo dos fenômenos pelo Æther. São "os Deuses imortais que dão nascimento à vida e a todas as coisas".

Nos *Escritos Filosóficos de Salomão Ben Yehudah Ibn Gebirol*, lê-se a respeito da formação do Universo:

> "Está escrito que R. Yehudah começou assim: 'Elohim disse: Faça-se um firmamento no meio das águas.' Vinde ver! Quando o Santo... criou o Mundo, criou 7 céus em Cima. Criou 7 terras em Baixo, 7 mares, 7 dias, 7 rios, 7 semanas, 7 anos, 7 épocas, e 7 000 anos durante os quais existiu o Mundo. O Santo *está no sétimo de tudo*." [16]

Isso não só apresenta uma estranha semelhança com a cosmogonia dos *Purânas* [17], mas corrobora todos os nossos ensinamentos no tocante ao número sete, tais como foram resumidamente expostos no *Esoteric Buddhism*.

Os hindus têm uma interminável série de alegorias para expressar a mesma idéia. No Caos Primordial, antes de se converter nos Sapta Samandra [18] ou Sete Oceanos — emblema dos Sete Gunas ou Qualidades condicionadas compostas de Trigunas (Sattva, Rajas e Tamas) —, estão latentes

(15) O Tabernáculo Cósmico de Moisés, erigido por ele no deserto, era *quadrado* e representava os Quatro Pontos Cardeais e os Quatro Elementos, conforme a explicação de Josefo (*Antiq.*, 1, VIII, cap. XXII). A idéia foi tomada das Pirâmides do Egito e também de Tiro, onde as pirâmides se convertiam em pilares. Os Gênios ou Anjos têm suas respectivas moradas nesses quatro pontos.

(16) *Qabbalah*, de Isaac Meyer, publicado em 1888, p. 415.

(17) Como, por exemplo, no *Vishnu Purâna*, Livro I.

(18) Ver *Notas Adicionais*, no fim do tomo IV desta obra.

Amrita, ou a Imortalidade, e Visha, ou o Veneno, a Morte, o Mal. Vê-se isso também no alegórico malaxar do Oceano pelos Deuses. Amrita se acha fora de todos os Gunas, porque é *incondicionado per se*; mas, uma vez caindo na criação fenomenal, se misturou com o Mal, o Caos, guardando latente o Theos, até que o Cosmos esteja evolucionado. Eis por que vemos a Vishnu, personificação da Lei Eterna, chamando periodicamente o Cosmos à atividade, ou, segundo a fraseologia alegórica, produzindo, por meio do malaxar do Oceano Primitivo ou Caos sem limites, o Amrita da Eternidade, reservado unicamente aos Deuses e Devas; tendo que utilizar nessa tarefa os Nagas e os Asuras, ou os demônios do hinduismo exotérico. Toda a alegoria é altamente filosófica; e nós a encontramos reproduzida em todos os sistemas antigos de Filosofia. Vemo-la, por exemplo, em Platão, que, tendo esposado por completo as idéias trazidas da Índia por Pitágoras, as compilou e publicou em forma bem mais inteligível que a do misterioso sistema numérico original do filósofo de Samos. Assim, para Platão o Cosmos é o "Filho", que tem como Pai e Mãe, respectivamente, o Pensamento Divino e a Matéria [19].

"Os egípcios", diz Dunlap, "faziam distinção entre um Hórus velho e outro jovem; o primeiro era o *irmão* de Osíris, e o segundo o *filho* de Osíris e Ísis" [20]. O primeiro é a Idéia do Mundo permanecendo na Mente do Demiurgo, "nascida nas Trevas antes da Criação do Mundo". O segundo é esta Idéia surgindo do Logos, revestindo-se de matéria e assumindo uma existência real [21].

Os *Oráculos Caldeus* falam do "Deus do Mundo, eterno, sem limites, jovem e velho, de forma sinuosa" [22]. Esta "forma sinuosa" é uma metáfora para exprimir o movimento vibratório da Luz Astral, que os antigos sacerdotes conheciam perfeitamente, se bem que a denominação "Luz Astral" seja de autoria dos martinistas.

A Ciência moderna assinala com desprezo as superstições da Cosmolatria. Seria melhor, porém, que a Ciência, antes de rir, seguisse o conselho de um sábio francês: "reformar por completo seu próprio sistema de educação cosmo-pneumatológico" — *Satis eloquentiæ, sapientiæ parum!* A Cosmolatria, do mesmo modo que o Panteísmo em sua última expressão, pode ser definida com as mesmas palavras com que o Purâna descreve Vishnu:

"Ele não é senão a *causa ideal* das *potências* que devem ser produzidas na obra da criação; e dele procedem as potências que hão de ser criadas depois que se tornarem a causa real. *Afora aquela causa ideal*, não há nenhuma outra a que se possa relacionar o mundo... *Pelo poder daquela causa*, todas as coisas criadas chegam a manifestar-se por sua própria natureza." [23]

(19) Plutarco, *De Iside et Osiride*, LVI.
(20) *Vestiges of the Spirit History of Man*, de S. F. Dunlap, p. 189 (1858).
(21) Movers: *Phoinizer*, p. 268.
(22) Cory: *Ancient Fragments*, p. 240.
(23) *Vishnu Purana*, Livro I, p. 66.

SEÇÃO V

SOBRE A DIVINDADE OCULTA, SEUS SÍMBOLOS E SIGNOS

PARA TRATAR do Logos ou Divindade Criadora, o "Verbo feito Carne" de todas as religiões, necessário é remontar à sua fonte e essência primordial. Na Índia, é um Proteu com 1 008 nomes e aspectos divinos em cada uma de suas transformações *pessoais*, desde Brahmâ-Purusha, passando pelos Sete Rishis *Divinos* e os Dez Prajâpatis (também Rishis) *Semidivinos*, até os Avatares *divino-humanos*. O mesmo difícil problema do "Um em Muitos" e da Multidão em Um reaparece em outros Panteões: no egípcio, no grego e no caldeu judaico. Este último ainda aumentou a confusão ao apresentar os seus Deuses como evemerizações, sob a forma de Patriarcas. E estes Patriarcas são hoje considerados e aceitos como Entidades *históricas* viventes, por aqueles mesmos que têm Rômulo em conta de mito! *Verbum satis sapienti!*

No *Zohar*, Ain-Soph é também o Uno, a Unidade Infinita. Alguns dos mais eruditos Padres da Igreja o sabiam, e sabiam igualmente que Jeová não era o Deus "supremo", mas uma Potência de *terceira ordem*. No entanto, Irineu, queixando-se amargamente dos gnósticos e dizendo: "Nossos hereges sustentam... que o Propator só é conhecido pelo Único Filho *concebido* [1] (e que é Brahmâ), isto é, pela mente (*Nous*)", esqueceu-se de mencionar que os judeus faziam o mesmo em seus livros realmente *secretos*. Valentim, "o doutor mais profundamente versado na Gnose", era de opinião que havia existido, antes de Bythos (o primeiro Pai da insondável Natureza, que é o segundo Logos), um (Aiôn) perfeito, chamado Propator. É este AIÔN que surge com um Raio de Ain-Soph, *o qual não cria*; e é o AIÔN que cria, ou melhor, é *por seu intermédio* que tudo é criado ou evoluciona. Porque, segundo ensinavam os basilidianos, "havia um Deus supremo, Abrasax, por quem foi criada a Mente" (Mahat, em sânscrito; Nous, em grego). "Da Mente procedeu o Verbo, o Logos; do Verbo, a Providência (ou antes, a Luz Divina); depois desta, a Virtude e a Sabedoria, nos Principados, Potestades, Anjos, etc." Por estes Anjos

(1) Do mesmo modo que Mûlaprakriti só é conhecido por Ishvara, o Logos, como o chama o Sr. T. Subba Row.

foram criados os 365 Æons. "Entre os mesmos elevados e entre aqueles que fizeram este mundo, ele (Basílides) classifica em último lugar o Deus dos judeus, e se recusa (com toda a razão) a identificá-lo como um Deus, afirmando que é um dos Anjos."

Vemos aqui, portanto, o mesmo sistema dos *Purânas*, em que o Incompreensível deixa cair uma semente, que se converte no Ovo de Ouro, de onde sai Brahma. Brahma produz a Mahat, etc. Entretanto, a genuína Filosofia Esotérica não se refere nem a "criação" nem a "evolução", no sentido em que o fazem as religiões exotéricas. Todos esses Poderes personificados não são evoluções uns dos outros, e sim outros tantos aspectos da mesma e única manifestação do Todo Absoluto.

Sistema idêntico ao das Emanações gnósticas prevalece nos aspectos sefiróticos de Ains-Soph; e como tais aspectos estão no Espaço e no Tempo, mantém-se certa ordem em seus sucessivos aparecimentos. É impossível, portanto deixar de notar as grandes alterações introduzidas no *Zohar*, com as manipulações que sofrem por parte de muitas gerações de místicos cristãos. Até a metafísica do *Talmud*, a "Face Inferior", o Semblante Menor ou Microposopo, não podia jamais ser colocada no mesmo plano de idéias abstratas que a Face Maior ou Superior, o Macroposopo. Este último é, na *Cabala* caldéia, uma abstração pura, o Verbo, o Logos, ou Dabar em hebreu; Verbo que, embora se converta de fato em um número plural, ou em Verbos, D(a)B(a)R(i)M, quando se reflete ou toma o aspecto de uma Legião de Anjos ou Sephiroth — o "Número" —, é ainda, coletivamente, UM, e, no plano ideal, O, "Não-coisa". Não tem forma ou existência, "nem semelhança com nenhuma outra coisa" [2]. O próprio Filon chama ao Criador o Logos que vem imediatamente depois de Deus, o "Segundo Deus", quando se refere ao "Segundo Deus, que é uma SABEDORIA (a do Deus Supremo)" [3]. Não é Deus a Divindade. É Não-Coisa e Trevas. Não tem nome, e, portanto, é chamada Ain-Poph, a palavra "Ayin" significando nada [4].

A maior parte dos sistemas gnósticos que chegaram até nós, mutilados que foram pelos Padres da Igreja, não passam de meros cascões adulterados das especulações originais. Estas, aliás, nunca foram franqueadas ao público ou ao leitor comum: se o seu significado oculto ou esotérico houvesse sido revelado, o ensinamento teria deixado de ser esotérico, e isto não podia acontecer.

Marcos, o chefe dos marcosianos, que viveu no meado do segundo século e ensinava que a Divindade devia ser estudada sob o símbolo de *quatro* sílabas, revelou ao público mais verdades esotéricas que nenhum outro gnóstico. Mas até ele nunca foi bem compreendido, pois não é senão na superfície ou letra morta de sua *Revelação* que Deus aparece como um

(2) Franck, *Die Kabbala*, p. 126.

(3) Filon, *Quæst, et Solut.*

(4) Franck, *Op. cit.*, p. 153. Ver também a Seção XII, "A Teogonia e os Deuses Criadores".

Quaternário, a saber: "O Inefável, o Silêncio, o Pai e a Verdade", o que na realidade é inteiramente errôneo, não representando senão mais um enigma esotérico. Esse ensinamento de Marcos foi o dos primeiros cabalistas, e é também o nosso; porque faz da Divindade o Número 30, em quatro sílabas, o que, traduzido esotericamente, significa uma Tríade ou Triângulo e um Quaternário ou Quadrado, sete ao todo, correspondendo, no plano inferior, às Sete Letras divinas ou secretas de que se compõe o nome de Deus. Isto requer uma demonstração. Em sua *Revelação*, ao falar dos mistérios divinos expressos por meio de letras e números, Marcos refere como a "Tétrada Suprema desceu" até ele "da região que não pode ser vista nem nomeada, *sob uma forma feminina*, porque *o mundo não poderia suportar o seu aparecimento numa figura masculina*"; e como lhe revelou ela "a geração do Universo, *qua jamais havia sido comunicada antes* nem aos Deuses nem aos homens".

A primeira frase já encerra um duplo sentido. Por que uma aparição feminina havia de ser mais facilmente suportada ou escutada pelo mundo que uma figura masculina? À primeira vista, parece um absurdo. Mas, para quem conhece a linguagem do Mistério, é muito claro e simples. A Filosofia Esotérica ou Sabedoria Secreta era simbolizada por uma imagem feminina, ao passo que a masculina era o símbolo do Mistério sem véu. Eis por que, não estando o Mundo preparado para recebê-lo, não podia suportá-lo, devendo a Revelação de Marcos ser dada alegoricamente. Escreveu ele:

"Quando, no princípio, o seu Pai |*sc. da Tétrade*|..., o Inconcebível, o Sem-Existência e Sem Sexo |o Ain-Soph cabalístico|, desejou que o seu Inefável |o Primeiro Logos ou Æon| nascesse, e que o seu Invisível se revestisse de uma forma, sua boca se abriu e pronunciou o Verbo, semelhante a Ele mesmo. Este Verbo (Logos), como permanecesse próximo, manifestou-se sob a forma do Uno Invisível, demonstrando assim o que era. O Nome |Inefável| foi articulado |por meio do Verbo| da seguinte maneira. Ele |o Supremo Logos| pronunciou a primeira Palavra de seu Nome... que era uma combinação |sílaba| de *quatro* elementos |letras|. Depois foi acrescentada a segunda combinação, também composta de *quatro* elementos. Em seguida, a terceira, de *dez* elementos, que foi sucedida pela quarta, com *doze* elementos. A pronúncia de todo o nome compreende, portanto, *trinta* elementos e *quatro* combinações. Cada elemento tem suas próprias letras, seu caráter, pronúncia, agrupamento e semelhanças peculiares; mas nenhum deles percebe a forma daquilo de que é o elemento, nem entende a voz do seu vizinho; contudo, o som que cada um emite diz tudo |o possível| quanto ele julga ser bom chamar ao todo... E são estes sons que manifestam na forma o Æon Sem Existência e Não-Gerável; e são estas formas que se chamam os Anjos que perpetuamente contemplam a Face do Pai[5] |o Logos, o "Segundo Deus", que permanece próximo a Deus, o "Inconcebível", segundo Fillon|."[6]

É tão claro quanto o permitia o antigo segredo esotérico. É também cabalístico, conquanto menos velado que o *Zohar*, no qual os nomes ou atributos místicos são, igualmente, de quatro sílabas, tendo combinações de doze, de quarenta e duas e até de setenta e duas sílabas! A Tétrada

(5) Os "Sete Anjos da Face" dos Cristãos.
(6) *Philosophumena*, VI, 42.

mostra a Marcos a Verdade sob a forma de uma mulher desnuda, e designa por letras todos os membros da figura: AΩ à cabeça, Bψ ao pescoço, ΓX aos ombros e as mãos, etc. Aqui se reconhece facilmente a Sephira: a cabeça ou Coroa recebendo o número 1; o cérebro ou Chochmah, 2; o coração ou Inteligência, Binah, 3; e os outros sete Sephiroth representando os membros do corpo. A Árvore Sephirothal é o Universo, e Adão Kadmon o personifica no Ocidente, como Brahma o representa na Índia.

Em tudo isso, figuram os Dez *Sephiroth* como divididos em Três Superiores, ou a Tríade espiritual, e um Setenário inferior. A verdadeira significação esotérica do número sagrado Sete, apesar de habilmente velada no *Zohar*, se denuncia pela maneira dupla com que é escrita a expressão "No Princípio", ou *Berasheeth* e *Be-raishath*, correspondendo este último termo a "Sabedoria Elevada ou Superior". Conforme demonstrado por S. L. MacGregor Mathers [7] e Isaac Myer [8], com apoio em opiniões antigas as mais autorizadas, aquelas palavras têm um duplo significado secreto. *Braisheeth barah Elohim* significa que os *seis*, acima dos quais está o *sétimo* Sephira, pertencem à classe inferior e material, ou, como diz o autor: "Sete... ocupam-se da Criação Inferior, e Três do Homem Espiritual, o Protótipo Celeste ou Primeiro Adão".

Quando os teósofos e os ocultistas dizem que Deus não é nenhum Ser, porque é Nada, Não-Coisa, demonstram mais reverência, religiosidade e respeito para com a Divindade do que os que chamam a Deus *Ele*, convertendo-o deste modo em um Varão gigante.

Quem estudar a *Cabala* descobrirá logo a mesma idéia no pensamento último de seus autores, os primeiros e grandes Iniciados hebreus, que adquiriram esta Sabedoria Secreta na Babilônia, dos Hierofantes caldeus, assim como Moisés adquiriu a dele no Egito. O sistema do *Zohar* não pode ser julgado por suas traduções latinas e outras, já que todas as suas idéias foram alteradas para se adaptar às conveniências e ao sistema particular de seus manipuladores cristãos. As idéias originais são idênticas às de todos os demais sistemas religiosos. As diferentes cosmogonias mostram que a Alma Universal era considerada por todas as nações arcaicas como a Mente do Demiurgo Criador; e que era chamada a Mãe, Sofia ou a Sabedoria feminina, pelos gnósticos; Sephira pelos judeus; e Sarasvati ou Vâch pelos hindus; sendo também o Espírito Santo um princípio feminino.

É por isso que o Kurios ou Logos, dela nascido, era para os gregos o Deus, a Mente (Nous). "Koros (Kurios)... significa a natureza pura e sem mescla da Inteligência-Sabedoria" — diz Platão no *Cratylus* [9]; e Kurios é Mercúrio (Mercurius, Mar-Kurios), a Sabedoria Divina, e "Mercúrio é Sol" (o Sol) [10], de quem Thot-Hermes recebeu esta Sabedoria Divina. Assim, embora os Logos de todos os países e religiões sejam corre-

(7) *The Kabbalah Unveiled*, 47.
(8) *Qabbalah*, 235.
(9) P. 79.
(10) Arnóbio, VI, XII.

lativos, em seus aspectos sexuais, com a Alma feminina do Mundo ou o Grande Abismo, a Divindade, da qual promanam estes Dois em Um, está sempre oculta e é chamada o Uno Oculto, só indiretamente relacionado com a "Criação" [11]; porque não pode atuar senão por meio da Força Dual que emana da Essência Eterna.

O próprio Esculápio, cognominado o "Salvador de todos", é idêntico, segundo os clássicos antigos, ao Phta egípcio, a Inteligência Criadora ou Sabedoria Divina, e a Apolo, Baal, Adonis e Hércules [12]; e Phta, em um de seus aspectos, é a Anima Mundi Universal de Platão, o Espírito Divino dos egípcios, o "Espírito Santo" dos primeiros cristãos e gnósticos, o Akâsha dos hindus e até, em seu aspecto inferior, a Luz Astral. Porque Phta era originariamente o Deus dos Mortos, aquele em cujo seio eram estes recebidos; *donde o Limbo dos cristãos gregos ou a Luz Astral. Foi muito* mais tarde que Phta foi classificado entre os Deuses do Sol; significando o seu nome "aquele que abre", por ser representado como o primeiro que tira o véu do rosto da múmia, e a chamar a alma para ir *viver em seu seio.*[13] Kneph, o Eterno Não Revelado, é representado pela serpente, emblema da eternidade, enroscada em torno de um vaso cheio de água, com a cabeça movendo-se por cima das "Águas", que ela fecunda com o seu sopro: outra forma da mesma idéia original das "Trevas", com o seu Raio a mover-se sobre as Águas, etc. Como Logos-Alma, esta *permutação* é chamada Phta; como Logos-Criador, converte-se em Imhotep, seu Filho, "o Deus de rosto formoso". Em seus caracteres primitivos, esses dois foram a primeira Dualidade Cósmica: Nut, o Espaço ou "Firmamento", e Nun, as "Águas Primordiais", a Unidade Andrógina, sobre a qual estava o Sopro Oculto de Kneph. E a todos eles eram consagrados os animais e plantas aquáticas, o íbis, o cisne, o ganso, o crocodilo e o lótus.

Voltando à Divindade cabalística, esta Unidade Oculta é, pois, Ain-Soph (אין סדף, τὸ πάν, τὸ ἄπειρον), Sem Fim, Sem Limites, Não Existente (אוך) enquanto o Absoluto se ache dentro de Oulom [14], o Tempo Ilimitado e Sem Fim; como tal, Ain-Soph não pode ser o Criador nem sequer o modelador do Universo, nem tampouco Aur (a Luz). Por conseguinte, Ain-Soph é também as Trevas. O Infinito *imutável*, o Ilimitado *absoluto*, não pode querer, pensar ou atuar. Para fazê-lo, deve converter-se em Finito; e o faz por meio de seu Raio, que penetra no Ovo do Mundo ou Espaço Infinito e dele sai como Deus Finito. Mas isto é função do Raio, que está latente no Uno. Quando chega o momento, a Vontade Absoluta dilata naturalmente a Força que nela está, de conformidade com a Lei,

---

(11) Usamos este termo porque é o geralmente aceito e consagrado, sendo portanto de mais fácil compreensão para o leitor.

(12) Veja-se Dunlap, *Sód: the Mysteries of Adoni*, p. 23.

(13) Veja-se *Bulaq Museum*, de Maspero.

(14) Entre os antigos judeus, conforme provou Le Clerc, a palavra Oulom significava tão só um período de tempo cujo princípio e fim não eram conhecidos. A palavra "Eternidade", propriamente dita, não existia na língua hebraica com o significado, por exemplo, que os vedantinos atribuem a Parabrahman.

da qual é a Essência *interna* e *última*. Os *hebreus não adotaram* o Ovo como símbolo, mas o substituíram pelos "Céus Duplicados"; pois, traduzida corretamente, a frase "Deus criou os céus e a terra" seria: "Dentro e fora de sua própria essência, Deus criou os dois céus, como uma Matriz (o Ovo do Mundo)". Os Cristãos, porém, elegeram como símbolo de seu Espírito Santo a pomba, o pássaro, não o ovo.

"Quem quer que chegue a conhecer o Hud, ( ) a Mercabah e o Lahgash (*linguagem* secreta ou encantamento), aprenderá o segredo dos segredos". A significação de Lahgash é quase idêntica à de Vâch, o poder oculto dos Mantras.

Ao chegar o período de atividade, Sephira, o Poder ativo, chamado o Ponto Primordial e a Coroa, Kether surge de dentro da Essência Eterna de Ain-Soph. Só por seu intermédio podia a "Sabedoria Ilimitada" dar uma forma concreta ao Pensamento Abstrato. Dois lados do Triângulo Superior, o lado direito e a base, que simbolizam a Essência Inefável e seu corpo manifestado, o Universo, são compostos de linhas não interrompidas; o terceiro lado, o esquerdo, é uma linha pontilhada. É por meio desta última que emerge o Sephira. Estendendo-se em todas as direções, rodeia finalmente todo o Triângulo. Nesta emanação se forma a tríplice Tríade. Do Rocio invisível que cai da Uni-Tríade, a "Cabeça" — assim deixando somente 7 *Sephiroth* —, Sephira *cria* as Águas Primordiais, ou, por outras palavras, o Caos toma forma. É o primeiro passo para a solidificação do Espírito que depois de modificações diversas, produz a Terra. "*Há necessidade de Água e Terra para fazer uma Alma Vivente*", diz Moisés. Faz-se mister a imagem de uma ave aquática para associá-la com a Água, o elemento feminino da procriação, com o ovo e a ave que o fecunda.

Quando Sephira surge como um poder ativo de dentro da Divindade Latente, é feminino; quando assume o papel de Criador, é masculino; e daí o seu caráter andrógino. É "o Pai e a Mãe Aditi" da Cosmogonia hindu e da Doutrina Secreta. Se se houvessem conservado os mais antigos pergaminhos hebreus, os que hoje rendem culto a Jeová veriam que os símbolos do "Deus Criador" eram múltiplos e grosseiros. A rã na lua, emblema do seu caráter gerador, era o mais freqüente. Todas as aves e animais, que a *Bíblia* classifica de "impuros", foram símbolos da Divindade naqueles tempos vetustos. Porque fossem demasiado sagrados, punha-se-lhes a máscara de impuros a fim de protegê-los da destruição. Não é a serpente de bronze mais poética que o cisne ou o ganso, se temos que tomar à letra os símbolos.

Conforme as palavras do *Zohar*:

"O Ponto Indivisível, que não tem limites e que não pode ser compreendido por causa de sua pureza e do seu resplendor, dilatou-se *exteriormente*, produzindo um fulgor que lhe servia de Véu; mas também [este último] *não podia ser contemplado* por causa de sua Luz incomensurável. E [o Véu] igualmente se dilatou *exteriormente*, e esta expansão formou a sua vestimenta. Assim, por meio de uma constante *palpitação* [movimento], o mundo veio finalmente a ter existência." [15]

(15) *Zohar*, parte I, fol. 20 *a*.

A Substância Espiritual lançada pela Luz Infinita é o Primeiro Sephira ou Shekinah. *Exotericamente*, Sephira contém em si todos os outros nove Sephiroth; *esotericamente*, só contém dois, Chokmah ou Sabedoria, "potência masculina *ativa*, cujo nome divino é Jah (יה)", e potência feminina passiva, representada pelo nome divino de Jeová (יהוה). Estas duas potências formam som Sephira a terceira, a Trindade judaica ou a Coroa, Kether.

Os dois Sephiroth, chamados Abba, Pai, e Amona, Mãe, são a Dualidade ou o Logos bissexual, de que saíram os outros sete Sephiroth. De igual modo, a primeira Tríade judaica, Sephira, Chokmah e Binah, é a Trimurti hindu.[16] Posto que veladas no *Zohar*, e mais ainda no Panteão hindu, todas as particularidades relacionadas com um se encontram no outro. Os Prajâpatis são os Sephiroth. Sendo dez em Brahma, ficam reduzidos a sete quando a Trimurti, ou Tríade cabalística, se separa do resto. Os sete Construtores ou "Criadores" se convertem nos sete Prajâpatis, ou sete Rishis, na mesma ordem em que os Sephiroth se convertem nos Criadores, depois nos Patriarcas, etc. Em ambos os Sistemas Secretos, a Essência Una Universal é incompreensível e inativa em seu Estado Absoluto, e não pode ser associada à Construção do Universo senão de modo indireto. Em ambos, o Princípio primordial masculino feminino ou andrógino, e suas dez e suas sete Emanações — Brahma-Virâj e Aditi-Vâch, de um lado, e Elohim-Jehovah ou Adão-Adami (Adão Kadmon) e Sephira-Eva, de outro lado, com os seus Prajâpatis e Sephiroth — representam em sua *totalidade, em primeiro lugar*, o Homem Arquétipo, o Protólogo; e *só* em seu aspecto secundário é que se convertem em poderes cósmicos e em corpos astronômicos ou siderais. Se Aditi é a mãe dos Deuses, Deva-Mâtri, Eva é a mãe de tudo o que vive; ambas são o Shakti ou Poder Gerador, em seu aspecto feminino, do Homem Celeste, e ambas são criadoras complexas. Diz um Gupta Vidyâ Sûtra:

No Princípio, um Raio, saindo de Paramârthika (a Existência Verdadeira, uma e única), manifestou-se em Vyavahârika |a Existência condicional|, que foi usada como Vâhana para descer na Mãe Universal e fazê-la dilatar-se (encher-se).

E está escrito no *Zohar*:

"A Unidade Infinita, sem forma e sem símile, depois que foi criada a Forma do Homem Celeste, dela se utilizou. A Luz Desconhecida[17] |Trevas| usou a Forma Celeste (אדם עילאה, Adão Oilah) como um Carro (מרכבה Mercabah), para descer; e desejou ser chamada pelo nome dessa Forma, que é o nome sagrado de Jeová".

---

(16) No Panteão hindu, o Logos de dois sexos é Brahma, o Criador, cujos sete Filhos, "nascidos da Mente", são os Rishis primitivos, os Construtores.

(17) Rabbi Simeon diz: "Oh, companheiros, companheiros, o homem, como emanação, era ao mesmo tempo homem e mulher, tanto pelo lado do "Pai" como pelo lado da "Mãe". E este é o sentido das palavras: 'E Elohim disse: faça-se a luz, e a luz foi feita'... e este é o *homem dual*." (*Auszuge aus dem Sohar*, pp. 13-15). Assim, no *Gênesis* a Luz representava o Raio Andrógino ou o "Homem Celeste".

E ainda:

"No princípio, havia a Vontade do Rei, anterior a qualquer outra existência... Ela [a Vontade] esboçou as formas de todas as coisas que haviam estado ocultas, mas que agora apareciam. E, como um segredo escondido, saiu da cabeça de Ain-Soph uma centelha nebulosa de matéria, sem contornos nem forma... A Vida é atraída de baixo, e a fonte se renova em cima; o mar está sempre cheio, e estende suas águas por toda a parte."

A Divindade é, assim, comparada a um mar sem praias, à Água, que é "a fonte da Vida" [18]. "O sétimo palácio, a fonte da vida, é o primeiro na ordem, a contar de cima" [19]. Daí o primeiro cabalístico que vemos enunciado pela boca do cabalista Salomão, quando diz nos *Provérbios*: "A Sabedoria edificou a sua casa, já lavrou as suas *sete colunas*" [20].

De onde teria provindo toda essa identidade de pensamento, se não houvesse uma Revelação Primordial e Universal? Os pontos até aqui assinalados representam muito pouca coisa em comparação com o que se verá na continuação desta obra; não passam de algumas palhas retiradas de uma grande meda.

Se nos reportamos à mais obscura de todas as cosmogonias, a chinesa, lá encontramos também a mesma idéia. Tsi-Tsai, o Existente por Si Mesmo, são as Trevas Desconhecidas, a Raiz do Wuliang-sheu; a Idade Ilimitada. Amitâbha e Tien, o Céu, vêm depois. O "Grande Extremo" de Confúcio sugere a mesma idéia, apesar de suas "inconsistências". Estas últimas são motivo de grande divertimento para os missionários, que zombam de todas as religiões "pagãs", ao mesmo tempo que menosprezam e detestam as crenças de seus irmãos cristãos que pertencem a outros ritos, muito embora todos aceitem, *ao pé da letra*, o mesmo *Gênese*.

Se consideramos a cosmogonia caldéia, nela vemos Anu, a Divindade Oculta, o Uno, cujo nome, além do mais, indica sua origem sânscrita; pois Anu quer dizer Átomo em sânscrito, e Anîyâmsamaniyasâm (o menor dos menores) é um nome de Parabrahman na filosofia vedantina, em que se descreve Parabrahman como menor que o mais diminuto dos átomos, e maior que a maior das esferas ou universos: Anagrânîyas e Mahatoruvat. Nos primeiros versículos do *Gênese* acadiano, tal como foi descoberto nos textos cuneiformes sobre os ladrilhos babilônicos, ou Lacteres Coctiles, e segundo foi traduzido por George Smith, vemos a Anu, a Divindade Passiva ou Ain-Soph; Bel o Criador, o Espírito de Deus ou Sephira, movendo-se na Face das Águas, e, portanto, a própria Água; e a Hea, a Alma Universal ou a Sabedoria dos Três reunidos.

Eis como estão expressos os oito primeiros versículos:

1. Quando em cima ainda não existiam os céus;
2. e embaixo, na terra, nenhuma planta havia crescido;

(18) *Zoar*, III, 290.
(19) *Op. cit.*, II, 261.
(20) IX, 1.

3. o abismo não havia transposto seus limites.
4. O Caos |ou a Água| Tiamat (o mar) era a mãe produtora de todos eles. |São o Aditi e o Sephira Cósmicos.|
5. As águas foram, no princípio, ordenadas; mas
6. nem uma árvore havia crescido, nem uma flor havia desabrochado.
7. Quando nenhum dos Deuses havia surgido,
8. nenhuma planta crescia, e não existia a ordem [21].

Era a fase caótica ou antegenésica; o duplo Cisne, e o Cisne Negro, que se torna branco quando é criada a Luz [22].

O símbolo escolhido para o majestoso Ideal do Princípio Universal parecerá talvez pouco adequado para corresponder ao seu caráter sagrado. Um ganso, ou mesmo um cisne, poderá sem dúvida ser considerado como não estando à altura de representar a grandeza do Espírito. Não obstante, deve ter alguma significação profunda e oculta, pois não só figura em todas as cosmogonias e religiões do mundo, mas foi também escolhido pelos cristãos da Idade Média, os Cruzados, como Veículo do Espírito Santo, que, segundo a crença, conduzia o exército à Palestina para libertar o túmulo do Salvador das mãos dos sarracenos. Se devemos acreditar no que diz o Professor Draper em seu *Intelectual Development of Europe*, os Cruzados que Pedro o Eremita comandava eram precedidos, à frente do exército, pelo Espírito Santo sob a forma de um ganso em companhia de uma cabra. Seb, o Deus egípcio do Tempo, traz um ganso sobre a cabeça; Júpiter toma a forma de um cisne, como também o faz Brahma; e a raiz de tudo isso é aquele mistério dos mistérios, o Ovo do Mundo.

Há mister conhecer a razão de um símbolo antes de o malsinar. O duplo elemento de Ar e Água é o do íbis, do cisne, do ganso e do pelicano; o do crocodilo e da rã; o da flor do lótus e do nenúfar, etc. Daí a eleição de símbolos aparentemente os mais impróprios, pelos místicos de todos os tempos, antigos e modernos. Pan, o grande Deus da Natureza, era geralmente representado em companhia de aves aquáticas, especialmente de gansos, e o mesmo sucedia com outros Deuses. Se mais tarde, com a gradual degenerescência da religião, os Deuses, a quem se consagravam os gansos, foram transformados em divindades priápicas, não é isso razão para que as aves aquáticas fossem dedicadas a Pan e outros deuses fálicos, como pretenderam sustentar alguns espíritos mordazes, inclusive da antiguidade [23], significando tão somente que o poder abstrato e divino da Natureza Procriadora se havia antropomorfizado grosseiramente. Nem tampouco representa o cisne de Leda "atos priápicos com os quais ela se regozijava", como castamente o inculca o Sr. Hargrave Jennings; pois esse mito não é senão outra versão de mesma idéia filosófica da Cosmogonia. Vemos com

(21) *Chaldean Account of Gênesis*, 62-63.

(22) Os Sete Cisnes, que se acredita desceram do Céu no Lago Mânsarovara, representam, na imaginação popular, os Sete Rishis da Ursa Maior, que tomam aquela forma para visitar os sítios em que foram escritos os *Vedas*.

(23) Veja-se Petrônio, *Satyricon*, CXXXVI.

freqüência os cisnes associados a Apolo, por serem os emblemas da Água e do Fogo, e também da Luz do Sol, antes da separação dos Elementos.

Os simbologistas modernos teriam muito a ganhar se atentassem para algumas observações feitas por uma escritora bastante conhecida, a Sra. Lydia Maria Child, que diz:

"Há no Indostão um emblema a que se rende culto, desde tempos imemoriais, como o tipo da criação ou origem da vida... Shiva, ou o Mahâdeva, não somente é o reprodutor das formas humanas, mas também o princípio frutificador, o poder gerador que penetra o Universo. O emblema maternal é igualmente um distintivo religioso. Foi esse respeito à produção da vida, que introduziu no culto de Osíris os emblemas sexuais. Será de estranhar que considerassem com reverência o grande mistério do nascimento humano? Seriam eles, impuros porque assim pensavam, ou *nós* é que o somos por pensar de maneira diferente? Mas *nenhum homem inteligente e puro* poderia julgá-los daquele modo... Temos caminhado muito, e por sendas bastante impuras, desde o tempo em que aqueles antigos anacoretas falaram pela primeira vez de *Deus* e da alma nas profundidades solenes de seus primitivos santuários. Não devemos sorrir do seu modo de buscar a causa infinita e incompreensível através de todos os mistérios da Natureza, pois, assim fazendo, estaremos projetando a sombra de nossa própria grosseria sobre a sua simplicidade patriarcal." [24]

(24) *Progress of Religions Ideas*, I, 17 e seguintes.

SEÇÃO VI

O OVO DO MUNDO

DE ONDE provém este símbolo Universal?

O Ovo figurou como signo sagrado nas Cosmogonias de todos os povos da terra, e foi venerado tanto por causa de sua forma como pelo mistério que encerra. Desde as primeiras concepções mentais do homem, foi considerado o símbolo que melhor representava a origem e o segredo do Ser. O desenvolvimento imperceptível do germe dentro da casca, o trabalho interno que, sem a intervenção de nenhuma força externa aparente, de um *nada* produz *algo* ativo, sem para tanto necessitar de outra coisa além de calor; algo que, depois de evolucionar gradualmente em uma criatura viva e concreta, rompe a casca e aparece aos sentidos externos de todos como um ser gerado por si mesmo e por si mesmo criado; tudo isso tinha que ser, desde o começo, um milagre permanente.

O Ensinamento Secreto explica a razão daquela veneração pelo simbolismo das raças pré-históricas. No princípio, a "Causa Primeira" não tinha nome. Mais tarde, a fantasia dos pensadores a representou como uma ave, sempre invisível e misteriosa, que deixou cair um Ovo no Caos, Ovo que se converteu no Universo. Eis que Brahma foi chamado Kâlahamsa, o "Cisne no (Espaço e) no Tempo". Tornando-se o Cisne da Eternidade, Brahma pôs, no início de cada Mahâmanvantara, um Ovo de Ouro, que simboliza o grande Círculo, ou O, que por sua vez é o símbolo do Universo e de seus corpos esféricos.

A segunda razão pela qual foi o Ovo escolhido como a representação simbólica do Universo e de nossa Terra está na sua forma. É um Círculo e uma Esfera; e a forma ovóide do nosso Globo já devia ser conhecida desde quando surgiu o simbolismo, para que o signo do Ovo fosse, como foi, tão universalmente adotado. A primeira manifestação do Cosmos sob a forma de um Ovo era a crença mais difundida da antiguidade. Conforme nos mostra Bryant [1], era um símbolo usado entre os gregos, os sírios, os persas e os egípcios. No *Ritual* egípcio, menciona-se que Seb, o Deus do

(1) *An Analysis of Ancient Mythology*, volume III, p. 165.

Tempo e da Terra, pôs um Ovo, "concebido à hora do Grande Uno da Força Dual" [2].

Ra, tal como Brahma, é representado em gestação no Ovo do Universo. O Defunto "resplandece no Ovo do País dos Mistérios" [3], porque é "o Ovo a que se dá a Vida entre os Deuses" [4]. "É o Ovo da Grande Galinha choca, o Ovo de Seb, que dele sai sob o aspecto de um falcão" [5].

Entre os gregos, o Ovo Órfico é descrito por Aristófanes, e fazia parte dos Mistérios Dionisíacos e de outros, durante os quais era consagrado o Ovo do Mundo e explica a sua significação. Porfírio também no-lo mostra como uma representação do mundo: "Ερμηνεύει δὲ τὸ ὠόν τὸν κόσμον". Faber e Bryant tentaram demonstrar que o Ovo simboliza a Arca de Noé, o que seria uma crença extravagante, a menos que esta Arca fosse também aceita como puramente simbólica e alegórica. Só como sinônimo da Lua, o Argha que leva a semente universal da vida, podia o Ovo representar a Arca; mas certamente não tinha relação alguma com a Arca da *Bíblia*. Seja como for, era geral a crença de que o Universo existia, no princípio, sob a forma de um Ovo. E, como diz Wilson,

"Todos os *Purânas* referem uma versão semelhante, quanto à primeira agregação dos Elementos em forma de um Ovo, com o epíteto usual de Haima ou Hiranya 'de ouro', vê no *Manu*, I, 9" [6].

Hiranya, porém, quer dizer "resplandecente", "brilhante", e não "de ouro", conforme provou o insigne letrado hindu Swami Dayanand Sarasvati, em suas polêmicas, inéditas, com o Professor Max Muller. Está escrito no *Vishnu Purâna*:

"A Inteligência |Mahat|..., inclusive os Elementos grosseiros |não manifestados|, formou um Ovo... e o Senhor do Universo, ele próprio, habilitou sob o aspecto de Brahma. Neste Ovo, ó Brâmane, estavam os continentes, os mares e as montanhas, os planetas e as divisões dos planetas, os deuses, os demônios e a humanidade" [7].

Na Grécia, como na Índia, o primeiro Ser masculino visível, que reunia em si mesmo a natureza dos dois sexos, habitou o Ovo e dele saiu. O "Primogênito do Mundo", segundo alguns gregos, foi Dioniso, o Deus que surgiu do Ovo do Mundo e de que provêm os Mortais e os Imortais. O Deus Ra, no *Livro dos Mortos*, aparece resplandecente em seu Ovo (o Sol), e empreende a sua marcha logo que o Deus Shu (a Energia Solar) o desperta e lhe dá impulso [8]. "Ele está no Ovo Solar, o Ovo a que se dá a Vida entre os Deuses" [9]. O Deus Solar exclama: "Eu sou a Alma

(2) *Book of the Dead*, cap. IV, 3.
(3) *Op. cit.*, cap. XXII, 1.
(4) *Ibid.*, cap. XLII, 13.
(5) Cap. LIV, I, 2; cap. LXXVII, 1.
(6) *Vishnu Purâna*, I, 39 (nota).
(7) *Op. cit.*, p. 39-40.
(8) *Livro dos Mortos*, cap. XVII, 50-51.
(9) *Op. cit.*, cap. XLII, 13.

Criadora do Abismo Celeste. Ninguém vê o meu Ninho, ninguém pode romper o meu Ovo; eu sou o Senhor!" [10]

Considerando essa forma circular, o "|" saindo do O ou Ovo, ou o macho da fêmea no andrógino, é estranho que um erudito venha dizer, sob o fundamento de não existir nenhum vestígio nos manuscritos hindus de maior vetustez, que os antigos arianos desconheciam a notação decimal. O 10, sendo o número sagrado do Universo, era secreto e esotérico, tanto em relação à unidade quanto ao zero, o Círculo.

Diz o Professor Max Muller que "as duas palavras *cipher* e *zero*, que são a mesma coisa, bastam para provar que os nossos algarismos vieram dos árabes" [11]. *Cipher* é o *cifron* árabe, e significa "vazio", tradução do sânscrito *sunyan*, "nada" — acrescenta o citado Professor [12]. Os árabes tomaram seus números do Indostão, e nunca pretenderam havê-los inventado. Quanto aos pitagóricos, só nos cabe reportar-nos aos antigos manuscritos do tratado de Boécio, *De Arithmetica*, composto no século VI, para vermos entre os números pitagóricos o "1" e o "0" como primeiro e último algarismos [13]. E Porfírio, citando o pitagórico Moderatus [14], diz que a numeração de Pitágoras consistia em "símbolos hieroglíficos, por meio dos quais ele explicava as idéias concernentes à natureza das coisas" ou a origem do Universo.

Ora, se, por um lado, os manuscritos mais antigos da Índia não mostram traço algum de notação decimal, e Max Muller afirma categoricamente que até agora só encontrou nove letras, iniciais dos números sânscritos; por outro lado, dispomos nós de anais, tão antigos como aqueles, que podem fornecer as provas reclamadas. Queremos referir-nos às esculturas e imagens sagradas que se encontram nos templos mais antigos do longínquo Oriente. Da Índia foi que Pitágoras adquiriu o seu conhecimento; e vemos que o Professor Max Muller endossa esta afirmação, pelo menos até o ponto de admitir que os neopitagóricos foram os primeiros a ensinar a arte do "cálculo" entre os gregos e os romanos, que, em Alexandria ou na Síria, eles tomaram conhecimento dos algarismos indianos, e os adaptaram ao Ábaco pitagórico. Nessa cautelosa admissão está implícito que Pitágoras só conhecia *nove* algarismos. Poderíamos, assim, responder que, ainda quando nos faltassem provas exotéricas de que Pitágoras — que viveu nos últimos anos da idade arcaica [15] — estava a par da notação decimal, temos suficientes testemunhos de que a série completa dos algarismos, tal como no-la deu Boécio, já era conhecida de Pitágoras antes da

(10) *Ibid.*, cap. LXXX, 9.

(11) Veja-se "Our Figures", de Max Muller.

(12) Para um cabalista seria muito mais plausível que, assim como o *cifron* árabe tem sua raiz no *sunyan hindu*, do mesmo modo os Sephiroth cabalísticos dos judeus (*Sephrim*) provieram da palavra *cipher*, não no sentido de vazio, mas no de criação por meio do número e dos graus de evolução. E os Sephiroth são 10 ou ⌀.

(13) Veja-se: *Gnostics and their Remains*, 370 (2.ª edição), de King.

(14) De *Vita Pythag.*

(15) Admite-se que a data do seu nascimento é o ano de 608 antes de Cristo.

fundação de Alexandria [16]. Vemos essas provas em Aristóteles, quando diz que "alguns filósofos entendem que as idéias e os números têm a mesma natureza, e que são *dez* ao todo" [17]. Cremos que isso basta para demonstrar que a notação decimal já era conhecida desses filósofos, pelo menos quatro séculos antes de Cristo, pois Aristóteles não parece tratar o assunto como uma inovação dos neopitagóricos.

Mas nós ainda sabemos mais: *sabemos* que a humanidade dos primeiros tempos arcaicos deve ter usado o sistema decimal, pois que toda a parte astronômica e geométrica da língua sacerdotal secreta estava baseada no número 10, ou a combinação dos princípios masculino e feminino; e que a chamada pirâmide de "Cheops" foi construída de acordo com medidas pertencentes a essa notação decimal, ou melhor, baseada nos dígitos e suas combinações com o *zero*. A esse respeito já nos estendemos bastante em *Ísis sem Véu*, sendo inútil a repetição.

O simbolismo das Divindades lunares e solares se acha de tal modo entrelaçado que é quase impossível separar os signos de umas e outras, como o Ovo, o Lótus e os Animais "Sagrados". A Íbis, por exemplo, era objeto de grande veneração no Egito. Estava consagrada a Ísis, representada muitas vezes com a cabeça desse pássaro; e também o estava a Mercúrio ou Thoth, que se diz haver tomado sua forma quando escapou de Tífon. Havia duas espécies de Íbis no Egito — conta Heródoto [18] —: uma *inteiramente negra*, e a outra preta e branca. Dizia-se que a primeira combatia e exterminava as serpentes aladas que vinham da Arábia na primavera e infestavam o país. A outra estava consagrada à Lua, porque este astro é branco e brilhante em seu lado externo, e negro e escuro do lado que nunca mostra à Terra. Demais, a íbis mata as serpentes da terra e destrói quantidades imensas de ovos de crocodilo, salvando assim o Egito do perigo de ter o Nilo completamente infestado por esses horríveis sáurios. Pretende-se que o pássaro executa sua tarefa sob a claridade da Lua, sendo assim ajudado por Ísis, cujo símbolo sideral é a Lua. Mas a verdade esotérica, que se esconde por trás desses mitos populares, é que Hermes, conforme a explicação de Abenephius [19], velava sobre os egípcios sob a forma daquele pássaro, e lhes ensinava as artes e ciências ocultas. Quer isso dizer que a *Íbis religiosa* tinha, e tem, propriedades mágicas, como muitas outras aves, sobretudo o albatroz e o cisne branco simbólico, o Cisne da Eternidade ou do Tempo, o Kâlahansa.

Se assim não fosse, por que aquele temor supersticioso dos antigos, que não eram mais tolos do que nós, de matar certas aves?

No Egito, quem matasse um íbis, ou um falcão dourado, símbolo do Sol e de Osíris, arriscava-se à morte e dificilmente podia escapar. A veneração de alguns povos para com as aves era tal que Zoroastro, em seus preceitos, proíbe a destruição delas, que considera um crime hediondo.

(16) Ou seja, 332 anos antes de Cristo.
(17) *Metafísica*, VII, F.
(18) *Euterpe*, 75-76.
(19) *De Cultu Egypt.*

Hoje, toda espécie de adivinhação nos causa riso. No entanto, houve gerações e gerações que acreditavam na adivinhação por meio das aves, e até na Zoomancia, introduzida, ao que diz Suidas, por Orfeu, que ensinou a ler, sob certas condições, na gema e na clara de um ovo, o que a ave por nascer iria presenciar em sua curta existência. Essa arte oculta, que há 3 000 anos exigia o mais profundo saber e os mais complexos cálculos matemáticos, caiu agora no abismo da degradação; e hoje em dia são as velhas cozinheiras e as profissionais da *buena-dicha* que lêem o futuro, para as empregadas que procuram marido, na clara de um ovo dentro de um copo.

Mas os próprios cristãos têm, ainda hoje, as suas aves sagradas; por exemplo, a Pomba, símbolo do Espírito Santo. Nem tampouco esqueceram os animais sagrados; e a zoolatria evangélica, com o seu Touro, a sua Águia, o seu Leão, o seu Anjo (que não é senão o Querubim ou Serafim, a Serpente de Fogo alada), é tão pagã como a dos egípcios ou a dos caldeus. Esses quatro animais, em verdade, são os símbolos dos quatro elementos e dos quatro princípios *inferiores* do homem. Correspondem também, física ou materialmente, às quatro constelações que formam, por assim dizer, o *séquito* ou *cortejo* do Deus *Solar*, e que, durante o solstício de inverno, ocupam os quatro pontos cardiais do círculo zodiacal. Podem-se ver os quatro "animais" em muitas edições do *Novo Testamento* dos católicos romanos, nas quais há os "retratos" dos Evangelistas. São os animais do Mercabah de Ezequiel. Como bem o diz Ragon:

"Os antigos Hierofantes combinaram tão habilmente os dogmas e símbolos de suas filosofias religiosas, que não é possível explicá-los de maneira cabal e satisfatória senão mediante o emprego e o conhecimento de *todas* as chaves".

Só *aproximadamente* podem ser interpretados, ainda quando se cheguem a descobrir três dos sete sistemas, a saber: o antropológico, o psíquico e o astronômico. As duas principais interpretações, a mais elevada e a inferior, a espiritual e a fisiológica, foram conservadas no maior sigilo, até que a última caiu no domínio dos profanos. Aludimos aos Hierofantes pré-históricos, para os quais aquilo que hoje se converteu em puramente (ou impuramente) fálico era uma ciência tão profunda e tão misteriosa quanto a fisiologia e a biologia de nossos dias. Era propriedade exclusiva deles, o fruto de seus estudos e de suas descobertas. As duas outras interpretações eram as que tratavam dos Deuses Criadores, ou da Teogonia, e do homem criador; isto é, dos Mistérios ideais e práticos. Tais interpretações foram tão engenhosamente veladas e combinadas entre si, que numerosos eram os que, tendo descoberto um dos significados, não conseguiram decifrar os outros ou compreendê-los o suficiente para que pudessem cometer indiscrições perigosas. As mais elevadas, a primeira e a quarta — a Teogonia em suas relações com a Antropologia —, eram de quase impossível penetração. Disso temos a prova na "Escritura Sagrada" dos judeus.

Por ser ovípara é que a Serpente se tornou o símbolo da Sabedoria e o emblema do Logos ou dos Nascidos por Si Mesmos. No templo de

Philae, no alto Egito, preparava-se um ovo, artificialmente, de argila misturada com incensos diversos. Era o ovo incubado por um processo especial, dele saindo uma cerasta ou víbora de chifres. Outrotanto se fazia antigamente nos templos da Índia, em relação à cobra. O Deus Criador emerge do ovo que sai da boca de Kneph, sob a forma de uma Serpente alada; pois a Serpente é o símbolo da Sabedoria Integral. Entre os hebreus, a mesma Divindade é simbolizada pelas "Serpentes de Fogo" ou Voadoras de Moisés, no deserto; e entre os místicos de Alexandria vem a ser o Orphio-Christos, o Logos dos gnósticos. Os protestantes tentam provar que a alegoria da Serpente de Bronze e das Serpentes de Fogo têm relação direta com o mistério do Cristo e da Crucificação, quando, em verdade, tem *muito mais relação com o mistério da geração, se não associada ao Ovo* com o Germe Central ou ao *Círculo com o seu Ponto Central*. Os teólogos protestantes querem que aceitemos a sua interpretação *só* porque a Serpente de Bronze estava içada em um mastro! Mas isto se referia antes ao Ovo egípcio de pé sobre o sagrado Tau, porquanto o Ovo e a Serpente são inseparáveis no culto e na simbologia antiga do Egito, e tanto as Serpentes de Bronze como as Serpentes de Fogo eram Seraphs, os Mensageiros "Ígneos" ou os Deuses-Serpentes, os Nâgas da Índia. Sem o Ovo, a alegoria tinha um sentido puramente fálico; mas, com a Serpente associada ao Ovo, o símbolo referia-se à criação cósmica. A Serpente de Bronze não possuía a significação sagrada que os protestantes lhe querem emprestar; nem era realmente glorificada com preferência às Serpentes de Fogo, *para cuja mordedura não passava de um remédio natural* — sendo o sentido simbólico da palavra "Bronze" o princípio feminino, e o de "Fogo" ou "Ouro" o princípio masculino.

"O Bronze era um metal que simbolizava o *mundo* inferior... o da matriz em que se devia produzir a vida... A palavra em hebreu para a serpente era *Nachash*, mas esta significa também *bronze*."

Está dito no *Livro dos Números* que os judeus se queixavam do deserto, *onde não havia água*[20]; pelo que "mandou o Senhor serpentes de fogo" para que os mordessem, e, em seguida, querendo agradar a Moisés, lhe deu como remédio a Serpente de Bronze sobre um mastro, a fim de que a contemplassem; e então "todo aquele que olhasse a serpente de bronze... *viveria*" (?). Depois, "o Senhor", reunindo o povo junto ao poço de Beer, lhe deu água, e o povo de Israel, agradecido, entoou esta canção: "Sobe, ó poço!"[21]

Quando o leitor cristão, depois de estudar o simbolismo, começar a entender o significado interno destes três símbolos, a Água, o Bronze e a Serpente, e de alguns mais, *no sentido que lhes dá a Santa Bíblia*, não lhe aprazerá relacionar o nome sagrado de seu Calvador com o incidente da Serpente de Bronze. Os Serafins (שרפים) ou Serpentes de Fogo aladas estão sem dúvida inseparavelmente associados à idéia da "Serpente da

(20) XXI, 5 e segs.
(21) *Ibid.*, 16-17.

Eternidade, Deus", como o explica o *Apocalipse* de Kenealy; mas a palavra Querube significa também Serpente em certo sentido, embora fosse diferente o seu sentido corrente, pois os Querubins[22] e os Grifos Alados dos persas (Γρύπεʃ), os guardiães da Montanha de Ouro, são uma e a mesma coisa; e a composição do nome dos primeiros explica o seu caráter, formado que é de *Kr* (כר), círculo, e *aub* ou *ob* (אוב), serpente, significando, portanto, uma "serpente num círculo". Mostra isso o caráter fálico da Serpente de Bronze, e justifica que Ezequiel a tivesse destruído.[23] *Verbum satis sapienti!*

No *Livro dos Mortos*, como já dissemos, alude-se freqüentemente ao Ovo.[24] Ra, o Poderoso, permanece em seu Ovo durante a luta entre os "Filhos da Rebelião" e Shu, a Energia Solas e o Dragão das Trevas. O Defunto resplandece em seu Ovo quando no País do Mistério. É o Ovo de Seb. O Ovo era o símbolo da Vida na Imortalidade e na Eternidade, e também o signo da matriz geradora; ao passo que o Tau, que lhe estava associado, era só o símbolo da vida e do nascimento na *geração*. O Ovo do Mundo estava colocado em Khum, a Água do Espaço ou o Princípio feminino *abstrato*; convertendo-se Khum, com a "queda" da humanidade na geração e no falicismo, em Ammon, o Deus Criador. Quando Ptah, o "Deus Flamígero", leva na mãe o Ovo do Mundo, então o simbolismo vem a ser inteiramente terrestre e concreto em sua significação. Com o Falcão, signo de Osíris-Sol, o símbolo é dual, referindo-se a ambas as Vidas: a mortal e a imortal. A gravura de um papiro no *Œdipus Egyptiacus*[25] de Kircher mostra um ovo flutuando sobre a múmia. É o símbolo da esperança e a promessa de um Segundo Nascimento para o Morto Osirificado; sua Alma, após a devida purificação no Amenti, cumprirá seu período de gestação nesse Ovo da Imortalidade, para dele renascer em uma nova vida sobre a terra. Esse Ovo é, segundo a Doutrina Esotérica, o Devachan, a mansão da Felicidade. O Escaravelho alado é outro símbolo de idêntica significação. O Globo Alado não é senão uma forma do Ovo, com o mesmo significado do Escaravelho, o Khopiru — da raiz *khopru*, vir a ser, renascer —, que se relaciona com o renascimento do homem e com sua regeneração espiritual.

Na *Teogonia* de Mochus, vemos primeiramente o Æther, depois o Ar, os dois princípios segundo os quais Ulom, a Divindade Inteligível (Νοητόʃ), o Universo visível da Matéria, nasceu do Ovo do Mundo.[26]

Nos *Hinos Órficos*, Eros-Phanes surge do Ovo Divino, que se impregnam dos Ventos Æthéreos, sendo o Vento o "Espírito de Deus", ou melhor, o "Espírito das Trevas Desconhecidas" — a Idéia Divina de Platão —, que se diz mover-se no Éter.[27]

---

(22) Kerubim.
(23) II *Reis*, XVIII, 4.
(24) *Supra*, p. 120-1.
(25) Vol. III, 124.
(26) Movers, *Phoinizer*, 282.
(27) Veja-se *Isis sem Véu*, p. 56 do Vol. I.

No *Katha Upanishad* hindu, Purusha, o Espírito Divino, já está presente ante a Matéria Original, e "dessa união surge a Grande Alma do Mundo", Mâhâ-Atmâ, Brahma, o Espírito de Vida [28], etc.; estes últimos nomes são todos idênticos à Anima Mundi ou "Alma Universal", a Luz Astral dos cabalistas e dos oculistas, ou o "Ovo das Trevas". Há ainda muitas alegorias encantadoras sobre o mesmo assunto, esparsas nos Livros Sagrados dos brâmanes. Em uma delas, o criador feminino é primeiro um germe, depois uma gota de orvalho celeste, uma pérola e finalmente um ovo. Em tais casos, demasiado numerosos para que possam ser especificados separadamente, o Ovo dá nascimento aos quatro elementos dentro do quinto, o Æther, e está coberto por sete envoltórios, que mais tarde se convertem em sete mundos superiores e sete inferiores. A casca partindo-se em duas, forma o Céu, e o conteúdo a Terra, sendo a clara as Águas Terrestres. Então Vishnu sai do Ovo, com um lótus na mão. Vinatâ, filha de Daksha e esposa de Kashyapa, "o nascido de si mesmo, que surgiu do Tempo", um dos sete "Criadores" do nosso Mundo, produz um Ovo, e deste nasce Garuda, o Veículo de Vishnu. A última alegoria refere-se à nossa Terra, pois Garuda é o Grande Ciclo.

O Ovo era consagrado a Ísis, e por isto os sacerdotes do Egito jamais comiam ovos.

Ísis é quase sempre representada com um Lótus numa das mãos, e na outra um Círculo e uma Cruz (*cruz ansata*).

Deodoro de Sicília diz que Osíris nasceu de um Ovo, da mesma forma que Brahma. Do Ovo de Leda nasceram Apolo e Latona, e também Castor e Pólux, os Gêmeos resplandecentes. E, embora os budistas não atribuam a mesma origem ao seu fundador, também eles, tal como os antigos egípcios e os modernos brâmanes, não comem ovos, para não destruir o germe de vida que neles se acha latente, evitando assim cometer um pecado. Os chineses acreditam que o seu Primeiro homem nasceu de um Ovo, que Tien deixou cair do Céu nas águas da Terra [29]. Este ovo-símbolo é ainda considerado por alguns como representando a idéia da origem da vida, o que é uma verdade científica, se bem que o *ovum* humano seja invisível à simples vista. Daí a razão por que, desde os tempos mais remotos, era o símbolo reverenciado pelos gregos, fenícios, romanos, japoneses e siameses, assim como pelas tribos da América do Norte e do Sul, e até pelos selvagens das ilhas mais longínquas.

Entre os egípcios, o Deus oculto era Amon, ou Mon, o "Oculto", o Espírito Supremo. Todos os seus Deuses eram *duais* — a *Realidade* científica para o santuário; seu duplo, a Entidade fabulosa e mítica, para as massas. Por exemplo, como já assinalamos na Seção "Chaos, Theos, Kosmos", Hórus o Maior era a Idéia do Mundo ainda na mente do Demiurgo,

(28) Weber, *Akad-Vorles*, 213 e segs.

(29) Os chineses parece, assim, que se anteciparam à teoria de Sir William Thomson, de que o primeiro germe de vida sobre a Terra havia caído de algum cometa errante. Uma pergunta: por que considerar *científica* a idéia européia, e supersticiosa e tola a idéia chinesa?

"nascido nas trevas antes da Criação do Mundo"; o Segundo Hórus representava a mesma Idéia saindo do Logos, revestindo-se de matéria e assumindo existência real [30]. Hórus, "o Maior", ou Haroiri, é um aspecto antigo do Deus Solar, contemporâneo de Ra e de Shu. Confunde-se freqüentemente Haroiri com Hor (Horsusi), Filho de Osíris e de Ísis. Os egípcios representam muitas vezes o Sol nascente sob a figura de Hor, o Maior, saindo de um lótus inteiramente desabrochado, o Universo; vendo-se sempre o disco solar sobre a cabeça de falcão daquele Deus. Haroiri é Khnum. O mesmo sucede com Khnum e Amon; ambos são representados com cabeça de carneiro, e amiúde se confundem, conquanto sejam diferentes os seus atributos. Khnum é o "modelador de homens", formando os homens e as coisas do Ovo do Mundo em uma roda de oleiro; Amon Ra, o Gerador, é o Aspecto secundário da Divindade Oculta. Khnum era adorado em Elefantina e Philæ [31], e Amon em Tebas. Mas é Emepht, o Princípio Uno Supremo Planetário que faz brotar o Ovo de sua boca, sendo, portanto, Brahma. A Sombra da Divindade Cósmica e Universal, daquele que incuba o Ovo e o impregna com o seu Espírito Vivificador, até que o germe nele contido esteja maduro, era o Deus do Mistério, cujo nome não se podia pronunciar. Entretanto, Ptah é "aquele que abre" a Vida e a Morte [32], o que emerge do Ovo do Mundo para começar sua dupla tarefa [33].

Segundo os gregos, a forma espectral dos Chemis (Chemi, e Egito antigo), que flutua sobre as Ondas Etéreas da Esfera Empírea, foi chamada à existência por Hórus-Apolo, o Sol-Deus, que a fez surgir do Ovo do Mundo.

O *Brahmânda Purâna* contém todo o mistério sobre o Ovo Áureo de Brahma; e é por isso talvez que esse *Purâna* não é acessível aos orientalistas, segundo os quais "já não se pode obtê-los em seu corpo coletivo", mas "está representado por uma variedade de Khandas e Mâhâtmyas que se pretende derivarem dele". Do *Brahmânda Purâna* se diz que "descreve em 12 200 versos a magnificência do Ovo de Brahma, e contém uma relação dos Kalpas futuros, revelada por Brahma" [34]. Assim é, e mais ainda talvez.

Na Cosmogonia escandinava, que o Professor Max Muller considera "muito anterior aos *Vedas*", no poema de Woluspa, o Canto da Profetisa, voltamos a encontrar o Ovo do Mundo no Germe-Fantasma do Universo, que é representado como jacente ao Ginnungagap, a Taça da Ilusão, Mâyâ, o Abismo Ilimitado e Vazio. Nesta Matriz do Mundo, antes região de trevas e desolação, Nefelheim, o lugar da Névoa (a *Nebulosa*, como hoje

(30) Veja-se *Phoinizer*, de Movers, p. 268.

(31) Suas Deusas triádicas são Sati e Anouki.

(32) Ptah era originariamente o Deus da Morte, da Destruição, como Shiva. E é um Deus Solar tão somente em virtude do fogo do Sol, que ao mesmo tempo mata e vivifica. Era o Deus nacional de Mênfis, o Deus radiante e de "imaculada face". (Vejam-se os Bronzes de Saqquarah, da Época Saíta.)

(33) *Livro dos Números.*

(34) Wilson, *Vishnu Purâna*, I, Pref., pp. LXXXIV-V.

se diz), na Luz Astral, caiu um *Raio de Luz Fria*, que fez transbordar a taça, e aí se congelou. O Invisível fez soprar um Vento ardente, que fundiu as Águas congeladas e dissipou a Névoa. As Águas (o Caos), chamadas as Correntes de Eliwagar, destilando em gota vivificantes, caíram e criaram a Terra e o Gigante Ymir, que só tinha "a aparência de homem" (o Homem Celeste), e a Vaca Audumla ("a Mãe", a Luz Astral ou Alma Cósmica), de cujas tetas fluíram *quatro* torrentes de leite — os quatro pontos cardiais, os quatro mananciais dos quatro rios do Éden, etc.; "quatro" que estão simbolizados pelo Cubo em todos os seus múltiplos significados místicos.

Os cristãos (especialmente os das Igrejas latina e grega) perfilharam integralmente o símbolo, e vêem nele uma evocação da vida eterna, da salvação e da ressurreição. Há uma confirmação disso no costume tradicional de se presentearem "Ovos da Páscoa". Desde o Anguinum, o "Ovo" do Drúida Pagão, cujo nome por si só fazia Roma tremer de medo, até o Ovo da Páscoa vermelho do camponês eslavo, transcorreu todo um ciclo. E, no entanto, seja na Europa civilizada, seja entre os selvagens mais atrasados da América Central, encontramos sempre o mesmo pensamento arcaico primitivo, se nos damos ao trabalho de pesquisá-lo e se, em conseqüência do orgulho de nossa pretensa superioridade intelectual e física, não desfiguramos a idéia original do símbolo.

Seção VII

OS DIAS E NOITES DE BRAHMÂ

Tais são os nomes que se dão aos períodos do Manvantara (Manuantara ou entre Manus) e do Pralaya (ou Dissolução): o primeiro corresponde aos Períodos ativos do Universo; o outro aos tempos de Repouso relativo e Repouso completo, que devem ocorrer ao terminar um Dia, ou uma Idade ou Vida de Brahma. Esses Períodos, que se sucedem com regularidade uns aos outros, são também chamados Pequenos Kalpas e Grandes Kalpas, o Kalpa Menor e o Mâha-Kalpa, se bem que o Mâha-Kalpa não seja propriamente um Dia, mas toda uma Vida ou Idade de Brahmâ; pois, como está dito no *Brahmâ Vaivarta*: "Os Cronólogos contam um Kalpa pela Vida de Brahmâ. Os kalpas Menores, como Samvarta e os demais, são numerosos." Em verdade, o seu número é infinito, porquanto nunca tiveram princípio; ou, por outras palavras, nunca houve um *primeiro* Kalpa, e nunca haverá um *último*, na Eternidade.

Um Prândha, ou a metade da existência de Brahmâ, na acepção ordinária desta medida de tempo, já escoou no Mâhâ Kalpa atual; o Kalpa anterior foi o Padma ou o do Lótus de Ouro; o presente é Varâha [1], a Encarnação ou Avatar do "Javali".

(1) Há uma informação bem curiosa nas traduções esotéricas budistas. A biografia alegórica exotérica de Gautama Buddha nos mostra haver o grande Sábio morrido de uma indigestão de "porco e arroz"; desfecho prosaico, em verdade, e mui pouco solene! Explica-se a lenda como uma referência alegórica ao seu nascimento ocorrido no Kalpa do Javali ou Varâha, quando Vishnu tomou a forma deste animal para tirar a Terra das "Águas do Espaço". Ora, como os brâmanes descendem diretamente de Brahmâ, e estão, por assim dizer, com ele identificados; e como são, ao mesmo tempo inimigos mortais de Buddha e do Budismo, temos aí o verdadeiro sentido dessa curiosa combinação alegórica. O Bramanismo do Kalpa do Javali, ou Varâha, destruiu a religião de Buddha na Índia, expulsando-a do país. Assim se explica por que Buddha, identificado que é com a sua filosofia, passa por ter morrido depois de comer carne de porco selvagem. A idéia de que aquele que instituiu o vegetarianismo e o mais rigoroso respeito à vida animal (ao ponto de se recusar a comer ovos por serem veículos de vida latente), é em si mesma contraditória e sumamente absurda, e tem confundido mais de um orientalista. Mas a explicação que agora mencionamos levanta o véu da alegoria, e tudo esclarece. Contudo, o Varâha não é simplesmente o Javali; mas, de início, segundo parece, deve ter significado algum animal lacustre antediluviano, "que se comprazia em brincar dentro d'água" (*Vishnu Purâna*).

Há uma coisa que se deve levar especialmente em conta no estudo da religião hindu nos Purânas. Convém nunca interpretar literalmente, nem em um só sentido, as sentenças que ali se encontram; e sobretudo as que se referem aos Manvantaras ou Kalpas devem ser entendidas em suas diferentes significações. Esses termos servem ao mesmo tempo para designar tanto os grandes como os pequeno períodos, os Mâhâ Kalpas como os Ciclos Menores. O Matsya, ou Avatar do Peixe, ocorreu antes do Varâha, ou Avatar do Javali; as alegorias devem, portanto, aplicar-se tanto ao Padma Manvantara como ao presente Manvantara, e também aos Ciclos Menores que se seguiram ao reaparecimento de nossa Cadeia de Mundos com a Terra. E, como o Matsya Avatar de Vishnu e o Dilúvio de Vaivasvata estão certamente relacionados com um acontecimento que se deu em nossa Terra, durante a presente Ronda, é evidente que, podendo embora referir-se a sucessos pré-cósmicos (pré-cósmicos no sentido de nosso Cosmo ou Sistema Solar), tudo se relaciona, em nosso caso, com um período geológico remoto.

A própria Filosofia Esotérica não pode ter a pretensão de conhecer, salvo por deduções analógicas, o que se passou antes do reaparecimento do nosso Sistema Solar e antes do último Mâhâ-Pralaya. Mas ela ensina claramente que, após a primeira perturbação geológica do eixo da Terra, perturbação que terminou pela submersão, no fundo do oceano, de todo o Segundo Continente, com suas raças primitivas (tendo sido a Atlântida o quarto dos sucessivos Continentes ou "terras"), outra perturbação ocorreu, com a volta do eixo ao seu anterior grau de inclinação, de modo tão rápido quanto o da primeira modificação. E então foi efetivamente a Terra de novo *tirada* das águas (embaixo como em cima e *vice-versa*). Naqueles tempos existiam Deuses sobre a terra; Deuses e não homens, como os de hoje, diz a tradição.

Conforme se mostrará no volume III, o cômputo dos períodos, no hinduísmo exotérico, se refere tanto aos grandes acontecimentos cósmicos como aos pequenos sucessos e cataclismos terrestres; e é fácil provar que *o mesmo se dá com relação aos nomes.* Por exemplo, o nome Yudishthira (o primeiro rei dos Sacas ou Shakas, que abre a era do Kali Yuga, cuja duração deve ser de 432 000 anos, "rei que de fato viveu 3 102 anos antes de Cristo") aplica-se também ao Grande Dilúvio, quando da primeira submersão da Atlântida. É o "Yudishthira [2] *nascido na montanha dos cem picos, na extremidade do mundo, além da qual ninguém pode ir*", e "imediatamente após o dilúvio" [3]. Não conhecemos nenhum "Dilúvio" 3 102 anos antes de Cristo, nem mesmo o de Noé, que, de acordo com a cronologia judeu-cristã, ocorreu 2 349 anos antes de Cristo.

O fato relaciona-se com uma divisão esotérica do tempo e com um mistério que será explicado em outra parte, podendo, portanto, ser deixado

(2) Segundo o Coronel Wilford, a conclusão da "Grande Guerra" se deu no ano 1370 antes de Cristo (*Asiatic Researches*, IX, pp. 88-9); segundo Bentley, em 575 a.C. (!!). Ainda podemos esperar ver, antes do fim deste século, a epopéia do Mâhâbhârata ser proclamada idêntica às guerras do grande Napoleão.

(3) Veja-se *Royal Asiat. Soc.*, IX, 364.

de lado por enquanto. Bastará dizer, sobre este ponto, que todos os esforços de imaginação dos Wilfords, do Bentleys e de outros Édipos da Cronologia Indiana Esotérica se têm lamentavelmente malogrado. Os nossos eminentes sábios orientalistas não conseguiram ainda esclarecer a questão dos cômputos, seja o dos Manvantaras, seja o das Quatro Idades; resolveram então cortar o Nó Górdio, proclamando que tudo não passa de "uma invenção do cérebro bramântico". Amem! e que descansem em paz os grandes-sábios. Essa "invenção" será explanada no final dos Comentários à Estância II da Antropogênese, no volume III, com o acréscimo de algumas informações esotéricas.

Vejamos, no entanto, quais eram as três espécies de Pralaya e qual a crença *popular a esse respeito.* Neste ponto ela se acha de acordo com o Esoterismo.

Acerca do *Pralaya*, que é precedido por quatorze Manvantaras, presididos por outros tantos Manus, e que termina com a Dissolução Incidental ou de Brahma, diz o *Vishnu Purâna,* em paráfrases condensadas:

"Ao fim de mil Períodos de Quatro Idade, quer perfazem um dia de Brâma, a Terra está quase exausta. O eterno (avyaya) Vishnu assume então o caráter de Rudra, o Destruidor (Shiva), e volta a reunir todas as criaturas em si mesmo. Entra nos Sete Raios do Sol, e absorve todas as Águas do Globo; faz evaporar a umidade, secando assim toda a Terra. Os oceanos e os rios, as torrentes e os arroios, todos se evaporam. Alimentados deste modo com abundante umidade, os Sete Raios Solares se convertem, por dilatação, em Sete Sóis, e finalmente incendeiam o Mundo. Hari, o destruidor de todas as coisas, que é a Chama do Tempo, Kâlâgni, acaba por consumir a Terra. Então Rudra, convertendo-se em Junârdana, exala nuvens e chuva." [4]

Há várias espécies de Pralaya; mas nos antigos livros hindus três períodos principais são mencionados especialmente. O primeiro indicado por Wilson, chama-se Naimittika [5], "Ocasional" ou "Incidental", e é causado pelos intervalos entre os Dias de Brahmâ; é a destruição das criaturas e de tudo o que tem vida e forma, mas não da substância, que permanece em *statu quo* até a nova Aurora que sucede àquela Noite. O segundo chama-se Prâkritika, e ocorre no fim da Idade ou Vida de Brahmâ, quando tudo o que existe se resolve no Elemento Primário, para ser de novo modelado no final dessa Noite mais longa. O terceiro, Âtyantika, não diz respeito aos Mundos nem ao Universo, mas tão somente a certa classe de individualidades. É, pois, o Pralaya individual ou Nirvana; uma vez alcançado, já não há existência ulterior possível, deixa de haver renascimento, a não ser após o Mahâ Pralaya. Esta última Noite — que tem a duração de 311 040 000 000 000 anos, com a possibilidade de ser quase dobrada pelo

(4) Veja-se o volume V, pp. 190-3.

(5) No Vedanta e no Nyâyâ, Nimitta — de que provém Naimittika — é apresentado como a Causa Eficiente, quando em oposição a Upâdâna, a Causa física ou material. No Sânkhya, Pradhâna é uma causa inferior a Brahma ou melhor: Brahma, sendo em si mesmo uma causa, é superior a Pradhâna. "Incidental" é, portanto, uma tradução errônea, devendo ser substituído, conforme pensam alguns eruditos, por Causa "Ideal". Causa "Real" ainda seria melhor.

venturoso Jivanmukta que atinge o Nirvana no começo de um Manvantara — é bastante longa para ser considerada como *eterna*, embora não sem fim. O *Bhagavad Purana*[6] alude a uma quarta espécie de Pralaya, o Nitya, ou Dissolução Costante, e o explica como a transformação incessante que se opera imperceptivelmente em todas as coisas deste Universo, desde o globo até o átomo. É o crescimento e a decadência, a vida e a morte.

Quando chega ao Mahâ Pralaya, os habitantes de Svar-loka, a Espera-Superior, perturbados pela conflagração, buscam refúgio "com os Pitris, seus Progenitores, os Manus, os Sete Rishis, as diferentes ordens de Espíritos Celestes e os Deuses, em Mahar-loka". Quando este último é alcançado, todos os seres que acabamos de enumerar emigram, por sua vez, de Maharloka para Janaloka, "*em suas formas sutis, destinadas a tomar novos corpos em estados semelhantes aos anteriores, ao renovar-se o Mundo no princípio do Kalpa seguinte*"[7].

"Nuvens gigantescas e enormes trovoadas povoam todo o Espaço |Nabhastala|. Jorram torrentes de água das nuvens, apagando aqueles terríveis fogos... e então chove sem cessar durante cem Anos |Divinos|, e é um dilúvio sobre o Mundo inteiro |o Sistema Solar|. Caindo em gotas do tamanho de dados, as chuvas invadem a Terra, cobrem a Região Média (Bhuvo-Loka), e inundam o Céu. Então o Mundo fica envolto em trevas; e, tendo perecido todas as coisas animadas e inanimadas, continuam as nuvens a verter suas Águas... e a Noite de Brahmâ reina suprema no cenário de desolação."[8]

É o que, na Doutrina Esotérica, se chama um Pralaya Solar. Quando as Águas alcançam a região dos Sete Rishis, e o Mundo, nosso Sistema Solar, se converte num Oceano, elas se detêm. O Sopro de Vishnu se transforma em um Vento tempestuoso, que sopra outros cem Anos Divinos, até que todas as nuvens se dispersam. Então o vento é reabsorvido, e

"Aquele que é a origem de todas as coisas, o Senhor por quem tudo existe, Aquele que é inconcebível, sem princípio, que é o princípio do Universo, entra em repouso e dorme em Shesha |a Serpente do Infinito| no meio do Abismo. O Criador |Adikrit| Hari dorme sobre o Oceano |do Espaço| sob a forma de Brahmâ — glorificado por Sanaka[9] e os Santos |Siddhas| de Jana-Loka, e contemplado pelos santos habitantes de Brahmâ-Loka, desejosos da libertação final —, imerso em um sono místico, personificação celeste de suas próprias ilusões... Esta é a Dissolução |(?) Pratisanchara| chamada Incidental, porque Hari é a sua Causa Incidental |Ideal|[10]. Quando o Espírito Universal desperta, o Mundo retorna à vida; quando fecha os olhos, todas as coisas caem num sono místico. Assim como mil Grandes Idades perfazem um Dia de Brahmâ |no original é Padmayoni, o mesmo que Abjayoni, nascido do Lótus", e não Brahmâ|, assim também a sua Noite se compõe de igual período... Despertando ao fim de sua Noite, o Não Nascido... cria de novo o Universo."[11]

(6) XII, IV, p. 35. (*The Bhâgavata Purâna* de Purnendu Narâyan Sinha, Skanda XII, cap. IV, menciona os quatro Pralayas assim: Nitya, Nimittika, Prakritika, Atyantika).

(7) *Vâyu Purâna.*

(8) Wilson, *Vishnu Purâna*, V, p. 194.

(9) O Chefe dos Kumâras, ou Deus-Virgem, um Dhyân Chohan que se recusa a criar. Um protótipo de São Miguel, que também se negou a fazê-lo.

(10) Vejam-se as últimas linhas da Seção "Chaos, Theos, Kosmos".

(11) Vol. V, pp. 195-6.

Tal é o Pralaya "Incidental". Que é a Dissolução Elemental (Prâkritiéa)? Parâshara a descreve a Maitreya como segue:

"Quando pela dessecação e pelo fogo todos os Mundos e Patâlas |Infernos| são destruídos[12]... tem começo o progresso da Dissolução Elemental. Então, primeiramente as Águas absorvem a propriedade da Terra (que é o rudimento do Olfato), e a Terra, privada desta propriedade, principia a ser destruída... e acaba por se confundir com a Água... Quando o Universo é assim invadido pelas ondas do Elemento Aquoso, o Elemento do Fogo consome o seu sabor rudimentar, e as próprias Águas são destruídas... e então se identificam com o Fogo; e o Universo se enche, portanto, com a Chama |etérea|, que... pouco a pouco se estende sobre todo o Mundo. Quando o Espaço *não é mais que* |uma| Chama, o *Elemento do Vento se apodera* da propriedade rudimentar ou forma que a Causa da Luz, e, tendo esta desaparecido (pralína), tudo passa a ser da natureza do Ar. Estando destruído o rudimento da forma, e privado o Fogo |? Vibhâvasu| de seu rudimento, o Ar extingue o Fogo e se estende... sobre o Espaço, que é privado de Luz, quando o Fogo se submerge no Ar. Então o Ar, acompanhado do Som, que é a fonte do Éter, se estende por toda a parte nas dez regiões... até que o Éter se apodera do Contato |?Sparsha, Coesão-Tato?|, sua propriedade rudimentar, cuja perda traz a destruição do Ar, e o Éter |? Kha| permanece sem modificação; privado de Forma, Gosto, Tato |Sparsha| e Olfato, existe |in| corpóreo |mûrtimat| e vasto, e penetra todo o Espaço. O Éter |Akâsha|, cuja propriedade característica e rudimentar é o Som |o "Verbo"|, é só o que existe, ocupando todo o vazio do Espaço (ou antes, formando todo o conteúdo do Espaço). Então a Origem |o Número?| dos Elementos (Bhûtâdi) devora o Som |os Demiurgos coletivos e as legiões de Dhyan Chohans|, e todos os elementos |existentes|[13] são, por sua vez, submergidos no Elemento original. Este Elemento Primário é a Consciência combinada com a Propriedade das Trevas |Tâmasa, ou melhor: Trevas Espirituais| e é ele próprio absorvido |desintegrado| por Mahat |a Inteligência Universal|, cuja propriedade característica é a harmonia |Buddhi|, e a Terra e Mahat são os limites interiores e exteriores do Universo. De modo que, assim como (no Princípio) foram contadas as sete Formas da Natureza |Prakriti|, dasde Mahat à Terra, assim... *estas sete* voltam a entrar sucessivamente uma na outra[14].

O Ovo de Brahmâ |Sarva-mandala|, se dissolve nas Águas que o rodeiam, com suas sete zonas |dvípas|, seus sete oceanos, suas sete regiões e suas montanhas. A camada de Água é tragada pelo Fogo; o |cinto| de Fogo é absorvido pelo do Ar; o Ar mistura-se com o Éter |Akâsha|; o Elemento Primário |Bhûtâdi, a origem, ou melhor, a *causa* do Elemento Primário| devora o Éter, e é |ele mesmo| destruído pelo Intelecto |Mahat, a Grande Mente, a Mente Universal|, o qual, juntamente com todos esses, é arrebatado pela Natureza |Prakriti| e desaparece. Este Prakriti é essencialmente o mesmo, quer se componha de partes distintas, quer seja compacto: mas o que é separado finalmente se perde ou é absorvido no compacto. O espírito |Pums| também, que é uno, puro, eterno, imperecível, que em tudo penetra, é uma parte daquele Espírito Supremo que está em todas as coisas. Esse Espírito |Servesha|, que

(12) Esta perspectiva não seria do agrado da teologia cristã, que prefere um Inferno permanente e eterno para os seus partidários.

(13) Pelo termo "Elementos" deve entender-se não só os elementos visíveis e físicos, mas também aquilo que São Paulo chama Elementos — as Potências Espirituais Inteligentes —, Anjos e Demônios em suas formas manvantáricas.

(14) Quando esta descrição for corretamente entendida pelos orientalistas em seu significado esotérico, então se verá que aquela correlação cósmica dos Elementos do Mundo pode explicar a das forças físicas melhor do que as correlações atualmente conhecidas. Em todo caso, observarão os teosofistas que Prakriti tem *sete formas* ou princípios, "contados desde Mahat até a Terra". As "Águas" *aqui significam* a "Mãe" mística; a Matriz da Natureza Abstrata, onde é concebido o Universo Manifestado. As "sete zonas" se referem às Sete Divisões deste Universo, ou ao Número das Forças que lhe dão existência. Tudo é alegórico.

não é o mesmo Espírito |encarnado|, e no qual não há atributos de nome, nem de espécie, nem de nada conforme o estilo |nâman e jâti ou rûpa; portanto mais corpo que espécie|... |permanece| como a |única| Existência |Sattâ|. A Natureza |Prakriti| e o Espírito Purusha se resolvem |finalmente|, uma e outro, no Espírito Supremo." [15]

É o Pralaya final [16], a Morte do Cosmos, após a qual seu Espírito repousa no Nirvâna, ou no seio de *Aquele* para quem não há nem Dia nem Noite. Todos os outros Pralayas são periódicos e sucedem com regularidade aos Manvantaras, como a noite sucede ao dia para todas as criaturas humanas, animais e plantas. O Ciclo de Criação das Vidas do Cosmos se esgota; porque a energia do "Verbo" Manifestado tem seu crescimento, seu apogeu e seu declínio, como todas as coisas temporais, por mais longa que seja a sua duração. A Força Criadora é eterna como númeno; como manifestação fenomenal, em seus diversos aspectos, tem um princípio e deve, portanto, ter um fim. Durante esse intervalo, passa por Períodos de Atividade e Período de Repouso, que são os Dias e as Noite de Brahma. Mas Brahman, o Númeno, jamais repousa; pois ele nunca muda, mas sempre *é*, embora não se possa dizer que esteja em alguma parte.

Os cabalistas judeus sentiram a necessidade dessa *imutabilidade* de uma Divindade eterna, infinita, e por isso aplicaram o mesmo pensamento ao Deus antropomórfico. A idéia é poética e bastante apropriada em sua aplicação. No *Zohar* lemos o seguinte:

"Quando Moisés jejuava no Monte Sinai, em companhia da Divindade, que estava oculta à sua vista por uma nuvem, sentiu um grande temor, e repentinamente perguntou: "Senhor, onde estás?... Dormes, Senhor?... E o Espírito lhe respondeu: 'Eu não durmo jamais; se eu chegasse a adormecer um só instante, *antes da minha hora*, toda a criação entraria logo em dissolução."

"Antes da minha hora": é muito significativo. Indica que o Deus de Moisés é só um substituto temporário, da mesma forma que Brahma, masculino, é um substituto e um aspecto de AQUELE que é imutável e que, portanto, não pode participar dos Dias e das Noites, nem ocupar-se, seja como for, de reação ou dissolução.

Enquanto os ocultistas orientais possuem sete modos de interpretação, os judeus só têm quatro, a saber: a interpretação mística verdadeira, a alegórica, a moral e a literal ou Pahut. Esta última é a chave das Igrejas exotéricas, e não merece ser analisada. Há algumas sentenças que, lidas por meio da primeira chave, ou chave mística, mostram a identidade de base em que assentam todas as Escrituras Sagradas. Constam do excelente livro de Isaac Myer sobre as obras cabalísticas, que ele parece haver estudado muito bem. Eis *verbatim*:

(15) *Vishnu Purâna*, vol. V, pp. 198-200. Os erros de Wilson foram corrigidos, e os termos originais postos entre parênteses.

(16) Como o que aqui se descreve é o Manâ ou Grande Pralaya, chamado Final, tudo é reabsorvido no Elemento Uno original; "os próprios Deuses, Brahma e tudo o mais" desaparecem durante esta longa "Noite" — é o que se diz.

"*B'raisheeth barah elohim ath hashama' yem v'ath haa retz*", ou seja: No princípio (os) Deus (Deuses) criou (criaram) os céus e a terra', (o que significa:) os seis (Sephiroth de Construção [17], acima dos quais está B'raisheeth, *pertencem todos ao Abaixo*. Ele criou seis (e) sobre estes estão (existem) todas as Coisas. E estes dependem das *sete formas do Crânio*, inclusive a Dignidade de todas as Dignidades. E a segunda "Terra" não entra nos cálculos, e é por isso que está dito: 'E dela (dessa Terra), que sofreu a maldição, saiu...' 'Ela (a Terra) estava sem forma e vazia; e as trevas reinavam sobre a face do Abismo, e o Espírito de Elohim... soprava (*me'racha'pheth*, isto é, planava, cobria, agitava-se...) sobre as águas'. Treze dependem de treze (formas) da mais elevada dignidade. Seis mil anos pendem (referem-se) nas (às) seis primeiras palavras. O Sétimo (milhar, o milênio) sobre ela (a Terra maldita) é o que é forte por si mesmo. E foi completamente devastada durante doze horas (um... dia...). Na décima terceira, ela (a Divindade) restabelecerá... e tudo será renovado como antes, e todos aqueles seis continuarão." [18]

Os "Sephiroth de Construção" são os seis Dhyân-Chohans, ou Manus, ou Prajâpatis, sintetizados pelo sétimo "B'raisheeth", a Primeira Emanação ou Logos, e que, portanto, são chamados os Construtores do Universo Inferior ou Físico, todos pertencentes ao Abaixo. Estes seis agentes, simbolizados pelo duplo triângulo entrelaçado:

cuja essência pertence ao *Sétimo*, são os Upâdhi, a Base ou Pedra Fundamental sobre a qual está edificado o Universo objetivo; os Númenos de todas as coisas. São, pois, ao mesmo tempo, as Forças da Natureza, os Sete Anjos da Presença; o Sexto e o Sétimo Princípios do Homem; as Esferas espiritual-psico-físicas da Cadeia Setenária; as Raças-Raízes, etc., etc. Todos "dependem das Sete Formas do Crânio", inclusive o mais Elevado.

A "*Segunda Terra*" não entra nos cálculos", porque *não é Terra alguma*, senão o Caos ou Abismo do Espaço em que repousava o Universo-Paradigma ou Modelo, na Ideação da Super-Alma, incubando-o. O termo "Maldição" induz em erro, porque significa simplesmente Determinação ou Destino, ou *aquela fatalidade que levou* a Terra ao estado objetivo. Isto se confirma por se achar a "Terra", submetida à "Maldição", descrita como "sem forma e vazia", e em cujas profundezas abissais o "Sôpro" dos Elohim, ou Logos coletivos, produziu ou, por assim dizer, fotografou a primeira Ideação Divina das *coisas que deviam ser*. Este processo se repete depois de cada Pralaya, antes de iniciar-se um novo Manvantara, ou Período de Existência senciente individual.

"Treze dependem de treze Formas": refere-se aos treze Períodos personificados nos treze Manus, com Svâyambhuva, o décimo quarto (o número

(17) Os "Construtores" das Estâncias.

(18) Do *Sipbra Dtzenioutha*, cap. I, S. 16 e segs.; citação da *Qabbalah*, de Myer, 232-33.

de 13, em vez de 14, é mais um véu); esses quatorze Manus que reinam durante o período de um Mahâ Yuga, um Dia de Brahmâ. Os treze-quatorze do Universo objetivo dependem das treze-quatorze Formas-Paradigmas Ideais.

O significado dos "seis mil Anos" que "pendem das seis primeiras Palavras", há que buscá-lo também na Sabedoria hindu. Trata-se dos seis (sete) "Reis de Edom" primitivos, que simbolizam os Mundos ou Esferas de nossa Cadeia, durante a Primeira Ronda, assim como os homens primordiais desta Ronda. São a Primeira Raça-Raiz pré-adamita setenária, ou os que existiram antes da Terceira Raça *separada*. Como eram sombras ou espectros sem o entendimento, pois ainda não haviam comido o fruto da Árvore do Conhecimento, e não podiam ver o Parzuphin, ou "a Face não podia ver a Face"; quer dizer, os homens primitivos eram "inconscientes". "E por isso os (sete) Reis primordiais morreram", isto é, foram destruídos [19]. Mas quem são esses Reis? São os "Sete Rishis, certas divindades (secundárias), Indra (Shakra), Manu e os Reis sem Filhos, (os quais) *são criados e perecem durante um período*", como nos diz o *Vishnu Purâna* [20]. Pois o sétimo "milhar", que não é o milênio da Cristandade exotérica, mas o da Antropogênese, representa, segundo o *Vishnu Purâna*, tanto o "Sétimo Período da Criação", o do homem físico, como o Sétimo Princípio, macrocósmico e microcósmico, e também o Pralaya que sucede ao Sétimo Período, a Noite de Brahmâ, que tem a mesma duração do Dia.

"Foi completamente devastada durante doze horas". É na Décima-terceira (duas vezes seis mais a síntese) que tudo será restabelecido, e "os *seis* continuarão".

Assim observa o autor da *Qabbalah*, com muita razão:

"Muito antes de sua época [a de Ibn Gebirol] ... muitos séculos antes da Era Cristã, havia na Ásia Central uma Religião-Sabedoria, da qual depois subsistiram fragmentos entre os sábios do Egito arcaico, entre os antigos chineses, hindus, etc... [E] a *Qabbalah* tem sua origem, seguramente, em fontes arianas da Ásia Central, Pérsia, Índia e Mesopotâmia; porque de Ur e de Haran vieram Abraão e muitos outros, para a Palestina." [21]

Essa era também a firme convicção de C. W. King, autor de *The Gnostics and Their Remains*.

Vamadeva Modelyar descreve em termos bem poéticos a aproximação da Noite. Embora já o tenhamos citado em *Ísis sem Véu*, vale a pena repetir aqui as suas palavras:

"Ouvem-se ruídos estranhos de todos os lados... São os ruídos precursores da Noite de Brahmâ; *o crepúsculo desponta no horizonte*, e o Sol se oculta detrás do trigésimo grau de Makara [o décimo signo do Zodíaco], e não mais alcançará o signo de Mina [o signo zodiacal de Piscis, ou Peixe]. Os Gurus dos Pagodes, encarregados

(19) Compare-se com o *Siphra Dtzenioutha*.

(20) Vol. I, p. 50.

(21) PP. 219-221.

de observar o Râshichakram |Zodíaco|, podem agora romper o seu círculo e os seus instrumentos, que daí em diante serão inúteis.

A luz empalidece pouco a pouco, o calor diminui, as regiões despovoadas se multiplicam sobre a terra, o ar cada vez mais se rarefaz; as fontes secam, os grandes rios vêem enfraquecer as suas ondas, o Oceano mostra o seu fundo arenoso, e as plantas morrem. Os homens e os animais minguam de tamanho diariamente. A vida e o movimento perdem sua força; os planetas *gravitam com dificuldade em suas* órbitas; extinguem-se um após outro, como uma lâmpada que a mão do Chokra |servidor| se esqueceu de encher. Sûrya |o Sol| vacila e se apaga, a matéria entra em Dissolução (Pralaya|, e Brahma é reabsorvido em Dhyaus, o Deus não revelado, *e, estando cumprida sua tarefa, adormece. Outro Dia acaba de escoar-se, a Noite* começa, e continua até a próxima Aurora.

E então os germes de tudo o que existe voltam mais uma vez para dentro do Ovo áureo do Seu Pensamento, como nos diz o divino Manu. Durante Seu plácido Repouso, os seres animados, dotados dos princípios da ação, cessam as suas funções, e todo sentimento |Manas| adormece. Quando todos são absorvidos na Alma Suprema, esta Alma de todos os seres dorme em completo repouso, até o novo Dia em que retoma sua forma e novamente desperta de sua primitiva escuridão." [22]

Assim como o Satya Yuga é sempre o primeiro na série das Quatro Idades ou Yugas, o Kali Yuga é sempre o último.

O Kali reina agora na Índia, e parece que coincide com o da Idade do Ocidente. De qualquer modo, é curioso observar quão profético foi em quase todas as coisas o autor do *Vishnu Purâna,* quando predisse a Maitreya alguns dos pecados e influências sombrias deste Kali Yuga. Depois de dizer que os "bárbaros" seriam senhores das margens do Índus, de Chandrabhâgâ e de Kashmir, acrescentou ele:

"Haverá monarcas contemporâneos reinando sobre a terra, reis de espírito mau e caráter violento, votados à mentira e à perversidade. Farão matar mulheres, crianças e vacas; apoderar-se-ão dos bens de seus súditos |ou, segundo outra tradução, *cobiçarão as mulheres dos outros*|; terão um poder limitado... suas vidas serão curtas, seus desejos insaciáveis... Gentes de vários países, unindo-se a eles, seguirão o seu exemplo; e, sendo poderosos os bárbaros |na Índia|, sob a proteção dos príncipes, e afastadas as tribos puras, perecerá o povo |ou, como diz o Comentador: 'Os Mlechchhas estarão no centro, e os Árias na ponta'| [23]. A riqueza e a piedade diminuirão dia-a-dia, até que o mundo se depravará por completo... A classe será conferida unicamente pelos haveres; a riqueza será a única fonte de devoção; a paixão o único laço de união entre os sexos; a falsidade o único fator de êxito nos litígios; e as mulheres serão usadas como objeto de satisfação puramente sensual... *A aparência externa será o único distintivo das diversas ordens de vida*; a falta de honestidade |anyâya| o meio universal de subsistência; a fraqueza a causa da dependência; a liberalidade valerá como devoção; o homem que for rico será reputado puro; o consentimento mútuo substituirá o casamento; os ricos trajes constituirão a dignidade... Reinará o que for mais forte... o povo, não podendo suportar os pesados ônus |Kharabhâra, o peso dos impostos|, buscará refúgio nos vales... Assim, na Idade Kali a decadência prosseguirá sem detença, até que a raça humana se aproxime de seu aniquilamento |pralaya|. Quando... o fim da Idade Kali estiver perto, descerá sobre a Terra uma parte daquele Ser divino que existe por sua própria natureza espiritual |Kalki Avatar|... dotado das oito faculdades sobre-humanas... Ele restabelecerá a justiça sobre a terra; e as mentes dos que viverem até o fim do Kali Yuga serão despertadas, e serão tão

(22) Veja-se: *Les Fils de Dieu et l'Inde des Brahmanes*, de Jacolliot, p. 230.

(23) Se não é profecia, que será então?

diáfanas como o cristal. Os homens assim transformados... serão como *sementes de seres humanos*, e darão nascimento a uma raça que seguirá as leis da Idade Krita |ou Idade de Pureza|. Como está dito: Quando o Sol e a Lua e |o Asterismo Lunar| Tishya e o planeta Júpites estiverem na mesma casa, a Idade Krita |ou Satya| reaparecerá..." [24]

Duas pessoas, Devâpi, da raça de Kuru, e Maru (Moru), da família de Ikashvâku... continuam vivendo durante as Quatro Idades, e residem em Kalâpa [25]. Aqui retornarão no começo da Idade Krita [26]... Maru (Moru) [27], o filho de Shôra, vive ainda pelo poder da devoção (Ioga)... e será o restaurador da raça Kshattriya da Dinastia Solar [28].

Certa ou não a última profecia, as "predições" sobre o Kali Yuga se acham bem descritas, e se casam admiravelmente ao que vemos e ouvimos na Europa e em outras terras civilizadas e cristãs, em pleno século XIX e na aurora do século XX de nossa grande era de "Luz".

(24) Wilson, *Vishnu Purâna*, IV, pp. 224-9.

(25) O *Matsya Purâna* menciona Katâpa.

(26) *Vishnu Purâna, ibid.*

(27) Max Muller traduz o nome por Morya, da dinastia Morya, à qual pertencia Chandragupta (veja-se: *History of Ancient Sanskrit Litterature*). No *Matsya Purâna*, cap. CCLXXII, é mencionada uma dinastia de dez Moryas ou Maureyas. No mesmo capítulo se diz que os Moryas um dia reinarão na Índia, depois de restaurar a raça Kshattriya, dentro de vários milênios. Mas esse reino será puramente espiritual, e não "deste mundo". Será o reino do próximo Avatar. O Coronel Tod acredita que o nome Morya, ou Maurya, é uma corruptela de Mori, uma tribo Rajput; e o comentador do *Mahâvanso* pensa que alguns príncipes receberam o nome Maurya de sua cidade chamada Mori, ou, segundo o Professor Max Muller, de Morya-Nâgara, o que é mais correto, de acordo com o *Mahâvanso* original. A enciclopédia sânscrita *Vâchaspattya* — esclarece o nosso irmão Devan Bâdhâdur R. Ragoonath Rao, de Madras — situa Katâpa (Kalâpa) no lado norte dos Himaliais, e, portanto, no Tibet. É também o que se vê no *Bhâgavata Purâna*, Skanda XII.

(28) *Ibid.*, vol. III, p. 325. O *Vayu Purâna* declara que Moru restabelecerá os Kshattriyas no próximo décimo nono Yuga. (Vela-se *Five Years of Theosophy*, p. 482, artigo "The Puranas on the Dynasty of the Moryas and on Koothoomi").

SEÇÃO VIII

O LÓTUS COMO SÍMBOLO UNIVERSAL

NÃO HÁ símbolo da antiguidade a que não esteja associada uma significação profunda e filosófica; e, quanto mais antigo, tanto maior a importância do significado. Este é o caso do Lótus. É a flor consagrada à Natureza e aos seus Deuses; representa o Universo tanto abstrato como concreto, e é o emblema dos poderes criadores da Natureza Espiritual e Física. Desde os tempos mais remotos que era tido como sagrado pelos arianos da Índia, pelos egípcios e, mais tarde, pelos budistas. Era venerado na China e no Japão, e foi também adotado como emblema cristão pelas Igrejas grega e latina, que fizeram dele um mensageiro, como agora o fazem os cristãos, substituindo-o pela açucena.

Em todas as cenas da Anunciação, na religião cristã, o Arcanjo Gabriel aparece à Virgem Maria com um ramo de nenúfares (ou de açucenas) na mão. Como emblema do Fogo e da Água, ou da idéia da criação e da geração, esse ramo simboliza *precisamente a mesma idéia* que o Lótus na mão do Bodhisattva, ao anunciar a Mâhâ-Mâya, mãe de Gautama, o nascimento de Buddha, o Salvador do Mundo. Os egípcios também representavam freqüentemente Osíris e Hórus com a flor do Lótus, sendo ambos Deuses do Sol e do Fogo; da mesma forma que o Espírito Santo é simbolizado por "línguas de fogo" nos *Atos dos Apóstolos*.

O Lótus tinha, e tem ainda, o seu significado místico, que é o mesmo em todas as religiões do mundo. Consulte o leitor a obra *Dissertations Relating to India*, de Sir William Jones. Entre os hindus, o Lótus é o emblema do poder criador da Natureza, que tem como agentes o Fogo e a Água, ou o Espírito e a Matéria. "Ó Tu, Eterno! Eu vejo Brahma, o Criador, entronizado em Ti sobre o Lótus!" — diz um versículo do *Bhagavad Gitâ*. E Sir W. Jones assinala, conforme já fizemos observar nas Estâncias, que a semente do Lótus traz consigo, antes mesmo de germinar, folhas perfeitamente formadas, miniatura da planta em que se deve transformar um dia. O Lótus é, na Índia, o símbolo da terra prolífica, e, o que é mais, do Monte Meru. Os Quatro Anjos ou Gênios dos quatro quadrantes do Céu, ou Mahârajahs das Estâncias, permanecem, cada um, sobre um Lótus. O Lótus é o símbolo dual do Hermafrodita Divino e do Humano, tendo, por assim dizer, dois sexos.

Para os hindus, o Espírito do Fogo ou do Calor — que anima, fortifica e desenvolve em forma concreta, de seu protótipo ideal, tudo o que nasce da Água ou da Terra Primordial — fez evolucionar a Brahma. A flor do Lótus, que na alegoria brota do umbigo de Vishnu (o Deus que, nas Águas do Espaço, repousa sobre a Serpente do Infinito), é o símbolo mais expressivo que já se imaginou. É o Universo que se desenvolve do Sol Central, o Ponto, o Germe sempre oculto. Lakshmi, que é o aspecto feminino de Vishnu, e é também chamado Padma, o Lótus, figura no *Râmayâna* flutuando igualmente sobre uma flor de Lótus, na "Criação" e durante "o malaxar do Oceano" do Espaço, como também surgindo do "Mar de Leite", do mesmo modo que Vênus Afrodite da Espuma do Oceano.

...Então, sentado sobre um lótus,
A Fulva Deusa da Beleza,
A Shri sem par,
Exsurge do seio das ondas...

— assim canta o poeta e orientalista inglês Sir Monier Williams.

A idéia fundamental deste símbolo possui um grande encanto, e deixa transparecer uma origem comum em todos os sistemas religiosos. Quer seja como Lótus, nenúfar ou açucena, o pensamento filosófico é um só: o Objetivo emanando do Subjetivo, a Ideação Divina passando do abstrato ao concreto ou visível. Pois, assim que as Trevas (ou antes, o que são "Trevas" para a ignorância) desaperecem em seu próprio reino de Eterna Luz, deixando atrás de si unicamente a sua Ideação Divina Manifestada, abre-se o entendimento dos Logos Criadores, que vêem no Mundo Ideal, até então oculto no Pensamento Divino, as formas-arquétipos de tudo, e, copiando estes modelos, se põem a construir figuras efêmeras e transparentes.

Nessa fase da Ação, o Demiurgo ainda não é o Arquiteto. Nascido do crepúsculo da Ação, deve ele, primeiro que tudo, apreender o Plano, para tornar efetivas as Formas Ideais que estão latentes no Seio da Ideação Eterna; exatamente como as futuras folhas do Lótus, pétalas imaculadas, se acham ocultas na semente da planta [1].

Em um capítulo do *Livro dos Mortos*, sob o título "A Transformação no Lótus", o Deus, que está representado como surgindo desta flor, exclama:

(1) Na Filosofia Esotérica, o Demiurgo ou Logos, considerado como o Criador, é simplesmente um têrmo abstrato, uma idéia, como a palavra "exército". Da mesma forma que esta última palavra é um termo genérico para designar uma corporação de forças ativas ou de unidades operadoras (os soldados), assim também é o Demiurgo o composto qualitativo de uma multidão de Criadores ou Constitutores. Burnouf, o grande orientalista, teve a exata percepção da idéia ao dizer que Brahmâ *não* cria a Terra nem tampouco o resto do Universo. Escreveu ele:

"Tendo emergido da Alma do Mundo, ele (Brahmâ), uma vez separado da Causa Primeira, faz de si mesmo emanar toda a Natureza, e com ela se funde. Não paira sobre ela, mas lhe é imanente; Brahmâ e o Universo formam um único Ser, do qual cada partícula é, em sua essência, o próprio Brahmâ, que de si mesmo proveio."

"Eu sou o Lótus puro que emerge dos Luminosos...
Eu trago as mensagens de Hórus. Eu sou o Lótus puro que vem dos Campos do Sol." [2]

Conforme dissemos em *Ísis sem Véu*, a idéia do Lótus pode também ser encontrada no capítulo eloísta do *Gênese*. É dentro desse pensamento que devemos buscar a origem e a explicação do seguinte versículo da Cosmogonia Judaica: "E Deus disse: Que a terra produza... árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela mesmo" [3]. Em todas as religiões primitivas, o Deus Criador é o "Filho do Pai", isto é, o seu Pensamento tornado visível; e antes da Era cristã, desde a Trimurti dos hindus até as três cabeças cabalísticas das Escrituras, segundo as explicam os judeus, o conceito da Trindade Divina estava perfeitamente definido e substanciado em todas as nações, em suas respectivas alegorias.

Tal é a significação cósmica e ideal deste grande símbolo entre os povos orientais. Mas, quando aplicado ao culto prático e exotérico, que também tinha sua simbologia esotérica, o Lótus se converteu, com o passar do tempo, em veículo e receptáculo de uma idéia mais terrestre. Não há nenhuma religião dogmática que tenha escapado à influência do elemento sexual; e até em nossos dias ele inquina a beleza moral da idéia-mater da simbologia. O trecho que se segue foi extraído do mesmo manuscrito cabalístico a que já nos temos referido várias vezes:

"Idêntica significação tinha o Lótus que crescia nas águas do Nilo. Seu modo de crescimento fazia-o particularmente adequado para servir de símbolo das atividades geradoras. A flor do Lótus, que é portadora da semente destinada à reprodução, como resultado de sua maturidade, está relacionada, por sua aderência, semelhante à da placenta, com a mãe-terra ou matriz de Ísis, mediante o seu comprido talo parecido com um cordão, o cordão umbilical, através da água da matriz, que é o rio Nilo. *Nada mais claro do que este símbolo; e, para torná-lo ainda mais perfeito, algumas* vezes o apresentam com uma criança sentada na flor, ou dela surgindo [4]. É assim que Osíris e Ísis, os filhos de Cronos, ou do Tempo sem fim, no desenvolvimento de suas forças naturais, vieram a ser, naquela cena, os pais do homem, sob o nome de Hórus [5].

Não será demais insistirmos sobre o uso da função geradora como base de uma linguagem simbólica e de uma arte científica da palavra. A idéia nos conduz imediatamente a refletir sobre o tema da causa criadora. Observa-se que a Natureza, em sua obra, construiu um maravilhoso mecanismo vivo, governado por uma alma vivente que a ela se uniu; e conhecer o seu processo de desenvolvimento, saber de onde vem, qual o seu presente e para onde vai, é coisa que ultrapassa toda a capacidade da inteligência humana [6].

---

(2) Cap. LXXXI.

(3) *Gênese*, I, 11.

(4) Nos Purânas hindus, Vishnu, o Primeiro Logos, e Brahmâ, o Segundo, ou o Criador Ideal e o Criador Prático, são os que se acham representados: um manifestando o Lótus, o outro dele surgindo.

(5) Veja-se a Seção IX, "A Lua: Deus Lunus, Phœbe".

(6) Não, porém, a capacidade das faculdades psíquicas educadas de um Iniciado na Metafísica oriental e nos Mistérios da Natureza Criadora. Foi o Profano das eras passadas que degradou o ideal puro da Criação Cósmica, com um emblema

O recém-nascido é um milagre constante, um testemunho de que na oficina da matriz intervém um poder inteligente e criador, para unir uma alma vivente a um organismo físico. A assombrosa maravilha deste fato confere um caráter especial de santidade a tudo o que se relaciona com os órgãos de reprodução, como lugar e sede da evidente intervenção construtora da divindade." [7]

Eis aí uma interpretação correta das idéias fundamentais antigas, dos conceitos puramente panteístas, *impessoais* e reverentes, do filósofos arcaicos das idades pré-históricas. Já o mesmo não sucede quando são elas aplicadas à humanidade pecadora: converte-se em idéias grosseiras, associadas à *personalidade.*

Nenhum filósofo panteísta deixaria, portanto, de considerar perigosas as observações feitas após o que vimos de transcrever (e que representam o antropomorfismo da simbologia judaica), para a santidade da verdadeira religião, sendo próprias tão somente de nossa época materialista, que é o produto e o resultado direto daquele caráter antropomórfico. Porque esta é a tônica de todo o espírito e essência do *Antigo Testamento,* como se vê do manuscrito quando trata do simbolismo e dos artifícios de linguagem da *Bíblia*:

"Por isso, o lugar em que se acha a matriz deve ser encarado como o Sítio Mais Sagrado, o Sanctum Sanctorum, e o verdadeiro Templo do Deus Vivo [8]. Para o homem, a posse da mulher foi sempre considerada como uma parte essencial dele mesmo, dando-se a fusão de dois seres em um só; e daí o caráter sagrado da mulher, que ele *guardava com tanto zelo. Até a parte da casa ou do lar, reservada à esposa,* era chamada *penetralia,* o recinto secreto ou sagrado; e foi isso que deu origem à metáfora do Sanctum Sanctorum e às construções sagradas, inspiradas na idéia de santidade dos órgãos da geração. Essa parte da casa, levada a sua descrição ao extremo [9] pela metáfora, figura nos livros sagrados como situada "entre as coxas da casa", e algumas vezes a idéia se manifesta, quanto ao aspecto arquitetônico, na grande portada interior das igrejas, sustentada de ambos os lados por pilares" [10].

---

de reprodução e de funções sexuais meramente humanas. Aos Ensinamentos Esotéricos e aos Iniciados do Futuro caberá a missão de redimir e nobilitar, cada vez mais, o primitivo conceito, tão tristemente profanado por sua crua e grosseira aplicação aos dogmas e personificações exotéricas por teólogos e eclesiásticos. O culto silencioso da Natureza abstrata ou numênica, a verdadeira manifestação divina, é a única *religião que enobrece e dignifica a humanidade.*

(7) *The Source of Measures,* MS, pp. 15-16.

(8) Certamente que as palavras do antigo Iniciado nos Mistérios *primitivos* do Cristianismo: "Não sabeis que sois o templo de Deus?" (I *Coríntios,* III, 16) não podiam aplicar-se aos *homens* com *aquele* significado, embora fosse esse, inegavelmente, o sentido que estava na mente dos compiladores hebreus do *Antigo Testamento.* E aqui está o abismo que existe entre o simbolismo do *Novo Testamento* e o Cânon dos judeus. Tal abismo não teria desaparecido, e antes se alargaria, se o Cristianismo, e em particular e mais notoriamente a Igreja latina, não houvesse lançado uma ponte entre os dois. O Papado moderno suprimiu-a por completo com o seu dogma das duas imaculadas concepções e com o caráter antropomórfico, e ao mesmo tempo idólatra, que atribuiu à Mãe de Deus.

(9) Ao extremo *só* na *Bíblia* dos hebreus, e em sua cópia servil pela teologia cristã.

(10) *The Source of Measures,* MS, pp. 16-17.

Entre os antigos e primitivos árias jamais ocorreu semelhante pensamento "levado ao extremo". A prova está em que, no período védico, as mulheres não eram separadas dos homens em *penetralia* ou Zenanas. Essa reclusão começou quando os maometanos — herdeiros diretos do simbolismo hebreu, depois do clero cristão — conquistaram o país e impuseram, pouco a pouco, suas maneiras e costumes ao povo hindu. A mulher, antes e depois dos *Vedas*, era tão livre quanto o homem; e nenhum pensamento impuro terreno jamais se interpôs no simbolismo religioso dos primeiros arianos. São puramente semíticas a idéia e sua aplicação. Confirma-o o autor da mencionada revelação cabalística, repleta de profunda erudição, quando conclui as passagens a que acima nos referimos:

"Se a estes órgãos, como símbolos de agentes criadores cósmicos, se pode associar a idéia da origem das medidas, assim como a dos períodos de tempo, então, efetivamente, nos Templos construídos como Moradas da Divindade, aquela parte designada como Sanctum Sanctorum, ou o Recinto Mais Sagrado, deveria tomar o seu nome da reconhecida santidade dos órgãos geradores, considerados como símbolos tanto das medidas como da causa criadora. Entre os antigos *sábios não havia nem nome, nem idéia, nem símbolo*, para a Causa Primeira." [11]

Certamente que não havia. É preferível nunca pensar na Causa Primeira, deixando-a para sempre inominada, como faziam os antigos panteístas, a degradar a santidade desse Ideal dos Ideais, rebaixando os seus símbolos a tais formas antropomórficas. Ainda aqui se observa o abismo que existe entre o pensamento religioso ário e o semítico, os dois pólos opostos, a Sinceridade e o Subterfúgio. Para os brâmanes, que nunca associaram as funções naturais procriadoras com um elemento de "pecado original", é um *dever religioso* ter um filho. O brâmane, nos tempos antigos, depois de haver cumprido sua missão de criador humano, retirava-se para os bosques e passava o resto de seus dias entregue à meditação religiosa. Havia cumprido seu dever para com a Natureza, como homem mortal e colaborador dela; e daí por diante consagrava todos os seus pensamentos à parte espiritual e imortal de seu próprio ser, considerando a parte terrena como simples ilusão, um sonho efêmero, que na verdade é.

Para os semitas, a coisa era diferente. Inventaram uma tentação da carne no jardim do Êden e apresentaram o seu Deus — esotericamente o Tentador e o Regente da Natureza — lançando a *maldição eterna* sobre um ato que fazia parte do plano lógico da mesma Natureza [12]. Isso tanto exotericamente como na *vestimenta* e na *letra morta* do *Gênesis* e do resto. Ao mesmo tempo, *esotericamente*, consideravam o suposto *pecado* ou *queda* como um ato tão sagrado que escolheram o órgão, responsável pelo *pecado original*, como o símbolo mais apropriado e mais digno para representar

(11) *Ibid.*, p. 17.

(12) A mesma idéia está representada exotericamente nos incidentes do êxodo do Egito. O Senhor Deus tenta o Faraó de maneira impiedosa, e o "atormenta com grandes flagelos", para que o Rei não escape ao castigo, e dê assim pretexto para mais um triunfo do "povo eleito".

aquele Deus, o Deus que eles nos mostram anatematizando o exercício de tais funções como uma desobediência e um *pecado* eterno!

Quem poderá jamais sondar os abismos paradoxais da imaginação semita? E tais elementos paradoxais, excluída sua significação íntima e secreta, foram agora transferidos inteiramente para a teologia e o dogma cristão!

Cabe à posteridade apurar se os primeiros Padres da Igreja tinham conhecimento do sentido esotérico do *Testamento* hebreu, ou se apenas alguns deles o conheciam, enquanto os demais ignoravam o segredo. Em todo caso, uma coisa é certa. Como o Esoterismo do *Novo Testamento* se harmoniza perfeitamente com o dos Livros hebreus mosaicos, e como, ao mesmo passo, certo número de símbolos puramente egípcios e de dogmas pagãos em geral — a Trindade, por exemplo — foram reproduzidos e incorporados nos Sinóticos e no Evangelho de São João, é evidente que a identidade desses símbolos era conhecida dos autores do *Novo Testamento*, quem quer que tenham sido. Deviam também conhecer a prioridade do Esoterismo egípcio, visto que adotaram alguns símbolos que são tipos de conceitos e crenças puramente egípcias, em seu significado externo e interno, e que não se encontram no Cânon judaico. Um destes símbolos é o nenúfar (ou açucena), que aparece nas mãos do Arcanjo nas primeiras cenas de sua aparição à Virgem Maria; e tais imagens simbólicas foram conservadas até os nossos dias na iconografia das Igrejas grega e romana. Assim, a Água, o Fogo e a Cruz, assim como a Pomba, o Cordeiro e outros animais sagrados, com todas as suas combinações, possuem esotericamente um significado idêntico, e devem ter sido adotados à guisa de aperfeiçoamento do judaismo puro e simples.

O Lótus e a Água figuram entre os mais antigos símbolos, e sua origem é essencialmente ariana, embora passassem depois a propriedade comum ao subdividir-se a Quinta Raça. Vejamos um exemplo. As letras, como também os números, eram todos místicos, quer em combinação, quer separadamente. A mais sagrada de todas é a letra "M". É a um só tempo masculina e feminina, e foi criada para simbolizar a Água em sua origem, o Grande Oceano. Tem caráter místico em todos os idiomas, orientais e ocidentais, é um signo que representa as ondas da água, assim: . No esoterismo ariano, como no semita, esta letra foi sempre o símbolo das águas. Por exemplo, em sânscrito Makara, o décimo signo do Zodíaco, quer dizer um crocodilo, ou melhor, um monstro aquático: sempre a associação com a água. A letra "Ma" equivale e corresponde ao número 5, que se compõe de um Binário, símbolo dos dois sexos separados, e do Ternário, símbolo da Terceira Vida, a progênie do Binário. Isto é ainda freqüentemente simbolizado por um Pentágono, que é um signo sagrado, um Monograma divino. Maitreya é o nome secreto do Quinto Buddha e do Kalki-Avatâra dos brâmanes, o último Messias que virá no fim do Grande Ciclo. "M" é também a letra inicial da palavra grega Metis ou Sabedoria Divina; de Mimra, o Verbo ou Logos; e de Mithras, Mithr, o Mistério da Mônada. Todos esses elementos provieram do Grande Abismo e nele nasceram, e são os filhos de Mâyâ, a "Mãe", Mut no Egito, Minerva, a Sabedoria Divina, na Grécia; de Maria ou Miriam ou Myrrha, etc., a

Mãe do Lógos Cristão; e de Mâyâ, a Mãe de Buddha. Mâdhava e Mâdhavi são os títulos dos Deuses e Deusas mais importantes do Panteão hindu. Por último, Mandala é, em sânscrito, um "Círculo" ou um Orbe, e designa também as dez divisões do *Rig Veda*. Na Índia, os nomes mais sagrados principiam geralmente com esta letra, desde Mahat, a primeira Inteligência manifestada, e Mandara, a grande montanha de que se utilizaram os Deuses para malaxar o Oceano, até Mandâkinî, o Gangâ celeste ou Ganges, Manu, etc., etc.

Dir-se-á que é uma coincidência? Será então uma coincidência bem estranha, em verdade, quando vemos que o próprio Moisés, encontrado nas Águas do Nilo, traz em seu nome a consoante simbólica. E a filha do Faraó "lhe deu o nome de Moisés, dizendo: Porque o retirei das águas" [13]. Além disso, em hebraico o nome sagrado de Deus, aplicado à letra "M", é Meborach, o "Santo" ou o "Bendito", e o nome da Água do Dilúvio é Mbul. Para terminar esta série de exemplos, podemos ainda lembrar as "Três Marias" na Crucificação, e a sua relação com Mare, o Mar ou a Água. Esta é a razão por que, no Judaísmo e no Cristianismo, o Messias está sempre associado com a Água, o Batismo; e também com os Peixes, o signo do Zodíaco, chamado Mîham em sânscrito, e até com Matsya (Peixe) — Avatâra, e o Lótus, símbolo da matriz, ou o nenúfar, que tem igual significado.

Entre as relíquias do Egito antigo, quanto maior é a antiguidade dos símbolos e emblemas votivos dos objetos desenterrados, mais a flor do Lótus e a Água aparecem relacionados com os Deuses Solares. O Deus Khnum, o Poder Único, ou a Água, sendo, como ensinava Tales, o princípio de todas as coisas, senta-se em um trono colocado no centro de um Lótus. O Deus Bes acha-se sobre um Lótus, pronto para devorar seus filhos. Thot, o Deus do Mistério e da Sabedoria, o Escriba sagrado do Amenti, usando o disco solar como capacete e tendo uma cabeça de touro — o touro sagrado de Mendes é uma das formas de Thot — e um corpo humano, está sentado em um Lótus completamente aberto. Finalmente, a Deusa Hiquit, sob a forma de uma rã, aparece repousando sobre um Lótus, o que mostra sua relação com a Água. E é pela figura nada poética deste símbolo da rã, incontestavelmente o signo da mais antiga das Divindades egípcias, que os egiptólogos em vão têm tentado descobrir o mistério e as funções da Deusa. Sua adoção na Igreja, pelos primeiros cristãos, demonstra que estes o conheciam melhor do que os nossos modernos orientalistas. A "Deusa-Rã ou Sapo" era uma das principais Divindades cósmicas relacionadas com a Criação, por causa da natureza anfíbia desse animal, e principalmente de sua aparente ressurreição depois de longos períodos de vida solitária, entocado em velhos muros, rochedos, etc. Não só havia ela

(13) *Êxodo*, II, 10. Veja-se também o episódio das sete filhas do sacerdote de Madian, que vieram tirar água e a quem Moisés ajudou a dar de beber ao rebanho de seu pai; por cujo serviço o Madianita deu a Moisés sua filha Zipporah, ou Sippara, a Onda *brilhante*, por esposa. (*Êxodo*, II, 16-21). Tudo isso tem o mesmo significado oculto.

participado da organização do Mundo, juntamente com Khnum, como estava também associada ao *dogma da ressurreição* [14]. Devia haver alguma significação bem profunda e sagrada neste símbolo, para que o adotassem os primeiros cristãos egípcios em suas Igrejas, apesar do risco de serem acusados da prática de uma forma repugnante de zoolatria. Uma rã ou um sapo encerrado numa flor de Lótus, ou mesmo sem este último emblema, foi a forma escolhida para as *lâmpadas das Igrejas*, em que estavam gravadas as palavras "'Εγώ ειμι ἡ ἀνάστασις" — Eu sou a ressurreição [15]. Estas Deusas-Rãs se encontram também em todas as múmias.

(14) Entre os egípcios era a ressurreição pelo renascimento, após 3 000 anos de purificação, fosse no Devachân ou nos "Campos da Felicidade".

(15) Podem-se ver as "Deusas-Rãs" em Bulaq, no Museu do Cairo. Quanto à referência sobre as lâmpadas das Igrejas e a sua inscrição, a fonte responsável é Gaston Maspero, o erudito ex-diretor do Museu de Bulaq (ver o seu *Guide au Musée de Boulaq*, p. 146).

Seção IX

A LUA: DEUS LUNUS, PHŒBE

Este símbolo arcaico é o mais poético de todos os símbolos, e ao mesmo tempo o mais filosófico. Os antigos gregos lhe assinaram um lugar preeminente, e é perene fonte de inspiração dos poetas modernos. A Rainha da Noite, percorrendo o Céu com a majestade de sua luz sem igual, deixando tudo imerso na sombra, inclusive Héspero, e estendendo seu manto prateado sobre todo o Mundo Sideral, foi sempre o tema predileto de todos os poetas da Cristandade, desde Milton e Shakespeare até os nossos mais recentes vates. Mas a refulgente lâmpada da noite, com o seu séquito de estrelas inumeráveis, não falava senão à imaginação do profano. Até há pouco tempo, a Religião e a Ciência não se ocupavam deste mito tão cheio de beleza. No entanto, a fria e casta Lua, aquela que, segundo os versos de Shelley,

> ...faz lindo tudo o que o seu sorriso toca,
> Santuário errante de chama suave e fria
> Que muda sempre, e contudo é sempre a mesma,
> E não aquece, mas a tudo ilumina... [1],

tem com a Terra relações mais estreitas que outro qualquer globo sideral. O Sol é a Fonte de Vida de todo o Sistema Planetário; a Lua dá Vida ao nosso Globo; e as primeiras raças o sabiam e compreendiam, desde a sua infância. Ela é a Rainha, e é também o Rei. Era o Rei Soma antes de se transformar em Febo e na casta Diana. É, acima de tudo, a Divindade dos cristãos, que lhes veio por intermédio dos judeus mosaicos e cabalistas, embora tal coisa fosse ignorada pelo mundo civilizado, durante muito tempo, precisamente desde que morreu o último Padre da Igreja que era Iniciado, levando consigo para o túmulo os segredos dos Templos pagãos. Para alguns Padres, como Orígenes e Clemente de Alexandria, a Lua era o símbolo vivente de Jeová; era o Dispensador da Vida e da Morte, o que dispõe da Existência (em *nosso* Mundo). Pois, se Ártemis era *Luna* no Céu, e, entre os gregos, era Diana na Terra, presidindo ao nasci-

(1) De *Epipsychidion*.

mento e à vida da criança, entre os egípcios era Hekat (Hécate) no Inferno, a Deusa da Morte, que mandava sobre a magia e os encantamentos. Mais ainda: como personificações da Lua, cujos fenômenos são triádicos, Diana-Hecate-Luna e o *Três em Um*; porque ela é *Diva triformis, tergemina, triceps,* três cabeças num só pescoço [2], como Brahmâ-Vishnu-Shiva. Portanto, é o protótipo de nossa Trindade, a qual não foi sempre inteiramente masculina. O número 7, tão freqüente na *Bíblia* e tão sagrado durante o sétimo dia ou Sábado, veio da antiguidade aos judeus, e tem sua origem no quádruplo 7 contido nos 28 dias do mês lunar, do qual cada parte setenária é representada por um quarto da Lua.

Não será demais apresentarmos aqui uma vista panorâmica sobre a origem e evolução do mito e do culto lunar, na antiguidade histórica do nosso lado do globo. A origem primeira não pode ser averiguada pela Ciência *exata,* que rejeita a tradição; por sua vez, a história arcaica do mito é um livro fechado para a Teologia, que, sob a hábil direção dos Papas, lançou a interdição sobre todo fragmento de literatura que não leva o *imprimatur* da Igreja de Roma.

Que seja mais antiga a filosofia religiosa egípcia ou a indoariana (a Doutrina Secreta afirma que é a última), pouco importa ao caso, uma vez que os "cultos" Lunar e Solar são os mais antigos do mundo. Ambos sobreviveram e perduram ainda em nossos dias; para uns, abertamente; para outros — como, por exemplo, na simbologia cristã — secretamente.

O gato, símbolo lunar, estava consagrado a Ísis, que, em certo sentido, era a Lua, assim como Osíris era o Sol, conforme se vê freqüentemente na parte superior do Sistro, que a Deusa tem na mão. Esse animal era objeto de grande veneração na cidade de Burbaste, que conservava rigoroso luto por ocasião da morte dos gatos sagrados; pois que Ísis, como Lua, era particularmente adorada naquela cidade dos mistérios. Do simbolismo astronômico relacionado com o gato já dissemos na Seção I, e ninguém o descreveu melhor que Gerald Massey em suas *Lectures* e em *The Natural Genesis.* Diz-se que os olhos do gato parecem seguir as fases lunares em seu crescimento e diminuição; e que suas órbitas brilham como duas estrelas na escuridão da noite. Daí provém a alegoria mitológica que mostra Diana ocultando-se na Lua, sob a forma de um gato, quando, em companhia de outras Deusas, procurava escapar à perseguição de Tífon, segundo referem as *Metamorfoses* de Ovídio. No Egito, a Lua era, ao mesmo tempo, o "Olho de Osíris", o Sol.

O mesmo sucedia com o Cinocéfalo. O macaco com cabeça de cão era o signo que simbolizava ora o Sol, ora a Lua, se bem que o Cinocéfalo fosse *mais um símbolo hermético que religioso.* É, com efeito, o hieróglifo do planeta Mercúrio, e do Mercúrio dos filósofos alquimistas, os quais diziam que

"Mercúrio deve estar sempre *perto* de Ísis, como seu *ministro*; porque, sem Mercúrio, nem Ísis nem Osíris podem realizar seja o que for na Grande Obra."

(2) A Deuse Τρίμορφος no santuário de Alcamenes.

Quando o Cinocéfalo é representado com o caduceu, o crescente ou o lótus, é um signo de Mercúrio "filosófico"; mas, quando aparece com um caniço ou com um rolo de pergaminho, representa Hermes, o secretário e conselheiro de Ísis, como Hanumâna, que desempenhava iguais funções junto a Râma.

Muito embora sejam pouco numerosos os verdadeiros adoradores do Sol, os parses, certo é que não só a maior parte da mitologia e da história hindu está baseada nesses dois cultos e com eles entrelaçada, mas também o mesmo se dá com a própria religião cristã. Desde a origem do Cristianismo até os nossos dias, tais ocultos têm matizado as teologias das Igrejas Católica Romana e Protestante. Em verdade, a diferença entre as crenças indo-arianas e as ário-européias é muito pequena, se levarmos em conta somente as idéias fundamentais de ambos os grupos. Os hindus orgulham-se de intitular-se Sûryavanshas e Chandravanshas, das Dinastias *Solar* e *Lunar*. Querem os cristãos que isto seja idolatria; no entanto, sua religião se funda por completo no culto Solar e Lunar. É em vão que os protestantes clamam contra os católicos romanos por causa de sua "Mariolatria", inspira no antigo culto das Deusas lunares; pois aqueles também adoram Jeová, que é por excelência um Deus, *lunar*, e as duas Igrejas aceitam em suas teologias o Cristo *solar* e a Trindade *lunar*.

Muito pouco se sabe a respeito do culto lunar caldeu, e do Deus babilônico Sin, que os gregos chamavam Deus Lunus; este pouco se presta a induzir em erro o estudante profano, que não pode apreender o significado esotérico dos símbolos. Era crença geral entre os filósofos e escritores profanos da antigüidade — pois os que eram iniciados haviam jurado guardar silêncio — que os caldeus rendiam culto à Lua sob seus diferentes nomes femininos e masculinos, como também o fizeram posteriormente os judeus.

No manuscrito inédito sobre a Linguagem artificial, de que já nos ocupamos, e que dá uma chave da formação da antiga língua simbólica, é indicada uma razão lógica para explicar esse duplo culto. A obra foi escrita por um douto, místico profundamente versado na matéria, e que expõe a razão sob a forma de uma hipótese de fácil compreensão. Esta hipótese, porém, passa necessariamente à categoria de fato comprovado da história da evolução religiosa do pensamento humano, para todo aquele que haja entrevisto algo do segredo da simbologia antiga. Eis o que diz o autor:

"Uma das primeiras ocupações do homem, das que são realmente necessárias, deveria ser a observação dos períodos de tempo [3], marcados na abóbada celeste que se ergue sobre o plano do horizonte ou sobre a superfície das águas tranqüilas. Tais períodos seriam determinados pelo dia e pela noite, pelas fases da Lua, por suas

(3) A Mitologia antiga inclui tanto a Astronomia arcaica como a Astrologia. Os planetas eram os ponteiros que marcavam, no quadrante do nosso Sistema Solar, *as épocas de certos acontecimentos históricos. Deste modo, Mercúrio era o mensageiro* que devia indicar o tempo durante os fenômenos cotidianos, solares e lunares, estando, por outra parte, relacionado com o Deus e a Deusa da Luz.

revoluções estelares e sinódicas, e pela duração do ano solar com a volta das estações, aplicando-se aos mesmos períodos a medida natural do dia e da noite, ou seja, do dia dividido em luz e sombra. Descobrir-se-ia também que havia, no mesmo período do ano solar, um dia solar mais comprido e outro mais curto que todos os demais, assim como dois dias solares em que o dia e a noite tinham igual duração; podendo as épocas do ano correspondentes a esses dias ser assinalada com a maior precisão nos grupos de estrelas dos céus, ou nas constelações, sob reserva de seu movimento retrógrado, que com o tempo necessitaria de correção por intercalação, como sucedeu na história do Dilúvio, em que se fez uma correção de 150 dias em um período de 600 anos, durante o qual a confusão dos signos indicadores do tempo havia aumentado... Isso teria naturalmente que ocorrer com todas as raças e em todas as épocas; e queremos crer que semelhante conhecimento tenha sido inerente à espécie humana, antes do chamado período histórico como durante o mesmo." [4]

Sobre esta base, procura o autor alguma função física natural, que a espécie humana possuísse em comum e que se relacionasse com as manifestações periódicas, de tal modo que "a relação entre as duas classes de fenômenos... se chegue a determinar no uso popular". Esta função ela a encontra em:

"(*a*) O fenômeno fisiológico feminino, que ocorre em cada mês de 28 dias, o mês lunar, ou 4 semanas de 7 dias, de maneira que se produzam 13 repetições do período em 364 dias, que constituem o ano solar de 52 semanas de 7 dias; (*b*) a gestação do feto, que é assinalada por um período de 126 dias, ou 18 semanas de 7 dias; (*c*) o chamado "período de viabilidade", que é de 210 dias, ou 30 semanas de 7 dias; (*d*) o período do parto, que se completa em 280 dias, ou 40 semanas de 7 dias, ou 10 meses lunares de 28 dias, ou ainda 9 meses do calendário de 31 dias, contando-se sobre o arco real dos céus a medida do tempo da passagem da escuridão da matriz à luz e glória da existência consciente, este mistério e milagre sempiterno e inescrutável... Assim, os períodos de tempo observados, que marcam os trabalhos da obra do nascimento, viriam a ser uma base natural para os cálculos astronômicos... Podemos quase assegurar... que este era o modo de calcular empregado em todas as nações, seja espontaneamente, seja por via indireta e em virtude de ensinamento. Era o método seguido entre os hebreus, pois até hoje eles calculam o calendário na base dos 354 e 355 dias do ano lunar; e dispomos de elementos que nos autorizam a dizer que era também o método dos antigos egípcios, conforme provamos em seguida.

A idéia fundamental que estava na raiz da filosofia religiosa dos hebreus era que Deus continha todas as coisas em si mesmo [5], e que o homem era feito à sua imagem; o homem compreendendo a mulher... O lugar do homem e da mulher entre os hebreus correspondia, entre os egípcios, ao do touro e da vaca, consagrados a Osíris e a Ísis [6], que eram representados respectivamente por um homem com cabeça de touro e uma mulher com cabeça de vaca, símbolos que eram objeto de culto. Sabia-se que Osíris personificava o Sol e o rio Nilo, o ano tropical de 365 dias, número que é o valor da palavra Neilos, e o touro, sendo também o princípio do fogo e da força produtora da vida; ao passo que Ísis era a Lua, o leito do rio Nilo, ou a Mãe-Terra, para cujas energias parturientes a água era indispensável; o ano lunar de 354-364 dias; a reguladora dos períodos de gestação; e a vaca, indicada pela lua crescente...

---

(4) Páginas 7-8.

(5) Noção vedantina desfigurada e rebaixada do conceito de Parabrahman, que contém em *si mesmo* todo o Universo, porque ele próprio é o Universo ilimitado e *nada existe fora dele.*

(6) Precisamente como sucede ainda em nossos dias, na Índia, com o touro de Shiva e a vaca que representa várias Shakis ou Deusas.

Mas a circunstância de os egípcios reservarem à vaca o papel que a mulher desempenhava entre os hebreus não implicava uma diferença substancial de significado, mas antes uma identidade de ensinamento, com a substituição tão somente de um símbolo que exprimia a mesma coisa, pois que se acreditava ser o período de gestação da vaca igual ao da mulher, isto é, de 280 dias ou 10 meses lunares de 4 semanas. E na duração desse período é que residia o valor essencial daquele símbolo animal, cujo signo era o da lua crescente... [7]. Pode-se ver que estes períodos naturais de gestação foram objeto de simbolismo no mundo inteiro. Eram utilizados pelos hindus, e também pelos americanos primitivos, conforme se observa claramente nas pranchas de Richardson e de Gest, na Cruz de Palenque e alhures, e serviram inequivocamente de base para a formação dos calendários dos maias do Iucatã, dos hindus, dos assírios e babilônios antigos, assim como dos antigos egípcios e hebreus. Os símbolos naturais consistiam sempre no falo ou no falo com o "yoni" [8]. A representação dos emblemas fálicos, por si só, indicaria unicamente os órgãos genitais do corpo humano, mas, levando-se em conta as suas funções e o desenvolvimento das sementes que produzem, poder-se-ia determinar um método para a medição dos períodos lunares e, por via destes, dos períodos solares." [9]

Eis aí a chave fisiológica ou antropológica do símbolo da Lua. A chave que descobre o mistério da Teogonia ou evolução dos Deuses manvantáricos é mais complicada, e não tem nada de fálico. Nela tudo é místico e divino. Mas os judeus, além de criar uma relação direta entre Jeová e a Lua, como Deus gerador, preferiram ignorar as Hierarquias superiores, e converteram em Patriarcas seus, algumas constelações zodiacais e os Deuses planetários, evemerizando assim a idéia puramente teosófica é rebaixando-a ao nível da humanidade pecadora.

O manuscrito de onde extraímos os trechos já transcritos explica, de modo muito claro, a que Hierarquia de Deus pertencia Jeová, e o que era este Deus judeu; pois demonstra, em linguagem precisa, aquilo em que a autora desta obra sempre insistiu, a saber: que o Deus aceito pelos cristãos não era mais que o símbolo lunar da faculdade reprodutora ou geradora da Natureza. E até ignoraram o secreto Deus hebreu a que se referem os cabalistas, Ain-Soph, que era, nas primitivas idéias místicas dos cabalistas, uma concepção tão elevada quanto a de Parabrahman.

Não é, porém, a *Kabalah* de Rosenroth que pode dar os verdadeiros ensinamentos originais de Simeão Ben Yochai, tão metafísicos e filosóficos como outro qualquer. E, entre os estudantes da *Kabalah*, quantos haverá que saibam algo de tais ensinamentos, a não ser por intermédio de suas incorretas traduções latinas? Examinemos por um instante a idéia que levou os judeus a adotarem um substituto do Sempre Incognoscível, ao ponto de confundir os cristãos e fazê-los tomar o substituto pelo verdadeiro.

"Se a estes órgãos [falo e 'yoni'], considerados como símbolos de agentes criadores cósmicos, pode ser associada a idéia de... períodos de tempo, então, e efetivamente, na construção dos Templos como Casas do Senhor ou de Jehová, aquela parte

(7) Daí o culto votado à Lua pelos hebreus.
(8) "*Macho ou fêmea* os criou."
(9) Páginas 11-15.

designada como o Sanctum Sanctorum, ou o Recinto Mais Sagrado, devia ter tirado seu nome da reconhecida santidade dos órgãos geradores, encarados como símbolos tanto de medidas quanto da causa criadora.

Entre os Sábios antigos não havia nem nome nem idéia nem símbolo para a Causa Primeira [10]. Para os hebreus, o conceito indireto desta Causa se apoiava em um termo de compreensão negativa, isto é, Aín-Soph ou O Sem Limites. Mas o símbolo de *sua primeira manifestação compreensível* era a concepção de um círculo com o diâmetro, para representar uma idéia ao mesmo tempo geométrica, fálica e astronômica... porque a unidade nasce do O ou círculo, sem o qual não poderia existir; e do 1, ou unidade primordial, saem os nove dígitos e, geometricamente, todas as formas planas. Assim, na *Cabala*, o círculo com o diâmetro é a figura dos 10 Sephiroth, ou emanações, que compõem o Adão Kadmon, ou Homem Arquétipo, origem criadora de todas as coisas... A idéia de relacionar a figura do círculo e seu diâmetro, ou seja, o número 10, com a significação dos órgãos reprodutores e com o Recinto Mais Sagrado... foi aplicada à construção da Câmara do Rei ou Sanctum Sanctorum da Grande Pirâmide, à do Tabernáculo de Moisés e à do Sanctum Sanctorum do Templo de Salomão... É *a figura de uma dupla matriz,* pois em hebreu a letra *He* (ה) representa o número 5 e simboliza ao mesmo tempo a matriz; e duas vezes 5 fazem 10, isto é, o número fálico." [11]

Essa "dupla matriz" indica também a dualidade da idéia transportada do plano superior ou espiritual ao plano inferior ou terrestre; e limitada a este último pelos judeus. Mas, não obstante, deram eles ao número sete o lugar mais importante em sua religião exotérica, culto de formas externas e de rituais sem sentido; e disso é exemplo o seu Sábado, o sétimo dia consagrado a sua Divindade, a Lua, símbolo do Jeová gerador. Para outros povos, o sete representava a evolução teogônica, os Ciclos, os Planos Cósmicos, as Sete Forças e Poderes Ocultos do Cosmos, considerado como um Todo Sem Limites e cujo Triângulo superior era inacessível à mente finita do homem.

Quando, portanto, outros povos, em sua limitação forçosa do Cosmos no Espaço e no Tempo, só se ocupavam do plano setenário manifestado, os judeus reconcentraram este número unicamente na Lua, baseando nela todos os seus cálculos sagrados. Daí a razão por que vemos o inteligente autor do citado manuscrito observar, a respeito da metrologia dos judeus que,

"Se multiplicarmos 20 612 por 4/3, *o produto dará uma base para a determinação* da revolução média da Lua; e se este produto for novamente multiplicado por 4/3, o resultado dará uma base para fixarmos o período exato do ano solar médio... esta fórmula... sendo de muitíssima utilidade para encontrarmos os períodos astronômicos do tempo." [12]

Esse número duplo — macho e fêmea — é também simbolizado por alguns ídolos bastante conhecidos; por exemplo:

---

(10) Porque era por demais sagrada. Os *Vedas* a mencionam como AQUILO. É a "Causa Eterna", e portanto não pode ser considerada "Causa Primeira", termo que implica ao mesmo tempo ausência de Causa.

(11) MS., pp. 18-20.

(12) *Ibid.*, pp. 21-22.

"Ardhanârî-Ishvara, a Ísis dos hindus, Eridanus ou Ardan, ou o Jordão hebreu, ou *fonte de desenvolvimento*. É apresentada sobre uma folha de lótus que flutua nas águas. Mas a significação é que ela é andrógina ou hermafrodita, ou seja, o falo e o 'yoni' combinados, o número 10, a letra hebraica *Yod* [י], o *conteúdo de Jeová*. Ela, ou melhor, ela-ele, marca os minutos do mesmo círculo de 360 graus."[13]

"Jeová", sob o melhor de seus aspectos, é Binah, a "Mãe mediadora Superior, o Grande Mar ou Espírito Santo"; e, portanto, mais um sinônimo de Maria, a Mãe de Jesus, que de seu Pai. Esta "Mãe, que é a palavra latina Mare", aqui também significa Vênus, a Stella Maris ou Estrela do Mar.

Os antepassados dos misteriosos acadianos — os Chandravanshas e Indovanshas, os Reis Lunares que a tradição aponta como tendo reinado em Prayâga (Allahabad) muito tempo antes da Era Cristã — eram procedentes da Índia e haviam trazido consigo o culto de seus ascendentes (de Soma e de seu filho Budha), culto que depois veio a ser o dos caldeus. Este culto, porém, à parte da Astrolatria e da Heliolatria populares, nada tinha de comum com a *idolatria*. Não era mais, em todo caso, que o simbolismo católico romano moderno, que relaciona a Virgem Maria — a Magna Mater dos sírios e dos gregos — com a Lua.

Os católicos romanos mais fervorosos sentem-se orgulhosos desse culto, e o proclamam abertamente. Em sua *Mémoire* dirigida à Academia Francesa, diz o Marquês de Mirville:

"É de todo natural que, qual profecia inconsciente, Ammon-Ra seja o esposo de sua mãe, pois a Magna Mater dos cristãos *é precisamente a esposa daquele filho que ela concebe*... Nós [os cristãos] podemos agora compreender *por que Neith projeta luz sobre o Sol, embora permanecendo como Lua*; pois a Virgem, que é a Rainha dos Céus, *como o era Neith*, veste o Cristo-Sol, como o fazia Neith, e é por ele vestida: '*Tu vestis solem et te sol vestit*' [como cantam os católicos romanos durante os seus ofícios].

Nós [os cristãos] compreendemos também por que a famosa inscrição de Saís declarava que "ninguém jamais levantou o meu véu [peplum]", porquanto esta frase, traduzida literalmente, *é o resumo do que se canta na Igreja no Dia da Imaculada Conceição*." [14]

Certamente que não pode haver maior sinceridade do que essa! Justifica inteiramente o que disse Gerald Massek em sua conferência sobre o "Culto da Lua, Antigo e Moderno":

"O homem na Lua [Osíris — Sut, Jehová — Satã, Cristo — Judas e outros Gêmeos Lunares] é freqüentemente acusado de mau comportamento... Nos fenômenos lunares, a Lua era una, como Lua de duplo sexo, e de caráter tríplice, como mãe, filho e varão adulto. Deste modo, o filho da Lua era o esposo de sua própria mãe! Não se podia evitá-lo, se é que devia haver reprodução. Era ele obrigado a ser o seu próprio pai! Estes parentescos foram reprovados pela sociologia posterior, e a idéia do homem primtivo da Lua foi abandonada. Contudo, em sua última e

(13) *Ibid.*, pp. 23-24.

(14) *Pneumatologie: Des Esprits*, t. III, p. 117, "Archéologie de la Vierge Mère".

mais inexplicável fase, ela se converteu na doutrina fundamental da mais grosseira superstição que o mundo já conheceu, pois estes fenômenos lunares e seus parentescos incestuosos são a base mesma da Trindade na Unidade dos cristãos. Por ignorância do simbolismo, a simples representação dos primeiros tempos se transformou no mais profundo mistério do moderno culto lunar. A Igreja Romana, sem demonstrar o menor constrangimento, apresenta a figura da Virgem Maria adornada com o Sol, tendo aos pés a Lua crescente e nos braços o menino lunar, como filho e esposo da mãe Lua! A mãe, o filho e o varão adulto são fundamentais.

Deste modo se pode provar que a nossa Cristologia não é senão mitologia mumificada e tradição legendária, que de um modo equívoco nos foram impostos no *Antigo* e no *Novo Testamento*, como uma revelação divina ditada pela própria voz de Deus." [15]

Há no *Zohar* uma belíssima alegoria que revela perfeitamente o verdadeiro caráter de Jehovah ou Y H V H, segundo a primitiva concepção dos cabalistas hebreus. Pode ver-se na Filosofia da *Cabala*, de Ibn Gebirol, traduzida por Isaac Myer:

"Na introdução escrita por R. 'Hiz'qeeyah, que é bem antiga e faz parte de nossa edição Brody do *Zohar* (I, 5*b* e segs.), consta a narrativa de uma viagem empreendida por R. El'azar, filho de R. Shom-on b. Yo'hai, e R. Abbah... Encontraram um homem que conduzia uma carga pesada... Falaram com ele... e as explicações dadas pelo homem da carga sobre o Thorah foram tão maravilhosas que lhe perguntam o seu nome; e ele respondeu: 'Não me perguntei quem eu sou, mas prossigamos na explicação do Thorah |a Lei|'. Perguntaram então: 'Quem te obrigou a caminhar desse modo, levando uma carga tão pesada?' Ao que respondeu: 'A letra' (Yod, que é igual a 10 e que é a letra simbólica de Kether, bem como a essência e o germe do Nome Sagrado יהוה, ou YHVH) fez a guerra, etc.... Disseram-lhe: 'Se consentes em dizer o nome de teu pai, nós beijaremos a poeira de teus pés'. Ele replicou: '...*Meu pai morava no Grande Mar, e era ali um peixe* |tal como Vishnu Dagon ou Oannes| que |antes de mais nada| destruiu o Grande Mar... e era grande e poderoso e o 'Ancião dos Dias', até que tragou todos os demais peixes do (Grande) Mar...' R. El'azar escutou estas palavras e lhe disse: 'Tu és o Filho da Chama Sagrada, és o Filho de Rab'Ham-*num-ah Sabah* (o velho) |*peixe* em aramaico ou caldeu é *nun*|, tu és o Filho da Luz do Thorah |Dharmah|, etc." [16]

Explica então o autor que o Sephira feminino, Binah, é chamado o Grande Mar pelos cabalistas; portanto, Binah, cujos nomes divinos são Jeová, Yan e Elohim, outro não é senão o Tiamat caldeu, o Poder Feminino, o Thalath de Berose, que preside ao Caos, e que mais tarde veio a ser, a Serpente e o Diabo na teologia cristã, Ela-ele (Yan-hovah) é o *He* celeste e Eva. Estes Yah-hovah ou Jehovah é, pois, idêntico ao nosso Caos — Pai, Mãe, Filho — no plano material e no Mundo puramente físico; Deus e Demônio ao mesmo tempo; o Sol e a Lua; o Bem e o Mal.

O magnetismo lunar gera a vida, conserva-a e a destrói, tanto psíquica como fisicamente. E, se do ponto de vista astronômico, a Lua é um dos sete planetas do Mundo Antigo, na Teogonia é um de seus Regentes, tanto entre os cristãos de hoje como entre os pagãos; para os primeiros com o nome de um de seus Arcanjos, e para os últimos como um de seus Deuses.

(15) P. 23.
(16) *Qabbalah*, de Myer, 335-6.

É, por isso, fácil de compreender a significação daquele "conto de fadas" que Chwolsohn traduziu da versão árabe de um velho manuscrito caldeu, em que Qûtamy é instruído pelo *ídolo* da Lua. Seldenus nos diz o segredo, e o mesmo faz Maimonides em seu *Guia dos Perplexos* [17]. Os adoradores dos Teraphim, ou Oráculos judeus, "esculpiam imagens, e pretendiam que, sendo inteiramente impregnada pela luz das estrelas principais (planetas), por seu intermédio as Virtudes angélicas (ou os Regentes dos planetas e estrelas) conversavam com eles, ensinando-lhes a arte e muitas coisas úteis". E Seldenus explica que os Teraphim foram construídos e compostos de ocordo com a posição de certos planetas, que os gregos chamavam στοιχεια, e com as figuras que se achavam no firmamento, chamadas ἀλεξητήριοι ou Deuses *Tutelares*. Os que assinalavam os στοιχεια, eram denominados στοιχειωματικοί, ou adivinhadores por meio do στοιχεια [18].

Foram, porém, frases semelhantes do *Nabathean Agriculture* que assustaram os homens de ciência e os levaram a proclamar que se tratava de uma obra "apócrifa ou de um conto de carochinha, indigno da atenção de um acadêmico". Ao mesmo tempo, como vimos, católicos romanos e protestantes zelosos fizeram-na em pedaços, metaforicamente; os primeiros, porque "ali se descrevia o culto dos demônios", e os últimos, porque o livro era "ímpio". Ainda uma vez, todos laboram em erro. *Não* é um conto de carochinha; e quanto aos piedosos sacerdotes, pode-se mostrar-lhes o mesmo culto em suas escrituras sagradas, por mais que o tenha deturpado a tradução. O culto Solar e o Lunar, assim como também o culto das Estrelas e dos Elementos, figuram e podem ser vistos na Teologia Cristã. Os papistas lhes fazem a defesa; e se os protestantes os negam de plano, isto corre por sua conta e risco. Podemos citar dois exemplos.

Amiano Marcelino ensina que as antigas adivinhações se realizavam sempre com a ajuda dos Espíritos dos Elementos (*Spiritus Elementorum* e, em grego, πνεύματα των στοιχείων [19].

Mas agora se descobriu que os Planetas, os Elementos e o Zodíaco não somente figuravam em Heliópolis como as doze pedras chamadas "Mistérios dos Elementos" (*Elementorum Arcana*), senão também no Templo de Salomão; e, como assinalado por vários escritores, em algumas igrejas italianas, e até em *Notre Dame de Paris*, onde ainda podem ser vistos.

Nenhum símbolo, sem excetuar o do Sol, foi, em suas diversas significações, mais complexo que o símbolo lunar. O sexo era, naturalmente, duplo. Para uns era varão, como, por exemplo, o "Rei Soma" indiano e o Sin caldeu; para outros povos era feminino, como as formosas Deusas Diana-Luna, Ilitiia, Luciana. Entre os tauros, sacrificavam-se vítimas humanas a Ártemis, um dos aspectos da Deusa lunar; os cretenses a chamavam

(17) *Moreb Nebbuchim*, III, XXX.
(18) Veja-se *De Diis Syriis*, Teraph, II, Synt, p. 31.
(19) I, I, 21.

Dictynna, e os medos e os persas, Anaítis, como se pode ver de uma inscrição de Colœ: Αρτέμιδι 'Ανάειτι. Mas agora nos referimos ptincipalmente à mais casta e pura das Deusas virgens, Luna-Ártemis, a quem Panfos foi o primeiro a dar o sobrenome de Καλλίστη, e de quem Hipólito escreveu: Καλλίστα πολύ παρθένων [20]. Esta Ártemis Lochia, a Deusa que presidia à concepção e ao parto, é, em suas funções e como tríplice Hécate, a Divindade órfica, predecessora do Deus dos rabinos e dos cabalistas pré-cristãos, e o seu tipo lunar. A Deusa Τρίμορφος era a personificação simbólica dos sucessivos e diferentes aspectos apresentados pela Lua em cada uma de suas três fases; e esta interpretação já era a dos estóicos [21], enquanto que os órficos explicavam o epíteto Τρίμορφος pelos três reinos da Natureza sobre os quais ela reinava. Ciumenta, ávida de sangue, vingativa e exigente, Hécate-Luna é o digno duplicado do "Deus ciumento" dos profetas judeus.

Todo o enigma do culto Solar e Lunar, tal como é hoje apresentado nas Igrejas, gira em torno daquele antigo mistério universal dos fenômenos lunares. As forças correlativas da "Rainha da Noite", que estão ainda latentes para a ciência moderna, mas que se acham em plena atividade para o saber dos Adeptos orientais, explicam bem as mil e uma imagens sob as quais era a Lua representada pelos antigos. Mostra isso também quanto estavam os antigos mais profundamente versados nos Mistérios selenitas que os nossos astrônomos modernos.

Todo o Panteão dos Deuses e Deusas lunares, Nephtys ou Neith, Prosérpina, Melita, Cibele, Ísis, Astartéia, Vênus e Hécate, de um lado, e Apolo, Dioniso, Adônis, Baco, Osíris, Átis, Tamuz, etc., de outro, todos provam, com seus nomes e títulos — de "Filhos" e "Esposos" de suas "Mães" — a sua identidade com a Trindade cristã. Em todos os sistemas religiosos os Deuses fundiam em uma só as suas funções de Filho, Pai e Esposo; e as Deusas eram identificadas como Esposas, Mães e Irmãs. Os primeiros sintetizavam os atributos humanos no "Sol, o Dispensador da Vida"; as últimas fundiam todos os seus títulos na grande síntese conhecida como Maia, Maya, Maria, etc., nomes genéricos. Maia chegou a significar "mãe" entre os gregos, por derivação forçada da raiz *ma* (nutriz), e deu o seu nome ao mês de Maio, que era consagrado a todas aquelas Deusas, antes de o ser a Maria [22]. Sua origem primitiva, no entanto, era Mâyâ, Durgâ, que os orientalistas traduziram por "inacessível", mas que na verdade significa o "impossível de alcançar", no sentido de ilusão e não-realidade, fonte e causa dos encantamentos, personificação da ilusão.

Nos ritos religiosos, a Lua servia a um duplo objetivo. Era personificada como uma Deusa feminina para fins exotéricos, ou como um Deus

(20) Veja-se *Pausanias*, VIII, 35-38.

(21) Cornutus, *De Natura Deorum*, XXXIV, I.

(22) É ao pagão Plutarco que os católicos romanos devem a idéia de consagrar o mês de maio à Virgem, pois ele mostra que "maio é consagrado a Maia (*Maia*) ou Vesta" (Aulus Gellius, *sub voc.* Maia), personificação de nossa mãe Terra, aquela que nos alimenta.

varão nas alegorias e nos símbolos; e na Filosofia Esotérica era o nosso satélite considerado como uma Potência sem sexo, que devia ser bem estudada, pelo temor que inspirava. Para os Iniciados árias, caldeus, gregos e romanos, Soma, Sin, Ártemis, Soteira (o Apolo hermafrodita, que tem a lira por atributo, e a Diana de barba, com o arco e a flecha), Deus Lunus, e especialmente Osíris-Lunus e Thot-Lunus [23], eram potestades ocultas da Lua. Mas, varão ou fêmea, Thot ou Minerva, Soma ou Astoreth, a Lua é o Mistério dos Mistérios ocultos, e mais símbolo do mal que do bem. Suas sete fases, na divisão original esotérica, compõem-se de três fenômenos astronômicos e quatro fases puramente psíquicas. Nem sempre a Lua foi venerada, como o provam os Mistérios, em que a morte do Deus-Lunar — isto é, as três fases minguantes e de final desaparecimento — era alegorizada pela Lua como símbolo do Gênio do Mal, que, por um instante, triunfa sobre o Deus produtor da Luz e da Vida, o Sol; sendo necessária toda a habilidade e sabedoria dos antigos Hierofantes em Magia para converter esse triunfo em derrota.

No culto mais antigo de todos, o dos Hermafroditas da Terceira Raça de nossa Ronda, a Lua *macho* se fez sagrada, quando, depois da chamada Queda, houve a separação dos sexos. Deus-Lunus passou então a ser Andrógino, alternadamente macho e fêmea, e acabou sendo invocado nas *práticas de feitiçaria*, como Potência Dual, pela Quarta Raça-Raiz, a dos Atlantes. Com o advento da Quinta Raça-Raiz, que é a nossa, o culto Lunar-Solar dividiu as nações em dois campos antagônicos bem definidos, e deu causa aos sucessos descritos, evos mais tarde, na epopéia do Mahâbhârata, a guerra entre os Sûryavanshas e os Indovanshas, que os europeus consideram como fabulosa, mas que é histórica para os indianos e os ocultistas. O culto dos princípios macho e fêmea teve origem no aspecto dual da Lua, e acabou dividindo-se em dois cultos distintos, o do Sol e o da Lua.

Entre as raças semíticas, o Sol foi, durante muito tempo, feminino, e a Lua masculina, sendo esta última noção procedente das tradições atlantes. Chamavam à Lua "o Senhor do Sol", Bel-Shemesh, anteriormente ao culto de Shemesh. A ignorância das razões iniciais de semelhante distinção e dos princípios ocultos conduziu os povos ao culto antropomórfico dos ídolos. Durante esse período, de que não fazem menção os livros mosaicos, ou seja, desde o exílio do Éden até o Dilúvio alegórico, os judeus, como os demais semitas, adoraram a Dayanisi [24], זיכאישו, o "Soberano dos Homens", o "Juiz", ou o Sol. Muito embora o Cânon judaico e o Cristianismo houvessem convertido o Sol no "Senhor Deus" e no Jeová da *Bíblia*, está a mesma *Bíblia* cheia de alusões indiscretas à Divindade andrógina, que outra não era senão Jeová, o Sol, e Astoreth, a Lua, em seu aspecto feminino, e livre inteiramente do elemento metafórico que atualmente lhe emprestam. Deus é um "fogo que consome", aparece *no* fogo e está rodeado *pelo* fogo. Não foi apenas em suas visões que Ezequiel viu os

(23) Thot-Lunus é o Budha-Soma da Índia, ou Mercúrio e a Lua.
(24) Dayaneesh.

judeus "adorando o Sol" [25]. O Baal dos israelitas — o Shemesh dos moabitas e o Moloch dos amonitas — era o mesmo "Jeová-Sol", e é ainda hoje o "Rei das Legiões do Céu", o Sol, assim como Astoreth era a "Rainha do Céu" ou a Lua. O "Sol de Justiça" *só agora* é que passou a ser uma expressão *metafórica.*

As religiões de todas as nações antigas estavam, de início, baseadas nas manifestações ocultas de uma Força ou Princípio puramente abstrato, a que hoje se dá o nome de "Deus". A própria instituição de tais cultos mostra, nos seus pormenores e ritos, que os filósofos que estabeleceram semelhantes sistemas da Natureza, subjetiva e objetiva, eram detentores de um profundo saber, e conheciam muitos fatos de cunho científico. Pois os ritos do culto lunar, à parte o seu lado estritamente oculto, eram, como acabamos de ver, baseados no conhecimento da Fisiologia — ciência para nós inteiramente moderna —, da Psicologia, das Matemáticas Sagradas, da Geometria e da Metrologia, em sua correta aplicação aos símbolos e figuras, que não passam de signos para registrar os *fatos* naturais e científicos observados. Como dissemos, o magnetismo lunar gera a vida, conserva-a e a destrói, e Soma encarna o tríplice poder da Trimurti, embora tal não seja até agora reconhecido pelos profanos.

A alegoria que apresenta Soma, a Lua, como produzida pelo malaxar do Oceano da Vida (Espaço) pelos Deuses em outro Manvantara, isto é, no dia pré-genético de nosso Sistema Planetário, e o mito em que figuram "os Rishis ordenhando a Terra, cujo bezerro era Soma, a Lua", têm uma profunda significação cosmográfica; pois nem é *nossa* Terra que é ordenhada, nem é nossa conhecida Lua que é o bezerro [26]. Se os nossos homens de ciência soubessem acerca dos mistérios da Natureza tanto quanto sabiam os antigos árias, certamente que jamais lhes passaria pela imaginação que a Lua foi projetada da Terra. Mais uma vez repetimos que, para compreender a linguagem simbólica dos antigos, cumpre ter presentes e levar em conta as mais antigas permutações da Teogonia: o Filho que se converte em seu próprio Pai, e a Mãe que é gerada pelo Filho. De outro modo, a mitologia aparecerá sempre aos orientalistas simplesmente como "uma enfermidade que surge em certo estado peculiar da cultura humana!", segundo a grave advertência de Renouf.

Os antigos ensinavam, digamos assim, a autogeração dos Deuses; a Essência Divina Una, *não manifestada,* gerando perpetuamente um Segundo-Eu *manifestado,* Segundo-Eu que, andrógino por natureza, *dá nascimento, de maneira imaculada,* a todas as coisas macrocósmicas e microcósmicas deste Universo. Foi o que explanamos algumas páginas atrás, a propósito do Círculo e do Diâmetro, ou o Dez (10) Sagrado.

---

(25) *Ezequiel,* VIII, 16.

(26) Na alegoria, a Terra busca salvar a vida pela fuga, sendo perseguida por Prithu. Toma a forma de uma vaca e, trêmula de pavor, corre para se ocultar nas regiões de Brahma. *Não se trata, pois, de nossa Terra.* Além disso, em todos os *Purânas* o bezerro muda de nome. Num deles é Manu Svâyambhuva, em outro Indra, num terceiro o próprio-Himavat (Himalaia); e era Meru quem ordenhava. Esta é uma alegoria mais profunda do que se poderia supor.

Mas os nossos orientalistas, em que pese ao seu grande desejo de descobrir um Elemento homogêneo na Natureza, *não o verão*. Limitados em sua investigação por tal ignorância, os arianistas e os egiptólogos se extraviam constantemente em suas especulações. Por exemplo: De Rougé não pode compreender, no texto que traduz, o significado do que Ammon-Ra diz ao rei Amenófis, que se supõe ser Memnon: "Tu és meu filho, eu te gerei". E, encontrando a mesma coisa em muitos textos e sob formas diferentes, esse mesmo orientalista cristão se vê, finalmente, obrigado a dizer:

"Para que essa idéia pudesse ter passado pela mente de um hierógrafo, era preciso que houvesse em sua religião uma doutrina mais ou menos definida *indicando como fato possível uma encarnação divina e imaculada, sob uma forma humana.*"

Exatamente. Mas por que buscar a explicação em uma profecia impossível, quando o segredo se esclarece pela religião mais recente que copia a antiga?

Semelhante doutrina era universal, e não foi na mente de nenhum hierógrafo que ela se desenvolveu; pois os Avatares indianos são a prova do contrário. De Rougé, depois de "compreender mais claramente" [27] o que significavam o "Pai Divino" e o "Filho" entre os egípcios, não pode, entretanto, explicar e perceber quais eram as funções atribuídas ao Princípio *feminino naquela* geração primordial. Não o vê na Deusa Neith, de Saís. Cita, porém, as palavras do Chefe e Cambises, ao dar entrada a este Rei no templo saíta: "Faço conhecer a V. M. a dignidade de Saís, que é a morada de Neith, a grande produtora (feminina), *a Mãe do Sol, que é o Primogênito e que não foi engendrado, mas somente dado à luz*" — e, portanto, fruto de Mãe Imaculada.

Como é mais grandioso, filosófico e poético — para aquele que é capaz de compreender e julgar — o verdadeiro conceito dos antigos pagãos sobre a Virgem Imaculada, quando se compara com o conceito papal de hoje! No primeiro, a Mãe Natureza, sempre jovem, o antítipo de seus protótipos o Sol e a Lua, *gera* e *dá à luz* o seu Filho "nascido da mente", o Universo. O Sol e a Lua, como divindades masculino-femininas, frutificam a Terra microcósmica, e esta última concebe e dá à luz, por sua vez. Para os cristãos, no entanto, o "Primeiro Nascido" (*primogenitus*) é gerado de verdade, isto é, engendrado (*genitus, non factus*), e positivamente *concebido e dado à luz: "Virgo pariet"* — explica a Igreja Latina. Deste modo, a Igreja rebaixa ao nível terreno o ideal nobre e espiritual da Virgem Maria, e a faz descer à categoria inferior das Deusas antropomórficas das multidões.

Certamente que Neith — Ísis, Diana, etc., seja qual for o nome que se dê — era "uma Deusa demiúrgica, a um tempo visível e invisível, que

(27) Sua *clara* compreensão é que os egípcios *profetizaram* Jeová (!) e seu Redentor encarnado (a boa serpente), etc., e vai ao ponto de identificar Tifon com o dragão *perverso* do Éden. E isso passa como *ciência* séria e sensata!

tinha o seu lugar no Céu e que *assistia a geração das espécies*" — numa palavra, a Lua. Seus aspectos e poderes ocultos são inumeráveis; e sob um desses aspectos a Lua era, para os egípcios, Hathor, outra forma de Ísis [28], e ambas as Deusas são representadas amamentando Hórus. Ver-se-á, no Salão Egípcio do Museu Britânico, Hathor adorada pelo Faraó Thutmés, que está de pé entre ela e o Senhor do Céu. Trata-se de um monólito que foi trazido de Karnac. Há a seguinte legenda inscrita sobre o trono da Deusa: "*A Divina Mãe e Senhora, ou Rainha do Céu*"; e mais estas outras: "*Estrela da Manhã*" e "*Luz do Mar*" (*Stella Matutina* e *Lux Maris*). Todas as Deusas Lunares tinham um aspecto dual: *divino* e *infernal*. Todas eram as Virgens-Mães de um Filho nascido de modo *imaculado*, o Sol. Raoul Rochette mostra que a Deusa Lunar dos atenienses, Palas ou Cibele, Minerva ou também Diana, invocada em suas festas como Μονογενὴς Θεου, "a Mãe Única de Deus", aparecia sentada sobre um leão e rodeada por doze personagens, tendo ao colo o seu pequenino filho. Nesses doze os ocultistas reconhecem os Doze Grandes Deuses, e o piedoso orientalista cristão os Apóstolos, ou melhor, a profecia pagã dos gregos sobre os Apóstolos.

Estão uns e outro com a razão, pois a Deusa Imaculada da Igreja Latina é uma cópia fiel da Deusa pagã mais antiga; o número dos apóstolos é o das doze Tribos, e estas personificam os doze grandes Deuses e os doze signos do Zodíaco. Quase todas as minúcias do dogma cristão foram tomadas dos pagãos. Semele, esposa de Júpiter e mãe de Baco, o Sol, é também, segundo Nonnus, "conduzida" ao Céu depois de sua morte (ascensão), e ali se acha presidindo, entre Marte e Vênus, sob o nome de "Rainha do Mundo" ou do Universo, πανβασίλεια; e "ao seu nome", assim como aos de Hathor, Hécate e outras Deusas infernais, "todos os demônios tremem" [29].

"Σεμέλην τρέμουσι δαίμονες." Esta inscrição grega de um pequeno templo, reproduzida sobre uma pedra que Berger encontrou, e copiada por Montfaucon, nos revala, segundo conta De Mirville, o surpreendente fato de que a Magna Mater do mundo antigo foi um impudente "plágio" da Imaculada Virgem Maria da Igreja Católica, perpetrado, pelo Demônio. Que seja assim ou *vice-versa*, não tem a menor importância. O que interessa observar é a perfeita identidade entre a *cópia arcaica* e o *original moderno*.

Se nos permitisse o espaço de que dispomos, poderíamos mostrar a inconcebível frieza e indiferença com que se comportam alguns partidários da Igreja Católica Romana quando postos frente a frente com as revelações do passado. Ante a observação de Maury de que "a Virgem se apoderou de todos os Santuários de Ceres e de Vênus" e de que "os ritos pagãos, proclamados e celebrados em honra daquelas Deusas, foram em grande

(28) Harthor é a *Isis* infernal, a Deusa por excelência do Ocidente ou do Mundo Inferior.

(29) É De Mirville quem o refere, confessando com orgulho a semelhança, que ele *devia conhecer*. Veja-se "Archéológie de la Vierge Mère" em seu *Des Esprits*, pp. 111-113.

parte transferidos para a Mãe de Cristo" [30], o advogado de Roma responde *que foi assim mesmo* e que tudo isso é justo e perfeitamente natural.

"Como o dogma, a liturgia e os ritos professados pela Igreja Apostólica Romana em 1862 se encontram gravados em monumentos, papiros e rolos que *datam de épocas não muito posteriores ao Dilúvio*, impossível é negar a existência de um *primeiro e pré-histórico Catolicismo* |Romano| *do qual o nosso é uma continuação fiel*..." |Mas enquanto o primeiro era o cúmulo, o "summum da imprudência dos demônios e da necromancia *goética*"..., o segundo é *divino*|. "Se em *nossa Revelação* |cristã| (o *Apocalipse*) Maria, revestida com o Sol e tendo a Lua sob os pés, já não possui nada de comum *com a humilde servidora do Nazareno* |sic|, é porque se tornou agora no maior dos poderes teológicos e cosmológicos do *nosso* Universo." [31]

É claro, uma vez que Píndaro assim canta a assunção: "Ela esta sentada *à direita de seu* Pai (Júpiter)... e é mais poderosa que todos os demais (Anjos ou) Deuses" [32] — hino que é igualmente aplicável à Virgem. Também São Bernardo citado por Cornélio a Lapide, se dirige à Virgem Maria nestes termos: "O Cristo-Sol vive em Ti, e tu vives nele" [33].

O mesmo santo homem, que nada tem de sofista, admite ainda que a Virgem é a Lua. Sendo ela a Luciana da Igreja, aplicam-lhe ao parto este verso de Virgílio: "*Casta fave Lucina, tuus jam regnat Apollo*" (Sê graciosa, ó casta Lucina, o teu querido Apolo agora é rei) [34]. E acrescenta aquele inocente santo: "Como a Lua, a Virgem é a Rainha do Céu" [35].

Isso decide a questão. Segundo os escritores do gênero de De Mirville, quanto mais semelhança há entre as concepções pagãs e os dogmas cristãos, mais a religião de Cristo se afirma como divina, e mais se comprova que é a única verdadeiramente inspirada, sobretudo em sua forma católica romana. Os incrédulos homens de ciência e acadêmicos, que julgam ver na Igreja Latina precisamente o contrário de uma inspiração divina, e que se obstinam em não aceitar os maliciosos plágios antecipados de Satanás, são severamente chamados a capítulo. Mas então "eles não crêem em nada, e até rechaçam o *Nabathean Agriculture*, como uma novela e uma coleção de absurdos e superstições" — queixa-se o memorialista. "Em sua pervertida opinião, o 'ídolo da Lua' de Qû-tâmy e a estátua da Madona são uma e a mesma coisa!" Faz vinte e cinco anos que um nobre Marquês escreveu seis grandes volumes, ou, como ele os chama, "Memórias à Academia Francesa", com o único objetivo de provar que o Catolicismo Romano é uma crença inspirada e revelada. À guisa de documentação, apresenta inúmeros fatos, tendentes a mostrar que todo o Mundo Antigo, acolitado pelo Demônio, desde o Dilúvio, esteve plagiando sistematicamente os ritos, cerimôniais e dogmas da futura Santa Igreja, que só iria surgir muitos séculos depois. Que teria dito esse fiel discípulo de Roma se chegasse a ouvir o

(30) *Magie*, p. 153.
(31) De Mirville, *Ibid.*, pp. 116 e 119.
(32) *Hinos a Minerva*, p. 19.
(33) *Sermão sobre a Santa Virgem*, de Píndaro.
(34) Virg., *Ec.*, IV, 10.
(34) *Apocalipse*, cap. XII.

seu correligionário Renouf, o eminente egiptólogo do Museu Britânico, declarar, em uma de suas eruditas conferências, que "nem os hebreus nem os gregos haviam importado do Egito uma só de suas idéias"? [36]

Mas talvez Renouf quisesse dizer que foram os egípcios, os gregos e os arianos que tomaram suas idéias da Igreja Latina? Se assim é, por que, em nome da lógica, rejeitam os papistas os novos elementos que os ocultistas podem proporcionar-lhes sobre o culto da Lua, elementos que tendem todos a provar que o culto da Igreja Católica Romana é tão antigo quanto o Mundo — *no que se refere ao Sabeísmo e à Astrolatria?*

A razão da Astrolatria dos primitivos cristãos e dos católicos romanos que lhes sucederam, ou do culto simbólico do Sol e da Lua, culto idêntico ao dos gnósticos, ainda que menos filosófico e puro que o "culto do Sol" dos masdeístas, é a conseqüência natural do nascimento e origem do Cristianismo. A adoção, pela Igreja Latina, de símbolos como a Água, o Fogo, o Sol, a Lua e as Estrelas, e muitos outros, é simplesmente a continuação do antigo culto das nações pelos primeiros cristãos.

Por exemplo, Odin obteve sua sabedoria, poder e conhecimentos sentando-se aos pés de Mimir, o Jotun três vezes sábio, que passou a vida junto à fonte da Sabedoria Primordial, cujas Águas cristalinas lhe aumentavam o saber diariamente. "Mimir abeberou-se, na fonte, do conhecimento superior, porque o Mundo havia nascido da Água; sendo esta a razão por que a Sabedoria Primordial se encontrava naquele misterioso elemento." O olho que Odin tinha de sacrificar para adquirir esse conhecimento pode ser o "Sol que ilumina e penetra todas as coisas; sendo o outro olho a Lua, *cujo reflexo olha do fundo das águas e finalmente se some no* Oceano quando ela desaparece" [37]. Mas é algo mais que isto. Loki, o Deus do Fogo, contam que se ocultou nas Águas, e também na Lua, a distribuidora de luz, cuja imagem ele viu ali. Esta crença de que o Fogo encontra refúgio na Água não se limitava aos antigos escandinavos. Era partilhada por todos os povos, e foi, por último, adotada pelos primeiros cristãos, que simbolizaram o Espírito Santo sob a forma do Fogo, "línguas fendidas semelhantes *ao Fogo*" — o sopro do Sol-Pai. Este Fogo desce *também na Água ou* no Mar — Mare, Maria. A Pomba era, em algumas nações, o símbolo da Alma; estava consagrada a Vênus, a Deusa nascida da espuma do mar, e tornou-se mais tarde o símbolo da Anima Mundi cristã, o Espírito Santo.

Um dos capítulos de mais caráter oculto, no *Livro dos Mortos*, é o intitulado "A transformação no Deus que dá Luz na Senda das Trevas", onde a "Mulher-Luz da Sombra" serve a Thot no retiro da Lua. Thot-Hermes ali se esconde, porque é o representante da Sabedoria Secreta. Ele é o Logos manifestado na face luminosa da Lua; e a Divindade Oculta ou "Sabedoria Obscura" quando se retira para o hemisfério oposto. À Lua, como alusão ao seu poder, dá-se freqüentemente o nome de: "A Luz que brilha nas Trevas", ou "A Mulher-Luz". Tornou-se, por isso, o símbolo

(36) Citado *numa conferência de G. Massey.*

(37) Wagner e McDowell, *Avesta and the Gods*, p. 86.

aceito de todas as Deusas Virgens-Mães. Do mesmo modo que os Espíritos "do mal" lutaram contra a Lua nos tempos antigos, supõe-se que ainda o façam hoje, sem conseguirem, no entanto, levar vantagem sobre a atual Rainha do Céu, Maria, a Lua. Eis aí por que a Lua era tão intimamente associada, em todas as teogonias pagãs, ao Dragão, seu eterno inimigo. A Virgem, ou a Madona, aparece sobre o Satã mítico assim representado, que jaz vencido e impotente aos seus pés. E isso porque a cabeça e a cauda do Dragão, que na astronomia oriental simbolizam, ainda hoje, os nodos ascendentes e descendentes da Lua, tinham por símbolos duas serpentes na Grécia antiga. No dia do seu nascimento Hermes as extermina, e o mesmo faz o Menino nos braços de sua Virgem-Mãe. Como judiciosamente observa o Sr. Gerald Massey,

"Todos estes símbolos representavam, desde o princípio, seus próprios fatos, e não outros que significassem coisas inteiramente diversas. A iconografia [e os dogmas também] havia sobrevivido em Roma desde época muito anterior ao Cristianismo. *Não houve nem falsificação nem interpolação de tipos; nada que não fosse uma continuidade de imagens com a significação deturpada.*"

Seção X

O CULTO DA ÁRVORE, DA SERPENTE E DO CROCODILO

> "Objeto de horror ou de adoração, os homens votam à serpente um ódio implacável, ou se prosternam ante o seu gênio. A Mentira a invoca, a Prudência a reclama, a Inveja a conduz em seu coração, e a Eloqüência em seu caduceu. No Inferno, ela arma o chicote das Fúrias; no Céu, a Eternidade faz dela o seu símbolo."
>
> Chateaubriand

Os ofitas afirmavam que havia várias classes de Gênios, desde Deus até o homem; que a relativa superioridade de cada um dependia do grau de luz que lhe era concedido; e diziam mais que devíamos sempre render graças à Serpente pelo assinalado serviço que prestara à humanidade. Porque foi ela que ensinou a Adão que, se comesse do fruto da Árvore do Conhecimento do bem e do mal, sublimaria o seu Ser pelo conhecimento e a sabedoria assim adquiridos.

É fácil ver donde provém a idéia primitiva do caráter duplo (semelhante ao de Jano) da Serpente — o bem e o mal. Este símbolo é um dos mais antigos, porque o réptil antecedeu à ave, e esta ao mamífero. Daí se originou a crença, ou antes a superstição, das tribos selvagens, segundo a qual as almas de seus antepassados vivem sob a forma daquele réptil; e também a generalizada associação entre a Serpente e a Árvore.

São em grande número as lendas sobre os vários significados que a Serpente representa; mas, sendo alegóricas em sua maioria, passaram hoje a ser classificadas na categoria de fábulas baseadas na ignorância e na superstição. Quando, por exemplo, Filostrato contava que os naturais da Índia e da Arábia se alimentavam com o fígado e o coração da Serpente, a fim de aprenderem a linguagem de todos os animais, porque se dizia que a Serpente gozava de semelhante faculdade, certamente nunca pensou que as suas palavras fossem tomadas ao pé da letra [1]. Como se verá mais de uma vez no curso desta obra, a Serpente e o Dragão eram nomes que

(1) Veja-se *De Vita Apollonii*, I, XIV.

se davam aos Sábios, os Adeptos Iniciados da antiguidade. Seus conhecimentos e sua sabedoria eram absorvidos e assimilados pelos discípulos; daí a razão da alegoria. Idêntico é o significado da fábula escandinava, em que Sigurd fez assar o coração de Fafnir, o Dragão, a que havia matado, convertendo-se por isso no mais sábio dos homens. Sigurd aprendera as rimas e os encantamentos mágicos; havia recebido a "Palavra" de um Iniciado de nome Fafnir, ou de um feiticeiro, após o que este último foi morto, como sucede a tantos outros depois de terem "passado a palavra". Epifânio revela um segredo dos gnósticos ao tentar expor as "heresias" destes. Segundo ele diz, os gnósticos ofitas tinham uma razão para honrar a Serpente: *foi esta que ensinou os Mistérios aos homens primitivos*[2]. Certamente; mas, proclamando este dogma, eles não tinham em mente Adão e Eva no Jardim, senão, e tão somente, o que acabamos de expor. Os Nâgas dos Adeptos hindus e tibetanos eram Nâgas humanos (Serpentes), e não répteis. Demais, a Serpente foi sempre o símbolo da renovação sucessiva ou periódica, da Imortalidade e do Tempo.

As numerosas e em extremo interessantes declarações, interpretações e exposições de fatos, a respeito do culto da Serpente, que se vêem em *Natural Genesis*, de Gerald Massey, são muito engenhosas e cientificamente corretas; mas estão muito longe de abranger *todos* os significados que o mesmo culto encerra. Só divulgam os mistérios astronômicos e fisiológicos, com a adição de alguns fenômenos cósmicos. No plano inferior da matéria, a Serpente era, sem dúvida, "o grande emblema do Mistério dos Mistérios", e mui provavelmente foi "adotada como símbolo da puberdade feminina por causa de sua mudança de pele ou camisa, e de sua auto-renovação". Assim era, porém, só no que se refere aos mistérios da vida terrestre *animal*; pois, como símbolo do "*revestir-se de novo* e renascer nos mistérios (universais)", sua "fase final" (ou diremos antes suas fases incipiente e culminante), não era deste plano[3]. Tais fases foram geradas no reino puro da Luz Ideal, e, após haver dado a volta completa do ciclo de adaptações e simbolismos, os Mistérios retornaram ao ponto de onde haviam partido, a essência da causalidade *imaterial*. Pertenciam eles à Gnose superior. E, seguramente, não teria este símbolo alcançado o nome e a fama que alcançou, se a razão disto fosse tão somente a sua interferência nas funções fisiológicas, e especialmente nas femininas!

Como símbolo, a Serpente possuía tantos aspectos e significados ocultos quanto a própria Árvore, a "Árvore da Vida", à qual estava associada quase indissoluvelmente e no mesmo emblema. Quer sejam consideradas como símbolos metafísicos ou físicos, a Árvore e a Serpente, juntas ou separadas, nunca foram degradadas na antiguidade como hoje o são, nesta nossa época, em que se destroem os ídolos, não pelo amor da verdade, senão para maior glória da matéria grosseira.

(2) *Adv. Haeres*, XXXVII.
(2) *Adv. Haeres*, XXXVII.
(3) G. Massey, *The Natural Genesis*, I, 340.

As revelações e interpretações do livro *Rivers of Life*, do General Forlong, teriam assombrado os adoradores da Árvore e da Serpente nos dias da sabedoria arcaica dos caldeus e dos egípcios; e até os primitivos shivaístas teriam recuado de horror ante as teorias e suposições do autor dessa obra. "A idéia de Payne Knight e de Inman, de que a Cruz ou Tau não passa de cópia dos órgãos masculinos em forma triádica, é radicalmente falsa" — escreve G. Massey, que dá a prova desta afirmativa. Mas com igual procedência se poderia aplicar o mesmo conceito a quase todas as interpretações modernas dos símbolos antigos. *The Natural Genesis*, obra monumental de investigação e de pensamento, a mais completa que já se publicou sobre este assunto, abrangendo um campo mais vasto e dando mais explicações que todos os simbologistas anteriores, não vai, contudo, além do aspecto "psico-teísta" do pensamento antigo.

Payne Knight e Inman não estavam, porém, de todo equivocados, salvo em não terem percebido que o sentido de cruz e de falo, que atribuíram à Árvore da Vida, não se ajustava a este símbolo senão nas últimas e inferiores fases do desenvolvimento evolucionário da idéia de Dispensador de Vida. Era a última e a mais grosseira transformação física da Natureza, no animal, no inseto, na ave e até mesmo na planta; pois o magnetismo criador dual, sob a forma de atração dos opostos, ou polarização sexual, atua na constituição de réptil e do pássaro da mesma forma que na do homem.

Além disso, os simbologistas e orientalistas hodiernos, do primeiro ao último, ignorando os verdadeiros Mistérios revelados pelo Ocultismo, só podem ver, necessariamente, aquela derradeira fase. Se lhes dissessem que semelhante modo de procriação, que é comum, na terra, à universalidade dos seres, não é senão um estágio passageiro, um meio físico de proporcionar as condições necessárias para produzir os fenômenos da vida, e que se modificará ainda na presente Raça, desaparecendo na próxima Raça-Raiz, rir-se-iam de uma idéia tão supersticiosa e tão pouco científica. Eis, porém, que os ocultistas mais sábios o afirmam — porque o *sabem*.

O Universo dos seres vivos, de todos os que procriam suas espécies, é o testemunho vivo da existência de vários modos de procriação na evolução das espécies e raças animais e humanas; e o naturalista devia sentir intuitivamente esta verdade, sendo embora incapaz de demonstrá-la até agora. Como poderia fazê-lo, em verdade, com o modo de pensar hoje dominante? Os pontos de referência da história arcaica do Passado são pouco numerosos e raros; e aqueles que se deparam aos homens de ciência são erroneamente tomados como postes indicadores de nossa pequena Era. Até a chamada "história universal" (?) não abarca senão um campo muito diminuto no espaço quase ilimitado das regiões inexploradas de nossa Quinta e atual Raça-Raiz. Por isso, cada novo poste indicador, cada novo símbolo que do remoto passado se descobre, é somado ao velho acervo de informações para ser interpretado na mesma linha de conceitos preexistentes, não se levando absolutamente em conta o ciclo especial de pensamento a que possa pertencer esse símbolo particular. Como poderá a Verdade surgir à luz do dia, se o método nunca varia?

No princípio, quando a união dos dois constituía um símbolo do Ser Imortal, a Árvore e a Serpente eram, portanto, imagens verdadeiramente divinas. A Árvore estava *invertida*, e suas raízes nasciam no Céu, brotando da Raiz do Ser Integral. Seu tronco cresceu e desenvolveu-se; atravessando os planos do Pleroma, projetou transversalmente seus ramos exuberantes, *primeiro no plano da matéria quase não diferenciada*, e depois *no sentido* de baixo, até chegarem ao plano terrestre. Esta a razão por que se diz, no *Bhagavad Gîtâ*, que a Árvore da Vida e da Existência, Ashvattha, sem cuja destruição não é possível a imortalidade, cresce com suas raízes para cima e seus ramos para baixo [4]. As raízes representam o Supremo Ser ou a Causa Primeira, o Logos; mas é preciso ir além destas raízes para *realizar a união com Krishna*, que, no dizer de Arjuna, é "maior que Brahma e que a Causa Primeira...; o indestrutível, o que é, o que não é, e o que está além deles" [5]. Seus ramos principais são o Hiranüagarbha (Brahma ou Brahman, em suas manifestações mais elevadas, Shrîdhará Swâmin e Madhusûdhana), os mais altos Dhyân Chohans ou Devas. Os *Vedas* são as suas folhas. Só aquele que for *além* das raízes não mais voltará, isto é, não se reencarnará durante esta Idade de Brahma.

Foi só quando os seus ramos puros tocaram o lodo terrestre do Jardim do Éden de nossa Raça Adamita que a Árvore se maculou com o contato, perdendo sua prístina pureza; e que a Serpente da Eternidade, o Logos Nascido do Céu, finalmente se degradou. Nos tempos remotos, na era das Dinastias Divinas sobre a Terra, este réptil hoje temido era considerado como o primeiro raio de luz surgido do abismo do Mistério Divino. Várias as formas que lhe deram, numerosos os símbolos que lhe atribuíram, no perpassar dos evos; e do Tempo Infinito (Kâla) caiu no espaço e no tempo da especulação humana. As formas eram cósmicas e astronômicas, deístas e *panteístas, abstratas e concretas. Converteram-se ora no Dragão Polar*, ora no Cruzeiro do Sul, o *Alfa Draconis* da Pirâmide e o Dragão indo-budista, que sempre ameaça o Sol em seus eclipses, sem jamais o devorar. Até então a Árvore permaneceu sempre verde, pois era regada pelas Águas da Vida; o Grande Dragão continuou sempre divino, enquanto se manteve dentro dos limites siderais. Mas a Árvore cresceu, e seus ramos inferiores tocaram por fim as Regiões Infernais — nossa Terra. Então a Grande Serpente Nidhogg — aquela que devora os cadáveres dos pecadores na "Região da Desdita" (a vida humana), ao serem mergulhados no Hwergelmir, o caldeirão ardente (de paixões humanas) — começou a roer a Árvore do Mundo. Os vermes da materialidade cobriram as raízes, antes sadias e cheias de vitalidade, e agora vão subindo cada vez mais pelo tronco; enquanto que a Cobra Midgard, enroscada no fundo dos Mares, circunda a Terra e, com o seu hálito venenoso, a torna incapaz de se defender.

Os Dragões e as Serpentes da antiguidade possuem todos sete cabeças, uma para cada Raça, e "cada cabeça carrega sete cabelos", segundo reza

(4) Cap. XV, v. 1-2.
(5) Cap. XI, v. 37.

a alegoria. Sempre assim, desde Ananta, a Serpente da Eternidade, que conduz a Vishnu durante todo o Manvantara; desde o primeiro Shesha, o original, cujas sete cabeças se transformam em "mil cabeças" na fantasia purânica; até a Serpente acadiana de sete cabeças. Isto simboliza os Sete Princípios em toda a Natureza e no homem; e a cabeça mais alta, ou a do meio, é a sétima.

Filon não se refere ao Sábado judeu, quando, em sua *Criação do Mundo*, diz que o mundo foi completado "de acordo com a natureza perfeita do número 6"; porque:

"*Quando aquela Razão [Nous], que é Sagrada consoante o número 7, entrou na alma [ou melhor, no corpo vivo], o número 6 ficou deste modo aprisionado, assim como todas as coisas mortais que o mesmo número forma.*"

E ainda:

"O número 7 é o dia festivo de toda a terra, *o dia do nascimento do mundo*. Eu não sei se haverá alguém que possa celebrar como é devido o número 7." [6]

O autor de *The Natural Genesis* pensa que:

"O grupo de sete estrelas que é visível na Ursa Maior [a Saptarshis] e o Dragão de sete cabeças proporcionaram, evidentemente, uma base para a divisão simbólica do tempo por sete, acima mencionada. A Deusa das sete estrelas era a mãe do tempo, da mesma forma que Kep, e daí as palavras Kepti e Sebti para designar o tempo e o número 7. Ela é, por isso, chamada a estrela do Sete. Sevekh (Kronus), filho da Deusa, é denominado o Sete ou o Sétimo. Também o é Sefekh Abu, que constrói sua casa no alto, assim como a Sabedoria (Sophia) construiu a sua com sete pilares... Os tipos primitivos de Kronos eram sete, e assim o princípio do tempo no céu está baseado sobre o número e o nome de sete, por causa da indicação das estrelas. As sete estrelas, durante a sua revolução anual, mantinham, por assim dizer, o índex da mão direita estendida, e descreviam um círculo no céu superior e no céu inferior [7]. O número 7 sugeriu, naturalmente, a idéia de uma medida por sete, que conduziu ao que se poderia chamar *numeração setenal*, e a que se traçasse o mapa do círculo dividindo-o em sete seções, correspondente às sete grandes constelações. E foi assim que se formou no céu o Heptanomis celeste do Egito.

Quando o Heptanomis se rompeu, dividindo-se em quatro partes, fêz-se a sua multiplicação por quatro, e os vinte e oito signos tomaram o lugar das sete constelações primitivas; o zodíaco lunar de vinte e oito signos foi o resultado que se obteve, dando-se vinte e oito dias à Lua ou ao mês lunar [8]. Na disposição chinesa, os quatro setes são atribuídos a quatro Gênios, que presidem aos quatro pontos cardiais [9]; ou melhor: as sete constelações do Norte constituem o Guerreiro Negro; as sete do Oriente (outono chinês) formam o Tigre Branco; as sete do Sul são o Pássaro Vermelho; e as sete do Ocidente (chamadas primaveris) são o Dragão Azul. Cada um

(6) *De Mund Opif., Par.*, pp. 30 e 419.

(7) É pela mesma razão que se enumera de modo igual a divisão dos princípios do homem em sete, pois descrevem eles o mesmo círculo na natureza humana superior e inferior.

(8) *Assim, a divisão setenária é a mais antiga e precedeu a divisão quádrupla.* É a fonte da classificação arcaica.

(9) No budismo e no Esoterismo chinês, os Gênios estão representados por quatro dragões, os Mahârâjahs das Estâncias.

destes quatro espíritos preside ao seu Heptanomis durante uma semana lunar. O gerador do primeiro Heptanomis (Tífon, o de sete estrelas) assume então um caráter lunar... Nesta fase vemos que a deusa Sefekh, cujo nome significa o número 7, é o Verbo feminino, ou Logos, no lugar da mãe do tempo, que era o primeiro Verbo como deusa das Sete Estrelas." [10]

O autor mostra que era a Deusa da Ursa Maior e Mãe do Tempo que representava no Egito, desde as eras mais remotas, o "Verbo Vivo, e que Sevekh-Kronus, cujo símbolo era o Crocodilo-Dragão, a forma pré-planetária de Saturno, foi chamado seu filho e esposoá era o seu Verbo-Logos [11].

Tudo isso é muito claro, mas não foi somente o conhecimento da astronomia que levou os antigos a adotarem a *numeração setenal*. A causa primeira tem um sentido muito mais profundo, que será explicado oportunamente.

As citações acima não significam digressões. Fizemo-las para mostrar: (*a*) a razão por que um Iniciado completo era chamado Dragão, Serpente Nâga; e (*b*) que a nossa divisão setenária era usada pelos sacerdotes das primeiras dinastias do Egito por motivo idêntico ao nosso e com o mesmo fundamento. Há necessidade, porém, de um esclarecimento complementar. Conforme já dissemos, os Quatro Gênios dos quatro pontos cardiais, de Gerald Massey, e o Guerreiro Negro, o Tigre Branco, o Pássaro Vermelho e o Dragão Azul, dos chineses, chamam-se nos Livros Sagrados os "Quatro Dragões Ocultos da Sabedoria" e os "Nâgas Celestes". Ora, vemos que o Dragão-Logos, de sete cabeças ou setenário, foi fracionado, por assim dizer no decorrer dos séculos, em *quatro* partes "heptanômicas" ou vinte e oito porções. Cada semana, no mês lunar, tem um caráter oculto diferente; cada dia dos vinte e oito tem suas características especiais; porquanto cada uma das doze constelações, quer seja considerada separadamente ou em combinação com outros signos, exerce uma influência oculta, para o bem ou para o mal.

Corresponde isso à soma de conhecimentos que o homem pode adquirir na terra; contudo, são mui poucos os que chegam a adquirí-los, e ainda mais raros os sábios que atingem a raiz do conhecimento simbolizado pelo grande Dragão-Raiz, o Logos Espiritual daqueles signos visíveis. Mas os que o alcançam recebem o nome de Dragões, e são os "Arhats das Quatro Verdades ou das Vinte-e-oito Faculdades" ou atributos, e sempre foram chamados assim.

Os neoplatônicos de Alexandria afirmam que para se tornar um caldeu ou mago verdadeiro, devia o homem dominar a ciência ou o conhecimento dos períodos dos Sete Regentes do Mundo, com quem está a Sabedoria integral. E a Jâmblico se atribui outra versão, que não implica alteração de significado:

(10) *Op. cit.*, II, 312-13.
(11) *Ibid.*, I, p. 321.

"Os assírios não só conservam os anais de vinte e sete miríades de anos, como o assegura Hiparco, mas ainda os de todos os apocatástases e de todos os períodos dos Sete Governadores do Mundo." [12]

As lendas de todas as nações e tribos, selvagens ou civilizadas, referem a crença, outrora universal, na grande sabedoria e astúcia das serpentes. São "encantadoras". Hignotizam o pássaro com os seus olhos, e muitas vezes o próprio homem não consegue escapar à sua influência fascinadora. O símbolo é, portanto, dos mais adequados.

O Crocodilo é o Dragão egípcio. Era o símbolo dual do Céu e da Terra, do Sol e da Lua, e foi consagrado a Osíris e a Ísis em razão de sua natureza anfíbia. Segundo Euzébio, os egípcios representavam o Sol como um píloto em seu barco; este era arrastado por um crocodilo, para "mostrar o movimento do Sol no (Espaço) Úmido" [13]. O Crocodilo era mesmo o símbolo do Baixo Egito, sendo esta a mais pantanosa das duas regiões. Os alquimistas dão outra interpretação. Dizem eles que o símbolo do Sol no Barco sobre o Éter do Espaço significava que a Matéria Hermética é o princípio ou a base do Ouro, e também o Sol *filosófico*; a Água, em que nada o crocodilo, é aquela Água, ou Matéria liquidificada; e o Barco, finalmente, representava o Barco da Natureza, em que o Sol, ou o princípio sulfúrico ígneo, desempenha a função de piloto, porque o Sol é quem dirige o trabalho, por sua ação sobre a Umidade, ou Mercúrio. Isto só para os alquimistas.

Foi na Idade Média que a Serpente passou a ser o símbolo do mal e do Demônio. Os primeiros cristãos, assim como os gnósticos ofitas, tinham o seu Logos dual: a Boa e a Má Serpente, o Agathodæmon. Provam-no os escritos de Marcos, Valentino e muitos outros, e sobretudo o *Pistis Sophia*, documentos que data, seguramente, dos primeiros séculos do Cristianismo. Sobre o sarcófago de mármore de um túmulo, descoberto em 1852 perto da Porta Pia, vê-se a cena da adoração dos Magos, "ou melhor" — observa C. W. King em *The Gnostics and their Remains* — "o protótipo dessa cena, o Nascimento do Novo Sol". O chão de mosaico exibia um curioso desenho, que podia representar tanto a Ísis amamentando Harpócrates como a Madona ao menino Jesus. Nos pequenos sarcófagos que rodeavam o maior, foram encontradas várias placas de chumbo enroladas como se fossem pergaminhos, onze das quais continham textos que ainda não foi possível decifrar. O conteúdo destas devia ser a solução final de uma questão sobremodo embaraçosa, por evidenciar ou que os primitivos cristãos, até o século VI, eram pagãos *bona fide*, ou que o Cristianismo dogmático não foi senão uma cópia, que passou integralmente para a Igreja Cristã: Sol, Árvore, Serpente, Crocodilo e tudo o mais.

"Na primeira dessas placas, vê-se Anúbis... com um rolo na mão; a seus pés estão dois bustos de mulher; na parte de baixo há duas serpentes entrelaçadas sobre... um cadáver enfaixado como uma múmia. Na segunda placa... Anúbis está segurando

(12) Proclus, *Timœus*, I.
(13) *Prep. Evang.*, I, III, 3.

uma cruz, o "Signo da Vida". Aos seus pés jaz o cadáver, envolto pelos múltiplos anéis de enorme serpente, o Agathodæmon, guardião dos defuntos... Na terceira... o mesmo Anúbis carrega sob o braço um objeto oblongo... preso de tal modo que dá aos contornos da figura a forma de uma cruz latina completa... Aos pés do deus há um rombóide, o "Ovo do Mundo" dos egípcios, para o qual se arrasta uma serpente enroscada em círculo... Sob os... bustos... vê-se a letra ω, repetida *sete* vezes numa linha, fazendo lembrar os "Nomes"... Bem notável também é a linha de caracteres, aparentemente palmirianos, que se vêem sobre as pernas do primeiro Anúbis. Quando à figura da *serpente* supondo-se que esses talismãs se originem, não do culto de Ísis, mas do culto posterior dos ofitas, bem pode representar aquela "Serpente perfeita e verdadeira" que "leva para fora do Egito, isto é, do corpo, todos os que têm confiança nela, e os conduz, através do Mar Vermelho da Morte, à Terra de Promissão, protegendo-os durante a viagem contra as Serpentes do deserto, isto é, contra os Regentes das Estrelas." [14]

A "Serpente perfeita e verdadeira" é o Deus de sete letras que é, na crença atual, Jeová e Jesus *uno com ele*. No *Pistis Sophia*, obra anterior ao *Apocalipse* de São João, e evidentemente da mesma escola, o candidato à Iniciação é encaminhado a esse Deus de Sete Vogais. "A (Serpente) dos Sete Trovões pronuncia as Sete Sílabas", mas "tu, sela as coisas que os Sete Trovões falaram, e não as escrevas", diz o *Apocalipse* [15]. "Buscais estes mistérios?" — pergunta Jesus no *Pistis Sophia*. "Não há nenhum mistério melhor do que elas (as sete vogais), porque conduzirão vossas almas à Luz das Luzes", ou seja, à verdadeira Sabedoria. "Nada há mais excelente que os mistérios que buscais, exceto as *Sete Vogais* e seus *quarenta e nove* Poderes, bem como os seus respectivos números".

Na Índia era este o mistério dos *sete fogos* e seus quarenta e nove fogos ou aspectos ou "de números".

Entre os "budistas" esotéricos da Índia, no Egito, na Caldéia, etc., e entre os Iniciados de todos os países, as Sete Vogais estão representadas pelos signos da Suástica sobre as coroas das sete cabeças da Serpente da Eternidade. São as Sete Zonas da ascensão *post mortem* dos escritos herméticos, em cada uma das quais o "Mortal" deixa uma de suas Almas ou Princípios, até que, chegando ao plano que domina todas as Zonas, ele aí permanece como grande Serpente Sem Forma da Sabedoria Absoluta, ou a própria Divindade.

A Serpente de sete cabeças tem mais de um significado nos ensinamentos arcaicos. É o Dragão de sete cabeças, cada uma das quais é uma estrela da Ursa Menor; mas é também, acima de tudo, a Serpente das Trevas, inconcebível e incompreensível, cujas Sete cabeças são os Sete Logos, os reflexos da Luz Una manifestada anteriormente a todas as coisas, o Logos Universal.

(14) *Op. cit.*, pp. 366-8.
(15) *Apoc.*, X, 4.

SEÇÃO XI

DEMON EST DEUS INVERSUS

ESTA FRASE simbólica, em seus múltiplos aspectos, é certamente muito perigosa e iconoclasta aos olhos de todas as religiões dualistas, ou melhor, de todas as teologias modernas, e especialmente do Cristianismo. Entretanto, não seria justo nem correto dizer que foi o Cristianismo que concebeu e deu à luz a Satã.

Satã sempre existiu como o "Adversário", o Poder oposto exigido pelo equilíbrio e a harmonia das coisas no Universo, assim como é necessária a sombra para fazer ressaltar a Luz, a Noite para dar relevo ao Dia, e o Frio para que melhor possamos apreciar o conchego do Calor.

A Homogeneidade é una e indivisível. Mas se o Homogêneo Uno e Absoluto não é uma simples figura de retórica, e se o Heterogêneo, em seu aspecto dual, é o produto daquele, sua sombra ou reflexo bifurcado, então a Heterogeneidade Divina deve encerrar em si mesma tanto a essência do bem como a do mal. Se "Deus" é Absoluto, Infinito e a Raiz Universal de tudo o que existe na Natureza e no Universo — de onde provém o Mal ou o Demônio, senão da própria matriz áurea do Absoluto? Assim, ou temos que aceitar o bem e o mal, Agathodæmon e Kakodæmon, como ramos do mesmo tronco da Árvore da Existência, ou temos que nos resignar ao absurdo de crer em dois Absolutos eternos.

Sendo necessário perquirir a origem da idéia remontando aos primórdios da formação da mente humana, é de justiça conceder-se ao Diabo proverbial o que lhe pertence. A antiguidade não conhecia nenhum "Deus do Mal" isolado — que fosse completa e absolutamente mau. O pensamento pagão representava o bem e o mal como irmãos gêmeos, nascidos da mesma mãe, a Natureza; tão logo esse pensamento deixou de prevalecer, tornando-se arcaico, a Sabedoria se converteu em Filosofia. No princípio, os símbolos do bem e do mal eram meras abstrações, como a Luz e as Trevas; mais tarde, foram eles escolhidos entre os fenômenos cósmicos mais naturais e mais constantes ou periódicos, como o Dia e a Noite, o Sol e a Lua. Depois, passaram a representá-los pelas Legiões do Sol e da Lua, contrapondo-se o Dragão das Trevas ao Dragão da Luz.

A Legião de Satã se compõe de Filhos de Deus, assim como a Legião de B'ne Alhim, os Filhos de Deus que foram "apresentar-se perante o

Senhor", seu Pai [1]. Os "Filhos de Deus" só se tornaram "Anjos Caídos" depois de haverem percebido que as filhas dos homens "eram belas" [2]. Na filosofia indiana, os Suras estavam classificados entre os primeiros e mais resplandecentes dos Deuses, e somente passaram a Asuras quando destronados pela imaginação bramânica. Satã nunca revestiu forma antropomórfica e individualizada senão a partir do momento em que o homem criou "um Deus pessoal *vivente*" — o que foi então uma necessidade inelutável. Era preciso inventar um responsável, um "bode expiatório", para explicar a crueldade, os erros e a injustiça por demais evidentes daquele a quem se atribuía a perfeição, a misericórdia e a bondade absolutas. Foi esta a primeira conseqüência cármica de haver-se abandonado um Panteísmo filosófico e lógico, para, em seu lugar, e à guisa de justificativa da preguiça humana, construir-se a figura de "um Pai misericordioso no Céu", cujas ações de cada dia, de cada hora, como *Natura Naturans*, a "Mãe formosa, porém fria qual o mármore", desmentem o conceito. Daí surgiu a idéia dos gêmeos primordiais: Osíris-Tífon, Ormazd-Ahriman e, por último, Caim-Abel e *tutti quanti* dos opostos.

"Deus", o Criador, considerado a princípio como sinônimo de Natureza, acabou por transformar-se no autor dela. Pascal resolve habilmente a dificuldade, dizendo:

> "A Natureza tem perfeições, para mostrar que é a imagem de Deus; e defeitos, para indicar que é *somente* a sua imagem."

Quando mais nos aprofundamos na obscuridade dos tempos pré-históricos, tanto mais exsurge filosófica a figura prototípica do último Satã. O primeiro "Adversário", em forma individual humana, que se vê na antiga literatura purânica, é um de seus maiores Rishis e Iogues — Narâda, chamado o "Promotor de contendas".

Ele é um Brahmaputra, um filho de Brahma masculino. A seu respeito falaremos mais adiante. Para saber o que realmente é o grande "Impostor", basta investigar o assunto, *com os olhos abertos* e a mente livre de preconceitos, em todas as Cosmogonias e Escrituras da antiguidade.

É o Demiurgo antropomorfizado, o Criador do Céu e da Terra, quando separado da Legião de seus Companheiros Criadores, que ele representa e sintetiza, digamos assim. *Agora* é o Deus das Teologias. "O desejo é pai do pensamento". Acontece que um símbolo filosófico cedeu à pervertida imaginação humana; e logo tomou a forma de um Deus diabólico, enganador, astucioso e ciumento.

Como em outras partes desta obra nos ocupamos dos Dragões e dos demais Anjos Caídos, bastam aqui algumas palavras acerca do tão malsinado Satã. Deve o estudante ter presente que em todo o mundo, exceto nos países cristãos, o Diabo ainda hoje não é mais que o aspecto oposto, na

(1) *Job*, II, 1.
(2) *Gênesis*, VI, 2.

Natureza dual, do chamado Criador. Nada mais natural. Não se pode entender que Deus seja a síntese de todo o Universo, que seja Onipresente, Onisciente e Infinito, e que, ao mesmo tempo, nada tenha a ver com o Mal. Sendo a quota do Mal muito maior que a do Bem no mundo, segue-se, logicamente, que Deus ou deve abranger o Mal e ser-lhe a causa direta, ou tem que renunciar a toda pretensão de ser Absoluto. Os antigos tão bem o compreendiam, que os seus filósofos, hoje secundados pelos cabalistas, definiam o Mal como o "reverso" de Deus ou do Bem. *Demon est Deus inversus* é um dos mais velhos adágios. Em verdade, o Mal não é senão uma força cega e competidora na Natureza; é a reação, a oposição e o contraste: mal para uns, bem para outros. Não existe *malum in se;* o que há é a sombra da Luz, sombra sem a qual a Luz não poderia existir, inclusive para a nossa percepção. Se o Mal desaparecesse, com ele desapareceria o Bem da face da Terra. O antigo Dragão era Espírito puro antes de se converter em Matéria; era *passivo* antes de ser *ativo*. Na Magia sírio-caldéia. Ofis e Ofiomorfo se juntam, no Zodíaco, no signo Andrógino Virgo-Scorpio. Antes de sua queda na terra, a Serpente era Ophis-Christos; e após a queda passou ser Ophiomorphos-Christos.

Em toda parte as especulações dos cabalistas conceituam o Mal como uma *Força* que é contrária, mas ao mesmo tempo necessária e essencial ao Bem, dando-lhe existência e vitalidade, que de outro modo não poderia ter. Não haveria *Vida possível* (no sentido mayávico) sem a *Morte*; regeneração e reconstrução sem a destruição. As plantas pareceriam sob uma luz solar eterna, e o mesmo aconteceria ao homem, convertido em autômato, privado de seu livre arbítrio e de sua aspiração para a luz, o que já não teria razão de ser nem mérito algum se, para ele, existisse unicamente a luz. O Bem só é infinito e eterno naquilo que para nós se acha eternamente oculto; e por isso é que o imaginamos eterno. Nos planos manifestados, um equilibra o outro. Mui poucos são os deístas crentes em um Deus pessoal que não fazem de Satã a sombra de Deus, ou que, confundindo um com o outro, não julguem ter o direito de invocar o seu ídolo para lhe pedir ajuda e proteção visando à impunidade de suas más e cruéis ações. "Não nos deixes cair em tentação" — é a oração que milhões de almas cristãs dirigem todos os dias ao "Pai nosso que estais no Céu", e não ao Diabo. E o fazem repetindo as mesmas palavras que atribuem ao seu Salvador, sem atentar um instante sequer em que São Tiago, "o irmão do Senhor", condenou formalmente semelhante maneira de se expressarem:

"Que ninguém diga ao sentir tentação: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta." [3]

Como dizer que é o Diabo que nos tenta, quando a Igreja nos ensina, *invocando a autoridade de Cristo,* que é Deus quem o faz? Abri um livro piedoso, não importa qual seja, em que se defina a palavra "tentação" em seu sentido teológico, e vereis logo duas definições:

(3) *São Tiago,* I, 13.

1.º Aquelas aflições e penas *com as quais Deus prova o seu povo.*

2.º Aqueles meios e seduções de que se serve o Demônio para *iludir* e alucinar a humanidade [4].

Os ensinamentos de Cristo e os de São Tiago se contradizem, se aceitos literalmente; e qual o dogma que os pode conciliar, se se rejeita a interpretação oculta?

Em face desses preceitos divergentes, bem avisado será o filósofo que puder decidir qual o momento em que Deus desaparece para dar lugar ao Diabo! Quando lemos, portanto, que "o Demônio é um mentiroso e o pai da mentira", que é *a mentira encarnada*, e ao mesmo tempo nos dizem que Satã, o Demônio, era um filho de Deus e o mais belo de seus Arcanjos, em vez de acreditar que o Pai e o Filho sejam a personificação de uma gigantesca e eterna Mentira, nós preferimos buscar esclarecimentos junto ao panteísmo e à filosofia pagã.

Uma vez que estamos de posse da chave do *Gênesis*, a Cabala científica e simbólica nos há de revelar o segredo. A Grande Serpente do Jardim do Éden e o "Senhor Deus" são idênticos; e o mesmo sucede com Jeová e Caim (aquele Caim a quem a Teologia se refere como um "assassino" e "renegado" de Deus). Jeová manda o Rei de Israel recensear o seu povo; também Satã o induz a fazer a mesma coisa. Jeová se transforma em Serpentes de Fogo, que mordem os que o contrariam; e é Jeová quem anima a Serpente de Bronze, que os cura.

Esses episódios aparentemente contraditórios do *Antigo Testamento* — contraditórios porque os dois Poderes estão separados, em lugar de serem considerados como dois aspectos de uma só e mesma coisa — são os ecos, adulterados pelo exoterismo e pela teologia, ao ponto de ficarem irreconhecíveis, dos princípios universais e filosóficos da Natureza, que os Sábios da antiguidade tão bem compreendiam. Encontramos os mesmos fundamentos em várias personificações dos *Purânas*, onde se apresentam, porém, com muito mais amplitude e expressividade filosófica.

Assim, Pulastya, um "Filho de Deus" da primeira progênie, ali figura como o Pai dos Demônios, os Râkshasas, tentadores e devoradores dos homens. Pishâchâ, um demônio-fêmea, é filha de Daksha, que é também "Filho de Deus" e um Deus, sendo ela mãe de todos os Pishâchâs [5]. Os que são chamados Demônios nos *Purânas* são diabos realmente extraordinários, se julgados do ponto de vista das idéias européias e ortodoxas, pois que todos eles, Dânavas, Daityas, Pishâchâs e Râkshasas, são extremamente piedosos e seguidores dos preceitos dos *Vedas*, e alguns até grandes Iogues. Mas fazem oposição ao clero e ao ritualismo, aos sacrifícios e às fórmulas, como também o fazem ainda hoje os principais Iogues na Índia, sem que por isso sejam menos respeitados, embora não se lhes permitindo pertencer nem a uma casta nem a um rito; e aqui está por que todos aqueles Gigantes e Titãs purânicos são chamados Diabos.

(4) *São Tiago*, I, 2, 12, e *São Mateus*, VI, 13. Veja-se Cruden, *sub voc.*

(5) *Padma Purâna.*

Os missionários, sempre à espreita de uma oportunidade para demonstrar que as tradições indianas não passam de um reflexo da *Bíblia* judaica, arquitetaram toda uma novela sobre a pretendida identidade de Pulastya com Caim, e dos Râkshasas com os Cainitas, os "Malditos" que foram a causa do "Dilúvio de Noé" (veja-se a obra do Abade Gorresio, que atribui ao nome de Pulastya o sentido etimológico de "renegado", ou seja, de Caim, se o preferem). Pulastya, diz o nosso Abade, mora em Kedara, palavra que significa "um sítio cavalo", uma "mina", e a tradição e a *Bíblia* ensinam que Caim foi o primeiro trabalhador em metais, isto é, um mineiro!

Se é bem provável que os Gibborim, ou Gigantes da *Bíblia*, sejam os Râkshasas dos hindus, a verdade é que uns e outros são os Atlantes e pertenceram às raças submergidas. Seja como for, nenhum Satã teria posto mais empenho em maltratar os inimigos, nem mais constância em seu ódio, do que os teólogos cristãos quando o maldizem como o causador de todos os males. Comparem-se os vitupérios e as opiniões dos teólogos sobre o Demônio com os conceitos filosóficos dos Sábios purânicos e com a sua mansuetude, semelhante a de Cristo. Quando Parâshara, cujo pai foi devorado por um Râkshasa, se preparava para destruir, por artes mágicas, a raça inteira, o seu avô Vasishtha, depois de mostrar ao irritado Sábio, com a própria confissão deste, que existem o Mal e o Carma, mas não "Espíritos maus", pronuncia as sugestivas palavras que se seguem:

"Acalma a tua ira: os Râkshasas não são culpados; a morte de teu pai *foi obra do Destino* |Carma|. A cólera é a paixão dos insensatos, e não fica bem ao Sábio. *Quem é que mata?* — pode-se perguntar. Cada homem *recolhe as conseqüências de seus próprios atos.* A cólera, filho meu, é a destruição de tudo o que o homem consegue... e o impede de alcançar... a emancipação. Os... sábios evitam a cólera; não te deixes, filho meu, dominar por ela. Não permitas que esses *inofensivos* espíritos das trevas sejam molestados; que o teu sacrifício cesse. A misericórdia é o poder dos justos." [6]

Todo "sacrifício" desse gênero, ou oração a Deus para obter-lhe a assistência, não é outra coisa senão *um ato de Magia Negra.* O que Parâshara pedia era a destruição dos Espíritos das Trevas, por vingança pessoal. Chamam-no pagão, e como tal é condenado pelos cristãos ao Inferno por toda a Eternidade. Mas, serão porventura melhores as orações que os reis e os generais fazem antes de uma batalha, rogando o aniquilamento do inimigo? Orações que tais constituem sempre atos de Magia Negra da pior espécie, dissimulando-se o demônio "Mr. Hyde" sob a capa de santidade do "Dr. Jekyll".

Na natureza humana, o mal não indica senão a polaridade da Matéria e do Espírito, a "luta pela vida" entre os dois princípios manifestados no Espaço e no Tempo, princípios que são idênticos *per se*, por terem suas raízes no Absoluto. No Cosmos, deve o equilíbrio ser mantido. As operações dos dois contrários produzem a harmonia, como as forças centrípeta e centrífuga, que, sendo interdependentes, são necessárias uma à outra, "a

(6) *Vishnu Purâna*, I, pp. 7-8.

fim de que ambas possam subsistir". Se umas se detivesse, a ação da outra imediatamente se converteria em destruidora de si mesma.

Como a personificação chamada Satã foi amplamente analisada, sob o tríplice aspecto com que se apresenta no *Antigo Testamento*, na Teologia e no modo de pensar dos antigos gentios, os que desejarem saber mais sobre este assunto deverão dirigir-se a *Ísis sem Véu* [7] e à segunda parte do volume IV desta obra. Não foi sem boas razões que aqui tocamos neste ponto para dar algumas explicações novas.

Antes de podermos chegar à evolução do Homem Físico e Divino, importa que tenhamos, preliminarmente, uma idéia bem nítida da Evolução Cíclica; que nos ponhamos ao corrente das filosofias e das crenças das quatro Raças que precederam a nossa; e que saibamos em que consistiam as idéias daqueles Titãs e Gigantes (Gigantes, em verdade, tanto mental como fisicamente). Toda a antiguidade estava impregnada com aquela filosofia que ensina a involução do Espírito na Matéria, a descida progressiva e cíclica ou a evolução ativa e consciente. Os gnósticos de Alexandria divulgaram bastante os segredos da Iniciação, e os seus anais se referem freqüentemente à "queda dos Eões", em seu duplo sentido de Seres Angélicos e de Períodos; sendo uns a evolução natural dos outros. Por outra parte, as tradições orientais em ambos os lados da "Água Negra", o Oceano que separa os dois Orientes, estão igualmente repletos de alegorias sobre a queda do Pleroma ou a dos Deuses e Devas. Em todas elas a Queda figura como alegoria do *desejo de aprender e de adquirir conhecimento — do desejo de saber*. Esta é a conseqüência natural da evolução mental: o Espiritual se transmuda em Material ou Físico. A mesma lei de descida na materialidade e de reascensão à espiritualidade se afirmou durante a Era cristã, e a reação não lhe pôs fim senão agora, em nossa Sub-raça especial.

O que foi outrora uma alegoria, de tríplice interpretação, em *Pymandro*, há dez mil anos talvez, destinada a registrar um fato astronômico, antropológico e mesmo químico, ou seja, a alegoria dos Sete Reitores atravessando os Sete Círculos de Fogo, ficou reduzido a uma interpretação material e antropomórfica: a Rebelião e a Queda dos Anjos. A multívoca narração, tão filosófica em sua forma poética, do "Casamento do Céu com a Terra", do amor da Natureza para com a Forma Divina, e do Homem Celeste enamorado de sua própria beleza refletida na Natureza, isto é, da atração do Espírito pela Matéria, converteu-se hoje, pela mão dos teólogos, na história dos Sete Reitores desobedientes a Jeová, e cuja vaidade fez despertar neles o orgulho satânico, logo seguido de sua Queda, porque Jeová não admitia outro culto senão o que lhe fosse dedicado. Numa palavra, os formosos Anjos Planetários, os gloriosos Eões cíclicos, foram, em sua forma mais ortodoxa, sintetizados em Samael, o Chefe dos Demônios no *Talmud*, "essa grande Serpente de Doze Asas, que arrasta consigo, na Queda, o Sistema Solar ou os Titãs". Mas Schemal (*alter ego* e tipo sabeu de Samael)significa, esotérica e filosoficamente, o "Ano" em seu mau aspecto astrológico, com seus doze meses ou "Asas" de males inevi-

(7) Vol. II, cap. X.

táveis, na Natureza. Na Teogonia Esotérica, tanto Schemal como Samael representavam uma divindade particular [8]. Para os cabalistas, são o "Espírito da Terra", o Deus Pessoal que a governa; e, portanto, *de facto*, idênticos a Jeová. Os próprios talmudistas admitem que Samuel é um nome divino de um dos sete Elohim. Os cabalistas, aliás, mostram a ambos, Schemal e Samael, como uma forma simbólica de Saturno-Cronos; as "Doze Asas" significando os doze meses, e o símbolo em seu conjunto indicando *um ciclo de raça*. Jeová e Saturno são também idênticos em seus símbolos.

Isso conduz, por sua vez, a uma dedução bastante curiosa de um dogma católico romano. Muitos escritores de nomeada, pertencentes à Igreja Latina, admitem que há uma diferença, que cumpre ter em conta, entre os Titãs de Urano, os Gigantes antediluvianos (que eram também Titãs) e aqueles Gigantes pós-diluvianos que os católicos romanos persistem em supor desdendentes do Cam mítico. Mais claramente: há que estabelecer uma diferença entre as Forças opostas cósmicas *primordiais*, guiadas pela Lei Cíclica, os Gigantes atlantes humanos e os Grandes Adeptos pós-diluvianos, sejam os da Mão Direita, sejam os da Mão Esquerda. Ao mesmo tempo, mostram aqueles autores que Miguel, "o *generalíssimo* da Legião Celeste de combatentes, *guarda de corpo de Jeová*", é também, ao que parece (segundo De Mirville), um Titã, mas com o adjetivo "Divino" antes do nome. Assim, aqueles "Uranidas", que em toda parte são chamados "Titãs Divinos" — e que, tendo-se rebelado contra Cronos, ou Saturno, são portanto igualmente representados como inimigos de Samael, que é também um dos Elohim e sinônimo de Jeová em sua coletividade — são idênticos a Miguel e sua Legião. Em suma, todos os papéis estão trocados, confundem-se todos os combatentes, e o estudante já não pode distinguí-los claramente, uns dos outros. A explicação esotérica pode, contudo, levar um pouco de ordem a essa confusão, em que Jeová se converte em Saturno, e Miguel com o seu exército em Satã com os Anjos Rebeldes, por obra dos esforços indiscriminados de fiéis excessivamente zelosos, que vêem o Diabo em cada um dos Deuses pagãos. O verdadeiro significado é muito mais filosófico, e a legenda da primeira "Queda" dos Anjos adquire um matiz científico quando interpretada corretamente.

Cronos representa a Duração ilimitada e, portanto, imutável, sem princípio e sem fim que transcende a divisão do Tempo e do Espaço. Os Anjos, Devas ou Gênios, que nasceram para *atuar dentro do espaço e do tempo*, isto é, para abrir caminho através dos *Sete Círculos* dos planos superespirituais e até às regiões supraterrâneas, fenomenais e circunscritas, diz-se alegoricamente que se *rebelaram* contra Cronos e lutaram contra o Leão, que era então o Deus vivente e supremo. Quando a alegoria mostra Cronos, por sua vez, mutilando a Urano, seu pai, o sentido é muito simples. O Templo Absoluto se converteu em finito e condicionado; uma parte é subtraída do todo, indicando assim que Saturno, pai dos Deuses, foi transformado de Duração Eterna em Período limitado. Cronos, com sua foice, corta até mesmo os ciclos mais longos, que para nós são como se não

(8) Veja-se *Nabathean Agriculture*, de Chwolsohn, II, 217.

tivessem fim, mas que, não obstante, são limitados na Eternidade; e com a mesma foice destrói os rebeldes mais aguerridos. Sim; não há um só que escape à foice do Templo! Podeis orar a Deus ou aos Deuses, podeis zombar daquele ou destes, a foice não se deterá a milionésima parte de um segundo em seu curso ascendente e descendente.

Os Titãs da *Teogonia* de Hesíodo foram copiados, na Grécia, dos Suras e Asuras da Índia. Esses Titãs de Hesíodo, os Uranidas, figuravam a princípio como sendo em número de seis; mas recentemente se descobriu, em um velho fragmento de manuscrito que se ocupava da mitologia grega, que eram *sete*, chamando-se o sétimo Phoreg. Ficou assim plenamente evidenciada sua identidade como os Sete Reitores.

A origem da Guerra nos Céus e da Queda, segundo acreditamos, deve certamente buscar-se na Índia, e remontar talvez a período muito anterior às narrativas que sobre o assunto fazem os *Purânas*. Pois a Târakâmaya foi de uma época muito posterior; e em quase todas as Cosmogonias há referência a três Guerras distintas.

A primeira Guerra ocorreu na noite dos tempos, entre os Deuses e os (A) suras, e durou um Ano Divino [9]. As Divindades foram então vencidas pelos Daityas, comandados por Hrâda. Mas em seguida, graças a um ardil de Vishnu, a quem pediram socorro os Deuses vencidos, estes últimos levaram finalmente os Asuras à derrota. No *Vishnu Purâna* não se vê intervalo entre as duas guerras. Segundo a Doutrina Secreta, houve, porém, uma guerra antes da formação do Sistema Solar; outra, na Terra, quando dá "criação" do homem; e uma terceira Guerra no fim da Quarta Raça, entre os seus Adeptos e os da Quinta Raça, isto é, entre os Iniciados da "Ilha

(9) Um Dia de Brahma dura 4 320 000 000 de anos — multiplique-se esta cifra por 360! Os Asuras (Não-deuses ou demônios), aqui, são ainda Suras, Deuses superiores em hierarquia a certos deuses secundários, que nem sequer são mencionados nos *Vedas*. A duração da Guerra mostra a sua significação, indicando também que os combatentes são apenas os Poderes Cósmicos personificados. É evidente que foi com objetivos sectários e por *odium theologicum* que se atribuiu a Buddha e aos Daityas, em reproduções ulteriores dos velho textos, a forma ilusória de Mâvâmoha, assumida por Vishnu — como se vê no *Vishnu Purâna*, a menos que se trate de uma fantasia do próprio Wilson. Acreditou-se também haver uma alusão ao budismo no *Bhagavad Gitâ*, quando o que se fez foi confundir os budistas com os antigos materialistas Chârvâkas, conforme ficou provado por K. T. Telang. A versão não se encontra absolutamente em nenhum dos outros *Purânas*, se é que existe a alusão, como pretende o Professor Wilson, no *Vishnu Purâna*, cuja tradução — notadamente a do Livro III, capítulo XVIII, em que o reverendo orientalista introduz arbitrariamente Buddha e o apresenta ensinando o budismo aos Daityas — provocou outra "grande guerra" entre ele e o Coronel Vans Kennedy. Este último o acusou em público de falsear propositadamente a interpretação dos textos purânicos. "Afirmo" — escrevia o Coronel em Bombaim no ano de 1840 — "que não há nos *Purânas* o que o Professor Wilson pretende ali existir...; até que me provem o contrário, tenho o direito de insistir em minhas primeiras conclusões, a saber: que a opinião do Professor Wilson, segundo a qual os *Purânas*, tais como hoje aparecem, não passam de compilações feitas entre os séculos VIII e XVII (depois de Cristo!), assenta tão somente em *suposições gratuitas* e em *assertos sem fundamento*; e que os raciocínios de sua argumentação são fúteis, sofísticos, contraditórios e inverossímeis". (Veja-se *Vishnu Purâna*, tradução de Wilson, editado por Fitzedward Hall, vol. V, p. 375, Apêndice.)

Sagrada" e os Feiticeiros da Atlântida. Falaremos da primeira luta, tal como a descreve Parâshara, e cuidaremos de separar as duas versões, que se tem procurado intencionalmente confundir.

Conta-se ali que, cumprindo os Daityas e os Asuras como os deveres de suas respectivas Ordens (Varnas), seguindo a via prescrita pela Sagrada Escritura e impondo-se até mesmo penitências religiosas (singular procedimento de *Demônios*, se eram idênticos aos nossos *Diabos*, como se pretende), não podiam os Deuses destruí-los. As orações dos Deuses a Vishnu são curiosas, deixando ressaltar as idéias que implicitamente decorrem de uma Divindade antropomórfica. Tendo-se refugiado, após a derrota, "nas costas que ficam ao Norte do Oceano de Leite (Oceano Atlântico)" [10], os Deuses vencidos dirigiram muitas súplicas ao "primeiro dos Seres, o divino Vishnu", e entre outras a seguinte:

"Glória a Ti, que és uno com os Santos, que tens a natureza perfeita e que atravessas sem obstáculo todos os elementos permeáveis. Glória a Ti, *que és uno com a Raça-Serpente de duas línguas, impetuosa, cruel, insaciável de prazeres* e possuidora de riquezas... Glória a Ti, ó Senhor! *que não tens nem cor, nem extensão,* nem corpo *(ghana), nem qualidade alguma universal,* e cuja essência (*rupa*), a mais pura entre as puras, não pode ser apreciada senão pelos santos Paramarshis |os maiores Sábios ou Rishis|. Diante de Ti nos inclinamos na natureza de Brahma, incriado, incorruptível (*avyaya*); diante de Ti, que *estás em nossos corpos e em todos os demais corpos, e em todas as criaturas vivas*, e fora de quem nada existe. Glorificamos esse Vâsudeva, Senhor (de tudo), que não tem mancha, que é a semente de todas as coisas, imune à dissolução, não nascido, eterno; que, em essência, é Paramapadâtmavat |transcendente da condição do Espírito|, e, em substância (*rûpa*), todo este (Universo)." [11]

Damos esta transcrição como um exemplo do vasto campo que os *Purânas* oferecem às críticas hostil e errôneas de todos os fanáticos europeus, que formam opinião sobre outras religiões que não a sua, com base unicamente nas aparências exteriores. Todo homem inteligente, habituado a submeter o que lê a detida análise, verá desde logo a impropriedade daquela invocação ao "Incognoscível", ao Absoluto sem forma e sem atributos, tal como os vedantinos definem a Brahman, invocação em termos de "uno com a Raça-Serpente, de duas línguas, cruel e insaciável", associando o abstrato com o concreto, e conferindo qualificativos ao que está livre de qualquer limitação e condicionamento. Até mesmo o Professor Wilson, que, tendo vivido durante tantos anos na Índia rodeado de brâmanes e de pandits, devia conhecer bem estas coisas, esse próprio erudito não perdeu ocasião para criticar as Escrituras hindus neste particular. Eis como ele se expressa:

"Os *Purânas* ensinam sempre doutrinas incompatíveis! Segundo esta passagem [12], o Ser Supremo não é somente a causa inerte da criação, mas exerce também as funções

(10) Esta narrativa se entende com a *terceira Guerra*, visto que ali há referência a continentes terrestres, mares e rios.

(11) *Vishnu Purâna*, Wilson, vol. III, pp. 203-5.

(12) *Vishnu Purâna*, Wilson, vol. II, 36, na história de Prahlâda, o filho de Hiranyakashipu, o Satã purânico, o grande inimigo de Vishnu, e o Rei dos Três Mundos — em cujo coração Vishnu penetrou.

de uma providência ativa. O Comentador cita um texto do *Veda* em apoio desta opinião: 'A Alma Universal, penetrando nos homens, governa o seu comportamento'. As incongruências são, aliás, tão freqüentes nos *Vedas* como nos *Purânas*."

A verdade é que são menos freqüentes que na *Bíblia* mosaica. Mas os preconceitos avultam nos corações dos nossos orientalistas, principalmente dos doutos "reverendos". A Alma Universal *não é a Causa inerte* da Criação, ou (Para) Brahman, mas simplesmente o que nós chamamos o Sexto Princípio do Cosmos *Intelectual*, no plano manifestado do ser. É Mahat ou Mahâbuddhi, a Grande Alma, o Veículo do Espírito, o primeiro reflexo primordial da CAUSA sem forma, e aquilo que está ainda *além* do Espírito. Eis aí, no que respeita à intempestiva censura feita aos *Purânas* pelo Professor Wilson. Enquanto ao apelo, aparentemente descabido, que os Deuses vencidos dirigem a Vishnu, a explicação seria encontrada no texto do *Vishnu Purâna*, *se os nossos orientalistas quisessem dar-se à pena de* procurá-la. A filosofia ensina que há um Vishnu como Brahma e um Vishnu *em seus dois aspectos*. Mas só há um Brahman, "essencialmente Prakriti e Espírito".

Essa ignorância está expressa, de um modo verdadeiro e admirável, nos louvores com que os Yogins se dirigem a Brahma, "o suporte da Terra":

"Aquele que não praticam a devoção fazem uma idéia errônea da natureza do mundo. Os ignorantes, que não compreendem que este Universo tem a Natureza da Sabedoria, e o julgam somente como um objeto de percepção, estão perdidos no Oceano da ignorância espiritual. Mas aqueles que conhecem a verdadeira Sabedoria, e cujas mentes são puras, contemplam todo este mundo *como uno com o Conhecimento Divino*, uno contigo, oh Deus! Sê favorável, oh Espírito Universal!" [13]

Vishnu não é, portanto, "a causa inerte da criação", que exerce "as funções de uma Providência *Ativa*"; mas a Alma Universal, o que Eliphas Lévi chama, em seu aspecto material, a Luz Astral. E esta Alma, em seu aspecto dual de Espírito e Matéria, é o verdadeiro Deus antropomórfico dos deístas; pois este Deus é uma *personificação* daquele Agente Criador Universal, puro e impuro ao mesmo tempo, por força de sua condição manifestada e de sua diferenciação neste mundo Mâyâvico: *Deus* e *Diabo*, em verdade. O Professor Wilson não soube, porém, ver como Vishnu, sob esse aspecto, se parece com o Senhor Deus de Israel, "especialmente em seu papel de enganador, tentador e astucioso".

Tudo isso está indicado do modo mais claro possível no *Vishnu Purâna*, onde se diz que:

"No final de suas orações (*stotra*), os Deuses viram a Divindade Suprema Hari (Vishnu) armada de couraça, escudo e maça, cavalgando sobre Garuda." [14]

Ora, Garuda é o Ciclo Manvantárico, como se verá oportunamente. Vishnu é, portanto, a Divindade *no Espaço e no Tempo*, o Deus particular

(13) *Ibid., Wilson*, vol. I, 64.
(14) *Ibid.*, vol. III, 205.

dos Vaishnavas. Tais Deuses são denominados *de tribo* ou *de raça,* isto é, são os vários Dhyânis, ou Elohim, dos quais um era geralmente escolhido, por alguma razão especial, por uma nação ou uma tribo, e deste modo se convertia gradualmente em "um Deus *acima de todos* os Deuses" [15], "o Deus supremo", como Jeová, Osíris, Bel ou outro qualquer dos Sete Regentes.

"É pelo fruto que se conhece a árvore"; a natureza de um Deus se conhece por suas ações. Temos que julgar estas ações, ou tomando ao pé da letra os textos que as descrevem ou aceitando-os em sentido alegórico. Se compararmos os dois, Vishnu, como defensor e campeão dos deuses vencidos e Jeová, como campeão e defensor do povo "eleito" (assim chamado, sem dúvida, por antífrase, pois foram os judeus que elegeram esse Deus "ciumento"), veremos que ambos recorrem ao ardil e à astúcia. O seu procedimento é ditado pelo princípio de que "o fim justifica os meios", a fim de poderem triunfar de seus inimigos, os Demônios. Assim, enquanto, de um lado, segundo os cabalistas, Jeová assume a forma da Serpente tentadora no Jardim do Éden, envia Satã com a missão especial de tentar Job, cansa e abortece o Faraó com Saraí, a mulher de Abraão, e "endurece" o coração de outro Faraó contra Moisés, a fim de não perder a oportunidade de infligir "as maiores pragas a suas vítimas" [16]; de outro lado, Vishnu aparece, em seu *Purâna*, lançando mão de uma estratagema não menos indigno de um Deus respeitável.

Os Deuses vencidos invocam a Vishnu:

"Tem piedade de nós, oh Senhor! e protege-nos, a nós que viemos implorar-te o socorro contra os Daityas (Demônios). Eles se apoderaram dos três mundos e das oferendas que nos pertenciam, *tendo a cautela de não transgredir os preceitos do Veda.* Apesar de, *tanto quanto eles, fazermos parte de ti mesmo...* [17], andando (como andam)... nos caminhos prescritos pela sagrada escritura..., é-nos impossível destruí-los. Tu, cuja Sabedoria é imensurável (Ameyâtman), indica-nos *algum ardil* por meio do qual possamos exterminar os inimigos dos Deuses!

Quando o poderoso Vishnu ouviu esta súplica, fez brotar de seu corpo uma forma *ilusória* (Mâyâmoha, "o que engana e ilude"), que entregou aos Deuses, dizendo-lhes: 'Este Mâyamoha *seduzirá por completo* os Daityas, de modo que, afastando-se da Senda dos *Vedas*, poderão ser destruídos... Ide, pois, sem receio. Que esta visão enganadora vos preceda. Ela vos será de grande utilidade neste dia, ó Deuses!'

Em seguida, a grande Ilusão (Mâyâmoha), tendo-se transportado (à Terra), viu os Daityas ocupados em penitências ascéticas; e, aproximando-se deles, sob a figura de um Digambara (mendigo desnudo) de cabeça raspada..., assim lhes falou em voz suave: 'Senhores da raça Daitya, por que praticais estes atos de penitência? etc." [18]

Finalmente, os Daityas foram seduzidos pelas astuciosas palavras de Mâhâmoha, assim como Eva o foi pelos conselhos da Serpente. E renegaram os *Vedas*. O Dr. Muir assim traduz esta passagem:

---

(15) II *Crônicas*, II, 5.

(16) *Gênesis*, XII, 17; *Exodo*, VIII a XI.

(17) "E um dia em que os *Filhos de Deus* vieram perante o Senhor, veio também Satã, *com seus irmãos*, apresentar-se ao Senhor." (*Job*, II, Abyss., texto etiópico. Veja-se *Job*, II, 1.)

(18) *Vishnu Purâna*, Wilson, III, 205-7.

"O grande Enganador, empregando a ilusão, seduziu depois outros Daityas mediante várias espécies de heresia. Dentro de pouco tempo, estes Asuras (Daityas) foram ilaqueados pelo Enganador e abandonaram todo o sistema baseado nos mandamentos do tríplice *Veda*. Alguns difamaram os *Vedas*; outros, as cerimônias do sacrifício; e ainda outros, aos brâmanes. Esta (exclamaram) é uma doutrina que não resiste à menor discussão; a matança (dos animais nos sacrifícios) não pode conduzir a méritos religiosos. (Dizer que) as oblações de manteiga, consumida pelo fogo, produzem recompensas futuras, não passa de conversa de criança... Se é verdade que um animal morto no sacrifício é exaltado nos céus, por que então o devoto não mata seu próprio pai?... Frases infantis, Grandes Asuras, não caem do céu; só as sentenças construídas sobre o raciocínio devo eu aceitar e devem aceitar as pessoas |inteligentes| como vós! Desta maneira, e de várias outras, foram os Daityas conturbados pelo grande Enganador |*a Razão*|... Logo que os Daityas ingressaram na senda do erro, as Divindades concentraram todas as suas forças e se aproximaram para o combate. Travou-se então a batalha entre os Deuses e os Asuras; e estes últimos, que se haviam desviado do caminho reto, foram derrotados pelos primeiros. Haviam sido, no passado, protegidos pela armadura da justiça, que traziam; mas, quando a destruíram, também eles pereceram." [19]

Seja qual for a opinião que se faça a respeito dos hindus, nem mesmo seus inimigos podem tê-lo em conta de néscios. Povo cujos santos e sábios legaram ao mundo as maiores e mais sublimes filosofias, devem saber como discernir a diferença entre o justo e o injusto. Até o selvagem pode distinguir o branco do preto, o bem do mal, a sinceridade e a veracidade do engano e da falsidade. Os que relataram aquele episódio na biografia do seu Deus não podiam deixar de perceber que, no caso, esse Deus é que era o Arqui-Enganador; tocando aos Daityas, que "nunca haviam transgredido os preceitos dos *Vedas*", o lado honroso na história, e sendo eles os verdadeiros "Deuses". Devia, portanto, haver e *há* realmente, um significado secreto por trás desta alegoria. Em nenhuma classe da sociedade, em nenhuma nação, a astúcia e o embuste são considerados virtudes *divinas* — salvo talvez nos meios clericais dos teólogos e jesuítas modernos.

O *Vishnu Purâna* [20], como todas as demais obras do gênero, caiu mais tarde em mãos dos brâmanes dos templos, e os antigos manuscritos foram, sem dúvida, adulterados pelos sectários. Em tempos idos, porém, eram os *Purânas* obras esotéricas, e o são ainda para os Iniciados que os podem ler com a chave que possuem.

Quanto a saber se os brâmanes Iniciados darão a conhecer algum dia o significado de todas as alegorias, é questão que não diz respeito à autora deste livro. O objetivo que se propõe é demonstrar que nenhum filósofo, honrando os *Poderes Criadores*, poderia aceitar — e jamais aceitou — a face exterior da alegoria como seu verdadeiro espírito, com a possível exceção de alguns filósofos pertencentes às raças cristãs "superiores e civilizadas" do nosso tempo. Pois, conforme vimos, Jeová em nada é superior a Vishnu no plano moral. É por isso que os ocultistas, e até alguns cabalistas, considerem ou não aquelas Forças Criadoras como *Entidades vivas*

(19) *Journal of the Royal Asiatic Society*, XIX, 302.

(20) A opinião de Wilson, de que o *Vishnu Purâna* é um produto *de nossa Era*, não datando, em sua forma atual, de período anterior ao compreendido entre os séculos VIII e XVII (!!), é de tal modo absurda que não merece a mínima atenção.

e conscientes — e não vemos por que não possam ser aceitas como tais —, jamais haverão de confundir a Causa com o Efeito, nem tomar o Espírito da Terra por Parabrahman ou Ain-Soph. De qualquer modo, eles conhecem bem a verdadeira natureza do que os gregos chamavam Pai Æther, Júpiter-Titã, etc. Sabem que a Alma da Luz Astral é divina, e que o seu corpo — as ondas de luz nos planos inferiores — é infernal. Esta Luz foi simbolizada no *Zohar* pela "Cabeça Mágica", a Dupla Face sobre a Dupla Pirâmide; erguendo-se a Pirâmide negra sobre um campo de alvura imaculada, *com uma cabeça e uma Face brancas dentro do seu Triângulo negro;* a Pirâmide Branca, invertida — reflexo da primeira nas Águas escuras —, mostrando *a imagem negra da Face branca.*

Tal é a Luz Astral, ou *Demon est Deus inversus.*

Seção XII

A TEOGONIA DOS DEUSES CRIADORES

Para a exata compreensão da idéia que constitui a base de todas as Cosmogonias antigas, faz-se necessário o estudo e a análise comparativa de todas as grandes religiões da antiguidade. Só por esse método pode evidenciar-se a idéia fundamental.

A ciência moderna, se lhe fosse possível elevar-se a tais alturas, remontando à fonte primeira e original das operações da Natureza, daria a essa idéia o nome de Hierarquia das Forças. A concepção original, transcendente e filosófica, era uma só. Mas como, no decorrer das idades, passaram os sistemas a refletir, cada vez mais, as idiossincrasias dos povos, e como estes, separando-se, vieram a formar grupos distintos, cada qual evolucionando segundo a tendência particular de sua nação ou tribo, a exuberância da imaginação humana acabou por lançar, pouco a pouco, um véu sobre a idéia fundamental. Enquanto em alguns países às Forças, ou melhor, aos Poderes inteligentes da Natureza eram tributadas honras divinas, nem sempre pertinentes, em outros — como na Europa de nossos dias e nos demais países *civilizados* — a só idéia de que tais Forças sejam dotadas de inteligência é tida por absurda e declarada *anticientífica.* Assim, é com certo sentimento de alívio que vemos as referências contidas na introdução de *Asgard and the Gods*, "Contos e tradições de nossos Antepassados Setentrionais", editado por W.S.W. Anson, em que se diz:

"Se bem que na Ásia Central ou nas margens do Índus, no país das Pirâmides, nas penínsulas grega e itálica, e até mesmo no Norte, onde os celtas, teutões e eslavos viveram errantes, as concepções religiosas do povo assumissem formas distintas, *sua origem comum* é, não obstante, ainda reconhecível. Chamamos a atenção para esta relação entre as histórias dos Deuses e o pensamento profundo que elas encerram, e para sua importância, a fim de que o leitor possa ver que *não se trata de um mundo mágico, criado pela fantasia e a divagação*, que diante dele se descerra, mas que... *a Vida e a Natureza* formavam a base da existência e a ação dessas Divindades." [1]

E, embora seja impossível a um ocultista, ou a um estudante de esoterismo oriental, admitir a estranha idéia de que "as concepções religiosas das

(1) P. 3.

nações mais célebres da antiguidade estão relacionadas com os primórdios da civilização entre as raças germânicas" [2], não deixa de ser agradável ver expressas verdades como esta: "Estes contos de fadas não são histórias sem sentido, escritas para divertir os ociosos; porque eles encerram no seu âmago a religião de nossos antepassados" [3].

Exatamente. Não apenas a Religião deles, senão também a sua História. Porque um mito — em grego μυθος, — significa tradição oral, transmitida de boca em boca, geração à geração; e até na etimologia moderna a palavra envolve a idéia de história ou afirmação *fabulosa*, que contém alguma verdade importante; a história de algum personagem extraordinário, a cuja biografia a fecunda imaginação popular emprestou um exagerado desenvolvimento, por efeito de uma veneração ao longo de sucessivas gerações; mas que não é *totalmente uma fábula*. Como nossos antepassados, os primitivos árias, cremos firmemente na personalidade e inteligência de mais de uma Força produtora dos fenômenos da Natureza.

Com o passar do tempo, o ensinamento arcaico se foi tornando menos claro; e as nações perderam mais ou menos de vista o Princípio Superior e único de todas as coisas, e começaram a transferir os atributos abstratos da Causa sem Causa aos efeitos produzidos, os quais por sua vez se converteram em causativos, ou seja, nos Poderes Criadores do Universo; as grandes nações, pelo temor de profanarem a Idéia; as menores, ou porque não puderam compreendê-la, ou porque não possuíam o grau de concepção filosófica necessário para conservá-la em toda a sua pureza imaculada. Mas todas elas, com exceção dos últimos arianos, que vieram a ser os europeus e os cristãos de hoje, testemunham aquela veneração em suas cosmogonias.

Conforme o assinala Thomas Taylor [4], o mais intuitivo de todos os tradutores dos fragmentos gregos, nenhuma nação concebeu jamais o Princípio Único como criador imediato do Universo visível; pois nenhum homem de juízo são, ao admirar um edifício, pensará que foi construído pelas próprias mãos do arquiteto que o projetou. Segundo o testemunho de Damáscio, em sua obra *Sobre os Princípios* (Περὶ Πρώτων Ἀρχων), quando aludiam àquele Princípio chamavam-no "As Trevas Desconhecidas". Os babilônios guardaram silêncio a seu respeito. "A esse Deus", diz Porfírio, em seu tratado *Sobre a Abstinência* (Περὶ ἀποχῆς των ἐμψύχων [5], "que está acima de todas as coisas, não se devem dirigir nem palavras articuladas nem pensamentos internos". Hesíodo principia sua *Teogonia* com estas palavras: "O Caos foi criado antes de todas as coisas" [6], dando assim a entender que a sua Causa ou o seu Criador deve ser deixado em respeitoso silêncio. Homero, em seus poemas, não remonta além da Noite, que é

(2) *Ibid.*, p. 2.
(3) *Ibid.*, p. 21.
(4) Veja-se *The Monthly Magazine*, de abril de 1797.
(5) Com relação à abstinência das coisas vivas.
(6) "Ητοι μέν πρώτιστα Χάος γένετ" (I, 166); sendo γένετο considerado na antiguidade como significando "foi *gerado*", e não simplesmente "*foi*". (Veja-se a Introdução de Taylor ao *Parmenides* de Platão, p. 260.)

reverenciada por Zeus. Todas as teologias da antiguidade, assim como as doutrinas de Pitágoras e Platão, dizem que Zeus, ou o Artífice imediato do Universo, *não é o Deus supremo*; do mesmo modo que Sir Christophen Wren, em seu aspecto físico e humano, não é a Mente que nele reside e que produziu as suas grandes obras de arte. Por tudo isso, Homero guarda silêncio, não só a respeito do Princípio Primeiro, mas também quando àqueles dois Princípios que vêm imediatamente depois, o Æther e o Caos de Orfeu e de Hesíodo, o Finito e o Infinito de Pitágoras e de Platão [7]. Sobre o Princípio Superior, diz Proclo que é "...a Unidade das Unidades, que está além do primeiro Afyta..., mais inefável que o Silêncio absoluto, e mais oculto que a Essência absoluta... oculta entre os Deuses inteligíveis [8].

Algo mais poderia acrescentar-se ao que escreveu Thomas Taylor em 1797, a saber: que "os judeus não parece terem ido além do... artífice *imediato* do Universo", pois que Moisés se referia "às trevas que cobriam a face do abismo, não insinuando sequer que a sua existências tivesse uma causa" [9]. Em sua *Bíblia* — obra puramente esotérica e simbólica — nunca os judeus degradaram a sua divindade metafórica tão profundamente quanto o fizeram os cristãos, aceitando Jeová como seu Deus único, vivente e, no entanto, *pessoal*.

O Princípio Primeiro, ou melhor, o Princípio Único, era chamado o "Círculo do Céu" e simbolizado por um hierograma de um Ponto dentro de um Círculo, ou de um Triângulo equilateral, o Ponto representando o Logos. Assim, no *Rig Veda*, onde Brahma não é sequer nomeado, a Cosmogonia começa com *Hiranyagarbha*, o "Ovo Áureo", e Prajâpati (mais tarde Brahma), de quem emanam todas as Hierarquias de "Criadores". A Mônada, ou Ponto, é a origem e a Unidade de onde decorre todo o sistema numérico. Este Ponto é a Causa Primeira; mas AQUILO, de que emana, ou antes, de que é a expressão ou o Logos, é deixado em silêncio. Por sua vez, o símbolo universal — *o Ponto dentro do Círculo* — não era ainda o Arquiteto, mas a Causa do Arquiteto; e o último estava para com essa Causa precisamente na mesma relação que o Ponto para com a Circunferência do Círculo, relação que, segundo Hermes Trismegisto, não pode ser definida. Porfírio mostra que a Mônada e a Díada de Pitágoras são idênticas ao *Infinito* e ao *Finito* de Platão no *Philebus*, ou ao que Platão chama ἄπειρον e πέρας. *Só a última, a Mãe, é que é substancial, sendo a primeira a "Causa de toda Unidade e a medida de todas as coisas"* [10]; mostrando-se assim que a Díada, Mûlaprakriti, o véu de Parabrahman, é a Mãe do Logos e, ao mesmo tempo, sua Filha (isto é, o objeto de sua percepção), o produtor produzido e a causa secundária do mesmo. Segundo Pitágoras, a Mônada

(7) É a confusão entre o "Finito" e o "Infinito" que foi objeto dos sarcasmos de Kapila, em suas discussões com os Iogues brâmanes, que pretendem ver o "Ser Supremo" em suas visões místicas.

(8) *Ibid.*

(9) Veja-se o artigo de Thomas Taylor em seu *Monthly Magazine*, citado no *Platonist* de fevereiro de 1887, edição de T. M. Johnson, M. S. T., Osceola, Missouri.

(10) *Vit. Pythag.*, p. 47.

retorna ao Silêncio e às Trevas, tão logo ela desenvolve a Tríade, da qual emanam os sete números restantes dos dez que são a base do Universo *manifestado*.

A mesma coisa se vê na Cosmogonia escandinava:

"No princípio havia um grande Abismo (o Caos); nem o Dia nem a Noite existiam; o Abismo era Ginnungagap, o oceano hiante, sem princípio nem fim. O Pai de Tudo, o Incriado, o Invisível, morava nas profundezas do Abismo (o Espaço); ele *manifestou a sua vontade*, e tudo o que ele quis veio à existência." [11]

Como na cosmogonia hindu, a evolução do Universo se divide em dois atos, que correspondem às chamadas criações Prâkriti e Pâdma, na Índia. Antes que os cálidos raios emanados da Mansão do Resplendor despertem a vida nas Grandes Águas do Espaço, surgem os Elementos da primeira criação, e com eles se forma o Gigante Ymir, ou Orgelmir (literalmente: barro ardente), a Matéria Primordial diferenciada do Caos. Vem depois a Vaca Audumla, a Nutriz [12], da qual nasce Buri, o Produtor, cujo filho Bor (Born, ou o Nascido) tem três filhos com Bestla, a filha dos Gigantes de Gêlo (filhos de Ymir), a saber: Odin, Willi e We, ou o Espírito, a Vontade e a Santidade [13].

Tudo isso ocorreu quando ainda reinavam as Trevas no Espaço; quando não haviam ainda surgidos os Ases, os Poderes Criadores, ou Dhyân Chohans, e quando Yggdrasil, a Árvore do Universo, do Templo e da Vida, ainda tinha crescido, e não existia então nenhum Walhalla, ou Recinto dos Heróis. As lendas escandinavas acerca da Criação da nossa Terra e do Mundo começam com o Tempo e a Vida humana. Para elas, tudo o que a precede são as Trevas, em que habita o Pai de Tudo, a Causa de Tudo. Conforme observa o editor de *Asgard and the Gods*, embora essas lendas encerrem a idéia do Pai de Tudo, causa original de tudo, "os poemas quase não o mencionam", não pelo motivo que ele supõe, de que "a idéia fosse incapaz de elevar-se a uma concepção clara do Eterno", anteriormente aos ensinamentos do Evangelho, e sim por causa do seu caráter profundamente esotérico.

É por isso que todos os Deuses Criadores, ou Divindades *Pessoais*, só aparecem na fase secundária da Evolução Cósmica. Zeus nasce *em* Cronos, ou *de* Cronos, o Templo. Igualmente, Brahma é o produto da emanação de Kâla, "a Eternidade e o Templo", sendo Kâla um dos nomes de Vishnu. Pela mesma razão vemos Odin como o Pai *dos Deuses e dos Ases*, do mesmo modo que Brahma é o Pai dos Deuses e dos Asuras; e daí também o caráter andrógino de todos os principais Deuses Criadores, desde a segunda Mônada dos gregos até o Sephira Adão Kadmon, o Brahma

(11) *Asgard and the Gods*, p. 22.

(12) Vâch, a "vaca melodiosa, que produz o alimento e a Água", que nos proporciona "o alimento e a subsistência", como se diz no *Rig Veda*.

(13) Compare-se com a "Criação das Primeiras Raças", no vol. III desta obra, comentário à Estância IV da Antropogênese (Parte I).

ou Prajâpati-Vâch dos *Vedas*, e o Andrógino de Platão, que não passa de outra versão do símbolo hindu.

A melhor definição metafísica da Teogonia primitiva, segundo as idéias dos vedantinos, encontra-se nas "Notas sobre o *Bhagavad-Gita*", de T. Subba Row. Parabrahman, o Desconhecido e o Incognoscível, como expõe o conferencista a seus ouvintes,

"Não é o Ego, não é o Não-Eu, nem tampouco a consciência... e não é Âtma sequer... mas, não sendo em si mesmo um objeto de consciência, é, todavia, capaz de dar lugar e apoio a todas as coisas e a toda espécie de existência que possa ser objeto de conhecimento... |É| a essência una, da qual vem à existência um centro de energia... |que ele chama Logos|." [14]

Este Logos é o Shabda Brahman dos hindus, a que o autor não quer dar nem sequer o nome de *Ishvara* (o "Senhor" Deus), pelo receio de que o termo possa criar confusão na mente do público. É o Avalokiteshvara dos budistas, o Verbum dos cristãos em seu sentido *esotérico* verdadeiro, e não em sua alteração teológica.

"É o primeiro *Inâta*, ou o Ego no Cosmos, e todos os demais Egos... são apenas o seu reflexo e manifestação... Existe em estado latente no seio de Parabrahman durante o Pralaya... |Durante o Manvantara| possui uma consciência e uma individualidade próprias... |É um centro de energia, mas|... semelhantes centros de energia são quase inumeráveis no seio de Parabrahman. Não se deve supor que |mesmo| este Logos seja |o Criador, ou que não seja| mais que um centro único de energia... O número deles é quase infinito... |Este| é o primeiro Ego que aparece no Cosmos, e é o fim de toda a evolução. |É o Ego abstrato|... Esta é a *primeira* manifestação |ou aspecto| da Parabrahman... Quando começa a ter existência como ser consciente... Parabrahman lhe aparece, do ponto de vista objetivo, como Mûlaprakriti. Tende isso em mente... porque aí está a origem de toda dificuldade em relação a Purusha e Prakriti, com que tropeçam os vários escritores que se têm ocupado da filosofia vedantina... Mûlaprakriti é material para ele |o Logos|, da mesma forma que um objeto é material para nós. Este Mûlaprakriti não é Parabrahman, como os caracteres que ornam uma coluna não são a própria coluna; Parabrahman é uma realidade incondicionada e absoluta, e Mûlaprakriti é uma espécie de véu lançado sobre ela. Parabrahman não pode ser visto tal como é em si mesmo. É visto pelo Logos com um véu que o encobre, e este véu é a poderosa extensão da Matéria Cósmica... Parabrahman, após haver aparecido como o Ego, por um lado, e como Mûlaprakriti, por outro, atua como energia única por intermédio do Logos." [15]

E o orador, por meio de uma belíssima comparação, explica o que ele entende por essa atividade de Algo que é *Nada*, e é TUDO ao mesmo tempo. Assemelha o Logos ao Sol, que irradia a luz e o calor, mas cuja energia — a luz e o calor — existe sob uma forma desconhecida no Espaço, e nele se difunde somente como luz e calor *visíveis*, não passando o Sol de seu agente. Esta é a primeira hipóstase triádica. Forma-se o Quaternário com a luz vivificante, vertida pelo Logos.

Os cabalistas hebreus apresentam a idéia de um modo que, esotericamente, é idêntico ao vedantino. Ensinam que Ain-Soph, sendo embora a

(14) *The Theosophist*, fevereiro de 1887, pp. 302-3.
(15) *Ibid.*, pp. 303-4.

Causa sem Causa de tudo, não pode ser compreendido nem localizado nem nomeado. E daí o seu nome Ain-Soph, que é um termo de negação: "o Inescrutável, o Incognoscível e o Inominável". Fazem dele, portanto, um Círculo Ilimitado, uma Esfera, da qual a inteligência humana, em seu maior alcance, não pode perceber senão a curvatura. Eis o que escreve alguém que já decifrou grande parte das dificuldades do sistema cabalístico, ao tratar de um dos significados do seu esoterismo geométrico e numérico:

"Cerrai os olhos e, usando vossa faculdade de percepção consciente, tentai projetar o pensamento externamente, em todas as direções, até o extremo limite. Vereis que linhas ou raios de percepção iguais se estendem uniformemente em todos os sentidos, de *tal modo que o vosso supremo esforço de percepção irá terminar na abóbada de uma esfera.* O limite desta esfera será, forçosamente, um Círculo máximo, e os raios diretos do pensamento, em toda e qualquer direção, devem ser linhas retas, raios do círculo. *Será* esse, portanto, em termos humanos, o limite extremo do conceito compreensivo do Ain-Soph *manifestado*, conceito que se representa como uma figura geométrica, ou seja, um círculo, com seus elementos de circunferência (a curva) e diâmetro (a linha reta), dividido em raios. Assim, uma forma geométrica é o primeiro meio cognoscível da relação de Ain-Soph e a inteligência do homem." [16]

Este Círculo Máximo, que o Esoterismo Oriental reduz ao Ponto no Círculo Ilimitado, é Avalokiteshvara, o Logos ou Verbum a que se refere T. Subba Row. Mas esse Círculo ou Deus manifestado é tão desconhecido para nós, salvo por meio de seu Universo *manifestado*, quanto o é o UNO, embora seja mais fácil, ou antes, menos difícil concebê-lo em nossos mais elevados pensamentos. Esse Logos, que jaz adormecido no seio de Parabrahman durante o Pralaya, assim como o nosso Ego está "latente em nós durante o Sushupti", ou sono; que não pode conhecer a Parabrahman senão como Mûlaprakriti (que é um véu cósmico formado pela "potente expansão da Matéria Cósmica); é, por conseguinte, só um órgão da Criação Cósmica, através do qual se irradiam a Energia e a Sabedoria de Parabrahman, *desconhecido para o Logos como é para nós.* E sendo o Logos tão desconhecido para nós quanto Parabrahman o é para ele, tanto o Esoterismo Oriental como a Cabala, a fim de porem o Logos ao alcance de nossas concepções, resolveram a síntese abstrata em imagens concretas, isto é, nos reflexos ou aspectos múltiplos do Logos, ou Avalokiteshvara, Brahma, Ormazd, Osíris, Adão Kadmon, ou outro nome que se queira dar-lhe; aspectos ou emanações manvantáricas que são os Dhyân Chohans, os Elohim, os Devas, os Amshaspends, etc. *Os metafísicos explicam a raiz e o* germe destes últimos, segundo T. Subba Row, como a primeira manifestação de Parabrahman, "a Trindade mais elevada que somos capazes de compreender", a saber: Mûlaprakriti (o Véu), o Logos e a Energia Consciente deste último (ou o seu Poder e Luz, chamados no *Bhagavad Gîtâ* Daiviprakriti); ou "a Matéria, a Força e o Ego, a raiz única do Eu, de que todas as demais espécies de "eu" são apenas manifestações ou reflexos". Portanto, somente à luz desta Consciência de percepção mental e física é que o Ocultismo *prático* pode tornar o Logos visível por meio de figuras

(16) *The Masonic Review*, junho de 1886.

geométricas, que, estudadas com atenção, não só proporcionam uma explicação científica da existência real, objetiva [17], dos "Sete Filhos da Divina Sophia", que é esta Luz de Logos, mas também mostram, com o auxílio de outras chaves ainda não descobertas, que, em relação à Humanidade, os "Sete Filhos" e suas inumeráveis emanações, centros de energia personificados, são uma necessidade absoluta. Suprimam-se, e o Mistério do Ser e da Humanidade *jamais será decifrado, nem sequer entrevisto.*

Por meio desta Luz foram criadas todas as coisas. Esta Raiz do Eu mental é também a Raiz do *Eu* físico, porque esta Luz é a expressão em nosso mundo manifestado, de Mûlaprakriti, o Aditi dos *Vedas.* Em seu terceiro aspecto ela vem a ser Vâch [18], a Filha e a Mãe do Logos, do mesmo modo que Ísis é a Filha e a Mãe de Osíris, que é Hórus, e Moot, a Filha, Esposa e Mãe de Amon, no mito lunar egípcio. Na *Cabala,* Sephira é igual a Shekinah, e é — outra síntese — a Esposa, Filha e Mãe do Homem Celeste, Adão Kadmon, com o qual também se identifica, como sucede com Vâch em relação a Brahma, sendo chamado o Logos feminino. Nos *Rig Veda,* Vâch é a "Linguagem Mística", por meio da qual o Conhecimento Oculto e a Sabedoria são transmitidos ao homem; dizendo-se, por isso, que Vâch penetrou nos Rishis". Ela é "gerada pelos Deuses"; é a Divina Vâch, a "Rainha dos Deuses", estando associada aos Prajâpatis em sua obra de criação, como Sephira o está aos Sephiroth. É ainda chamada a "Mãe dos *Vedas*", "pois foi graças ao seu poder (como *Linguagem* Mística) que Brahma os revelou, e foi também pelo poder que Brahma criou o Universo", isto é, por meio da Linguagem e das palavras, sintetizadas pelo "Verbo" e pelos números [19].

Mas, quando se alude a Vâch como filha de Daksha, "o Deus que vive em todos os Kalpas", enuncia-se o seu caráter Mayávico; ela desaparece durante o Pralaya, absorvida no Raio Único, que a tudo consome.

Há, no entanto, dois aspectos distintos no Esoterismo universal, oriental e ocidental, em todas essas personificações do Poder feminino na Natureza: a Natureza *numênica* e a *fenomenal.* Um é o seu aspecto puramente metafísico, conforme o descreve o ilustre orador em suas "Notas sobre o *Bhagavad Gîtâ*"; o outro é terrestre e físico, e ao mesmo tempo *divino,* do ponto de vista da concepção prática humana e do Ocultismo. São todos símbolos e personificações do Caos, o "Grande Abismo" ou as Águas Primordiais do Espaço, o Véu impenetrável entre o INCOGNOSCÍVEL e o Logos da Criação. "Pondo-se em relação com Vâch por meio de sua mente, Brahma (o Logos) criou as Águas Primordiais". O *Katha Upanishad* se expressa ainda mais claramente:

(17) Objetiva — no mundo de Mâyâ, naturalmente; mas tão real quanto nós o somos.

(18) No curso da manifestação cósmica, esta Daiviprakriti, em lugar de ser a Mãe do Logos, deveria, estritamente falando, ser chamada sua Filha. (*The Theosophist,* fevereiro de 1887, "Notas sobre o Bhagavad Gita", p. 305.)

(19) Os sábios que, como Stanley Jevons entre os modernos, inventaram um método para fazer o incompreensível assumir forma tangível, só o puderam conseguir recorrendo o número e figuras geométricas.

"Prajâpati era este Universo. Vâch estava em *segundo plano*. Ele se uniu a ela produziu estas criaturas e voltou a fundir-se em Prajâpati."

Isso relaciona Vâch e Sephira com a Deusa Kwan-Yin, a "Mãe Misericordiosa", a Voz Divina da Alma, até mesmo no Budismo exotérico; com o aspecto feminino de Kwan-Shai-Yin, o Logos, o Verbo da Criação, e ao mesmo tempo com a Voz que é audível ao Iniciado, segundo o Budismo Esotérico; Bath Kol, a *Filia Vocis*, a Filha da Voz Divina dos hebreus, que responde do Propiciatório no Véu do Templo, é um resultado.

Neste ponto, cabe-nos assinalar, incidentemente, uma das muitas calúnias que os "bons e piedosos" missionários têm lançado, na Índia, contra a religião do país. A alegoria do *Shatapatha Brâhmana*, de que Brahma, como Pai dos homens, consumou a obra da criação mediante uma ligação incestuosa com a própria filha Vâch, também chamada Sandhya, o Crepúsculo, e Shatarûpâ, a de cem formas, é constantemente atirada em rosto aos brâmanes, como condenação de sua "detestável e falsa religião". À parte a circunstância, esquecida propositadamente, de que o Patriarca Lot incorreu em crime igual, sob a *forma humana*, ao passo que Brahma, ou melhor, Prajâpati, cometeu o incesto sob a forma de um gamo com sua filha, que tinha a de uma corça (*rohit*), a leitura esotérica do terceiro capítulo do *Gênesis* mostra a mesma coisa. Além disso, há certamente um significado *cósmico*, e não fisiológico, associado à alegoria hindu, pois Vâch é uma permutação de Aditi e de Múlaprakriti, ou o Caos, e Brahma uma permutação de Nârâyana, o Espírito de Deus que penetra na Natureza e a fecunda; e portanto nada tem de fálico o conceito.

Como já dissemos Aditi-Vâch é o Logos feminino, ou o Verbo, a Palavra; e na Cabala *Sephira* também o é. Os Logos femininos são todos correlações, em seu aspecto *numênico*, de Luz, Som e Éter, o que denota como os antigos estavam bem informados, tanto em Ciência Física, tal qual é hoje conhecida dos modernos, quanto no tocante à origem desta Ciência nas esferas Espiritual e Astral.

"Os nossos escritores da antiguidade diziam que Vâch se divide em quatro espécies, chamadas Parâ, Pashyanti, Madhyamâ, Vaikhari. Esta informação se encontra no próprio *Rig Veda* e em vários *Upanishads*. Vaikhari Vâch é a nossa linguagem articulada."

É o Som, a *Palavra*, aquilo que se faz compreensível e objetivo para um de nossos sentidos físicos e pode submeter-se às leis da percepção. Portanto:

"Cada espécie de Vaikhari Vâch existe em Madhyamâ... Pshyanti, e finalmente em sua forma Parâ... A razão pela qual este Pranava [20] é chamado Vâch consiste em

(20) Pranava, Om, é um termo místico que os Iogues pronunciam durante a meditação; de todas as palavras chamadas Vyâkritis, segundo os comentadores exotéricos, — isto é, Aum, Bhuh, Bhuvah, Svah (Om, Terra, Firmamento, Céu), — Pranava é talvez a mais sagrada. Pronuncia-se retendo a respiração. Veja-se *Manu* II, 76-81, e o comentário de Mitakshara sobre o *Yâjnavalkya-Smriti*, I, 23. A explicação esotérica, porém, vai muito mais longe.

que os quatro princípios do grande Cosmos correspondem aquelas quatro formas de Vâch... O Cosmos inteiro, em sua forma objetiva, é Vakhati Vâch; a Luz do Logos é a forma Madhyamâ, e o próprio Logos a forma Pshyanti; ao passo que Parabrahman é o aspecto Parâ |além do Númeno de todos os Númenos| de Vâch." [21]

Assim, Vâch, Shekinah ou a "Música das Esferas" de Pitágoras, são uma e a mesma coisa, se considerarmos os exemplos que se encontram nas três filosofias religiosas que (aparentemente) mais se diferenciam entre si: a índia, a grega e a caldeu-hebraica. Tais personificações e alegorias podem ser estudadas sob *quatro* aspectos principais e *três* secundários, ou sete ao todo, como no Esoterismo. A forma Parâ é a Luz e o Som, sempre subjetivos e latentes, que existem eternamente no seio do INCOGNOSCÍVEL; quando considerada como a ideação do Logos, ou sua Luz latente, chama-se Pashyanti; e quando vem a ser essa Luz *expressa* é Madhyama.

A *Cabala* nos dá esta definição:

"Há três espécies de Luz, e mais aquela |a quarta| que interpenetra as outras: 1.° a Luz clara e penetrante, a Luz *objetiva*; 2.° a Luz *reflexa*; 3.° a Luz *abstrata*."

Os Dez Sephiroth — os Três e os Sete — são chamados, na *Cabala*, as Dez Palavras DBRIM (Debarim), os números e as Emanações da Luz Celeste, que é ao mesmo tempo Adão Kadmon e Sephira, Prajâpati-Vâch ou Brahma. Na *Cabala*, a Luz, o Som e o Número são três fatores da Criação. Não é possível conhecer a Parabrahman senão por meio do ponto luminoso, o Logos, que não conhece a Parabrahman, mas somente Mûlaprakriti. De igual modo, Adão Kadmon só conhece a Shekinah, embora seja este o Veículo de Ain-Soph. E Adão Kadmon é, nesta qualidade, o Número total Dez, os Sephiroth; sendo ele próprio uma Trindade, ou os três atributos da Divindade Incognoscível em Um [22]. "Quando o Homem Celeste (o Logos) assumiu, no princípio, a forma da Coroa (Kether), e se identificou com Sephira, fez emanar (da Coroa) Sete esplêndidas Luzes" [23], formando assim o total de Dez; do mesmo modo, Brahmâ-Prajâpati, quando se separou de Vâch, sendo contudo idêntico a ela, fez brotar da Coroa os sete Rishis e os sete Manus ou Prajâpatis. No *exoterismo*, encontraremos sempre 10 e 7, quer se trate de Sephira ou de Prajâpati; na versão esotérica, sempre 3 e 7, que perfazem 10. Somente quando se dividem em 3 e 7, na esfera manifestada, formam ⊕, o andrógino, e ○; ou a figura X manifestada e diferenciada.

Isso ajudará o estudante a compreender por que a Divindade, o Logos, era, para Pitágoras, o Centro da Unidade e a Fonte da Harmonia. Dizemos

(21) *The Theosophist*, fevereiro de 1887, p. 307.

(22) Esta Trindade é representada alegoricamente como os "Três Passos de Vishnu", significando (pois o exoterismo considera Vishnu como o Infinito) que de Parabrahman emanaram Mûlaprakriti, Purusha (o Logos) e Prakriti: as quatro formas de Vâch (incluindo a própria Vâch como síntese). E na *Cabala* Ain-Soph, Shekinah, Adão Kadmon e Sephira, as quatro ou as três emanações, são distintas, e contudo Unas.

(23) *Livro dos Números* caldeu. Na *Cabala* corrente, o nome Jeová substitui o de Adão Kadmon.

que esta Divindade era o Logos, e não a Mônada que habita na Solidão e no Silêncio, porque Pitágoras ensinava que a Unidade, sendo indivisível, *não é um número*. Esta é também a razão por que se exigia do candidato à admissão na escola pitagórica a condição de *já haver estudado como* preparação preliminar, Aritmética, Astronomia, Geometria e *Música*, consideradas as quatro divisões da Matemática [24]. Explica-se igualmente por que afirmavam os pitagóricos que a doutrina dos Números, a mais importante do Esoterismo, fora revelada ao homem pelas Divindades Celestes; que o Mundo fora tirado por Caos por meio do Som e da Harmonia, e construídos de acordo com os princípios da escala musical; que os sete planetas, que regem o destino dos mortais, têm um movimento harmonioso e, como diz Censorino,

"Intervalos que correspondem aos diastemas musicais, produzindo vários sons tão perfeitamente acordes, que deles resulta a mais suave melodia, para nós inaudível exclusivamente devido à magnitude do som, que o nosso ouvido é incapaz de perceber."

Na Teogonia pitagórica, eram contadas, e também expressas numericamente, as Hierarquias das Legiões Celestes e dos Deuses. Pitágoras havia estudado a Ciência Esotérica na Índia; e é por isso que vemos os seus discípulos dizerem:

"A Mônada |o Uno manifestado| é o princípio de todas as coisas. Da Mônada e da Díada indeterminada (o Caos), os Números; dos Números, os Pontos; dos Pontos as Linhas; das Linhas, as Superfícies; das Superfícies, os Sólidos; destes, os Corpos Sólidos, cujos elementos são quatro, o Fogo, a Água, o Ar e a Terra; com os quais, depois de sua transformação |correlação| e total alteração, foi construído o Mundo." [25]

Se isso não resolve o mistério por completo, pode levantar, pelo menos, uma ponta do véu daquelas maravilhosas alegorias, que ocultam Vâch, a mais misteriosa de todas as Deusas bramânicas, chamada "a Vaca *melodiosa* que produz alimento e Água" — a Terra, com todos os seus poderes místicos; e também aquela "que nos proporciona alimento e subsistência" — a Terra física. Ísis é igualmente a Natureza mística e a Terra; e os seus chifres de vaca a identificam com Vâch, que, depois de reconhecida como Parâ em seu aspecto mais elevado, se converte, no extremo inferior e material da criação, em Vaikhari. É, portanto a Natureza mística, embora física, com todas as suas formas e propriedades mágicas.

Como Deusa da Linguagem e do Som, e como permutação de Aditi, Vâch ainda é o Caos, em certo sentido. Em todo caso, é a "Mãe dos Deuses"; e de Brahma, Ishvara (ou o Logos) e Vâch, bem como de Adão Kadmon e Sephira, há de partir a verdadeira Teogonia *manifestada*. Mais além, tudo são Trevas e especulações abstratas. Com os Dhyan Chohans ou Deuses, os Videntes, os Profetas e os Adeptos em geral se acham em

(24) Conta Justino o Mártir que, devido à sua ignorância destas quatro ciências, teve recusada a sua admissão como candidato à Escola dos Pitagóricos.

(25) Diógenes Laércio, em *Vit. Pythag.*

terreno firme. Seja como Aditi ou seja como a Sophia Divina dos gnósticos gregos, ela é a Mãe dos Sete Filhos, dos Anjos da Face do Abismo.

Eis o que diz o *Livro de Dzyan*, isto é, o Verdadeiro Conhecimento, obtido pela meditação:

A Grande Mãe tem no seu seio o △, *a* |, *o* □, *a segunda* | *e a* ✡[26], *e está prestes a dá-los à luz, os valentes Filhos de* □ △ | | (*ou 4 320 000, o Ciclo*), *cujos dois Antecessores são o* ○ (*Círculo*) *e o* • (*Ponto*).

No começo de cada Ciclo de 4 320 000, os Sete ou, como pretendem algumas nações, os Oito Grandes Deuses desceram para estabelecer a nova ordem de coisas e dar impulso ao novo ciclo. O *Oitavo* Deus era o Círculo unificador, ou Logos, separado e posto à parte de sua Legião no dogma exotérico, exatamente como as três *hipóstases* dos antigos gregos são hoje consideradas pelas Igrejas como três *pessoas* distintas.

Conforme consta de um Comentário:

Os Poderosos, cada vez que penetram em nosso véu Mayávico |*a atmosfera*|, *executam as suas grandes obras, e deixam atrás de si monumentos imperecíveis, que são marcos de sua visita*.[27]

Assim, ficamos sabendo, foi com a direita supervisão deles que se edificaram as grandes pirâmides, "quando Dhruva (então a Estrela Polar) estava em sua culminação inferior, e as Krittikâs (as Plêiades) pairavam sobre ela (isto é, achavam-se no mesmo meridiano, mas em cima), vigiando o trabalho dos Gigantes". Segue-se, portanto, que, tendo sido construídas as primeiras pirâmides no princípio de um Ano Sideral, sob Dhruva (Alpha Polaris), deve isso ter acontecido há mais de 31 000 anos (31 105). Bunsen estava com a razão quando admitia para o Egito uma antiguidade superior a 21 000 anos; mas semelhante concessão ainda não corresponde de todo à verdade e os fatos concernentes a esta questão.

Como diz Gerald Massey:

"As histórias contadas pelos sacerdotes egípcios e outros, a respeito do cômputo do tempo no Egito, começam agora a parecer menos fantasiosas aos olhos de todos os que se libertaram da sujeição bíblica. Foram encontradas recentemente em Sakkarah inscrições que mencionam dois ciclos sotíacos... registrados naquela época, há cerca de 6 000 anos. Assim, quando Herodes esteve no Egito, havíam os egípcios observado, como agora se sabe, pelo menos cinco diferentes ciclos sotíacos de 1 461 anos.

Os sacerdotes disseram ao historiador grego que seus registros do tempo abrangiam uma época tão remota que durante esse período o Sol se levantara duas vezes onde então se punha, e se pusera duas vezes onde então se levantava... Isso... só se pode compreender como um fato natural por efeito de dois ciclos de precessão, ou um período de 51 736 anos." [28]

---

(26) 3,1415 ou π. a síntese, ou a Legião *unificada* no Logos, e o Ponto, chamado no Catolicismo Romano o "Anjo da Face", em em hebraico Miguel מיכאל, "que é (igual a, ou o mesmo que) Deus", a representação manifestada.

(27) Eles surgem no início dos Ciclos, como também de cada Ano Sideral de 25 868 anos. Foi por isso que os Kabiera ou Kabirim receberam este nome em caldeu, pois significa as Medidas do Céu, de *Kob*, "medida de", e *Urim*, "Céus".

(28) *The Natural Genesis*, II, p. 316.

Mor Isaac [29] nos mostra que os antigos sírios definiam o seu Mundo de "Regentes" e "Deuses Ativos" do mesmo modo que os caldeus. O mundo inferior era o Sublunar (o nosso), supervisionado pelos *Anjos* da primeira ordem ou da ordem inferior; o mundo que vinha imediatamente depois era Mercúrio, regido pelos *Arcanjos*; o seguinte era Vênus, cujos Deuses eram os *Principados*; o quarto era o Sol, domínio e morada dos Deuses mais elevados e poderosos do nosso sistema, os Deuses solares de todas as nações; o quinto era Marte, governado pelas *Virtudes*; o sexto, Bel ou Júpiter, regido pelas *Dominações*; e o sétimo, o mundo de Saturno, pelos *Tronos*.

Esses são os Mundos da Forma. Além deles estão os Quatro Mundos superiores; mas o número dos superiores é igualmente sete, sendo que os Três mais *elevados* "não se podem mencionar nem pronunciar".

O oitavo Mundo, composto de 1 122 estrelas, era o domínio dos *Querubins*; o nono, pertencente às estrelas móveis ou *errantes*, incontáveis em razão de sua distância, tinham os *Serafins*; quando ao décimo, diz Kircher, citando Mor Isaac, que era constituído por "estrelas invisíveis que se poderiam tomar por nuvens, tão aglutinadas se acham na região que chamamos de Via Straminis, a Via Láctea"; e ele se apressa em explicar "que estas são as estrelas de Lúcifer, submersas juntamente com este em seu terrível naufrágio".

O que vem depois e além dos Dez Mundos (nosso Quaternário), ou o Mundo Arûpa, não podiam descrever os sírios. "Tudo o que sabiam é que ali começava o vasto e incompreensível Oceano do Infinito, a mansão da Verdadeira Divindade, sem limite nem fim."

Champollion demonstra que a mesma crença existia entre os egípcios. Hermes, depois de falar do Pai-Mãe-e-Filho, cujo Espírito — coletivamente o Fiat Divino — formou o Universo, diz: "Sete Agentes (Médios) foram também formados para conter os Mundos Materiais (ou manifestados) dentro de seus círculos respectivos, e a ação de tais Agentes recebeu o nome de Destino". Enumera a seguir sete, dez e doze ordens, cuja explicação aqui exigiria demasiado tempo.

Como o *Rig Vidhâna*, e também o *Brahmânda Purâna* e todas as obras do mesmo gênero, quer descrevam a eficácia mágica dos *Mantras* do *Rig Veda*, ou os Kalpas futuros, representam, conforme declaração do Dr. Webster e de outros, compilações modernas "pertencentes, como é provável, só à época dos *Purânas*", é inútil referir ao leitor as suas explicações místicas; sendo preferível citar apenas os livros arcaicos, que os orientalistas desconhecem por completo. Estas obras esclarecem o que tanto intriga os estudantes, a saber: que os Saptarshis, "os Filhos nascidos da Mente" de Brahma, são mencionados no *Shatapatha Brâhmana* por uma série de nomes, e no *Mahâbhârata* por outros; e que o *Vâyu Purâna* enumera *nove* Rishis em vez de *sete*, acrescentando à lista os nomes de Bhrigu e Daksha. Mas o mesmo sucede em todas as Escrituras exotéricas. A Doutrina Secreta

(29) *Œdipus Ægyptiacus*, II, 423, de Kircher.

apresenta uma longa genealogia de Rishis, separando-os, porém, em várias classes. Assim como os Deuses egípcios estavam divididos em sete e até em doze classes, também o estão os Rishis hindus em suas hierarquias. Os três primeiros Grupos são: o Divino, o Cósmico e o Sublunar. Em seguida vêm os Deuses Solares de nosso Sistema, os Planetários, os Submundanos e os puramente Humanos — os Heróis e os Mânushi.

Mas por enquanto só nos ocupamos dos Deuses Pré-Cósmicos Divinos, os Prajâpatis ou os Sete Construtores. Este Grupo consta infalivelmente de todas as Cosmogonias. Em razão da perda dos documentos arcaicos egípcios, pois, segundo Maspero, "os materiais e os dados históricos de que dispomos, para o estudo da história da evolução religiosa no Egito, não são completos, nem inteligíveis muitas vezes", temos que recorrer aos antigos hinos e inscrições tumulares para corroborar em parte, e indiretamente, as afirmações da Doutrina Secreta. Uma dessas inscrições mostra que Osíris — como Brahmâ-Prajâpati, Adão Kadmon, Ormazd e muitos outros Logos — era o chefe e a síntese do Grupo de "Criadores" ou Construtores. Antes que Osíris se tornasse o Deus "Uno" e *supremo* do Egito, era adorado em Abydos como o Chefe ou Guia da Legião Celestial dos Construtores pertencentes à mais elevada das três ordens. O hino gravado sobre a estrela votiva de um túmulo de Abydos (terceiro registro) faz invocação a Osíris nos seguintes termos:

"Eu te saúdo, Osíris, filho primogênito de Seb; tu, o maior dos seis Deuses nascidos da Deusa Nu |a Água Primordial|; tu, o grande favorito de teu pai Ra; Pai dos Pais, Rei da Duração, Senhor da Eternidade... que, tão logo aqueles saíram do Seio de tua Mãe, reuniste todas as Coroas e cingiste o Uræus |serpente ou *naja*| [30] em tua cabeça; Deus multiforme, *cujo nome é desconhecido*, e que tem muitos nomes nas cidades e nas províncias."

Saindo da Água Primordial coroado com o Uræus, que é o emblema serpentino do Fogo Celeste, e sendo o *sétimo* dos Deuses Primários emanados do Pai-Mãe, Nu e Nut, o Céu, quem pode ser Osíris, senão o primeiro Prajâpati, o primeiro Sephira, o primeiro Amshaspend, Ormazd! É fora de dúvida que este último Deus solar e cósmico ocupava, no início da evolução religiosa, a mesma posição que o Arcanjo, "cujo nome era secreto". O Arcanjo era Miguel, o representante na Terra do Deus *Oculto* dos judeus; numa palavra, a sua "Face", que precedia os judeus sob a forma de uma "Coluna de Fogo", como se afirmava. Diz Burnouf: "Os sete Amshaspends, que são certamente os nossos Arcanjos, significam também as personificações das Virtudes Divinas" [31]. E esses Arcanjos, portanto, são também, seguramente, os Saptarshis dos hindus, embora seja quase impossível classificar cada um deles segundo o seu protótipo e equivalente pagão, por isso que, como no caso de Osíris, todos possuem "mui-

(30) Esta palavra egípcia Naja muito nos faz lembrar a Nâga indiana, o Deus de *sete* e outra de *dez;* 3.º os Sephiroth metafísicos, ou perífrases de Jeová: os três de caráter cíclico ou cósmico.

(31) *Comment. on the Yashna*, p. 274.

tos nomes nas cidades e nas províncias". Mencionaremos, contudo, alguns dos mais importantes, na devida ordem.

Uma coisa fica, assim, demonstrada de maneira insofismável. Quanto mais estudamos as hierarquias desses Deuses, e apuramos a sua identidade, mais provas obtemos de que não existe, entre os Deuses *pessoais*, passados ou presentes, conhecidos desde os primeiros dias da história, um só que não pertença ao primeiro período da manifestação cósmica. Em todas as religiões encontramos a Divindade Oculta, formando a base fundamental; depois, o Raio que, dela emanado, cai na Matéria Cósmica Primordial, a *primeira manifestação*; em seguida, o produto andrógino, a força dual abstrata, Macho e Fêmea, personificada, a *segunda* fase; finalmente, esta Força Dual se separa, na *terceira fase*, em Sete Forças, denominadas os Poderes Criadores em todas as antigas religiões, e as Virtudes de Deus no Cristianismo. Esta qualificações metafísicas abstratas, tais como explicadas, não impediram a Igreja romana e a Igreja grega de renderem culto a essa "Virtudes", personificando-as sob os diferentes nomes dos Sete Arcanjos. O *Livro de Druschim* [32], no *Talmud*, faz, entre esses grupos, uma distinção que é a verdadeira explicação cabalista. Ali se diz:

"Há três Grupos (ou ordens) de Sephiroth: 1.° os Sephiroth chamados "Atributos Divinos" |abstratos|; 2.° os Sephiroth físicos ou siderais |pessoais|; uma classe de *sete* e outra de *dez;* 3.° os Sephiroth metafísicos, ou perífrases de Jeová: os três primeiros |Kether, Chokmah e Binah| e os sete últimos que formam os sete Espíritos |pessoais| da Presença (e também dos planetas)."

Deve-se aplicar a mesma divisão à evolução primária, secundária e terciária dos Deuses, em cada teogonia, se se quiser traduzir esotericamente a significação deles. Cumpre não confundir as personificações puramente metafísicas dos atributos *abstratos* da Divindade com o seu reflexo: os Deuses Siderais. Este reflexo, contudo, é na realidade a expressão objetiva da abstração; Entidades *viventes* e os modelos formados segundo aquele Protótipo Divino. Além disso, os três Sephiroth metafísicos, ou a "perífrase de Jeová", *não* são Jeová; este último, com os títulos adicionais de Adonai, Elohim, Sabbaoth e os numerosos nomes que lhe emprestam, e que é a perífrase de Shaddai (שדי), o Onipotente. O nome é, sem dúvida, um circunlóquio, uma exagerada figura de retórica dos judeus, conforme foi sempre assinalado pelos ocultistas.

Para os cabalistas judeus, e para os alquimistas cristãos e rosacruzes, Jeová era um *bimbo* conveniente, unificado pela superposição de seus diversos painéis ou faces, e que se adotou como sucedâneo; o nome de um Sephira individual, tão bom quanto outro qualquer, para aqueles que estavam na posse do segredo. O Tetragrammaton, o Inefável, a "Soma Total" sideral, não foi inventado com outro propósito que o de iludir o profano, simbolizando a vida e a geração [33]. O nome secreto e verdadeiro, *que não*

(32) Primeiro Tratado, p. 59.

(33) Diz o tradutor da *Qabbalah* de Avicebron, *referindo-se* à "Soma Total"; "A letra de Kether é (Yod), a de Binah (Heh), compondo juntas o nome feminino YaH; a terceira letra, a de 'Hokhmah, é (Vau); todas juntas, formam

pode ser pronunciado, a "Palavra que não é Palavra", há que procurá-lo entre os Sete nomes das Sete primeiras Emanações, ou "Filhos do Fogo", nas Escrituras secretas de todas as grandes nações, inclusive no *Zohar*, a doutrina cabalística da menor de todas elas, a nação judaica. Essa Palavra, composta de sete letras em todas as línguas, acha-se oculta nas ruínas arquitetônicas de todas as grandes construções sagradas do mundo, desde as ruínas ciclópicas da ilha da Páscoa (resto de um continente submergido nos mares, não há 20 000 anos, mas há cerca de 4 000 000 de anos) [34], até as primeiras pirâmides egípcias.

Mais adiante trataremos mais a fundo desta questão, e daremos exemplos práticos para provar as afirmações contidas no texto.

Por enquanto basta demonstrar, com algumas indicações, a veracidade do que afirmamos no início desta obra, ou seja, de que nenhuma Cosmogonia, em todo o mundo, excetuada unicamente a dos cristãos, atribuiu jamais à Causa Única Suprema, ao Princípio Universal Divino, a criação imediata de nossa Terra, do homem ou de algo relacionado com um e outra. Tal asserto se aplica tanto à *Cabala* hebraica ou caldéia como ao *Gênesis*, se é que este foi algum dia inteiramente compreendido e, o que é ainda mais importante, corretamente traduzido.[35] Em toda parte ou há um Logos

---

YHV, de יהוה, YHVH, o Tetragrammaton, e são, em verdade, os símbolos completos de sua eficácia. A última letra ה (Heh) deste Nome Inefável *se aplica sempre aos Seis Inferiores e ao último, ou seja, aos Sete Sephiroth restantes*". (*Qabbalah*, de Myer, p. 263). Assim, o Tetragrammaton não é sagrado senão em sua síntese abstrata. Como Quaternário, contendo os Sete Sephiroth inferiores, é *fálico*.

(34) Esta afirmação será, naturalmente, tachada de falsa e absurda, e muita gente a receberá com um sorriso de mofa. Mas, se acreditarmos que a submersão final da Atlântida tenha ocorrido há 850 000 anos, conforme diz o livro *Buddhismo Esotérico* — o primeiro dos abaixamentos graduais tendo-se iniciado no período Eoceno — devemos aceitar também a informação no que concerne à chamada Lemúria, o continente da Terceira Raça-Raiz, que começou por ser quase destruído pelo fogo, e foi mais tarde submerso. Conforme ensina o Comentário: "*Havendo sido a primeira Terra purificada pelos Quarenta e Nove Fogos, seus habitantes, nascidos do Fogo e da Água, não podiam morrer... A segunda Terra, com sua Raça, desapareceu da mesma forma como o vapor se desvanece no ar... A terceira Terra viu, após a Separação, consumir-se tudo o que nela existia, e mergulhou no Abismo inferior (o Oceano). Tudo isto se passou há duas vezes oitenta e dois Anos Cíclicos*". Ora, um Ano Cíclico corresponde ao que chamamos, um Ano Sideral, e tem por base a precessão dos Equinócios. A duração do Ano Sideral é de 25 868 anos; e, portanto, o período mencionado no Comentário alcança o total de 4 242 352 anos. No volume III daremos outras minúcias. Esta doutrina foi, entretanto, incorporada à dos "Reis de Edon".

(35) Observa-se idêntica reserva no *Talmud* e em todo sistema nacional de religião, seja monoteísta ou exotericamente politeísta. Do admirável poema religioso do cabalista Sabbi Salomão Ben Yehudah Ibn Gebirol, no "Kether Malchuth", extraímos algumas definições contidas nas orações de Kippur: "Tu és Um, o princípio de todos os números e a base de todos os edifícios. Tu és Um, e no segredo de tua Unidade se perdem os mais sábios dos homens, porque não a conhecem. Tu és Um, e Tua Unidade jamais diminuiu e jamais aumenta, nem pode ser alterada. Tu és Um, mas *não como um elemento de numeração, porque a Tua Unidade não admite multiplicação, permuta ou forma. Tu és Existente: mas a compreensão e a visão dos mortais* não pode alcançar a tua existência, nem determinar, em relação a Ti, o Onde, o Como e o Porquê. Tu és Existente, mas só em Ti mesmo, não havendo nenhum outro que possa existir contigo. Tu és Existente, antes de todo o tempo e sem lugar.

— "uma Luz que brilha nas Trevas", em verdade — ou o Arquiteto dos Mundos está, esotericamente, no plural. A Igreja latina, paradoxal como sempre, com reservar exclusivamente a Jeová o epíteto de Criador, adota toda uma ladainha de nomes para as Forças *ativas* deste Criador, nomes que traem o segredo. Realmente: se tais Forças não têm nenhuma relação com a chamada "Criação", por que dar-lhes os nomes de *Elohim* (Alhim), palavra plural, Obreiros e Energia Divinas (Ἐνέργειαι), Pedras Celestiais Incandescentes (*lapides igniti coelorum*), e, principalmente, os de Sustentadores do Mundo (Κοσμοκράτορες), Governadores ou Regentes do Mundo (Rectores Mundi), Rodas do Mundo (Rotae, Auphanim), Chamas e Poderes, Filhos de Deus (B'ne Alhim), Conselheiros Vigilantes, etc.? [36]

Tem-se afirmado muitas vezes, e como sempre injustamente, que a China, país quase tão antigo quando a Índia, não tinha Cosmogonia. Dizem que tal coisa era desconhecida de Confúcio, e que os budistas levaram para ali a sua Cosmogonia, sem introduzir nela um Deus pessoal [37]. O *Yi-King*, "a essência mesma do pensamento antigo e a obra comum dos mais venerados sábios", não chega a expor uma Cosmogonia definida. Contudo, havia uma e bem clara. Apenas, como Confúcio não admitia uma vida futura [38], e os budistas chineses rejeitam a idéia de *Um Criador*, limitando-se a aceitar uma Causa única com seus inumeráveis efeitos, têm sido um e outros mal compreendidos pelos que acreditam num Deus pessoal. O "Grande Extremo", como princípio "das mudanças" (transmigrações), é a mais curta (e talvez a mais sugestiva) de todas as Cosmogonias, para aqueles que como os sectários de Confúcio, amam a virtude por si mesma e procuram fazer o bem desinteressadamente, sem pensar no resultado ou em recompensa. O "Grande Extremo" de Confúcio produz "Duas Figuras". Estas duas produzem, por seu turno, as "Quatro Imagens", as quais dão nascimento aos "Oito Símbolos". Alega-se que, se os discípulos de Confúcio aí vêem "o céu, a terra e o homem em miniatura", nós podemos ver tudo o que quisermos. Sem dúvida, mas o mesmo se dá com muitos símbolos, especialmente com os das religiões mais recentes. Os que possuem algumas noções de numeração oculta vêem naquelas "Figuras" o símbolo, ainda que tosco, de uma Evolução progressiva e harmoniosa do Cosmos e de seus Seres, tanto Celestes como Terrestres. E quem quer que haja estudado a evolução numérica na cosmogonia primordial de Pitágoras (contemporâneo

---

Tu és Existente, e tão profunda e secreta é a Tua Existência que ninguém pode penetrar e descobrir o teu segredo. Tu Vives, mas não dentro de qualquer limite de tempo que se possa fixar e conhecer; Tu Vives, mas não em função de um espírito ou alma, porque *Tu és Tu mesmo, a Alma de todas as Almas*". Grande é a distância entre esta Divindade cabalística e o Jeová bíblico, o Deus impiedoso e vingativo de Abraão, Isaac e Jacob, o Deus que tentou o primeiro e lutou com o último. Nenhum vedantino deixaria de repudiar semelhante Parabrahman!

(36) Veja-se De Mirville, *Des Esprits*, Vol. II, p. 294.

(37) Edkin, *Chinese Buddhism*, capit. XX, p. 294. E procederam com muita sabedoria.

(38) Se a não admitia, era com fundamento no que ele chamava "as mudanças" ou, em outros termos, os renascimentos do homem e suas constantes transformações. Negava imortalidade à personalidade do homem, como nós o negamos, não ao Homem.

de Confúcio) há de ver sempre a mesma idéia em sua Tríade, em seu Tetraktys e em sua Década, que surgem da Mônada Única e solitária. O biógrafo cristão de Confúcio leva a ridículo o filósofo chinês por "falar de adivinhação", antes e depois desta passagem; e o apresenta como tendo dito:

"Os oito símbolos determinam a boa e a má fortuna, e conduzem às grandes ações. Não há imagens que se possam imitar e que sejam maiores que o céu e a terra. Não há mudanças maiores que as quatro estações [ele queria falar de Norte, Sul, Leste e Oste, etc.]. Não há imagens suspensas mais brilhantes que o sol e a lua. Para preparar as coisas com vistas ao seu uso, nenhuma existe maior que o sábio. Para determinar a boa e a má fortuna, não existe nada maior que *as palhas divinatórias e a tartaruga.*" [39]

Assim, as "palhas divinatórias" e a "tartaruga", o "grupo de linhas simbólicas" e o grande sábio que as observa, quando se convertem em um e em dois, e os dois se convertem em quatro, e os quatro em oito, e os outros grupos se convertem em "três e seis", são ridicularizados unicamente porque esses luminosos símbolos não são compreendidos.

Do mesmo modo, o autor que acabamos de citar e os seus colegas hão de ridicularizar, sem sombra de dúvida, as Estâncias dadas em nosso texto, porque elas representam *precisamente a mesma idéia.* O antigo mapa arcaico de Cosmogonia está referto de linhas no estilo das de Confúcio, de círculos concêntricos e pontos. No entanto, todas estas coisas representam os conceitos mais abstratos e filosóficos da Cosmogonia do nosso Universo. Ainda assim, talvez possam elas corresponder melhor às necessidades e objetivos científicos de nossa época do que os ensaios cosmogônicos de Santo Agostinho e do Venerável Beda, embora estes hajam sido publicados mais de mil anos depois dos de Confúcio.

Confúcio, um dos maiores sábios do mundo antigo, acreditava na magia primitiva, e a praticava ele mesmo, "se admitirmos como verdadeira a afirmação de *Kià-yu*": e ele "a exaltou no *I Ching*", diz o seu respeitável crítico. Não é mesmo verdade que, em sua época, 600 anos antes de Cristo, Confúcio e sua escola já ensinavam a esfericidade da Terra, e até mesmo o sistema heliocêntrico; enquanto que, cerca de três vezes 600 anos após o filósofo chinês, os Papas de Roma ameaçavam e até queimavam os "hereges" por afirmarem a mesma coisa.

Riem-se dele porque fala da "Tartaruga Sagrada". Ninguém, sem *parti-pris*, pode ver grande diferença entre uma Tartaruga e um Cordeiro como aspirantes ao título de sagrado, visto que ambos não passam de símbolos e nada mais. O Touro, a Águia, o Leão e às vezes a Pomba são os "animais sagrados" da *Bíblia* do Ocidente [40]; os três primeiros vêem-se

(39) Podem rir os protestantes; mas os católicos romanos não têm o direito de fazê-lo, sem que se tornem culpados de blasfêmia e sacrilégio. Porque há mais de 200 anos que foi canonizado Confúcio como Santo na China pelos católicos romanos, que por esse meio conseguiram muitas conversões entre os confucionistas ignorantes.

(4) Não são poucos os animais que a *Bíblia* considera como sagrados; como, por exemplo, o Bode, o Azaz-el ou Deus da Vitória. Como diz Aben-Ezra: "Se és capaz de compreender o mistério de Azazel, aprenderás o mistério de Seu nome (o de

agrupados em derredor dos Evangelistas; e o quarto, associado a estes sob uma forma humana, é um Seraph, isto é, uma "serpente de fogo", e provavelmente o Agathodæmon dos gnósticos.

A escolha é curiosa, e mostra claramente como eram paradoxais os primeiros cristãos em suas preferências. Assim, por que elegeram aqueles símbolos do paganismo egípcio, quando não é a Águia mencionada senão uma única vez no *Novo Testamento*, ao referir-se Jesus a ela como uma ave comedora de *cadáveres* [41], e no *Antigo Testamento* é qualificada de *impura;* quando o Leão é comparado a Satã, porque ambos soltam rugidos e procuram os homens para devorá-los; e quando os bois são expulsos do Templo? Por outra parte, a Serpente, ali apresentada como exemplo de sabedoria, é hoje considerada o símbolo do Demônio. Pode-se realmente dizer que a pérola esotérica da religião de Cristo, degradada na teologia cristã, elegeu uma *concha* estranha e imprópria onde nascer e desenvolver-se.

Conforme já explicamos, os Animais Sagrados, e as Chamas ou Centelhas, dentro do Santo Quatro, se referem aos Protótipos de todas as coisas do Universo no Pensamento Divino, na Raiz, que é o Cubo perfeito ou o fundamento do Cosmos, coletiva e individualmente. Guardam todos eles uma relação oculta com as Formas Cósmicas primordiais, e com as primeiras concreções, obra e evolução do Cosmos.

Nas primeiras cosmogonias exotéricas hindus, não é sequer o Demiurgo quem cria. Lê-se em um dos *Purânas*:

"O Grande Arquiteto do Mundo dá o primeiro impulso ao movimento rotatório do nosso sistema planetário, movimento que passa sucessivamente a cada planeta e a cada corpo."

É esta ação que "faz girar cada uma das esferas sobre si mesma, e todas ao redor do Sol". *Em seguida, são os* "Brahmândika", os Pitris Solares e Lunares, os Dhyân-Chohans, "que se encarregam de sùas respectivas esferas (terras e planetas), até o fim do Kalpa". Os Criadores são os Rishis, considerados em sua maioria como os autores do Mantras ou Hinos do *Rig Veda*. Eles são ora *sete*, ora *dez*, até que se convertem em Prajâpati, o Senhor dos Seres; e depois passam a ser os *sete* e os *quatorze* Manus, como representantes dos sete e dos quatorze Ciclos de Existência, ou Dias de Brahma,

---

Deus), porque ele possui equivalentes e semelhantes nas Escrituras. Vou dizer-te, por meio de alusões, uma parte do mistério; quando tiveres *trinta e três anos de idade*, tu me compreenderás". Assim sucede com o mistério da Tartaruga. Divertindo-se com a poesia das metáforas bíblicas, que associam o nome de Jeová com "pedras incandescentes", "animais sagrados", etc., e citando a *Bíblia de Vence* (XIX, p. 318), escreve um piedoso escritor francês: "Certamente, todos eles são *Elohim, como seu Deus*"; pois esses Anjos "assumem, *por meio de uma santa usurpação*, o próprio nome divino de Jeová, toda vez que o representam." (De Mirville, *Des Esprits*, vol. II, p. 294). Ninguém jamais duvidou que o Nome deve ter sido *assumido* quando, sob a aparência do Infinito, do Uno Incognoscível, os Malachim ou Mensageiros desciam para comer e beber com os homens. Mas, se os *Elohim*, e até Seres Inferiores, que *assumem* o nome de Deus, eram e são ainda adorados, por que chamar Demônios a esses mesmos Elohim, quando aparecem sob os nomes de outros Deuses?

(41) *Mateus*, XXIV, 28.

correspondendo assim aos sete Æons, até que, no fim do primeiro período da Evolução, se transformam nos sete Rishis estelares, os Saptarshis; enquanto os seus Duplos *humanos* aparecem em nossa terra como Heróis, Reis e Sábios.

Deste modo, tendo a Doutrina Esotérica do Oriente feito vibrar a nota fundamental, que, sob sua forma alegórica, como se pode ver, é tão científica quanto filosófica e poética, todas as nações seguiram o mesmo caminho. Antes de nos abeirarmos das verdades esotéricas, devemos pesquisar a idéia fundamental que jaz no fundo das religiões exotéricas, se desejamos evitar que sejam rejeitadas as primeiras. Demais, todos os símbolos, em *todas* as religiões nacionais, podem ser interpretados esotericamente; e a prova de sua correta interpretação está na extraordinária concordância que se observa em todos eles, quando traduzidos em seus números e formas geométricas correspondentes, por mais que os signos e os símbolos possam variar exteriormente entre si. Porque, em sua origem, todos esses símbolos eram idênticos. Vejam-se, por exemplo, as frases que dão início às diversas Cosmogonias: em todos os casos, encontra-se ali um *Círculo*, um *Ovo* ou uma *Cabeça*. As Trevas estão sempre associadas a esse primeiro símbolo e o envolvem, como se vê nos sistemas hindu, egípcio, caldeu, hebreu e escandinavo. Daí os corvos negros, as pombas negras, as águas negras e até as chamas negras; a sétima língua de Agni, o Deus-Fogo, chamado Kâli o "Negro" porque era uma chama negra vacilante. Duas pombas "negras" fugiram do Egito e foram empoleirar-se nos carvalhos de Dodona, dando seus nomes aos Deuses gregos. Noé solta um corvo "negro" após o Dilúvio, que é um símbolo do Pralaya cósmico, depois do qual principia a verdadeira criação e evolução de nossa terra e da humanidade. Os corvos "negros" de Odin esvoaçavam ao redor da Deusa Saga, e "murmuravam no seu ouvido o passado e o futuro".

Qual é, pois, a significação oculta de todos esses pássaros negros? É que todos eles estão relacionados com a primitiva Sabedoria, que dimana da Fonte pré-cósmica de Tudo, simbolizada pela Cabeça, o Círculo ou o Ovo; todos têm significado idêntico e se referem ao Homem Primordial Arquétipo, Adão Kadmon, a origem criadora de todas as coisas, que se compõe da Legião dos Poderes Cósmicos, os Dhyân-Chohans Criadores, além dos quais tudo são Trevas.

Interroguemos a sabedoria da *Cabala*, por muito que esteja velada e falseada hoje em dia, para que nos explique, em sua linguagem numérica, uma significação, mesmo aproximada, da palavra "corvo". Eis aqui o seu valor numérico, tal como vem exposto em *The Source of Measures*:

"A palavra Corvo é empregada somente uma vez, e tomada no sentido de Eth-h' orebv אתהעורב = 678, ou 113 × 6, enquanto que a Pomba é mencionada cinco vezes. Seu valor é 71, e 71 × 5 = 355. Seis diâmetros, ou o Corvo, cruzando-se, dividiriam a circunsferência de um círculo de 355 em 12 partes ou compartimentos; e 355 subdividido para cada unidade por 6 igualaria 213-0, ou a Cabeça ["princípio"] do primeiro versículo do *Gênesis*. Este, dividido ou subdividido do mesmo modo por 2, ou o 355 por 12, daria 213-2, ou a palavra B'râsh, בראש , ou a primeira palavra

do *Gênesis*, com o seu prefixo pre-positivo, significando, astronomicamente, a mesma forma geral concreta que aqui se determinou." [42]

Ora, como a explicação secreta do primeiro versículo do *Gênesis* é: "Em Râsh (B'râsh) ou Cabeças desenvolveram-se os Deuses, os Céus e a Terra", torna-se fácil compreender o significado esotérico do Corvo, a partir do instante em que houvermos determinado a significação idêntica da Inundação, ou Dilúvio de Noé. Quaisquer que possam ser os outros muitos significados dessa alegoria emblemática, o sentido *principal* é o de um novo Ciclo e uma nova Ronda, a nossa *Quarta Ronda* [43]. O Corvo ou o Eth-h'orebv admite o mesmo valor numérico que a Cabeça, e não voltou para a Arca, ao passo que a Pomba regressou, trazendo o ramo de oliveira. Quando Noé, o novo homem da nova Raça (cujo protótipo é o Vaivasvata Manu), se preparava para deixar a Arca (a Matriz ou Argha da Natureza terrestre), é o símbolo do homem puramente espiritual, sem sexo e andrógino, das três primeiras Raças, que desapareceram da Terra para sempre. Numericamente, na *Cabala*, Jeová, Adão e Noé são um só. Quando muito, representam, portanto, a Divindade que desce no monte Ararat e, depois, no Sinai, para encarnar-se no homem, sua *imagem*, pelo processo natural, a matriz da mãe, cujos símbolos no *Gênesis* são a Arca, o Monte (Sinai), etc. A alegoria judaica é mais astronômica e fisiológica que antropomórfica.

Tal é o abismo que separa o sistema ário do semítico, embora assente ambos sobre a mesma base. Diz um expositor da *Cabala*:

"A idéia fundamental na filosofia dos hebreus era a de que Deus encerrava em si mesmo todas as coisas, sendo o homem a sua *imagem*; o homem incluindo a mulher (como andrógino; e que) a geometria (e os números e medidas aplicáveis à astronomia) estão contidos nos termos *homem e mulher*. Aparente incongruência de semelhante método desaparecia mostrando-se a relação do homem e da mulher com um sistema especial de números, de medidas e de geometria, pelos períodos de gestação, que proporcionavam o laço de união entre os termos usados e os fatos apresentados, e aperfeiçoavam o método adotado." [44]

Argumenta-se que, sendo a causa primeira absolutamente incognoscível, "o símbolo de sua primeira *manifestação compreensível* era o conceito de um círculo com o seu diâmetro, de modo que ao mesmo tempo apresentasse a idéia de geometria, de falicismo e de astronomia"; e que isto serviu mais tarde para "designar tão somente os órgãos geradores humanos". Daí

(42) Chave para o Mistério Hebreu-Egípcio em *The Source of Measures*, Ap. 4, p. 249 (edição impressa em 1875). Ver *Notas Adicionais* no tomo 4 desta obra.

(43) Brwant tem razão quando escreve: "O bardismo druídico diz, a propósito de Noé, que, ao sair da arca (nascimento de um novo ciclo), depois de aí permanecer um ano e um dia, ou seja, 364 + 1 = 365 dias, foi ele felicitado, em virtude de haver nascido das águas do Dilúvio, por Netuno, que lhe desejou um *Feliz Ano Novo*". O "Ano" ou ciclo, esotericamente, era a nova raça de homens, *nascidos de mulher*, após a Separação dos Sexos, o que constitui o significado secundário da alegoria, pois a significação primária era o início da Quarta Ronda, ou a *nova* Criação.

(44) De um manuscrito inédito, pp. 11 e 12. Veja-se também *The Source of Measures*.

o ter-se aplicado o ciclo inteiro dos acontecimentos, desde Adão e os Patriarcas até Noé, a objetivos fálicos e astronômicos, regendo-se uns pelos outros, como, por exemplo, os períodos lunares. Daí também o iniciar-se a Gênese dos hebreus após a saída da Arca, no fim do Dilúvio, isto é, na Quarta Raça.

Com o povo ariano não foi assim.

O Esoterismo Oriental jamais rebaixou a Divindade Una e Infinita, que contém todas as coisas, a usos semelhantes; e isso se demonstra pela ausência de Brahma no *Rig Veda* e pelas modestas posições que neste ocupam Rudra e Vishnu, os quais, muitos séculos depois, se converteram nos grandes e poderosos Deuses, os "Infinitos" dos credos exotéricos. Mas eles mesmos, apesar de serem "Criadores" os três, não são os "Criadores" e "antecessores diretos dos homens". Vemos ali que tais antecessores ocupam uma posição ainda menos elevada na escala, e são chamados Prajâpatis, Pitris, nossos Antepassados Lunares, etc., mas nunca o Deus Uno e Infinito. A Filosofia Esotérica apresenta somente o homem *físico* como criado á imagem da Divindade; Divindade esta, aliás, que não representa mais que os "*Deuses Menores*". O Eu Superior, o Ego verdadeiro, é o único que é divino, que é Deus.

SEÇÃO XIII

AS SETE CRIAÇÕES

> Não havia dia nem noite, nem céu nem terra, nem escuridão nem luz, nem o que quer que fosse, com exceção do Uno, incompteensível para a inteligência, ou Aquilo, que é Brahma e Puma (Espírito) e Pradhâna (Matéria [grosseira]) [1].
>
> *Vishnu Purâna* (I, II)

No *Vishnu Purâna*, diz Parâshara a Maitreya, seu discípulo:

> "Assim eu vos expliquei, excelente Muni, seis criações... a criação dos seres Arvâksrota foi a sétima, e foi a do homem." [2]

Em seguida põe-se ele a falar de duas criações adicionais sobremodo misteriosas, que são diversamente interpretadas pelos comentaristas.

Orígenes, comentando os livros escritos por Celso, seu adversário gnóstico (livros que foram todos destruídos pelos precavidos Padres da Igreja), responde evidentemente às objeções de seu antagonista e ao mesmo tempo revela o seu sistema. Este era claramente *setenário*. Mas a teogonia de Celso, a gênese das estrelas e dos planetas, do som e da cor, não mereceu, à guisa de resposta, senão sátiras e nada mais. Celso, atente-se, "desejoso de fazer gala de sua erudição", alude a uma escala da criação compreendendo *sete portas* e, no alto, a oitava, sempre fechada. Os mistérios do Mithras persa são explicados, e "também se acrescentam razões musicais". A estas razões ele ainda se esforça "por adicionar uma segunda explicação, também baseada em considerações musicais" [3] — isto é, sobre as sete notas da escala, os Sete Espíritos das Estrelas, etc.

Valentim insiste quanto ao poder dos grandes Sete, que foram incumbidos de produzir este Universo, depois que Ar(r)-hetos, ou o Inefável, cujo nome se compõe de sete letras, houvesse representado a primeira Hebdômada. Este nome (Ar(r)hetos) indica a natureza setenária do Uno,

---

(1) Ou literalmente: "Um Espírito Prâdhânika Brahman: O que era". O "Espírito Prâdhânika Brahmâ" é Mûlaprakriti e Parabrahman.

(2) Wilson, *Vishnu Purâna*, I, 73-75.

(3) Orígenes, *Contra Celsum*, VI, Cap. XXII

o Logos. "A deusa Rhea" — diz Proclo — "é uma Mônada, uma Díada e uma Héptada", reunindo em si mesma todos os Titânidas, "que são sete" [4].

Em quase todos os *Purânas* se encontram as Sete Criações. São todas precedidas por aquilo que Wilson traduz como o "Princípio Contínuo", o Espírito Absoluto independente de toda relação com os objetos dos sentidos.

São elas: 1.º Mahat-tattva, a Alma Universal, a Inteligência Infinita ou Mente Divina; 2.º Tanmâtras, Bhûta ou Bhûtasarga, a Criação Elemental, a primeira diferenciação da Substância Contínua Universal; 3.º Indriya ou Aindriyaka, a Evolução Orgânica. "Estas três foram as Criações Prâkrita, os *desenvolvimentos da natureza contínua*, precedidos pelo Princípio Contínuo." 4.º Mukhya, "a Criação Fundamental (das coisas perceptíveis) foi a dos corpos inanimados" [5]; 5.º Tairyagyonya ou Tiryaksrotas foi a dos animais; 6.º Urdhvasrotas, ou a das divindades (?) [6]; 7.º Arvâksrotas foi a do homem [7].

Tal é a ordem apresentada nos textos *exotéricos*.

Segundo a doutrina esotérica, há sete "Criações" Primárias e sete Secundárias; as primeiras são as das Forças que *evolucionam por si mesmas*, procedentes da FORÇA Una *sem causa*; as últimas nos mostram o Universo manifestado emanando dos Elementos *divinos* já diferenciados.

Tanto esotérica como exotericamente, todas as Criações acima enumeradas representam os sete períodos da Evolução, seja depois de uma Idade, seja depois de um Dia de Brahma. Este é *por excelência* o ensinamento da Filosofia Oculta, que, no entanto, jamais emprega o termo "Criação", nem mesmo o de "Evolução", quando se refere à "Criação" Primária; mas denomina todas essas Forças como os "*aspectos* da Força Sem Causa".

Na *Bíblia*, os sete períodos são reduzidos aos seis dias da Criação, com o sétimo Dia de Repouso; e os ocidentais se atêm à letra. Na filosofia indiana, quando o Criador ativo produziu o Mundo dos Deuses, os *Germes* de todos os Elementos não diferenciados e os Rudimentos dos Sentidos futuros — em uma palavra, o Mundo dos Númenos —, o Universo permanece inalterado durante um Dia de Brahma, ou um período de... 4 320 000 000 de anos. Este é o *sétimo* Período, o Período passivo ou o "Sabbath" da Filosofia Oriental, que sucede aos seis períodos de evolução ativa. Na *Satapatha Brâhmana*, Brahma (neutro), a Causa Absoluta de todas as Causas, *irradia* os Deuses. E, tendo-os irradiado por meio de sua

(4) *Timœus*.

(5) "E a quarta criação é *aqui* a primária, pois as coisas imóveis são, antes de tudo, *conhecidas como primárias*" — segundo a tradução de um comentário por Fitzedward Hall ao editar a versão de Wilson.

(6) Como é possível que as "divindades" tenham sido criadas *depois* dos animais? A significação esotérica da expressão "animais" é: os *germes de toda vida animal*, inclusive o homem. O homem é chamado um *animal sacrificial*, isto é, o único da criação animal que oferece sacrifícios aos Deuses. Muitas vezes também, quando se fala nos textos sagrados de "animais sagrados", quer-se fazer alusão aos doze signos do Zodíaco, como já tivemos oportunidade de mencionar.

(7) Wilson, *Vishnu Purâna*, pp. 74-75.

natureza inerente, a obra se interrompe. Eis o que se diz no Primeiro Livro de *Manu*:

"No fim de cada noite (Pralaya), Brahmâ, que estava adormecido, desperta, e *pela só energia do movimento* faz emanar *de si mesmo* o Espírito |ou a Mente|, que em sua essência, é e contudo não é." [8]

No *Sepher Yetzirah*, o "Livro da Criação" cabalístico, é evidente que o autor se faz eco das palavras de *Manu*. Ali se faz constar que a Substância Divina existiu, só, ilimitada e absoluta, desde a eternidade, e que fez emanar de si mesma o Espírito.

"Uno é o Espírito do Deus vivo, bendito seja o seu Nome, que vive eternamente! Voz, Espírito e Verbo: eis o Espírito Santo." [9]

Esta é a Trindade cabalística abstrata, com tão pouco respeito antropomorfizada pelos Padres. Dessa tríplice Unidade emanou o Cosmos por inteiro. Do Uno emanou, primeiro, o número Dois, ou o Ar, o elemento criador; em seguida, o número Três, a Água, procedeu do Ar; o Éter ou Fogo completa o Quatro místico, o Arba-il. Na doutrina oriental, o Fogo é o primeiro Elemento — o Éter sintetiza todos, pois a todos contém.

O *Vishnu Purâna* dá os sete períodos completos, e mostra a Evolução progressiva da "Alma-Espírito" e das sete Formas da Matéria, ou Princípios. É impossível enumerá-los nesta obra. Recomendamos ao leitor que consulte com atenção um dos *Purânas*.

"R. Yehudah assim principiou — está escrito: 'Elohim disse: Que haja um firmamento no meio das águas'. Vinde ver! Na época em que o Santo... criou o mundo, Ele |eles| criou 7 céus Em Cima. Criou 7 terras Em Baixo, 7 mares, 7 dias, 7 rios, 7 semanas, 7 anos, 7 épocas e 7 000 anos durante os quais o mundo existiu... o sétimo de todos (os milenários)... Assim, há 7 terras Em Baixo; elas são todas habitadas, exceto aquelas que estão em Cima, e aquelas que estão em Baixo. E entre cada terra se estende um céu (firmamento) que separa uma da outra... E há nelas |as terras| criaturas que parecem diferentes umas das outras... Mas, se objetais dizendo que todos os filhos deste mundo descendem de Adão, assim não é... E as terras inferiores, de onde vêm? Pertencem à *cadeia da terra*, e aos Céus que estão Em Cima." [10]

Irineu também atesta (muito a seu pesar) que os gnósticos ensinavam o mesmo sistema, velando mui cuidadosamente o verdadeiro significado esotérico. Esse "véu", entretanto, é idêntico ao do *Vishnu Purâna* e de outras escrituras. Eis o que Irineu escreve a respeito dos marcionistas:

"Sustentavam que os quatro elementos, fogo, água terra e ar, foram os primeiros a ser criados, à imagem da Tétrada primária superior; e que, se adicionarmos as suas operações, a saber, o calor, o frio, a umidade e a secura, teremos uma representação exata da Ogdóada." [11]

---

(8) Veja-se *The Ordinances of Manu*, I, v. 74, p. 10.
(9) *Op. cit.*, I, IX.
(10) *Qabbalah*, de Myer, pp. 415-16.
(11) *Contra Hœer*, I, XVII, 1. *The Writings of Irinœus*, 1, p. 73.

Acontece que essa "representação" e a própria Ogdóada são véus, exatamente como nas sete criações do *Vishnu Purâna*, às quais se acrescentam mais duas, sendo que a oitava, chamada Anugraha, "possui ao mesmo tempo os atributos de bondade e obscuridade", o que é mais uma idéia sankhiana que purânica. Pois Irineu diz também que:

"Eles |os gnósticos| tinham uma oitava criação semelhante, que era, a um tempo, boa e má, divina e humana. Afirmavam que o homem foi formado no *oitavo dia*. Diziam às vezes que o homem foi feito no *sexto dia*, e outras vezes que o fora no *oitavo*; a não ser que quisessem significar que a parte terrestre foi formada no sexto dia, e a parte carnal |?| no oitavo, estabelecendo uma distinção entre essas duas partes." [12]

A "distinção" existia, não, porém, no sentido a que se refere Irineu. Os gnósticos tinham uma Hebdômada superior e uma inferior, no Céu; e uma terceira Hebdômada, terrestre, no plano da matéria. Iaô, o Deus misterioso, Regente da Lua, conforme o apresenta Orígenes em seu Quadro, era o chefe daqueles "Sete Céus" superiores [13], e, portanto, idêntico ao chefe dos sete Pitris Lunares, nome que eles davam aos Dhyân-Chohans lunares. "Afirmavam" — escreve o mesmo Irineu — "que esses sete céus são inteligentes, *e a eles aludiam como se fossem anjos*"; e acrescenta que, por esse motivo, chamavam Hebdomas a Iaô, enquanto que à mãe deste davam o nome de Ogdoas, porque, segundo explica, "ela conservava o número *da Ogdóada primogênita e primária do Pleroma*" [14].

Esta "Ogdóada Primogênita" era, na Teogonia, o Segundo Logos, o Manifestado, porque havia nascido do Primeiro Logos Sétuplo; de modo que é a oitava neste plano manifestado; e em Astrolatria era o Sol, Mârtânda, o oitavo filho de Aditi, que ela repudiou, conservando os Sete Filhos, *os planetas*. Porque os antigos jamais consideraram o Sol como um planeta, e sim como *estrela central e fixa*. Esta é, assim, a segunda Hebdômada nascida do Uno de Sete Raios, Agni, o Sol e muitos outros; mas não os sete planetas, que são *Irmãos* de Surya, e não seus *Filhos*. Entre os gnósticos, esses Deuses Astrais eram os filhos de Ildabaoth [15] (de *ilda*, criança, e *baoth*, ovo), o Filho de Sophia Achamoth, a filha de Sophia ou Sabedoria, cuja região é o Pleroma. Ildabaoth faz nascer de si mesmo esses Seis Espíritos Estrelares: *Jove* (Iaô) (Jehová), *Sabaoth, Adonai,* (Adoneus), *Elói* (Eloæus), *Osraios* (Oreus), *Astaphaios* (Astaphæus) [16], e são eles que constituem a Hebdômada segunda ou inferior. Quanto à terceira, compõe-se dos sete homens primordiais, as sombras dos Deuses Lunares, projetadas pela primeira Hebdômada.

Vê-se, portanto, que os gnósticos não se distanciavam muito da Doutrina Esotérica, mas apenas a velavam. Em relação às censuras que lhes

(12) *Ibid.*, I, XXX.

(13) Superiores tão só aos Espíritos ou "Céus" da Terra.

(14) *Ibid.*, I, V, 2.

(15) Veja-se *Ísis sem Véu*, II, p. 183.

(16) Veja-se também: *Gnostics and their Remains*, de King, p. 97. Outras seitas consideravam Jeová como o próprio Ildabaoth. King o identifica com Saturno.

faz Irineu, o qual evidentemente ignorava as verdadeiras doutrinas dos "Herejes" a respeito da criação do homem no *sexto* dia, e de sua criação no *oitavo* dia, é assunto que concerne aos mistérios do homem *interno*. Este ponto só se tornará inteligível para o leitor depois de haver lido os volumes III e IV e compreendido bem a Antropogênese da Doutrina Esotérica.

Ildabaoth é uma cópia de Manu, do Manu que exclama com orgulho:

> Ó tu, o melhor dos homens duas vezes nascidos! Fica sabendo que eu (Manu) sou o criador de todo este mundo, eu, a quem aquele Virâj masculino... espontaneamente fez nascer." [17]

Primeiro ele cria os dez senhores do Ser, os Prajâpatis, que, conforme nos diz o versículo 36, "produzem sete outros Manus". Ildabaoth também se vangloria do mesmo modo: "Eu sou Pai e Deus, e não há ninguém superior a mim". Por esse motivo, sua Mãe o repreende e lhe diz com frieza: "Não mintas, Ildabaoth, porque o Pai de tudo, o *Primeiro* Homem (Anthropos) é superior a ti, e por isso é Anthropos, o filho de Anthropos" [18]. É uma boa prova da existência de três Logos — além dos Sete nascidos do Primeiro —, um dos quais é o Logos Solar. Quem, portanto, era esse Anthropos, tão superior a Ildabaoth? Só os anais gnósticos podem resolver esse enigma. Em *Pistis Sophia* o nome Ieou, composto de quatro vogais, é geralmente seguido pelo epíteto "o Homem Primordial, ou o Primeiro Homem". Mostra isso também que a Gnose não era senão um eco de nossa Doutrina Arcaica. Os nomes que correspondem a Parabrahman, a Brahma e a Manu, o primeiro Homem *pensador*, são compostos de sons de uma, três ou sete vogais. Marcos, cuja filosofia era certamente mais pitagórica que outra coisa, fala de uma revelação que lhe fora feita acerca dos sete Céus, que emitiam, cada um, o som de uma vogal, ao pronunciar os sete nomes das sete hierarquias Angélicas.

Depois que o Espírito impregnou até o mais ínfimo dos átomos dos Sete Princípios do Cosmos, começa então a *Segunda Criação*, que sucede ao período de repouso já mencionado acima.

"Os Criadores (Elohim) esboçam durante a *segunda* 'Hora' a forma do Homem", diz o rabino Simeão no *Nuchthemeron* dos *Hebreus*. "Há doze horas no dia", reza a *Mishna* "e durante elas se processa a criação". As "doze horas no dia" são também uma cópia enfraquecida da Sabedoria primitiva, um eco tênue mas fiel. São com os 12 000 Anos Divinos dos Deuses, um véu cíclico. Cada Dia de Brahma corresponde a 14 Manus, que os cabalistas hebreus, seguindo, aliás, o exemplo dos caldeus, alteraram intencionalmente para 12 "Horas" [19]. O *Nuchthemeron* de Apolônio da Tiana é a mesma coisa. "O Dodecaedro está oculto no Cubo perfeito", dizem os cabalistas. O sentido místico desta frase é que as

(17) *Ordinances of Manu*, I, 33.

(18) *Irenœus, op. cit.*, I, XXX, 6.

(19) Em outra passagem, contudo, a identidade se revela. Veja-se *mais acima* a citação de Ibn Gabirol a respeito dos 7 céus, 7 terras, etc.

doze grandes transformações do Espírito na Matéria — os 12 000 Anos Divinos — ocorrem durante as quatro grandes Idades, ou o primeiro Mahâyuga. Principiam com o metafísico e o supra-humano, e acabam pela natureza física e a puramente humana do Cosmos e do Homem. Se a Ciência Ocidental é incapaz de fazê-lo, em compensação a Filosofia Oriental pode dar o número dos anos humanos que se sucedem na linha das evoluções espirituais e físicas do visível e do invisível.

A Criação Primária é chamada a Criação da Luz (Espírito); e a Criação Secundária, a das Trevas (Matéria) [20]. Ambas podem ser vistas no *Gênesis* [21]. A primeira é a emanação dos Deuses (Elohim) nascidos por si mesmos; a segunda é a da natureza física.

Eis por que está escrito no *Zohar*:

"Ó companheiros, companheiros! o homem, como emanação, era ao mesmo tempo homem e mulher; ele tinha tanto de Pai quanto de Mãe. E este é o sentido das palavras: E Elohim disse: 'Faça-se a Luz! e a Luz se fez...' E este é o 'Homem dual'."

Entretanto, o que é Luz em nosso plano são trevas nas esferas superiores.

"O homem e a mulher... do lado do PAI" (Espírito) se referem à Criação Primária; e do lado da Mãe, à Criação Secundária. O Homem Dual é Adão Kadmon, o protótipo abstrato masculino e feminino, e o Elohim diferenciado. O Homem procede do Dhyân-Chohan, e é um "Anjo Caído", um Deus exilado, como se mostrará.

Na Índia, as Criações eram descritas do seguinte modo [22]:

I. *A Primeira Criação*: Criação Mahat-tattva, assim denominada porque foi a auto-evolução primordial do que se devia converter em Mahat, a "Mente Divina, consciente e inteligente"; esotericamente, o "Espírito da Alma Universal".

"O mais digno dos ascetas, por meio do seu poder (*o poder daquela causa*): toda causa *produzida* surge por sua própria natureza."

E por outra parte:

"Pois que os poderes de todos os seres não são compreendidos *senão* por meio do conhecimento de Aquilo (Brahma) que está além do raciocínio, da criação e de todas as coisas semelhantes, tais poderes dizem respeito a Brahma."

AQUILO precede, portanto, a manifestação. "O primeiro foi Mahat", diz o *Linga Purâna*, porque o Uno (Aquilo) não é *primeiro* nem *último*, mas o *todo*. Esotericamente, contudo, a manifestação e a *obra* do "Uno Supremo" (ou antes, um *efeito* natural de uma Causa Eterna); ou, como diz o Comentador, é possível que tenha havido a intenção de dizer que Brahma foi então *criado* (?), porque era identificado com Mahar, a inteli-

(20) Não confundir com as "TREVAS" pré-cósmicas, o TODO Divino.

(21) Cap. I, 2; e também no começo do Cap. II.

(22) As transcrições que se seguem, com referência às sete Criações, foram todas extraídas do *Vishnu Purâna*, Wilson, vol. I, Cap. I-V, salvo outras indicações.

gência ativa, ou a vontade em ação do Supremo. A Filosofia Esotérica o interpreta como "a *Lei* que atua".

É a compreensão exata dessa doutrina nos *Brâhmanas* e nos *Purânas* que constitui o pomo de discórdia que separa as três seitas dos vedantinos: a Advaita, a Dvaita e a Visishthâfvaita. A primeira argumenta logicamente que Parabrahman, não tendo, como TODO absoluto, relação com o Mundo manifestado, pois o Infinito não tem relação com o Finito, não pode *querer* nem *criar*; que, em conseqüência, Brahmâ, Mahat, Ishvara, ou seja qual for o nome atribuído ao Poder Criador, aos Deuses Criadores e a todos os outros, não passam simplesmente de um aspecto ilusório de Parabrahman na mente de quem os concebe. As outras seitas, pelo contrário, identificam a Causa Impessoal com o Criador ou Ishvara.

Mahat ou Mahâ-Buddhi é, no entanto, para os Vaishnavas, a Mente Divina em *operação ativa*, ou, segundo a expressão de Anaxágoras, "uma Mente que ordena e organiza, e que foi a causa de todas as coisas" — Νοῦς ὁ διακοσμων τε καὶ πάντων ἀίτιος.

Wilson reconheceu, ao primeiro relance, a sugestiva relação existente entre Mahat e a Mât fenícia, ou Mut, que era fêmea para os egípcios, a Deusa Mut, a Mãe, "que, como Mahat", diz ele, "foi o primeiro resultado da mescla (?) do Espírito com a Matéria, e o primeiro rudimento da Criação". "*Ex connexione autem ejus Spiritus prodidit Môt... Hinc... seminium omnis creaturæ et Omnium rerum creatio*", diz Brucker [23], dando ao caso uma cor ainda mais materialista e antropomórfica.

Não obstante, na própria superfície dos antigos textos sânscritos que tratam da Criação primordial, descobre-se, através de cada sentença exotérica, o sentido esotérico da doutrina.

"A Alma Suprema, a Substância do Mundo que *a tudo penetra* (Sarvaga), tendo entrado |ou tendo sido atraída| na Matéria |Prakriti| e no Espírito |Purusha|, *agitou os princípios mutáveis e os imutáveis*, porque era chegada a época da Criação |Manvantara|."

O *Nous* dos gregos, que é a Mente (espiritual ou divina), Mens ou Mahat, atua sobre a Matéria do mesmo modo; ele "a penetra" e "a agita".

Spiritus intus alit, totamque infusa per artus, Mens agitat molem, et magno se corpore miscet.

Na Cosmogonia Fenícia também, "o Espírito, envolvendo-se em seus próprios princípios, dá lugar à criação" [24]; a Tríade órfica oferece uma doutrina idêntica, pois ali Phanes, ou Eros, o Caos, contendo a Matéria Cósmica bruta, *não diferenciada*, e Chronos, o Tempo, são os três princípios cooperadores, emanando o Ponto Oculto e Incognoscível, que produzem a obra da "Criação". E são eles os indianos Purusha (Phanes), Pradhâna (Caos) e Kâla (Chronos). A idéia não agrada ao bom Professor Wilson,

(23) I, 240.
(24) Brucker, *ibid.*

como tampouco haveria de agradar a nenhum sacerdote cristão, por mais liberal que fosse. Observa Wilson que: "a *mescla* (do Espírito Supremo ou Alma, com seus próprios princípios) *não é mecânica; é uma influência, ou um efeito, exercido sobre agentes intermediários*, e que produz efeitos." Esta frase do *Vishnu Purâna*: "assim como o aroma vai até à mente só por sua proximidade, *e não em virtude de alguma ação imediata sobre a própria mente*, do mesmo modo o Ser Supremo influiu nos elementos da criação" — é assim explicada, com acerto, pelo respeitável e erudito sanscritista: "assim como os perfumes não deleitam a mente por contato efetivo, mas pela impressão que produzem no sentido do olfato, que a transmite à mente"; e ele acrescenta: "a entrada do Supremo... no Espírito, assim como na Matéria, é *menos inteligível* que o aspecto em outra parte considerado, quanto a esse ponto, da *infusão* do Espírito, identificado com o Supremo, em Prakriti, ou na Matéria, exclusivamente". E dá preferência a este versículo do *Pâdma Purâna*: "Aquele que é chamado o macho (espírito) de Prakriti... esse mesmo Vishnu divino entrou em Prakriti". Tal idéia está certamente mais conforme ao caráter plástico de alguns versículos da *Bíblia* que se referem aos Patriarcas, como Lot e mesmo Adão [25], e ainda outros de natureza bem mais antropomórfica. Mas foi isso justamente que conduziu a Humanidade ao *Falicismo*, de que se acha impregnada a religião cristã, desde o primeiro capítulo do *Gênesis* até o *Apocalipse*.

Ensina a Doutrina Esotérica que os Dhyân-Chohans representam a expressão coletiva da Inteligência Divina ou Mente Primordial; e que os primeiros Manus, as sete Inteligências Espirituais, "nascidas da mente", são idênticos àqueles. Assim, o Kwan-Shi-Yin, o "*Dragão áureo no qual estão os sete*", da Estância III, é o Logos Primordial ou Brahmâ, o Primeiro Poder Criador manifestado; e as Energias Dhyânicas são os Manus, ou, *coletivamente*, Manu Svâyambhuva. A relação direta entre os Manus e Mahat é, aliás, fácil de verificar. Manu deriva da raiz *man*, pensar; e o pensamento procede da mente. É, na Consmogonia, o Período Pré-nebular.

II. *A Segunda Criação*, ou Bhûta, foi a dos Princípios Rudimentares ou Tanmâtras; por isso é chamada a Criação Elementar ou Bhûta-*sarga*. É o período do primeiro sopro de diferenciação dos elementos Pré-cósmicos, ou a Matéria. Bhûtadi significa "a origem dos Elementos", e precede a Bhûtasarga, "a Criação", ou diferenciação desses Elementos no Akâsha Primordial, o Caos ou Vácuo [26]. No *Vishnu-Purâna* se diz que procede do tríplice aspecto de Ahamkâra, a que pertence, sendo traduzida esta palavra por Egoísmo, mas significando antes este termo intraduzível "o sentimento do Eu Sou" [27], que primeiramente advém de Mahat, ou Mente Divina, o primeiro e vago esboço da personalidade, pois o Ahamkâra "puro" se torna "apaixonado" e finalmente "rudimentar" ou inicial [28];

(25) Comparem-se, no *Gênesis*, XIX, 34-8, e IV.

(26) Vishnu é, ao mesmo tempo, Bhûtesha, "Senhor dos Elementos" e de todas as coisas, e Vishvarûpa, "Substância Universal" ou Alma.

(27) I-am-ness.

(28) *Vishnu Purâna*, Wilson, vol. I, p. 33.

ele é "a origem de todo ser, tanto consciente como *inconsciente*", se bem que a escola esotérica rejeite a idéia de existir algo que seja inconsciente, salvo em nosso plano de ilusão e ignorância.

Durante este período da Segunda Criação, aparece a Segunda Hierarquia dos Manus, os Dhyân-Chohans ou Devas, que são a origem da Forma (Rûpa), os Chitrashikhandinas, os "de Brilhante Coroa", ou Rikshas; esses Rishis que se converteram nas Almas animadoras das Sete Estrelas (da Ursa Maior) [29]. Em linguagem astronômica e cósmica, esta Criação se refere ao período da Névoa de Fogo, a primeira fase da Vida Cósmica depois de seu estado Caótico [30], quando os Átomos saem de Laya.

III. *A Terceira Criação*: A Terceira Criação ou Criação Indriya foi uma forma modificada de Ahâmkara, a sensação do "EU" (de Aham, "EU"), chamada a Criação Orgânica ou Criação dos Sentidos, Aindriyaka. "Estas três foram a Criação Pâkrita, os desenvolvimentos (distintos) da Natureza indistinta, precedidos do Princípio indistinto" [31]. A expressão "precedidos de..." devia ser aqui substituída por "começando por Buddhi", pois este último não é uma quantidade distinta nem indistinta, mas participa de ambos os aspectos, no homem como no Cosmos. Unidade ou Mônada humana no plano da ilusão, Budhi, uma vez livre das três formas de Ahamkâra e de seu Manas terrestre, passa verdadeiramente a ser uma quantidade distinta, assim em duração como em extensão, porque é *eterno* e *imortal*.

Dissemos atrás que a Terceira Criação, "abundantemente provida do atributo de bondade", é chamada Urdhvasrotas; e, uma ou duas páginas adiante, a Criação Urdhvasrotas foi mencionada como sendo a "sexta criação... ou a das divindades" [32]. Isso mostra claramente que os Manvantaras anteriores, bem como os posteriores, foram intencionalmente confundidos, com o objetivo de impedir que os profanos percebessem a verdade. É o que os orientalistas chamam de "incongruências e contradições". "As

(29) Compare-se, quanto a seus "tipos posteriores", com o Tratado escrito no século XVI por Tritêmio, mestre de Agripa, "concernente às Sete Inteligências Secundárias ou Espirituais que, depois de Deus, animam o Universo"; Tratado que, além dos ciclos secretos e de várias profecias, explica certos fatos e certas crenças a respeito dos Gênios, ou Elohim, que presidem e dirigem os períodos setenários do Curso do Mundo.

(30) Desde o primeiro momento, viram-se os orientalistas sobremodo embaraçados para estabelecer uma ordem nas "Criações Purânicas". Wilson confunde freqüentemente Brahman com Brahmâ, o que mereceu reparo de seus sucessores. *Os Textos originais sânscritos* são preferidos por Fitzedward Hall, na tradução do *Vishnu Purâna*, aos textos de que se utilizou Wilson. "Se o Professor Wilson houvesse usufruído das vantagens que hoje se acham ao alcance do estudante da filosofia hindu, sem dúvida que se teria expressado de maneira diferente" — diz o editor de sua obra. Isso faz lembrar a resposta dada por um dos admiradores de Thomas Taylor aos eruditos que criticaram suas traduções de Platão: "Taylor pode não ter sabido grego tanto quanto os seus críticos, mas conhecia Platão melhor do que eles". Os nossos orientalistas atuais desfiguram o sentido místico dos textos sânscritos muito mais do que o fez Wilson, embora este último certamente fosse responsável por erros bem grosseiros.

(31) *Op. cit.*, p. 74.

(32) P. 75.

três Criações que começam com a Inteligência são elementais; mas as seis criações que procedem das séries a cuja frente vem o Intelecto são obra de Brahma [33]. "Criações" aqui significam sempre *períodos de evolução*. Mahat, o Intelecto ou a Mente, que corresponde a Manas, situando-se o primeiro no plano cósmico e o segundo no plano humano, também se encontram aqui abaixo de Buddhi, ou Inteligência supradivina. Por conseguinte, quando lemos no *Linga Purâna* que "a primeira Criação foi a de Mahat, sendo o Intelecto o primeiro a manifestar-se", devemos aplicar essa criação (especificada) à primeira evolução do nosso Sistema e até mesmo à nossa Terra, visto que nenhuma das criações precedentes foi examinada nos *Purânas*, em que apenas se lhes fez referência acidental, uma que outra vez.

Esta Criação dos primeiros Imortais, ou Devasarga, foi a última da série, e tem uma significação universal; refere-se, não especialmente ao nosso Manvantara, mas à evolução em geral, que principia sempre da mesma maneira, mostrando assim que diz respeito a vários e distintos Kalpas. Pois se diz que: "no fim do último Kalpa (Pâdma) Brahma despertou após sua noite de sono, e viu o Universo vazio". Acrescenta-se que Brahma, recomeçando de novo as "Sete Criações", no período secundário da evolução, repete as três primeiras no plano objetivo.

IV. *A Quarta Criação*: A Criação Mukhya ou Primária, porque é a primeira da série de quatro. Nem a expressão "corpos inanimados", nem a de "coisas imóveis", que Wilson emprega em sua tradução, dão uma idéia correta dos termos sânscritos usados. Não é somente a Filosofia Esotérica que repele a idéia de átomos "inorgânicos"; também o faz o hinduísmo ortodoxo. E o próprio Wilson escreve: "Todos os sistemas hindus consideram os corpos vegetais dotados de vida" [34]. Charâchara [35], ou o sinônimo Sthâvara, e Jangama estão, portanto, incorretamente traduzidos por "seres animados e inanimados", "seres sencientes e inconscientes" ou "conscientes e inconscientes", etc. "Móveis e fixos" seria melhor tradução, "pois que se atribui alma às árvores".

Mukhya é a "criação", ou mais propriamente, a evolução orgânica do reino vegetal. Nesse período secundário, os três graus dos reinos elementais ou rudimentares são desenvolvidos neste Mundo e correspondem, em ordem *inversa*, às três Criações Prakríticas, durante o período primário da atividade de Brahma. Assim como naquele período, segundo as palavras do *Vishnu Purâna*, "a primeira Criação foi a de Mahat, ou o Intelecto, ...a segunda foi a dos Princípios Rudimentares (Tanmâtras)... a terceira... a criação dos sentidos (Aindriyaka)" [36], assim durante este período a ordem das Forças Elementais é: 1.° os Centros de Forças *nascentes*, intelectuais e físicas; 2.° os Princípios Rudimentares, a *força nervosa*, por assim dizer; 3.° a Percepção nascente do conhecimento interior, que é o Mahat dos reinos inferiores e está especialmente desenvolvida na terceira ordem dos

(33) *Vâyu Purâna*. (Veja-se Wilson. *Vishnu Purâna*, vol. I, p. 77.)
(34) *Collected Works*, vol. III, p. 381.
(35) Charâshara compõe-se de *chara*, móvel, e *achara*, imóvel.
(36) Vol. I, p. 74.

Elementais; e estes sucede o reino objetivo dos minerais, no qual essa "percepção" está de todo latente, para vir novamente a desenvolver-se nas plantas.

A Criação Mukhya é, pois, o ponto central entre os três reinos inferiores e os três superiores, o que representa os sete reinos esotéricos do Cosmos e da Terra.

V. *A Quinta Criação*: A Criação [37] Tiryaksrotas ou Tairyagyonya, dos "animais (sagrados)", que na Terra corresponde exclusivamente à criação dos animais mudos. O que se entende por "animais" na Criação primária é o germe da consciência de desperta, ou da "percepção do conhecimento interior", que se pode observar vagamente em algumas plantas sensitivas da terra e mais distintamente na Monera protista [38].

Em nosso Globo, durante a Primeira Ronda, a "criação" animal precede a do homem, ao passo que, em nossa Quarta Ronda, os mamíferos evolucionam do homem, no plano físico. Na Primeira Ronda, os átomos animais são atraídos pela coesão e tomam a forma humana física; mas na Quarta Ronda ocorre o contrário, de acordo com as condições magnéticas desenvolvidas durante a vida. E isto é a "Metempsicose" [39].

Esta quinta Fase da Evolução, chamada exotericamente "Criação", pode considerar-se tanto no Período Primário como no Secundário, como sendo, num, espiritual e cósmico, e, no outro, material e terrestre. É a arquibiose, ou origem da vida; "origem", bem entendido, tão só no que concerne à *manifestação* da vida, em todos os sete planos. É durante este período da evolução que o movimento absolutamente eterno e universal, ou vibração, aquilo que na linguagem esotérica se chama o "Grande Sopro", se diferencia para tornar-se o Átomo primordial, o primeiro manifestado. A medida que as ciências químicas e físicas progridem, este axioma oculto encontra cada vez mais confirmação no mundo do saber; a hipótese científica, segundo a qual os elementos mais simples da matéria são idênticos em sua natureza, e só diferem uns dos outros em virtude de variar a distribuição dos átomos na molécula ou partícula de substância, ou por causa dos modos de suas vibrações atômicas, vai ganhando terreno todos os dias.

Assim, da mesma forma que a diferenciação do germe primordial da vida deve preceder a evolução do Dhyân-Chohan do *Terceiro* Grupo ou Hierarquia dos Seres na Criação Primária, antes que estes Deuses possam revestir sua primeira forma etérea (rûpa), também, e pela mesma razão, a

(37) O Professor Wilson traduz como se os animais fossem mais elevados na escala da "criação" que as divindades ou os anjos, embora a verdade no tocante aos Devas seja revelada mais adiante. Esta "Criação" — diz o texto — é ao mesmo tempo Primária (Prâkrita) e Secundária (Vaikrita). É Secundária no que respeita à origem dos Deuses nascidos de Brahma, *o criador pessoal* antropomórfico de nosso Universo material; e Primária em relação a Rudra, que é o produto imediato do Primeiro Princípio. O termo Rudra não é apenas um título de Shiva, mas compreende também os agentes da criação, os anjos e os homens, como mais adiante veremos.

(38) Nem planta nem animal, mas uma existência que participa dos dois.

(39) *Five Years of Theosophy*, p. 276, art. "Mônada Mineral".

criação animal deve *preceder* o "homem divino" sobre a Terra. Eis aí a razão por que vemos nos *Purânas* que "a quinta Criação, ou Tairyagyonya, foi a dos animais".

VI. *A Sexta Criação*: A Criação Ûrdhvasrotas, ou a das Divindades. Mas estas Divindades são apenas os Protótipos da Primeira Raça, os Pais de sua progênie de "ossos brandos", "nascida da mente". São aqueles dos quais evolveram os "Nascidos do Suor", expressão que será explicada nos volumes III e IV.

Os "Seres Criados", esclarece o *Vishnu Purâna*, "embora venham a ser destruídos (em suas formas individuais) nos períodos de dissolução, sendo influenciados pelos atos bons ou maus de suas *existências anteriores*, jamais ficam isentos de suas conseqüências. E quando Brahma reproduz o mundo, são eles os filho de sua Vontade.

"*Concentrando a mente em si mesmo* (pela Vontade do Ioga), Brahma cria as quatro Ordens de Seres denominados Deuses, Demônios, Progenitores e Homens"; "Progenitores" significa os Protótipos e os Evolucionadores da Primeira Raça-Raiz de homens.

Tais Progenitores são os Pitris, e estão divididos em Sete Classes. Na mitologia exotérica figuram como "nascidos" do "flanco de Brahma", como Eva da costela de Adão.

Após a Sexta Criação, e para encerrar a "Criação" geral, vem finalmente:

VII. *A Sétima Criação*: A evolução dos Seres Arvâksrotas, "que foi... a do homem".

A "Oitava Criação", a que se tem feito referência, não é absolutamente uma Criação; é um "véu", pois diz respeito a um processo puramente mental, ao conhecimento da "Nona Criação", que, por sua vez, é um efeito, que se manifesta durante a Criação Secundária, do que foi uma "Criação" durante a Criação Primária [40] (Prakrita). Assim, a Oitava, chamada Anugraba, a Criação Pratyayasarga ou Intelectual dos Sânkhyas [41], é "a criação da qual *temos uma noção* (em seu aspecto esotérico), ou à qual damos um consentimento intelectual (Anugraha), por oposição à *criação orgânica*". É a percepção correta de nossas relações com toda a série de "Deuses", e principalmente das que temos com os Kumaras, a suposta Nona Criação, que na realidade é um aspecto, ou reflexo, da Sexta em nosso Manvantara (o Vaivasvata). "Há uma *nona* (criação), a Criação Kumâra, que é ao mesmo tempo primária e secundária", diz o *Vishnu*

(40) "Estas noções", observa o Professor Wilson, "sobre o nascimento de Rudra e dos santos, parecem ter sido *importadas* dos Shaivas, e ineptamente enxertadas no sistema Vaishnava". Antes de aventurar semelhante hipótese, teria sido conveniente consultar o significado esotérico.

(41) Veja-se *Sânkhya Kârikâ*, vol. 46, p. 146.

(42) Parâshara, o Rishi védico, que recebeu o *Vishnu Purâna* de Pulastya, e o ensinou a Maitreya, é situado pelos orientalistas em diversas épocas. Observa judiciosamente o *Hindu Classical Dictionary* que: "As especulações a respeito da Era em que ele viveu divergem muito, de 675 anos antes de Cristo a 1391 anos antes de

Purâna, o mais antigo dos textos do gênero [42]. Segundo explica um texto esotérico:

Os Kumâras são os Dhyânis, imediatamente derivados do Princípio Supremo, que reaparecem durante o período de Vaivasvata Manu, para o progresso da humanidade [43].

O tradutor do *Vishnu Purâna* o confirma, observando que "esses sábios... vivem tanto tempo quanto Brahmâ, e somente são criados por ele no *Primeiro* Kalpa, conquanto o seu nascimento seja muitas vezes situado, erroneamente, no Kalpa Vârâha (*Secundário*) ou Pâdma". Os Kumâras são, assim, esotericamente, "a criação de Rudra ou Nilalohita (uma das formas de Shiva) por Brahmâ... e de certos outros filhos nascidos da mente de Brahmâ". No ensinamento esotérico, porém, são os Progenitores do verdadeiro Eu espiritual no homem físico, os Prajâpatis superiores, enquanto que os Pitris ou Prajâpatis inferiores não são mais que os Pais do modelo, ou tipo de sua forma física, feito à "imagem *deles*". Quatro (e às vezes *cinco*) são livremente mencionados nos textos esotéricos, sendo secretos três dos Kumâras.

"Os quatro Kumâras (são) os Filhos nascidos da mente de Brahmâ. Há quem indique *sete*" [44]. Todos estes sete Vaidhâtras, nome patronímico dos Kumâras, os "Filhos do Fazedor", são mencionados e descritos no *Sânkhyâ Kârika* de Ishvara Krishna e no Comentário de Gaudapâchârya (Paraguru de Shankarâchârya) que lhe é anexo. Ali se discute a natureza dos Kumâras, embora evitando mencionar *por seus nomes* todos os sete Kumâras, chamando-os apenas "os sete filhos de Brahma" — o que efetivamente são, pois foram criados por Brahma em Rudra. A lista de nomes que se faz constar é a seguinte: Sanaka, Sanandana, Sanâtana, Kapila, Ribhu e Panchashikha [45]. Mas todos estes são também "máscaras".

Os quatro exotéricos são: Samatkumâra, Sananda, Sanaka e Sanâtana; e os três esotéricos: Sana, Kapila e Sanatsujâta. Chamamos especialmente a atenção para esta classe de Dhyân-Chohans, por ser aqui que se encontra o mistério da geração e da hereditariedade, de que demos um resumo no comentário à Estância VII, ao tratar das quatro Ordens de Seres Angélicos. Os volumes III e IV explicarão sua posição na Hierarquia Divina. Vejamos, porém, o que dizem sobre eles os textos esotéricos.

Dizem muito pouco; e para quem não consegue ler nas entrelinhas, nada. "É necessário recorrer a outros *Purânas* para que se tenha a expli-

---

Cristo, e *não podem merecer confiança*". Perfeitamente; mas essas datas não são menos dignas de fé que qualquer das outras indicadas pelos sancritistas, tão famosos pela sua imaginação fantasiosa e arbitrária.

(43) Podem, sem dúvida, assinalar uma "criação" "especial" ou extra, pois são eles que, encarnando-se nos invólucros não-conscientes das duas primeiras Raças-Raízes e em uma grande parte da Terceira Raça-Raiz, criam, por assim dizer, uma *nova raça*: a dos homens pensadores, *divinos*, conscientes de si mesmos.

(44) *Hindu Classical Dictionary*.

(45) A lista atual é: Sanaka, Sanandana, Sabâtana, Âsuri, Kapila, Borhu e Panchashika. Veja-se o Comentário de Gaudapâda no vol. I.

cação do termo", observa Wilson, que nem por um instante suspeita encontrar-se em presença dos "Anjos das Trevas", o "grande inimigo" mítico de sua Igreja. Limita-se, portanto, a "esclarecer" que "aquelas (Divindades), *negando-se a procriar* (e rebelando-se deste modo contra Brahma), permaneceram, como está implícito no nome da primeira delas (Sanatkumâra), sempre adolescentes, Kumâras, isto é, puras e inocentes, o que levou a dar-se o nome de Kaumâra à sua Criação". Os Purânas, contudo, podem trazer-nos mais um pouco de luz. "Permanecendo sempre tal como nasceu, ele é por isso chamado adolescente, sendo seu nome conhecido como Sanatkumâra" [46]. Nos *Shaiva Purânas* os Kumâras são descritos sempre como Yogins. O *Kurma Purâna*, depois de enumerá-los, diz: "Aqueles cinco ó Brâmanes, que lograram imunidade completa contra as paixões, eram Yogins". São *cinco*, porque dois dos Kumâras *sucumbem*.

Tão pouco fiéis são algumas traduções dos orientalistas, que na tradução francesa do *Harivamsha* se lê: "Os sete Prajâpatis, Rudra, Skanda (seu filho) e Sanatkumâra puseram-se a criar seres". O original, porém, segundo mostra Wilson, reza: "Estes sete... criaram progênie; e assim o fez Rudra; mas Skanda e Sanatkumâra, *refreando o seu poder, abstiveram-se* (de criar)". "As *quatro ordens de seres*" são por vezes consideradas, como referindo-se a Ambhâmsi, palavra que Wilson traduz por "Águas, literalmente", e acredita que é um "termo místico". Sem dúvida que o é; vê-se, porém, que ele não pôde compreender o verdadeiro sentido esotérico. As "Águas" e a "Água" são o símbolo do Akâsha, "o Oceano Primordial do Espaço", sobre o qual Nârâyana, o Espírito nascido de si mesmo, se move, apoiando-se no *que é a sua progênie* [47]. "A Água é o corpo de Nâra, foi assim que ouvimos explicar o nome da Água. Porque Brahma repousa sobre a Água, e é chamado Nârâyana" [48]. "O puro, Purusha, criou as Águas puras". A Água é, ao mesmo tempo, o *Terceiro* Princípio do Cosmos material e o terceiro do reino do Espiritual: o *Espírito* do Fogo, da Chama, do Akâsha, do Éter, da Água, do Ar, da Terra, são os princípios cósmicos, siderais, psíquicos, espirituais e místicos, *eminentemente ocultos*, em cada plano do ser. "Deuses, Demônios, Pitris e Homens" são as quatro ordens de seres a que se aplica o termo Ambhâmsi, por serem todos o produto das *Águas* (misticamente), do Oceano Akâshico e do *Terceiro* Princípio da Natureza. Nos *Vedas* é um sinônimo de Deuses. Os Pitris e os Homens na Terra são as transformações ou renascimentos de Deuses e Demônios (Spiritus) de um plano superior. A Água, em outro sentido, é o princípio feminino. Vênus Afrodite é a personificação do mar e a Mãe do Deus do Amor, a Geradora de todos os Deuses, do mesmo modo que a Virgem Maria dos cristãos é Mare, o Mar, a Mãe do Deus ocidental do Amor, da Compaixão e da Caridade. Se o estudante da Filosofia Esotérica refletir maduramente sobre este assunto, verá sem dúvida quão sugestivo é o termo Ambhâmsi em suas múltiplas relações com a Virgem do Céu, com a Virgem

(46) *Linga Purâna*, Seção Anterior, LXX, 174.
(47) Veja-se *Manu*, I, 10.
(48) Vejam-se os *Linga, Vâyu* e *Mârkandeya Purânas*. Wilson, vol. I, pp. 56-57.

Celestial dos alquimistas e até com as "Águas da Graça" dos batistas modernos.

Entre todas as sete grandes divisões dos Dhyân-Chohans, não há nenhuma que se relacione mais com a humanidade do que a dos Kumâras Mal-avisados são os teólogos cristãos no rebaixarem-nos à categoria de Anjos *Caídos*, chamando-os hoje Satã e Demônios; pois, entre esses moradores celestes que "se recusam a criar", ocupa um lugar dos mais preeminentes o Arcanjo Miguel, o maior Santo e patrono das Igrejas orientais e ocidentais, quer sob o seu nome de São Miguel, quer sob o de seu sósia terrestre, o São Jorge que vence o Dragão [49].

Os Kumâras, os Filhos nascidos da Mente de Brahmâ-Rudra, ou Shiva, em linguagem mística o terrível e implacável *destruidor das paixões humanas e dos sentidos físicos*, que sempre entravam o desenvolvimento das percepções espirituais superiores e o crescimento do homem *interno* e eterno, são a progênie de Shiva, o Mâhâyogi, o grande patrono de todos os iogues e místicos da Índia.

Shiva-Rudra é o Destruidor, como Vishnu é o Conservador; ambos são os Regeneradores, tanto da natureza espiritual como da natureza física. Para viver como planta, deve morrer a *semente*. Para o homem viver como entidade consciente na Eternidade, suas paixões e sentidos devem perecer antes do seu corpo. A sentença "viver é morrer, e morrer é viver" tem sido muito mal compreendida no ocidente. Shiva, o Destruidor, é o Criador e Salvador do Homem Espiritual, é o bom jardineiro da Natureza. Procede à monda das plantas humanas e cósmicas, e mata as paixões do homem físico para fazer com que vivam as percepções do homem espiritual.

Os Kumâras são, pois, os "ascetas virgens", que se negam a criar o ser *material* Homem. É fácil imaginar como se relacionam diretamente com o Arcanjo cristão Miguel, o "adversário virgem" do Dragão Apophis, do qual são vítimas todas as almas que se acham muito debilmente unidas ao seu Espírito imortal; o Anjo que, como o indicam os gnósticos, *se recusou a criar*, tal qual o fizeram os Kumâras. Porventura esse Anjo, protetor dos judeus, não *preside* a Saturno (Shiva ou Rudra) e ao Sabbath, o dia de Saturno? Não o descrevem como sendo da mesma essência que o seu Pai (Saturno), e não o chamam Filho do Tempo, Cronos ou Kâla, uma das formas de Brahmâ (Vishnu e Shiva)? E o Velho Templo dos Gregos, com sua foice e sua ampulheta, não é por acaso idêntico ao Ancião dos Dias dos cabalistas, aquele "Ancião" que se identifica com o Ancião dos Dias hindu, Brahmâ, em sua forma *trina*, que também tem o nome de Sanat, o Velho? Todos os Kumâras trazem o prefixo de *Sanat* ou *Sana* [50]. E Shanaishchara é Saturno, o planeta Shani, o Rei Saturno, cujo Secretário no Egito era Thot-Hermes, o primeiro. São eles, portanto, identificados com o Deus (Shiva) e com o planeta, os quais, por sua vez, são os protótipos de Saturno, que outro não é senão Bell, Baal, Shiva e Jehovah Sabbaoth,

(49) Veja-se o Vol. III, Parte I, Estância IX, Comentários.
(50) *Sanat*, um epíteto de Brahmâ.

cação do termo", observa Wilson, que nem por um instante suspeita encontrar-se em presença dos "Anjos das Trevas", o "grande inimigo" mítico de sua Igreja. Limita-se, portanto, a "esclarecer" que "aquelas (Divindades), *negando-se a procriar* (e rebelando-se deste modo contra Brahma), permaneceram, como está implícito no nome da primeira delas (Sanatkumâra), sempre adolescentes, Kumâras, isto é, puras e inocentes, o que levou a dar-se o nome de Kaumâra à sua Criação". Os Purânas, contudo, podem trazer-nos mais um pouco de luz. "Permanecendo sempre tal como nasceu, ele é por isso chamado adolescente, sendo seu nome conhecido como Sanatkumâra" [46]. Nos *Shaiva Purânas* os Kumâras são descritos sempre como Yogins. O *Kurma Purâna*, depois de enumerá-los, diz: "Aqueles cinco ó Brâmanes, que lograram imunidade completa contra as paixões, eram Yogins". São *cinco*, porque dois dos Kumâras *sucumbem*.

Tão pouco fiéis são algumas traduções dos orientalistas, que na tradução francesa do *Harivamsha* se lê: "Os sete Prajâpatis, Rudra, Skanda (seu filho) e Sanatkumâra puseram-se a criar seres". O original, porém, segundo mostra Wilson, reza: "Estes sete... criaram progênie; e assim o fez Rudra; mas Skanda e Sanatkumâra, *refreando o seu poder, abstiveram-se* (de criar)". "As *quatro ordens de seres*" são por vezes consideradas, como referindo-se a Ambhâmsi, palavra que Wilson traduz por "Águas, literalmente", e acredita que é um "termo místico". Sem dúvida que o é; vê-se, porém, que ele não pôde compreender o verdadeiro sentido esotérico. As "Águas" e a "Água" são o símbolo do Akâsha, "o Oceano Primordial do Espaço", sobre o qual Nârâyana, o Espírito nascido de si mesmo, se move, apoiando-se no *que é a sua progênie* [47]. "A Água é o corpo de Nâra, foi assim que ouvimos explicar o nome da Água. Porque Brahma repousa sobre a Água, e é chamado Nârâyana" [48]. "O puro, Purusha, criou as Águas puras". A Água é, ao mesmo tempo, o *Terceiro* Princípio do Cosmos material e o terceiro do reino do Espiritual: o *Espírito* do Fogo, da Chama, do Akâsha, do Éter, da Água, do Ar, da Terra, são os princípios cósmicos, siderais, psíquicos, espirituais e místicos, *eminentemente ocultos*, em cada plano do ser. "Deuses, Demônios, Pitris e Homens" são as quatro ordens de seres a que se aplica o termo Ambhâmsi, por serem todos o produto das *Águas* (misticamente), do Oceano Akâshico e do *Terceiro* Princípio da Natureza. Nos *Vedas* é um sinônimo de Deuses. Os Pitris e os Homens na Terra são as transformações ou renascimentos de Deuses e Demônios (Spíritus) de um plano superior. A Água, em outro sentido, é o princípio feminino. Vênus Afrodite é a personificação do mar e a Mãe do Deus do Amor, a Geradora de todos os Deuses, do mesmo modo que a Virgem Maria dos cristãos é Mare, o Mar, a Mãe do Deus ocidental do Amor, da Compaixão e da Caridade. Se o estudante da Filosofia Esotérica refletir maduramente sobre este assunto, verá sem dúvida quão sugestivo é o termo Ambhâmsi em suas múltiplas relações com a Virgem do Céu, com a Virgem

(46) *Linga Purâna*, Seção Anterior, LXX, 174.
(47) Veja-se *Manu*, I, 10.
(48) Vejam-se os *Linga, Vâyu* e *Mârkandeya Purânas*. Wilson, vol. I, pp. 56-57.

o Anjo da Face, de quem Miguel é מיכאל, "aquêle (que) é como Deus". Ele, Miguel, é o protetor e Anjo da Guarda dos judeus, como nos diz Daniel [51]; e, antes que os Kumâras fôssem degradados, por aqueles que até lhes ignoravam o nome, à categoria de Demônios e Anjos Caídos, os ofitas gregos, os predecessores e precursores, com tendências ocultas, da Igreja Católica Romana, depois da cisão e separação da Igreja grega primitiva, já haviam identificado Miguel com o seu Ophiomorphos, o espírito rebelde e adversário. Isso não significa outra coisa senão o aspecto inverso, simbolicamente, de Ophis, a Sabedoria Divina ou Christos. No *Talmud*, Miguel é o "Príncipe da Água" e o Chefe dos Sete Espíritos, pela mesma razão que um de seus numerosos protótipos, Sanatsujâta, o chefe dos Kumâras, é chamado Ambhâmsi, as "Águas", segundo o comentário do *Vishnu Purâna*. Por que? Porque as Águas representam outro nome do Grande Abismo, as Águas Primordiais do Espaço, ou o Caos, e também significa a Mãe, Ambâ, que quer dizer Aditi e Akâsha, a Virgem-Mãe Celestial do Universo visível. Aliás, as "Águas do Dilúvio" são ainda chamadas o "Grande Dragão" ou Ophis, Ophiomorphos.

No volume III trataremos dos Rudras em seu caráter setenário de "Espíritos do Fogo", no "Simbolismo" relacionado com as Estâncias. Ali também examinaremos a Cruz (3 + 4) sob suas formas primitivas e ulteriores, e empregaremos, como meio de comparação, os números pitagóricos juntamente com a metrologia hebraica. A imensa importância do número *sete* será, desse modo, posta em evidência, como número fundamental da Natureza. Considerá-lo-emos do ponto de vista dos *Vedas* e das Escrituras caldéias; tal como existiu no Egito milhares de anos antes de Jesus Cristo, e segundo se acha interpretado nos anais gnósticos; mostraremos que sua importância como número fundamental foi reconhecida pela ciência física; e nos esforçaremos em provar que a importância atribuída ao número *sete* durante toda a antiguidade não se devia à imaginação fantasiosa de sacerdotes incultos, mas a um profundo conhecimento da Lei Natural.

(51) Veja-se Cap. XII, 1.

SEÇÃO XIV

OS QUATRO ELEMENTOS

METAFÍSICA e esotericamente não existe senão *Um Elemento* na Natureza; e em sua raiz está a Divindade. Os chamados *sete* Elementos, dos quais *cinco* já se manifestaram e afirmaram sua existência, não passam de vestimenta, de véu da Divindade, de cuja essência o homem provém diretamente, quer seja considerado do ponto de vista físico, psíquico, mental ou espiritual. Em tempos não muito remotos, só se aludia geralmente a quatro Elementos, enquanto que em filosofia *só se admitem cinco*. O corpo do Éter não se acha ainda inteiramente manifestado, e seu número é ainda o "Pai Æther Onipotente", a síntese dos outros. Mas, que são esses Elementos, *cujos corpos compostos contêm, segundo a descoberta da Física* e da Química, inúmeros subelementos, que já se não podem limitar aos sessenta ou setenta que se haviam calculado? [1]. Acompanhemos sua evolução, pelo menos desde os seus *primórdios históricos*.

Os quatro Elementos foram plenamente caracterizados por Platão ao dizer que eram "*aquilo que compõe* e *decompõe* os *corpos compostos*". A Cosmolatria, portanto, mesmo em seu pior aspecto, nunca foi o fetichismo que adora a forma passiva externa de qualquer objeto e o seu conteúdo material: mas sempre contemplava o Número neles existente. Fogo, Ar, Água e Terra eram somente o revestimento visível, os símbolos das Almas ou Espíritos invisíveis que a tudo animavam; os Deuses Cósmicos, aos quais o homem ignorante prestava culto e o sábio um simples mas respeitoso reconhecimento. As subdivisões fenomenais dos Elementos numênicos eram, por seu turno, animadas pelos chamados Elementais, os "Espíritos da Natureza" de grau inferior.

Na Teogonia de Môchus, vemos primeiro o Éter, e depois o Ar — os dois princípios dos quais nasce Ulom, o Deus Inteligível (νοητὸς), o Universo visível da Matéria [2].

Nos hinos órficos, o Eros-Phanes se desenvolve do Ovo Espiritual, que os Ventos Etéreos impregnam, sendo o Vento o "Espírito de Deus" que se admite mover-se no Æther, "incumbando o Caos", a Idéia Divina.

(1) Veja-se o *Apêndice*, Seções XI e XII.
(2) Movers, *Phoinizer*, p. 282.

No *Katha Upanishad* hindu, Purusha, o Espírito Divino, já se encontra ante a Matéria Original, e da união dos dois surge a Grande Alma do Mundo, "Mâhâ-Atmâ, Brahman, o Espírito de Vida" [3]; denominações estas que são também idênticas à da Alma Universal ou *Anima Mundi*, constituindo a Luz Astral dos Teurgistas e dos Cabalistas sua última e inferior divisão.

Os Elementos (στοιχεια) de Platão e Aristóteles eram, pois, os *princípios incorpóreos* associados às quatro grandes divisões do nosso Mundo Cósmico; e tem razão Creuzer quando define essas crenças primitivas como "uma *espécie de magismo, um paganismo psíquico* e uma *deificação de poderes*; uma *espiritualização* que punha os crentes em estreita comunicação com esses poderes" [4]. Tão estreita, realmente, que as Hierarquias desses Poderes ou Forças foram classificadas em uma escala graduada de sete, desde o ponderável ao imponderável. São setenários, não como um meio artificial de facilitar a sua compreensão, mas por sua verdadeira gradação *cósmica*, desde a composição química ou física até a composição espiritual. Deuses para as massas ignorantes; Deuses independentes e supremos; Demônios para os fanáticos, que, por intelectuais que sejam, são incapazes de compreender o *espírito* da sentença filosófica *in pluribus unum*. Para os filósofos herméticos, são Forças *relativamente* "cegas" ou "inteligentes", conforme se trate de um ou outro de seus princípios. Transcorridos milhares de anos, vemo-las reduzidas, em nosso culto século, à condição de simples elementos químicos.

Mas, seja como for, deveriam os bons cristão, e especialmente os protestantes bíblicos, tributar maior veneração aos Quatro Elementos, se é que desejam conservar alguma por Moisés. Porque a *Bíblia* dá testemunho, em cada página do *Pentateuco*, da consideração que a eles votava o Legislador Hebreu, e do significado místico que lhes atribuía. A tenda que continha o *Sanctum Sanctorum* era um Símbolo Cósmico, consagrado, em uma de suas significações, aos Elementos, aos quatro pontos cardiais e ao Éter. Segundo a descrição de Josefo, era de cor branca, a cor do Éter. E isso também explica por que, nos templos egípcios e hebreus, conforme nos diz Clemente de Alexandria [5], uma cortina gigantesca, sustentada por cinco pilares, separava o *Sanctum Sanctorum* (hoje representado pelo altar nas igrejas cristãs), onde só aos sacerdotes era permitido penetrar, da parte a que tinham acesso os profanos. Com suas *quatro* cores, a cortina simbolizava os quatro Elementos principais, e com os cinco pilares significava o conhecimento do que é divino, ao alcance do homem por meio dos *cinco sentidos* com a ajuda dos *quatro* Elementos.

Em *Ancient Fragments* de Cory, um dos "Oráculos caldeus" exprime idéias acerca dos Elementos e do Éter, numa linguagem que se assemelha de modo estranho à do livro *The Unseen Universe*, escrito por dois eminentes sábios de nossa época. Afirma ele que todas as coisas provém do Éter, e ao Éter voltarão; que as imagens de todas as coisas ali se acham

(3) Weber, Akad. Vorles, pp. 213-4, etc.
(4) Livro IV, p. 850.
(5) *Stromata*, I, V, 6.

impressas de maneira indelével; e que o Éter é o depósito dos germes ou dos restos de todas as formas visíveis, e até de todas as idéias. Parece que temos aqui uma surpreendente confirmação daquela nossa afirmativa de que, sejam quais forem as descobertas que se possam fazer em nossos dias, acabaremos verificando que elas já foram feitas há milhares de anos pelos nossos "simplórios antepassados" [6].

De onde vieram os Quatro Elementos e os Malachim dos hebreus? Foram eles fundidos em Jeová graças a um passe de mágica teológico dos rabinos e dos Padres da Igreja; mas a sua origem é precisamente a mesma que a dos Deuses Cósmicos de todas as nações. Os símbolos que os representam, tenham nascido nas margens do Oxus, nas areias ardentes do Alto Egito, nas misteriosas e selvagens florestas glaciais que cobrem as faldas e os cumes nevados das montanhas sagradas da Tessália, ou ainda nos pampas da América, esses símbolos, repetimos, quando remontamos à sua origem, são sempre os mesmos. Fosse egípcio ou pelásgico, ariano ou semítico, o Genius Loci, o Deus local, abrangia em sua unidade toda a Natureza; não se restringia aos Quatro Elementos e tampouco a qualquer uma de suas criações, como as árvores, os rios, as montanhas ou as estrelas. O Gênius Loci, fruto de uma idéia que surgiu mais tarde nas últimas sub-raças da Quinta Raça-Raiz, quando o significado primitivo e grandioso se perdera quase por completo, representava sempre, sob os diversos títulos que acumulou, todos os seus colegas. Era o Deus do Fogo, simbolizado pelo raio, como Júpiter ou Agni; o Deus da Água, simbolizado pelo touro fluvial, por um rio ou fonte sagrada, como Varuna, Netuno, etc., o Deus do Ar, que se manifesta no furacão e na tempestade, como Vayu e Indra; e o Deus ou Espírito da Terra, que aparece nos terremotos, como Plutão, Yama; e tantos outros.

Tais eram os Deuses Cósmicos, que se fundiam todos em um só, como se observa em todas as mitologias ou cosmogonias. Assim, os gregos tinham o seu Júpiter de Dodona, que incluía em si mesmo os Quatro Elementos e os quatro pontos cardiais, sendo, por esse motivo, reconhecido na Roma antiga sob o título panteístico de Júpiter Mundos; agora, na Roma moderna, ele se converteu em Deus Mundus, o único Deus do Mundo, que a teologia recente, por decisão arbitrária de seus ministros especiais, faz absorver todos os demais Deuses.

Como Deuses do Fogo, do Ar e da Água, eram Deuses *Celestes;* como Deuses da Região Inferior, eram Divindades *Infernais*, mas este último adjetivo aplicava-se exclusivamente à *Terra*. Estes eram os "Espíritos da Terra", com os nomes respectivos de Yama, Plutão, Osíris, o "Senhor do Reino Inferior", etc., e o seu caráter telúrico o demonstra suficientemente. Os antigos não tinham conhecimento de nenhum lugar que, depois da morte, fosse pior que o Kama Loka, o Limbo da Terra [7].

(6) Veja-se *Isis sem Véu*, I, p. 395.

(7) A Geena da *Bíblia* era um vale nas cercanias de Jerusalém, onde os judeus monoteístas imolavam seus filhos a Moloch, se acreditarmos nas palavras do profeta Jeremías. A Mansão escandinava de Hel ou Hela era uma região glacial — também

Se se objetar que o Júpiter de Dodona era identificado com Dis, ou o Plutão romano com o Dionisio Ctônio, o Subterrâneo, e com Aidoneus, o Rei do Mundo Subterrâneo, onde, segundo Creuzer [8], eram proferidos os oráculos, então os ocultistas terão a satisfação de provar que tanto Aidoneus como Dioniso são as bases de Adonai, ou *Iurbo-Adonai*, como é chamado Jeová no *Codex Nazaræus*. "Não adorarás o Sol, que se chama Adonai e que também tem os nomes de Kadush e EIEI" [9], e ainda o de "Senhor Baco". O Baal-Adonis dos Sods, ou Mistérios dos judeus pré-babilônicos, transformou-se em Adonai pela Massorah, e depois em Jeová com vogais. Têm razão, pois os católicos romanos. Todos esses Júpiteres pertencem à mesma família; mas nela é preciso incluir Jeová para torná-la completa. O Júpiter Aerius ou Pan, o Júpiter-Amon e o Júpiter-Bel-Moloch são todos correlações de Iurbo-Adonai, porque possuem todos a mesma natureza *cósmica*. *É essa Natureza e esse Poder que criam o símbolo específico* terrestre, cuja estrutura física e material demonstra que a Energia se manifesta por seu intermédio como *extrínseca*.

Porque a religião primitiva era algo mais e melhor que uma simples preocupação quanto aos fenômenos físicos, como observou Schelling; e princípios mais elevados que os conhecidos por nós, saduceus modernos, "estavam ocultos sob o transparente véu de divindades puramente naturais, como o raio, o vento e a chuva". Os antigos conheciam e podiam distinguir os Elementos *corpóreos* dos *espirituais*, nas Forças da Natureza.

O Júpiter quádruplo, da mesma forma que o Brahma de quatro faces, o Deus aéreo, o fulgurante, o terrestre e o marinho, o dono e senhor dos Quatro Elementos, pode considerar-se como representante dos grandes Deuses Cósmicos de todas as nações. Embora delegando o poder sobre o fogo a Hefesto-Vulcano, sobre o mar a Posseidon-Netuno, e sobre a Terra a Plutão-Aidoneus, o Júpiter Aéreo a todos englobava, porque o Æther tinha, desde o começo, predomínio sobre todos os Elementos, dos quais era a síntese.

A tradição fala de uma gruta, vasto subterrâneo nos desertos da Ásia Central, em que a luz penetra por quatro aberturas ou fendas, que parecem naturais e cruzam os quatro pontos cardiais. Desde o meio-dia até uma hora antes do pôr do sol, a luz passa por elas, em quatro cores diferentes, que, segundo se diz, são o vermelho, o azul, o laranja-dourado e o branco, por efeito de condições, naturais ou artificiais, da vegetação e do solo. A luz converge no centro, ao redor de uma coluna de mármore branco, que suporta um globo representante a Terra. Chamam-se a "Gruta de Zaratustra".

A Quarta Raça, a dos Atlantes, incluía entre as suas artes e ciências a manifestação fenomenal dos Quatro Elementos, que assumia assim um cará-

---

o Kama Loka — e o Amenti egípcio era um lugar de purificação (Ver *Isis sem Véu*, II, 11).

(8) I, VI, 1.

(9) *Cod. Naz.*, I, 47; vejam-se também os *Psalmos*, LXXXIX, 18.

ter científico, sendo com razão atribuída à intervenção inteligente dos Deuses Cósmicos. A Magia dos antigos sacerdotes consistia, naqueles tempos, em invocar *os Deuses na própria linguagem destes.*

A linguagem dos homens da Terra não pode alcançar os Senhores. A cada um destes é preciso falar na linguagem de seu respectivo Elemento.

Assim diz o *Livro das Leis*, em uma sentença que, como se verá, encerra um sentido profundo; e acrescenta a seguinte explicação quanto à natureza da linguagem dos *elementos*:

Ela se compõe de SONS, *não de palavras; de sons, números e formas. Aquele que souber combinar os três atrairá a resposta do Poder dirigente* [*o Deus-Regente do Elemento específico a que se recorre*].

Essa "linguagem" é, portanto, a dos *encantamentos* ou dos *mantras*, como se chama na Índia, sendo o som *o agente mágico mais poderoso e eficaz, e a primeira das chaves que abrem as portas de comunicação entre os Mortais e os Imortais.* Quem crê nas palavras e nos ensinamentos de São Paulo não tem o direito de escolher aí unicamente as sentenças que lhe apraz aceitar, excluindo as demais; e São Paulo ensina, incontestavelmente, a existência de Deuses Cósmicos e a presença deles entre nós. O Paganismo pregava uma evolução dupla e simultânea, uma "criação" *spiritualem ac mundanum*, no dizer da Igreja Romana, muitos séculos antes do advento desta mesma Igreja. A fraseologia exotérica introduziu poucas modificações no que concerne às Hierarquias Divinas, desde os dias mais gloriosos do Paganismo, ou da "Idolatria". Só mudaram os nomes, unidos a pretensões que hoje se converteram em falsos pretextos. Pois, quando Platão põe na boca do Princípio Superior (o Pai Æther ou Júpiter) as palavras: "Os Deuses dos Deuses, dos quais eu sou o *criador*, assim como sou o pai de todas as suas obras", dava ao espírito da frase um sentido tão completo quanto São Paulo ao dizer: "Porque, ainda que haja também alguns que se chamem Deuses, quer no Céu, quer na Terra, como há muitos Deuses e *muitos Senhores*..." [10]. Ambos conheciam o sentido e o significado do que manifestavam em termos tão comedidos.

Os protestantes não nos podem invectivar por havermos assim interpretado o versículo dos *Coríntios*, porque, se a tradução inglesa da *Bíblia* é ambígua, o mesmo não sucede nos textos originais, e a Igreja Católica Romana aceita as palavras do Apóstolo em seu verdadeiro sentido. Veja-se, como prova, o que diz São Dionísio Areopagita, que foi "*diretamente inspirado* pelo Apóstolo" é "escreveu sob o seu ditado", segundo afirma o Marquês de Mirville, cujas obras estão aprovadas por Roma e que, comentando aquele versículo especial, declara: "E ainda que haja (efetivamente) os chamados Deusse, porque parece que realmente há *vários Deuses*, ainda assim, e apesar de tudo, o *Deus Princípio* ou Deus Superior não deixa de ser essencialmente *uno* e indivisível" [11]. Assim falaram também os antigos

(10) I *Cor.*, VIII, 5.

(11) *Concerning Divine Names*, p. 364. (Citado em *Des Esprits*, vol. II, p. 322.)

Iniciados, sabendo que o culto dos Deuses menores jamais poderia prejudicar o "*Deus Princípio*" [12].

Sir W. Grove, F.R.S., referindo-se à correlação das forças, escreve:

"Quando os antigos se achavam em presença de um fenômeno natural que se afastava das analogias ordinárias, não sendo explicável por nenhuma das ações mecânicas então conhecidas, atribuíam-no a uma alma, a um poder espiritual ou sobrenatural... O ar e os gases também foram, de início, considerados espirituais, mas depois se lhes deu um caráter mais material, e as mesmas palavras, πνεῦμα, espírito, etc., foram empregadas para significar a alma ou um gás. A própria palavra gás, de *geist*, fantasma ou espírito, nos oferece um exemplo da transformação gradual de um conceito espiritual em um conceito físico." [13]

O eminente cientista, no prefácio da sexta edição de sua obra, entende que só estes fenômenos devem interessar à Ciência exata, que não tem por que se ocupar das *causas*.

"Causa e efeito são, por conseguinte, em sua relação abstrata com essas forças, simples palavras convencionais. Desconhecemos totalmente *o poder gerador último* de cada uma delas, e é provável que seja sempre assim. Não podemos senão verificar a norma de suas ações. Cabe-nos, humildemente, atribuir sua origem a uma influência onipresente, e contentar-nos com estudar-lhes os efeitos e observar, através de experiências, suas relações mútuas." [14]

Uma vez aceita essa atitude, e admitido virtualmente o sistema tal como descrito nas palavras que acabamos de transcrever, e principalmente a *espiritualidade* do "poder gerador último", seria mais do que ilógico deixar de reconhecer esta qualidade (que é *inerente aos elementos materiais*, ou melhor, aos seus compostos) como presente no fogo, no ar, na água ou na terra. Tão bem conheciam os Antigos esses poderes que, ocultando sua verdadeira natureza sob alegorias diversas, em benefício ou detrimento das massas ignorantes, jamais se afastavam do objetivo múltiplo que tinham em mente quando os confundiam intencionalmente. Resolveram lançar um espesso véu sobre o núcleo da verdade oculto pelo símbolo; mas procuraram sempre conservar este símbolo como um *sinal* para as futuras gerações, com suficiente transparência para permitir aos seus sábios discernirem a verdade por trás da aparência fabulosa do mito ou da alegoria. Esses sábios da antiguidade são acusados de *superstição* e *credulidade*; e isto pelas mesmas nações que, embora instruídas em todas as artes e ciências modernas, cultas e sábias em sua geração, aceitam ainda em nossos dias, como seu único Deus, vivo e infinito, o antropomórfico "Jeová" dos judeus!

Mas vejamos em que consistiam algumas dessas supostas "superstições".

Hesíodo, por exemplo, acreditava que "os ventos eram filhos do Gigante Tifeu", e que Éolo os prendia e desencadeava à vontade; e os gregos politeístas pensavam como Hesíodo. E por que não se os judeus

(12) Veja-se De Mirville, *Des Esprits*, vol. II, p. 322.
(13) *The Correlation of Physical Forces*, p. 89.
(14) *Ibid.*, XIV.

monoteístas alimentavam as mesmas crenças, com outros nomes para suas *dramatis personæ*, e se os cristãos ainda hoje o fazem? O Éolo, o Bóreas, etc., de Hesíodo, eram chamados Kedem, Tzephum, Derum e Ruach Hayum, pelo "povo eleito" de Israel. Qual é, portanto, a diferença fundamental? Enquanto era ensinado aos helenos que Éolo atava e desatava os ventos, também os judeus criam piamente que o seu Senhor Deus, "*soprando fumo pelas narinas, e fogo pela boca... montava sobre um querubim e voava, e era visto sobre as asas do vento*" [15]. As expressões usadas pelos dois povos são ou figuras de retórica ou *superstições*. Acreditamos que não sejam nem uma coisa nem outra, mas que brotaram de um sentimento profundo de unidade com a Natureza, e de uma percepção do que há de misterioso e inteligente por trás de todo fenômeno natural, percepção que os modernos já não possuem.

Nada havia também de "superstição" por parte dos gregos pagãos no escutarem o oráculo de Delfos, quando este, ao aproximar-se a esquadra de Xerxes, lhes aconselhou que "sacrificassem aos ventos" — se ato idêntico deve ser considerado como culto *divino* em se tratando dos israelitas, que com tanta freqüência sacrificavam ao vento, e mais ainda ao fogo. Não dizem eles que o seu Deus "é um fogo abrasador" [16], e que geralmente aparece sob o aspecto de *fogo* e "rodeado de fogo"? E não procurou Elias aos "Senhor" na "fúria do vento e no tremor de terra"? E os cristãos, posteriormente, não repetem a mesma coisa? Não sacrificam, ainda hoje, ao mesmo "Deus do Vento e da Água"? Sim; porque atualmente existem orações especiais para a chuva, o tempo seco, os ventos propícios e o apaziguamento das tempestades no mar, nos devocionários das três igrejas cristãs; e as centenas de seitas da religião protestante oferecem tais orações ao seu Deus sempre que surge ameaça de calamidade. O não serem elas atendidas por Jeová mais do que o eram provavelmente por Júpiter Pluvius em nada altera o fato de que essas orações se dirigem ao Poder ou aos Poderes que se supõe governarem os Elementos, nem o fato de que esses Poderes são idênticos no paganismo e no cristianismo. Ou devemos crer que semelhantes orações são uma idolatria grosseira e uma "superstição" absurda *somente* quando as dirige um pagão ao seu "ídolo", superstição que se transforma repentinamente em ato de "louvável piedade" e de "religião" quando muda o nome do destinatário celeste? Mas a árvore *se conhece* por seu fruto; e, não sendo melhor o fruto da árvore cristã que o da árvore do paganismo, por que haveria o primeiro de inspirar maior respeito que o último?

Assim, quando o cavaleiro Drach, um judeu convertido, e o Marquês de Mirville, um fanático da Igreja Católica Romana, pertencente à aristocracia francesa, nos dizem que em hebreu "relâmpago" é sinônimo de "ira", e que é sempre manejado pelo Espírito "maligno"; que Júpiter Fulgur ou Fulgurante é também chamado Elício pelos cristãos, e declarado "a alma

(15) II *Samuel*, XXII, 9-11.
(16) *Deuteronômio*, IV, 24.

do relâmpago", o seu Demônio [17]; é-nos lícito estender a mesma explicação e as mesmas definições ao "Senhor Deus de Israel", em idênticas circunstâncias; ou devemos renunciar ao direito de atacar os Deuses e as crenças dos outros povos.

Como as afirmações ora citadas partem de dois ardorosos e ilustres católicos romanos, são, pelo menos, "perigosas", em face da *Bíblia* e de seus profetas. Com efeito, se Júpiter, o "demônio-chefe dos gregos pagãos", lançava seus raios e relâmpagos mortíferos sobre os que lhe provocavam a cólera, assim também fazia o Senhor Deus de Abraão e Jacob; pois nós lemos que:

"Trovejou nos céus o Senhor; e o Altíssimo fez soar a sua voz. E disparou flechas |raios|, e os dispersou |aos exércitos de Saul|; e, relampagueando, os derrotou." [18]

Increpam aos atenientes o terem feito sacrifício a Bóreas; e este "Demônio" é acusado de haver submergido e destruído 400 navios da frota persa nos rochedos do Monte Pelion, e desencadeado uma fúria tal que todos os magos da Pérsia dificilmente puderam contê-lo, oferecendo contra-sacrifícios a Tetis [19]. Felizmente, não há exemplo nenhum, autêntico, nos anais das guerras cristãs, de catástrofe semelhante que sucedesse a uma esquadra cristã em virtude de "orações" de outra nação cristã inimiga. Não porque houvesse falta de zelo, pois cada qual reza tão fervorosamente a Jeová, rogando-lhe a destruição da outra, quanto o faziam os atenienses a Bóreas. Uns e outros recorriam, *con amore*, a um simples e edificante ato de magia negra.

E como não se pode atribuir tal ausência da intervenção divina à falta de orações, dirigidas a um Deus *comum*, Todo-Poderoso, para a destruição mútua, onde, pois, traçar a linha divisória entre pagão e cristão? E quem pode duvidar de que a protestante Inglaterra se regozijaria em massa, e renderia graças ao Senhor, se durante alguma guerra futura 400 navios da frota inimiga viessem a naufragar por mercê de santas orações daquele gênero? Qual é, pois, perguntamos mais uma vez, a diferença entre um Júpiter, um Bóreas e um Jeová? Nenhuma, a não ser esta: o crime de um parente próximo, o de nosso pai, por exemplo, sempre encontra justificativa, e às vezes é até louvado, ao passo que o crime cometido pelo parente de vosso vizinho costuma ser punido com satisfação, inclusive com a força. E no entanto o crime é o mesmo.

A esse respeito, os "benefícios do Cristianismo" não parecem haver conseguido um progresso apreciável sobre a moral dos pagãos convertidos.

Não se veja no que acabamos de escrever nem um panegírico dos Deuses pagãos nem um ataque ao Deus cristão; nem tampouco fé ou crença em qualquer deles. A autora é de todo imparcial, e rejeita o testemunho em favor de uns ou de outro, porque não faz orações a nenhum Deus

(17) *Op. cit.*, III, 415.
(18) II *Samuel*, XXII, 14-15.
(19) Heródoto, *Polymnia*, 190, 191.

"pessoal" e antropomórfico daquela espécie, não crê em nenhum deles, nem os teme. Traça simplesmente o paralelo como uma curiosa mostra do cego e ilógico fanatismo do teólogo civilizado. Porque, até agora, não se observa grande diferença entre as duas crenças; e não há nenhuma em seus respectivos efeitos sobre a *moralidade*, ou sobre a natureza espiritual. A "luz de Cristo" resplandece hoje sobre os mesmos repugnantes aspectos do homem animal, como o fazia na antiguidade a "luz de Lúcifer". Diz o missionário Lavoisier no *Journal des Colonies*:

"Aqueles desgraçados pagãos consideram, em sua superstição, até mesmo os elementos como coisa dotada de inteligência... Ainda têm fé em seu ídolo Vâyu, o Deus, ou melhor, o Demônio do Vento e do Ar... Crêem piamente na eficácia de suas orações e nos poderes de seus brâmanes sobre os ventos e as tempestades."

Como respostas, podemos citar uma passagem de *Lucas*: "E ele (Jesus), levantando-se, *repreendeu o vento e a fúria da água, que logo cessaram, e fez-se bonança*" [20]. E eis aqui outra passagem de um Livro de Orações: "Oh! Virgem do Mar, bendita Mãe e Rainha das Águas, acalma as tuas ondas!" Esta oração dos marujos napolitanos e provençais é cópia textual da que os marinheiros fenícios dirigiam à sua Deusa-Virgem Astartéia.

A conclusão lógica e inevitável, que decorre do paralelo que apresentamos e do que revela o missionário, é que, *se não são* "ineficazes" as *ordens* dos brâmanes aos seus Deuses-Elementos, o poder dos brâmanes fica deste modo situado no mesmo nível do de Jesus. Demais, o poder de Astartéia em nada cedia ao da "Virgem do Mar" dos marinheiros cristãos. Não basta dizer que um cão está danado, e enforcá-lo depois; é preciso comprovar que o está realmente. Pode ser que Bóreas e Astartéia sejam "Diabos" na imaginação teológica; mas, como acabamos de observar, é pelo fruto que se deve julgar a árvore. E, a partir do momento em que se demonstra não serem os cristãos menos imorais e perversos que os pagãos, que benefício houve para a Humanidade em trocar de Deuses e de Ídolos?

Aquilo que Deus e os Santos cristãos têm justificadamente o direito de fazer, passa a ser um crime em se tratando de simples mortais, se estes também o conseguem. A feitiçaria e os encantamentos são hoje havidos como fábulas; no entanto, desde as *Institutas* de Justiniano até as leis da Inglaterra e da América contra a feitiçaria — leis que caíram em desuso, mas que até o presente não foram revogadas — tais práticas, ainda quando não houvesse senão meras suspeitas de sua existência, eram punidas como crimes. Por que punir uma quimera? Lemos, não obstante, que o Imperador Constantino condenou à morte o filósofo Sapatro porque este "desencadeara os ventos", impedindo assim que navios carregados de trigo chegassem a tempo para acabar com a fome. Pausânias é objeto de mofa quando afirma ter visto com seus próprio olhos "homens que, por meio de simples orações e encantamentos", detiveram uma violenta tempestade de granizo. Mas isso não impede os modernos escritores cristãos de recomendarem a oração nos momentos de tempestade e de perigo, acreditando em sua eficá-

(20) VIII, 24.

cia. Hoppo e Stadlein, dois mágicos e feiticeiros, foram sentenciados à morte, faz apenas um século, por "haverem posto sortilégio em frutas" e transportado, por artes mágicas, a colheita de um campo para outro, a darmos crédito ao célebre escritor Springer, que o afirma: "*Qui fruges excantassent segetem pellicentes incantando*".

Para terminar, lembramos ao leitor que se pode, sem a menor sombra de superstição, acreditar na natureza dual de todos os objetos existentes sobre a Terra, na Natureza espiritual e material, visível e invisível; e que a própria Ciência o comprova virtualmente, contradizendo suas afirmações. Pois que, se, como diz Sir William Grove, a eletricidade que manejamos não é senão o *resultado* da atuação, sobre a matéria ordinária, de algo invisível — o "poder gerador *último*" de toda Força, a "influência única onipresente" —, nada mais natural que compartir a crença dos antigos, a saber: que todo Elemento é *dual* em sua natureza. "O Fogo Etéreo é a Emanação do próprio Kabir; o Fogo Aéreo é tão somente a união (correlação) do primeiro com o Fogo Terrestre, e sua direção e aplicação sobre o plano terrestre sabem a um Kabir de menor importância", talvez a um Elemental, como o chamaria um ocultista; e o mesmo se pode dizer de todo Elemento Cósmico.

Ninguém negará que o ser humano está de posse de várias forças, magnéticas, simpáticas, antipáticas, nervosas, dinâmicas, ocultas, mecânicas, mentais; numa palavra, de todas as espécies de forças; e que as forças físicas são todas biológicas em sua essência, pois que elas se entremesclam e se fundem freqüentemente com as forças que denominamos intelectuais e morais, sendo as primeiras, por assim dizer, os veículos, os upâdhis, das segundas.

Ninguém, entre os que não recusam a existência de uma alma no homem, hesitará em dizer que a presença e a combinação dessas forças constituem a essência mesma do nosso ser; que são, efetivamente, o Ego no homem. Esses poderes ou potências têm seus fenômenos fisiológicos, físicos, mecânicos, bem como nervosos, extáticos, clariauditivos e clarividentes, considerados e reconhecidos hoje como perfeitamente naturais, inclusive pela Ciência. Por que haveria de ser o homem a única exceção da Natureza, e por que não podem os Elementos ter os seus Veículos, os seus Vâhanas, naquilo que nós chamamos de forças físicas? E, sobretudo, por que acoimar de "superstição" tais crenças, assim como as religiões do passado?

Seção XV

SOBRE KWAN-SHI-YIN E KWAN-YIN

Tal como Avalokiteshvara, por várias transformações tem passado Kwan-Shi-Yin; é um erro, porém, dizer que se trata de uma invenção moderna dos budistas do Norte, pois que era conhecido sob outro nome desde os mais remotos tempos. Ensina a Doutrina Secreta que: "*Aquele que é o primeiro a parecer na Renovação, será o último a chegar antes da Reabsorção* |*Pralaya*|". Assim, os Logos de todas as nações, desde o Vishvakarman Védico dos Mistérios até o Salvador das atuais nações civilizadas, são o "Verbo" que existia no "Princípio", ou o novo despertar dos Poderes vivificadores da Natureza, com o Absoluto Único. Nascido do Fogo e da Água, antes que estes se convertessem em Elementos distintos, foi ele o "Artífice", o formador ou modelador de todas as coisas. "Sem ele, nada do que foi feito seria feito. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens"; e, finalmente, pode-se chamá-lo o que ele sempre foi: o Alfa e o Ômega da Natureza Manifestada. "O grande Dragão de Sabedoria nasceu do Fogo e da Água, e no Fogo e na Água tudo será reabsorvido como ele" [1].

Diz-se que este Bodhisattva "assume a forma que lhe apraz", desde o princípio de um Manvantara até o seu término. Embora o seu aniversário particular ou dia comemorativo seja celebrado, segundo o *Kin-kwang-ming-King* ou "Sûtra Luminoso da Luz Dourada", no décimo-nono dia do segundo mês, e o de Maitreya Buddha no primeiro dia do primeiro mês, os dois são, não obstante, um só Ele aparecerá na Sétima Raça como Maitreya Buddha, o último dos Avatares e dos Buddhas. Esta crença e esta expectativa são universais em todo o Oriente. Mas não será durante o Kali Yuga, esta nossa época atual de Obscuridade, terrivelmente materialista, a Idade Negra, que poderá vir um novo Salvador da Humanidade. O Kali Yuga não é a "Idade de Ouro" (!) senão nos escritos *místicos* de alguns pseudo-ocultistas franceses [2].

O ritual do culto exotérico desta Divindade foi, por isso, baseado na magia. Os Mantras são todos extraídos de livros especiais, mantidos em segredo pelos sacerdotes; e se diz que cada um deles produz um efeito

(1) *Fa-hwa-king*.
(2) Veja-se *La Mission des Juifs*.

mágico: aquele que os recita ou lê dá origem, só em cantá-los, a causas secretas que se traduzem em efeitos imediatos. Kwan-Shi-Yin é Avalokiteshvara, e ambos são formas do Sétimo Princípio Universal; enquanto que, em seu caráter metafísico mais elevado, esta Divindade é a agregação sintética de todos os Espíritos Planetários, os Dhyân-Chohans. Ele é o "Manifestado por Si Mesmo"; numa palavra, o "Filho do Pai". Coroado por sete dragões, vê-se no alto de sua estátua a inscrição: Pu-tsi-k'ium-ling, "o Salvador universal de todos os seres vivos".

É claro que o nome constante do volume arcaico das Estâncias é inteiramente diverso; mas o nome Kwan-Yin é um equivalente perfeito. Em um templo de P'u-to, a ilha sagrada dos budistas da China, está representado Kwan-Shi-Yin flutuando sobre uma ave aquática negra (Kâlahamsa), e vertendo sobre as cabeças dos mortais o elixir da vida, que, ao fluir, se transforma em um dos principais Dhyân-Buddhas, o Regente de uma estrela chamada "a Estrela da Salvação". Em sua terceira transformação, Kwan-Yin é o Espírito vivificador ou Gênio da Água. Crê-se na China que o Dalai-Lama é uma encarnação de Kwan-Shi-Yin, que em sua terceira aparição terrestre foi um Bodhisattva; sendo o Teshu-Lama uma encarnação de Amitâvha Buddha ou Gautama.

Seja registrado, de passagem, que só a imaginação doentia de um escritor pode vislumbrar por toda parte um culto fálico, como o fazem McClatchey e Hargrave Jennings. O primeiro descobre "os antigos deuses fálicos, representados em dois símbolos evidentes, o Kheen ou Yang, que é o *membrum virile*, e o Kw-an ou Yin, o *pudendum muliebre*" [3]. Tal interpretação se nos afigura tanto mais estranha quanto Kwan-Shi-Yin (Avalokitesvara) e Kwan-Yin, além de serem atualmente as Divindades protetoras dos ascetas budistas, os Iogues do Tibet, são os Deuses da castidade, e em seu significado esotérico não chegam sequer a ser o que se supõe na versão do *Buddhism* do Sr. Rhys David: "O nome Avalokiteshvara... significa o 'Senhor que observa do alto'" [4]. Nem tampouco Kwan-Shi-Yin é o "Espírito dos Buddhas presentes na Igreja", mas, interpretado literalmente, quer dizer " o Senhor que é visto", e, em certo sentido, "o Eu Divino percebido pelo Eu" (o Eu humano), isto é, Atman ou o Sétimo Princípio, imerso no Universal, percebido por Buddhi, ou objeto de percepção de Buddhi, o Sexto Princípio ou Alma Divina do homem. Em sentido ainda mais elevado, Avalokiteshvara = Kwan-Shi-Yin, referido como o Sétimo Princípio Universal, é o Logos percebido por Buddhi ou Alma Universal como o agregado sintético dos Dhyânis Buddhas; não é o "Espírito de Buddha presente na Igreja", mas o Espírito Universal Onipresente, manifestado no templo do Cosmos ou da Natureza.

Essa etimologia orientalista de Kwan e de Yin é comparável à de Yogini, que, no dizer de Hargrave Jennings, é uma palavra sânscrita, pronunciando-se "Jogi ou Zogee (!) nos dialetos... equivalente a Sena e de todo

(3) *China Revealed*, segundo citação no *Phallicism* de Hargrave Jennings, p. 273.
(4) P. 202.

idêntica a Duti ou Dutica", ou seja, uma prostituta sagrada do templo, e objeto de culto como Yoni ou Sakti [5]. "Os livros de moral (na Índia) recomendam que uma mulher fiel evite a sociedade das *Yogini* ou mulheres adoradas como Sakti" [6]. Nada mais nos poderia surpreender depois disso. Deixemos apenas escapar um sorriso ao ver outro descomunal absurdo, a respeito de "Budh", interpretado como um nome que "significa não somente o sol como fonte da geração, mas também o órgão masculino" [7]. Diz Max Muller, ao tratar das "Falsas Analogias", que "o sinólogo mais célebre de seu tempo, Abel Rémusat..., sustentava que as três sílabas I, Hí, Wei (no capítulo XIV do *Tao-te-king*) se referiam a Je-ho-vá" [8]; e também o Padre Amyot "estava convencido de que as três pessoas da Trindade podiam ser reconhecidas na mesma obra". E se assim se manifestou Able Rémusat, por que não haveria de dizer outrotanto Hargrave Jennings? Todo sábio versado na matéria há de reconhecer quanto é absurdo ver em Budh (o "iluminado" e o "desperto") um "símbolo fálico".

Kwan-Shi-Yin é, pois, misticamente, o "Filho idêntico ao Pai" ou o Logos, o Verbo. Na Estância III, é chamado o "Dragão de Sabedoria", porque os Logos de todos os antigos sistemas religiosos estão associados às serpentes e simbolizados por elas.

No antigo Egito, o Deus Nahbkun, "aquele que une os duplos", era representado como uma serpente sobre pernas humanas, e com braços ou sem eles. Era a Luz Astral, reunindo, por meio de sua potência dual, fisiológica e espiritual, a Mônada Humano-Divina à sua Mônada puramente Divina, o Protótipo no "Céu" ou a Natureza. Era o emblema da ressurreição na Natureza; de Cristo para os ofitas; e de Jeová sob a forma da serpente de bronze, que curava aqueles que a olhavam.

A serpente foi também um emblema de Cristo entre os Templários, conforme o indica o grau templário na Maçonaria.

O símbolo de Knuph (e também de Khum), ou da Alma do Mundo — diz Champollion — "é representado, entre outras formas, sob a de uma enorme serpente sobre pernas humanas; sendo que este réptil, emblema do Bom Gênio e do verdadeiro Agathodæmon, é algumas vezes barbudo" [9]. Este animal sagrado é, pois, idêntico as serpentes dos ofitas, e aparece em um grande número de pedras gravadas, chamadas jóias gnósticas ou basilidianas. Vemo-lo com várias cabeças, de homem ou de animal, mas tais pedras sempre trazem inscrito o nome XNOTBI (Chnoubis). O símbolo é idêntico a outro que, segundo Jâmblico e Champollion, era chamado o "Primeiro dos Deuses Celestes", o Deus Hermes, ou Mercúrio entre os gregos, Deus a quem Hermes Trismegisto atribui a invenção da Magia e a primeira

(5) *Op. cit.*, p. 60.
(6) *Ibid.*
(7) *Round Towers of Ireland*, de O'Brien, p. 61, citado por Hargrave Jennings em seu *Phallicism*, p. 246.
(8) *Introduction to the Science of Religion*, p. 332.
(9) *Pantheon*, texto 3.

iniciação do homem nesta ciência. E Mercúrio é Budh, a Sabedoria, a Iluminação ou o "Novo Despertar" na Ciência Divina.

Concluindo: Kwan-Shi-Yin e Kwan-Yin são os dois aspectos, masculino e feminino, do mesmo princípio, no Cosmos, na Natureza e no Homem, da Sabedoria e Inteligência Divinas. São o Christos-Sophia dos místicos gnósticos, o Logos e sua Shakti. No afã de que a expressão de alguns mistérios jamais viesse a ser inteiramente compreendida pelos profanos, os antigos, sabendo que nada podia ser conservado na memória humana sem a ajuda de um símbolo externo, optaram pelas imagens, que com freqüência nos parecem ridículas, dos Kwans-Yins, a fim de evocarem na mente do homem sua origem e sua natureza interna. Não obstante, as Virgens ou Madonas de saia-balão e os Cristos de luvas de pelica branca devem parecer, a quem julga com imparcialidade, muito mais absurdos que os Kwans-Shi-Yins e Kwans-Yins vestidos como dragões. O subjetivo dificilmente pode ser expresso pelo objetivo. Por isso, como a forma simbólica procura caracterizar aquilo que está acima do raciocínio científico, e o que tantas vezes transcende em muito os nossos intelectos, necessário se faz rir além do intelecto, de uma ou de outra maneira, porque do contrário se apagará da memória humana.

Parte III

APÊNDICE

SOBRE CIÊNCIA OCULTA E MODERNA

O saber deste mundo inferior,
Dize tu, amigo: é falso ou verdadeiro?
Falso, que mortal o desejaria conhecer?
Verdadeiro, que mortal jamais o conheceu?

que, salvo alguns casos raros e excepcionais, se acham completamente adormecidas na constituição dos ramos de nossa atual Quinta Raça-Raiz, na Europa e na América. De outro modo não lhe será possível reunir os fatos que são necessários para fundamentar suas especulações. Não é isso evidente, segundo os princípios da Lógica Indutiva e da Metafísica?

Por outra parte, faça o que fizer a autora, não poderá jamais satisfazer ao mesmo tempo a Verdade e a Ciência. Oferecer ao leitor uma versão sistemática e ininterrupta das Estâncias Arcaicas é coisa impossível. Mister se faz omitir 43 versículos ou "slokas" que se encontram entre a 7.ª, já publicada, e a 51.ª, pela qual se inicia a matéria dos volumes III e IV, embora nestes as Estâncias sejam numeradas a partir de 1, seguindo-se a série, para facilitar a leitura e as referências. Só o aparecimento do homem sobre a Terra ocupa um número igual de Estâncias, que descrevem minuciosamente sua evolução primordial desde os Dhyân-Chohans humanos, o estado do Globo naquele tempo, etc., etc. Um grande número de nomes referentes a substâncias químicas e outros compostos, que agora já não se combinam entre si, sendo assim desconhecidas dos últimos descendentes de nossa Quinta Raça, ocupam um espaço considerável. Como sejam de todo intraduzíveis, e ficariam deste modo inexplicáveis, resolvemos omiti-los, juntamente com os trechos que não podemos tornar públicos. A despeito disso, o pouco que oferecemos será bastante para irritar aqueles partidários e defensores da ciência materialista dogmática que o lerem.

Diante da crítica suscitada, propomo-nos, antes de passar às Estâncias seguintes, defender as que já foram publicadas. Que não se acham em perfeita consonância ou harmonia com a Ciência moderna, todos o sabemos. Mas, ainda quando se ajustassem às idéias da cultura moderna, tanto quanto uma conferência de Sir William Thomson, ainda assim não seriam menos rejeitadas. Pois elas ensinam a crença em Poderes e Entidades Espirituais conscientes, em Forças terrestres semi-inteligentes e em Forças altamente intelectuais de outros planos [1], assim como em seres que vivem ao redor de nós, em esferas que nem o telescópio nem o microscópio seriam capazes de revelar. Daí a necessidade de examinarmos as crenças da ciência materialista, de compararmos suas opiniões acerca dos Elementos com as dos antigos, e de analisarmos as Forças físicas em seu conceito moderno, antes de podermos apontar os erros em que a mesma ciência labora.

Diremos algumas palavras sobre a constituição do Sol e dos planetas, e sobre as características ocultas dos chamados Devas e Gênios, que a Ciência atualmente denomina "Forças" e "modos de movimento", e veremos se a crença esotérica é ou não defensável. Sejam quais forem os esforços despendidos para afirmar o contrário, um espírito livre de preconceitos há de perceber que no "agente material ou imaterial" de Newton [2], no agente que *produz a gravidade*, e em seu Deus pessoal *ativo*, há precisa-

(1) Sendo, naturalmente, o seu intelecto de uma natureza inteiramente diferente da que podemos conceber na Terra.

(2) *Veja-se a sua Terceira Carta a Bentley*

mente tanto dos Devas e Gênios metafísicos quanto no Angelus Rector de Kepler, que dirige cada um dos planetas, e na *species immateriata*, pela qual os corpos celestes eram levados em seu curso, segundo aquele astrônomo.

Nos volumes III e IV teremos que nos defrontar abertamente com assuntos perigosos. Teremos que enfrentar corajosamente a Ciência, e declarar, à face do saber materialista, do Idealismo, do Hilo-Idealismo, do Positivismo e da Psicologia moderna, que o verdadeiro ocultista crê nos "Senhores de Luz" e crê em um Sol que, longe de ser apenas uma "lâmpada do dia" a mover-se de acordo com a lei física, e longe de ser tão-só um daqueles Sóis que, segundo Richter, "são os heliantos de uma luz superior", é, como milhões de outros Sóis, a morada ou o veículo de um Deus, e de uma legião de Deuses.

Nesse debate, a parte pior tocará, por certo, aos ocultistas. Serão considerados ignorantes *prima facie quæstionis*, e o alvo de mais de um dos habituais epítetos que o público, em seu julgamento superficial, desconhecendo as grandes verdades fundamentais da Natureza, prodigaliza aos que são acusados de acreditar em superstições medievais. Seja. Submetendo-se de antemão a todas as críticas a fim de poder continuar a sua obra, os ocultistas não vindicam senão o privilégio de demonstrar que existe tão pouco acordo entre os físicos, no tocante às suas especulações, como o há entre estas e os ensinamentos do ocultismo.

O Sol é Matéria, e o Sol é Espírito. Nossos antepassados "pagãos", como seus sucessores modernos, os parses, eram e são bastante sábios em sua geração para ver nele o símbolo da Divindade, e ao mesmo tempo sentir internamente, oculto sob o símbolo físico, o Deus radiante da Luz Espiritual e Terrestre. Tal crença só pode ser tachada de superstição pelo materialismo extremado, que nega a Divindade, o Espírito e a Alma, e não admite que possa haver inteligência fora da mente humana. Mas, se o exagero da superstição, que tem origem no "Eclesiasticismo", segundo a expressão de Laurence Oliphant, "faz do homem um tolo", um cepticismo demasiado o converte em louco. Nós preferimos ser acusados de insensatez por acreditarmos demais, a incorrer na pecha de loucura por tudo negramos, como sucede com o Materialismo e o Hilo-Idealismo. Os ocultistas acham-se, portanto, devidamente preparados para receber o que lhes reserva o materialismo, e arrostar os percalços da crítica hostil, que a autora desta obra vai sofrer, não por havê-la escrito, mas por acreditar no que aqui expõe.

Devemos, assim, antecipar e apresentar as descobertas, as hipóteses e as objeções inevitáveis, em que se apoiarão os críticos científicos. Devemos também mostrar até que ponto as Doutrinas Ocultistas se afastam da ciência hodierna, e se as teorias antigas ou as modernas são lógica e filosoficamente corretas. A unidade e as relações mútuas de todas as partes do Cosmos já eram conhecidas dos antigos antes de se tornarem evidentes aos olhos dos astrônomos e filósofos modernos. E ainda que as partes externas e visíveis do Universo, bem como suas mútuas relações, não possam ser explicadas pela Ciência física em outros termos que os usados pelos partidários da teoria mecânica do Universo, não se conclua daí que o materialista, que

nega a existência da Alma do Cosmos (matéria da Filosofia Metafísica), tenha direito a invadir esse domínio metafísico. Que a ciência física se esforce por usurpá-lo, e efetivamente o faça, é apenas uma prova a mais de que a "força prevalece sobre o direito"; mas não justifica a intrusão.

Outra boa razão para este Apêndice é a seguinte. Já que só determinada parte dos Ensinamentos Secretos pode ser dada a público na época atual, as doutrinas jamais seriam compreendidas, inclusive pelos próprios teósofos, se fossem apresentadas seb explicações ou comentários. Importa, assim, que sejam postas em confronto com as teorias da ciência moderna. *Os axiomas arcaicos devem ser colocados em paralelo com as hipóteses modernas*, e a comparação do respectivo mérito deixada à inteligência e argúcia do leitor.

No que concerne à questão dos "Sete Governadores" (como Hermes *chama os "Sete Construtores", os Espíritos que dirigem as operações* da Natureza e cujos átomos animados são, em seu próprio mundo, as sombras de seus Primários nos Reinos Astrais), esta obra terá contra si, naturalmente, todos os materialistas, assim como os homens de ciência. Todavia, essa oposição será apenas, e quando muito, temporária. Tudo aquilo que foge ao estalão habitual sempre foi objeto de zombaria, e as idéias não populares sempre foram rejeitadas de início, para depois acabarem sendo aceitas. O materialismo e o cepticismo são males que hão de subsistir no mundo enquanto o homem não deixar a sua grosseira forma atual para revestir a que tinha durante a Primeira e a Segunda Raças desta Ronda. A menos que o cepticismo e a nossa ignorância natural de hoje sejam equilibrados pela intuição e por uma espiritualidade natural, todo ser angustiado por sentimentos dessa ordem não enxergará em si mesmo senão um aglomerado de carne, ossos e músculos, com um compartimento vazio no interior, que serve para armazenar os seus sentimentos e sensações. Sir Humphrey Davy foi um grande sábio, tão profundamente versado em física como qualquer teórico de nossos dias; e no entanto abominava o materialismo. Disse ele:

> "Eu ouvia com tristeza, nas salas de dissecação, a teoria do fisiólogo sobre a secreção gradual da matéria, e como chega a ser dotada de irritabilidade, que se converte em sensibilidade, desenvolvendo os órgãos necessários por meio de forças que lhe são inerentes, e finalmente dando origem à exiência intelectual."

Contudo, não são os fisiólogos os mais passíveis de censura por falarem daquilo que eles só podem ver com os seus sentidos físicos e julgar segundo a evidência destes. Consideramos muito mais ilógicos os astrônomos e físicos, *em suas opiniões materialistas, do que os próprios fisiólogos*, conforme será demonstrado. A

> ...Luz Etérea
> Primeira das coisas,
> Quintessência pura,

de Milton, para os materialistas não é mais que

...Fator principal de alegria, a luz,
De todos os seres materiais,
Aquele que é o primeiro, o melhor [3].

Para os ocultistas, é ao mesmo tempo Espírito e Matéria. Por trás do "modo de movimento", considerado agora como "uma propriedade da matéria" e nada mais, percebem eles o Númeno radioso. É o "Espírito de Luz", o primogênito do Elemento eterno e puro, cuja energia ou emanação está concentrada no Sol, o Grande Distribuidor de Vida do Mundo Físico, assim como o oculto Sol Espiritual é o Distribuidor de Luz e de Vida dos reinos Espiritual e Psíquico. Bacuo foi um dos primeiros a dar a nota de materialismo, não só por seu método indutivo — renovação de Aristóteles mal compreendido — como pelo sentido geral de suas obras. Ele inverte a ordem da Evolução mental quando diz:

"A primeira criação de Deus foi a luz dos sentidos; a última foi a luz da razão; e sua obra do Sabbath ficou sendo, desde então e para sempre, a iluminação do Espírito." [4]

É precisamente o contrário. A Luz do Espírito é o eterno Sabbath do místico e do ocultista, e eles pouco se preocupam com a dos sentidos. O alegórico "*Fiat Lux*" significa, esotericamente interpretado, "Que os Filhos da Luz sejam", isto é, os Númenos de todos os fenômenos. Os católicos romanos dão a interpretação correta, quando dizem que as palavras se referem aos anjos; mas erram quando lhes atribuem o sentido de Poderes criados por um Deus antropomórfico, que personificam no Jeová do trovão e da pena eterna.

Tais seres são os "Filhos da Luz", porque emanam e se originam daquele Oceano Infinito de Luz, de que um dos pólos é o *Espírito* puro, perdido no absoluto do Não-Ser, e o outro pólo é a *Matéria*, na qual ele se condensa, "cristalizando-se" em tipos cada vez mais grosseiros, à medida que desce na manifestação. Assim sendo, a Matéria, embora não seja, em certo sentido, outra coisa senão o sedimento ilusório dessa Luz, cujos Raios são as Forças Criadoras, encerra em si mesma, não obstante, a presença total de sua Alma, daquele Princípio que ninguém — nem sequer os "Filhos da Luz" surgidos de sua OBSCURIDADE ABSOLUTA — conhecerá jamais. A idéia foi expressa por Milton, em termos onde a beleza da forma se casa com a verdade do conceito, quando saúda a Luz santa que é o

...Filho primogênito do Céu,
Ou o coeterno raio do Eterno;
.....
Deus, se é Luz, em Luz inacessível
Vive desde toda a Eternidade,
Vive também em ti, emanação
Radiosa da essência pura incriada [5].

(3) *O Paraíso Perdido*, Canto VII.
(4) Francis Bacon, *Essay on Truth*.
(5) *O Paraíso Perdido*, Canto III.

SEÇÃO II

OS FÍSICOS MODERNOS ESTÃO JOGANDO A "CABRA-CEGA"

O OCULTISMO propõe agora à Ciência a seguinte questão: É a luz um corpo, ou não? Seja qual for a resposta, está o primeiro apto a demonstrar que, até o presente, os físicos mais eminentes não possuem verdadeiro conhecimento a respeito deste assunto. Para saber o que é a luz, e se é uma substância real ou uma simples ondulação do "meio etéreo", é preciso que a Ciência saiba, primeiramente, o que são, na realidade, a Matéria, o Átomo, o Éter e a Força. Ora, a verdade é que ela nada sabe acerca de tudo isso, e reconhece a própria ignorância. Nem mesmo se pôs ainda de acordo quanto ao que deve acreditar, pois que hipóteses às dúzias, sobre o mesmo assunto, elaboradas por vários e ilustres cientistas, se opõem umas às outras e freqüentemente se contradizem. Suas doutas especulações podem, com um esforço de boa vontade, ser aceitas como "campos de hipóteses", numa acepção secundária, como diz Stallo. Mas, sendo radicalmente incompatíveis entre si, acabarão por se destruir mutuamente. Conforme declara o autor de *Concepts of Modern Physics*:

"Cumpre não esquecer que os diversos ramos da Ciência não passam de divisões arbitrárias da Ciência em geral. Nesses diversos ramos, o mesmo objeto físico pode ser considerado sob diferentes aspectos. Pode o físico estudar suas relações moleculares, e o químico determinar sua constituição atômica. Mas, quando ambos se ocupam do mesmo elemento ou agente, não é admissível que este possua uma série de propriedades em física e outra série de propriedades opostas em química. Se o físico e o químico pressupõem, ambos, a existência de átomos primordiais absolutamente invariáveis em volume e peso, não pode o átomo ser um cubo ou um esferóide *achatado para as necessidades da física, e uma esfera para as necessidades da química.* Um grupo de átomos constantes não pode ser um agregado de massas contínuas absolutamente inertes e impenetráveis em um cadinho ou em uma retorta, e um sistema de meros centros de forças como parte de um ímã ou de uma pilha de Clamond. O éter universal não pode ser plástico e móvel para agradar ao químico, e rígido-elástico para satisfazer o físico; não pode ser contínuo sob o comando de Sir William Thomson, e descontínuo em virtude das idéias de Cauchw e de Fresnel."[1]

Podemos citar igualmente o eminente físico G. A. Hirn, que diz a mesma coisa no volume 43 das *Mémoires de l'Académie Royale de Belgique*, que traduzimos do francês, a saber:

(1) *Concepts of Modern Physics*, Introdução à segunda edição, pp. XI, XII.

"Quando vemos a segurança com que hoje se expõem doutrinas que atribuem a coletividade, a universalidade dos fenômenos exclusivamente aos movimentos do átomo, temos o direito de esperar que a mesma unanimidade se verifique no tocante às qualidades atribuídas a este ser único, base e fundamento de tudo o que existe. Ora, desde o primeiro exame dos sistemas especiais que são propostos, experimentamos a mais estranha decepção, vendo que o átomo do químico, o átomo do físico, o do metafísico e o do matemático... absolutamente nada têm de comum, exceto o nome! O resultado inevitável é a subdivisão atual de nossas ciências, cada uma das quais constrói em sua estreita concha um átomo que satisfaz as necessidades dos fenômenos que estuda, sem se preocupar, nem de leve, com as necessidades dos fenômenos que se passam na concha vizinha. O metafísico repudia, como ilusórios, os princípios da atração e da repulsão; o matemático, que analisa as leis da elasticidade e as da propagação da luz, aceita-os implicitamente, sem nomeá-los sequer... O químico não pode explicar o agrupamento dos átomos em moléculas, freqüentemente complicadas, sem atribuir àqueles qualidades específicas distintivas; *para o físico e o metafísico, partidários das doutrinas modernas, o átomo é, pelo contrário, sempre e em toda parte, o mesmo.* Que digo? Nem sequer existe acordo em uma mesma ciência quanto às propriedades do átomo. Cada qual fabrica o átomo que convém à sua fantasia, para explicar o fenômeno que lhe interessa particularmente." [2]

O que precede é o retrato fiel, qual imagem fotográfica, da ciência e da física modernas. O "requisito prévio desse incessante labor da "imaginação científica", que tão amiúde deparamos nos eloqüentes discursos do Professor Tyndall, é decerto impressionante, conforme o mostra Stallo; e, no que respeita à variedade contraditória, deixa muito para trás todas as "fantasias" do Ocultismo. Como quer que seja, se se admite que as teorias físicas são "meros artifícios explicativos, didáticos", e se, para nos servimos das palavras de um dos críticos de Satallo, "o atomismo não é senão um sistema gráfico-simbólico" [3], então dificilmente se poderá arguir que o Ocultismo vai demasiado longe quando ele coloca, ao lado desses "artifícios" e "sistemas simbólicos", os símbolos e os artifícios dos ensinamentos arcaicos.

"AN LUMEN SIT CORPUS, NEC-NON?"
"*É a Luz um Corpo, ou não?*"

Dizem-nos, em termos peremptórios, que a luz não é um corpo. As ciências físicas afirmam que a luz é uma força, uma vibração, a ondulação do Éter. É propriedade ou qualidade da matéria, ou até mesmo um acidente desta — *jamais um corpo!*

Assim é. Esta descoberta, seja qual seja o seu mérito, isto é, o saber-se que a luz ou o calórico não é um movimento de *partículas materiais*, a Ciência a deve principalmente, senão por completo, a Sir William Grove. Foi ele o primeiro a demonstrar, em uma conferência no Instituto de Londres em 1842, que "o calor e a luz [4] podem ser considerados como afecções

(2) "Recherches expérimentales sur la relation qui existe entre la résistance de l'air et sa température", p. 68; traduzido da citação de Stallo, Introdução, p. 12.

(3) Da crítica de *Concepts of Modern Physics* em *Nature*. Veja-se a obra de Stallo, p. XVI da Introdução. (Nota da Edição de Adyar de 1938: A crítica aludida consta do *Nation*, de New York, e não do *Nature*.)

(4) O Sr. Robert Ward, discutindo as questões do Calor e da Luz no *Journal of Science* de novembro de 1881, mostra até onde vai a ignorância da Ciência sobre

da própria matéria, e não como um fluido distinto, etéreo e imponderável (*hoje*, um estado da matéria), que a penetrasse" [5]. É possível, contudo, que para alguns físicos (como Oersted, homens de ciência dos mais eminentes) a Força e as Forças fossem, tacitamente, "o Espírito (e portanto Espíritos) da Natureza". O que vários cientistas algo místicos ensinavam era que a luz, o calor, o magnetismo, a eletricidade, a gravidade, etc., não constituíam as *Causas* finais dos fenômenos visíveis, inclusive do movimento planetário, mas os *efeitos* secundários *de outras Causas*, a respeito das quais mui pouco se preocupa a Ciência de nossos dias, nelas acreditando, porém, o Ocultismo; pois os ocultistas em todas as épocas deram provas da validez de suas teses. E qual a época em que não houve ocultistas e Adeptos?

Sir Isaac Newton sustentava a teoria corpuscular dos pitagóricos, e também propendia para admitir-lhe as conseqüências, o que, em certo momento, fez o Conde De Maistre esperar que Newton haveria finalmente de conduzir a Ciência a reconhecer que as forças e os Corpos Celestes *eram impulsionados e dirigidos por Inteligências* [6]. Mas De Maistre não contava com a sua legião. As idéias e os pensamentos mais íntimos de Newton foram deturpados, e de sua profunda ciência matemática aproveitou-se apenas a crosta física.

Segundo um idealista ateu, o Dr. Lewins,

"Quando, em 1687, Sir Isaac... mostrou que a massa e o átomo são postos em ação... por uma força que lhes é inerente... deixou efetivamente de lado o Espírito, a Alma ou a Divindade, como coisas que sobram."

Se o pobre Sir Isaac houvesse previsto o uso que seus sucessores e discípulos iam dar à sua "gravidade", aquele homem piedoso e crente teria certamente preferido comer tranqüilamente a maçã, sem jamais dizer palavra sobre as idéias mecânicas sugeridas pela sua queda.

Manifestam os homens de ciência um grande desprezo pela metafísica em geral, e pela metafísica ontológica em particular. Mas, sempre que os

---

um dos fatos mais comuns da Natureza: o calor do Sol. Diz ele: "A questão da temperatura do sol tem sido objeto de investigação por muitos cientistas: Newton, um dos primeiros investigadores deste problema, procurou resolvê-lo, e, depois dele, todos os cientistas que se ocuparam de calorimetria lhe seguiram o exemplo. Cada qual acreditou haver encontrado a solução, tendo exposto com toda a confiança os respectivos resultados. Eis aqui, seguindo a ordem cronológica da divulgação de tais resultados, as temperaturas (em graus centígrados) que cada um deles apresentou: Newton, 1 699 300°; Pouillet, 11 461°; Tollner, 102 200°; Secchi, 5 344 840°; Ericsson, 2 726 700°; Fizeau, 7 500°; Waterston, 9 000 000°; Spoeren, 27 000°; Deville, 9 500°; Soret, 5 801 846°; Vicaire, 1 500°; Rosetti, 20 000°. Os cálculos variam entre 1 400° e 9 000 000°; ou seja, com uma diferença que chega a elevar-se a 8 998 600°!! Provavelmente não existe, na ciência, contradição mais pasmosa que a revelada por esses algarismos". No entanto, se algum ocultista ousasse formular uma estimativa, todos aqueles senhores, sem dúvida alguma, teriam protestado energicamente, em nome da Ciência "exata", pela não admissão desse resultado particular.

(5) Veja-se: *Correlation of the Physical Forces*, Prefácio, p. XIII.

(6) *Soirées*, vol. II (p. 317 e nota da p. 355).

ocultistas se mostram bastante corajosos para altear a voz, observamos que a ciência física materialista está saturada de Metafísica [7], e que os seus mais fundamentais princípios, embora inseparavelmente ligados ao transcendentalismo, são torturados e muitas vezes ignorados no labirinto das teorias e hipóteses contraditórias, no afã de mostrar que a Ciência moderna nada tem em comum com semelhantes "sonhos". Disso temos uma excelente confirmação no ver-se obrigada a Ciência a aceitar, como aceita, o "hipotético Éter" e a tentar explicá-lo sem sair do terreno materialista das leis átomo-mecânicas. Essa tentativa tem diretamente conduzido às mais fatais contradições e às mais radicais inconseqüências entre a suposta natureza do Éter e seu comportamento físico. Outra prova nós a deparamos nas múltiplas afirmações antinômicas concernentes ao Átomo, o mais metafísico dos objetos da criação.

Que sabe a Física moderna sobre o Éter, cuja primeira concepção pertence, incontestavelmente, aos filósofos antigos, sendo que os gregos foram buscá-la junto aos arianos, encontrando-se a origem do Éter moderno no Akâsha desfigurado? Pretende-se que esta desfiguração é uma modificação e um aperfeiçoamento da idéia de Lucrécio. Examinemos, pois, o conceito moderno, extraído de várias obras científicas que encerram as opiniões dos próprios físicos.

Demonstra Stallo que a existência do Éter é aceita pela Astronomia Física, pela Física comum e pela Química.

---

(7) A obra de Stallo que citamos mais acima, *Concepts of Modern Physics*, livro que suscitou críticas e protestos os mais veementes, é recomendada a todos quantos venham a duvidar desta afirmativa. "O antagonismo declarado da ciência para com a especulação metafísica" — escreve ele — "induziu a maioria dos cientistas a supor que os métodos e os resultados das investigações empíricas sejam de todo independentes do domínio das leis do pensamento. Ou eles ignoram e passam em silêncio as mais comezinhas regras da lógica, inclusive as leis de não-contradição, *ou as sepudiam* abertamente; e... mostram-se profundamente agastados toda vez que alguém aplica a lei de conseqüências a suas hipóteses e teorias... cujo exame à luz dessas leis consideram uma impertinente intrusão de 'princípios e métodos *a priori*' no domínio da ciência empírica. As pessoas com essa formação mental não sentem o menor embaraço em sustentar que os átomos são absolutamente inertes, e afirmar ao mesmo tempo que são perfeitamente elásticos; ou em pretender que o universo físico, em última análise, se resolve em matéria 'morta' e em movimento, negando, porém, que toda energia física seja, na realidade, cinética; ou em proclamar que todas as diferenças fenomenais no mundo objetivo são, finalmente, devidas aos vários movimentos de unidades mate-reais absolutamente simples; não admitindo, apesar disso, a proposição de que tais unidades sejam iguais" (P. XIX). A cegueira de certos físicos eminentes, no que tanger a algumas das conseqüências mais óbvias de suas próprias teorias, é de causar pasmo. "Quando o Professor Tait, secundando o Professor Stewart, enuncia que a matéria é meramente passiva (*The Unseen Universe*, seção 104), e a seguir declara, concordando com Sir William Thomson, que a matéria tem um poder, que lhe é inerente, para resistir às influências externas (*Treat. on Nat. Phil.*, vol. I, seção 216), não será impertinente perguntar-lhe como é possível conciliar essas afirmações. Quando o Professor Du Bois Reymond... insiste sobre a necessidade de deduzir todos os processos da Natureza aos movimentos de um substancial e indiferente substratum *desprovido inteiramente de qualidade* (*Ueber die Grenzen des Naturerkennens*, p. 5), havendo declarado pouco antes, na mesma conferência, que "a resolução de todas as transformações, que se produzem no mundo material, em movimentos de átomos, ocasionados *por suas forças centrais constantes*, seria o complemeito da ciência natural", nós nos vemos imersos em perplexidade, da qual temos o direito de nos libertar" (Pref. XLII-III).

"Os astrônomos consideravam o Éter, a princípio, como um fluido de tenuidade e mobilidade extremas, que não oferecia resistência sensível aos movimentos dos corpos celestes, e a questão de sua continuidade ou descontinuidade não era encarada seriamente. *Sua principal função na astronomia moderna tem sido a de servir de base às* teorias hidrodinâmicas da gravitação. Em física, esse fluido esteve por algum tempo desempenhando vários papéis, relacionados com os "imponderáveis" [tão cruelmente destruídos por Sir William Grove], chegando alguns físicos ao ponto de identificá-lo com um ou vários dentre eles [8].

Observa depois Stallo as modificações causadas pelas teorias cinéticas; e como, a partir da teoria dinâmica, foi o Éter adotado em ótica como substratum das ondulações luminosas. Depois, a fim de explicar a dispersão e a polarização da luz, tiveram os físicos, uma vez mais, que recorrer à "imaginação científica", e dotaram o Éter, sucessivamente: (a) de uma estrutura atômica ou molecular; e (b) de uma elasticidade enorme, "de modo que sua resistência à deformação excedesse em muito a dos corpos rígidos mais elásticos". Isso fez necessária a *teoria da descontinuidade essencial da Matéria* e, por conseguinte, do Éter. Após haverem aceito a descontinuidade para explicar a dispersão e a polarização, descobriram impossibilidades teóricas nessa dispersão. A "imaginação científica" de Cauchy viu nos átomos "pontos materiais sem extensão". Propôs ele, com o fim de obviar os mais tremendos obstáculos que se opunham à teoria ondulatória (entre outros, alguns teoremas de mecânica bem conhecidos, que barravam o caminho), admitir-se que o meio etéreo de propagação, em vez de ser contínuo, consistisse em partículas separadas por distâncias consideráveis. Fresnel prestou o mesmo serviço aos fenômenos da polarização. Mas E. B. Hunt derrubou as teorias de ambos [9]. Atualmente há homens de ciência que as proclamam "materialmente ilusórias", enquanto outros, os mecano-atomicistas, a elas se aferram com desesperada tenacidade. A suposição de uma *constituição atômica* ou *molecular* do Éter é, aliás, destruída pela termodinâmica, pois Clerk Maxwell demonstrou que semelhante meio seria simplesmente um *gás* [10]. Ficou, assim, provado que a hipótese dos "intervalos finitos" não serve como suplemento à teoria ondulatória. Demais, os eclipses não revelam nenhuma das variações de cor imaginadas por Cauchy, na presunção de que os raios cromáticos se propagam com velocidades diferentes. A Astronomia pôs em evidência mais de um fenômeno em completo desacordo com essa doutrina.

Desse modo, enquanto em um dos ramos da Física se admite a constituição átomo-molecular do Éter, com o fim de explicar certa ordem de fenômenos, em outro ramo se vê que semelhante constituição está em completa contradição com numerosos fatos bem comprovados, o que justifica as objeções levantadas por Hirn. A Química considera

"impossível aceitar a elasticidade enorme do éter, sem privá-lo daquelas propriedades de que dependia, sobretudo quanto à sua utilidade na elaboração das teorias

(8) Stallo, *loc. cit.*, p. IX.
(9) *Silliman's Journal*, vol. VIII, pp. 364 e s.
(10) Veja-se *Treatise on Electricity* de Clerk Maxwell, e compare-se com *Mémoire sur la Dispersion de la Lumière* de Cauchy.

químicas."

Com isso, operou-se uma transformação radical do Éter.

"As exigências da teoria átomo-mecânica têm conduzido matemáticos e físicos de nomeada a tentarem substituir os átomos tradicionais de matéria por modos peculiares de movimento vertiginoso em um meio material universal, homogêneo, incompressível e *contínuo* (o Éter)." [11]

A autora desta obra — que não tem a veleidade de possuir grande cultura científica, mas apenas uma idéia geral das teorias modernas, e um conhecimento melhor das ciências ocultas — recolhe suas armas, contra os detratores da Doutrina Esotérica, no próprio arsenal da Ciência Moderna. As contradições manifestas, as hipóteses que se destroem reciprocamente, formuladas por cientistas que gozam de renome universal, suas disputas, suas acusações e denúncias mútuas, demonstram claramente que as teorias ocultas, sejam ou não aceitas, têm o direito de ser ouvidas e estudadas, *tanto quanto qualquer das hipóteses tidas como científicas e acadêmicas.* Pouco importa, conseqüentemente, que os discípulos da Sociedade Real admitiam o Éter como um fluido *contínuo* ou *descontínuo*: isto é indiferente para o nosso objetivo atual. Prova tão-somente que uma coisa é certa: a Ciência oficial *nada sabe, até o presente, sobre a constituição do Éter.* Que a Ciência o chame matéria, se lhe apraz; mas nem como Akâsha, nem como o Æther sagrado dos gregos, pode ser encontrado em nenhum dos estados da matéria conhecidos pela Física moderna. É Matéria de outro plano, inteiramente diferente, da percepção e do Ser, e não pode ser analisado por nenhum aparelho científico, nem apreciado ou sequer concebido pela "imaginação científica", a menos que os possuidores desta imaginação estudem as ciências ocultas. O que se segue comprova esta afirmativa.

Está claramente demonstrado por Stallo, no que concerne aos principais problemas da Física moderna, como igualmente o foi por De Quatrefages e outros em relação aos da Antropologia, da Biologia, etc., que, esforçando-se por defender suas hipóteses e sistemas individuais, a maior parte dos eminentes e sábios materialistas proclamam, com muita freqüência, os mais clamorosos erros. Vejamos este caso por exemplo. A maioria deles rejeita a *actio in distans* — um dos princípios fundamentais na questão do Æther ou Akâsha no Ocultismo —; e no entanto, segundo observa judiciosamente Stallo, não existe ação física "que, examinada atentamente, não se resolva em *actio in distans*"; e ele o prova.

Ora, segundo o Professor Lodge, os argumentos metafísicos são "apelos inconscientes à experiência"; acrescentando ele que, se tal experiência *não é concebível*, então não existe. Eis suas palavras textuais:

"Se uma inteligência ou um grupo de inteligências altamente desenvolvidas entende ser absolutamente inconcebível uma doutrina que versa matéria relativamente simples e fundamental, prova isso... que esse estado de coisas inconcebível não existe." [12]

(11) Stallo, *loc. cit.*, p. X.
(12) *Nature*, vol. XXVII, p. 304.

renciado [16] e não-diferenciável é visivelmente uma ressurreição involuntária do antigo conceito ontológico da *essência pura*, a teoria em discussão possui todas as aparências de um fantasma metafísico intangível [17].

Um "fantasma" realmente, que não pode ser tocado senão com o auxílio do Ocultismo. Entre semelhante metafísica e o Ocultismo, não há mais que um passo. Os físicos que julgam a constituição atômica da Matéria compatível com sua permeabilidade não precisam afastar-se muito de sua rota para ter a explicação dos maiores fenômenos do Ocultismo, tão amiúde ridicularizado pelos físicos e materialistas de hoje. Os "pontos materiais sem extensão" de Cauchy são as mônadas de Leibnitz, e são ao mesmo tempo os materiais com que os "Deuses" e outros Poderes invisíveis formam os seus corpos. A desintegração e a reintegração de partículas "materiais" sem extensão, como fatores principais nas manifestações de fenômenos, deveriam revelar-se facilmente como uma clara possibilidade, pelo menos àqueles poucos espíritos científicos que aceitam as opiniões de Cauchy. Porque, dispondo daquela propriedade da Matéria que se chama impenetrabilidade, e considerando os átomos simplesmentte como "pontos materiais que exercem uns sobre os outros atrações e repulsões variáveis segundo as distâncias que os separam", explica o teórico francês:

"Daí se segue que, se aprouvesse ao autor da Natureza modificar tão-somente as leis segundo as quais os átomos se atraem ou se repelem uns aos outros, poderíamos imediatamente ver os corpos mais duros penetrando-se entre si, as menores partículas de matéria ocupando espaços imensos, ou as maiores massas reduzindo-se a volumes ínfimos, o Universo inteiro concentrando-se, por assim dizer, em um só ponto." [18]

E esse "ponto", *invisível em nosso plano de percepção e de matéria,* é perfeitamente visível para o olho do Adepto, que pode seguí-lo e verificar-lhe a presença em outros planos.

Assim, para os ocultistas, que dizem ser o autor da Natureza *a própria Natureza,* algo indistinto e inseparável da Divindade, esta é a conclusão: aqueles que estão versados nas *leis ocultas* da Natureza, e sabem como mudar e provocar condições novas no Éter, podem, *não* modificar as leis, mas obter os mesmos resultados operando em harmonia com essas leis *imutáveis*.

(16) Muito "diferenciado", pelo contrário, desde o dia em que saiu de sua condição *laya*.

(17) *Op. cit.*, pp. XXIV a XXVI.

(18) *Sept Leçons de Physique Générale*, pp. 38 e s., edição Moigno.

SEÇÃO III

É A GRAVITAÇÃO UMA LEI?

A TEORIA corpuscular foi posta de lado, sem mais cerimônia; mas a gravitação — o princípio em virtude do qual todos os corpos se atraem entre si, na razão direta das massas e na inversa do quadrado das distâncias que os separam — subsiste ainda hoje e reina, soberana, nas supostas ondas etéreas do Espaço. Como hipótese, esteve ameaçada de morte porque não lograva abranger todos os fatos que se apresentavam; como lei física, é a Rainha dos antigos "Imponderáveis", que foram antes todo-poderosos. "É quase uma blasfêmia... é um insulto à respeitosa memória de Newton o pô-la em dúvida!" — exclama um crítico americano de *Ísis sem Véu*. Muito bem; mas, que é, afinal de contas, esse Deus invisível e intangível, em que devemos crer com uma fé cega?

Os Astrônomos, que vêem na gravitação uma solução fácil e cômoda para tantas coisas, e uma força universal que lhes permite calcular movimentos planetários, preocupam-se muito pouco com a Causa da Atração. Dizem que a Gravidade é uma lei, uma causa em si mesma. Nós qualificamos de efeitos as forças que atuam sob esse nome, e até de efeitos bem secundários. Algum dia se verá que a hipótese científica, apesar de tudo, não é satisfatória; e terá então a mesma sorte da teoria corpuscular da luz, passando a figurar nos catálogos científicos como especulações abandonadas e obsoletas.

Acaso não manifestou o próprio Newton sérias dúvidas quanto à natureza da Força e à corporeidade dos "Agentes", como eram então chamados? O mesmo sucedeu a Cuvier, este outro farol científico que brilha nas trevas das investigações. Em sua *Révolution du Globe*, ele chama a atenção dos leitores sobre a natureza duvidosa das supostas Forças, dizendo que: "afinal de contas, não há certeza de que esses agentes não sejam Poderes Espirituais (*des Agents Spirituels*)". Ao começar os seus *Principia*, Sir Isaac Newton teve o maior cuidado em esclarecer à sua escola que não empregava a palavra "atração" em um sentido físico, relativamente à ação que os corpos exercem uns sobre os outros. Disse que, no seu entender, era um conceito puramente matemático, que não implicava consideração alguma de causas físicas, reais e primárias. Em certo trecho de seus

Principia [1], diz claramente que, consideradas do ponto de vista físico, as atrações são antes impulsos. Na Seção XI (Introdução), expressa a opinião de que "existe algum *espírito sutil, cuja força e ação determinam todos* os movimentos da matéria" [2]; e em sua *Third Letter* a Bentley assim se manifesta:

"Não é concebível que a matéria bruta inanimada possa, sem a intervenção de algo diferente *que não é material*, atuar sobre outra matéria e influenciá-la sem contato mútuo, como seria o caso da gravitação se, no sentido de Epicuro, fosse essencial e inerente à matéria... Que a gravitação seja inata, inerente e essencial à matéria, de modo que um corpo possa atuar sobre outro a distância, através do vácuo, sem a mediação de algo distinto que determine a recíproca influência de ambos, é para mim uma idéia de tal modo absurda que não creio haja nenhum pensador, versado em matérias filosóficas, que nela possa incidir alguma vez. A gravitação deve originar-se de algum agente que intervém de modo constante, segundo certas leis; mas, *que esse agente seja material ou imaterial*, é questão que deixo ao discernimento de meus leitores."

Os próprios contemporâneos de Newton ficaram surpresos com esse aparente ressurgimento das Causas Ocultas no domínio da Física. Ao seu princípio de atração Leibnitz chamava "um poder incorpóreo e inexplicável". A suposição de uma faculdade atrativa e de um vácuo absoluto foi acoimada de "repulsiva" por Bernouilli, e o princípio da *actio in distans* não mereceu mais acolhida que nos dias de hoje. Por outra parte, Euler pensou que a ação da gravidade fosse devida a um *Espírito* ou a algum agente sutil. E também Newton conhecia o Éter dos Antigos, se é que não o aceitava. Entendia que o espaço intermédio entre os corpos siderais era o vácuo. Cria, por conseguinte, como nós, que a chamada atração é dirigida por Espíritos ou um "Espírito Sutil". As palavras do grande homem, acima transcritas, produziram escassos resultados. O "absurdo" converteu-se agora em um dogma para o materialismo puro, que segue repetindo: "Não há Matéria sem Força, não há Força sem Matéria; Matéria e Força são inseparáveis, eternas e indestrutíveis (*certo*); não pode haver Força independente, pois que toda Força é uma propriedade inerente e necessária da Matéria (*falso*); em conseqüência, não existe Poder Criador imaterial". Oh! Pobre Sir Isaac!

Se, deixando de lado todos os demais homens de ciência eminentes que comungavam na opinião de Euler e Leibnitz, os ocultistas invocassem o testemunho e a autoridade, tão-somente, de Sir Isaac Newton e de Cuvier, no sentido a que há pouco nos referimos, teriam eles muito pouco a temer por parte da Ciência moderna, e poderiam proclamar em voz alta e com altivez as suas convicções. Mas as vacilações e as dúvidas daquelas duas autoridades, e também de outras muitas que poderíamos nomear, em nada impediram que a especulação científica seguisse, à ventura, pelo campo da matéria bruta, exatamente como dantes. Primeiro, era a matéria e um fluido imponderável, distinto dela, que Grove tanto criticou; depois, veio

(1) Defin. 8, Livro I, Prop. 69, "Scholium".
(2) Veja-se *Modern Materialism*, pelo Rev. W. F. Wilkinson.

o Éter, que, a princípio descontínuo, mais tarde se converteu em contínuo; e, após o Éter, surgiram as Forças Mecânicas. Estas últimas receberam, em nossos dias, carta de naturalização como "modos de movimento", e o Éter passou a ser mais misterioso e problemático que nunca.

Mais de um homem de ciência se opõe a tais opiniões grosseiramente materialistas. Não obstante, desde o tempo de Platão, que não cessava de exortar os discípulos a que não confundissem os Elementos *incorpóreos* com seus Princípios, os Elementos transcendentes ou espirituais; desde aquela época dos grandes alquimistas, que, como Paracelso, viam grande diferença entre um fenômeno e sua causa ou Númeno; até Grove, que, embora não vendo "razão alguma para privar a matéria universalmente difundida das funções comuns a toda matéria", emprega o termo Forças ali onde os seus críticos, "que não associam à palavra idéia alguma de ação específica", dizem Força; desde aqueles dias até o presente nada se tem feito para conter a maré montante do materialismo brutal. A gravitação é a causa única, o Deus ativo, e a Matéria é o seu profeta, diziam os homens de ciência há alguns anos apenas.

Desde então, mudaram de opinião várias vezes. Mas porventura compreendem os cientistas hoje, melhor do que outrora, o pensamento íntimo de Newton, que foi um dos homens de tendências mais espirituais e religiosas de sua época? Temos, certamente, o direito de duvidar.

Atribui-se a Newton haver dado o golpe de misericórdia nos Vórtices Elementais de Descartes — que não passam de ressurreição das idéias de Anaxágoras, seja dito incidentemente — embora os modernos e recentes "átomos-vórtices" de Sir William Tromson não difiram muito, em verdade, dos primeiros. Não obstante, quando o seu discípulo Forbes escreveu, no Prefácio da obra capital do seu mestre, uma frase declarando que "a atração era a causa do sistema", Newton foi o primeiro a protestar solenemente. O que na mente do grande matemático assumia a imagem vaga, mas firmemente arraigada, de Deus, como Número de todas as coisas [3], era chamado mais filosoficamente pelos ocultistas e filósofos da antiguidade: "Deuses", ou os Poderes criadores formativos. Os modos de expressar podiam ser diferentes, e as idéias mais ou menos filosoficamente enunciadas por toda a antiguidade sagrada e profana; mas o pensamento fundamental era o mesmo [4].

---

(3) Escreve o materialista Le Couturier: "A atração se tornou agora para o público o que era para o próprio Newton: uma simples palavra, uma Idéia" (*Panorama des Mondes*), porque sua causa é desconhecida. Herschel diz virtualmente a mesma coisa, quando observa que, ao estudar o movimento dos corpos celestes e os fenômenos da atração, sempre se sentia, em cada instante, penetrado pela idéia da "existência de causas que para nós atuam por trás de um véu, que lhes encobre a ação direta" (*Musée des Sciences*, agosto de 1856).

(4) Aos que nos censuram a crença em Deuses e Espíritos ativos, quando rejeitamos a idéia de um Deus pessoal, eis a nossa resposta, que se dirige tanto aos teístas como aos monoteístas: Se admitirdes que Jeová *é um dos Elohim*, estaremos prontos a reconhecê-lo. Fazei dele o Deus Eterno, Infinito e ÚNICO, como sucede, e jamais o aceitaremos nesse caráter. Deuses de tribo, sempre os houve muitos; a Divindade Una e Universal é um princípio, uma Idéia fundamental abstrata, que nada tem a ver com a obra impura da Forma finita. Não adoramos os Deuses; somente os honramos como

Para Pitágoras, as Forças eram Entidades Espirituais, Deuses, independentes dos planetas e da Matéria que vemos e conhecemos na Terra; Entidades que são os governadores do Céu Sideral. Platão representava os planetas como guiados por um Reitor interno, tal como um "bateleiro em seu barco". E Aristóteles chamava àqueles governadores "substâncias *imateriais*" [5], se bem que, não sendo iniciado, se recusasse a ver os Deuses como Entidades [6] — o que não o impediu de reconhecer que "as estrelas e os planetas não eram massas inertes, mas verdadeiros corpos ativos e viventes". Apesar de tudo, os espíritos siderais eram as "partes mais divinas de seus fenômenos (τὰ θειοτερα τῶν φανερῶν)" [7].

Se desejamos confirmação em épocas mais recentes e científicas, vemos que Tycho-Brahe reconhecia nas estrelas uma força tríplice: divina, espiritual e vital. Kepler, associando a sentença pitagórica "o Sol, guardião de Júpiter", aos versículos de David "Ele colocou seu trono no Sol", "o Senhor é o Sol", etc., dizia compreender perfeitamente que os pitagóricos pudessem acreditar que todos os Globos disseminados pelo Espaço eram Inteligências racionais (*facultates ratiocinativæ*) girando ao redor do Sol. "no qual reside um puro espírito de fogo, a fonte da harmonia geral" [8].

Quando um ocultista se refere a Fohat, a Inteligência animadora e diretora do Fluido Universal Elétrico e Vital, desperta risos. Entretanto, como já vimos, permanece até hoje desconhecida a natureza da eletricidade, assim como a da vida e até mesmo a da luz. Na manifestação de cada uma das forças da Natureza vê o ocultista a ação da qualidade ou a característica especial de seu Númeno; Númeno que é uma Individualidade distinta e inteligente, *do outro lado do Universo manifestado e mecânico*. Ora, o ocultista não nega (e, pelo contrário, está pronto a defender esta opinião) que a luz, o calor, a eletricidade, etc., sejam afecções, e não propriedades e qualidades, da Matéria. Com mais clareza: a Matéria é a condição, a base ou veículo necessário, o *sine qua non*, da manifestação dessas Forças ou Agentes em nosso plano. Mas, para fixar bem este ponto, devem os ocultistas examinar as credenciais da lei de gravidade e, sobretudo, da "Gravi-

seres superiores a nós. Com isso obedecemos ao mandamento mosaico, ao passo que os cristãos desobedecem à sua *Bíblia*, e os missionários ainda mais que todos. "Não ofenderás os Deuses", recomenda um deles, Jeová, no *Êxodo*, XXII, 28; mas, ao mesmo tempo, no versículo 20, ordena: "Aquele que sacrificar aos Deuses, exceto unicamente ao Senhor, será morto". Ora, os textos originais não mencionam Deus, mas Elohim — e desafiamos contentação, — sendo Jeová um dos Elohim, como se vê de suas próprias palavras no *Gênese*, III, 22, quando "disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós". Por conseguinte, tanto os que adoram os Elohim, os Anjos e Jeová, e lhes fazem sacrifícios, como aqueles que ofendem os Deuses de seus semelhantes, cometem um pecado muito maior que os ocultistas ou qualquer teósofo. Preferem estes últimos crer em um "Senhor" ou em outro, sendo perfeitamente livres de fazer o que lhes apraz.

(5) Comparar as "espécies imateriais a ferro lenhoso", e rir de Spiller porque alude a elas como "matéria incorpórea", em nada contribuem para resolver o mistério. (Veja-se *Concepts of Modern Physics*, p. 165, *et infra.*)

(6) Veja-se *Vossius*, vol. II, p. 528.

(7) *De Cœlo*, I, 9.

(8) *De Motibus Planetarum Harmonicis*, p. 248.

tação, a Soberana e Diretora da Matéria" em todas as suas formas. Para consegui-lo de maneira eficaz, há que relembrar a hipótese quando surgiu pela primeira vez. Antes de mais nada, terá sido Newton o primeiro que a descobriu? O número de 26 de janeiro de 1867 do *Athenœum* nos ministra curiosas informações a esse respeito. Ali se lê:

"Pode-se provar de modo positivo que Newton deveu a Bœhme tudo quanto sabia a respeito da Gravitação e suas leis. Para Bœhme, a Gravitação ou Atração era a primeira propriedade da Natureza... Seu sistema [o de Bœhme] nos ensina a parte interna das coisas, enquanto que a ciência moderna se contenta em considerar o lado externo."

E mais adiante:

"A ciência da eletricidade, que ainda não existia quando ele [Bœhme] escreveu, foi ali antecipada [em seus escritos]; e Bœhme não só descreve todos os fenômenos hoje conhecidos dessa força, mas também nos dá a sua origem, isto é, a gênese e o nascimento da própria eletricidade."

Assim é que Newton, cuja mente profunda lia facilmente nas entrelinhas, e assimilava o pensamento espiritual do grande Vidente em sua versão mística, deve a sua descoberta a Jacob Bœhme, aquele que foi criado pelos Gênios, os Nirmanakayas, que velavam por ele e o guiavam, e de quem o autor do artigo diz com tanta justeza:

"Cada novo descobrimento científico vem provar a sua profunda e intuitiva penetração nos mais secretos processos da Natureza."

E, havendo *descoberto* a gravidade, Newton, a fim de tornar possível o fenômeno da atração no espaço, teve que anular, por assim dizer, todos os obstáculos físicos capazes de impedir-lhe a livre ação, entre outros o Éter, embora tivesse ele mais que um pressentimento de sua existência. Para defender a teoria corpuscular, estabeleceu um *vácuo absoluto* entre os corpos celestes. Quaisquer que tenham sido as suas suspeitas e convicções íntimas a respeito do Éter, por numerosos que fossem os amigos a quem houvesse confiado seus pensamentos (como em sua correspondência com Bentley), jamais os seus ensinamentos revelaram que tivesse partilhado daquela crença. Se estava "persuadido de que o poder da atração não era suscetível de ser exercido pela matéria através do vácuo" [9], como se explica que até o ano de 1860 astrônomos franceses — Le Couturier por exemplo — combatessem os "resultados *desastrosos* da teoria do vácuo esposada pelo grande homem"? Disse Le Couturier:

"Já não é possível hoje sustentar, com Newton, que os corpos celestes se movem no meio do váculo imenso dos espaços... Entre as conseqüências da teoria do vácuo estabelecida por Newton, só a palavra 'atração' permanece de pé... Veremos chegar o dia em que a palavra atração desaparecerá do vocabulário científico." [10]

(9) *World-Life*, do Professor Winchell, LL.D., p. 50.
(10) *Panorama des Mondes*, pp. 47 e 53.

Escreve o Professor Winchell:

"Essas passagens [da carta a Bentley] mostram quais eram suas idéias em relação à natureza do meio de comunicação interplanetária. Apesar de declarar que os "céus são desprovidos de matéria sensível", admitia a possível exceção de "alguns vapores, gases e eflúvios mui sutis, evolados das atmosferas da terra, dos planetas e dos cometas, e de algum meio extraordinariamente etéreo e rarefeito, como o que já tivemos ocasião de descrever em outra parte." [11]

Prova isso, tão-somente, que até homens eminentes como Newton nem sempre tiveram a coragem de suas opiniões. O Doutor T. S. Hunt

"chamou a atenção sobre algumas passagens, durante muito tempo esquecidas, das obras de Newton, indicativas de que a crença em semelhante meio universal intercósmico se enraizou gradualmente em seu pensamento." [12]

Mas nunca se havia prestado atenção àquelas passagens até o dia 28 de novembro de 1881, quando o Dr. Hunt fez publicar sua "Química Celeste, desde a época de Newton". Conforme disse Le Couturier:

"Até então, a idéia universalmente difundida, inclusive entre os homens de ciência, era que Newton, quando defendia a teoria corpuscular, sustentava a existência do *vácuo*."

Se tais passagens foram "durante muito tempo esquecidas", é porque, sem dúvida alguma, estavam em contradição e conflito com as teorias preconcebidas então reinantes, até que a presença de um "meio etéreo" se fez imperativamente necessária para explicar a teoria ondulatória. Eis aí todo o segredo.

De qualquer modo, foi a partir da teoria do vácuo universal que Newton ensinou, embora talvez não acreditasse nela, que data o imenso desdém que a física moderna demonstra pela física antiga. Os sábios da antiguidade haviam sustentado que "a Natureza tem horror ao vácuo"; e os maiores matemáticos do mundo — ou mais exatamente, das raças ocidentais — tinham descoberto e posto em evidência esse antiquado "erro". E agora a ciência moderna, ainda que a seu malgrado, faz justiça ao conhecimento arcaico e se vê, ademais, na obrigação de defender, tão serôdiamente, o caráter e o poder de observação de Newton, após haver-se esquecido, durante século e meio, de prestar atenção a passagens tão sumamente importantes — muito provavelmente porque era mais prudente que passassem despercebidas. Antes tarde do que nunca!

Hoje o Pai Æther é *recebido de novo* com os braços abertos, e o associam à gravitação, com a qual permanecerá unido na boa ou má sorte, até o dia em que um dos dois ou ambos forem substituídos por outra coisa. Há trezentos anos, reinava o *plenum* por toda a parte; depois, foi convertido em um lúgubre *vazio*; e mais tarde os oceanos siderais, que a Ciência havia

(11) Newton, *Optics*, III, Questionário 28, 1704; citado em *World-Life*, p. 50.
(12) *Ibid.*, pp. 49-50.

dissecado, voltaram novamente a encher-se de ondas etéreas. *Recebe ut procedas* deve ser a divisa da "ciência exata"; "exata", sobretudo, em se reconhecer inexata cada ano bissexto.

Não questionemos, porém, com os grandes homens. Foi preciso que retornassem aos primitivos "Deuses de Pitágoras" e ao "velho Kanâda" para dar com o osso e a medula das correlações e descobertas "mais recentes"; e isto bem pode acenar com uma boa esperança aos ocultistas, no tocante aos seus deuses menores. Porque acreditamos na profecia de Le Couturier acerca da gravitação. Sabemos que se aproxima o dia em que os próprios homens de ciência, como já o fez Sir William Grove, F.R.S., exigirão uma reforma completa dos processos atuais da Ciência. Até esse dia nada há que fazer. Porque, se a gravitação fosse amanhã destronada, no dia seguinte os homens de ciência descobririam outro modo novo de movimento mecânico [13]. Rude e alcantilado é o caminho da verdadeira Ciência, e os seus dias estão cheios de contrariedades para o espírito. Contudo, em face de suas "mil" hipóteses contraditórias, propostas para explicar os fenômenos físicos, não houve nenhuma hipótese melhor que a do "movimento" — por mais paradoxal que seja a interpretação que lhe dá o materialismo. Como se pode ver nas primeiras páginas deste volume, nada têm os ocultistas que dizer contra o Movimento [14], o Grande Sopro do "incognoscível" de Herbert Spencer. Mas, crendo que tudo quanto existe na Terra é o reflexo de algo que existe no Espaço, crêem em "Sopros" menores, vivos, inteligentes e independentes de tudo, salvo da Lei, e que atuam em todas as direções durante os períodos manvantáricos. A Ciência não lhes admitirá a existência; mas, seja o que for que se ponha no lugar da atração, *aliás* gravitação, o resultado será o mesmo. A Ciência estará tão longe da solução das dificuldades como agora, a menos que entre em relações com o Ocultismo e até com a Alquimia — suposição que será considerada como impertinência, mas que não deixará de ser um fato. Já o disse Faye:

"Aos geólogos falta algo para fazerem a geologia da Lua: serem astrônomos. Também aos astrônomos, em verdade, falta algo para se dedicarem eficazmente a esse estudo: serem geólogos." [15]

(13) Quando se lêem as obras de Sir Isaac Newton com espírito imparcial e livre de preconceitos, verifica-se desde logo quanto ele hesitava entre a gravitação e a atração, a impulsão e alguma outra *causa desconhecida*, para explicar o curso regular dos movimentos planetários. Veja-se o seu *Treatise on Colour*, (Volume III, questão 31). Herschel nos assegura que Newton deixou a seus sucessores o encargo de tirar de suas descobertas todas as conclusões científicas. Para se ter idéia de como a ciência moderna abusou do privilégio de fundar suas teorias na lei da gravitação, basta ter presente quão profundamente religioso era aquele grande homem.

(14) A noção materialista de que, sendo impossível em física o movimento real ou sensível no espaço puro ou vácuo, é portanto uma *ficção* o movimento eterno do Cosmos e no Cosmos (considerados como Espaço infinito), simplesmente prova, uma vez mais, que as expressões da metafísica oriental, tais como "Espaço puro", "Ser puro", "o Absoluto", etc., jamais foram compreendidas no Ocidente.

(15) De *World-Life*, de Winchell, p. 379.

Poderia complementar o seu conceito com mais exatidão ainda:

O que falta a uns e outros é a intuição do místico.

Recordemos as sábias "observações finais" de Sir William Grove sobre a estrutura última de Matéria ou sobre as minúcias das ações moleculares, que, segundo ele acreditava, o homem jamais virá a conhecer.

"Muito mal já se fez procurando dissecar hipoteticamente a matéria e discutir a forma, tamanho e número dos átomos, e suas atmosferas de calor, éter ou eletricidade. Que seja ou não admissível considerar a eletricidade, a luz, o magnetismo, etc., como simples movimentos da matéria ordinária, é certo que todas as teorias passadas reduziram e todas as teorias atuais reduzem a ação dessas forças ao movimento. Seja porque, sendo-nos mais familiar o movimento, somos naturalmente inclinados a atribuir-lhe a causa dos outros fenômenos, como uma linguagem que, elaborada com maior facilidade, é mais capaz de explicá-los; seja porque realmente é a única maneira pela qual a nossa inteligência, contrapondo-se aos nossos sentidos, pode conceber os agentes materiais; certo é que, desde o tempo em que as noções místicas de poderes espirituais ou sobrenaturais eram empregadas para explicar os fenômenos físicos, todas as hipóteses aventadas com este objetivo os têm reduzido ao movimento."

E o mesmo sábio expõe, em seguida, uma doutrina puramente oculta:

"A expressão 'movimento perpétuo', que eu tenho freqüentemente usado nestas páginas, não deixa de ser equívoca. Se as doutrinas aqui expostas são bem fundamentadas, todo movimento é perpétuo, de certo ponto de vista. Nas massas cujo movimento é detido por um choque mútuo, gera-se calor ou o movimento das partículas; e assim o movimento continua, de modo que, se ousássemos estender a mesma ordem de pensamentos ao Universo, teríamos de supor que uma soma igual de movimento influencia sempre uma soma igual de matéria." [16]

[É precisamente o que afirma o Ocultismo, baseando-se no princípio de que

quando uma força é oposta a outra força, produzindo-se um equilíbrio estático, a balança do equilíbrio preexistente fica alterada, originando-se um novo movimento, equivalente ao que foi desviado para um estado de suspensão.

Esse processo comporta intervalos no Pralaya, mas é eterno e incessante como o "Alento", ainda quando o Cosmos manifestado se encontre em estado de repouso.]

Supondo, pois, que se abandonasse a atração ou gravitação e se passasse a considerar o Sol como um gigantesco ímã — teoria esta já aceita por alguns físicos —, ímã que atuaria sobre os planetas tal como hoje se imagina que a atração atua, isso porventura faria mudar os astronômos da posição em que se encontram atualmente? Nem uma polegada sequer. Kepler chegou a formular esta "curiosa hipótese" há cerca de 300 anos. Não foi por ele descoberta a teoria da atração e repulsão no Cosmos, porquanto já era conhecida desde os tempos de Empédocles, que às duas forças opostas deu os nomes de "amor" e "ódio", palavras que implicam

(16) *Correl. of Phys. Forces*, pp. 170-3.

a mesma idéia. Mas Kepler fez uma descrição bastante exata do magnetismo cósmico. É tão certo que esse magnetismo existe na Natureza como é certo que não existe a gravitação, pelo menos tal qual é ensinada pela Ciência, que jamais levou em consideração os diferentes modos por que atua esta dupla Força, que o Ocultismo chama de atração e repulsão, em nosso Sistema Solar, na atmosfera da Terra e, além, no Cosmos.

[Segundo escreve o grande Humboldt:

"O espaço trans-solar não revelou, até agora, nenhum fenômeno análogo ao nosso sistema solar. Uma peculiaridade do *nosso* sistema é que a matéria se tenha condensado, dentro dele, em anéis nebulosos, cujos núcleos, condensando-se, formaram as terras e as luas. Insisto: até agora *nada de semelhante foi jamais observado além do nosso sistema planetário.*" [17]

É verdade que depois de 1860 apareceu a Teoria Nebular, e que, mais bem conhecida, fez supor que haviam sido observados fenômenos idênticos além do Sistema Solar. Apesar disso, está com inteira razão aquele grande homem, e não se podem encontrar *terras* ou *luas, salvo na aparência*, fora do nosso Sistema, ou que sejam formadas com a mesma espécie de Matéria que neste existe. Tal é a Doutrina Oculta.]

O próprio Newton o provou; pois há em nosso Sistema Solar muitos fenômenos que ele se confessava incapaz de explicar por meio da lei de gravitação, tais, por exemplo, "a uniformidade de direção dos movimentos planetários, a forma quase circular das órbitas, e sua singular conformidade a um plano" [18]. Ora, existisse uma só exceção e não se poderia falar da gravitação como lei universal. Dizem-nos que "Newton, em seu Scholium geral, declara que esses ajustamentos são obra de um Ser inteligente e todo-poderoso". Que seja inteligente esse Ser, admite-se; mas, quanto a "todo-poderoso", há toda uma série de razões para pô-lo em dúvida. Pobre "Deus" seria aquele que se ocupasse de pequenas minúcias e deixasse as mais importantes a forças secundárias! A pobreza dessa argumentação e dessa lógica só é ultrapassada por Laplace, que, procurando mui justamente substituir pelo Movimento o "Ser todo-poderoso de Newton, e ignorando a verdadeira natureza desse Movimento Eterno, não viu nele mais que uma lei física cega". "Não poderiam aqueles ajustes ser um efeito das leis do movimento?" — pergunta, esquecendo, como todos os nossos homens de ciência modernos, que essa lei e esse movimento formam um círculo vicioso, enquanto *a natureza de ambos* permanecer inexplicada. Sua famosa resposta a Napoleão: "*Dieu est devenu une hypothèse inutile*", só poderia dá-la corretamente quem aderisse à filosofia vedantina. Não passa de puro sofisma, se excluímos a intervenção de Seres ativos, inteligentes e poderosos (nunca "todo-poderosos"), que são chamados "Deuses".

Mas desejaríamos perguntar aos críticos dos astrônomos da Idade Média: Por que acusar Kepler de ser tão anticientífico, quando ele oferece

(17) Veja-se a *Revue Germanique*, de 31 de dezembro de 1860, artigo "Lettres et Conversations d'Alexandre Humboldt".

(18) Winchell, *World-Life*, p. 607.

exatamente a mesma solução de Newton, mostrando-se até mais sincero, mais conseqüente e lógico do que este? Onde está a diferença entre o "Ser todo-poderoso" de Newton e os Reitores de Kepler, suas Forças Siderais e Cósmicas, ou Anjos? Kepler também é criticado por sua "curiosa hipótese em que intervém um movimento vertiginoso dentro do Sistema Solar", por suas teorias em geral, e por comungar nas idéias de Empédocles sobre a atração e repulsão, e em particular sobre o "magnetismo solar". No entanto, vários homens de ciência modernos — R. Hunt, se devemos excluir Metcalfe, o Dr. B. W. Richardson, etc. —, como se verá, são decididamente favoráveis às mesmas idéias. Em todo caso, a Kepler se desculpa pela metade, sob a escusa de que:

"Até a época de Kepler não se havia ainda reconhecido claramente interação nenhuma entre massas de matéria, que diferisse genericamente do magnetismo." [19]

E acaso está hoje *claramente* reconhecido? Pretenderá o Professor Winchell atribuir à Ciência algum conhecimento sério sobre a natureza da eletricidade ou do magnetismo — exceto que essas duas forças parecem ser os efeitos de algo produzido por uma causa não determinada?

As idéias de Kepler, escoimadas de suas tendências teológicas, são puramente Ocultas. Observou ele que:

I. O sol é um grande ímã [20]. É o que também crêem alguns eminentes homens de ciência modernos, assim como os ocultistas.

II. A substância solar é imaterial [21]. No sentido de Matéria existente em estados desconhecidos da Ciência, é óbvio.

III. Atribuiu a um ou mais Espíritos a perpétua vigilância sobre o movimento dos planetas e sobre a restauração constante da energia do Sol. Toda a antiguidade compartia dessa crença. Os ocultistas não usam a palavra Espírito, referindo-se a Forças Criadoras dotadas de inteligência; mas podemos também chamá-las Espíritos. Seremos acusados de contradição. [Dirão que, negando Deus, admitimos Almas e Espíritos atuantes, e que citamos escritores católicos romanos fanáticos em apoio de nossos argumentos. Eis a resposta: Negamos o Deus antropomórfico dos monoteístas, mas nunca o Princípio Divino na Natureza. Combatemos os protestantes e os católicos romanos no tocante a certo número de crenças dogmáticas teológicas de origem humana e sectária. Estamos de acordo com eles quando crêem em Poderes e Espíritos ativos inteligentes, apesar de não rendermos culto aos "Anjos" como o fazem os católicos da Igreja latina.]

Tal doutrina é condenada muito mais por causa do "Espírito", que nela tem lugar, do que por outra razão qualquer. Herschel (pai) também acreditava nela, e outro tanto sucede com vários homens de ciência modernos. O que não impediu o Professor Winchell de dizer que "nunca houve

(19) Winchell, *World-Life*, p. 553.
(20) Veja-se *Astronomie du Moyen Âge*, de Delambre.
(21) Veja-se *Ísis sem Véu*, pp. 270-1.

nos tempos antigos e modernos uma hipótese mais ilusória e menos consentânea às exigências dos princípios físicos" [22].

Já se disse a mesma cousa, tempos atrás, do Éter universal, e hoje ele não somente é aceito, de bom ou mau grado, mas ainda considerado como a única explicação possível para certos mistérios.

As idéias de Grove, quando as expôs pela primeira vez em Londres, no ano de 1840, foram declaradas anticientíficas; não obstante, sua teoria da Correlação das Forças é hoje universalmente admitida. Haveria mister, certamente, de alguém mais versado em ciência que a autora, para combater com mais probabilidade de vitória as idéias que hoje predominam com respeito à gravitação e a outras "soluções" similares dos mistérios cósmicos. Lembramos, contudo, algumas objeções apresentadas por sábios de renome, por astrônomos e físicos eminentes, que refugaram a teoria da rotação, bem como a da gravitação. Lê-se, por exemplo, na *Enciclopédia Francesa* que "a Ciência admite, segundo a opinião unânime dos seus representantes, que é *impossível* explicar a origem física do movimento rotatório do sistema solar".

Se perguntamos: "Qual é a causa da rotação?" — respondem-nos: "É *a força centrífuga*". "E *esta força, que é que a produz?*" "A força da rotação" — dizem-nos com toda a seriedade [23].

Conveniente será examinar até que ponto essas duas teorias se acham relacionadas entre si, direta ou indiretamente.

(22) *World-Life*, p. 554.
(23) Godefroy, *Cosmogonie de la Révélation.*

Seção IV

AS TEORIAS CIENTÍFICAS DA ROTAÇÃO

Considerando que "a causa final é julgada uma quimera, e que a Grande Causa Primeira é relegada à esfera do Desconhecido", o número das hipóteses que têm sido formuladas é extraordinário, uma verdadeira nuvem, conforme deplora com justa razão um venerando senhor. O estudante profano fica perplexo, e não sabe em qual das teorias da ciência *exata* deve acreditar. Damos em seguida uma série de hipóteses suficiente para satisfazer todos os gostos e capacidades intelectuais. Todas elas foram recolhidas de obras científicas.

Hipóteses Correntes para Explicar a Origem da Rotação

A rotação deve sua origem:

(*a*) a uma colisão de massas nebulosas que erram pelo Espaço, sem direção; ou à atração, "em casos em que não ocorre nenhum contato efetivo";

(*b*) à ação tangencial de correntes de matéria nebulosa (no caso de uma nebulosa amorfa) que descem de níveis superiores a níveis inferiores [1]; ou simplesmente à ação do centro de gravidade da massa [2].

"Existe um princípio fundamental em Física, segundo o qual *nenhum movimento de rotação poderia originar-se em semelhantes massa pela ação de suas próprias partes.* Seria o mesmo que tentar mudar a rota de um navio mediante tiros da própria tripulação sobre sua amurada" — observa a esse respeito o Professor Winchell em sua *World-Life* [3].

---

(1) Os termos "superiores" e "inferiores", sendo apenas relativos à posição do observador no Espaço, o seu uso com o objetivo de dar a impressão de que representam realidades abstratas é necessariamente enganoso.

(2) Jacob Ennis, *The Origin of the Stars.*

(3) P. 99, nota.

(*a*) Devemos o nascimento dos planetas: 1.º a uma explosão do Sol, um parto de sua massa central [4]; ou: 2.º a uma espécie de ruptura dos anéis nebulosos.

(*b*) "Os cometas são estranhos ao sistema planetário" [5]. "É incontestável que os cometas são gerados em nosso sistema solar" [6].

(*c*) "As estrelas *fixas* carecem de movimento", diz uma autoridade. "Todas as estrelas estão realmente em movimento", responde outra voz autorizada. "É fora de dúvida que todas as estrelas se movem" [7].

(*d*) "Desde há uns 350 000 000 de anos jamais cessou por um instante sequer o lento e majestoso movimento do Sol em redor do seu eixo" [8].

(*e*) "Crê Mædler que... o nosso sol tem Alcíone, nas Plêiades, como centro de sua órbita, e que são necessários 180 000 000 de anos para chegar ao fim uma só de suas revoluções" [9].

(*f*) "O sol começou a existir há 15 000 000 de anos, e só emitirá calor por mais 10 000 000 de anos" [10].

Não faz muito tempo, este mesmo cientista eminente, que assim se manifesta, dizia ao mundo que o tempo que foi necessário para o resfriamento de Terra, desde o início da formação de sua crosta até o seu estado atual, não podia exceder de 80 000 000 de anos [11]. Se a idade da Terra a partir da crosta sólida é de 40 000 000 de anos, ou metade daquela duração, e a idade do Sol não vai além de 15 000 000, devemos então concluir que em certa época a Terra foi independente do Sol?

Como as idades do Sol, dos planetas e da Terra, segundo as diferentes hipóteses científicas dos astrônomos e dos físicos, são mencionadas em outro lugar, julgamos haver dito o bastante para mostrar o desacordo que reina entre os corifeus da ciência moderna. Quer aceitemos os *quinze* milhões de anos de Sir William Thomson, ou os *mil* milhões do Sr. Huxley, para a evolução rotatória do nosso Sistema Solar, o resultado será sempre o seguinte: admitir aquela suposição da Ciência, isto é, a rotação gerada por si mesma, para os corpos celestes, compostos de Matéria inerte e, não obstante,

(4) Se tal é o caso, como explica a Ciência o tamanho comparativamente pequeno dos planetas mais próximos do Sol? A teoria da agregação meteórica é tão-somente um passo mais distante da verdade que a concepção das nebulosas, e nem sequer oferece a vantagem desta última, o seu elemento metafísico.

(5) Laplace, *Système du Monde*, p. 414, ed. de 1824.

(6) Faye, *Comptes Rendus*, t. XC, pp. 640-2.

(7) Wolf.

(8) Le Couturier, *Panorama des Mondes*.

(9) Winchell, *World-Life*, p. 140.

(10) Conferência de Sir William Thomson sobre "A teoria dinâmica latente, no que respeita à origem provável, à soma total de calor e à duração do Sol", 1887.

(11) Thomson e Tait, *Natural Philosophy*. Bischof discorda de Thomson quanto a estas cifras, e calcula que seriam necessários 350 000 000 de anos à Terra para se respriar de uma temperatura de 20 000° a 200° centígrados. Esta é também a opinião de Helmholtz.

animados por seu próprio movimento interno, durante milhões de anos, equivale:

(*a*) a uma negação evidente da lei física fundamental que declara "que um corpo tende perpetuamente para a inércia, ou seja, para continuar no mesmo estado de movimento ou de repouso, a menos que intervenha uma força externa ativa e superior, que o impulsione a outro estado";

(*b*) a admitir um impulso original, que culminaria em um movimento inalterável, dentro de um Éter resistente, que Newton declarou incompatível com esse movimento;

(*c*) a reconhecer a gravidade universal, que, segundo nos ensinam, sempre tende para um centro em queda retilínea — causa única da revolução de todo o Sistema Solar, que executa eternamente uma dupla rotação, girando cada corpo ao redor do seu eixo e percorrendo a sua órbita. Ou, conforme outra versão que por vezes deparamos:

(*d*) a aceitar que o Sol seja um ímã, ou que aquela revolução se deva a uma força magnética que atua exatamente como a gravitação, em linha reta, e varia na razão inversa do quadrado das distâncias [12];

(*e*) a dizer que tudo obedece a leis invariáveis e imutáveis, que, todavia, vemos modificarem-se muitas vezes, como sucede, por exemplo, quando alguns planetas ou outros corpos se dão a certos caprichos bem conhecidos, ou quando os cometas se aproximam ou se afastam do Sol;

(*f*) a sustentar que existe uma Força Motrix sempre proporcional à massa sobre que atua, mas independente da natureza específica desta massa; o que significa dizer, como o faz Le Couturier, que:

"Sem essa força independente da massa de que se trata, e de natureza completamente diversa, esta massa, ainda que fosse tão enorme quanto Saturno, ou tão pequena quanto Ceres, cairia sempre com a mesma velocidade." [13]

Massa que, ademais, obtém o seu peso do corpo sobre o qual pesa.

De modo que nem as concepções de Laplace sobre um fluido solar atmosférico que se estenderia além das órbitas dos planetas, nem a eletricidade de Le Couturier, nem o calor de Foucault [14], nem isto, nem aquilo, pode jamais servir de ajuda a qualquer das numerosas hipóteses a respeito da origem e permanência da rotação, para escapar à roda desse círculo vicioso; como tampouco pode fazê-lo a própria teoria da gravitação. Este mistério é o leito de Procusto da ciência física. Se a Matéria é passiva, como nos ensinam agora, o mais simples movimento não pode ser uma propriedade essencial da Matéria, pois esta é considerada apenas uma massa inerte. Como, pois, um movimento tão complicado, composto e múltiplo, harmonioso e equilibrado, que persiste durante eternidades, por milhões e milhões de anos, pode simplesmente ser atribuído à sua própria força ine-

(12) Lei de Coulomb.
(13) *Musée des Sciences*, 15 de agosto, 1857.
(14) *Panorama des Mondes*, p. 55.

rente, se esta não é uma Inteligência? Uma vontade física é coisa inteiramente nova: um conceito que certamente jamais teria ocorrido aos antigos! [Faz mais de um século que se aboliu toda distinção entre corpo e força. "A Força" — dizem os físicos — "é tão-só a propriedade de um corpo em movimento"; "a vida, propriedade de nossos órgãos animais, não é senão o resultado de sua disposição molecular" — respondem os fisiólogos. Segundo ensina Littré:

"No seio desse agregado a que se dá o nome de planeta, desenvolvem-se todas as forças imanentes da matéria... vale dizer que a matéria possui *em si mesma e por si mesma* as forças que lhe são próprias... forças que são *primárias*, e não *secundárias*. Tais forças são: a propriedade da gravidade, a da eletricidade, a do magnetismo, a da vida... Todo planeta pode desenvolver a vida... como a Terra, por exemplo, que não foi sempre habitada por uma raça humana e que agora produz homens." [15]]

Diz um astrônomo:

"Nós falamos da gravidade dos corpos celestes; mas, como se reconhece que o peso decresce proporcionalmente à distância do centro, torna-se evidente que, a certa distância, o peso deve forçosamente reduzir-se a zero. Se ali houvesse alguma *atração*, haveria equilíbrio... E como a escola moderna não admite *acima* nem *abaixo* no espaço universal, é de indagar-se o que provaria a queda da Terra, se não existisse gravitação, nem atração." [16]

Quero crer que o Conde De Maistre estava com a razão ao resolver a questão segundo suas próprias idéias teológicas. Ele corta o nó górdio, dizendo: "Os astros giram porque há quem os faz girar... e o sistema físico moderno do universo é uma impossibilidade física" [17]. Não disse Herschel a mesma coisa, quando observou que é necessária uma Vontade para imprimir um movimento circular, e outra Vontade para desviá-lo? [18] Isso mostra e explica como um planeta que se atrasa é bastante hábil para calcular o seu tempo com precisão tal que lhe permite chegar no minuto fixo exato. Pois, se é certo que a Ciência consegue por vezes, à força de muito engenho, explicar alguns desses atrasos, movimentos retrógrados, ângulos fora das órbitas, etc., como aparências que resultam da desigualdade entre a sua e a nossa marcha no percurso de nossas respectivas órbitas, não é menos certo que há outros "desvios bem reais e consideráveis", segundo Herschel, "que não podem ser explicados senão pela ação mútua e irregular daqueles planetas e pela influência perturbadora do sol".

Entendemos, porém, que, além dessas pequenas e acidentais perturbações, existem outras perturbações contínuas, ditas "seculares" (por causa da extrema lentidão com que se acentua a irregularidade e influi nas relações do movimento elíptico), e que essas perturbações podem ser corrigidas. Desde Newton — para que este mundo necessitava de reparações freqüen-

(15) *Revue des Deux Mondes*, 15 de julho, 1860.
(16) *Cosmographie*.
(17) *Soirées de Saint-Petersbourg*, notas da palestra XI, pp. 362-3.
(18) *Discours*, p. 165.

tes — até Reynaud, todos dizem a mesma coisa. Em seu *Ciel et Terre*, diz este último:

"As órbitas descritas pelos planetas estão longe de ser imutáveis, e estão, pelo contrário, sujeitas a perpétuas alterações em suas posições e formas." [19]

Admitiu ele que a gravitação e as leis da translação se mostram tão negligentes quanto prestes em corrigir seus erros. A censura, tal como está formulada, é a de que:

"Essas órbitas se alargam e se contraem alternativamente; o seu grande eixo se alonga e se encurta, ou oscila, ao mesmo tempo, da direita para a esquerda, ao redor do Sol, enquanto o próprio plano em que estão situadas se eleva e se abaixa periodicamente, girando sobre si mesmo com uma espécie de estremecimento."

A isso, De Mirville — que, como nós, acredita que "obreiros" inteligentes dirigem invisivelmente o Sistema Solar — observa com muito espírito:

"Eis aí, certamente, uma viagem que leva consigo pouca precisão mecânica; quanto ao mais, poder-se-ia compará-la à de um vapor, atirado de um lado para outro, sacudido pelas ondas, retardado ou acelerado, podendo cada um estes embaraços adiar indefinidamente a chegada, se não fosse a inteligência de um piloto e dos maquinistas para recuperar o tempo perdido e reparar as avarias." [20]

A lei da gravidade parece converter-se, por outro lado, em uma lei caduca no céu estrelado. Pelo menos, esses Primitivos siderais de longa cabeleira, que chamamos cometas, parece que respeitam muito pouco a majestade dessa lei, desafiando-a impudentemente. Contudo, e embora apresentem em quase todos os aspectos "fenômenos ainda não perfeitamente esclarecidos", crêem os partidários da ciência moderna que os cometas e os meteoros obedecem às mesmas leis e são constituídos pela mesma Matéria "que os sóis, as estrelas e as nebulosas" e, até, "que a Terra e os seus habitantes" [21].

É o que poderíamos dizer: admitir as coisas em confiança, mais ainda, com fé cega. Mas não se pode discutir a ciência exata, e os que rejeitassem as hipóteses imaginadas por seus discípulos (a gravitação, por exemplo) seriam tidos como ignorantes e insensatos. Não obstante, o autor que acabamos de citar nos conta uma curiosa lenda, recolhida dos anais científicos.

"O cometa de 1811 possuía uma cauda que media 120 milhões de milhas de comprimento e 25 milhões de milhas de diâmetro em sua parte mais larga, enquanto o diâmetro do núcleo era aproximadamente de 127 000 milhas, ou seja, mais de dez vezes o da Terra."

E ele nos diz que:

(19) Página 28.
(20) *Des Esprits*, tomo IV, pp. 155-6, "Deuxième Mémoire", III.
(21) *Modern Science and Modern Thought*, de Laing.

"Para que corpos de tamanha magnitude passem perto da Terra sem influir no movimento desta ou alterar de um segundo sequer a duração do ano, seria necessário que a substância deles fosse rarefeita a um grau inconcebível."

Assim deve ser efetivamente; ademais:

"A extrema tenuidade da massa de um cometa é também demonstrada pelo fenômeno que apresenta a sua cauda, a qual, à medida que o cometa se aproxima do sol, se projeta por vezes em uma extensão de 90 milhões de milhas, em poucas horas. O que há de notável é que a cauda se projeta em sentido contrário à gravidade, por alguma força impulsiva, provavelmente elétrica; tanto assim que a cauda sempre se afasta do Sol [!!!]... E, no entanto, por mais tênue que deva ser a matéria dos cometas, obedece à Lei comum da gravidade [!?], e, seja porque o cometa gire em uma órbita compreendida na dos planetas exteriores, seja porque se lance nos abismos do espaço, para só regressar após centenas de anos, o seu curso está regulado a cada instante pela mesma força que provoca a queda de uma maçã sobre o solo." [22]

A Ciência é como a mulher de César, não deve ser objeto de suspeita; é evidente. Mas é permitido criticá-la respeitosamente; e, em todo caso, pode-se recordar-lhe que a "maçã" é uma fruta perigosa. Pela segunda vez na história da humanidade, pode tornar-se a causa da Queda — e, já agora, da queda da Ciência "exata". Um cometa, cuja cauda desafia a lei da gravidade nas barbas do próprio Sol, dificilmente pode ser considerado submisso a essa lei.

Em uma série de obras científicas sobre Astronomia e a teoria nebular, escritas entre 1865 e 1866, a autora deste livro, modesta aprendiz em ciências, anotou, no espaço de algumas horas, não menos de trinta e nove hipóteses contraditórias, oferecidas para explicar o movimento rotatório original, gerado por si mesmo, dos corpos celestes. A autora não é astrônoma, nem matemática, nem cientista; sentiu-se, porém, na obrigação de estudar tais divergências, a fim de defender o Ocultismo em geral, e coisa ainda mais importante, de expender argumentos em prol dos ensinamentos ocultos concernentes à Astronomia e à Cosmologia. Os ocultistas viram-se sob a ameaça de terríveis penas por se permitirem pôr em dúvida as verdades científicas, mas agora readquirem a coragem. A Ciência está menos segura em sua posição "inexpugnável" do que se poderia imaginar, e muitas de suas fortalezas foram construídas sobre areia bastante movediça.

Esse modesto estudo, e pouco científico, que então fizemos, foi portanto útil e certamente muito esclarecedor. Aprendemos, com efeito, uma porção de coisas, entregando-os sobretudo ao exame atento daqueles dados astronômicos que mais provavelmente deviam entrar em conflito com as nossas crenças heterodoxas e "supersticiosas".

Descobrimos, por exemplo, no que concerne à gravitação, aos movimentos em redor do eixo e na órbita, que, uma vez dominado o movimento síncrono nas fases primitivas, isso foi suficiente para originar um movimento rotatório até o fim do Manvantara. Também chegamos a conhecer, em todas as já mencionadas combinações de possibilidades que dizem

(22) *Ibid.*, p. 17.

respeito à incipiente rotação (complicadíssimas em todos os casos), algumas das causas a que pode ser atribuída, bem como outras que deviam originá-la, assim não acontecendo por uma razão qualquer.

Entre outras coisas, ficamos sabendo que a rotação original pode ser provocada com a mesma facilidade numa massa em estado de fusão ígnea como em outra que esteja caracterizada por uma opacidade glacial [23]. Que a gravitação é uma lei a que nada pode sobrelevar, mas que, não obstante, se deixa vencer, no tempo devido ou fora de tempo, pelos corpos celestes ou terrestres mais ordinários — como, por exemplo, as caudas de cometas impertinentes. Que devemos o Universo à Santa Trindade Criadora: Matéria Inerte, Força Inconsciente Acaso Cego. Da verdadeira essência e natureza de qualquer um destes três fatores, nada sabe a Ciência; mas isto é um pormenor insignificante.

Aprendemos, assim, que, quando uma massa de matéria cósmica ou nebular — cuja natureza é absolutamente desconhecida, e que se pode encontrar em estado de fusão (Laplace), ou obscura e fria (Thomson), pois "esta mesma intervenção de calor é pura hipótese" (Faye) — se decide a dar prova de sua energia mecânica sob a forma de rotação, essa massa procede do seguinte modo: ou desata em uma conflagração espontânea, ou permanece inerte, obscura e fria, sendo ambos esses estados capazes de fazê-la rodar através do Espaço, sem causa razoável, durante milhões de anos. Seus movimentos podem ser retrógrados ou diretos, pois se apresentam umas cem razões diferentes para ambos os movimentos, fundadas em outras tantas hipóteses. Como quer que seja, ela se confunde com o labirinto de estrelas cuja origem pertence ao mesmo gênero espontâneo e milagroso; porquanto:

"*A teoria nebular não se propõe descobrir a* ORIGEM *das coisas, mas apenas uma fase da história da matéria.*" [24]

Esses milhões de sóis, planetas e satélites, compostos de matéria inerte, giram, pois, no firmamento, em imponente e majestosa simetria, movidos e guiados tão-somente, apesar de sua inércia, "por seu próprio movimento interno".

É de estranhar, depois de tudo isso, que místicos ilustres, católicos romanos piedosos e até astrônomos cultos, como Chaubard e Godefroy [25], tenham preferido a *Cabala* e os antigos sistemas à triste e contraditória interpretação moderna do Universo? O *Zohar*, pelo menos, distingue entre "as Hajaschar (as Forças de Luz), as Rachoser (as Luzes Reflexas) e a simples *exterioridade fenomenal* de seus tipos espirituais" [26].

(23) *Heaven and Earth.*

(24) Winchell, *World-Life*, p. 196.

(25) *L'Univers expliqué par la Révélation* e *Cosmogonie de la Révélation.* Veja-se, porém, a *Deuxième Mémoire* de De Mirville. O autor, inimigo fidagal do Ocultismo, escreveu, não obstante, grandes verdades.

(26) Veja-se *Kabbala Denudada*, II, p. 67.

Podemos agora abandonar a questão da "gravidade", e examinar outras hipóteses. Claro está que a Ciência física nada sabe a respeito das "Forças". Todavia, para rematar os nossos argumentos, recorremos ainda a outro homem de ciência, o Professor Jaumes, membro da Academia de Medicina de Montpellier. Eis o que diz este sábio com referência às Forças:

"Causa é aquilo que atua essencialmente na genealogia dos fenômenos, assim em todas as produções como em todas as modificações. Disse eu que a atividade (ou força) é invisível... Supô-la corpórea e *imanente às propriedades das matéria* seria uma hipótese gratuita... Remontar a Deus todas as causas... equivaleria a sustentar uma hipótese contrária a muitas verdades. Mas falar de uma *pluralidade de forças* procedentes da Divindade e dotadas de poderes próprios, que lhes são inerentes, não é contrário à razão... e estou disposto a admitir a existência de fenômenos produzidos por agentes intermediários chamados Forças ou Agentes Secundários. A *distinção* das Forças é o princípio da divisão das ciências; tantas Forças reais e separadas, outras tantas ciências-fundamentais... Não; as Forças não são suposições nem abstrações, senão realidades ativas, cujos atributos podem ser determinados com o auxílio da observação direta e da indução." [27]

(27) "Sur la Distinction des Forces, publicado nas *Mémoires de l'Académie des Sciences de Montpellier,* vol. II, fac. I, 1854.

SEÇÃO V

AS MÁSCARAS DA CIÊNCIA

Física ou Metafísica?

SE NA TERRA existe algo parecido com o progresso, dia virá em que a Ciência terá que renunciar, *nolens volens*, a idéias tão monstruosas como as de suas leis físicas que se governam a si mesmas, vazias de Alma e de Espírito; e haverá então de voltar-se para as Doutrinas Ocultas. Já o tem feito, sejam quais forem as alterações dos títulos e as edições corrigidas no catecismo científico. Faz agora mais de meio século, verificou-se, comparando o pensamento moderno com o antigo, que a nossa filosofia, apesar de sua aparente divergência com a de nossos antepassados, se compõe tão-só de somas e restos tomados da filosofia antiga e transmitidos gota a gota através do filtro dos antecedentes.

Esse fato era bem conhecido de Faraday e de outros cientistas eminentes. Os Átomos, o Éter, a própria Evolução, todas estas noções vieram até a Ciência moderna procedentes de conceitos antigos; todas são baseadas em idéias de povos arcaicos. "Conceitos" que para o profano revestem a forma de alegorias, mas que eram claras verdades ensinadas aos Eleitos durante as Iniciações; verdades que, parcialmente divulgadas pelos escritores gregos, chegaram até os nossos dias.

Não quer isso dizer que o Ocultismo houvesse algum dia esposado, sobre a Matéria, os Átomos e o Éter, as mesmas opiniões que se encontram no exoterismo dos escritores clássicos gregos. Aliás, Faraday (se devemos crer no que diz o Sr. John Tyndall) pertencia à escola aristotélica, e era mais agnóstico que materialista. Em seu *Faraday, as a Discoverer* [1], Tyndall nos diz que o grande físico adotava "as velhas reflexões de Aristóteles", que "se encontram de forma consisa em algumas de suas obras". Mas Faraday, Boscovitch e todos os mais que veêm nos átomos e nas moléculas "centros de força", e no elemento correspondente à Força uma Entidade

(1) Página 123.

autônoma, talvez estejam bem mais perto da verdade do que aqueles que, atacando-os, atacam ao mesmo tempo a "antiga teoria corpuscular de Pitágoras" — teoria que, seja dito de passagem, nunca passou à posteridade tal como realmente a ensinou o grande filósofo — sob a alegação de que ela se baseia na "ilusão de que os elementos fundamentais da matéria podem ser tomados como entidades distintas e reais".

O principal e o mais fatal dos erros cometidos pela Ciência, ao ver dos ocultistas, consiste na idéia de que se possa admitir na Natureza algo que seja matéria morta ou inorgânica. Pergunta o Ocultismo: Há algo morto ou inorgânico que seja capaz de transformar-se ou alterar-se? E acaso existe sob o sol alguma coisa que permaneça imutável ou constante?

[Para que alguma coisa esteja *morta*, é preciso que tenha estado *viva* em um momento qualquer. Quando, em que período da Cosmogonia? Diz o Ocultismo que nunca a Matéria se acha mais ativa do que quando parece morta. Um bloco de madeira ou de pedra está imóvel e é impenetrável em todos os sentidos. Não obstante, e *de facto*, suas partículas estão animadas de um movimento vibratório incessante, eterno, tão rápido que, para o olho físico, o objeto parece em absoluto desprovido de movimento; e a distância daquelas partículas entre si, no seu movimento vibratório, é tão grande (visa de outro plano de existência e percepção) como a que separa flocos de neve ou gotas de chuva. Mas, para a ciência física, isto será um absurdo.]

Em parte alguma se acha mais bem evidenciado esse falso raciocínio que na obra científica de um *sábio alemão*, o Professor Philip Spiller. Em seu Tratado de Cosmologia busca o autor demonstrar que:

"Nenhum dos constituintes materiais de um corpo, nenhum átomo é originariamente dotado de força por si mesmo; mas cada um desses átomos é absolutamente morto e não tem poder algum inerente para atuar à distância." [2]

Tal asserto, contudo, não impede Spiller de enunciar uma doutrina e um princípio ocultos. Afirma ele a *substancialidade independente da Força*, e a define como uma "matéria incorpórea" ou substância (*unkörperlicher Stoff*). Ora, em metafísica *Substância* não é *Matéria*; pode-se admitir, no interesse da discussão, que a expressão foi mal escolhida; mas tal se deve à pobreza dos idiomas europeus e, sobretudo, à escassez dos termos científicos. Spiller identifica, então, essa "matéria" com o Æther. Expressa em linguagem oculta, poder-se-ia dizer mais corretamente que aquela "Substância-Força" é o Éter positivo fenomenal sempre ativo, Prakriti; ao passo que o Æther onipresente, que a tudo impregna, é o Númeno do primeiro, a base de tudo, ou Akâsha.

Stallo, porém, situa-se abaixo de Spiller e de todos os materialistas. É acusado de "desconhecer por completo a correlação fundamental entre Força e Matéria", a respeito das quais a Ciência nada sabe de positivo. Porque, na opinião de todos os demais físicos, este "semiconceito hipos-

(2) *Der Weltœther als Kosmische Kraft*, p. 4.

tático" é não somente *imponderável* mas desprovido de forças coesivas, químicas, térmicas, elétricas e magnéticas, de todas as quais o "Æther", segundo o Ocultismo, é a Fonte e a Causa.

Eis porque Spiller, a despeito de todos os seus erros, revela mais intuição que outro qualquer homem de ciência moderno, com exceção, talvez, do Dr. Richardson, o teórico da "Força do Nervo" ou Éter Nervoso, e da "Força Solar e Força Terrestre" [3]. Porque o Æther, em Esoterismo, é a quintessência mesma de toda energia possível; e é certamente a esse Agente Universal (composto de numerosos agentes) que se devem todas as manifestações da energia nos mundos físicos, psíquico e espiritual.

Que são, na realidade, a luz e a eletricidade? Como pode a Ciência saber que uma é um "modo de movimento" e a outra um fluido? Por que não se explica a razão de estabelecer-se uma diferença entre elas, já que ambas são consideradas correlações de forças? A eletricidade, dizem-nos, é um fluido imaterial e não molecular, embora Helmholtz seja de opinião diferente; e a prova está em que a podemos engarrafar, acumular e conservar como reserva. Logo, deve simplesmente ser matéria, e não um "fluido" especial. Não é tampouco um "modo de movimento", pois que dificilmente se poderia armazenar movimento em um garrafa de Leyden. Quanto à luz, seria um "modo de movimento" ainda mais extraordinário, visto que, "por maravilhoso que pareça, a luz *pode* (também) *armazenar-se realmente para utilização oportuna*", conforme o demonstrou Grove há cerca de meio século.

"Tomai uma gravura que tenha sido conservada na escuridão durante alguns dias; deixai-a exposta à plena luz solar, isto é, submetei-a à influência do sol por uns quinze minutos; aplicai-a depois sobre papel sensível, em uma câmara escura. Ao cabo de vinte e quatro horas, ter-se-á a sua impressão sobre o papel, os brancos aparecendo em preto... Não parece que existam limites para a reprodução de gravuras." [4]

Que é que aparece fixado, colocado, por assim dizer, no papel? Certamente, o que fixa a coisa é uma Força; mas *esta coisa*, cujo resíduo permanece sobre o papel, que é?

Os nossos homens de ciência sair-se-ão do embaraço por meio de alguns eruditos termos técnicos; mas, que é que é interceptado daquele modo para deixar aprisionada uma pequena parcela de si mesmo sobre cristal, papel ou madeira? É um "movimento" ou é uma "força"? Ou nos dirão que o que permanece não é senão o efeito da Força ou do Movimento? A Força ou Energia é uma qualidade, mas toda qualidade deve pertencer a alguma coisa ou a alguém. Em Física, define-se a Força como "aquilo que modifica ou tende a modificar toda relação física entre os corpos, seja mecânica, térmica, química, elétrica, magnética, etc." Não é essa Força ou esse Movimento o que fica no papel, quando cessa de atuar a Força ou o Movimento; e, no entanto, algo, que escapa à percepção dos

(3) Veja-se *Popular Science Review*, vol. V, pp. 329-334.
(4) Veja-se *Correlation of Physical Forces*, p. 110.

nossos sentidos físicos, foi ali deixado para se tornar, por sua vez, uma causa e produzir efeitos. Que é? Não é Matéria, tal como a define a Ciência, isto é, Matéria em um de seus estados conhecidos. Diria um alquimista que é uma secreção espiritual, e rir-se-iam dele. Mas quando o físico dizia que a eletricidade armazenada é um fluido, ou que a luz fixada sobre o papel é ainda a luz solar, isto era *ciência*. [Verdade é que autoridades mais recentes repudiaram tais explicações como "teorias desacreditadas", e passam agora a divinizar o Movimento como seu único ídolo. Mas não é menos verdade que tanto eles como o seu ídolo compartirão um dia sorte igual à de seus antecessores!]

O ocultista experiente, que haja comprovado toda a série de Nidânas, de causas e efeitos, que finalmente projetam o seu derradeiro efeito sobre este nosso plano de manifestação; aquele que tenha investigado a Matéria até o seu Númeno, dirá que a explicação do físico equivale a chamar à ira, ou seus efeitos (as exclamações por ela provocadas), uma secreção ou fluido, e ao homem, que é a causa da ira, seu condutor *material*. Mas, tal como profeticamente observou Grove, aproxima-se rapidamente o dia em que se confessará que as Forças por nós conhecidas não passam de manifestações fenomenais de Realidade a respeito das quais nada sabemos, enquanto que os antigos as discerniam e veneravam.

Fez ele outra observação ainda mais significativa, que devia constituir-se em divisa da Ciência, ao contrário do que sucede. Sir William Grove disse que:

"A Ciência não deveria alimentar desejos nem prevenções. A Verdade deveria ser o seu único objetivo."

O que se vê, em nossos dias, é que os homens de ciência são mais obstinados e fanáticos que o próprio clero. Porque, se realmente não adoram a "Força-Matéria", que é o seu *Deus Ignoto*, oficiam em seu altar. E quão desconhecida ela é, pode-se inferir das numerosas confissões dos físicos e biólogos mais eminentes, com Faraday em primeiro plano. Não só disse ele que jamais se atreveria a declarar se a Força é uma propriedade ou uma função da Matéria, mas ainda que não sabia, em verdade, o que se devia entender pela palavra Matéria.

Tempo houve, acrescentou, em que acreditava saber algo sobre a Matéria. Mas, quanto mais se adiantava na vida, quanto mais estudava com afinco, tanto mais se convencia de sua completa ignorância quanto à natureza da Matéria [5].

[Essa confissão de incapacidade foi feita, cremos nós, durante um congresso científico reunido em Swansea. Faraday partilhava da opinião de Tyndall, que declara:

"À parte a sua força, que sabemos a respeito do átomo? Imaginais um núcleo a que se pode chamar *a*, e o rodeais de forças a que se pode dar o nome de *m*; para

(5) Veja-se *Electric Science*, de Buckwell.

a minha mente, o *a* ou núcleo se desvanece, e a substância consiste nos poderes *m*. E, efetivamente, que idéia podemos formar do núcleo independente de seus poderes? Que pensamento subsiste para fixar a noção de um *a* independente das forças admitidas?"]

Os ocultistas são amiúde mal compreendidos porque, na falta de melhores termos, dão à Essência da Força, *considerada sob certos aspectos*, o epíteto descritivo de *Substância*. Ora, os nomes das variedades da Substância, nos diferentes planos de percepção e existência, constituem legião. O Ocultismo oriental possui uma denominação especial para cada classe; mas a Ciência tem um só nome para todas — *Substância*, como ocorre na Inglaterra, que, segundo um francês espirituoso, foi favorecida com trinta e seis religiões, mas dispõe só de um molho para o pescado. Demais, nem os físicos ortodoxos, nem os seus críticos, parecem estar muito seguros de suas premissas, e confundem tão facilmente os efeitos como as causas. É inexato dizer, como o faz Stallo, por exemplo, que "não se pode compreender melhor a Matéria, nem conceber-lhe a presença positiva no espaço, senão como uma concreção de forças", ou que "a Força nada é sem a massa, e a massa nada é sem a Força", porquanto uma é o Númeno, e a outra o fenômeno. Também, quando Schelling disse que:

"Não passa de mera *ilusão* da mente *admitir* que algo, não sabemos o que, subsista depois de havermos despojado um objeto de todos os seus atributos" [6],

jamais lhe passou pela idéia aplicar essa observação ao domínio da metafísica transcendental. É verdade que a Força pura não é *nada* no mundo físico, sendo Tudo no reino do Espírito. Stallo diz que:

"Se reduzirmos a zero uma massa sobre a qual atua uma força dada, por pequena que seja, ou, usando termos matemáticos, se a reduzirmos a infinitamente pequena, a conseqüência será que a velocidade do movimento resultante passa a ser infinitamente grande, e que o "objeto"... não estará, em qualquer momento dado, nem aqui nem ali, mas em toda a parte; que não haverá presença real. É, portanto, impossível construir matéria por meio de uma síntese de forças." [7]

Pode estar certo no mundo fenomenal, tanto mais quanto o reflexo da Realidade Una do mundo supra-sensível apareça como real à estreiteza dos conceitos materialistas. É absolutamente inexato quando se aplica o argumento a coisas pertencentes àquelas esferas que os cabalistas chamam de supramundanas. A suposta Inércia é uma Força, segundo Newton [8]; e para o estudante das ciências esotéricas é a maior das forças ocultas. Só neste plano de ilusão pode conceber-se um corpo divorciado de suas relações com outros corpos, as que, segundo a física e a mecânica, dão lugar aos seus atributos. Tal separação realmente nunca pode existir, sendo a própria morte incapaz de isolar o corpo de suas relações com as Forças Universais, cuja síntese é a Força Única, a Vida; as relações simplesmente continuam

(6) Schelling, *Ideen*, etc., p. 18.
(7) *Op. cit.*, p. 161.
(8) *Princ.*, Def. III.

em outro plano. Mas, se Stallo tem razão, que pretende dizer o Dr. James Croll quando, ao falar da "Transformação da Gravidade", expõe as mesmas idéias sustentadas por Faraday, Waterston e outros? Porque ele diz com muita clareza que a Gravidade

"é uma força que do Espaço exterior penetra nos corpos, e que não aumenta quando os corpos se aproximam uns dos outros, como geralmente se supõe; o que sucede é que os corpos passam a um meio onde a força reina com maior intensidade." [9]

Ninguém negará que uma Força, seja a gravidade, a eletricidade ou qualquer outra, que exista *fora* dos corpos e no Espaço livre — quer se trate do Éter ou do vácuo —, deve ser *alguma coisa*, e não mera *abstração*, quando a concebemos independente da massa. De outro modo, dificilmente poderia existir com "intensidade" maior em um lugar e menor em outro. É o que também diz G. A. Hirn em sua *Théorie Mécanique de l'Univers*, tentando demonstrar:

"Que o átomo dos químicos não é uma entidade puramente convencional, ou um simples recurso explicativo, mas que realmente existe; que o seu volume é inalterável, e que, por conseguinte, não é elástico (!!). A Força, portanto, não está no átomo; está no *espaço* que separa os átomos entre si."

As opiniões que acabamos de citar, expendidas por dois homens de ciência dos mais eminentes em seus respectivos países, revelam que de nenhum modo é *anticientífico* falar da substancialidade das chamadas Forças. Sujeita a receber no futuro um nome específico qualquer, esta Força é uma Substância de alguma classe; e não pode ser outra coisa. E quem sabe se a Ciência não será algum dia a primeira a novamente adotar o nome ridicularizado de "flogisto". Seja qual for o nome que venha a prevalecer, sustentar que a Força não reside nos Átomos, mas no "espaço que os separa", pode ser muito científico; contudo, não é verdade. Para a mente do ocultista, seria o mesmo que dizer que a água não está nas gotas que compõem o oceano, mas no espaço existente entre elas.

A objeção de que há duas escolas distintas de físicos, uma das quais

"encara essa força como uma entidade substancial independente, que não é uma propriedade da matéria, nem está essencialmente associada à matéria" [10],

dificilmente ajudará o profano a ver com mais clareza. Pelo contrário, a objeção teria antes o efeito de tornar a questão mais confusa do que nunca; porque então a Força não seria nem isto nem aquilo. Considerando-a como "uma entidade substancial independente", a teoria se aproxima do Ocultismo, mas a idéia estranha e contraditória de que a Força não está "associada à matéria senão pelo poder que tem de atuar sobre ela" [11] conduz a ciência física a hipótese antinômicas das mais absurdas. Quer se trate de "Força"

(9) *Philosophical Magazine*, vol. II, p. 252.
(10) *Concepts of Modern Physics*, p. XXXI, Introdução à 2.ª edição.
(11) *Loc. cit.*

ou de "Movimento" (o Ocultismo, não vendo nenhuma diferença entre os dois termos, jamais procura separá-los), não pode isso operar em um sentido para os partidários da teoria átomo-mecânica, e em outro para os da escola rival. Também não é possível que, num caso, os Átomos sejam absolutamente uniformes em tamanho e peso, e, no outro, tenham peso diferente (lei de Avogadro). Porque, consoante as palavras do mesmo ilustre crítico:

"Ao passo que a igualdade absoluta das unidades primordiais da massa constitui assim uma parte essencial das bases mesmas da teoria mecânica, toda a química moderna está fundada em um princípio completamente oposto; princípio do qual se disse recentemente 'que ocupa em química o mesmo lugar que a lei de gravitação na astronomia' [12]. Esse princípio é conhecido sob o nome de lei de Avogadro ou de Ampère." [13]

Mostra isso que tanto a Química como a Física modernas laboram totalmente em erro nos seus princípios fundamentais respectivos. Porque, se se declara absurda a suposição da existência de átomos de gravidades específicas diferentes, com base na teoria atômica da física, e se, não obstante, a química, fundando-se nessa mesma suposição, obtém uma "comprovação experimental infalível" na formação e transformação dos compostos químicos, é então evidente que a teoria átomo-mecânica não pode subsistir. A explicação desta última, de que "as diferenças de peso não são mais que diferenças de densidade, e as diferenças de densidade se devem às diferenças de distância entre as partículas compreendidas em um espaço dado", carece realmente de validade, porquanto, antes de poder o físico sustentá-la com o argumento de que, "não havendo no átomo multiplicidade de partículas nem espaço vazio, são, por conseguinte, impossíveis as diferenças de densidade ou de peso no caso dos átomos", é preciso que ele saiba, em primeiro lugar, o que na realidade é um átomo, e é isto precisamente o que ele não pode saber. Teria que submetê-lo à observação de um de seus sentidos físicos, pelo menos; não pode fazê-lo, pela simples razão de que ninguém jamais viu, cheirou, ouviu, tocou ou degustou um átomo. O átomo pertence totalmente ao domínio da Metafísica. É uma abstração convertida em realidade (ao menos para a ciência física); e, estritamente falando, nada tem a ver com a Física, pois nunca se pode submetê-lo à prova da retorta ou da balança. A concepção mecânica passa a ser, portanto, um conglomerado confuso de teorias e dilemas os mais opostos, para a mente dos numerosos homens de ciência que estão em desacordo tanto neste ponto como

(12) J. P. Cooke, *The New Chemistry*, p. 5.

(13) "Pressupõe que volumes iguais de todas as substâncias, quando se acham em estado gasoso, e sob as mesmas condições de pressão e de temperatura, contêm o mesmo número de moléculas; donde resulta que o peso das moléculas é proporcional à gravidade específica dos gases; que, em conseqüência, diferindo esta gravidade específica, também varia o peso da molécula; e, como as moléculas de certas substâncias elementares são monatômicas (ou de um só átomo), enquanto que as moléculas de outras substâncias se compõem de vários átomos, daí se segue que os átomos destas últimas substâncias têm peso diferente" (*Concepts of Modern Physics*, p. 34). Conforme demonstra mais adiante a mesma obra, esse princípio cardeal da química teórica moderna não se pode absolutamente conciliar com a primeira proposição da teoria átomo-mecânica, a saber: a igualdade absoluta das unidades primordiais da massa.

em outros; e os ocultistas orientais, que acompanham essa luta científica, contemplam com o maior pasmo a sua evolução.

Cheguemos a uma conclusão no tocante à questão da gravidade. Como pode a Ciência crer que sabe algo de positivo sobre ela? Como pode sustentar sua posição e suas hipóteses contra as dos ocultistas, que não vêem na gravidade senão simpatia e antipatia, ou atração e repulsão, causadas pela polaridade física em nosso plano terrestre, e por fatores espirituais que escapam à sua influência? Como podem os homens de ciência discordar dos ocultistas, antes de se porem eles mesmos de acordo entre si? Ouve-se falar, é verdade, da Conservação da Energia, e, simultaneamente, da dureza e da falta de elasticidade dos Átomos; da teoria cinética dos gases, idêntica à chamada "energia potencial"; e, ao mesmo tempo, das unidades elementares de massa, absolutamente rígidas e sem elasticidade. O ocultista abre um livro científico e lê o que se segue:

"O atomismo físico quer derivar das formas do movimento atômico todas as propriedades qualitativas da matéria. Os *próprios átomos ficam como elementos completamente desprovidos de qualidade.*" [14]

E logo adiante:

"A química em sua forma última deve ser átomo-mecânica." [15]

Pouco depois, dizem-lhe que:

"Os gases são compostos de átomos que se comportam como esferas sólidas, *perfeitamente elásticas.*" [16]

Finalmente, e para tudo coroar, vemos Sir William Thomson declarando que:

"A teoria moderna da conservação da energia não nos permite admitir a falta de elasticidade, ou algo que não seja a perfeita elasticidade das moléculas últimas, tanto da matéria ultramundana como da matéria mundana." [17]

Que dizem a tudo isso os homens verdadeiramente sábios? Por "homens verdadeiramente sábios" entendemos aqueles que ligam demasiado apreço à verdade e pouquíssimo à vaidade pessoal, para dogmatizar sobre o que quer que seja, como o faz a maioria. Existem vários entre eles — e talvez sejam mais numerosos do que os que evitam confessar abertamente as suas conclusões secretas, ante o temor de ouvirem gritar: "Apedrejem-no até que morra!" — homens a quem a intuição permitiu transporem o abismo que se interpõe entre o aspecto terrestre da Matéria e o aspecto que, para nós, em nosso plano de ilusão, é a Substância subjetiva, isto é, transcen-

(14) Wundt, *Die Theorie der Materie*, p. 381.
(15) Nazesmann, *Thermochemie*, p. 150.
(16) Kroenig, Clausius, Maxwell, etc., *Philosophical Magazine*, vol. XIX, p. 18.
(17) *Philosophical Magazine*, vol. XIV, p. 321.

dentalmente objetiva, e foram assim levados a proclamar a existência desta última. Tenha-se presente que, para o ocultista, a Matéria é aquela totalidade de existência, no Cosmos, que entra em algum dos planos de percepção possível.

Sabemos perfeitamente que as teorias ortodoxas a respeito do som, do calor e da luz contrariam as doutrinas ocultistas. Mas não basta que os homens de ciência, ou seus defensores, digam que não negam a potência dinâmica da luz e do calor, e apresentem como prova a circunstância de que o radiômetro de Crookes não lhes modificou as opiniões. Se querem aprofundar a natureza última dessas forças, têm que admitir primeiramente a sua natureza *substancial*, por *supra-sensível* que seja essa natureza. Tampouco negam os ocultistas a exatidão da teoria vibratória [18]. Mas limitam as suas funções à nossa Terra, declarando-a inoperante em outros planos além do nosso; pois os Mestres em ciências ocultas percebem as Causas que produzem vibrações etéreas. Se tudo isso não passasse de ficções dos alquimistas, ou de sonhos dos místicos, então homens como Paracelso, Filaleto, Van Helmont e tantos outros deveriam ser considerados abaixo de visionários; seriam impostores e mistificadores deliberados.

Os ocultistas são censurados por darem o nome de Substância à Causa da luz, do calor, do som, da coesão, do magnetismo, etc. [19]. Clerk Maxwell declarou que a pressão da luz forte do sol sobre uma milha quadrada é, aproximadamente, de 3 1/4 libras. Diz-se que é "a energia das miríades de ondas etéreas"; e, quando aqueles a chamam uma substância que pesa sobre a referida área, proclama-se que tal explicação é anticientífica.

Nada justifica semelhante acusação. Conforme já esclarecemos mais de uma vez, os ocultistas não se furtam de modo algum a admitir que as explicações da ciência oferecem a solução dos agentes objetivos imediatos em atividade. A Ciência não se engana senão quando acredita que, por haver descoberto nas ondas vibratórias a causa *imediata* de tais fenômenos, revelou, por isso mesmo, *tudo* o que se encontra além do umbral dos sentidos. Ela não faz mais que acompanhar a sucessão dos fenômenos em um plano de efeitos, que são projeções ilusórias de uma região em que o Ocultismo penetrou há muito tempo. E o Ocultismo afirma que aqueles estremecimentos etéricos não são postos em ação, como pretende a Ciência, pelas vibrações das moléculas dos corpos conhecidos, da Matéria de nossa consciência terrestre, mas que devemos buscar as Causas últimas da luz, do calor, etc., na Matéria existente em estados supra-sensíveis, estados que são, não obstante, tão plenamente objetivos para a visão espiritual do homem como o é um cavalo ou uma árvore para o mortal ordinário. A luz e o

(18) Referindo-se ao "Aura", diz um dos Mestres em *The Occult World*: "Como poderíeis fazer-vos entender e, conseqüentemente, fazer-vos obedecer por essas Forças semi-inteligentes, cujos meios de comunicação conosco não consistem em palavras articuladas, mas sim em sons e cores em correlação com as vibrações de ambos". E esta "correlação" é o que a Ciência Moderna desconhece, apesar de explicada muitas vezes pelos alquimistas.

(19) A Substância do ocultista, contudo, está para a mais refinada Substância do físico como a Matéria Radiante está para o couro dos sapatos do químico.

calor são fantasmas ou sombras da Matéria em movimento. Esses estados podem ser percebidos pelo Vidente ou pelo Adepto durante as horas de êxtase, sob o Raio Sushumnâ (o primeiro dos Sete Raios Místicos do Sol) [20].

Devemos, portanto, reportar-nos ao ensinamento oculto que sustenta a realidade de uma essência supra-substancial e supra-sensível daquele Akâsha (não do Éter, que é somente um de seus aspectos), cuja natureza não se pode deduzir de suas manifestações mais distantes, da série meramente fenomenal de seus efeitos, neste plano terrestre. A Ciência, pelo contrário, nos declara que o calor jamais pode ser considerado como Matéria em qualquer estado concebível. Para recordar aos dogmatizadores ocidentais que a questão de modo algum se pode dar como solucionada, citaremos um crítico sumamente imparcial e cuja autoridade ninguém porá em dúvida:

"Não há diferença fundamental entre a luz e o calor... cada um é simples metamorfose do outro. Calor é luz em completo repouso, Luz é calor em movimento rápido. Quando a luz se combina com um corpo, converte-se em calor; mas, se dele se separa, volta a ser luz novamente." [21]

Não podemos dizer se o enunciado corresponde ou não à verdade; e muitos anos, talvez muitas gerações, hão de se passar antes que sejamos capazes de o dizer [22] Também se afirma que os dois grandes obstáculos à teoria do fluido (?) do calor são incontestavelmente:

1.º A produção do calor pelo atrito, pela excitação do movimento molecular.

2.º A transformação do calor em movimento mecânico.

A resposta é: há fluidos de várias espécies. Diz-se que a eletricidade é um fluido, e ao mesmo se dizia do calor ainda recentemente; mas isto porque se supunha que o calor fosse alguma substância imponderável. Tal ocorria durante o reinado supremo e autocrático da Matéria. Quando se destronou a Matéria e se proclamou o Movimento como o único soberano do Universo, o calor passou a ser um "modo de movimento". Não desesperemos: é possível que ele se transforme em outra coisa no dia de amanhã. Como o Universo, a Ciência está sempre evolucionando, e nunca pode dizer: "Eu sou o que sou". Por outra parte, a Ciência Oculta tem suas tradições imutáveis, que datam dos tempos pré-históricos. Pode errar nos porme-

(20) Os nomes dos Sete Raios — que são Sushumnâ, Harikesha, Vishvakarman, Vishvatryarchâs, Sannadha, Sarvâvasu e Svarâj — são todos místicos, e cada qual tem sua peculiar aplicação em um estado distinto de consciência para fins ocultos. O Sushumnâ, que, segundo está dito no *Nirkuta* (II, 6), serve unicamente para iluminar a Lua, é, contudo, o Raio a que são afeiçoados os Iogues iniciados. A totalidade dos Sete Raios difundidos através do Sistema Solar constitui, por assim dizer, o Upâdhi (Base) do Éter da Ciência; Upâdhi em que a luz, o calor, a eletricidade, etc., isto é, as Forças da Ciência ortodoxa, se correlacionam para produzir seus efeitos terrestres. Como efeitos psíquicos e espirituais tais Forças emanam do Upâdhi supra-solar, em que têm origem, no Æther dos ocultistas, ou Akâsha.

(21) Leslie, *Fluid Theory of Light and Heat.*

(22) Buckle, *History of Civilization*, vol. III, p. 384.

nores; mas nunca incorrerá em equívoco no tocante a questões da Lei Universal, simplesmente porque esta Ciência, com justa razão qualificada como divina pela Filosofia, nasceu em planos superiores e foi trazida à Terra por Seres mais sábios do que será o homem, inclusive na Sétima Raça de sua Sétima Ronda. E esta Ciência afirma que as Forças não são o que o ensinamento moderno pretende que sejam, isto é, afirma que o magnetismo não é um "modo de movimento"; e, pelo menos quanto a este caso particular, a ciência exata moderna sofrerá algum dia, com certeza, uma decepção.

À primeira vista, nada pode parecer mais ridículo, mais afrontosamente absurdo, que dizer, por exemplo: O Iogue hindu iniciado sabe realmente dez vezes mais que o físico europeu mais ilustre, sobre a natureza e a constituição *última da luz, tanto solar como lunar. E por que é, então, que* ele acredita que o Raio Sushumnâ é o que proporciona à Lua a luz que ela reflete? Por que é "o Raio querido do Iogue iniciado"? Por que consideram esses Iogues a Lua como a divindade da Mente? É porque, respondemos nós, a luz, ou melhor, todas as suas propriedades ocultas, todas as suas combinações e correlações com outras forças mentais, psíquicas e espirituais, eram conhecidas perfeitamente dos antigos Adeptos.

Por conseguinte, ainda que a Ciência oculta possa não estar tão bem informada quanto a Química de hoje sobre o comportamento dos elementos compostos em vários casos de correlação física, é contudo incomensuràvelmente superior, em seu conhecimento dos estados ocultos últimos da matéria e da verdadeira natureza desta, a todos os químicos e físicos juntos de nossa época.

Ora, se dissermos a verdade com toda a franqueza e sinceridade, isto é, que os antigos Iniciados tinham um conhecimento da física, como ciência da Natureza, muito mais amplo que o de nossas Academias de Ciências, todas juntas, o asserto será tachado de impertinentes e absurdo; porque se julga que as ciências físicas alcançaram em nossa época o *summum* da perfeição. Daí a pergunta em que transparece o desdém: Podem os ocultistas conciliar satisfatoriamente os dois pontos seguintes: (*a*) a produção do calor pelo atrito, pela excitação do movimento molecular; e (*b*) a transformação do calor em força mecânica — já que se atêm à velha e desacreditada teoria de que o calor é uma substância ou um fluido?

Para responder, cumpre inicialmente observar que as ciências ocultas não consideram a eletricidade, nem qualquer das forças que se supõe originadas por ela, como Matéria em nenhum dos estados conhecidos pela ciência física. Ou mais claramente: nenhuma dessas chamadas Forças é um sólido, um gás ou um fluido. Não fosse o receio de parecer pedantismo, o ocultista chegaria mesmo a opor-se a que se chamasse de fluido a eletricidade, por ser esta um efeito e não uma causa. Diria, porém, que o seu Númeno é uma Causa Consciente. O mesmo se dá com a "Força" e com o "Átomo". Vejamos o que um ilustre acadêmico, o químico Butlerof, pensa acerca dessas duas abstrações. Eis como se expressa o eminente homem de ciência:

"Que é Força? Que é, do ponto de vista estritamente científico e segundo confirmado pela lei de conservação da energia? Os nossos conceitos de força resu-

mem-se nas idéias que fazemos de tal ou tal modo de movimento. Força é, pois, simplesmente a passagem de um estado de movimento a outro; da eletricidade ao calor e à luz, do calor ao som ou a alguma função mecânica, e assim por diante [23]. Deve ter sido pelo atrito que o homem pela primeira vez conseguiu produzir o fluido elétrico; é portanto o calor que o gera, conforme se sabe, ao alterar o equilíbrio de seu estado zero [24], e a eletricidade *per se* não existe sobre a terra mais que o calor, a luz ou outra força qualquer. Como diz a Ciência, todas elas são correlações. Quando certa quantidade de calor se transforma, por meio de uma máquina a vapor, em trabalho mecânico, falamos da potência do vapor (ou força). Quando um corpo que cai encontra um obstáculo no caminho, originando assim calor e som, chamamos a isso força de colisão. Quando a eletricidade decompõe a água ou aquece um fio de platina, dizemos a força do fluido elétrico. Quando os raios do sol são interceptados por um termômetro, dilatando-se o mercúrio que este contém, falamos da energia calorífica do sol. Em uma palavra, quando cessa o estado de movimento de uma intensidade determinada, outro estado de movimento, equivalente ao anterior, toma o seu lugar; e o resultado de semelhante transformação ou correlação é a Força. Em todos os casos em que não existe tal transformação, ou passagem de um estado de movimento a outro, não há Força possível. Admitamos por um instante um estado do Universo absolutamente homogêneo, e o nosso conceito de Força fica reduzido a zero.

Torna-se, pois, evidente que a força, que o materialismo considera como a causa da diversidade que nos rodeia, em verdade não passa de um efeito, um resultado dessa diversidade. Vista por esse ângulo, a Força não é a causa do movimento, mas um resultado, e a causa da Força, ou das forças, não é a Substância ou Matéria, senão o próprio movimento. Assim, há que pôr de lado a Matéria, e com ela o princípio fundamental do materialismo, que passou a ser inútil, uma vez que a Força, reduzida a um estado de movimento, não pode dar nenhuma idéia de Substância. Se a Força é o resultado do movimento, então não se compreende por que esse movimento haveria de testificar a Matéria, e não o Espírito ou uma essência Espiritual. É certo que a nossa razão não pode conceber um movimento sem algo que se mova (e a nossa razão está com a verdade); mas a natureza ou a maneira de *ser* desse algo que se move permanece completamente desconhecida para a Ciência; e, neste caso, tem tanto direito o espiritualista de atribuí-la a um "Espírito" quanto o materialista de atribuí-la à Matéria criadora e onipotente. O materialista não goza aqui de privilégio especial, nem pode reclamá-lo. Vista sob esse prisma, a lei de conservação da energia formula para o caso pretensões e reclamos que não são legítimos. O "grande dogma": *não há força sem matéria e não há matéria sem* força cai por terra e perde inteiramente o significado solene que o Materialismo se obstinou em conferir-lhe. O conceito de Força não implica, aliás, a idéia de Matéria, e não nos obriga, de modo algum, a ver nesta a 'origem de todas as origens'." [25]

Informam-nos que a Ciência Moderna não é materialista; e nossa própria convicção nos diz que não pode sê-lo, quando o seu saber é real. Há boas razões para isso, apresentadas, inclusive, por alguns químicos e físicos. As ciências naturais não podem marchar de mãos dadas com o materialismo. Para estar à altura de sua missão, devem os homens de ciência repelir até mesmo a possibilidade de que as doutrinas materialistas tenham algo em comum com a teoria atômica; e vemos que Lange, Butlerof, Du Bois Reymond — este último talvez inconscientemente — e muitos outros o têm comprovado. Há ainda, para demonstrá-lo, a circunstância de que Kanâda, na Índia, Leucipo e Demócrito, na Grécia, e, após estes, Epi-

(23) Pode ser assim no plano da manifestação e da matéria ilusória; não que não seja nada mais, porque é muitíssimo mais.

(24) Neutro, ou "laya".

(25) Prof. A. Butlerof, *Scientific Letters*.

curo, ou seja, os primeiros atomistas conhecidos na Europa, ao mesmo tempo em que propagavam sua doutrina das proporções definidas, criam em Deuses ou Entidades supra-sensíveis. Suas idéias sobre a Matéria diferiam, portanto, das que hoje têm curso.

Seja-nos permitido tornar mais clara a nossa exposição por meio de um breve exame sinóptico das teorias filosóficas antigas e modernas acerca dos átomos, e provar assim que a Teoria Atômica elimina o Materialismo.

Do ponto de vista do Materialismo, que situa na Matéria a origem de todas as coisas, o Universo em sua plenitude é composto de átomos e de vácuo. Deixando mesmo de lado o axioma ensinado pelos antigos, e já agora absolutamente demonstrado pelo telescópio e pelo microscópio, de que a Natureza tem horror ao vácuo, que vem a ser o átomo? Escreve o Professor Butlerof:

"É, responde a ciência, a divisão limitada da Substância, a partícula indivisível da Matéria. Admitir a divisibilidade do átomo equivale a admitir um divisibilidade infinita da Substância, o que importa em reduzir a Substância a *nihil*, ou a nada. O Materialismo, por uma questão simplesmente de instinto de conservação, não pode aceitar a divisibilidade infinita; de outro modo, teria que apartar-se para sempre de seu princípio fundamental, e assinar sua própria sentença de morte." [26]

Büchner, por exemplo, como verdadeiro dogmático do Materialismo, declara que:

"Aceitar a divisibilidade infinita é um absurdo, e equivale a pôr em dúvida a existência mesma da Matéria."

O Átomo é, portanto, indivisível — diz o Materialismo. Perfeitamente. Eis o que responde Butlerof:

"Observe-se a que curiosa contradição esse princípio fundamental dos materialistas os conduz. O átomo é *indivisível*, e sabemos ao mesmo tempo que é *elástico*. Não se pode pensar, um instante sequer, em privá-lo dessa elasticidade; seria um absurdo. Átomos absolutamente não-elásticos jamais poderiam manifestar um só daqueles numerosos fenômenos que são atribuídos a suas correlações. Sem elasticidade, não poderiam os átomos manifestar sua energia, e a Substância dos materialistas ficaria desprovida de toda força. Conseqüentemente, se o Universo é composto de átomos, devem estes ser elásticos. Aí é que se nos depara um obstáculo intransponível. Quais são, efetivamente, as condições requeridas para a manifestação da elasticidade? Uma bala elástica, ao chocar-se com um obstáculo, se achata e se contrai, o que seria impossível se essa bala não fosse composta de partículas cuja posição relativa sofre uma alteração temporária no momento do choque. Pode-se dizer o mesmo da elasticidade em geral; não há elasticidade possível sem mudança na posição das partículas que compõem um corpo elástico. Quer dizer: o corpo elástico é variável, e compõe-se de partículas; ou, em outras palavras, a elasticidade só é própria dos corpos que são divisíveis. E o átomo *é* elástico." [27]

É o bastante para mostrar quanto é absurda a admissão, simultaneamente, da não divisibilidade e da elasticidade do átomo. Se o átomo é

(26) *Ibid.*
(27) *Ibid.*

elástico, *ergo* o átomo é divisível e deve compor-se de partículas ou subátomos. E estes subátomos? Ou não são elásticos, e neste caso carecem de qualquer importância dinâmica, ou também são elásticos, e então se acham, por sua vez, sujeitos à divisibilidade. E assim *ad infinitum*. Mas a divisibilidade infinita dos átomos reduz a Matéria a simples centros de Força, isto é, exclui a possibilidade de conceber-se a Matéria como uma substância objetiva.

Este círculo vicioso é fatal ao Materialismo, que se vê apanhado em suas próprias redes, sem ver como escapar ao dilema. Se diz que o átomo é indivisível, terá então que se haver com a Mecânica, que lhe formula a seguinte e embaraçosa questão:

"Nesse caso, como se move o Universo, e como se relacionam entre si as suas forças? Um mundo construído de átomos absolutamente não-elásticos é semelhante a uma máquina sem vapor: está condenado à eterna inércia." [28]

Admitam-se as explicações e os ensinamentos do Ocultismo, e, substituída a inércia cega da ciência física pelos Poderes ativos e inteligentes que se acham por detrás do véu da matéria, o movimento e a inércia se convertem em subordinados daqueles Poderes. A Ciência do Ocultismo é toda baseada na doutrina da natureza ilusória da matéria e na divisibilidade infinita do átomo. Ela abre horizontes sem limites à Substância animada pelo Sopro Divino de sua Alma em todos os estados sutis possíveis, estados ainda não sonhados sequer pelos químicos e físicos mais espiritualmente predispostos.

As idéias que precedem foram enunciadas por um acadêmico que é o mais eminente químico da Rússia, autoridade reconhecida em toda a Europa — o Professor Butlerof. É certo que ele defendia os fenômenos dos espiritistas, as chamadas materializações, em que acreditava, como também os Professores Zöllner e Hare, e ainda hoje os Srs. A. Russell Wallace, W. Crookes e muitos outros, membros da Sociedade Real, aberta ou secretamente. Mas o seu argumento quanto à natureza da Essência que opera por trás dos fenômenos físicos da luz, do calor, da eletricidade, etc., não deixa, por isso, de ser menos científico, nem se reveste de menos autoridade, e quadra admiravelmente ao caso de que nos ocupamos. A Ciência não tem o direito de negar aos ocultistas a sua pretensão de um conhecimento mais profundo das chamadas Forças, as quais, dizem eles, são unicamente os efeitos das causas postas em ação por Poderes substanciais, ainda que supra-sensíveis, e situadas muito além de toda espécie de Matéria até agora conhecida pelos homens de ciência. O mais que a Ciência pode fazer é assumir e manter uma atitude de Agnosticismo. Poderá então dizer: o vosso caso não está mais provado que o nosso; mas confessamos que em verdade nada sabemos sobre a Força e a Matéria, ou sobre aquilo que há no fundo da chamada correlação de Forças. Conseqüentemente, só o tempo pode decidir quem tem ou não tem razão. Aguardemos com paciência; no entretempo,

(28) *Ibid.*

façamos prova de mútua cortesia, em vez de nos ridicularizarmos uns aos outros.

Mas para tanto é de mister um amor ilimitado à verdade, e a renúncia àquele falso prestígio de infalibilidade, adquirido pelos homens de ciência junto à massa dos profanos ignorantes e superficiais. A fusão das duas Ciências, a arcaica e a moderna, requer antes de tudo o abandono dos atuais rumos materialistas. Exige uma espécie de misticismo religioso, e até mesmo o estudo da antiga Magia, estudo que os nossos acadêmicos jamais se disporão a empreender. Essa necessidade explica-se facilmente. Assim como o verdadeiro significado das Substâncias e dos Elementos mencionados nas antigas obras de Alquimia se acha oculto sob a forma de metáforas, as mais ridículas, do mesmo modo as naturezas física, psíquica e espiritual dos Elementos (o fogo, por exemplo) estão ocultas nos *Vedas*, e sobretudo nos *Purânas*, sob alegorias que só os Iniciados são capazes de entender. Se não tivessem nenhum significado, então todas aquelas extensas lendas a alegorias acerca do caráter sagrado dos três tipos de Fogo e dos *Quarenta e Nove Fogos originais* — personificados pelos Filhos das Filhas de Daksha e por seus Esposos os Rishis, os quais, com o primeiro Filho de Brahma e os seus três descendentes, constituem os Quarenta e Nove Fogos — não seriam mais que um palavreado néscio. Mas não é assim. Cada Fogo tem uma função e um significado diferente no mundo físico e no mundo espiritual; e possui, ademais, em sua natureza essencial, uma relação que corresponde a uma das faculdades psíquicas do homem, sem falar de suas virtualidades químicas e físicas bem determinadas, quando entra em contato com a Matéria diferenciada terrestre. A Ciência não tem nenhuma teoria para oferecer a respeito do Fogo *per se*; o Ocultismo e a antiga ciência religiosa o têm. Pode-se averiguá-lo até mesmo na fraseologia escassa e intencionalmente velada dos *Purânas*, onde, como no *Vâyu Purâna*, se vêem explicadas muitas das qualidades dos Fogos personificados. Assim, Pâvaka é o Fogo Elétrico ou Vaidyuta: Pavamâna, o Fogo produzido pelo atrito ou Nirmathya; e Shuchi, o Fogo Solar ou Saura [29]; e os três são filhos de Abhimânin, o Agni (Fogo), o filho mais velho de Brahma e Svâhâ. Além disso, Pâvaka aparece como parente de Kavyavâhana, o Fogo dos Pitris; Shuchi, de Havyavâhana, o Fogo dos Deuses; e Pavamâna, de Saharaksha, o Fogo dos Asuras.

Tudo isso mostra que os autores dos *Purânas* estavam perfeitamente familiarizados com as Forças da Ciência e suas correlações, e também com as diferentes qualidades destas últimas em sua relação com os fenômenos psíquicos e físicos, agora desconhecidos da Ciência física, que não lhes dá crédito.

Naturalmente, quando o orientalista, e especialmente um daqueles de tendências materialistas, não vê ali mais do que denominações do Fogo, usadas nas invocações e nos rituais, dirá que se trata de "superstições e mistificações Tântrika"; e porá maior empenho em evitar um erro de ortografia que em dar atenção ao significado oculto daquelas personificações,

(29) Chamado "o bebedor das águas", o calor solar que faz evaporar a água.

elástico, *ergo* o átomo é divisível e deve compor-se de partículas ou subátomos. E estes subátomos? Ou não são elásticos, e neste caso carecem de qualquer importância dinâmica, ou também são elásticos, e então se acham, por sua vez, sujeitos à divisibilidade. E assim *ad infinitum*. Mas a divisibilidade infinita dos átomos reduz a Matéria a simples centros de Força, isto é, exclui a possibilidade de conceber-se a Matéria como uma substância objetiva.

Este círculo vicioso é fatal ao Materialismo, que se vê apanhado em suas próprias redes, sem ver como escapar ao dilema. Se diz que o átomo é indivisível, terá então que se haver com a Mecânica, que lhe formula a seguinte e embaraçosa questão:

"Nesse caso, como se move o Universo, e como se relacionam entre si as suas forças? Um mundo construído de átomos absolutamente não-elásticos é semelhante a uma máquina sem vapor: está condenado à eterna inércia." [28]

Admitam-se as explicações e os ensinamentos do Ocultismo, e, substituída a inércia cega da ciência física pelos Poderes ativos e inteligentes que se acham por detrás do véu da matéria, o movimento e a inércia se convertem em subordinados daqueles Poderes. A Ciência do Ocultismo é toda baseada na doutrina da natureza ilusória da matéria e na divisibilidade infinita do átomo. Ela abre horizontes sem limites à Substância animada pelo Sopro Divino de sua Alma em todos os estados sutis possíveis, estados ainda não sonhados sequer pelos químicos e físicos mais espiritualmente predispostos.

As idéias que precedem foram enunciadas por um acadêmico que é o mais eminente químico da Rússia, autoridade reconhecida em toda a Europa — o Professor Butlerof. É certo que ele defendia os fenômenos dos espiritistas, as chamadas materializações, em que acreditava, como também os Professores Zöllner e Hare, e ainda hoje os Srs. A. Russell Wallace, W. Crookes e muitos outros, membros da Sociedade Real, aberta ou secretamente. Mas o seu argumento quanto à natureza da Essência que opera por trás dos fenômenos físicos da luz, do calor, da eletricidade, etc., não deixa, por isso, de ser menos científico, nem se reveste de menos autoridade, e quadra admiravelmente ao caso de que nos ocupamos. A Ciência não tem o direito de negar aos ocultistas a sua pretensão de um conhecimento mais profundo das chamadas Forças, as quais, dizem eles, são unicamente os efeitos das causas postas em ação por Poderes substanciais, ainda que supra-sensíveis, e situadas muito além de toda espécie de Matéria até agora conhecida pelos homens de ciência. O mais que a Ciência pode fazer é assumir e manter uma atitude de Agnosticismo. Poderá então dizer: o vosso caso não está mais provado que o nosso; mas confessamos que em verdade nada sabemos sobre a Força e a Matéria, ou sobre aquilo que há no fundo da chamada correlação de Forças. Conseqüentemente, só o tempo pode decidir quem tem ou não tem razão. Aguardemos com paciência; no entretempo,

(28) *Ibid.*

façamos prova de mútua cortesia, em vez de nos ridicularizarmos uns aos outros.

Mas para tanto é de mister um amor ilimitado à verdade, e a renúncia àquele falso prestígio de infalibilidade, adquirido pelos homens de ciência junto à massa dos profanos ignorantes e superficiais. A fusão das duas Ciências, a arcaica e a moderna, requer antes de tudo o abandono dos atuais rumos materialistas. Exige uma espécie de misticismo religioso, e até mesmo o estudo da antiga Magia, estudo que os nossos acadêmicos jamais se disporão a empreender. Essa necessidade explica-se facilmente. Assim como o verdadeiro significado das Substâncias e dos Elementos mencionados nas antigas obras de Alquimia se acha oculto sob a forma de metáforas, as mais ridículas, do mesmo modo as naturezas física, psíquica e espiritual dos Elementos (o fogo, por exemplo) estão ocultas nos *Vedas*, e sobretudo nos *Purânas*, sob alegorias que só os Iniciados são capazes de entender. Se não tivessem nenhum significado, então todas aquelas extensas lendas a alegorias acerca do caráter sagrado dos três tipos de Fogo e dos *Quarenta e Nove Fogos originais* — personificados pelos Filhos das Filhas de Daksha e por seus Esposos os Rishis, os quais, com o primeiro Filho de Brahma e os seus três descendentes, constituem os Quarenta e Nove Fogos — não seriam mais que um palavreado néscio. Mas não é assim. Cada Fogo tem uma função e um significado diferente no mundo físico e no mundo espiritual; e possui, ademais, em sua natureza essencial, uma relação que corresponde a uma das faculdades psíquicas do homem, sem falar de suas virtualidades químicas e físicas bem determinadas, quando entra em contato com a Matéria diferenciada terrestre. A Ciência não tem nenhuma teoria para oferecer a respeito do Fogo *per se*; o Ocultismo e a antiga ciência religiosa o têm. Pode-se averiguá-lo até mesmo na fraseologia escassa e intencionalmente velada dos *Purânas*, onde, como no *Vâyu Purâna*, se vêem explicadas muitas das qualidades dos Fogos personificados. Assim, Pâvaka é o Fogo Elétrico ou Vaidyuta: Pavamâna, o Fogo produzido pelo atrito ou Nirmathya; e Shuchi, o Fogo Solar ou Saura [29]; e os três são filhos de Abhimânin, o Agni (Fogo), o filho mais velho de Brahma e Svâhâ. Além disso, Pâvaka aparece como parente de Kavyavâhana, o Fogo dos Pitris; Shuchi, de Havyavâhana, o Fogo dos Deuses; e Pavamâna, de Saharaksha, o Fogo dos Asuras.

Tudo isso mostra que os autores dos *Purânas* estavam perfeitamente familiarizados com as Forças da Ciência e suas correlações, e também com as diferentes qualidades destas últimas em sua relação com os fenômenos psíquicos e físicos, agora desconhecidos da Ciência física, que não lhes dá crédito.

Naturalmente, quando o orientalista, e especialmente um daqueles de tendências materialistas, não vê ali mais do que denominações do Fogo, usadas nas invocações e nos rituais, dirá que se trata de "superstições e mistificações Tântrika"; e porá maior empenho em evitar um erro de ortografia que em dar atenção ao significado oculto daquelas personificações,

(29) Chamado "o bebedor das águas", o calor solar que faz evaporar a água.

ou em buscar-lhes a explicação nas correlações físicas das Forças, uma vez estas conhecidas. Tem-se, realmente, em tão pequena conta o saber dos antigos arianos, que até passagens sobremodo esclarecedoras, como a do *Vishnu Purâna* que transcrevemos adiante, passam inteiramente despercebidas. Que podem significar, porém, estas palavras?

"Então, o éter, o ar, a luz, a água e a terra, unidos individualmente às propriedades do som e outras, existiam e podiam ser distinguidas segundo as suas qualidades... mas, possuindo muitas e variadas energias, e não estando relacionados entre si, não podiam, sem combinar-se, criar seres viventes, por não se terem fundido uns nos outros. Eis que, havendo-se combinado entre si, assumiram, por meio de sua mútua associação, o caráter de uma massa de completa unidade e sob a direção do Espírito, etc." [30]

Significam, sem dúvida, que os seus autores conheciam perfeitamente a correlação, e estavam bem informados sobre a origem do Cosmos, emanado do "Princípio Indiviso", Avyaktânugrahena, aplicados conjuntamente a Parabrahman e Prakriti — e não a "Avyakta, ou seja, à Causa Primeira ou Matéria", na tradução de Wilson. Os antigos Iniciados não conheciam nenhuma "Criação Miraculosa", mas ensinavam a evolução dos átomos em nosso plano físico, e sua primeira diferenciação do estado Laya ao Protilo, nome expressivo que William Crookes deu à Matéria ou Substância Primordial *além da linha zero* — ali onde nós situamos Mûlaprakriti, o Princípio-Raiz do Material do Mundo e de tudo o que no Mundo existe.

A demonstração é fácil. Tomai, por exemplo, o catecismo dos vedantinos Vishishthâdvaita, recentemente publicado, sistema ortodoxo e exotérico que já era livremente exposto e ensinado no século XI [31], numa época em que a "ciência" européia ainda acreditava na Terra quadrada e chata de Cosmas Indicopleustes, do século VI. Ensina aquele sistema que, antes de ter início a Evolução, Prakriti, a Natureza, se encontrava em estado de Laya ou de homogeneidade absoluta; pois a "Matéria existe em duas condições: Sûkshma, ou condição latente e indiferenciada, e Sthûla, ou condição diferenciada". Depois, converteu-se em Anu, atômica. O mesmo sistema nos fala de Suddasattva, "uma substância não sujeita às qualidades da Matéria, da qual difere por completo"; e acrescenta que é desta Substância que são formados os corpos dos Deuses, habitantes do Vaikunthaloka, o Céu de Vishnu. Diz que cada partícula ou átomo de Prakriti contém um Jiva (a vida divina), constitui o Sharira (corpo) desse Jiva; e que cada Jiva é, por sua vez, o Sharira do Espírito Supremo, visto que "Parabrahman impregna todos os Jivas, assim como todas as partículas de Matéria".

Por dualística e antropomórfica que seja a filosofia dos Vishishthâdvaitas, quando comparada à dos Advaittas (os não-dualistas), é, contudo, imensamente superior em lógica à cosmogonia aceita pelo Cristianismo ou por seu grande adversário, a Ciência Moderna. Os discípulos de uma das maiores inteligências que já têm surgido na face da Terra, os vedantinos advaitas, são chamados ateus porque consideram tudo como uma ilusão,

(30) *Vishnu Purâna*, Wilson, I, 38.

(31) Râmânujâchârya, seu fundador, nasceu no ano de 1017.

exceto Parabrahman, o Sem Par, ou a Realidade Absoluta. No entanto, de suas fileiras saíram os mais sábios Iniciados e também os maiores Iogues. Os *Upanishads* mostram que o seu saber não era, seguramente, limitado ao conhecimento da substância causal nos efeitos do atrito, e que seus antecessores conheciam não somente a transformação do calor em força mecânica, mas ainda o Número de todos os fenômenos, tanto espirituais como cósmicos.

Em verdade, o jovem brâmane, que se gradua nos colégios e universidades da Índia com as melhores notas, que entra na vida como M.A.[32] e LL.B.[33], com uma série de iniciais, desde o alfa até o ômega, em seguida ao seu nome, e com um desprezo pelos seus Deuses nacionais na razão direta dos títulos conquistados em seus estudos de ciências físicas; em verdade, esse brâmane não precisa senão ler, à luz destas últimas, e sem perder de vista a correlação das Forças físicas, certas passagens de seus *Purânas*, se deseja conhecer quanto os seus antepassados sabiam a respeito daquilo que a ele jamais será dado saber, a menos que venha a tornar-se um ocultista. Que estude a alegoria dos Purûravas e do Gandharva celeste[34], que entregou aos primeiros um caso cheio do fogo celeste. O método primitivo de obter fogo pelo atrito tem sua explicação científica nos *Vedas*, e esta explicação é bem significativa para quem sabe ler nas entrelinhas. A Tretâgni (tríade sagrada de fogo), obtida por meio da fricção de paus cortados da madeira da árvore Ashvattha, a árvore Bo da Sabedoria e do Conhecimento, paus que tinham "por comprimento tantas vezes a grossura de um dedo quantas sílabas há em Câyatri", deve ter um significado secreto, pois de outro modo os autores dos *Vedas* e dos *Purânas* não seriam escritores sacros, senão mistificadores. Os ocultistas hindus dão a prova da existência de tal significado, e só eles são capazes de esclarecer a Ciência sobre o porquê e o como de haver-se convertido o Fogo, que era uno primitivamente, em tríplice (tridhâ), durante o nosso Manvantara atual, pelo Filho de Ilâ (Vâch), a Mulher Primitiva depois do Dilúvio, esposa e filha de Vaivasvata Manu. A alegoria é sugestiva, seja qual for o *Purâna* em que se leia e estude.

---

(32) Mestre em Artes.

(33) Bacharel em Leis.

(34) O Gandharva dos *Vedas* é a divindade que conhece e revela aos mortais os segredos do Céu e as verdades divinas. Cosmicamente, os Gandharvas são os Poderes agregados do Fogo Solar, e constituem suas Forças; psiquicamente, representam a Inteligência que reside no Sushumnâ, o Raio Solar mais elevado dos Sete Raios; misticamente, são a Força Oculta do Soma, a Lua, ou a planta lunar e a bebida que dela se extrai; fisicamente, são as causas fenomenais; e, espiritualmente, as causas numênicas do Som e a "Voz da Natureza". É por isso que são chamados os 6 333 cantores celestes e músicos do Loka de Indra, que personificam, inclusive em número, os vários e múltiplos sons da Natureza, tanto em cima como embaixo. Nas alegorias posteriores, diz-se que exercem um poder místico sobre as mulheres, e que as amam. O sentido esotérico é óbvio. São uma das formas, senão os protótipos, dos Anjos de Enoch, os Filhos de Deus que, vendo que eram belas as filhas dos homens (*Gênese*, VI, 2), com elas se casaram, e ensinaram às filhas da Terra os segredos do Céu.

SEÇÃO VI

ATAQUE DE UM HOMEM DE CIÊNCIA À TEORIA CIENTÍFICA DA FORÇA

É OPORTUNO citarmos agora, em favor de nossos pontos de vista, as judiciosas palavras de vários homens de ciência ingleses. Se alguns as condenam "por uma questão de princípio", outros, a maioria, lhes dão tácita aprovação. Um deles quase vai ao ponto de pregar doutrinas ocultas, valendo as suas idéias, em certos casos, e com freqüência, por um reconhecimento público do nosso "Fohat com os seus sete Filhos", o Gandharva oculto dos *Vedas, conforme poderão* observar todos os ocultistas e até mesmo alguns leitores profanos.

Se esses leitores se dispuserem a abrir o volume V da *Popular Science Review* [1], ali encontrarão um artigo sobre "A Força Solar e a Força Terrestre", escrito pelo Dr. B. W. Richardson, F.R.S., que diz o seguinte:

"Neste momento, quando a teoria do movimento como origem de todas as variedades de força volta a ser o pensamento dominante, seria quase uma heresia reabrir um debate que parece estar virtualmente encerrado no consenso unânime, há já algum tempo; mas aceito o risco e vou, portanto, declarar qual era a opinião exata daquele imortal herege, cujo nome eu murmuro aos ouvidos do leitor (Samuel Metcalfe), a respeito da Força Solar. Partindo do princípio, sobre o qual estão de acordo quase todos os físicos, de que existem na Natureza dois agentes — a matéria, que é ponderável, visível e tangível, e algo que é imponderável, invisível e só apreciável por sua influência sobre a matéria —, sustenta Metcalfe que o agente imponderável e ativo, que ele denomina "calórico", *não é um simples modo de movimento*, não é uma vibração entre as partículas da matéria ponderável, mas, *em si mesmo, uma substância que dimana do sol* através do espaço [2], enchendo os vazios entre as partículas dos corpos sólidos e fazendo gerar, por sensação, a propriedade chamada calor. A natureza do calórico ou Força Solar, ele a examina tomando por base as seguintes razões:

I. Pode o calórico ser acrescentado a outros corpos ou deles extraído, e também medido com precisão matemática.

II. Aumenta o volume dos corpos, que voltam a reduzir-se de tamanho quando extraído.

---

(1) Páginas 329-334.

(2) Não só "através do espaço", mas enchendo todos os pontos do nosso Sistema Solar, pois que é, de certa forma, resíduo físico do Éter, seu "véu" (envoltura) em nosso plano; devendo o Éter impregnar outros objetos cósmicos e terrestres, além de ser o "agente" para a transmissão da luz. É ele o Fluido ou a Luz Astral dos cabalistas, e também os Sete Raios do Sol-Vishnu.

III. Modifica as formas, propriedades e condições de todos os outros corpos.

IV. *Passa, por irradiação, através do mais perfeito vácuo*[3] que seja possível formar, e os seus efeitos sobre o termômetro são, no vácuo, os mesmos que na atmosfera.

V. Põe em ação forças mecânicas e químicas que nada é capaz de deter, como os vulcões, a explosão da pólvora e de outros compostos fulminantes.

VI. Atua de modo sensível sobre o sistema nervoso, provocando dor intensa e, quando a ação é muito forte, a desorganização dos tecidos.

Contrariando a teoria vibratória, Metcalfe observa que, se o calórico fosse *mera propriedade ou qualidade* (da matéria), não poderia aumentar o volume de outros corpos: para tal fora mister que ele próprio tivesse volume, ocupasse um lugar no espaço e fosse, conseqüentemente, um agente material. Se o calórico não passasse *unicamente de um efeito do movimento vibratório* entre as partículas da matéria ponderável *não poderia irradiar-se dos corpos quentes* sem a transmissão simultânea das partículas vibratórias; mas os fatos provam que o calor pode ser irradiado da substância material ponderável sem que esta diminua de peso... Alicerçando esta opinião sobre a natureza material do calórico ou força solar com a firme convicção, arraigada em sua mente, de que "tudo na Natureza se compõe de duas espécies de matéria, uma essencialmente ativa e etérea, a outra passiva e imóvel[4]", Metcalfe estabeleceu a hipótese de que a força solar ou calórico é um princípio ativo por si mesmo. Observa ele que esta Força tem repulsão por suas próprias partículas, e afinidade para com as partículas de toda matéria ponderável; e que atrai as partículas de matéria ponderável com uma intensidade que varia na razão inversa do quadrado da distância. Atua, assim, *através da* matéria ponderável. Se o espaço universal estivesse cheio somente de calórico, de energia solar (sem matéria ponderável), seria também inativo o calórico, constituindo um oceano ilimitado de éter impotente ou em repouso, porque não teria nada sobre que atuar; ao passo que a matéria ponderável, apesar de inativa por si mesma, possui 'certas propriedades por meio das quais modifica e reprime a ação do calórico; sendo ambos regidos por *leis imutáveis* que têm sua origem nas mútuas relações e nas propriedades específicas de cada um'."

E ele formula uma lei, que considera absoluta, expressando-a nos seguintes termos:

"Em virtude da atração do calórico pela matéria ponderável, ele une e mantém juntas todas as coisas; em virtude de sua própria energia repulsiva, separa e dispersa todas as coisas."

Vê-se, desde logo, que é quase a explicação oculta da coesão. Prossegue o Dr. Richardson:

"Como eu disse, *a tendência da doutrina moderna é apoiar-se na hipótese... de que o calor é movimento*, ou, talvez melhor, uma força específica ou uma forma de *movimento*[5].

---

(3) Que necessidade há, pois, de ondas etéreas para a transmissão da luz, do calor, etc., se *esta* substância pode atravessar o vácuo?

(4) E como poderia ser de outro modo? A matéria grosseira ponderável é o corpo, a concha, da Matéria ou Substância, o princípio feminino passivo; e aquela Força "Fohática" é o segundo princípio, Prana, o masculino e ativo. Tal Substância, em nosso globo, é o segundo princípio do Elemento Setenário — a Terra; na atmosfera, é o Ar, que é o corpo cósmico grosseiro; no Sol, vem a ser o Corpo Solar e o dos Sete Raios; no Espaço Sideral corresponde a outro princípio, e assim sucessivamente. O todo forma uma só Unidade homogênea; as partes são diferenciações.

(5) Ou a reverberação, pela repercussão do Som *em nosso plano*, do que é um movimento perpétuo daquela Substância em planos superiores. O nosso mundo e os nossos sentidos são incessantemente vítimas de Mâyâ.

Mas essa hipótese, popular que seja, não devia ser aceita com exclusão da teoria *mais simples da natureza material da força solar e da influência que esta exerce na* mudança dos estados de matéria. *Ainda não sabemos o bastante para ser dogmáticos* [6].

A hipótese de Metcalfe sobre a força solar e a força terrestre não só é mais simples, *mais sobremodo fascinante... Há dois elementos do Universo: um é a matéria* ponderável... o segundo elemento é o éter que a tudo impregna: o fogo solar. *Não tem peso, nem substância, nem forma, nem cor; é a matéria infinitamente divisível,* e suas partículas se repelem umas às outras; sua sutileza é tal que não dispomos, para expressá-la, de outra palavra além de éter [7]. Penetra e enche o espaço; mas, isolado, ficaria também em estado de quietude, morto [8]. Juntemos os dois elementos: a matéria inerte, o éter que se repele a si mesmo (?) — e eis que a matéria ponderável morta (?) se vivifica" *[A matéria ponderável pode estar inerte, mas nunca morta — é uma Lei oculta* — H.P.B.]... "o éter [*o segundo princípio do Éter* — H.P.B.] "penetra através das partículas da substância ponderável e, assim penetrando, combina-se com as partículas ponderáveis e as reúne em uma massa, mantendo-as unidas entre si: ficam elas dissolvidas no éter

Essa distribuição da matéria sólida ponderável através do éter se estende, segundo a teoria que estamos examinando, a tudo quanto atualmente existe. O éter penetra tudo. O próprio corpo humano está impregnado de éter [*ou melhor, de Luz Astral* — H.P.B.]; "é este que mantém a coesão das menores partículas daquele. A planta se encontra nas mesmas condições, e outro tanto sucede com a terra mais dura, a rocha, o diamante, o cristal, os metais. *Mas existem diferenças nas capacidades das diferentes classes de matéria ponderável para receberem a energia solar, e é disto que dependem os diversos estados cambiantes da matéria: os estados sólido, líquido e gasoso.* Os corpos sólidos atraíram mais calórico que os corpos fluidos, e daí advém sua firme *coesão;* quando se deita uma quantidade de zinco fundido em um prato de zinco sólido, o primeiro se torna também sólido, porque o calórico aflui do líquido ao sólido, e, estabelecido o equilíbrio, as partículas anteriormente soltas ou líquidas ficam mais estreitamente unidas entre si... O mesmo Metcalfe, detendo-se no exame dos fenômenos acima, e atribuindo-os à unidade do princípio de ação, que já foi explicado, conclui sua argumentação, em termos bem claros, com um comentário sobre as densidades *dos diversos corpos.* 'A *dureza* e *a moleza*', diz ele, '*a solidez e a fluidez não são* estados essenciais dos corpos, mas dependem das proporções relativas da matéria etérea e da matéria ponderável de que são compostos. Os gás mais elástico pode ser reduzido ao estado líquido pela subtração de calórico, e ainda converter-se em um sólido, cujas partículas aderirão umas às outras com uma força proporcional ao crescimento de sua afinidade pelo calórico. De outra parte, adicionando-se uma quantidade suficiente do mesmo princípio aos metais mais densos, diminui a atração destes para com aquele, *ao dilatarem-se no estado gasoso, ficando destruída a sua coesão*'."

Depois de haver assim exposto com minúcia as opiniões heterodoxas do grande "herege" — opiniões que, para serem corretas, só precisam de ligeiras alterações de termos, aqui e ali — o Doutor Richardson, que é

---

(6) Aqui está um confissão honesta.

(7) Não é, porém, o Éter, mas só um dos princípios do Éter, sendo este, *por sua vez, um dos princípios do Akâsha.*

(8) E assim penetra Prana (Jiva) todo o corpo vivo do homem; mas, isolado, sem ter um átomo sobre que atuar, ficaria em estado de quietude, morto; ou seja, em estado de Laya, ou, segundo a expressão do Sr. Crookes, "encerrado em Protilo". É a ação de Fohat sobre um corpo composto, ou até sobre um corpo simples, que produz a vida. Quando um corpo morre, adquire a mesma polaridade de sua energia masculina, e, em conseqüência, repele o agente ativo, o qual, perdendo seu poder sobre o todo, se concentra nas partes ou moléculas, o que constitui a chamada ação química. Vishnu, o Conservador, transforma-se em Rudra-Shiva, o Destruidor — correlação que a Ciência parece desconhecer.

incontestavelmente um pensador original e liberal, passa a fazer um resumo delas e depois continua:

"Não insistirei por mais tempo sobre esta unidade da energia solar e da força terrestre, que semelhante teoria implica. Mas posso acrescentar que dela, ou da hipótese do simples movimento como força e da propriedade sem substância, podemos deduzir as seguintes conclusões, como a maior aproximação possível da verdade neste assunto, o mais profundo e complexo de todos:

(*a*) O Espaço interestelar, interplanetário, intermaterial, interorgânico, não é o vácuo, mas está cheio de um fluido ou gás sutil, que, por falta de melhor termo [9], podemos ainda chamar, à semelhança dos antigos, *Aith-ur* — Fofo Solar — ou Æther. Este fluido, invariável em composição, indistrutível, invisível [10], penetra todas as coisas e toda a matéria [*ponderável* — H.P.B.] [11]; o seixo do rio que corre, a árvore que dá sombra, o homem que a contempla, estão impregnados do éter em graus diversos: o seixo menos que a árvore, a árvore menos que o homem. Tudo no planeta está do mesmo modo impregnado pelo éter! Um mundo se acha construído em fluido etéreo e se move no meio de um oceano de éter.

(*b*) O éter, seja qual for a sua natureza, provém do Sol e dos Sóis [12]; os sóis o geram, o armazenam e o difundem [13].

(*c*) Sem o éter não poderia haver movimento; sem ele não poderiam as partículas de matéria ponderável deslizar umas sobre as outras; sem ele deixaria de haver impulso para fazer entrar em ação as partículas.

(*d*) O éter determina a constituição dos corpos. Se não existisse o éter, não poderia haver mudança de constituição na substância; a água, por exemplo, só existiria como uma substância compacta e insolúvel, em um grau para nós inconcebível. Nunca poderia ser nem mesmo gelo, nem fluido, nem vapor, se não fosse o éter.

(*e*) O éter põe o Sol em relação como o planeta, o planeta com o planeta, o homem com o planeta e o homem com o homem. Sem o éter não poderia haver comunicação alguma no Universo; nem luz, nem calor, nem fenômeno algum de movimento."

Assim, vemos que o éter e os átomos elásticos são, na pretensa concepção mecânica do Universo, o espírito e a alma do Cosmos; e que a teoria (seja qual for a maneira de expô-la e a máscara com que se oculte) sempre deixa aos homens de ciência uma área de especulações, fora dos

(9) Certo, a menos que se adotem os termos ocultos dos cabalistas.

(10) "Invariável" só durante os períodos manvantáricos, depois dos quais ele se funde mais uma vez em Mûlaprakriti; "invisível" eternamente em sua própria essência, mas visível em seus reflexos brilhantes, chamados de Luz Astral pelos cabalistas modernos. Entretanto, Seres elevados e conscientes, revestidos dessa mesma Essência, nela se movem.

(11) Convém acrescentar a palavra *ponderável*, para distingui-la daquele Éter que, embora sendo um substratum, ainda é Matéria.

(12) As ciências ocultas invertem a proposição, e dizem que é o Sol e todos os Sóis que provém do éter, sendo este uma emanação do Sol Central na aurora do Manvantara.

(13) Aqui começa a nossa divergência com a opinião do ilustre cientista. Tenhamos em mente que o Éter — quer se aplique o termo ao Akâsha ou ao seu princípio inferior, o éter — é setenário. Na alegoria, Akâsha é Aditi e a mãe de Mârtanda, o Sol; é Devamâtri, a Mãe dos Deuses. No Sistema Solar, o Sol é o seu Buddhi e o seu Vahâna, Veículo, e portanto o sexto princípio; *no Cosmos, todos os Sóis são o Kâma Rupa do Akâsha, e assim é o nosso.* Só quando o consideramos como uma Entidade individual em seu próprio Domínio, é que Surya, o Sol, é o sétimo princípio do grande corpo da Matéria.

rumos traçados pelo Materialismo moderno [14], muito mais ampla do que a utilizada pela maioria. Quer se trate de Átomos, do Éter ou de ambos, não pode a especulação moderna transpor o círculo do pensamento antigo; e este último estava impregnado do Ocultismo arcaico. Teoria corpuscular ou teoria ondulatória, é tudo a mesma coisa. São especulações derivadas dos aspectos dos fenômenos, não do conhecimento da natureza essencial da causa e das causas. Quando a ciência moderna explicou ao seu auditório as últimas experiências de Bunsen e Kirchoff; quando mostrou as sete cores primárias de um raio que se decompõe, em determinada ordem, sobre uma tela; e quando descreveu os comprimentos respectivos das ondas luminosas; que provou ela? Justificou sua reputação da exatidão no cálculo matemático, medindo até a amplitude de uma onda luminosa "que varia desde aproximadamente setecentos e sessenta milionésimos de milímetro, no extremo vermelho do espectro, até cerca de trezentos e noventa e três milionésimos de milímetro, no extremo violeta". Enquanto a precisão do cálculo é assim alcançada no tocante ao efeito sobre as ondas luminosas, a Ciência vê-se, contudo, obrigada a admitir que a Força — a suposta causa — produz, *segundo se crê*, "ondulações inconcebivelmente diminutas" em algum meio — "geralmente identificado com o meio etéreo" [15] —; meio este que ainda não passa de um "agente hipotético".

O pessimismo de Augusto Comte, quanto à possibilidade de se conhecer algum dia a composição química do Sol, não foi, como se tem afirmado, desmentido trinta anos mais tarde por Kirchoff. O espectroscópio nos permitiu verificar que os elementos familiares ao químico moderno devem, segundo todas as probabilidades, estar presentes nos "envoltórios" externos do Sol, *e não no Sol em si mesmo*; e os físicos, tomando estes "envoltórios", o véu solar cósmico, pelo próprio Sol, têm declarado que a sua luminosidade se deve à combustão e às chamas, e, confundindo o princípio vital desse brilho com uma coisa puramente material, chamaram-no "cronosfera" [16]. Até agora, não temos senão hipóteses e teorias, mas leis — de modo algum.

---

(14) Para sermos mais corretos, diremos antes Agnosticismo. O Materialismo brutal, mas franco, é mais honesto que o Agnosticismo, este Jano de dupla face dos nossos dias. O chamado Monismo ocidental é o Pecksniff da filosofia moderna, que volta uma face farisaica para a Psicologia e o Idealismo, e a sua face natural de Áugure romano, inflando a bochecha com a língua, para o Materialismo. Semelhantes monistas são piores que os materialistas; porque, embora ambos considerem o Universo e o homem psicoespiritual do mesmo ponto de vista negativo, os últimos expõem o seu caso de um modo muito menos plausível do que o fazem os céticos do tipo do Sr. Tyndall ou mesmo do Sr. Huxley. Herbert Spencer, Bain e Lewes são mais perigosos para as verdades universais do que Büchner.

(15) *World-Life*, pelo Prof. A. Winchell.

(16) Sobre a verdadeira doutrina oculta, veja-se *Five Years of Theosophy*, pp. 245-262, artigos: "Negam os Adeptos a Teoria Nebular?" e "É o Sol tão somente uma massa que se resfria?"

SEÇÃO VII

VIDA, FORÇA OU GRAVIDADE

Os FLUIDOS imponderáveis já tiveram o seu tempo; fala-se menos das Forças mecânicas; a Ciência mudou de face neste último quarto de século; mas a gravitação sobrevive, graças a novas combinações, depois de haver sido quase destruída pelas antigas. Pode ela responder perfeitamente às hipóteses científicas, mas a questão está em saber se corresponde igualmente à verdade, e se representa um fato da Natureza. A atração, por si só, não é suficiente para explicar nem sequer o movimento planetário; como se pode supor que explique o movimento de rotação nos infinitos do Espaço? A atração, ela só, jamais preencherá todos os vazios, a menos que se admita um impulso especial para cada corpo sideral e se demonstre que a rotação dos planetas e de seus satélites seja devida a alguma causa combinada com a atração. Ainda assim — diz um astrônomo [1] — caberia à Ciência explicar essa causa.

Há muitos séculos que o Ocultismo a nomeou, como também o fizeram os filósofos antigos; mas agora todas essas crenças são consideradas como superstições ultrapassadas. O Deus extracósmico eliminou toda possibilidade de crença em Forças inteligentes intracósmicas. Mas quem, ou que, é o "impulsor" original daquele movimento? Diz Francœur [2]:

"Quando conhecermos a causa, *única e especial*, que inicia o movimento, estaremos em condições de combiná-la com a que atrai."

E ainda:

"A atração entre os corpos não é senão repulsão; é o Sol que os arrasta sem cessar; porque de outro modo o seu movimento teria fim."

Se algum dia for aceita essa teoria, de que a Força Solar é a causa primeira de toda vida sobre a Terra, e de todo movimento no céu, e também aquela outra teoria, ainda que como hipótese provisória, formulada muito mais ousadamente por Herschel, a respeito da existência de certos orga-

(1) *Philosophie Naturelle*, art. 142.
(2) *Astronomie*, p. 342.

nismos no Sol, então as nossas doutrinas estarão justificadas, e ficará demonstrado que a alegoria esotérica se antecipou provavelmente em milhões de anos à Ciência Moderna, pois tais são os Ensinamentos Arcaicos. Mârtanda, o Sol, vigia e ameaça seus sete irmãos, os planetas, sem abandonar a posição central em que sua Mãe, Aditi, o confinou. Diz o Comentário [3]:

Ele os persegue, girando lentamente sobre si mesmo... seguindo de longe a direção em que se movem seus irmãos, no caminho que rodeia as suas casas — isto é, a órbita.

São os fluidos ou emanações do Sol que dão origem a todo movimento e chamam à vida todas as coisas no Sistema Solar. É atração e repulsão, não como o entende a Física moderna ou conforme a lei de gravidade, mas em harmonia com as leis do *movimento manvantárico*, traçadas desde o primitivo Sandhyâ, a Aurora da reconstrução e reforma superior do Sistema. Essas leis são imutáveis; mas o movimento de todos os corpos — movimento que varia e se altera em Kalpa menor — é regulado pelos Poderes Motores, as Inteligência que têm sede na Alma Cósmica. Estaremos porventura incorrendo em grave erro por acreditar em tudo isso? Pois eis aqui um eminente sábio de nossos dias que, falando da eletricidade vital, emprega uma linguagem que se assemelha muito mais à do Ocultismo que à do materialismo moderno. Encaminhamos o leitor céptico a um artigo sobre "A Origem do Calor no Sol", de Robert Hunt, F.R.S. [4], que, referindo-se à envoltura luminosa do Sol e à sua "aparência peculiar de coágulos", diz:

"Arago propôs que essa envoltura fosse chamada Fotosfera, nome hoje adotado geralmente. Seu antecessor Herschel havia comparado a superfície dessa fotosfera à do nácar... Ela se parece com o Oceano em um dia calmo de verão, quando a superfície líquida se acha ligeiramente encrespada por uma suave brisa... Nasmyth descobriu uma condição mais notável que outra qualquer até então suspeita... objetos com a forma curiosa de um disco... como 'folhas de salgueiro'... de tamanhos diferentes... dispostos sem uma ordem determinada... cruzando-se uns aos outros em todas as direções... com um movimento irregular entre si... Vêem-se aproximar-se e afastar-se uns dos outros, e assumir por vezes novas posições angulares; tanto assim que a sua aparência foi comparada a um espesso cardume de peixes, que a sua forma realmente lembra... O tamanho desses objetos dá uma perfeita idéia da gigantesca escala em que são conduzidas as operações físicas (?) no sol. Não devem eles medir menos de mil milhas de comprimento por duzentas a trezentas de largura. A suposição mais plausível a respeito desses objetos em forma de folha ou disco é a de que a fotosfera [5] contitui um imenso oceano de matéria gasosa [que espécie de 'matéria'?]... em um estado de incandescência [aparente] intensa, e que são as perspectivas de projeções dos lençóis de chamas."

As "chamas" solares, vistas por meio dos telescópios, são reflexos — diz o Ocultismo. Mas o leitor já se inteirou do que a esse respeito têm a dizer os ocultistas.

---

(3) Comentário à Estância IV, 5, Vol. I, p. 162.
(4) *Popular Science Review*, volume IV, p. 148.
(5) E também a *massa central*, como se verá; ou melhor, o centro da reflexão.

"O que quer que sejam (aqueles lençóis de chamas), é evidente que são as fontes imediatas do calor e da luz solar. Temos aqui uma envoltura de matéria fotogênica [6] que oscila com poderosa energia, e que, comunicando seu movimento ao meio etéreo do espaço interestelar, produz o calor e a luz em remotos mundos. Dissemos que aquelas formas foram comparadas a certos organismos, e Herschel diz: 'Muito embora seja por demais ousado falar de semelhantes organismos como participantes da *vida* [por que não?] [7], não sabemos se essa ação vital é suscetível de desenvolver o calor, a luz e a eletricidade...' Encerrará este belo pensamento uma verdade? Será porventura a pulsação da matéria vital no sol central do nosso sistema a fonte de toda esta vida que enche a Terra, e que sem dúvida se estende aos outros planetas, para os quais o sol é o poderoso ministro?"

A tais perguntas responde afirmativamente o Ocultismo; e um dia a Ciência há de reconhecer que assim é.

Hunt escreve ainda:

"Se considerarmos a Vida — a Força Vital — como um poder muito mais elevado que a luz, o calor e a eletricidade, e capaz de exercer uma ação diretora sobre eles [isto é absolutamente oculto]... estaremos certamente dispostos a aceitar com agrado essa especulação que supõe seja a fotosfera a sede originária do poder vital, e a ver com poética satisfação essa hipótese que atribui as energias solares à Vida." [8]

Assim, temos uma importante confirmação científica para um de nossos princípios fundamentais, a saber: (*a*) que o Sol é o reservatório da Força Vital, que é o Númeno da Eletricidade; e (*b*) que é de suas profundezas misteriosas e para sempre insondáveis que brotam essas correntes de vida que pulsam através do Espaço, assim como através de tudo quanto vive sobre a Terra. Veja-se, então, o que diz outro físico eminente, que dá a este nosso fluido vital o nome de "Éter Nervoso". Modifiquem-se algumas frases do artigo de que vamos transcrever alguns trechos, e ter-se-á outro tratado quase oculto sobre a Força Vital. É ainda o Dr. B. W. Richardson, F.R.S., que expõe sua opinião sobre o "Éter Nervoso", como já o fizera quanto à Força Solar e à Força Terrestre; a saber:

"A idéia que a teoria procura incutir é a de que, entre as moléculas da matéria, sólida ou fluida, de que se compõem os organismos nervosos e, a bem dizer, todas as partes orgânicas de um corpo, existe um meio sutil refinado, vaporoso ou gasoso, que mantém as moléculas em uma condição propícia ao movimento de umas sobre as outras, e à organização e reorganização da forma; meio que serve para transmitir todo movimento; graças ao qual um órgão ou uma parte do corpo são postos em comunhão com todas as demais partes; pelo qual e através do qual o mundo vivo exterior se comunica com o homem vivente; meio que, por sua presença, permite pôr em evidência os fenômenos da vida, e que, se universalmente ausente, deixa o corpo efetivamente morto."

E todo o Sistema Solar entra em Pralaya — poderia ter acrescentado o autor. Mas continuemos a leitura:

---

(6) Esta "matéria" é exatamente semelhante ao reflexo produzido sobre um espelho pela chama de uma candeia "fotogênica".

(7) Veja-se em *Five Years of Theosophy*, p. 258 (1885), uma resposta a esta especulação de Herschel.

(8) *Popular Science Review*, p. 156.

"Emprego a palavra éter em seu sentido geral, significando matéria muito leve, vaporosa ou gasosa; emprego-a, enfim, do mesmo modo que o faz o astrônomo quando fala do Éter do Espaço, querendo significar um meio sutil, porém material. Ao referir-me ao éter *nervoso*, não tenho em mente que o éter só exista na estrutura nervosa; creio, em verdade, que é uma parte especial da organização nervosa; mas, como os nervos atravessam todos os tecidos que são capazes de movimento e sensibilidade, da mesma forma o éter nervoso se acha em todos eles; e, sendo o éter nervoso, a meu ver, um produto direto do sangue, podemos considerá-lo como fazendo parte da atmosfera do sangue... As provas de que existe um meio elástico, que impregna a matéria nervosa, e que é suscetível de ser influenciada por uma simples pressão, mostram-se de todo em todo convincentes... Existe indubitavelmente na estrutura nervosa um verdadeiro fluído nervoso, como ensinaram os nossos predecessores [9]. A exata composição química (?) [10] desse fluído não é ainda bem conhecida; os seus caracteres físicos foram pouco estudados. Ignoramos se ele se move em correntes; se circula, se se forma nos centros, passando destes para os nervos, ou se se forma em todas as partes em que o sangue penetra nos nervos. Ignoramos, portanto, a verdadeira função desse fluído. Ocorre-me, todavia, que o verdadeiro fluído de matéria nervosa não basta, por si só, para atuar à guisa de meio sutil que põe o universo exterior em relação com o mundo interno do homem e do animal. Penso (e esta é a alteração que sugiro na antiga teoria) que deve haver outra forma de matéria presente na vida; uma matéria que existe em estado de vapor ou gás, invadindo todo o sistema nervoso, envolvendo como uma atmosfera [11] cada molécula de tecido nervoso, e servindo de meio para todo movimento comunicado aos centros nervosos ou por estes transmitidos... Quando se adquire a clara compreensão de que durante a vida *existe no corpo animal uma forma de matéria sutilmente difundida*, um vapor que o impregna todo — e que até se acumula em algumas partes — matéria constantemente renovada pela química vital, e que se expele com a mesma facilidade que o ar inspirado, depois de haver cumprido sua finalidade, então um novo raio de luz penetra na inteligência." [12]

Um novo raio de luz, que certamente revela a sabedoria do Ocultismo antigo e medieval, e de seus partidários. Porque Paracelso escreveu a mesma coisa há mais de trezentos anos, no século XVI, a saber:

"O Microcosmo inteiro se contém potencialmente no Liquor Vitæ, fluido nervoso... que encerra a natureza, a qualidade, o caráter e a essência dos seres [13].

O Arqueu é uma essência que se acha distribuída por igual em todas as partes do corpo humano... O Spiritus Vitæ tem sua origem no Spiritus Mundi. Sendo uma emanação deste último, contém os elementos de todas as influências cósmicas, e é, portanto, a causa que pode explicar a ação das estrelas [as forças cósmicas] sobre o corpo invisível do homem" [seu *Linga Sharira vital*] [14].

Se o Dr. Richardson houvesse estudado todas as obras secretas de Paracelso, não se teria visto obrigado a repetir tantas vezes: "não sabemos", "não é de nosso conhecimento", etc. Também jamais teria escrito o seguinte trecho, em que se desdiz da parte mais importante de sua nova e independente descoberta:

---

(9) Entre outros, Paracelso, que o chamava "Liquor Vitæ" e "Archæus".

(10) Composição *alquímica*, dir-se-ia melhor.

(11) "Esta força vital... se ao redor do homem como uma esfera luminosa", diz Paracelso no *Paragranum*.

(12) *Popular Science Review*, vol. X, pp. 380-383.

(13) *De Generatione Hominis*.

(14) *De Viribus Membrorum*. Veja-se *Life of Paracelsus*, de Franz Hartmann, M. D., M. S. T.

"Pode-se argumentar que esta nova corrente de idéias não é, afinal, outra coisa senão a teoria da existência do éter... que se supõe disseminado no espaço... Pode-se dizer que este éter universal impregna todo o organismo do corpo animal, vindo do exterior e fazendo parte de toda organização. Tal opinião, *se estivesse certa* [!!], equivaleria à descoberta física do Panteísmo. Não pode ser verdadeira, porque destruiria a individualidade de cada um dos sentidos." [15]

Não vemos dessa maneira, e *sabemos* que assim não é. O Panteísmo *pode* ser "redescoberto fisicamente". Foi conhecido, visto e sentido por toda a antiguidade. O Panteísmo se manifesta na vasta extensão dos céus estrelados, na agitação dos mares e oceanos, no pulsar de vida da mais insignificante erva. A Filosofia repugna um *Deus finito* e *imperfeito* no Universo, a divindade antropomórfica do monoteísta, tal como a representam seus adoradores. Ela repudia, em virtude do seu nome de *Philo-theo-sophia*, a idéia grotesca de que a Divindade Infinita, Absoluta, tenha, ou melhor, possa ter alguma relação, direta ou indireta, com a evolução finita e ilusória da Matéria; e, por conseguinte, não pode imaginar um universo *fora* daquela Divindade, ou a ausência, na mesma Divindade, da mais mínima partícula de Substância animada ou inanimada. [Não quer isso dizer que cada mato, cada árvore ou cada pedra seja Deus ou um Deus; senão que cada fragmento da matéria manifestada do Cosmos pertence a Deus, e é a substância de Deus, por mais baixo que tenha caído em sua rotação cíclica através das Eternidades do Sempre Vir-a-Ser; e também que cada uma das partículas, individualmente, e o Cosmos, coletivamente, representam um aspecto e uma evocação daquela Alma Universal Una, que a Filosofia se recusa a chamar Deus, para não limitar assim a Raiz e Essência Eterna sempre presente.]

A quem está familiarizado com a real natureza desse "Éter Nervoso" sob seu nome sânscrito ou melhor, esotérico e cabalístico, não é possível compreender por que o Éter do Espaço ou "Éter Nervoso" haveria de "destruir a individualidade de cada um dos sentidos". O Dr. Richardson reconhece que:

"Se não produzíssemos individualmente o meio de comunicação entre nós e o mundo exterior, se esse meio fosse criado externamente e adaptado a uma só espécie de vibrações, seriam necessários menos sentidos que os que possuímos; pois — citando apenas dois exemplos — o éter da luz não está adaptado para o som, e no entanto ouvimos tão bem quanto vemos; e o ar, que é o meio de movimento do som, não é o meio da luz, e, não obstante, vemos e ouvimos."

Não é assim. A opinião de que o Panteísmo "não pode ser verdade porque destruiria a individualidade de cada um dos sentidos" demonstra que todas as conclusões do ilustre doutor se baseiam nas teorias físicas modernas, por maior que fosse o seu desejo de reformá-las. Verá, porém, que é impossível fazê-lo, a não ser admitindo a existência de sentidos espirituais, que preencham o vazio dos sentidos físicos gradualmente atrofiados.

"Vemos e ouvimos", de acordo (na opinião, é claro, do Dr. Richardson) com a explicação dos fenômenos da vista e do ouvido, oferecida por aquela

(15) *Popular Science Review*, p. 384.

mesma Ciência Materialista que pretende não ser possível vermos nem ouvir mos de outra maneira. Os ocultistas e os místicos sabem mais. Os arianos védicos estavam tão familiarizados com os mistérios do som e da cor no plano físico quanto o estão os nossos fisiólogos; mas haviam também decifrado os segredos de ambos em planos inacessíveis ao materialista. Tinham conhecimento de uma série dupla de sentidos: espirituais e materiais. Em um homem privado de um ou de vários sentidos, os que permanecem em uso se desenvolvem mais; por exemplo, o cego pode recuperar a visão por meio dos sentidos do tato, do ouvido, etc.; e o surdo poderá ouvir por meio da vista, percebendo *inteligivelmente* as palavras pronunciadas pelos lábios e a boca do interlocutor. Mas estes são casos que pertencem ainda ao mundo da Matéria. A *Fisiologia* nega *a priori* os sentidos espirituais, aqueles que operam num plano superior da consciência, porque ignora a Ciência Sagrada. Limita a ação do Éter a vibrações, e, separando-o do ar — embora não passe o ar de Éter diferenciado e composto —, fá-lo assumir funções que se adaptem às teorias especiais do fisiólogo. Existe, porém, mais verdadeira ciência nos ensinamentos dos *Upanishads*, quando bem compreendidos, do que se dispõem a admitir os orientalistas, que não os compreendem nem pouco nem muito. As correlações tanto mentais como físicas dos sete sentidos — sete no plano físico e sete no plano mental — estão claramente explicadas e definidas nos *Vedas*, e particularmente no *Upanishad* chamado *Anugitâ*:

"O indestrutível e o destrutível, tal é a dupla manifestação do Eu. Dos dois, o indestrutível é o que existe [a verdadeira essência ou natureza do Eu, os princípios fundamentais]; a manifestação como indivíduo (entidade) é chamada o destrutível." [16]

Assim fala o Asceta no *Anugitâ*; e acrescenta:

["Todo aquele que é nascido duas vezes (iniciado) sabe que tal é a doutrina dos antigos]... O Espaço é a primeira entidade... Ora, o Espaço [o Akâsha ou Númeno do Éter] possui uma qualidade... e esta se declara que é o som unicamente... [e as] qualidades do som [são] Shadja, Rishabha, juntamente com Gândhâra, Madhyama, Panchama, e além destas [deve entender-se que existem] Nishâda e Dhaivata [a gama hindu]." [17]

Estas sete notas da escala são os princípios do som. As qualidades de cada Elemento, assim como de cada sentido, são em número de sete; e é de todo arbitrário emitir juízos e dogmatizar sobre elas por sua manifestação no plano material ou objetivo, que em si é também sétuplo. Porque só pela emancipação do Eu destas sete causas da ilusão é que podemos adquirir o conhecimento (a Sabedoria Secreta) das qualidades dos objetos que impressionam os sentidos em seu plano dual de manifestação, o visível e o invisível. Assim, está escrito:

"Ouve-se... expor este admirável mistério... Escuta ainda a classificação completa das causas. O nariz, e a língua, e os olhos, e a pele, e o ouvido como o quinto

(16) *The Sacred Books of the East*, vol. VIII, cap. XIII, tradução de K. T. Telang, p. 292.

(17) *Ibid.*, cap. XXXV, pp. 384-5.

[órgão dos sentidos], e a mente, e entendimento [18], estes sete [sentidos] devem considerar-se como as causas (do conhecimento) das qualidades. O olfato e o gosto, e a cor, e o som, e o tato como o quinto, e o objeto da operação mental, e o objeto do entendimento [a percepção espiritual ou o sentido mais elevado], estes sete são as causas da ação. O que cheira, que come, que vê, que fala, que ouve em quinto lugar, que pensa e que compreende, estes sete são as causas dos agentes. Estes [os agentes], possuindo qualidades (sattva, rajas, tamas), gozam de suas próprias qualidades, agradáveis e desagradáveis." [19]

[Os comentadores modernos, não compreendendo o significado sutil da linguagem dos antigos escoliastas, interpretam a frase "causas dos agentes" como querendo dizer "que os poderes do olfato, etc., quando atribuídos ao Eu, o fazem aparecer como um agente, um princípio ativo" (!!), o que não passa de rematada fantasia. Entende-se que aqueles "sete" são as causas dos agentes porque "os objetos são causas toda vez que o seu gozo produz uma impressão". Isso significa, esotericamente, que os sete sentidos são causados pelos agentes, as "divindades"; pois, de outro modo, que significaria ou poderia significar a frase seguinte? "Assim — diz-se — estes sete (sentidos) são as causas da emancipação", ou seja, quando tais causas se fazem ineficazes. E esta outra frase "para os sábios (Iniciados) que tudo compreendem, as qualidades *que estão na posição* (ou melhor, na natureza) *das divindades*, cada qual em seu lugar", etc., quer simplesmente dizer que os "sábios" compreendem a natureza dos Númenos dos diversos fenômenos; e que por "qualidades", neste caso, se entendem as qualidades dos Deuses ou Inteligências superiores Planetárias ou Elementais, que governam os elementos e seus produtos — e não os "sentidos" como supõe o comentador moderno. Porque os sábios não pensam que os seus sentidos tenham alguma relação com elas, nem tampouco com o seu Eu.] Vemos no *Bhagavad Gitâ* que a Divindade diz:

"Só alguns me conhecem verdadeiramente. A terra, a água, o fogo, o ar, o espaço, [ou o Akâsha, o Æther], a mente, o entendimento e o egoísmo [ou a percepção de todos os anteriores no plano ilusório]... tudo isso representa uma forma inferior da minha natureza. Sabe (que existe) outra (forma da minha) natureza superior a esta, que está animada, ó tu que tens poderosos braços! e pela qual é sustentado este Universo... Tudo isso se acha entrelaçado em mim, como numerosas pérolas reunidas por um fio [20]. Sou o gosto na água, ó filho de Kunti! Sou a luz do sol e da lua. Sou... o som ("isto é, a essência oculta que é a base de todas essas e das

(18) A divisão dos sentidos em cinco vem da mais remota antiguidade. Mas, aceitando esse número, nenhum filósofo moderno se perguntou como podiam existir tais sentido, isto é, ser percebidos e utilizados conscientemente, senão pela existência de um *sexto* sentido, a percepção mental, para registrá-los e recordá-los; e de ainda o *sétimo* — este para os metafísicos e os ocultistas — a fim de conservar-lhes o fruto espiritual e a recordação, como em um Livro de Vida pertencente ao Carma. Os antigos dividiam os sentidos em cinco simplesmente porque seus mestres, os Iniciados, se detinham no do *ouvido*, por ser o sentido que se desenvolveu no plano físico, ou melhor, que se reduziu e se limitou a este plano somente no princípio da Quinta Raça. A Quarta Raça já havia começado a perder a condição *espiritual*, tão consideravelmente desenvolvida na Terceira Raça.

(19) *Ibid.*, cap. X, pp. 277-8

(20) *Mundakopanishad*, p. 298.

outras qualidades das diversas coisas mencionadas" — Tradutor) no espaço... o perfume recente na terra, o resplendor no fogo..., etc."[21]

Deveríamos, realmente, estudar a Filosofia Oculta antes de nos aventurarmos a investigar e verificar os mistérios da Natureza apenas em sua superfície, porquanto só "aquele que conhece a verdade sobre as qualidades da Natureza, que compreende a criação de todas as entidades... está emancipado" do erro. Diz o Preceptor:

"É quando o homem compreende exatamente a grande (árvore), da qual o não-percebido [a Natureza Oculta, a raiz de tudo] é o rebento que sai da semente [Parabrahman], que consiste na inteligência [Mahat ou a Alma Universal Inteligente] como o seu tronco, cujos ramos são o grande egoísmo[22], em cujos ocos se encontram os renovos, isto é, os sentidos, sendo os grandes elementos [ocultos ou invisíveis] seus ramos de flores[23] e os elementos grosseiros [a matéria objetiva grosseira], os ramos menores que sempre estão cobertos de folhas e de flores... árvore que é eterna e cuja semente é o Brahman [a Divindade]; é quando a corta com aquele excelente gládio, o conhecimento [Sabedoria Secreta], que o homem alcança a imortalidade e se liberta do nascimento e da morte."[24]

É a Árvore da Vida, a árvore Ashvattha, e só depois de havê-la cortado pode o Homem, o escravo da vida e da morte, emancipar-se.

Mas os homens de ciência nada sabem quanto ao "Gládio da Sabedoria" usado pelos Adeptos e Ascetas, nem dele querem ouvir falar. Daí as observações eivadas de *parti pris* que fazem até os menos dogmáticos dentre eles, e que têm por origem e fundamento a injustificada importância atribuída à classificação e às divisões arbitrárias da ciência física. A elas pouca atenção dá o Ocultismo, e a Natureza ainda menos. A série completa dos fenômenos físicos deriva do *Primário* do Æther-Akâsha, assim como o Akâsha de natureza dual provém do chamado Caos não-diferenciado, que é, por sua vez, o aspecto primário de Mulaprakriti, a Matéria-Raiz e a primeira Idéia abstrata que se pode fazer de Parabrahman.

Pode a ciência moderna dividir o seu Éter hipotético da maneira que lhe aprouver: o verdadeiro Æther do Espaço sempre continuará sendo o que é. Possui ele seus sete "princípios", como tudo na Natureza; e, se não existisse o Æther, não haveria "som", pois é o "Æther" a vibrante caixa sonora da Natureza em todas as suas sete diferenciações. Este foi o primeiro mistério que os Iniciados da antiguidade aprenderam.

Os nossos sentidos físicos normais de hoje eram, do ponto de vista em que nos situamos atualmente, anormais naqueles dias de evolução descendente e de queda lenta e progressiva na Matéria. E tempo houve em que tudo aquilo que em nossa época presente se considera como excepcional;

(21) *Bhagavad Gitâ*, capítulo VII, pp. 73-4.

(22) *Ahamkâra*, suponho, aquele "Egotismo" que conduz a todos os erros.

(23) Os Elementos são os cinco Tanmâtras de terra, água, fogo, ar e éter, os produtores dos elementos mais grosseiros.

(24) *Anugitâ*, cap. XX; ibid., p. 313.

todos esses fenômenos que constituem um enigma para os fisiólogos, forçados que são a admiti-los — como a transmissão do pensamento, a clarividência, a clariaudiência, etc., tudo o que, em suma, passa por "maravilhoso" e "anormal" —; tempo houve em que tudo isso, e muita coisa mais, estava sob o domínio de faculdades e sentidos comuns a toda a humanidade. Sucede, porém, que percorremos ciclos que nos levam para trás e para diante; vale dizer que, tendo perdido em espiritualidade o que ganhamos em desenvolvimento físico até quase o fim da Quarta Raça, estamos agora, do mesmo modo, perdendo no físico, gradual e imperceptivelmente, quanto voltamos a ganhar em re-evolução espiritual. Este processo deve continuar até a época em que a Sexta Raça-Raiz se encontre no mesmo nível espiritual da Segunda Raça, representada por uma humanidade há muito desaparecida.

Mas estas coisas dificilmente serão compreendidas no momento. Devemos retornar à promissora, se bem que algo incorreta, hipótese do Dr. Richardson a respeito do "Éter Nervoso". Sob a errônea tradução da palavra Akâsha por "Espaço", vimos que era ele considerado, no antigo sistema hindu, como o "primogênito" do Uno, e com uma só qualidade, o "Som", que é setenário. Em linguagem esotérica, este Uno é a Divindade-Pai, sendo o Som sinônimo de *Logos*, Verbo ou Filho. Seja de modo consciente ou não, deve ser o último; e o Dr. Richardson, ao expor uma doutrina oculta, elege a forma inferior da natureza setenária deste Som, e sobre ela especula, acrescentando:

"A teoria que proponho é que o éter é um *produto animal*... Em diferentes classes de animais pode ele variar quanto às suas qualidades físicas, de modo que se adapte às necessidades especiais do animal; mas desempenha essencialmente o mesmo papel em todos os animais, e é produzido da mesma maneira em todos eles."

É aí que está o cerne do erro de onde partem todas as deduções falsas subseqüentes. Esse "Éter Nervoso" *é* o princípio inferior da Essência Primordial, que constitui a Vida. É a Vitalidade Animal difundida em toda a Natureza, e que opera de acordo com as condições que encontra para sua atividade. Não é "um produto animal", mas o animal, a flor e a planta viventes são os seus produtos. Os tecidos animais apenas o obsorvem, segundo o seu estado mais ou menos são ou mórbido — como o fazem os materiais e as estruturas físicas (em sua condição primordial, *nota bene*) — e, desde o instante do nascimento da Entidade, são por ele vitalizados, regulados e alimentados. Os vegetais o recebem em maior quantidade no Raio-Solar Sushumnâ, que ilumina e alimenta a Lua; e é por intermédio dos raios desta última que verte sua luz sobre o homem e o animal, e os impregnam, mais enquanto dormem e descansam do que quando se acham em plena atividade. Eis porque o Dr. Richardson novamente se equivoca *ao dizer:*

"O éter nervoso, segundo a idéia que dele faço, não é *ativo em si mesmo, nem um excitante do movimento animal no sentido de forças*; mas é essencial para proporcionar as condições que tornam possível o movimento." [*É precisamente o contrário*]... "É o condutor de todas as vibrações do calor, da luz, do som, da ação elétrica,

do atrito mecânico [25]. Mantém todo o sistema nervoso em uma tensão perfeita, durante os estados de vida" [certo]. "É consumido pelo exercício" [ou antes, *é gerado*]... e quando a necessidade é maior que a quantidade suprida, tal deficiência se manifesta pela depressão ou esgotamento nervoso [26]. Acumula-se nos centros nervosos durante o sono, levando-os, se me posso assim exprimir, ao seu diapasão normal, e preparando desse modo os músculos para uma vida ativa e renovada."

Assim é precisamente; isso é exato e compreensível. E portanto:

"O corpo, completamente renovado por ele, oferece capacidade para o movimento, a plenitude da forma, *a vida*. Dele privado, o corpo fica inerte, toma o aspecto contrato da morte e *mostra haver perdido algo físico que encerrava quando vivia*."

A ciência moderna nega a existência de um "princípio vital". A transcrição acima é uma prova clara do seu grande erro. Mas aquele "algo físico", que chamamos fluido vital, o Liquor Vitæ de Paracelso, não abandonou o corpo, como pensa o Dr. Richardson. Simplesmente passou do estado ativo ao estado passivo, tornando-se latente, devido às condições demasiado mórbidas dos tecidos, sobre os quais já não pode atuar. Uma vez que o *rigor mortis* é absoluto, o Liquor Vitæ volta a entrar em ação e dá início à sua obra, *quimicamente*, sobre os átomos. Brahmâ-Vishnu, o Criador e Conservador da Vida, transforma-se em Shiva, o Destruidor.

Por último, escreve o Dr. Richardson:

"O éter nervoso pode estar envenenado; quero dizer que ele pode conter em dissolução, em virtude de uma simples difusão gasosa, outros gases ou vapores vindos de fora; pode impregnar-se de produtos ou substâncias absorvidas ou ingeridas, ou de gases de decomposição, gerados no próprio corpo durante uma enfermidade." [27]

E o eminente doutor podia ter acrescentado, conforme o mesmo princípio oculto: que o "Éter Nervoso" de uma pessoa pode ser envenenado pelo "Éter Nervoso" de outra, ou por suas "emanações áuricas". Vejamos, porém, o que a respeito desse "Éter Nervoso" disse Paracelso:

"O Arqueu possui natureza magnética, e atrai ou repele outras forças simpáticas ou antipáticas pertencentes ao mesmo plano. Quanto menos poder de resistência tiver uma pessoa para com as influências astrais, tanto mais lhes ficará sujeita. A força vital não está encerrada dentro do homem, mas se irradia [para dentro e] ao redor dele, como uma esfera luminosa [aura], e pode-se fazê-la atuar a distância... Pode envenenar a essência da vida [*o sangue*] e produzir enfermidades, ou pode purificá-la, quando se tornou impura, e restabelecer a saúde." [28]

---

(25) Condutor, no sentido de Upâdhi, uma base material ou física; mas, como segundo princípio da Alma Universal e da Força Vital da Natureza, obedece à direção inteligente de seu quinto princípio.

(26) Sua excessiva abundância no sistema nervoso conduz com a mesma freqüência à enfermidade e à morte. Se fosse o sistema animal que o produzisse, tal coisa certamente não poderia suceder. Esta última circunstância demonstra, portanto, sua independência do sistema e sua relação com a Força Solar, conforme o explicam Metcalfe e Hunt.

(27) *Popular Science Review*, Vol. X, p. 387.

(28) *Paragranum*; *Life of Paracelsus*, pelo Dr. F. Hartmann.

A identidade entre o "Arqueu" e o "Éter Nervoso" é posta em evidência pelo sábio inglês, ao dizer que *geralmente* a tensão do "Éter Nervoso" pode ser demasiado alta ou demasiado baixa, o que se verifica.

"Por causa de alterações locais na matéria nervosa que ele envolve... Sob a influência de uma excitação aguda, pode vibrar tempestuosamente, por assim dizer, e impelir cada músculo dependente do cérebro e da medula a um movimento sem freio, a convulsões inconscientes."

É o que se chama excitação nervosa; mas ninguém, exceto o ocultista, conhece a razão dessas perturbações nervosas, nem lhes explica a causa original. O princípio vital pode matar quando é excessivo, como quando é deficiente. Mas este "princípio" no plano manifestado, isto é, em nosso plano, não é senão o efeito e o resultado da ação inteligente da "Legião", ou Princípio Coletivo, a Vida e a Luz em manifestação. Acha-se ele subordinado à Vida Una Absoluta, sempre invisível e eterna, da qual emana, em uma escala descendente e reascendente de graus hierárquicos, uma verdadeira escala setenária, com o *Som* ou o *Logos* no extremo superior, e os Vidyâdharas [29] ou Pitris inferiores na base.

Os ocultistas, é óbvio, sabem muito bem que o "sofisma" vitalista, tão ridicularizado por Vogt e Huxley, ainda encontra acolhida em meios científicos dos mais esclarecidos; e se congratulam com este fato, sentindo que não estão sós. *Eis o que escreve o Professor De Quatrefages:*

---

(29) Em uma obra recente sobre o Simbolismo no Budismo e no Cristianismo — ou melhor, no Budismo e no Catolicismo romano, pois muitos dos últimos rituais e dogmas do Budismo do Norte, em sua forma popular exotérica, são idênticos aos da Igreja Latina — encontram-se fatos curiosos. O autor desse livro, com mais pretensões que erudição, englobou em sua obra, sem discernimento algum, doutrinas budistas antigas e modernas, e confundiu lamentavelmente Lamaísmo com Budismo. Na página 404, sob o título *Buddhism in Christendom, or Jesus the Essene*, nosso pseudo-orientalista ocupa-se em criticar os "Sete Princípios" dos "budistas esotéricos", e procura ridicularizá-los. Na página 405, que é a última, fala com entusiasmo dos Vidyâdharas, as "sete grandes legiões de homens mortos convertidos em sábios". Ora, esses Vidyâdharas, que alguns orientalistas chamam de "semideuses", são realmente, do ponto de vista exotérico, uma classe de Siddhas, "plenos de devoção", e, esotericamente, são idênticos às sete classes de Pitris, uma das quais confere ao homem consciência própria, na Terceira Raça, encarnando-se nas conchas ou cascas humanas. O "Hino ao Sol", que se vê no fim desse estranho volume de miscelânea, imputando ao Budismo a crença em um Deus pessoal (!!), é um golpe infeliz assestado às provas tão laboriosamente reunidas pelo desastrado autor.

Os teósofos sabem perfeitamente que o Sr. Rhys Davids emitiu igual opinião a respeito das idéias teosóficas. Disse que as teorias expostas pelo autor do *Esoteric Budhism* "não eram Budismo nem eram esotéricas". Tal observação é o resultado: (*a*) do lamentável erro de se escrever "Buddhismo" em vez de "Budhism" ou "Budhaism", associado assim o sistema à religião de Gautama, em vez de o associar à Sabedoria Secreta ensinada por Krishna, Shankarâchârya e muitos outros, inclusive por Buddha; e (*b*) da impossibilidade de que o Sr. Rhys Davids saiba alguma coisa sobre as verdadeiras Doutrinas Esotéricas. Apesar disso, sendo ele atualmente o orientalista mais versado em literatura pale e budista, tem o direito de ser ouvido com respeito. Mas, quando alguém, sem saber de Budismo exotérico, do ponto de vista científico e materialista, mais do que sabe de Filosofia Esotérica, vem difamar aqueles a quem distingue com o seu rancor, e quer aparecer aos teósofos com ares de profunda erudição, não nos cabe fazer outra coisa senão sorrir, ou desatar numa risada sonora e franca.

"É verdade que não sabemos o *que é* a vida; e não é menos verdade que ignoramos o *que é* a força que imprime movimento às estrelas... Os seres vivos são pesados e, conseqüentemente, sujeitos à lei de gravidade; são a sede de fenômenos físico-químicos, numerosos e variados, indispensáveis à sua existência, e que devem ser atribuídos à ação da eterodinâmica [eletricidade, calor, etc.]. Mas tais fenômenos se manifestam aqui sob a influência de outra força... A vida não está em antagonismo com as forças inanimadas, mas lhes governa e dirige a ação por meio de suas leis." [30]

(30) *The Human Species*, pp. 10-11.

Seção VIII

A TEORIA SOLAR

Breve análise dos elementos compostos e simples da ciência em oposição às Doutrinas Ocultas. Até que ponto é científica esta teoria, tal como aceita geralmente.

Em sua réplica ao ataque dirigido pelo Dr. Gull contra a teoria do Vitalismo, que está inseparavelmente ligada aos Elementos dos antigos na Filosofia Oculta, o grande fisiólogo Professor Beale lança mão de algumas expressões tão belas quanto significativas:

"Existe um mistério na vida, mistério que jamais foi sondado e que se amplia à medida que se estudam e se observam mais a fundo os fenômenos biológicos. Nos centros vivos — muito mais centrais que os centros observados com os mais poderosos instrumentos de ampliação —, nos centros da matéria viva até onde a vista não pode penetrar, mas para onde pode a inteligência dirigir-se, ocorrem transformações sobre cuja natureza os físicos e os químicos mais adiantados se mostram incapazes de nos dar uma noção; e não há mesmo razão alguma que nos leve a pensar que a natureza dessas mutações possa algum dia ser determinada por meio da investigação física, tanto mais quanto elas certamente dependem de uma ordem ou natureza totalmente diferentes daquelas a que se pode associar qualquer outro fenômeno conhecido."

Esse "mistério", ou a origem da Essência da Vida, o Ocultismo o situa no Mesmo Centro que o núcleo da *matéria-prima* do nosso Sistema Solar, pois que são uma e a mesma coisa.

Como diz o Comentário:

O Sol é o coração do Mundo Solar [Sistema], e o seu cérebro está oculto por trás do Sol [visível]. Dali, a sensação é irradiada para cada centro nervoso do grande corpo, e as ondas da essência da vida fluem para dentro de cada artéria e de cada veia... Os planetas são os seus membros e as suas pulsações.

Já se disse alhures [1] que a Filosofia Oculta nega seja o Sol um globo em combustão, definindo-o simplesmente como um mundo, uma esfera res-

(1) *The Theosophist.*

plandecente, atrás da qual se acha oculto o Sol verdadeiro, de que o Sol visível é apenas o reflexo, a concha. As folhas de salgueiro de Nasmyth, que Sir Jihn Herschell tomou por "habitantes solares", são os depósitos da energia vital do Sol; "a eletricidade vital que alimenta todo o Sistema; o Sol *in abscondito* é, assim, o reservatório de nosso pequeno Cosmos, gerando ele mesmo o seu fluido vital e recebendo sempre tanto como dá", e o Sol visível é uma simples janela aberta no verdadeiro palácio solar, cujo labor interno ele revela sem alteração.

Desse modo, durante o período ou vida solar manvantárica há uma circulação regular do fluido vital de um extremo ao outro do nosso Sistema, de que o Sol é o coração, como a circulação do sangue no corpo humano; contraindo-se o Sol com um ritmo semelhante ao do coração humano depois que o sangue regressa. Só que, em vez de realizar o circuito em um segundo aproximadamente, requer o sangue solar dez anos para circular em um ano inteiro para atravessar suas aurículas e seus ventrículos antes de ir depurar os pulmões e de voltar às grandes artérias e veias do Sistema.

Isso não contestará a Ciência, pois que a Astronomia conhece o ciclo fixo de onze anos, ao cabo do qual aumenta o número das manchas solares [2]; sendo o aumento motivado pela contração do Coração Solar. O Universo, neste caso o nosso Mundo, respira, como o faz na Terra o homem e toda criatura viva, a planta e até mesmo o mineral, e como respira o nosso próprio Globo em cada vinte e quatro horas. A região obscura não é devida à "absorção exercida pelos vapores que emergem do seio do sol e se interpõem entre o observador e a fotosfera", como pretende o Padre Secchi [3]; nem as manchas são formadas "pela própria matéria (matéria gasosa ardente) que a erupção projeta sobre o disco solar". O fenômeno semelha à pulsação sadia e regular do coração ao passar o líquido vital pelos orifícios de seus músculos. Se se pudesse dar luminosidade ao coração humano e tornar visível este órgão vivo e palpitante, de modo que permitisse sua projeção sobre uma tela, a exemplo do que fazem os professores de Astronomia para mostrar a Lua, todo o mundo veria então repetir-se o fenômeno das manchas solares a cada segundo, verificando serem devidas à contração e ao ímpeto do sangue.

Lemos em uma obra de geologia que o sonho da ciência consiste em que:

"Todos os corpos simples catalogados hão de ser um dia reconhecidos como apenas modificações de um só elemento material." [4]

---

(2) Não só a ciência não nega o fato, embora o atribua a uma causa errônea, e suas teorias, como sempre, estejam em contradição umas com as outras (vejam-se as teorias de Secchi, de Faye e de Young), fazendo depender as manchas da acumulação superficial de vapores mais frios que a fotosfera (?), etc., etc., senão que há também homens de ciência que fazem *astrologia* com as manchas. O Professor Jevons imputa à influência das manchas solares todas as grandes crises comerciais, em cada ciclo de onze anos (veja-se o seu livro *Investigations into Currency and Finance*). Seguramente isso é digno de elogio, e merece estímulo.

(3) *Le Soleil*, II, 184.

(4) *World-Life*, p. 48.

É o que tem ensinado a Filosofia Oculta desde que existe a linguagem humana, acrescentando, porém, de acordo com aquele princípio imutável na analogia, "o que está em cima é como o que está embaixo", este outro de seus axiomas: não existe, em verdade, nem Espírito nem Matéria, mas tão-somente inumeráveis aspectos do eternamento oculto "É" ou Sat. O Elemento homogêneo primordial é simples e único, *exclusivamente no plano terrestre* de consciência e sensação, por isso que a Matéria, afinal de contas, não é senão a série de nossos próprios estados de consciência, e o Espírito uma idéia de intuição psíquica. Mesmo no plano imediatamente superior, esse elemento simples, que a ciência corrente de nossa Terra define como o último constituinte indecomponível de qualquer espécie de Matéria, no mundo de uma percepção espiritual mais elevada seria considerado, certamente, como uma coisa sobremodo complexa. Ver-se-ia que a nossa água mais pura, em vez de seus dois elementos simples admitidos, o oxigênio e o hidrogênio, apresenta muitos outros constituintes, nem sequer sonhados *pela nossa química terrestre moderna.*

No reino do Espírito as coisas se passam como no da Matéria; a sombra do que é conhecido no plano da objetividade existe no da subjetividade pura. O ponto da substância perfeitamente homogênea, o sarcódio da Monera de Hæckel, é considerado agora com a arquebiose da existência terrestre (o protoplasma do Sr. Huxley) [5]; e o Bathybius Hæckelii tem que remontar à sua arquebiose pré-terrestre. Esta só começa a ser percebida pelos astrônomos em seu terceiro estágio de evolução e durante a chamada "criação secundária". Mas os estudantes de Filosofia Esotérica compreendem bem o significado secreto da Estância:

"Brahma... tem essencialmente o aspecto de Prakriti, assim evolucionado como não evolucionado... O Espírito, ó Duas Vezes Nascido [Iniciado]!, é o aspecto principal de Brahma. O que vem depois é um aspecto duplo [Prakriti e Purusha]... assim evolucionado como não evolucionado; e o Tempo é o último." [6]

Anu é um dos nomes de Brahma, que se distingue de Brahman, e significa "átomo"; anîyâmsam anîyasâm, "o mais atômico do atômico", "o imutável e imperecível (achyuta) Purushottama".

É certo, pois, que os elementos atualmente admitidos — seja qual for o seu número —, e tais como são entendidos e descritos até o presente, não são e não podem ser os elementos *primordiais.* Estes foram formados pelos "*coágulos da fria e radiante Mãe*" e pela "*semente ígnea do ardente Pai*", os quais "não constituem senão um", ou, para usar a linguagem mais clara da ciência moderna, a gênese daqueles elementos se processou nas profundezas da Névoa de Fogo primitiva, nas massas de vapor incandescente das nebulosas irresolúveis; pois, como ensina o Professor Newcomb [7],

(5) Infelizmente, na hora em que escrevemos estas páginas, a "arquebiose da existência terrestre" passou a ser, por efeito de uma análise química algo mais rigorosa, um simples precipitado de sulfato de cálcio; ou seja, do ponto de vista científico, nem sequer é uma substância orgânica! *Sic transit gloria mundi!*

(6) *Vishnu Purâna*, Wilson, I, 18, tradução de Fitzedward Hall.

(7) *Popular Astronomy*, p. 444.

as nebulosas resolúveis não formam uma classe de nebulosas propriamente ditas. Segundo ele acredita, mais de metade de tudo o que a princípio se tomou por nebulosas são apenas "cachos de estrelas", como assim chamou.

Os corpos simples que hoje se conhecem alcançaram seu esta permanente nesta Quarta Ronda e nesta Quinta Raça. Passam eles por um breve período de repouso antes de serem lançados novamente na corrente de sua evolução espiritual ascendente, quando o "fogo vivo de Orus" dissociará os mais irresolúveis e fará com que voltem a se dispersar no Uno Primordial.

Mas o ocultista vai mais longe, conforme se mostrou nos Comentários sobre as Sete Estâncias. E por isso dificilmente pode esperar apoio por parte da Ciência, que rejeitará tanto o seu "anîyâmsam anîyasâm", o Átomo absolutamente espiritual, como os seus Mânasaputras ou Homens Nascidos da Mente. Ao resolver o "elemento material único" em um Elemento absoluto irresolúvel, Espírito ou Matéria-Raiz, deixando-o assim, desde logo, fora do alcance e do campo da Filosofia Física, tem o ocultista, naturalmente, muito pouco em comum com os homens da ciência ortodoxa. Sustenta ele que o Espírito e a Matéria são duas facetas da unidade incognoscível, e que a diversidade aparente de seus aspectos depende: (*a*) dos vários graus de diferenciação da matéria; e (*b*) dos graus de consciência alcançados pelo próprio homem. Mas isto é Metafísica, e tem pouco a ver com a Física — por mais elevada que seja agora esta Filosofia física em sua limitação terrestre.

Não obstante, desde o momento em que a ciência admite, senão a existência real, a possibilidade pelo menos de um Universo com suas inumeráveis formas, condições e aspectos, formandos de uma "Substância única" [8],

(8) Em seu *World-Life* (pp. 48-9), nas notas que acompanham o texto, diz o Professor Winchell: "Admite-se geralmente que em temperaturas excessivamente elevadas a matéria exista em estado de dissociação, isto é, num estado em que não pode haver nenhuma combinação química"; para provar a unidade da matéria, seria preciso recorrer ao espectro, que em todos os casos de homogeneidade revelariam uma linha *brilhante*, ao passo que no caso de existirem várias combinações moleculares — fosse na nebulosa ou em uma estrela — "comportaria o espectro duas ou três linhas brilhantes"! Em ambos os casos, isso não seria uma prova para o físico ocultista, sustentando este que além de certo limite da matéria visível nenhum espectroscópio nem telescópio nem microscópio têm qualquer aplicação. A unidade da Matéria, daquilo que para o alquimista é a verdadeira Matéria cósmica ou "Terra de Adão" — como a chamam os cabalistas — dificilmente pode ser provada ou refutada, nem pelo sábio francês Dumas, que sugere a "natureza composta" dos "corpos" tendo em conta "certas relações entre os pesos atômicos", nem sequer pelo Sr. Crookes com a sua "matéria radiante", embora as experiências deste último possam parecer "mais compreensíveis se admitida a hipótese da homogeneidade dos elementos da matéria e da continuidade de seus estados". Porque tudo isso não transcende a matéria *material*, digamos assim, nem mesmo naquilo que o espectro nos revela, esse "Olho de Shiva" moderno das experiências físicas. Só no tocante a essa matéria podia H. St. Claire Deville dizer que, "quando os corpos considerados simples se combinam uns com outros, desaparecem, ficam individualmente aniquilados", simplesmente porque a ele não era possível acompanhar tais corpos em sua transformação ulterior no mundo da matéria cósmica espiritual. A verdade é que a ciência moderna nunca será capaz de profundar todas as formações cosmológicas, e de encontrar as Raízes da Substância do Mundo ou Matéria, a menos que trabalhe na mesma ordem de idéias que o alquimista da Idade Média.

deve aquela ir mais além. A não ser que também admita a possibilidade de Um Elemento, ou da Vida Una dos ocultistas, terá que manter suspensa no ar aquela "substância única", sobretudo se a limita às nebulosas solares, como o ataúde de Mafoma, mas sem o poderoso ímã que sustinha este ataúde. Felizmente para os físicos especulativos, se não estamos em condições de indicar com alguma precisão o que a teoria nebular implica, possível nos foi aprender, graças ao Professor Winchell e a vários astrônomos dissidentes, o que ela não implica.

Mas, por outro lado, infelizmente isso está longe de esclarecer até os mais simples dos problemas que têm preocupado e ainda preocupam os homens de ciência em sua investigação da verdade. Devemos prosseguir em nosso inquérito partindo das primeiras hipóteses aventadas pela ciência moderna, se queremos descobrir *onde* e *por que* ela erra. Veremos talvez que Stallo tem razão afinal de contas, e que os erros, contradições e equívocos em que incidem os homens de ciência mais eminentes são devidos tão-somente à sua atitude anormal. São materialistas, e querem permanecer como tais *quand même*, apesar de que "os princípios gerais da teoria átomo-mecânica — base da física moderna — são substancialmente idênticos às doutrinas cardeais da metafísica ontológica". Por isso, os erros fundamentais da ontologia se tornam aparentes à medida que progride a ciência física" [9]. A Ciência *está impregnada de conceitos metafísicos, mas os* sábios se negam a reconhecê-lo, e lutam desesperadamente para colocar máscaras átomos-mecânicas nas leis incorpóreas e espirituais da Natureza em nosso plano, não querendo admitir sua substancialidade nem mesmo em outros planos, cuja existência contestam *a priori*.

Fácil é mostrar, todavia, como os sábios, aferrados a suas opiniões materialistas, têm procurado, desde os tempos de Newton, encobrir e mascarar os fatos e a verdade. Mas a sua tarefa se faz cada vez mais difícil; e cada ano a Química, na vanguarda de todas as outras ciências, mais e mais *se aproxima do lado oculto da Natureza. Está em via de aprender aquelas* verdades ensinadas durante séculos pela Ciência Oculta, e que até agora têm sido tratadas com desprezo e zombaria. "A Matéria é eterna", diz a Doutrina Esotérica. Mas a Matéria em seu estado *laya* ou *zero*, tal como a concebem os ocultistas, não é a matéria da ciência moderna, nem mesmo em seus estados mais rarefeitos. A "matéria radiante" do Sr. Crookes apareceria como matéria da espécie mais grosseira no reino dos primórdios, uma vez que ela aí se converte em puro Espírito antes de sequer retornar ao seu primeiro ponto de diferenciação. Quando, portanto, o Adepto ou o Alquimista acrescenta que, embora sendo eterna a matéria (porque é Pradhâna), os Átomos nascem em cada novo Manvantara ou reconstrução do Universo, isto não é uma contradição, como poderia pensar o materialista, que não crê em coisa alguma fora do átomo. Há uma diferença entre a matéria *manifestada* e a *não-manifestada*; entre Pradhâna, a causa sem começo e sem fim, e Prakriti ou o efeito manifestado. Diz o sloka:

(9) *Concepts of Modern Physics*, p. VI.

"Aquilo que é a causa não evolucionada, os sábios mais ilustres chamam-no enfaticamente Pradhâna, *base original*, que é Prakriti sutil, ou seja, o que é eterno e o que ao mesmo tempo é e não é, ou *é simples processo.*" [10]

Aquilo a que se refere a fraseologia moderna como Espírito e Matéria é UNO na externidade como Causa Perpétua, e não é nem Espírito nem Matéria: é AQUILO — expresso em sânscrito por TAD — tudo o que foi, é ou será, tudo o que a imaginação do homem é capaz de conceber. Até o panteísmo exotérico do Hinduísmo o descreve como jamais o fez nenhuma filosofia monoteísta; pois a sua Cosmogonia, com admirável eloqüência, começa por estas palavras bastante conhecidas:

"Não havia dia nem noite, não havia céu nem terra, não havia trevas nem luz. Nada existia que fosse perceptível pelos sentidos ou pelas faculdades da mente. Havia, porém, um Brahma, essencialmente Prakriti [Natureza] e Espírito. Porque, ó Brâmane! os dois aspectos de Vishnu, distintos do seu aspecto supremo essencial, são Prakriti e Espírito. *Quando* esses dois aspectos *outros* já não subsistem, porque se dissolveram, então aquele *aspecto*, de onde procede *de novo* a forma, e tudo o mais, ou seja, a criação, é denominada tempo, ó duas vezes nascido!" [11]

O que se dissolve é esse aspecto *dual* ilusório de AQUILO cuja essência é eternamente Una, o que chamamos Matéria Eterna, ou Substância, sem forma, sem sexo, inconcebível, até mesmo para o nosso sexto sentido ou mente [12]; e em que, portanto, nos negamos a ver o que os monoteístas chamam um Deus pessoal, antropomórfico.

Como serão consideradas pela ciência exata estas duas proposições: "a Matéria é eterna" e "o átomo é periódico e não-eterno"? O físico materialista as criticará, rindo-se com soberano desprezo. Mas o cientista liberal e progressista, o verdadeiro e devotado investigador da ciência, como o eminente químico Sr. Crookes, confirmará a possibilidade das duas asserções. Com efeito. Ainda não se havia apagado o eco de sua conferência sobre a "Gênese dos Elementos" — proferida perante a Seção de Química da Associação Britânica na reunião de Birmingham em 1887, e que tanto surpreendeu os evolucionistas que a ouviram ou leram — e outra foi por ele pronunciada em 1888. Uma vez mais o presidente da Sociedade de Química apresentou ao mundo da ciência e ao público os resultados de algumas descobertas novas no domínio dos átomos, e estas descobertas justificavam em toda a linha os ensinamentos ocultos. São elas ainda mais surpreendentes que as afirmações de sua primeira conferência, e bem merecem a atenção de todo ocultista, teósofo ou metafísico. Eis o que ele diz a respeito dos "Elementos e *Meta*-Elementos", justificando assim as aspirações e as previsões de Stallo, com o valor de um espírito científico que ama a Ciência no interesse da verdade, sem cuidar das conseqüências quanto à sua própria glória e reputação. Transcrevemos suas palavras:

(10) Wilson, *Vishnu Purâna*, volume I, p. 20.

(11) *Ibid.*, vol. I, p. 25, trad. de Fitzedward Hall.

(12) Veja-se na Seção anterior (VII): "Vida, Força e Gravidade", citação do *Anugitâ*.

"Permiti-me, senhores, chamar agora a vossa atenção por um momento sobre um assunto que interessa aos princípios fundamentais da química, sobre um assunto que nos pode levar a admitir a possível existência de corpos que, não sendo compostos nem misturas, também não são corpos simples no sentido mais estrito desta palavra; de corpos que eu me atrevo a chamar "meta-simples". Para tornar claro o meu pensamento, é necessário voltar ao conceito que nós fazemos de um corpo simples. Qual é o critério referente a um elemento? Onde devemos traçar a linha demarcatória entre a existência distinta e a identidade? Ninguém põe em dúvida que o oxigênio, o sódio, o cloro e o enxofre sejam elementos distintos; e, quando tratamos de grupos como o cloro, o bromo, o iodo, etc., ainda que fossem admissíveis graus de "simplicidade" (e quem sabe se futuramente não chegarem até esse ponto), concordaríamos em admitir que o cloro se aproxima muito mais do bromo que do oxigênio, do sódio ou do enxofre. Também o níquel e o cobalto muito se aproximam um do outro, embora ninguém duvide que ambos têm o direito de ser classificados como corpos simples diferentes. Não posso, contudo, deixar de perguntar que opinião teria prevalecido entre os químicos, se as respectivas soluções desses corpos e de seus compostos apresentassem cores idênticas, em vez de cores que são aproximadamente complementares entre si. Ter-se-ia, ainda assim, admitido a natureza distinta de cada um? Quando *vamos mais longe e chegamos às chamadas terras raras, menos firme é o terreno sob* nossos pés. Podemos admitir o escândio, o itérbio e outros da mesma classe como corpos simples; mas que dizer no caso do neodímio e do praseodímio, se entre eles podemos considerar que não existe nenhuma diferença química bem determinada, se o seu principal título de individualidade se apóia simplesmente sobre diferenças mínimas em suas qualidades básicas e em suas faculdades de cristalização — ainda que suas diferenças físicas, observadas através do espectro, sejam mui fortemente acentuadas? Mas também aqui podemos supor que o ânimo da maioria dos químicos penderia para o lado da indulgência, de modo que é provável viessem a admitir esses *dois corpos dentro do círculo mágico. Em quanto a saber se, assim procedendo,* poderiam invocar algum princípio de ordem geral, é questão duvidosa. Se admitimos tais candidatos, como poderemos, em sã justiça, excluir as séries de corpos simples ou meta-simples que Krüss e Wilson nos deram a conhecer? Aqui as diferenças espectrais são bem marcantes, enquanto que as minhas próprias investigações sobre o didímio também mostram uma ligeira diferença básica, pelo menos entre alguns desses corpos duvidosos. Devem incluir-se na mesma categoria os numerosos corpos distintos, nos quais é provável que o érbio, o ítrio, o samário e outros "elementos" — como se diz comumente — têm sido e são agrupados. Onde, pois, traçar a linha? Os diferentes agrupamentos se fundem tão imperceptivelmente uns nos outros que é impossível estabelecer uma separação definida entre dois corpos adjacentes, e dizer que o corpo deste lado da linha é simples, e que não o é o situado do outro lado ou não passa de algo parecido a um corpo simples ou que dele se aproxima. Onde quer que se possa traçar uma linha com aparente razão, não há dúvida que será fácil assinar à maioria dos corpos o lugar que lhes compete, pois que em todos os casos a verdadeira dificuldade de classificação começa quando nos acercamos da linha divisória. Admitem-se, naturalmente, ligeiras diferenças químicas, e, até certo ponto, a mesma coisa se faz com diferenças físicas bastante acentuadas. Quer dizer, porém, quando a única diferença química consiste em uma tendência quase imperceptível de um dos corpos — de um par ou de um grupo — a precipitar-se antes que o outro? Há casos ainda em que as diferenças químicas mal se percebem, apesar de persistirem diferenças físicas bem pronunciadas. Aqui tropeçamos com uma nova dificuldade: em meio a obscuridades que tais, como distinguir o que é químico do que é físico? Será que temos o direito de qualificar como "diferença física" a ligeira tendência que tem um precipitado amorfo nascente de se formar antes que outro? Será que podemos chamar "diferenças químicas" às reações coloridas dependentes da quantidade de algum ácido particular presente, e que variam segundo o grau de concentração da solução e segundo o solvente empregado? Não vejo como podemos negar o caráter de simples a um corpo que difere de outro por uma cor bem definida ou pelas reações espectrais, quando o concedemos a outro corpo cujo único direito consiste numa insignificante diferença nas faculdades básicas. Agora, que já deixamos a porta suficientemente aberta para admitir algumas diferenças espectrais, devemos perguntar: qual é a diferença mínima

que autoriza o candidato a passar? Apresentarei alguns exemplos, recolhidos de minhas experiências pessoais, com relação a certos candidatos duvidosos."

Aqui o grande químico mostra vários casos do comportamento singularíssimo de moléculas e minerais que, aparentemente idênticos, ofereceram, contudo, examinados mais atentamente, diferenças que, apesar de pequenas, provaram não se tratar de corpos simples; sendo que os 60 ou 70 aceitos como tais pela química já não correspondem às necessidades atuais. Ao que parece, seu número constitui legião; mas, como a chamada "teoria periódica" se opõe a uma ilimitada multiplicação de corpos simples, o Sr. Crookes se vê obrigado a buscar algum meio de conciliar a nova descoberta com a antiga teoria. "Esta teoria", diz ele:

"Foi tão plenamente confirmada que não podemos aceitar facilmente uma interpretação dos fenômenos que não esteja de acordo com ela. Mas, se supusermos os corpos simples reforçados por um grande número de corpos que pouco diferem uns dos outros em suas propriedades, e formando, se assim me posso exprimir, agregações de nebulosas ali onde a princípio não víamos ou não julgávamos ver senão estrelas separadas, a combinação periódica já não se pode compreender claramente por mais tempo. Isto é: por mais tempo, se continuamos mantendo o nosso habitual conceito de corpo simples. Modifiquemos, pois, este conceito. Em lugar de "corpo simples", leia-se "grupo simples" — substituindo estes grupos simples aos antigos corpos na teoria periódica — e a dificuldade desaparece. Ao definir um corpo simples, não tomemos um limite exterior, mas um limite interno. Digamos, por exemplo, que a menor quantidade ponderável de ítrio é um conjunto de átomos últimos, quase infinitamente mais parecidos entre si que os átomos de qualquer outro elemento aproximado. Não se segue, necessariamente, que os átomos devem ser todos absolutamente semelhantes entre si. O peso atômico que atribuímos ao ítrio representa, portanto, apenas um valor médio, ao redor do qual os pesos reais dos átomos individuais do "corpo simples" figuram dentro de certos limites. Mas, se a minha suposição é admissível, veríamos, no caso em que pudéssemos separar os átomos uns dos outros, que eles variam dentro de estreitos limites aquém e além do termo médio. O processo mesmo do fracionamento implica a existência de tais diferenças em certos corpos."

Assim, mais uma vez os fatos e a verdade se impuseram à ciência "exata", obrigando-a a ampliar suas opiniões e a transferir-lhes os limites, que, ocultando a multiplicidade, reduziam esta a um só corpo — como os Elohim Setenário e suas legiões, transformados em um Jeová por materialistas religiosos. Substituam-se os termos químicos "molécula", "átomo", "partícula", etc., pelas palavras "Legiões", "Mônadas", "Devas", etc., e poder-se-ia crer que se faz a descrição da gênese dos Deuses, da evolução primordial das Forças manvantáricas *inteligentes*. Mas o sábio conferencista acrescenta a suas observações descritivas algo mais significativo ainda; se consciente ou inconscientemente, quem o sabe? Pois ele diz:

"Até recentemente ainda, esses corpos figuravam na lista dos corpos simples. Tinham propriedades químicas e físicas definidas; tinham pesos atômicos reconhecidos. Se tomarmos uma solução pura diluída de um desses corpos, o ítrio por exemplo, e lhe adicionarmos um excesso de amoníaco concentrado, obteremos um precipitado que parece perfeitamente homogêneo. Mas, se, em vez disso, adicionarmos amoníaco muito diluído, só em quantidade suficiente para precipitar metade da base presente, não obteremos nenhum precipitado imediato. Se agitarmos tudo cuidadosamente, de modo que se obtenha uma mistura uniforme da solução e do amoníaco, e deixarmos o recipiente em repouso durante uma hora, evitando completamente a poeira, ainda

teremos o líquido claro e transparente, sem vestígio algum de opacidade. No entanto, depois de três ou quatro horas se produzirá uma opalescência, e na manhã seguinte terá aparecido um precipitado. Agora perguntamos: que pode significar este fenômeno? A quantidade do reativo adicionado não dava para precipitar mais que metade do ítrio presente; assim, durante algumas horas deve ter se verificado um processo parecido ao da seleção. *Evidentemente* a precipitação *não se operou ao acaso*; o que houve foi a decomposição daquelas moléculas da base que entravam em contato com uma molécula correspondente de amoníaco, pois tivemos o cuidado de misturar bem os líquidos, a fim de evitar que uma molécula do sal original pudesse ficar exposta à decomposição mais do que outra. Se, além disso, levarmos em conta o tempo transcorrido antes de aparecer um precipitado, *não poderemos fugir à conclusão de que a ação produzida durante as primeiras horas tinha caráter seletivo*. O problema não consiste em descobrir por que se produz um precipitado, mas em saber o que é que determina ou impele certos átomos a se depositarem e outros a permanecerem em solução. Entre a multidão de átomos presentes, *qual é o poder que faz cada átomo escolher o seu caminho? Poderíamos representar-nos alguma força diretora passando em revista os átomos, um por um, e escolhendo este para a precipitação e aquele para a solução, até que todos tivessem o seu destino.*"

Os grifos são nossos. Ao homem de ciência é lícito perguntar: Qual é o poder que dirige cada átomo, e qual o significado de seu caráter seletivo? Os deístas resolveriam a questão respondendo: "Deus"; mas com isso nada teriam resolvido filosoficamente. O Ocultismo responde em seu próprio terreno panteísta, e ensina ao estudante que são Deuses, Mônadas e Átomos. O sábio conferencista vê ali o que interessa principalmente: os sinais indicativos de um caminho que pode conduzir ao descobrimento e à plena e completa demonstração da existência de um elemento homogêneo na Natureza. Observa ele:

"Para que semelhante seleção possa operar-se, é evidente que deve haver algumas ligeiras diferenças entre as quais seja possível escolher, sendo quase certo que tais diferenças hão de ser básicas e tão pequenas que se tornem imperceptíveis dentro dos meios de experimentação até agora conhecidos, mas suscetíveis de ser estimuladas até um ponto em que possam ser apreciadas pelos meios ordinários."

O Ocultismo, que conhece a existência e a presença, na Natureza, do Elemento Eterno Único, em cuja primeira diferenciação se implantam periodicamente as raízes da Árvore da Vida, não necessita de provas científicas. Diz ele: A Sabedoria Antiga resolveu o problema há séculos. Sim, leitor sério ou sarcástico: a Ciência se aproxima, lenta mas seguramente, de nossos domínios do Oculto. Vê-se ela obrigada por suas próprias descobertas a adotar, *nolens volens*, nossa fraseologia e nossos símbolos. A Química foi agora compelida, pela força mesma das circunstâncias, a aceitar até a nossa explicação da evolução dos Deuses e dos Átomos, tão significativa e admiravelmente representada no Cadoceu de Mercúrio, o Deus da Sabedoria, e na linguagem alegórica dos Sábios Arcaicos. Eis o que diz um Comentário da Doutrina Esotérica:

O tronco do ASVATTHA (*a Árvore da Vida e do Ser, a* VARA *do Caduceu*) *nasce e desce em cada começo* (*em cada novo Monvantara*) *das duas asas escuras do Cisne* (HANSA) *da Vida. As duas Serpentes, o eternamente vivo e sua ilusão* (*Espírito e Matéria*), *cujas duas cabeças procedem da cabeça entre as asas, descem ao longo do tronco, entrelaçadas num estreito abraço. As duas caudas juntam-se na terra* (*o Universo manifestado*), *formando uma só, e esta é a grande ilusão, ó Lanu!*

Todo mundo sabe o que é o Caduceu, consideravelmente modificado pelos gregos. O símbolo original — com a tríplice cabeça da Serpente — sofreu uma alteração, convertendo-se em uma vara com um remate, e sendo separadas as duas cabeças inferiores, o que de algum modo desfigurou o significado primitivo. Contudo, essa vara *laya* rodeada por duas serpentes é ainda uma boa ilustração para o que estamos expondo. Em verdade, os poderes maravilhosos do Caduceu mágico foram cantados por todos os poetas antigos, e isso com justa razão para aqueles que lhe compreendiam o significado secreto.

Ora, que diz o douto Presidente da Sociedade de Química da Grã-Bretanha, naquela mesma conferência, que possa ter alguma relação com a nossa doutrina acima mencionada? Mui pouca coisa; só o que se segue, e nada mais:

"Na conferência de Birmingham, a que já fiz referência, pedi ao meu auditório que figurasse a ação de duas forças sobre o protilo original: duas forças, uma das quais seria o tempo, acompanhada de uma baixa de temperatura, e a outra uma oscilação semelhante à de um poderoso pêndulo, com ciclos periódicos de fluxo e refluxo, de repouso e atividade, achando-se intimamente relacionado com a matéria imponderável, essência ou fonte de energia que chamamos eletricidade. Pois bem: um símil como este alcança o seu objetivo se chega a fixar a mente sobre o fato particular que se propõe demonstrar; mas não se deve esperar que se ajuste necessariamente a todos os fatos. Além do abaixamento da temperatura com o fluxo e o refluxo periódicos da eletricidade, necessários para conferir aos elementos recém-nascidos a sua atomicidade particular, é evidente que um terceiro fator deve ser levado em conta. A Natureza *não opera sobre uma superfície plana; requer espaço para suas atividades cosmogênicas.* E se introduzirmos o espaço como terceiro fator, tudo aparece claro. Em vez de um pêndulo, que, sendo até certo ponto um bom meio de comparação, é na realidade impossível, busquemos um exemplo mais satisfatório para representar o que, a meu ver, se deve ter passado. Suponhamos um diagrama em ziguezague que não esteja traçado sobre um plano, mas projetado no espaço de três dimensões. Que melhor figura poderíamos escolher, capaz de preencher todas as condições requeridas? Muitos fatos podem ser perfeitamente explicados, supondo-se que a projeção, no espaço, da curva em ziguezague do Professor Emerson Reynolds seja uma espiral. Esta figura é, no entanto, inadmissível, tanto mais que a curva deve passar duas vezes em cada ciclo por um ponto neutro, quanto à eletricidade e à energia química. Cumpre-nos, portanto, adotar outra figura. A curva em forma de oito (8), ou lemniscata, resumirá um ziguezague assim como um espiral, e satisfaz todas as condições do problema."

Uma lemniscata para a evolução descendente, desde o Espírito até a Matéria; outra forma de espiral, talvez, para o caminho evolutivo ascendente, desde a Matéria ao Espírito; e a necessária reabsorção gradual e final no estado *laya*, aquilo que a Ciência chama, em sua terminologia, "o ponto neutro referente à eletricidade", ou o ponto *zero*. Tais são os fatos e as

afirmações ocultas. Tudo isso virá a ser algum dia confirmado pela Ciência; assim esperamos e confiamos. Ouçamos, porém, algo mais acerca daquele tipo genético primordial do Caduceu simbólico.

"Semelhante figura resultará de três movimentos simultâneos muito simples. Primo, uma simples oscilação para trás e para diante (figuremos que seja de Este para Oeste); *secundo*, uma simples oscilação em ângulos retos com a primeira (suponhamos de Norte para o Sul), reduzida à metade a duração periódica, ou seja, com uma rapidez duas vezes maior; e *tertio*, um movimento em ângulos retos com aqueles dois (de cima para baixo, por exemplo), que em sua forma mais simples teria uma velocidade uniforme. Se projetamos essa figura no espaço, observamos, ao examiná-la, que as pontas das curvas em que se formam o cloro, o bromo e o iodo se aproximam uma de outra; que o mesmo sucede com o enxofre, o selênio e o telúrio; igualmente com o fósforo, o arsênico e o antimônio, e de modo idêntico com outras séries de corpos análogos. Poder-se-á perguntar se esta teoria explica por que e como aparecem os elementos naquela ordem. Imaginemos um movimento de translação cíclico no espaço, em que cada evolução presidisse à gênese do grupo de elementos que anteriormente representei como produzidos durante uma vibração completa do pêndulo. Suponhamos que se tenha assim cumprido um ciclo, e que o centro da força criadora desconhecida, em sua grande jornada pelo espaço, semeasse ao longo do seu caminho os átomos primitivos — as sementes, se me permitem a expressão — átomos que então se juntariam para converter-se nos grupos hoje conhecidos como o lítio, o berílio, o boro, o carbono, o nitrogênio, o oxigênio, o flúor, o sódio, o magnésio, o alumínio, o silício, o fósforo, o enxofre e o cloro. Qual é, segundo todas as probabilidades, a forma do caminho agora seguido? Se se limitasse estritamente ao mesmo plano de temperatura e de tempo, os grupamentos elementais que apareceriam em seguida seriam ainda os do lítio, e o ciclo primitivo se repeteria eternamente, produzindo uma e outra vez os mesmos 14 corpos simples. As condições, porém, não são inteiramente as mesmas. O espaço e a eletricidade não sofreram alteração; mas a temperatura se modificou, e assim, em vez de serem reforçados os átomos de lítio por átomos análogos em todos os conceitos, os grupos atômicos que aparecem quando principia o segundo ciclo não formam o lítio, mas o potássio, seu descendente em linha reta. Suponhamos, pois, que a *vis generatrix* executa um movimento de vaivém em ciclos, sobre um caminho em forma de lemniscata, como sugeri acima, enquanto que simultâneamente a temperatura desce e o tempo se escoa — variações que tentei representar no movimento para baixo —, cruzando cada curva do caminho da lemniscata a mesma linha vertical em pontos cada vez mais baixos. Projetada no espaço, a curva revela uma linha central neutra no que se refere à eletricidade e às propriedades químicas: eletricidade positiva ao Norte, negativa ao Sul. As atomicidades dominantes são regidas pela distância a Este e a Oeste da linha central neutra, encontrando-se os elementos monoatômicos na primeira unidade de distância, os diatômicos na segunda, e assim por diante. Prevalece a *mesma lei em cada uma das voltas sucessivas.*"

E, como para demonstrar a afirmação da Ciência Oculta e da Filosofia hindu, de que, na hora do Pralaya, os dois aspectos da Divindade Incognoscível — "o Cisne nas trevas" —, Prakriti e Purusha, a Natureza ou Matéria (em todas as suas formas) e o Espírito, já não subsistem, mas se acham então totalmente dissolvidos, eis a opinião científica conclusiva do grande químico inglês, que coroa os seus argumentos dizendo:

"Indicamos aqui a formação dos elementos químicos procedentes de nodos e de vácuos em um fluido primitivo informe. Mostramos a possibilidade, mais ainda, a probabilidade de que os átomos não sejam eternos em sua existência, senão que partilha, com todos os seres da criação, os atributos de decadência e morte."

Amen, respondem os ocultistas, para quem a "possibilidade" e a "probabilidade" científicas são fatos demonstrados, que dispensam, por inútil, outra prova ulterior ou alguma evidência física extrínseca. Não obstante, repete o Ocultismo com a mesma segurança de sempre: "A MATÉRIA É ETERNA, e só periodicamente é que se faz atômica (seu aspecto)". Isso é tão certo quanto é errônea outra proposição, tal como a formulam os homens de ciência, aceita pela quase unanimidade dos astrônomos e dos físicos, a saber: que o corpo do Universo se consome gradualmente com o uso e a deterioração, que por fim hão de conduzir à extinção dos fogos solares e à destruição do Universo. Haverá, como sempre houve, no tempo e na eternidade, dissoluções periódicas do Universo manifestado, como as que produzem os Pralayas parciais, depois de cada Dia de Brahma, e um Pralaya Universal — o Mahâ-Pralaya —, que somente ocorre no fim de cada Idade de Brahma. Mas as causas científicas de semelhantes dissoluções, tais como as apresenta a Ciência exata, nada têm a ver com as verdadeiras causas. Seja como for, mais uma vez foi o Ocultismo confirmado pela Ciência, pois diz o Sr. Crookes:

"Demonstramos, com argumentos recolhidos do laboratório químico, que na matéria que passou por todas as provas de um corpo simples existem ligeiríssimos matizes de diferença que tornam admissível a seleção. Vimos que a distinção tradicional entre corpos simples e compostos já não se concilia com o progresso da ciência química, devendo o critério ser modificado a fim de que possa abranger um grande número de corpos intermédios, os "meta-elementos". Demonstramos que as objeções de Clerk-Maxwell, por mais ponderáveis que sejam, podem ser contestadas; e, finalmente, expendemos razões que levam a crer que a matéria primitiva foi formada pela ação de uma força geradora, lançando, a intervalos de tempo, átomos dotados de *quantidades variáveis de formas primitivas de energia. Se nos for permitido aventurar* conjeturas quanto à origem da energia encerrada em um átomo químico, poderemos, creio eu, supor que as radiações de calor que da matéria ponderável do Universo se propagam externamente, através do éter, são, por algum processo natural que ainda desconhecemos, transformadas nos confins do Universo em movimentos primários — os essenciais — dos átomos químicos, que, desde o momento de sua formação, gravitam para o centro, devolvendo assim ao Universo a energia que, de outro modo, estaria para ele perdida, por efeito do calor radiante. Se esta suposição estiver bem fundada, a chocante predição de Sir William Thomson quanto à decrepitude final do Universo, em virtude do esgotamento de sua energia, cairá por terra. É desta maneira, senhores, que se pode, segundo penso, tratar provisoriamente a questão dos corpos simples. O nosso escasso conhecimento acerca destes primeiros mistérios vai-se ampliando de forma metódica, ainda que lentamente."

Por uma estranha e curiosa coincidência, até mesmo a nossa doutrina setenária parece estar se impondo à Ciência. Se bem compreendemos, a Química fala de quatorze grupos de átomos primitivos — o lítio, o berilo, o boro, o carbono, o nitrogênio, oxigênio, o fluor, o sódio, o magnésio, o alumínio, o silício, o fósforo, o enxofre e o cloro; e o Sr. Crookes, referindo-se às "atomicidades dominantes", delas enumera sete grupos, pois diz:

"À medida que o poderoso foco de energia criadora dá a volta, vemo-lo disseminar, durante sucessivos ciclos, em uma região do espaço, sementes de lítio, potássio, rubídio e césio; em outra região, de cloro, bromo e iodo; em uma terceira, de sódio, cobre, prata e ouro; em uma quarta, de enxofre, selênio e telúrio; em uma quinta, de berilo, cálcio, estrôncio e bário; em uma sexta, de magnésio, zinco, cádmio e mer-

cúrio; e em uma sétima região, de fósforo, arsênico, antimônio e bismuto [o que perfaz sete grupos por um lado. E depois de mostrar]... em outras regiões os demais elementos, a saber: o alumínio, o gálio, o índio e o tálio; o silício, o germânio e o estanho; o carbono, o titânio e o zircônio... [acrescenta] é encontrada uma posição natural perto do eixo neutro para os três grupos de corpos simples relegados pelo Professor Mondeleeff a uma espécie de Hospital de Incuráveis — sua oitava família."

Seria realmente interessante comparar essas sete famílias e a oitava família de "incuráveis" com as alegorias concernentes aos sete filhos primitivos da "Mãe, o Espaço *Infinito*" ou Aditi, e ao *oitavo filho por ela repudiado*. Muitas coincidências estranhas poderiam encontrar-se entre "esses elos intermediários... chamados metaelementos" ou elementóides, e aqueles que são os seus Númenos para a Ciência Oculta, os Espíritos e Reitores inteligentes desses grupos de Mônadas e Átomos. Mas isto nos levaria demasiado longe. Contentemo-nos em encontrar a confissão de que

"Esse desvio da homogeneidade absoluta deveria marcar a constituição de tais moléculas ou agrupamentos de matéria que nomeamos como corpos simples, e tudo ficaria mais claro, talvez, se nos transportássemos em pensamento à primeira aurora do nosso Universo material, e, face a face com o Grande Segredo, tratássemos de examinar o processo da evolução elemental."

Assim, a Ciência, na pessoa de um de seus mais autorizados representantes, finalmente adota, para se fazer compreender melhor dos profanos, a maneira de falar de antigos Adeptos, como Rogério Bacon, e regressa ao "protilo". Tudo isso dá esperança e constitui um significativo "sinal dos tempos".

A verdade é que tais sinais são numerosos e se multiplicam diariamente; mas nenhum deles é mais importante que os já citados. Porque agora se construiu uma ponte sobre o abismo que separava as doutrinas ocultas, "supersticiosas e anticientíficas", dos ensinamentos da Ciência "exata"; e um, pelo menos, entre os poucos químicos eminentes de nossos dias, vem de penetrar nos domínios das infinitas possibilidades de Ocultismo. Cada novo passo que ele der para a frente se aproximará, cada vez mais, daquele misterioso centro, de onde se irradiam os inumeráveis caminhos que conduzem o Espírito para a Matéria, e que transformam os Deuses e as Mônadas vivente no homem e na Natureza senciente.

Temos, porém, algo mais que dizer em relação a este assunto, e é o que faremos na Seção seguinte.

Seção IX

A FORÇA FUTURA

Suas possibilidades e impossibilidades

Diremos que Força é "Matéria agitada" ou "Matéria em movimento" e uma manifestação da Energia, ou que Matéria e Força são os aspectos fenomenais diferenciados da Substância Cósmica primária e não-diferenciada?

Esta questão é relacionada com a Estância que trata de FOHAT e seus "Sete Irmãos ou Filhos"; em outras palavras, da *causa* e dos *efeitos* da Eletricidade Cósmica. Em linguagem oculta, os Irmãos ou Filhos são as sete forças primárias da Eletricidade, cujos efeitos puramente fenomenais, e portanto os mais grosseiros, são os únicos que os físicos conhecem no plano cósmico, e sobretudo no plano terrestre. Tais efeitos compreendem, entre outras coisas, o Som, a Luz, a Cor, etc. Ora, que nos diz a Ciência Física a respeito destas "Forças"? O SOM, diz ela, é uma sensação produzida pelo contato das moléculas atmosféricas com o tímpano, o que provoca certas trepidações delicadas no aparelho auditivo e assim comunica as vibrações daquelas moléculas ao cérebro. A LUZ é a sensação causada pelo contato, com a retina, de vibrações do éter inconcebivelmente minúsculas.

É o que também dizemos. Mas estes são simplesmente os efeitos produzidos em nossa atmosfera e nos meios imediatos; na realidade, em tudo o que se acha no campo de nossa consciência terrestre. Júpiter Pluvius deu o seu símbolo em gotas de chuva, em gotas de água, composta, conforme se admite, de dois "corpos simples", que a Química separa e combina novamente. As moléculas compostas estão sob o seu domínio, mas os átomos ainda lhe escapam. O Ocultismo vê em todas estas Forças e manifestações uma escada cujos degraus inferiores pertencem à Física exotérica, e os superiores conduzem a um Poder vivo, inteligente e invisível, que é, por via de regra, a causa indiferente, ainda que excepcionalmente consciente, dos fenômenos que impressionam os sentidos e que se atribuem às leis da Natureza.

Nós dizemos e reafirmamos que o SOM, por exemplo, é uma terrível força oculta; uma força tremenda, cuja potencialidade menor, quando manejada como conhecimento do Oculto, não poderia ser detida pela eletricidade gerada por um milhão de Niágaras. É possível produzir um som de tal

natureza que seria capaz de erguer nos ares a pirâmide de Cheops, ou de fazer reviver um moribundo, restituindo-lhe o vigor e a energia, e até um homem que houvesse exalado o seu último alento.

Porque o som engendra, ou melhor, aglutina os elementos que produzem o *ozônio*, cuja fabricação transcende as faculdades da Química, estando, porém, dentro da esfera da Alquimia. Pode até *ressuscitar* um homem ou um animal cujo "corpo vital" astral não esteja ainda irreparavelmente separado de seu corpo físico pela ruptura do cordão ódico ou magnético. Por haver sido *salva, três vezes da morte*, em virtude daquela força, é natural que *se julgue a autora pessoalmente conhecedora de algo a esse respeito.*

E se tudo isso parece demasiado *anticientífico*, para ser levado em consideração, que explique a Ciência a que leis mecânicas e físicas, dentre as por ela conhecidas, se devem os recentes fenômenos produzidos pelo chamado motor Keely. Que é o que atua como formidável gerador de força invisível, mas tremenda, que não somente se mostrou capaz de pôr em movimento uma máquina de 25 cavalos, como foi empregada ainda para levantar a própria máquina? E, no entanto, tudo isso se obtém só com passar um arco de violino por um diapasão, conforme ficou provado inúmeras vezes. Porque a Força Etérea descoberta por John Worrell Keely, de Filadélfia, bastante conhecido na América e na Europa, não é uma *alucinação*. Conquanto não fosse ele bem sucedido em seus esforços para utilizá-la — revés este prognosticado e afirmado desde o começo por alguns ocultistas — os fenômenos apresentados pelo inventor nestes últimos anos têm sido surpreendentes, quase *milagrosos*, não no sentido do *sobrenaturais* [1], mas no de *sobre-humanos*. Se a Keely fosse permitido fazê-lo, poderia ele reduzir a átomos todo um exército no espaço de alguns segundos, tão facilmente como reduziu àquele estado o corpo de um boi morto.

Pedimos agora ao leitor que dispense séria atenção a esta força recém-descoberta, à qual o seu inventor deu o nome de Força ou Forças Interetéricas.

Segundo a humilde opinião dos ocultistas, e a de seus amigos íntimos, Keely estava e está ainda no limiar de um dos maiores segredos do Universo; daquele, principalmente, sobre o qual repousa todo o mistério das Forças físicas e o significado esotérico do simbolismo do "Ovo do Mundo". A Filosofia Oculta, considerando o Cosmos, manifestado e não-manifestado, como uma UNIDADE, simboliza o conceito ideal do primeiro em um "Ovo

(1) A palavra *sobrenatural* quer dizer *acima* ou *fora* da Natureza. A Natureza e o Espaço são a mesma coisa. Ora, para o metafísico, o Espaço existe fora de todo ato de sensação, sendo uma representação puramente subjetiva, apesar da oposição do Materialismo, que desejaria associá-lo necessariamente a uma sensação qualquer. Para os nossos sentidos, o Espaço é realmente subjetivo quando considerado independentemente de seu conteúdo. Como, pois, é possível que um fenômeno, ou seja que outra coisa for, se produza fora ou além daquilo que não tem limites? Ainda quanto a extensão do espaço se converta em mero conceito, e seja considerada como uma idéia relacionada com certas ações, como pensam os materialistas e os físicos, nem assim cabe a estes o direito de definir e afirmar o que pode ou não pode ser produzido por forças geradas dentro ainda de espaços limitados, visto que não fazem eles nenhuma idéia, sequer aproximada, do que são essas Forças.

de Ouro" com seus dois pólos. O pólo positivo é o que atua no mundo manifestado da Matéria, ao passo que o pólo negativo se perde no incognoscível Absoluto de SAT — a *Asseidade*[2]. Não podemos dizer se isso está de acordo com a filosofia do Sr. Keely, o que aliás não tem muita importância no caso. Contudo, suas idéias acerca da construção eteromaterial do Universo se aproximam estranhamente das nossas, e *neste particular* são quase idênticas. Eis o que se lê em um interessante folheto escrito pela Sra. Bloomfield-Moore, dama norte-americana de cabedal e posição, cujos esforços incessantes em prol da verdade nunca serão louvados em demasia:

"O Sr. Keely assim explica o funcionamento de sua máquina: Ao serem projetadas as máquinas até hoje construída, nunca se encontrou o meio de produzir um centro neutro. Se se houvesse conseguido, teriam chegado ao fim as dificuldades daqueles que procuram o movimento contínuo, e este problema passaria a ser coisa resolvida. Só haveria necessidade do impulso inicial de algumas libras sobre tal mecanismo para fazê-lo funcionar durante séculos. No projeto de minha máquina vibratória não cogitei de obter o movimento contínuo; mas se forma um circuito que tem realmente *um centro neutro*, o qual pode ser vivificado pelo meu éter vibratório e, uma vez sob a ação desta substância, passa a ser uma máquina virtualmente independente da massa (ou globo)[3], e isto devido à velocidade assombrosa do circuito vibratório. Entretanto, apesar de toda a sua perfeição, necessita a máquina de ser alimentada com éter vibratório para constituir um motor independente... Todas as construções requerem fundações com uma resistência proporcional ao peso da massa que devem suportar, mas as fundações do Universo assentam em um ponto do vácuo infinitamente menor que uma molécula; em uma palavra, e para expressar com exatidão esta verdade, em um *ponto interetérico*, que só uma mente infinita é capaz de compreender. Sondar as profundezas de um centro etérico é exatamente o mesmo que buscar os confins do vasto espaço do éter dos céus, com a diferença de que um é o campo positivo, e o outro é o campo negativo."

Esta é precisamente, como é fácil ver, a Doutrina Oriental. O ponto interetérico do Sr. Keely é o ponto "laya" dos ocultistas; todavia, não é necessária "uma mente infinita para compreendê-lo", bastando apenas uma intuição e uma habilidade especial para descobrir o lugar em que se oculta neste Mundo de Matéria. Não se pode, é certo, produzir um *centro "laya"*, mas sim um *vazio interetérico*, conforme se tem comprovado com a produção de sons de campainha no espaço. O Sr. Keely fala, no entanto, como um ocultista inconsciente, quando expõe a sua teoria da suspensão planetária:

"No que respeita ao volume dos planetas, perguntaríamos, de um ponto de vista científico, como pode existir a imensa diferença de volume dos planetas sem prejuízo da ação harmônica que os caracteriza? Não posso responder com propriedade a esta pergunta senão procedendo a uma análise progressiva, a partir dos centros etéricos rotativos que foram fixados pelo Criador[4] com o seu poder de atração ou acumulação. Se me perguntarem qual é o poder que confere a cada átomo etérico a sua inconce-

(2) Não é correto, quando se fala de Idealismo, apresentá-lo como baseado na "antiga proposição ontológica segundo a qual as coisas existem independentemente umas das outras, e não como simples termos de relação" (Stallo). Em todo caso, é incorreto dizer isso do Idealismo da Filosofia Oriental e de *seu* conhecimento, porque é justamente o contrário.

(3) Independente em certo sentido, mas não *sem conexão* com ela.

(4) "Por Fohat, mais provavelmente", responderia um ocultista.

bível velocidade de rotação (ou inicial), responderei que não há mente finita capaz de o entender. A filosofia da acumulação é a única prova de que semelhante poder foi conferido. A área de um desses átomos, se assim me posso exprimir, apresenta à força atrativa ou magnética, eletiva ou propulsora, toda a força receptiva e toda a força antagônica que caracterizam um planeta da maior dimensão; e assim, continuando a acumulação, permanece perfeita a equação. Uma vez fixado este centro diminuto, a força que seria necessária para desviá-lo de sua posição teria que ser de potência tamanha como a que fosse capaz de deslocar o maior dos planetas existentes. Quando este centro atômico neutro varia de lugar, deve o planeta seguí-lo. O centro neutro leva consigo a plena carga de toda e qualquer acumulação desde o ponto de partida, permanecendo o mesmo, em perpétuo equilíbrio no espaço eterno."

O Sr. Keely esclarece a sua idéia de um "centro neutro" com o seguinte exemplo:

"Vamos supor que, após a acumulação de um planeta de um diâmetro qualquer, por exemplo, de 20 000 milhas, aproximadamente, pois o tamanho não tem *influência no caso*, vamos supor, dizíamos, que se verifique um deslocamento de toda a matéria, com exceção de uma crosta de 5 000 milhas de espessura, deixando um vazio entre ela e um centro do tamanho de uma bola de bilhar comum. Seria preciso, para mover esta pequena massa central, um poder tão grande como o que fosse necessário para deslocar aquela crosta de 5 000 milhas de espessura. Ademais, a pequena massa central arrastaria consigo sempre o peso da crosta, mantendo-a eqüidistante, e não haveria nenhuma força contrária, por maior que fosse, que pudesse juntar uma e outra. A imaginação se perturba ao considerar a imensa carga suportada por este ponto central, onde o peso cessa... É isto o que entendemos por um centro neutro."

E é o que os ocultistas denominam um centro "laya".

Muita gente afirma que tudo isso é anticientífico. Mas o mesmo sucede com tudo o que não foi sancionado ou estatuído pelas vias estritamente ortodoxas da Ciência física. A menos que seja aceita a explicação oferecida pelo próprio inventor, que pode responder a Ciência no tocante a fatos já presenciados, e que já ninguém poderá negar? Em quanto a nós, como aquela explicação é completamente *ortodoxa*, do ponto de vista Espiritual e Oculto, ainda que não o seja do ponto de vista da Ciência materialista especulativa, *soi-disant* "exata", nós a adotamos neste caso particular.

A Filosofia Oculta não divulga senão um pequeno número de seus mistérios vitais mais importantes. Deixa-os cair, um por um, quais pérolas preciosas, a grandes intervalos; e só o faz, assim mesmo, quando a tal se vê compelida pela corrente evolutiva que conduz a humanidade, lentamente, silenciosamente, mas sem interrupção, para a aurora da Sexta Raça Humana. Porque, uma vez fora da custódia fiel de seus legítimos herdeiros e guardiães, tais mistérios deixam de ser ocultos, caem no domínio público e correm muita vez o risco de se converterem mais em malefícios do que em benefícios, se em mãos dos egoístas, dos Cains da raça humana. Apesar disso, quando surgem indivíduos como o descobridor da Força Etérica, homens dotados de faculdades especiais, psíquicas e mentais [5], são eles em geral e mais freqüentemente coadjuvados, não se consentindo que sigam às tontas

(5) A razão de tais faculdades psíquicas será exposta mais adiante.

o seu caminho; se abandonados às próprias forças, não tardariam a findar no martírio ou a tornar-se vítimas de especuladores sem escrúpulos. Mas somente são ajudados sob a condição de que não representem, consciente ou inconscientemente, um novo perigo para a sua época: *um perigo para os pobres*, oferecidos diariamente em holocausto pelos menos ricos aos mais ricos [6]. Isto exige uma breve digressão e um esclarecimento.

Há uns doze anos, quando se realizava a Exposição do Centenário de Filadélfia, a autora do presente livro, respondendo a insistentes perguntas de um teósofo, que era um dos principais admiradores do Sr. Keely, reproduziu-lhe as informações que ouvira de uma fonte que ela considerava estreme de qualquer dúvida.

Fora-lhe dito que o inventor do "Automotor" era o que em linguagem cabalista se chama um *mago de nascença*. Que ele ignorava e continuaria ignorando todo o alcance de seus poderes, e não utilizaria senão os que havia descoberto e verificado em sua própria natureza — *primo*, porque lhes atribuía uma origem errônea, e por isso não podia desenvolvê-los totalmente; *secundo*, porque não possuía a faculdade de comunicar a outrem o que era só *uma capacidade inerente à sua própria natureza especial*. E assim não poderia transferir a ninguém o segredo de modo permanente, para usos práticos [7].

Não são raros os indivíduos que vêm ao mundo com faculdades semelhantes. Se não ouvimos falar neles com mais freqüência, é porque, em quase todos os casos, vivem e morrem na mais completa ignorância das faculdades anormais que possuem. O Sr. Keely é dotado de poderes que se qualificam de anormais precisamente porque são tão pouco conhecidos em nossos dias como o era, antes da época de Harvey, a circulação do sangue. Este existia e se comportava, no primeiro homem nascido de mulher, do mesmo modo que hoje; e, idênticamente, existe e sempre existiu no homem aquele *princípio* que pode dominar e guiar a Força etérica vibratória. Existe, pelo menos, em todo mortal *cujo Eu interno está, desde o início, em razão de sua descendência direta, relacionado com aquele Grupo de Dhyân-Chohans*, chamados os "primogênitos do Æther". A Espécie humana, considerada do ponto de vista psíquico, está dividida em vários grupos, cada um dos quais relacionado com um dos Grupos Dhyânicos que formaram, no princípio, o homem *psíquico* (vejam-se os parágrafos 1, 2, 3, 4 e 5 do Comen-

(6) As linhas acima foram escritas em 1886, quando as esperanças de êxito do motor Keely estavam em seu apogeu. O que a autora então escreveu corresponde, textualmente, à verdade; e agora cabe apenas acrescentar algumas observações quanto ao insucesso das esperanças de Keely, insucesso que hoje o próprio inventor reconhece. Contudo, embora se use aqui a palavra *insucesso*, deve o leitor entendê-la em um sentido relativo, por isso que, conforme explica a Sra. Bloomfield-Moore: "O que o Sr. Keely admite é que, não tendo conseguido a aplicação da força vibratória à mecânica, em suas duas primeiras tentativas de investigação experimental, se via obrigado a confessar um insucesso *comercial*, ou a fazer uma terceira tentativa, em que, partindo do princípio ou da base, buscaria o êxito por outro caminho." E este "caminho" se encontra no plano *físico*.

(7) Dizem que estas observações não se aplicam à última descoberta do Sr. Keely. Só o tempo poderá decidir quanto ao limite exato de suas experiências.

tário à Estância VII). O Sr. Keely (muito favorecido neste particular, e que, além de seu temperamento psíquico, é um gênio em mecânica) pôde obter os mais surpreendentes resultados. E os obteve, decerto, em escala maior que outro qualquer mortal do nosso tempo, *não iniciado nos Mistérios finais*. O que realizou, conforme dizem com razão os seus amigos, é suficiente para "demolir com o martelo da Ciência os ídolos científicos", os ídolos de matéria com pés de barro. Quem escreve estas linhas não tem como contradizer, no mínimo que fosse, a Sra. Bloomfield-Moore, quando, em seu opúsculo "A Força Psíquica e a Força Etérica", declara que o Sr. Keely, como filósofo,

"Tem uma alma bastante grande, um espírito bastante esclarecido e um ânimo bastante elevado para sobrepor-se a todas as dificuldades, e aparecer perante o mundo como o maior dos descobridores e inventores."

E quando também diz que

"O Sr. Keely granjearia fama imortal ainda que se limitasse a guiar os homens de ciência desde as regiões desoladas em que tateiam até o campo aberto da força elemental, onde a coesão e a gravidade são surpreendidas em seus recantos e convocadas para o uso; onde a unidade de origem faz brotar a energia infinita sob variadas formas. Se ele demonstrasse, em detrimento do materialismo, que o Universo está animado por um princípio misterioso, ao qual a matéria, ainda a mais perfeitamente organizada, se acha submetida de um modo absoluto, seria um benfeitor espiritual de nossa raça, maior do que qualquer outro porventura conhecido no mundo moderno. Se ele chegasse a conseguir que, no tratamento das enfermidades, as forças mais sutis da Natureza substituíssem os agentes materiais e grosseiros, que têm levado ao túmulo mais seres humanos que a guerra, a peste e a fome combinadas, tornar-se-ia credor da gratidão de toda a humanidade. Fará tudo isso, e mais ainda, se ele e os que há anos lhe vêm acompanhando os progressos não levarem demasiado longe as suas esperanças."

A mesma Senhora, em seu folheto *Keely's Secrets* [8], cita o seguinte parágrafo de um artigo que a autora desta obra escreveu em *The Theosophist*, há alguns anos:

O autor do caderno n.° 5, *What is Matter and What is Force*, da série editada pela Sociedade de Publicações Teosóficas, ali declara que: "Os cientistas acabam de descobrir um quarto estado da matéria; os ocultistas, porém, desde há muito que já foram além do sexto, e, portanto, não é por dedução que sabem da existência do sétimo e último, mas em virtude de conhecimento direto". Este conhecimento inclui o chamado "segredo complexo" de Keely. Muitas pessoas já sabem que tal segredo consiste no "aumento da energia", no isolamento do éter e na adaptação da força dinasférica à mecânica.

Precisamente porque a descoberta de Keely conduziria ao conhecimento de um dos mais ocultos segredos, de um segredo que jamais se permitirá venha a cair em poder das massas, crêem os ocultistas que não vingarão os seus esforços para levar o invento até o seu desfecho lógico. Voltaremos, porém, a falar sobre isso. Não obstante, tal descoberta, mesmo dentro de suas limitações, pode ser de máxima utilidade, pois:

(8) *Theosophical Siftings*, vol. I, número 9, p. 13.

"Passo a passo, com paciência e perseverança, que um dia o mundo há de homenagear, este homem perseguiu o seu objetivo, vencendo as imensas dificuldades *que se antepunham no caminho de suas investigações e que pareciam ser (para todo* mundo, menos para ele) barreiras intransponíveis a vedarem todo progresso ulterior. Mas nunca o dedo do destino assinalou de modo tão expressivo a hora propícia para o advento da nova força que a humanidade espera. A Natureza, sempre refratária à *entrega de seus segredos, dá ouvidos às reclamações do seu senhor, a necessidade.* As minas de carvão não poderão satisfazer por muito tempo os pedidos, sempre crescentes, que lhes são feitos. O vapor chegou ao último limite de sua potência, e já não corresponde às exigências da época. Sabe que os seus dias estão contados. A eletricidade *permanece estacionária, detido o seu impulso, esperando a aproximação de sua compa*nheira. As naves aéreas estão, por assim dizer, ancoradas, aguardando a força que há de converter a navegação aérea em algo mais do que um sonho. Os habitantes dos diversos continentes falarão uns com os outros através dos oceanos com a mesma facilidade com que os homens hoje se comunicam de seus escritórios com suas casas por meio do telefone. A imaginação como que fica em suspenso ao tentar prever as conseqüências desta grande e maravilhosa descoberta, quando aplicada às artes e à mecânica. Ao ocupar o trono que o vapor se verá obrigado a deixar, a força dinasférica há de governar o mundo com um poder de tal magnitude, em benefício da civilização, que não há mente finita capaz de prefigurar-lhe os resultados. Diz Laurence Oliphant em seu prefácio a *Scientific Religion*: 'Uma nova moral principia a despontar sobre a raça humana, que certamente dela muito necessita'. Essa nova moral não poderia de modo algum ser inaugurada em termos mais amplos e universais do que utilizando a força dinasférica em benefício das necessidades da vida." [9]

Os ocultistas juntam-se de bom grado à eloqüente escritora no admitir todas essas coisas. A vibração molecular é, sem dúvida, "o legítimo campo de investigações de Keely", e as descobertas que fez trarão resultados maravilhosos, *ainda que somente em suas mãos e por seu próprio intermédio.* O mundo não obterá senão aquilo que lhe pode ser confiado sem perigo. A verdade deste asserto talvez ainda não haja tocado o próprio descobridor, que escreve estar absolutamente seguro de que realizará tudo o que prometeu, transmitindo então ao mundo o seu invento; mas essa verdade lhe saltará aos olhos dentro em pouco tempo. Vemos uma boa prova disso no que ele expõe a respeito de sua obra:

"Quem examinar a minha máquina, se quiser ter uma noção, mesmo aproximada, do seu *modus-operandi*, deverá descartar-se de *toda idéia de máquinas que funcionam em virtude do princípio de pressão e aspiração, pela expansão do vapor ou outro gás análogo que se choque contra uma resistência, tal como o pistão de uma máquina a vapor.* Minha máquina não admite pistão nem excêntricos, e não existe a mínima pressão exercida sobre o mecanismo, qualquer que seja o seu tamanho ou capacidade. *Meu sistema, em todas as suas partes e minúcias, assim no desenvol*vimento da potência como em suas diversas aplicações, *está baseado na vibração simpática.* De nenhum outro modo seria possível despertar e desenvolver a força, e igualmente impossível seria que a minha máquina funcionasse de acordo com algum outro princípio... *Aí está o verdadeiro sistema*, e *eis* porque todas as minhas operações devem encaminhar-se nesse sentido; vale dizer que a minha força será gerada, a minha máquina posta em funcionamento e o meu canhão em atividade, *por meio de um fio condutor.* Só depois de vários anos de incessante labor, e de experiências quase inumeráveis, que me obrigaram à construção de muitos aparelhos especiais; só depois de investigar e estudar minuciosamente as propriedades fenomenais da substância "etérea", produzida *per se*, é que eu pude chegar a prescindir de mecanismo compli-

(9) *Ibid.*, pp. 16-17.

cados, e a obter, como presumo haver obtido, *domínio sobre a força sutil e estranha que estou manejando.*" [10]

Os pontos grifados por nós são os que se relacionam diretamente com o lado oculto da aplicação da Força vibratória, que o Sr. Keely chama "vibração simpática". O "fato condutor" é já um passo retrógrado, do plano puramente Etérico ao plano Terrestre. O inventor conseguiu realizar maravilhas (a palavra "milagre" não é bastante expressiva) quando operava só por meio da Força interetérica, o quinto e o sexto princípios do Akâsha. Tendo começado com um gerador de seis pés de comprimento, passou depois a usar um "do tamanho dos antigos relógios de prata", fato que por si só representa um milagre de gênio *mecânico*, mas não de gênio espiritual. Conforme disse muito bem sua grande defensora, a Sra. Bloomfield-Moore:

"Os dois gêneros de força que empregou em suas experiências, e os fenômenos que daí resultaram, são, cada um, a antítese do outro."

Uma das forças era por ele mesmo gerado, e operava por seu intermédio. Outra pessoa que repetisse o que ele fazia *não produziria o mesmo resultado*. O que funcionava era, em verdade, o Éter de Keely; o Éter de Smith ou de Brown não surtiria nenhum efeito. Porque a dificuldade de Keely, até agora, consistiu em construir uma máquina capaz de desenvolver e de regular a força sem a intervenção da "vontade" ou influência pessoal do operador, seja consciente ou inconscientemente. Este foi o ponto em que se malogrou o seu intento; a utilização da máquina por outrem; ninguém senão ele podia fazê-la funcionar. Do ponto de vista oculto foi, porém, um resultado muito mais importante que o "sucesso" por ele esperado com o seu "fio condutor"; sucede, no entanto, *que jamais se permitirá* que resultados obtidos com a Força Etérica ou Astral procedente do quinto e do sexto princípios *tenham aplicação a fins mercantis*. A seguinte declaração de uma personalidade que conhece intimamente o Sr. Keely prova que o organismo deste se acha diretamente relacionado com a produção de seus maravilhosos resultados:

"Em certa ocasião os acionistas da Keely Motor Company puseram em suas oficinas um homem com o expresso objetivo de descobrir o segredo. Após seis meses de cuidadosa observação, disse ele um dia ao Sr. J. W. Keely: 'Sei agora como se procede'. Haviam os dois acabado de montar uma máquina, e Keely então manejava a chave que servia para fazer passar ou interromper a força. 'Pois experimente', respondeu ele. O homem deu volta à chave, e nada aconteceu. 'Mostre-me de novo como se faz', disse o homem a Keely. Este assentiu, e a máquina funcionou imediatamente. O outro repetiu a tentativa, mas sem êxito. Então Keely lhe pôs a mão sobre o ombro, e o convidou a experimentar mais uma vez. Ele o fez, e o efeito foi a produção instantânea da corrente."

O fato, se verdadeiro, encerra a questão.

Dizem-nos que o Sr. Keely define a eletricidade como "uma forma particular de vibração atômica". Está certo, mas é a eletricidade no plano terrestre e por meio de correlações terrestres. Keely calcula as vibrações:

(10) *Ibid.*, p. 18.

moleculares	em	100.000.000	por	segundo
intermoleculares	"	300.000.000	"	"
atômicas	"	900.000.000	"	"
interatômica	"	2.700.000.000	"	"
etéricas	"	8.100.000.000	"	"
interetéricas	"	24.300.000.000	"	"

Isto prova a nossa afirmativa. Não há vibrações que possam ser contadas, nem sequer estimadas *aproximadamente*, além do "reino do quarto Filho de Fohat", para nos servirmos de uma expressão oculta, ou seja, além daquele movimento que corresponde à formação da matéria radiante do Sr. Crookes, que há alguns anos se chamou, com certa simplicidade, o "quarto estado da matéria" *neste nosso plano.*

Se se perguntar por que não foi permitido a Keely ir além de determinado limite, será fácil a resposta: porque a sua descoberta, aliás inconsciente, é a terrível Força sideral conhecida pelos Atlantes, que a chamaram Mash-mak, e à qual os Rishis arianos dão, em seu Astra Vidyâ, um nome que não desejamos divulgar. É o Vril da *Raça Futura* de Bulwer Lytton e das futuras Raças de nossa humanidade. O nome Vril pode ser uma ficção; mas a Força em si é um fato que na Índia não se põe em dúvida, como não se duvida da existência dos Rishis, em face das referências contidas em todos os livros secretos.

Essa Força vibratória é aquela que, dirigida de um Agniratha [11], montado em um barco voador ou em um balão, segundo as instruções que se encontram no Astra Vidyâ, poderia reduzir a cinzas um exército de 100.000 homens com os seus elefantes, com a mesma facilidade com que o faria a um rato morto. No *Vishnu-Purâna*, no *Râmâyana* e em outras escrituras se menciona alegoricamente a mesma Força, na fábula que se refere ao sábio Kapila, cujo "olhar converteu em um monte de cinzas os 60.000 filhos do Rei Sagara", e se encontra explicada nos Livros Esotéricos, que aludem a ela com o nome de Kapilâksha, o Olho de Kapila.

E haveria de permitir-se que as nossas gerações acrescentassem esta Força Satânica à coleção de brinquedos anarquistas conhecidos pelos nomes de relógio mecânico de melanita, laranjas explosivas, "cestas de flores" e outros apelativos semelhantes? Deveria essa Força tornar-se propriedade comum de todos os homens, indistintamente, essa Força que, uma vez em mãos de algum Átila moderno, algum anarquista sedento de sangue, reduziria a Europa em poucos dias a seu estado caótico primitivo, sem deixar um só homem vivo para contá-lo?

O que o Sr. Keely realizou já é extremamente grande e maravilhoso; tem ele, com a demonstração de seu sistema, uma tarefa suficiente para "abater o orgulho daqueles materialistas científicos, revelando mistérios que se encontram além do mundo da matéria", sem precisar, *nolens volens*, de

(11) De Agni = fogo e ratha = carro.

os revelar a todo o mundo. Os psíquicos e os espiritistas, dos quais um grande número se conta nos exércitos europeus, seriam os primeiros, com certeza, a experimentar pessoalmente os frutos da revelação de tais mistérios. Milhares deles não tardariam em estar no meio do Éter azul, fazendo-lhes companhia talvez os habitantes de regiões inteiras, se tal força viesse a ser totalmente descoberta, e assim que se tornasse publicamente conhecida. A revelação integral é demasiado prematura, e ter-se-ia antecipado milhares de anos ou mesmo algumas centenas de milênios. Somente se fará oportuna quando houver refluído a grande e tempestuosa onda de fome, miséria e trabalho mal retribuído, como deverá suceder quando forem satisfeitos os justos reclamos das multidões; quando o proletariado não existir senão como um nome, e se houver extinguido o pungente clamor dos que necessitam de pão, clamor que até hoje ressoa, sem ser ouvido, pelos quatro cantos do mundo. Esse advento pode ser apressado pela difusão da educação e por novas facilidades para o trabalho e a emigração, com perspectivas mais amplas que as existentes atualmente, e *em um novo continente que pode surgir*. Só então a força e o motor de Keely, tais como ele e seus amigos os idealizaram originariamente, terão generalizada aplicação, porque então a sua utilidade beneficiará mais o pobre que o rico.

Enquanto isso, a força que descobriu funcionará por meio de fios condutores; o que, uma vez conseguido, será suficiente para fazer dele o maior inventor da época presente.

O que diz o Sr. Keely sobre o *Som* e a *Cor* é igualmente exato do ponto de vista oculto. Atentai no que ele diz, como se fosse um Filho dos "Deuses Reveladores" e como em toda a sua vida houvesse contemplado as profundezas do Pai-Mãe Æther.

Comparando a tenuidade da atmosfera com a das ondas etéreas obtidas por seu invento, para romper as moléculas do ar por meio da vibração, eis como se expressa Keely:

"É como a relação entre a platina e o gás hidrogênio. A separação molecular do ar nos conduz só à primeira subdivisão; a intermolecular, à segunda; a atômica, à terceira; a interatômica, à quarta; a etérica, à quinta; e a interetérica à sexta subdivisão ou associação positiva com o éter luminoso [12]. Em meu primeiro argumento sustentei que esta é a envoltura vibratória de todos os átomos. Em minha definição de átomo não me limito à sexta subdivisão, onde aquele éter luminoso se desenvolve em sua forma imperfeita, como o provam minhas investigações [13]. Creio que os físicos de hoje verão nesta idéia um capricho da imaginação. É possível que com o tempo se faça luz sobre esta teoria, pondo a sua simplicidade em evidência para as pesquisas científicas. Por enquanto só posso compará-la a um planeta na escuridão do espaço, onde não tenha ainda chegado a luz do sol da ciência... Eu afirmo que o som, da mesma forma que o odor, é uma substância real, de tenuidade maravilhosa e desconhecida, que emana de um corpo, no qual se produziu por percussão, e que projeta verdadeiros corpúsculos de matéria, partículas interatômicas, dotadas de uma velocidade de 1 120 pés por segundo [14]; no vácuo, de 20 000 pés [15]. A substância assim disseminada faz parte da massa agitada; e esta, se fosse continuamente mantida em estado de agitação, acabaria, no fim de certo ciclo de tempo, por ser completamente absorvida pela atmosfera; ou, para falar com mais exatidão, atravessaria a atmosfera até alcançar

(12) É também a divisão adotada pelos ocultistas, sob outro nome.

um ponto alto de tenuidade correspondente à classe de subdivisão que lhe permite desprender-se do corpo de onde se originou... Os sons provenientes de diapasões vibratórios, dispostos de modo que produzam acordes etéricos, ao mesmo tempo que difundem seus tons (compostos), penetram em todas as substâncias que se acham dentro do raio de ação do seu bombardeio atômico. O soar de uma campainha no vácuo põe em liberdade esses átomos, com a mesma velocidade e o mesmo volume que no ar livre; se a agitação da campainha se mantivesse ininterrupta durante alguns milhões de anos, a matéria de que é formada se desintegraria por completo em seus elementos primitivos; e se o recinto estivesse hermeticamente fechado, e fosse bastante resistente, o espaço vazio ao redor da campainha ficaria submetido a uma pressão de milhares e milhares de libras por polegada quadrada, em virtude da substância sutil desprendida. Em meu entender, a definição exata do som é a perturbação do equilíbrio atômico, que liberta verdadeiros corpúsculos atômicos; e a substância que deste modo se desprende deve certamente pertencer a determinada classe de fluxo etérico. Em tais condições, não será razoável supor que, se esse fluxo continuasse subtraindo elementos do corpo de que se trata, este acabaria por desaparecer completamente com o passar do tempo? Todos os corpos, assim animais como vegetais e minerais, são originariamente constituídos por esse éter tão sutil, e só retornam à mesma condição quando levados a um estado de equilíbrio diferencial... No que se refere ao odor, só podemos formar uma idéia aproximada de sua extrema e maravilhosa tenuidade considerando que se pode impregnar uma grande extensão da atmosfera, por espaço de muitos anos, com apenas um grão de almíscar, o qual, sendo pesado no fim desse enorme intervalo, não acusará nenhuma diminuição apreciável. O grande paradoxo referente ao fluxo de partículas odoríferas está em que podemos aprisioná-las em um recipiente de cristal (!). Temos aqui uma substância muito mais sutil que o vidro onde foi confinada; e no entanto ela não pode escapar. É como se fosse um crivo com orifícios suficientemente grandes para deixarem passar bolas de bilhar, retendo, porém, a areia fina, cujos grãos não poderiam atravessá-los; em suma, um recipiente molecular que encerra uma substância atômica. Eis um enigma que confundiria todo aquele que se detivesse em meditá-lo. Mas, por infinitamente tênue que seja o odor, é ainda muito grosseiro quando comparado com a substância correspondente à subdivisão a que pertence um fluido magnético (corrente de simpatia, se assim quiserem chamá-lo). Esta subdivisão é imediata à do som, mas lhe é superior. A ação do fluxo de um ímã é, de certo modo, idêntica à da parte receptora e distributiva do cérebro humano, que sempre retransmite em escala decrescente a quantidade que recebe. É um bom exemplo do domínio da mente sobre a matéria: a parte física vai diminuindo gradualmente, até que a dissolução se opera. O ímã perde pouco a pouco a sua força, na mesma proporção, e finalmente fica inerte. Se a relação entre a mente e a matéria pudesse estacionar, permanecendo ambas no mesmo nível, viveríamos eternamente em nosso estado físico, porque não ficaria este sujeito à deterioração. Mas a decadência física, chegando a completar-se, conduz ao começo de um desenvolvimento muito mais elevado, a saber, a liberação do éter puro de sua associação com o molecular grosseiro, o que, a meu ver, é muito desejável." [16]

É de notar que, salvo diferenças de pequena monta, nenhum Adepto nem alquimista teria explicado melhor essas teorias, à luz da ciência moderna, a despeito de todos os protestos desta última contra tais novidades. É Ocultismo puro e simples, senão quanto às minúcias, pelo menos no que diz respeito aos princípios fundamentais; e, além disso, é também Filosofia Natural moderna.

(13) Certo, pois existe mais a *sétima*, além da qual recomeça a mesma numeração, da primeira à última, em outro plano mais elevado.

(14) 340 metros.

(15) 6 666,66 m.

(16) Do folheto *The New Philosophy*, da Sra. Bloombield-Moore.

Que é esta nova Força, ou o que quer que a Ciência lhe chame, esta Força cujos efeitos são inegáveis, como o admitiram vários naturalistas e físicos que têm visitado o laboratório do Sr. Keely e presenciado suas notáveis experiências? Será também um "modo de movimento" no vácuo, onde não há matéria que o produza, mas tão-somente o som — outro "modo de movimento", sem dúvida, uma *sensação* causada por vibrações, à semelhança da cor? Convencidos, como estamos, de que tais vibrações são a causa imediata dessas sensações, rejeitamos em absoluto a teoria científica unilateral de que fora das vibrações etéricas ou atmosféricas *não exista nenhum fator* que se possa considerar exterior a nós [17].

Há uma série transcendental de causas postas em movimento, por assim dizer, na realização desses fenômenos; causas que, *não estando em relação com os estreitos limites da nossa faculdade de conhecer*, só podem ser compreendidas e estudadas, em sua origem e natureza, pelas faculdades espirituais do Adepto. São, como disse Asclépio ao Rei, "corpos incorpóreo", quais os que aparecem "no espelho", e "formas abstratas", que vemos, ouvimos e sentimos em nossos sonhos e visões. Que têm a ver com elas os "modos de movimento", a luz e o éter? Sem embargo, nós as vemos, ouvimos, tocamos, e sentimos o seu odor; *ergo*, são tão *reais* para nós, em nossos sonhos, quanto outra coisa qualquer neste plano de Mâyâ.

(17) Em tal caso, os substancialistas americanos, conquanto as suas idéias sejam demasiado antropomórficas e materiais para que possam aceitá-las os ocultistas, não se distanciam da verdade quando argumentam, pela palavra da Sra. M. S. Organ, M. D., que:

"Deve haver nos objetos propriedades essenciais positivas que guardem uma relação constitucional com os nervos da sensação animal, pois de outro modo não haveria percepção. Não se poderia produzir impressão de espécie alguma no cérebro, nos nervos ou na mente, não poderia haver estímulo para a ação, se não existisse uma comunicação efetiva e direta de uma força substancial" ("Substancial" na aparência, é óbvio; no sentido que se dá à palavra neste Universo de Ilusão ou de Mâyâ — mas não na realidade). "Essa força pode ser a Entidade material mais refinada e sublime (?). Deve, porém, existir; pois nenhum sentido, elemento ou faculdade do ser humano pode experimentar uma percepção, ou ser estimulado à ação, sem que alguma força substancial se ponha em contato com ela. Esta é a lei fundamental que rege todo o mundo orgânico e mental. Na acepção verdadeiramente filosófica, não existe ação independente: toda força ou substância está em correlação com outra força ou substância. Podemos certamentte afirmar que nenhuma substância possui qualquer propriedade odorífera ou gustativa que lhe seja inerente; senão que o sabor e o odor são apenas fenômenos sensoriais causados por vibrações e, portanto, meras ilusões de percepções animais."

SEÇÃO X

SOBRE OS ELEMENTOS E OS ÁTOMOS

QUANDO o ocultista fala dos Elementos e dos Seres humanos que viveram naquelas idades geológicas cuja duração tem sido impossível determinar — segundo a opinião de um dos maiores geólogos ingleses [1] —, assim como da natureza da Matéria, sabe o que está dizendo. Quando menciona Homem e Elementos, não quer significar o homem em sua atual forma antropológica e fisiológica, nem os Átomos elementais desses conceitos hipotéticos que hoje povoam as mentes científicas, entidades abstratas da Matéria em seu estado mais sutil; não quer também significar os Elementos compostos da antiguidade. Em Ocultismo, a palavra Elemento é sempre sinônimo de *Rudimento*. Quando dizemos "Homem Elementar", significamos: ou o esboço primitivo, incipiente, do homem em seu estado incompleto e por desenvolver, e, portanto, esta forma que se acha latente no homem físico de hoje durante a sua existência, e que só se manifesta eventualmente e sob certas condições; ou aquela forma que sobrevive ao corpo material por algum tempo, e mais conhecida pelo nome de Elementar [2]. E "Elemento", quando se emprega a palavra em sentido metafísico, significa o Homem Divino incipiente, distinto do homem mortal; em seu sentido físico, quer dizer Matéria caótica no estado primeiro, não-diferenciado, ou estado "laya", o estado eterno e normal da Substância, que só se diferencia periodicamente; durante essa diferenciação, a Substância está realmente numa condição anormal — em outras palavras, não é senão uma ilusão transitória dos sentidos.

Quanto aos chamados Átomos Elementais, os ocultistas dão a este nome um significado análogo ao que os hindus atribuem a Brahma quando o chamam Anu, o Átomo. Cada Átomo Elemental, em cuja busca mais de um químico tem seguido o caminho indicado pelos alquimistas, é de acordo com a firme crença dos ocultistas, senão pelo seu próprio *conhecimento*,

(1) Respondendo a um amigo, escreve o eminente geólogo: "Tudo o que posso dizer, em resposta à vossa carta, é que atualmente é impossível, e talvez o seja sempre, traduzir em anos, ou ainda em milhares de anos, nem sequer aproximadamente, o tempo geológico". (William Pengelly, F.R.S.)

(2) Platão, ao falar dos Elementos turbulentos, irracionais, "compostos de fogo, ar, água e terra", quer dizer Demônios elementais (veja-se o *Timæus*).

uma Alma; não uma Alma necessariamente desencarnada, mas um Jiva, como dizem os hindus, um centro de Vitalidade Potencial, com uma inteligência latente; e, no caso de Almas complexas, uma Existência inteligente e ativa, desde a ordem mais elevada até a mais inferior; uma forma composta de mais ou menos diferenciações. É preciso ser metafísico — e um metafísico oriental — para compreender o nosso significado. Todos esses Átomos-almas são diferenciações do Uno, e estão para ele como a Alma Divina, Buddhi, está para seu Espírito Animador, Atmâ, que lhe é inseparável.

Os físicos modernos, ao adotarem a Teoria Atômica dos antigos, esqueceram um ponto, que é o mais importante da doutrina; e por isso não foram além da casca, sendo incapazes de retirar a amêndoa. Admitindo os átomos físicos, omitiram o fato significativo de que, desde Anaxágoras a Epicuro, ao romano Lucrécio, e até mesmo a Galileu, todos estes filósofos criam em átomos *animados*, não em partículas invisíveis da chamada matéria "bruta". Segundo eles, o movimento rotatório foi gerado por átomos maiores (leia-se: mais puros e divinos), que impeliam outros átomos para baixo, ao mesmo tempo em que os mais leves eram impulsionados de baixo para cima. A significação esotérica disso é a constante curva cíclica de Elementos diferenciados, para cima e para baixo, através de fases intercíclicas de existência, até que cada um alcance o seu ponto de partida ou de origem. A idéia era tanto metafísica como física, e sua interpretação oculta abrangia os Deuses ou Almas, em forma de átomos, como as *causas* de todos os *efeitos* produzidos na Terra pelas *secreções* dos corpos *divinos* [3].

Nenhum filósofo antigo, nem mesmo os cabalistas judeus, dissociou jamais o Espírito da Matéria, e a Matéria do Espírito. Todas as coisas tinham sua origem no Uno, e, procedentes do Uno, a ele deviam voltar finalmente.

"A luz se converte em calor, e se consolida em partículas ígneas, as quais, após a ignição, se convertem em partículas frias, duras, redondas e lisas. E a isto se chama a Alma aprisionada em seu envoltório de matéria." [4]

Átomos e Almas eram sinônimos na linguagem dos Iniciados. A doutrina das "Almas vertiginosas", Gilgoolem, em que tanto acreditaram os sábios judeus [5], não tinha outra significação esotérica. Os sábios Iniciados judeus nunca pretenderam significar com o nome de Terra Prometida exclusivamente a Palestina; mas assim designavam o próprio Nirvana dos brâmanes e dos sábios budistas — o seio do UNO eterno, simbolizado pelo seio de Abraão e, como sucedâneo na Terra, pela Palestina.

Certamente que nenhum judeu culto jamais tomou ao pé da letra a alegoria de que os corpos dos judeus contêm um princípio de Alma que não pode obter o repouso se inumados em terra estrangeira e enquanto as partículas imortais não alcancem de novo o solo sagrado da "Terra Prome-

(3) Platão emprega no *Timæus* a palavra "secreções" dos Elementos turbulentos.
(4) Valentino, *Esoteric Treatise on the Doctrine of Gilgul.*
(5) Veja-se *Royal Masonic Cyclopædia*, de Mackenzie, pp. 250-1.

tida" [6], mediante um processo denominado "o torvelinho da Alma". Para o ocultista, o significado é óbvio. Supunha-se que o processo consistia em uma espécie de metempsicose, que fazia a centelha psíquica passar através do pássaro, da fera, do peixe e do minúsculo inseto [7]. A alegoria refere-se aos *Átomos do corpo*, cada um dos quais tem de passar através de todas as formas antes de alcançar o estado final, que outro não é senão o ponto de partida ou o seu estado "laya" primitivo. Mas o sentido original do Gilgoolem, ou "Revolução das Almas", era a idéia de Almas ou Egos reencarnantes. "Todas as almas vão ao Gilgoolah", seguem um processo cíclico ou de revolução; quer dizer, todas passam pela via cíclica do renascimento. Alguns cabalistas julgam que esta doutrina se refere tão-só a uma espécie de purgatório para as almas dos maus. Mas não é assim.

A passagem da Alma-Átomo "pelas sete Câmaras Planetárias" tinha o mesmo significado físico e metafísico. Físico, quando se dizia que a Alma se dissolvia no Éter. O próprio Epicuro, que serve de modelo aos ateus e materialistas, acreditava na antiga Sabedoria, de que tinha algum conhecimento, chegando a ensinar que a Alma — em tudo distinta do Espírito imortal, achando-se este nela encerrado *de modo latente*, como o está em toda partícula atômica — era composta de uma essência sutil e delicada, extraída dos *átomos mais puros, mais redondos e mais finos* [8].

Vê-se, portanto, que os antigos Iniciados, seguidos mais ou menos de perto por toda a antiguidade profana, usavam a palavra Átomo para significar uma Alma, um Gênio ou um Anjo, o primogênito da Causa, sempre oculta, de todas as causas — e nesta acepção os seus ensinamentos se fazem compreensíveis. Afirmavam eles, como afirmam seus sucessores, a existência de Deuses e Gênios, Anjos ou Demônios, não fora nem independentes da Plenitude Universal, mas integrados nela. Admitiam e ensinavam grande parte do que hoje ensina a ciência moderna, a saber: a existência de uma Matéria ou Substância Cósmica primordial do Mundo, eternamente homogênea, exceto durante suas fases periódicas; então, universalmente difundida no espaço infinito, ela se diferencia e forma gradualmente, de si mesma, corpos siderais. Ensinavam a revolução dos Céus, a rotação da Terra, o sistema heliocêntrico e os vórtices atômicos — sendo os Átomos, na realidade, Almas e Inteligências. Esses "atomistas" eram filósofos panteístas altamente espirituais. Jamais lhes teria passado pela mente, nem mesmo em sonhos, esta progênie oposta, monstruosa, que é o pesadelo de nossa raça moderna e civilizada: por uma parte, Átomos materiais inanimados que se dirigem a si próprios, e, pela outra, um Deus extracósmico. Talvez seja útil explicar o que era a Mônada, e qual a sua origem, segundo os ensinamentos dos antigos Iniciados.

A ciência exata moderna, assim que começou a sair de sua infância, percebeu o grande axioma, até então esotérico para ela, de que coisa alguma, seja no domínio espiritual, psíquico ou físico do Ser, pode nascer do Nada.

(6) Veja-se *Isis sem Véu*, I, p. 152.
(7) Veja-se Mackenzie, *ibid., sub voc.*
(8) *Isis sem Véu*, I, p. 317.

Não há causa, no Universo manifestado, que não tenha seus efeitos adequados, no Espaço ou no Tempo; nem pode haver efeito sem uma causa anterior, devendo-se esta, por sua vez, à outra ainda mais elevada, e tendo que permanecer a Causa final e absoluta como Causa sem Causa, eternamente incompreensível para o homem. Mas nem isto é ainda uma solução; e, se queremos de algum modo deter-nos em seu exame, há de sê-lo do ponto de vista filosófico e metafísico o mais elevado; não sendo assim, é melhor não tocar no problema. É uma abstração, a cujo contato a razão humana vacila e ameaça soçobrar, por mais habituada que esteja às sutilezas metafísicas. Pode-se demonstrá-lo a qualquer europeu que se disponha a esforçar-se para resolver o problema da existência, pelos artigos de fé dos verdadeiros vedantinos, por exemplo. Que leia e estude os sublimes ensinamentos de Shankarâchârya a respeito da Alma e do Espírito, e terá a *confirmação do que dizemos* [9].

Enquanto aos cristãos se ensina que a Alma humana é um sopro de Deus, e que foi por Ele criada para uma existência sempiterna, tendo um começo mas não um fim — e portanto não se podendo dizer que é eterna —, o *Ensinamento Oculto declara: Nada foi criado, tudo é apenas transformação.* Nada se pode manifestar neste Universo, desde um globo até um vago e fugaz pensamento, sem que já existisse no Universo; tudo no plano subjetivo é um eterno *é*, assim como tudo no plano objetivo é um eterno *vir-a-ser*, porque todas as coisas são transitórias.

A Mônada — que, na definição de Good, é "uma coisa verdadeiramente indivisível", embora não desse ele à palavra o sentido que hoje lhe atribuímos — designa aqui o Atmâ em conjunção com Buddhi e o Manas Superior. *Essa trindade é una e eterna; e, ao terminar a vida condicionada* e ilusória, os dois últimos são absorvidos no primeiro. Somente a partir da fase preliminar do Universo manifestado é que se pode seguir a Mônada no curso de sua peregrinação e de suas mudanças de veículos transitórios. Durante o Pralaya, período intermediário que separa dois Manvantaras, ela perde o seu nome, como igualmente o perde quando o Eu Único e real do homem se submerge em Brahman no caso de um elevado Samâdhi (o estado Turiya) ou no Nirvana final. Segundo as palavras de Shankara:

"*Quando o discípulo alcança aquele estado de consciência primordial, a beatitude* absoluta, cuja natureza é a verdade, e que não tem forma nem ação, abandona este corpo ilusório de que se revestiu o *Atmâ*, à semelhança do ator (que abandona) a roupa (que vestira)."

Porque Buddhi, o Envoltório Anandamaya, não é senão o espelho que reflete a beatitude absoluta; e, ademais, essa mesma reflexão não está livre da ignorância, e *não* é o Espírito Supremo, por estar ainda sujeita a condições. É uma modificação espiritual de Prakriti e um efeito; só Atmâ é a *única base, real e terna, de tudo*, a Essência e o Conhecimento Absoluto, o Kshetrajna.

---

(9) *Viveka Chûdâmani*, que na tradução de Mohini M. Chatterji quer dizer: "A Jóia na crista da Sabedoria". Veja-se *The Theosophist*, outubro de 1885 a agosto de 1886.

[Agora, que se publicou a Versão Revista dos Evangelhos, corrigindo-se os erros mais flagrantes das versões antigas, pode-se compreender melhor a sentença de *São João*, I, vers. 6: "O Espírito dá testemunho, porque o Espírito é a Verdade". As palavras que vêm depois, na versão errônea, a respeito dos "três testemunhos", e que até então eram traduzidas como "o Pai, o Verbo e o Espírito Santo"], deixam ver com toda a clareza o verdadeiro pensamento do escritor, e identificam com mais vigor ainda os seus ensinamentos sobre este ponto com os de Shankarâchârya. Pois a frase "há três testemunhos... o Espírito, a Água e o Sangue" não teria sentido se não tivesse nenhuma relação ou conexão com o enunciado mais filosófico do grande mestre vedantino, que, no falar dos Envoltórios, dos princípios do homem, de Jiva, Vijnânamaya, etc., os quais são "Água e Sangue" ou Vida em sua manifestação física, acrescenta que só Atmâ, o Espírito, é o que permanece após a retirada dos envoltórios, sendo o Único Testemunho, ou unidade sintetizada. A outra escola, menos espiritual e menos filosófica, fixando-se apenas na Trindade, fêz três testemunhos do "único testemunho", relacionando-o assim mais com a Terra do que com o Céu. [Na Filosofia Esotérica, o nome é "Testemunho Único"; e, quando repousa no Davachan, é mencionado como "os Três Testemunhos do Carma".]

Sendo Atmâ, que é o nosso sétimo princípio, idêntico ao Espírito Universal, e sendo o homem uno com ele em sua essência, que vem a ser, então, a Mônada propriamente dita? É aquela centelha homogênea que se irradia em milhões de raios procedentes dos Sete Raios Primordiais, de que falaremos mais adiante. É a CENTELHA QUE EMANA DO RAIO INCRIADO: um mistério. No Budismo esotérico do Norte, e até mesmo no exotérico, AdiBuddha (Chogi Dangpoi Sangye), o Uno desconhecido, sem princípio nem fim, idêntico a Parabrahman e a Ain Soph, emite um Raio brilhante do seio de suas Trevas.

É o Logos, o Primeiro, ou Vajradhara, o Buddha Supremo, também chamado Dorjechang [10]. Como o Senhor de todos os Mistérios não pode manifestar-se, envia ao mundo da manifestação o seu Coração, o "Coração de Diamante", Vajrasattva ou Dorjesempa [11]. Este é o Segundo Logos da Criação, do qual emanam os sete Dhyâni-Buddhas — exotericamente cinco — chamados os Anupâdaka, os "Sem Pais". Esses Buddhas são as Mônadas primordiais do Mundo do Ser Incorpóreo, o Mundo Arupa, onde as Inteligências (nesse plano somente) não têm forma nem nome, no sistema exotérico, mas possuem sete nomes distintos na Filosofia Esotérica. Os Dhyâni-Buddhas criam ou fazem emanar de si mesmos, pelo poder de Dhyâna, Egos celestiais — os Bodhisattvas super-humanos. Estes, encarnando-se sobre a Terra, no princípio de cada ciclo humano, como homens mortais, tornam-se por vezes, graças a seus méritos pessoais, Bodhisattvas entre os Filhos da Humanidade, podendo depois reaparecer como Mânushi ou Buddhas humanos. Os Anupâdaka ou Dhyâni-Buddhas são, portanto,

(10) Em tibetano, rdo.rje.hdsin = vajra-dhara (sânscrito), portador do raio.

(11) Em tibetano, rdi.rje.sems.dpah = vajra-sattva (sânscrito). Aqui vajra significa diamante, a sattva natureza, essência ou princípio, etc.

idênticos aos Mânasautras bramânicos — Filhos Nascidos da Mente —, seja de Brahma ou de qualquer das outras duas Hipóstases da Trimurti; e são também idênticos aos Rishis e Prajâpatis. Assim, vê-se no *Anugitâ* uma passagem que, lida esotericamente, mostra com toda a clareza a mesma idéia e o mesmo sistema, embora sob imagens diversas. Vejamos:

"Sejam quais forem as entidades que se achem neste mundo, móveis ou imóveis, são elas as primeiras a dissolver-se [no Pralaya]; seguindo-se a estas os desenvolvimentos que se produzem dos elementos [os de que é formado todo o universo visível]; e depois desses desenvolvimentos [entidades evolucionadas] todos os elementos. Tal é a graduação ascendente entre as entidades. Deuses, Homens, Gandharvas, Pishâchas, Asuras, Râkshasas, todos foram criados pela Natureza [Svabhâva ou Prakriti, a Natureza plástica], não pelas ações nem por uma causa [não por uma causa física]. Estes Brâhmanas [os Rishis Prajâpatis?], os criadores do mundo, nascem aqui [na Terra] várias vezes; e tudo o que deles se produz dissolve-se em seu devido tempo nesses mesmos cinco grandes elementos [os cinco, ou melhor, sete Dhyâni-Buddhas, também chamados "Elementos" da Humanidade], assim como as ondas se dissolvem no oceano. Esses grandes elementos se acham em todos os sentidos (acima) dos elementos que constituem o mundo [os elementos grosseiros]. E aquele que se liberta desses cinco elementos [os Tanmâttras] [12] alcança a meta mais elevada. O Senhor Prajâpati [Brahma] criou tudo isso só com a mente [por meio de Dhyâna, ou meditação abstrata e poderes místicos, como os Dhyâni-Buddhas]." [13]

É evidente, pois, que esses Brâhmanas se identificam com os Bodhisattvas terrestres dos Dhyâni-Buddhas celestes. Uns e outros, como "Elementos" primordiais, inteligentes, se convertem nos Criadores das Mônadas que devem tornar-se humanas neste ciclo. Depois, eles mesmos evolucionam ou, por assim dizer, se abrem em seus próprios Eus como Bodhisattvas ou Brâhmanas, no céu e na terra, para finalmente se converterem em simples homens. Em verdade, "os Criadores do mundo nascem aqui na Terra várias vezes". No sistema budista do Norte, ou religião popular exotérica, ensina-se que cada Buddha, ao mesmo tempo em que prega a Boa Lei na Terra, se manifesta em três Mundos: no Mundo Sem Forma como um Dhyâni-Buddha, no Mundo das Formas como um Bodhisattva, e no Mundo dos Desejos, inferior a todos, ou seja, o nosso Mundo, como um homem. Esotericamente, o ensinamento difere. A Mônada Divina, puramente Âdi-Búddhica, manifesta-se como o Buddhi Universal, o Maha-Buddhi ou Mahat, das filosofias hindus, a Raiz espiritual, onisciente e onipotente, da Inteligência divina, a Anima Mundi mais elevada ou o Logo. Este desce "como uma chama, difundindo-se desde o eterno Fogo, imutável sem aumento nem diminuição, sempre o mesmo até o fim" do ciclo de existência, e converte-se em Vida Universal no Plano do Mundo. Deste Plano de Vida consciente brotam, como sete línguas de fogo, os Filhos da Luz, os Logos de Vida; em seguida, os Dhyâni-Buddhas de contemplação, as formas concretas de

(12) Os Tanmâtras representam, literalmente, o tipo ou rudimento de um elemento desprovido de qualidades; mas, esotericamente, são o Número primitivo do que, no curso do progresso da evolução, se converte num Elemento Cósmico, na acepção que se dava a este termo na antiguidade, e não na da Física. São os Logos, as sete emanações ou raios do Logos.

(13) Cap. XXXVI, trad. de Telang, *Sacred Books of the East*, pp. 387-8.

seus Pais sem forma, os Sete Filhos da Luz, *ainda eles mesmos*, a quem se pode aplicar a frase mística bramânica: "Tu és AQUILO" — Brahman. Destes Dhyâni-Buddhas emanam seus Chhâyâs ou Sombras, os Bodhisattvas dos reinos celestiais, os protótipos dos Bodhisattvas superterrestres e dos Buddhas terrestres; e, finalmente, dos homens. Os sete Filhos da Luz são chamados também estrelas.

A estrela sob cuja influência nasce uma Entidade humana — reza o Ensinamento Oculto — permanece para sempre como a sua estrela durante todo o ciclo de suas encarnações em um Manvantara. *Mas esta não é a sua estrela astrológica.* A última diz respeito e se relaciona tão-somente à *Personalidade*; a primeira, à *Individualidade*. O Anjo desta Estrela, ou o Dhyâni-Buddha com ela relacionado, será o Anjo que guia, ou simplesmente o que preside, por assim dizer, cada novo renascimento da Mônada, *que é parte de sua própria essência*, ainda que o seu veículo, o homem, possa ignorá-lo sempre. Cada um dos Adeptos tem o seu Dhyâni-Buddha, a sua "Alma Gêmea" mais velha, que ele conhece, chamando-a "Alma-Pai" e "Fogo-Pai". Mas é só na última e suprema Iniciação que ele se vê face a face com a sua brilhante "Imagem" e aprende a reconhecê-la. Que conhecia Bulwer Lytton sobre esse fato místico, quando, em um de seus momentos de mais elevada inspiração, descreveu Zanoni em presença de seu Augoeides?

O Logos, ou o Verbo, assim não-manifestado como manifestado, é chamado Ishvara, o Senhor, pelos hindus; os ocultistas, porém, lhe dão outro nome. Ishvara, dizem os vedantinos, é a consciência mais elevada na Natureza. "Esta consciência", respondem os ocultistas, "é só uma unidade sintética no Mundo do Logos manifestado — ou no plano da ilusão; pois é a soma total da consciência Dhyân Chohânica". "Ó sábio! abandona o conceito de que *Não-Espírito* é *Espírito!*" — diz Shankarâchâya. Atmâ é Não-Espírito em seu estado final Parabrahmânico; Ishvara, o Logos, é Espírito, ou, segundo a explicação do Ocultismo, é uma unidade composta de Espíritos viventes manifestados, a fonte e a sementeira de todas as Mônadas terrestres e mundanas, *mais* os seus Reflexos divinos, que emanam do Logos e a ele retornam, quando cada uma chega ao ponto culminante do seu percurso. Há sete Grupos principais desses Dhyân Chohans, Grupos que se podem ver e identificar em todas as religiões, porque são os Sete Raios primordiais. Ensina o Ocultismo que a Humanidade está dividida em sete Grupos distintos, com suas subdivisões mentais, espirituais e físicas. [E por isso há sete planetas principais, as esferas dos sete Espíritos residentes; cada Grupo humano nasce sob a égide de um deles, que o guia e o influencia.

Há somente sete planetas *especialmente* relacionados com a Terra, e doze casas; mas as combinações possíveis de seus aspectos são inumeráveis. Como cada planeta pode assumir doze aspectos diferentes em relação a cada um dos outros, o número de suas combinações deve ser quase infinito; como infinitas são, realmente, as capacidades espirituais, psíquicas, mentais e físicas das incontáveis variedades do *genus homo*, cada uma das quais formada

sob a influência de um dos sete planetas e de uma das mencionadas e inumeráveis combinações planetárias [14].]

Conseqüentemente, a Mônada, considerada como Unidade, está acima do sétimo princípio no Cosmos e no homem; e, como Tríade, é a progênie direta e radiante daquela Unidade complexa, não o Sopro de "Deus", nome este que se dá à mesma Unidade, nem uma criação *ex-nihil*, porquanto semelhante idéia é de todo antifilosófica e degrada a Divindade, rebaixando-a a uma condição finita e com atributos. Como muito bem disse o tradutor de *Crest-Jewel of Wisdom*, ainda que Ishvara seja "Deus",

> "Imutável nos mais profundos abismos dos Pralayas e [também] durante os mais intensos períodos de atividade do Manvantaras, além [dele] está ATMÂ, ao redor de cujo pavilhão reinam as trevas do eterno MÂYMÂ." [15]

As "Tríades" nascidas sob a influência do mesmo planeta, ou melhor, as Radiações de um mesmo Espírito Planetário ou Dhyân-Buddha, são, em todas as suas vidas e renascimentos posteriores, almas irmãs ou "gêmeas" nesta Terra. [A idéia é idêntica à da Trindade Cristã, os "Três em Um", apenas é mais metafísica: o "Super-Espírito", Universal, manifestando-se nos dois planos superiores, os de Buddhi e de Mahat. São as três Hipóstases metafísicas, mas nunca pessoais.]

Sabiam-no todos os altos Iniciados de todas as épocas e países. "Eu e meu Pai somos um" — dizia Jesus [16]. Quando o fazem dizer em outra ocasião: "Subo para *meu* Pai e *vosso* Pai" [17], a significação é precisamente a que vimos de expor. [A identidade, ao mesmo tempo que a diferenciação ilusória, entre a Mônada-*Angélica* e a Mônada-*Humana*, ressai das seguintes frases: "Meu Pai é *maior* do que eu" [18]. "Glorificai a *vosso* Pai, *que está no Céu*" [19]. "Então brilharão os justos como o sol no reino de *seu* Pai" (e não de *nosso* Pai) [20]. São Paulo também pergunta: "Não sabeis que vós sois o *templo de Deus*, e que *o Espírito de Deus habita em vós?*" [21]] Tudo isso era simplesmente para indicar que o grupo de discípulos e de fiéis atraídos por ele pertenciam ao mesmo Dhyâni-Buddha, Estrela ou Pai, e que este, por sua vez, também pertencia ao mesmo reino e à mesma divisão

(14) Veja-se *The Theosophist*, agosto de 1886, p. 729.

(15) O erro, hoje universal, de se atribuir aos antigos o conhecimento de apenas sete planetas, simplesmente porque não mencionavam outros, tem sua origem na mesma ignorância geral de suas doutrinas ocultas. A questão não é se conheciam ou não a existência dos planetas ultimamente descobertos; mas se a veneração que tinham pelos quatro Grandes Deuses exotéricos e pelos três secretos, os Anjos Estelares, não se baseava em alguma razão especial. A autora ousa afirmar que semelhante razão existia, e é a seguinte: Ainda hoje conhecemos (e esta questão não pode atualmente ser dirimida em um ou outro sentido), eles teriam associado só os sete ao seu culto religioso porque estes sete se acham direta e especialmente relacionados com a nossa Terra, ou, usando a fraseologia esotérica, com o nosso anel setenário de Esferas.

(16) *São João*, X, 30.
(17) *Ibid.*, XX, 17.
(18) *Ibid.*, XIV, 28.
(19) *São Matus*, V, 16.
(20) *Ibid.*, XIII, 43.
(21) *I Cor.*, III, 16.

planetária que ele. Foi o *conhecimento* dessa Doutrina Oculta que encontrou expressão na revista *The Idyll of the White Lotus*, quando T. Subba Row escreveu o seguinte:

"Cada Buddha encontra, em sua última Iniciação, todos os grandes Adeptos que alcançaram o estado Búddhico nas idades precedentes...; os Adeptos de cada classe têm o seu próprio laço de comunhão espiritual, que os une a todos entre si... O único meio possível e eficaz de entrar em semelhante irmandade... consiste em ficar sob a influência da Luz Espiritual que se irradia do próprio Logos do candidato. Posso *ainda acrescentar... que semelhante comunhão só é possível entre pessoas cujas almas* derivam sua vida e sua força do mesmo Raio divino; e que, assim como do "Sol Central Espiritual" emanam sete Raios distintos, assim também todos os Adeptos e Dhyân Chohans são divisíveis em sete classes, cada uma das quais é dirigida, governada e protegida por uma das sete formas ou manifestações da Sabedoria Divina." [22]

Os Sete Filhos da Luz — chamados pelos nomes de seus planetas, e com estes identificados muitas vezes pela massa ignorante, a saber: Saturno, Júpiter, Mercúrio, Marte, Vênus e, *presumivelmente*, o Sol e a Lua, para os críticos modernos, que não vão além da superfície quando estudam as religiões antigas [23] — os Sete Filhos da Luz, dizemos, é que, segundo os Ensinamentos Ocultos, são os nossos Pais celestiais ou, sinteticamente, o nosso "Pai". *Daí por que, como já se fez observar, é o Politeísmo* realmente mais filosófico e mais correto que o Monoteísmo antropomórfico.

Saturno, Júpiter, Mercúrio e Vênus, os quatro planetas exotéricos, e três outros que não devem ser nomeados, eram os corpos celestes que se achavam em comunicação direta, astral e psíquica, moral e fisicamente, com a nossa Terra; seus Guias e Vigilantes. Os orbes visíveis proporcionavam à nossa humildade as características externas e internas; e seus Regentes ou Reitores as nossas Mônadas e as nossas faculdades espirituais. A fim de evitar novas interpretações errôneas, diremos que entre os três Globos secretos, ou Anjos Estelares, não se incluem Urano e Netuno; não só porque os sábios antigos não os conheciam sob esses nomes, como porque, da mesma forma que todos os outros planetas, por numerosos que sejam, representam eles os Deuses e Guardiães de outras Cadeias de Globos setenários, dentro do nosso sistema.

Além disso, os dois grandes planetas descobertos por último não dependem inteiramente do Sol, como sucede com os demais planetas. De outro modo, como podemos explicar o fato de que Urano não receba senão 1/390 da luz recebida pela nossa Terra, e Netuno apenas 1/900; e o de

(22) *The Theosophist*, agosto de 1886, p. 706.

(23) Estes são planetas tão-somente aceitos para fins de Astrologia judiciária. A divisão astro-teológica difere da que mencionamos acima. O Sol, que é uma *estrela* central e não um planeta, tem, como os seus *sete* planetas, uma relação mais oculta e misteriosa com o nosso globo que a geralmente conhecida. O Sol era, portanto, considerado o Grande Pai de todos os sete "Pais", o que explica as variações observadas entre os Sete e os Oito Grandes Deuses da Caldéia e os de outros países. A Terra e seu satélite, a Lua, e até mesmo as estrelas por outra razão, não eram *mais que substitutos adotados para fins esotéricos*. Não obstante, ainda excluindo do cálculo o Sol e a Lua, parece que os antigos conheciam *sete* planetas. Quantos deles nós conhecemos até o momento, se não levarmos em conta a Terra e a Lua? *Sete*, e não mais; Sete planetas primordiais ou principais; os outros são antes *planetóides* que planetas.

apresentarem seus satélites a particularidade de uma rotação inversa à que ocorre em todos os demais planetas do Sistema Solar? Em todo caso, o que dissemos se aplica a Urano, se bem que o fato tenha sido objeto de recentes discussões.

Tudo isso será, naturalmente, considerado como simples fantasia por todos os que confundem a ordem universal do Ser com seus próprios sistemas de classificação. Aqui, porém, nos limitamos a expor meros fatos oferecidos pelos Ensinamentos Ocultos, para que sejam aceitos ou rejeitados, conforme o caso. Existem pormenores em que não é possível entrar, em razão de seu alto grau de abstração metafísica. Basta, pois, dizer que são apenas sete os planetas intimamente relacionados com o nosso globo, da mesma forma que o Sol o é com todos os corpos a ele sujeitos no seu Sistema. Pobre e mesquinho, em verdade, é o número dos corpos que a Astronomia conhece como planetas de *primeira* e de *segunda ordem* [24]. É razoável, portanto, admitir-se que há um grande número de planetas, pequenos e grandes, que ainda não foram descobertos, mas cuja existência devia certamente ser conhecida pelos antigos astrônomos, todos eles Adeptos Iniciados. Mas, por serem sagradas as relações entre estes e os Deuses, devia isso permanecer em segredo, como também os nomes de vários outros planetas e estrelas.

Por outra parte, a própria Teologia Católica Romana fala de "*setenta* planetas que presidem aos destinos das nações deste globo"; e, salvo a aplicação errônea, há mais verdade nesta tradição que na moderna Astronomia exata. Os setenta planetas estão relacionados com os setenta anciãos do povo de Israel [25], e a alusão se entende com os Regentes desses planetas e não com os globos propriamente; a palavra setenta é uma ficção e um véu, postos sobre o 7 × 7 das subdivisões. Cada povo, cada nação, como já dissemos, tem o seu Vigilante *direto*, Guardião e Pai no Céu — um Espírito Planetário. Dispostos estamos a deixar aos descendentes de Israel, adoradores de Sabaoth ou Saturno, o seu próprio Deus nacional, Jeová; pois as Mônadas do povo escolhido por ele são efetivamente suas, e a *Bíblia* nunca fez segredo disso. Sucede que a *Bíblia* protestante inglesa está, como de costume, em desacordo com a dos *Setenta* e a *Vulgata*. Assim, enquanto se lê na primeira:

"Quando o Altíssimo [não Jeová] dividiu sua herança entre as nações... dispôs os limites dos povos em conformidade com o número dos filhos de Israel" [26],

(24) Quando se pensa que, com o seu poderoso telescópio, o eminente astrônomo Sir William Herschell, perscrutando apenas a parte do céu situada no plano equatorial, cujo centro aproximado está ocupado pela nossa Terra, viu desfilarem 16 000 estrelas em um quarto de hora; e que, aplicando este cálculo à totalidade da "Via Láctea", encontrou nela nada menos que dezoito milhões de Sóis; não é de admirar que Laplace, conversando com Napoleão I, dissesse que Deus é uma *hipótese*, sobre a qual é de todo em todo inútil especular a ciência física *exata*. Só a Metafísica Oculta e a Filosofia transcendente são capazes de levantar uma pequenina ponta do véu impenetrável que se antepõe ao conhecimento deste assunto.

(25) *Números*, XI, 16.

(26) *Deuteronômio*, XXXII, 8.

no texto da versão dos *Setenta* consta: "segundo o número de Anjos", Anjos Planetários, versão esta que concorda mais com a verdade e com os fatos. Demais, todos os textos são unânimes em que "a parte do Senhor [a de Jeová] é o seu povo; Jacob é o lote de sua herança" [27], e isto decide a questão. O "Senhor" Jeová tomou Israel *como a sua parte*. Que têm a ver, portanto, outras nações com aquela Divindade nacional particular? Deixemos, pois, que o "Anjo Gabriel" vele sobre o Iran, e "Miguel-Jehová" sobre os hebreus. Esses não são os Deuses de outras nações, e difícil é compreender por que os cristãos escolheram um Deus contra cujos mandamentos Jesus foi o primeiro a insurgir-se.

A origem planetária da Mônada, ou Alma, bem como de suas faculdades, foi ensinada pelos Gnósticos. No curso de sua descida para a Terra e de seu regresso da mesma, cada Alma, nascida da "Luz Infinita" [28], tinha que passar pelas sete regiões planetárias em ambas as vias. Os Dhyâni e os Devas puros das mais antigas religiões converteram-se, no decorrer do tempo, entre os masdeístas, no Sete Devas, os ministros de Ahriman, "cada qual encadeado ao seu planeta" [29]; entre os brâmanes, nos Asuras e em alguns dos Rishis, bons, maus e indiferentes. Entre os Gnósticos egípcios, Thoth ou Hermes era o chefe dos Sete, cujos nomes foram mencionados por Orígenes como: Adonai, gênio do Sol; Tao, da Lua; Elói, de Júpiter; Sabaoth, de Marte; Orai, de Vênus; Astaphai, de Mercúrio; e Ildabaoth (Jeová), de Saturno. Finalmente, o *Pistis-Sophia*, que a maior autoridade moderna sobre crenças gnósticas exotéricas, C. W. King, considera "monumento precioso do Gnosticismo", faz-se eco das crenças arcaicas, embora deformando-as para adaptá-las a fins sectários. Os Regentes Astrais das Esferas (planetas) criaram as Mônadas, ou Almas, de sua própria substância, com "as lágrimas de seus olhos e o suor de suas aflições", dotando-as com uma centelha de sua substância, que é a Luz Divina. Nos volumes III e IV explicaremos porque estes "Senhores do Zodíaco e das Esferas" foram transformados pela teologia sectária nos Anjos Rebeldes dos cristãos, que os foram buscar nos Sete Devas dos Magos, sem compreender o significado da alegoria [30].

Como de costume, aquilo que *é*, e *era*, desde a origem, divino, puro e espiritual em sua unidade primitiva, converteu-se — por causa de sua diferenciação através do deformante prisma dos conceitos do homem — em humano e impuro, refletindo a natureza pecadora própria do homem. Deste modo, o planeta Saturno foi, com o tempo, aviltado pelos adoradores de outros Deuses. As nações que nasceram sob a influência de Saturno — a nação judia, por exemplo, para a qual ele se converteu em Jeová, depois

(27) *Ibid.*, 9.

(28) C. W. King, em *The Gnostics and their Remains* (p. 334), a identifica "com aquele *summum bonum* das aspirações orientais, o Nirvana budista, repouso perfeito, a *Indolentia* epicúrea"; ponto de vista que parece algo petulante em sua expressão, embora não seja de todo falso.

(29) Veja-se a cópia, feita por Orígenes, da Carta ou Diagrama dos Ofitas.

(30) Veja-se também a Seção XIV.

de haver sido este considerado como filho de Saturno, ou Ilda-Baoth, pelos ofitas, e no Livro de Jasher — estavam em constante luta com as nascidas sob a influência de Júpiter, de Mercúrio ou de qualquer outro planeta que não fosse Saturno-Jeová; apesar do que dizem as genealogias e as profecias, Jesus, *o Iniciado* (ou Jehoshua) — o tipo de que foi copiado o Jesus "histórico" — não era de puro sangue judeu, e por isso não reconhecia a Jeová, nem adorava a nenhum outro Deus planetário além do seu próprio "Pai", a quem conhecia e com quem se comunicava, como o fazem todos os grandes Iniciados, "Espírito com Espírito e Alma com Alma". Isso dificilmente pode ser contestado, a menos que a crítica explique satisfatoriamente todas as estranhas frases que o autor do Quarto Evangelho atribui a Jesus, em suas discussões com os fariseus:

"Bem sei que sois a descendência de Abraão... [31] Eu falo do que vi junto de meu Pai, e vós fazeis o que também vistes junto de vosso Pai... Vós fazeis as obras de vosso Pai... Vós tendes como Pai o Demônio... ele foi homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade, porque não há verdade nele. Quando diz uma mentira, fala do que lhe é próprio, porque é um mentiroso e o pai da mentira." [32]

Esse "Pai" dos fariseus era Jeová, que era idêntico a Caim, a Saturno, a Vulcano, *etc.*; o planeta sob cuja influência haviam nascido e o Deus que adoravam. É evidente que naquelas palavras e admoestações deve haver um significado oculto, apesar de mal traduzidas, pois que foram pronunciadas por quem ameaçou com o fogo do inferno a todo aquele que simplesmente chamasse Raca, néscio, ao seu irmão [33].

É também evidente que os planetas não são meras esferas que brilham sem objetivo no Espaço, mas são os domínios de vários Seres, desconhecidos até agora dos não-iniciados, e que, no entanto, não deixam de manter uma relação misteriosa, ininterrupta e de grande influência com os homens e os globos. Cada corpo celeste é o templo de *um* Deus, e estes Deuses são, por sua vez, os templos de DEUS, o Desconhecido "*Não*-Espírito". Nada há profano no Universo. Toda a Natureza é um lugar consagrado, pois, como disse Young,

"Cada uma destas estrelas é um templo".

Pode-se, assim, demonstrar que todas as religiões exotéricas são cópias deformadas dos Ensinamentos Esotéricos. O clero é responsável pela reação contemporânea em favor do Materialismo. Adorando as conchas vazias dos ideais pagãos — personificados para fins alegóricos —, e obrigando as massas a render-lhes culto, as últimas religiões exotéricas converteram os países ocidentais em um Pandemônio, em que as classes superiores adoraram o bezerro de ouro, e as massas inferiores e ignorantes foram induzidas a adorar um ídolo com pés de barro.

(31) Abraão e Saturno são idênticos em astrossimbologia, e Abraão é o antepassado dos judeus partidários de Jeová.

(32) *São João*, VIII, 37, 38, 41 e 44.

(33) *São Mateus*, V, 22.

SEÇÃO XI

O PENSAMENTO ANTIGO COM VESTUÁRIO MODERNO

A *Ciência Moderna não é mais que o Pensamento Antigo deformado.* Vimos, não obstante, como pensam e em que se ocupam os homens de ciência dotados de intuição; e agora daremos ao leitor algumas novas evidências de que mais de um acadêmico se aproxima inconscientemente das tão ridicularizadas Ciências Secretas.

No que respeita à Cosmogonia e à matéria primordial, é inegável que as especulações modernas reproduzem o pensamento da antiguidade, "aperfeiçoado" pelas teorias contraditórias de origem recente. Todo o fundamento pertence à Astronomia e à Física arcaicas, gregas e indianas, às quais se dava outrora o nome de Filosofia. Em todas as especulações arianas e gregas encontramos o conceito de uma Matéria não organizada, homogênea, ou Caos, que a tudo penetra, e que os cientistas rebatizaram com o nome de "condição nebular da matéria universal". O que Anaxágoras chamou *Caos em seu Homoiomeria é hoje chamado "fluido primitivo" por* Sir William Thomson. Os atomistas hindus e gregos — Kanâda, Leucipo, Demócrito, Epicuro, Lucrécio, e outros — agora se refletem, como em um espelho cristalino, nos que defendem a Teoria Atômica de nossa época, a começar pelas Mônadas de Leibnitz e a terminar com os Átomos Vertiginosos de Sir William Thomson [1]. *É verdade que a antiga teoria* corpuscular foi rejeitada, sendo substituída pela teoria ondulatória [2]. Mas o que é importante é saber se a última está realmente consolidada, sem correr o risco de ser destronada como sua predecessora. A questão da Luz em seu aspecto metafísico foi largamente examinada em *Ísis sem Véu*:

A Luz é o primogênito e a emanação primeira do Supremo; e a Luz é a Vida, dizem o evangelista e o cabalista. Ambas são eletricidade — o princípio vital, a Anima Mundi — que impregna o Universo, o vivificador elétrico de todas as coisas. A Luz

(1) Os Vórtices Elementais inaugurados pela "Mente" não progrediram em sua transformação moderna.

(2) A Ciência hoje considera a Luz tanto corpuscular como ondulatória. (Nota da Ed. Adyar.)

é o grande Proteu mágico, e, sob o impulso da vontade divina do Arquiteto [3] ou melhor, dos *Arquitetos*, os Construtores chamados coletivamente *Uno*, suas ondas múltiplas e onipotentes deram nascimento a todas as formas, assim como a todos os seres viventes. De seu seio elétrico inflado brotam a *Matéria* e o *Espírito*. Em suas radiações jazem os princípios de toda ação física e química, e de todos os fenômenos cósmicos e espirituais; ela vitaliza e desorganiza; dá a vida e produz a morte; e de seu Ponto Primordial surgiram gradualmente à existência as miríades de mundos, de corpos celestes visíveis e invisíveis. Foi num raio desta Mãe Primordial, una em três, que, segundo Platão, "Deus" acendeu um Fogo que agora chamamos Sol [4], e que não é a causa da luz e do calor, mas simplesmente o foco ou, como poderíamos dizer, a lente por meio da qual a Luz Primordial materializa os seus Raios, concentrando-os sobre o nosso Sistema Solar e produzindo todas as correlações de forças [5].

É o Éter, como acaba de ser explicado nas teorias de Metcalfe, repetidas pelo Dr. Richardson, ressalvado que o primeiro admite certas particularidades da moderna teoria ondulatória. Não pretendemos opor-nos a esta teoria; apenas afirmamos que ela necessita de ser completada e refundida. Longe estão, porém, os ocultistas de ser os únicos hereges neste particular; pois o Sr. Robert Hunt, F.R.S., diz que:

"A teoria ondulatória não explica os resultados destas experiências [6]. Sir David Brewster, em seu *Treatise on Optics*, depois de mostrar 'que as cores da vida vegetal provêm... de uma atração específica que as partículas destes corpos exercem sobre os raios solares de cores diferentes', e que 'é por meio da luz do sol que se elaboram os sucos coloridos das plantas, que se transformam as cores dos corpos, etc.', observa não ser fácil aceitar 'que tais efeitos possam ser produzidos pela simples vibração de um meio etérico'. Diz ele que se vê *forçado*, 'por esta classe de fatos, a raciocinar como se a luz fosse *material*' [?]. O Professor Josiah P. Cooke, da Universidade de Harvard, declara que 'não pode concordar com os que consideram a teoria ondulatória da luz como um princípio científico estabelecido' [7]. A doutrina de Herschell de que a intensidade da luz, quanto ao efeito de cada ondulação, 'é inversamente proporcional ao quadrado da distância do corpo luminoso', se é correta, prejudica em muito a teoria ondulatória, se é que não a destrói mesmo. Que ele está com a razão é fato que ficou comprovado repetidas vezes por meio de experiências com fotômetro; mas a teoria ondulatória, se bem que comece a ser objeto de sérias dúvidas, permanece ainda de pé." [8]

Àquela observação de Sir David Brewster — de que se vê "forçado a raciocinar como se a luz fosse material" — há muito que replicar. A luz, em certo sentido, é certamente tão material quanto o é a própria eletricidade. Se a eletricidade não é material, se é só um "modo de movimento", como se explica que possa ser *armazenada nos acumuladores* de Faure? Helmholtz diz que a eletricidade deve ser tão atômica quanto a matéria; e o Sr. W. Crookes, F.R.S., apoiou essa opinião em sua mensagem de

(3) Sou muitas vezes censurada por empregar em *Ísis* expressões que denotam crença em um Deus *pessoal* e antropomórfico. *Não* foi a minha intenção. Na linguagem cabalística, "Arquiteto" é o nome genérico dos Sephiroth, os Construtores do Universo, da mesma forma que a "Mente Universal" representa a coletividade das Mentes Dhyân Chohânicas.

(4) *Timœeus*.

(5) *Ísis sem Véu*, vol. I, p. 258.

(6) *Researches on Light in its Chemical Relations*.

(7) *Modern Chemistry*.

(8) *Ísis sem Véu*, vol. I, p. 137.

Birmingham à Seção de Química da Sociedade Britânica, de que era Presidente, em 1886. Eis o que diz Helmholtz:

Se aceitamos a hipótese de que as Substâncias elementais são compostas de átomos, não podemos evitar a conclusão de que também a eletricidade, tanto negativa como positiva, se divide em frações elementais definidas, que se comportam como átomos de eletricidade." [9]

Aqui devemos repetir o que dissemos na Seção VIII, a saber, que só há uma ciência capaz de prosseguir nas investigações modernas pelo caminho único que há de conduzir à descoberta da verdade, até agora oculta, e essa é a mais jovem de todas, a Química, tal como atualmente se apresenta reformulada. Outra não há, sem mesmo excluir a Astronomia, que possa orientar com tanta segurança a intuição científica, como pode fazê-lo a Química. Temos duas provas disso no mundo da Ciência: dois grandes químicos dos mais eminentes em seus respectivos países, Crookes e o Professor Butlerof; um acredita sinceramente nos fenômenos anormais, e o outro era um espiritista tão entusiasta quanto famoso por seus conhecimentos de ciências naturais.

É claro que a mente cientificamente educada do químico, ao mesmo tempo que reflexiona sobre a divisibilidade final da Matéria e sobre a pesquisa, até agora infrutífera, do elemento de peso atômico negativo, deve sentir-se irresistivelmente atraída para aqueles mundos sempre encobertos, para aquele misterioso Além, cujos insondáveis abismos parecem fechar-se à aproximação de mão demasiado materialista que lhes procura descerrar o véu. "É o desconhecido e o sempre incognoscível" — adverte o monista agnóstico. "Não é verdade" — responde o químico perseverante —. "Estamos na pista, e não queremos desanimar; e voluntariamente franquearemos o limiar da misteriosa região em que a ignorância põe a etiqueta de desconhecida."

[Em sua alocução presidencial de Birmingham, disse o Sr. Crookes:

"Só há um desconhecido: a essência última do Espírito [o Espaço]. Aquilo que não é o Absoluto nem o Uno é, em virtude mesmo dessa diferenciação, e por mais distante que se ache nos sentidos físicos, sempre acessível à mente espiritual humana, que é um resplendor do Integral não-diferenciado."]

Dois ou três parágrafos, já no final de sua conferência sobre a *Gênese dos Elementos*, mostram que o eminente cientista trilha a estrada que leva a importantes descobertas. Durante algum tempo esteve estudando a questão do "protilo original", e chegou à conclusão de que "aquele que obtiver a Chave poderá descobrir alguns dos mais profundos mistérios da Criação". Protilo, como esclarece o grande químico,

"...é uma palavra análoga à protoplasma, para exprimir a idéia da matéria primitiva antes da evolução dos elementos químicos. O termo que me permito adotar para

(9) *Faraday Lectures*, 1881. (As partículas positivas e negativas de eletricidade do Professor Crookes correspondem aos nossos positrons e nêutrons de hoje. Nota da Ed. Adyar.)

esse fim é composto de πρὸ (anterior a) e ὑλη (a substância de que estão feitas as coisas). A palavra não é uma novidade, pois que há 600 anos Roger Bacon escreveu em sua *Arte Chymiœ* que "os elementos são feitos de ὑλη e cada elemento se transforma em outro elemento".

O *conhecimento* de Roger Bacon não veio por inspiração a esse maravilhoso mago dos tempos passados [10], senão que o adquiriu no estudo de antigas obras de Maria e Alquimia, possuindo a chave da verdadeira significação de sua linguagem. Vejamos, porém, o que diz o Sr. Crookes acerca do Protilo, este vizinho próximo do inconsciente Mûlaprakriti dos ocultistas:

"Vamos partir do momento em que surgiu o primeiro elemento. Antes disso, a matéria, qual a conhecemos, não existia. É igualmente impossível conceber a matéria sem energia, e a energia sem matéria; de certo ponto de vista, ambos são termos conversíveis. Antes do nascimento dos átomos, todas essas formas de energia, que se manifestam quando a matéria atua sobre a matéria, não podiam ter existido [11]; estavam encerradas no prótilo como meras potencialidades latentes. Coincidindo com a criação dos átomos, todos estes atributos e propriedades, que permitem distinguir um elemento químico de outro, surgem à existência já completamente dotados de energia." [12]

Com todo o respeito devido ao grande saber do autor da conferência, o ocultista se expressaria de maneira diferente. Diria que jamais foi "criado" um Átomo, pois os Átomos são eternos no seio do Átomo Uno — "o Átomo dos Átomos" — considerado durante o Manvantara como o Jagad-Yoni, a matriz material do Mundo. Pradhâna, a Matéria não modificada, aquilo que é a primeira forma de Prakriti, ou Natureza material, tanto visível como invisível, e Purusha, o Espírito, são eternamente "um"; e eles são Nirupâdhi, sem qualidades acidentais ou atributos, só durante o Pralaya, e quando se acham além dos planos de consciência do Ser. O Átomo, tal como o conhece a Ciência moderna, é inseparável de Purusha, que é Espírito, mas que a Ciência dá agora o nome de "energia". O Átomo-Prótilo não foi fragmentado nem sutilizado: passou simplesmente àquele plano, que não é propriamente um plano, mas o estado eterno de todas as coisas fora dos planos da ilusão. Purusha e Prakriti são ambos imutáveis e incon-

(10) Assim, o que a autora desta obra dizia há dez anos (em 1877), em *Ísis sem Véu*, tem o sabor de profecia. Eis as próprias palavras:

Muitos desses místicos, seguindo os ensinamentos recolhidos de tratados que foram secretamente conservados e transmitidos de geração em geração, levaram a cabo descobertas que não seriam para desprezar mesmo em nossa época de ciências exatas. Roger Bacon, o monge, foi ridicularizado como charlatão, sendo geralmente classificado, nos dias atuais, entre os que "pretendiam" possuir a arte mágica; mas as suas descobertas não foram, por isso, menos aceitas, e são hoje utilizadas pelos que mais o ridicularizam. Roger Bacon partencia de direito, senão de fato, a essa Confraria que incluí todos os que estudam as Ciências Ocultas. Vivendo no século XIII, e sendo, portanto, quase contemporâneo de Alberto Magno e de Tomás de Aquino, suas descobertas, tais como a pólvora e os vidros óticos, e seus trabalhos em mecânica eram por todos considerados como outros tantos milagres. Acusaram-no de haver feito um pacto com o Diabo. (Vl. I, pp. 64-65.)

(11) Assim é; "essas formas de energia... *que se fazem evidentes...*" no laboratório do químico e do físico; *mas existem outras formas de energia* associadas a *outras formas de matéria*, que são *supra-sensíveis*, mas conhecidas dos Adeptos.

(12) *Presidential Address*, p. 16.

sumíveis, ou Aparinâmin e Avyaya, na eternidade, e podem ser chamados, durante os períodos Mayávicos, Vyaya e Parinâmin, ou o que pode expandir-se, ocultar-se e desaparecer, e o que é "modificável". Neste sentido, Purusha deve, obviamente, distinguir-se Parabrahman em nossos conceitos. Sem embargo, o que a Ciência chama de "energia" ou "força", e que Metcalfe descreve como força binária, não é apenas energia, nem pode sê-lo nunca; pois é a Substância do Mundo, a sua Alma, Sarvaga, que a tudo impregna, em conjunção com Kâla, o Tempo. Os três são a Trindade em Um, durante o Manvantara, a Unidade todo-poderosa, que atua como três coisas distintas sobre Mâyâ, o plano da ilusão. Na filosofia órfica da Grécia antiga, eram chamados Phanes, Caos e Cronos: a Tríade dos filósofos ocultistas daquele tempo.

É de ver, porém, como o Sr. Crookes se aproxima do "Incognoscível", e que probabilidades existem para a aceitação das verdades Ocultas em suas descobertas. Falando da evolução dos Átomos, prossegue ele nestes termos:

"Detenhamo-nos no fim da primeira vibração completa, e examinemos o resultado. Encontramos já os elementos da água, do amoníaco, do ácido carbônico, da atmosfera, da planta e da vida animal; fósforo para o cérebro, sal para os mares, argila para a terra sólida... fosfatos e silicatos suficientes para um mundo e uns habitantes que não diferissem muito dos atuais. É certo que os habitantes humanos teriam que viver em um estado de simplicidade mais que arcadiana, e que a ausência de fosfato cálcico seria de difícil compreensão no que respeita à existência dos ossos... [13]. No outro extremo da nossa curva... vemos um grande hiato... Este oásis e os vazios que o precedem e sucedem podem atribuir-se, segundo todas as probabilidades, ao modo particular em que se desenvolveu a nossa Terra a fim de se tornar um membro do nosso sistema solar. Se assim é, pode ser que só em nossa Terra ocorram tais vazios, e que não se generalizem por todo o Universo."

É a confirmação de vários assertos constantes das obras Ocultas.

Primo, que nem as estrelas nem o Sol se pode dizer que sejam constituídos dos elementos terrestres familiares à Química, apesar de se acharem presentes nos envoltórios externos do Sol, juntamente com muitos outros elementos até agora desconhecidos da Ciência.

Secundo, que o nosso Globo tem seu laboratório especial nos confins de nossa atmosfera; ao cruzá-los, todo átomo e toda molécula se modificam e se diferenciam de sua natureza primordial.

Tertio, que, finalmente, embora nenhum dos elementos presentes na Terra possa faltar no Sol, há neste muito outros que não existem ou não foram ainda descobertos em nosso Globo.

"Alguns podem faltar em certas estrelas e corpos celestes em curso de formação; ou, ainda que presentes ali, tais elementos, em virtude de sua condição atual, podem não se revelar ainda às provas científicas usuais." [14]

(13) Precisamente a existência de tais mundos em outros planos de consciência é o que afirma o ocultista. A Ciência Secreta ensina que a raça primitiva não tinha ossos, e que existem mundos invisíveis aos nossos olhos, mundos povoados como o nosso, afora as *populações* de Dhyân Chohans.

(14) *Five Years of Theosophy*, pp. 258 e segs.

O Sr. Crookes refere-se ao *hélio* [15], corpo de peso atômico inferior ainda ao do hidrogênio; *corpo simples puramente hipotético* em nossa *Terra, mas que existe em abundância na cromosfera do Sol.* A Ciência Oculta acrescenta que nenhum dos corpos considerados como simples pela Química merece realmente esse nome.

Mais adiante o Sr. Crookes fala em termos aprovativos sobre

"o forte argumento do Dr. Carnelly em abono da natureza composta dos chamados corpos simples, por sua analogia com as radículas compostas."

Até o presente, só a Alquimia, em seu período histórico e nos chamados países civilizados, logrou obter um verdadeiro *corpo simples* ou uma partícula de Matéria homogênea, o *Mysterium Magnum* de Paracelso. Mas isso foi antes da época de Lord Bacon [16].

"...Voltemos agora à parte superior do esquema. Com o hidrogênio de peso atômico = 1, não há lugar para outros corpos simples, a não ser talvez para o hipotético *hélio*. Mas se conseguíssemos passar "através do espelho" e cruzar a linha zero em busca de novos princípios, que encontraríamos do outro lado do zero? O Dr. Carnelly pede um corpo simples de peso atômico negativo; aqui há amplo espaço e margem suficiente para uma série espectral de não-substancialidades que tais. Helmholtz diz que a eletricidade é provavelmente tão atômica quanto a matéria; será a eletricidade um dos corpos simples negativos? E o éter luminoso outro? A matéria, qual a conhecemos hoje, não existe aqui; as formas de energia, que são aparentes nos movimentos da matéria, não passam ainda de possibilidades latentes. *Uma substância de peso negativo não é inconcebível* [17]. Mas podemos formar um conceito claro de um corpo que se combine com outros corpos em proporções que se expressem por quantidades negativas? [18]

Uma gênese dos corpos simples, tal como a que delineamos, não se confinaria ao nosso pequeno sistema solar, mas seguiria provavelmente a mesma série de sucessos em todos os centros de energia visíveis atualmente sob a forma de estrelas.

Antes de surgirem os átomos para gravitar uns em torno dos outros, não podia exercer-se pressão alguma; mas, nos confins da esfera de névoa ígnea, em que tudo é protilo, — e em cujo núcleo as forças colossais que indicam o nascimento de um *elemento químico exercem toda a sua ação — o violento calor iria acompanhado por*

---

(15) O hélio foi obtido em 1895 por Sir William Ramsay. (Nota da Ed. de Adyar.)

(16) Diz o Sr. Crookes no mesmo discurso: "O primeiro enigma que a Química nos depara é este: Que são corpos simples? De todas as tentativas feitas até agora para defini-los ou explicá-los, nenhuma satisfaz o intelecto humano. Os compêndios nos dizem que corpo simples "é um corpo que não pode ser decomposto"; que é "uma coisa a que podemos acrescentar, mas da qual nada podemos subtrair"; ou "um corpo que aumenta de peso a cada modificação química". Tais definições são pouco satisfatórias, por dois motivos: primeiro, porque são provisórias e podem amanhã deixar de ter aplicação em dada circunstância; e segundo, porque se baseiam, não em algum atributo da coisa a definir, mas na limitação da capacidade humana: são confissões de impotência intelectual."

(17) E o conferencista cita Sir George Airy, que diz (em *'Faraday's Life and Letters*, vol. II, p. 354): "Posso facilmente conceber que haja ao nosso redor muitos corpos não sujeitos a esta ação mútua, e que, por conseguinte, não se acham submetidos à lei de gravitação".

(18) A filosofia vedantina o admite; mas já não se trata de física, senão de metafísica, que o Sr. Tyndall qualifica de "poesia" e "ficção".

uma gravitação suficiente para impedir que os elementos recém-formados se lançassem no espaço. À medida que aumenta o calor, aumentam a expansão e o movimento molecular; as moléculas tendem a separar-se, e suas afinidades químicas amortecem; mas a enorme pressão causada pela gravitação da massa, na parte externa daquilo que, por amor da brevidade, chamarei a crosta nascente, contrabalançaria a ação do calor.

Além da crosta nascente haveria um espaço em que não se poderia dar nenhuma ação química, porque ali a temperatura ultrapassaria o que se denomina ponto de dissociação dos compostos. Nesse espaço, o leão e o cordeiro repousariam lado a lado; o fósforo e o oxigênio misturar-se-iam sem unir-se; o hidrogênio e o cloro não mostrariam tendência a laços mais estreitos; e até o flúor, este gás enérgico que os químicos só conseguiram isolar há um ou dois meses, flutuaria livre e sem se combinar.

Fora desse espaço de matéria atômica em liberdade, existiria outra capa em que os elementos químicos formados teriam esfriado até atingir o ponto de combinação; e a série de fenômenos, tão claramente descritos pelo Sr. Mattieu Williams em *The Fuel of the Sun*, dar-se-ia então, culminando na terra sólida e no começo do tempo geológico." (P. 19).

Eis aí, em linguagem estritamente científica, mas em termos sugestivos, a descrição da evolução do Universo diferenciado, segundo os Ensinamentos Secretos. O sábio termina sua conferência com períodos em que cada frase é como um raio de luz através do negro véu materialista que até então vinha cobrindo as ciências exatas; e significa um passo à frente em direção ao *Sanctum Sanctorum* do Oculto. Diz ele ainda:

"Vimos como é difícil definir um corpo simples: observamos também que muitos físicos e químicos se insurgem contra a acepção usual da palavra elemento; ponderamos a improbabilidade de sua existência eterna [19] ou de *sua formação pelo acaso*. Como derradeira alternativa, pensamos que a sua origem fosse devida a um processo evolutivo semelhante ao dos corpos celestes, segundo Laplace, e ao das plantas e animais do nosso globo, segundo Lamarck, Dauvin e Wallace [20]. Na série dos corpos simples, tais como os conhecemos, encontramos uma analogia flagrante com a do mundo orgânico [21]. Na falta de uma prova direta da decomposição de qualquer corpo simples, procuramos e descobrimos uma prova indireta... Consideramos depois o aspecto da gênese dos elementos; e finalmente passamos em revista um esquema de sua origem sugerido pelo método do Professor Reynolds para ilustrar a classificação periódica... [22] Resumindo

(19) Em sua forma atual, quer-nos parecer.

(20) E segundo Kapila e Manu — sobretudo e em primeiro lugar.

(21) Eis aqui uma confirmação científica da lei eterna de correspondência e analogia.

(22) Este método de ilustração da lei periódica na classificação dos elementos foi, segundo diz o Sr. Crookes, proposto pelo Professor Emerson Reynolds, da Universidade de Dublin, o qual... "observa que, em cada período, as propriedades gerais dos corpos simples variam de um a outro com aproximada regularidade, até chegar a um *sétimo membro*, que apresenta um contraste mais ou menos acentuado com o primeiro elemento do mesmo período, e também com o primeiro do período seguinte. Assim, o cloro, sétimo membro do terceiro período de Mendeleef, contrasta fortemente com o sódio, primeiro elemento da mesma série, e com o potássio, primeiro membro da série imediata; enquanto, por outro lado, o sódio e o potássio têm entre si muita analogia. Os seis corpos simples, cujos pesos atômicos estão compreendidos entre o do sódio e o do potássio, variam em propriedades passo a passo, até que se chega ao cloro, contraste do sódio. Mas do cloro ao potássio, análogo do sódio, a mudança de propriedades se efetua *per saltum*... Se reconhecemos deste modo um contraste de propriedades, mais ou menos marcante, entre o primeiro e o último membro de cada série, não podemos deixar de admitir a existência de um ponto de variação média dentro de cada sistema. Em geral, o *quarto* elemento de cada série tem as propriedades que seriam de

todas as considerações precedentes, não podemos, em verdade, aventurar-nos a afirmar, de modo categórico, *que os nossos chamados corpos simples se tenham desenvolvido de uma matéria primordial única; mas podemos sustentar que a balança das provas se inclina francamente em favor desta tese.* É a minha opinião."

Assim, a Ciência indutiva, em seus ramos de Astronomia, Física e Química, ao tempo que avança timidamente para a conquista dos segredos da Natureza em seus efeitos últimos sobre o nosso plano terrestre, retrocede aos dias de Anaxágoras e dos Caldeus, ao descobrir: (*a*) a origem do nosso mundo fenomenal; e (*b*) os modos de formação dos corpos que compõem o Universo. E, como suas hipóteses cosmogônicas fazem-na volver às crenças dos filósofos primitivos e aos seus sistemas, todos estes baseados nos ensinamentos de uma Doutrina Secreta universal acerca da Matéria primordial, suas propriedades, funções e leis, não temos o direito de esperar que não esteja longe o dia em que a Ciência apreciará a Sabedoria dos Antigos melhor do que o tem feito até agora?

A Ciência Exata moderna pode certamente ensinar muita coisa à Filosofia Oculta; mas, por outro lado, teria muitíssimo que aprender em mais de um ramo da Sabedoria Antiga, e sobretudo em Cosmogonia. Poderia aprender, por exemplo, a significação mística, alquímica e transcendente das

---

esperar em um corpo de transição... Assim, para efeito de uma tradução gráfica, considera o Professor Reynolds que o quarto membro de um período — o silício por exemplo — pode ser colocado no alto de uma curva simétrica, que representará, em relação àqueles período particular, a direção em que variam as propriedades das séries de corpos simples com os crescentes pesos atômicos.

A autora confessa humildemente sua completa ignorância da Química moderna e de seus mistérios. Mas, de outra parte, tem suficiente conhecimento da Doutrina Oculta a respeito da *correspondência dos tipos e antítipos* na Natureza, e da analogia como lei fundamental em Ocultismo. Ousa, por isso, formular uma observação, que será acolhida por todos os ocultistas, embora provoque um sorriso de mofa por parte do cientista ortodoxo. O método de ilustrar a lei periódica no comportamento dos corpos simples, seja ou não ainda uma hipótese na Química, *é uma lei em Ciências Ocultas.* Todo ocultista culto sabe que o *sétimo* e o *quarto* membros — em uma cadeia setenária de mundos como na hierarquia setenária de anjos, na constituição do homem, do animal e da planta como na do átomo mineral — que o *sétimo* e o *quarto* membros, repetimos, desempenham sempre um papel definido e específico no sistema senetário das manifestações geométrica e matematicamente uniformes das imutáveis leis da Natureza. Desde as estrelas, que luzilam no alto dos céus, até as chispas que se desprendem do fogo que o selvagem acende por processo primitivo no interior de sua floresta: desde as hierarquias e a constituição essencial dos Dhyân Chohans — feita para percepções mais divinas e para uma ordem de conceitos tão elevada como jamais poderia sonhar o maior de todos os psicólogos ocidentais — até a *classificação* natural das espécies, incluindo a dos mais humildes insetos; em suma, desde os Orbes aos Átomos, tudo no Universo, desde o infinitamente grande ao infinitamente pequeno, segue em sua evolução espiritual e física uma ordem cíclica e setenária, em que o sétimo e o quarto números (sendo este último o ponto de retorno) se comportam de modo idêntico ao que nos mostra aquela lei periódica dos Átomos. A Natureza jamais procede *per saltum.* Assim, quando o Sr. Crookes observa, a esse respeito, que "não deseja concluir que os vazios da tábua de Mendeleef, em sua representação gráfica (o diagrama que indica a evolução dos Átomos), signifiquem necessariamente a existência de corpos simples para preenchê-los; que um vazio pode simplesmente significar que, ao nascerem os elementos, havia uma potencialidade propícia à formação de um elemento que devesse ocupar esse lugar"; — um ocultista lhe faria respeitosamente ponderar que

numerosas substâncias *imponderáveis* que enchem os espaços interplanetários, e que, impregnando os mundos, são a causa direta, no extremo inferior, da produção dos fenômenos naturais que se manifestam pelas chamadas vibrações. O conhecimento da natureza *real*, não a hipotética, do Éter, ou melhor, do Akâsha, e de outros mistérios, em uma palavra, só pode conduzir ao conhecimento das Forças. E, no entanto, é contra essa Substância que a escola materialista dos físicos se insurge com inusitada fúria, principalmente na França [23]; essa Substância que a Ciência Exata precisa defender. Não podem os homens de ciência abandoná-la sem correr o risco de lançar por terra as colunas do Templo da Ciência, e, quais novos Sansões, ficarem sepultados sob os seus escombros.

Vimos que as teorias baseadas sobre a não-aceitação do conceito de Força como exterior à Matéria pura e simples, e independente dela, são todas falsas. Não abrangem nem podem abranger o problema, verificando-se que muitas das hipóteses científicas carecem, afinal, de base científica. "O Éter produz o Som" — está escrito nos *Purânas*; e riram desta afirmação. O Som é o resultado das vibrações do *ar*, respondem-nos à guisa de correção. — Mas, que é o ar? Poderia o ar existir sem que houvesse, no Espaço, um meio etéreo que sustentasse as suas moléculas? Eis o que se passa: O Materialismo não pode admitir a existência de seja o que for além da Matéria, porque, com a aceitação de uma Força imponderável — fonte e origem de todas as Forças físicas — teria que virtualmente admitir outras Forças, *inteligentes*, o que levaria a Ciência demasiado longe. Porque, como corolário, teria que aceitar a presença, no homem, de um poder ainda mais espiritual, já agora por completo independente de toda espécie de Matéria de que os físicos tenham conhecimento. E assim, à parte um Éter hipotético do Espaço e dos corpos físicos grosseiros, todo o Espaço sideral desconhecido é, para os materialistas, um *vazio* sem limites na Natureza: cego, não-inteligente, inútil.

Outra questão é a seguinte: Que é essa Substância Cósmica, e até onde podemos ir para sondar-lhe a natureza e arrancar-lhe os segredos, a fim de nos sentirmos autorizados a dar-lhe um nome? Até onde, principalmente, terá ido a Ciência moderna na rota destes segredos, e que faz ela para descobri-los? O último favorito da Ciência, a Teoria Nebular, pode ser que nos ofereça uma resposta à pergunta. Examinemos, pois, as credenciais da Teoria Nebular.

---

a última hipótese só poderia subsistir se não influísse no esquema setenário dos Átomos. Esta é a *lei una*, e um método infalível que há de sempre conduzir ao êxito aquele que o observe.

(23) Um grupo de eletricistas acaba de protestar contra a nova teoria de Clausius, o famoso professor da Universidade de Bonn. O caráter do protesto nos é revelado pela assinatura que traz: "Jules Bourdin, em nome do grupo de eletricistas que tiveram a honra de ser apresentados ao Professor Clausius em 1881, e cujo grito de guerra (*cri de ralliement*) é *À bas l'Ether*", abaixo o Éter! Como se vê, reclamam o *Vácuo Universal!*

Seção XII

EVIDÊNCIA CIENTÍFICA E ESOTÉRICA DA TEORIA NEBULAR MODERNA, E OBJEÇÕES À MESMA

Ultimamente, e com certa freqüência, tem-se procurado opor à Cosmogonia Esotérica o fantasma desta teoria e as hipóteses que dela decorrem. "Podem os vossos Adeptos negar esta teoria tão científica?" — pergunta-se. "Não de todo" — respondemos —, "mas o que os próprios homens de ciência admitem *não a deixa subsistir*, nada ficando para ser contestado pelos Adeptos".

Para constituir-se a Ciência em um *todo*, em um corpo *integral* de conhecimentos, é realmente necessário o estudo da natureza espiritual e psíquica, tanto quanto da natureza física. De outro modo, o resultado será idêntico ao que sucedeu com a anatomia do homem, que os profanos antigamente estudavam de um ponto de vista superficial, ignorando a estrutura interna do corpo humano. Até mesmo Platão, o maior dos filósofos de seu país, cometeu, antes de sua Iniciação, erros tais como o de afirmar que os líquidos passam ao estômago através dos pulmões. Sem a Metafísica, como diz o Sr. H. J. Slack, a *verdadeira* Ciência é inadmissível.

As nebulosas existem; a teoria nebular, porém, é errônea. Uma nebulosa existe num estado de completa dissociação elemental. É gasosa (e algo mais, que não se pode relacionar com os gases, tais como os conhece a Ciência física); e é luminosa por si mesma. Eis tudo. As sessenta e duas "coincidências", que o Professor Stephen Alexander enumera para confirmar a Teoria Nebular [1], podem ser todas explicadas pela Ciência Esotérica; todavia, como não estamos escrevendo uma obra sobre Astronomia, não vamos agora refutá-las. Laplace e Faye, mais que todos os outros, chegam a aproximar-se da teoria certa; na teoria atual, porém, sobra muito pouco das idéias de Laplace, fora de suas linhas gerais.

No entanto, diz John Stuart Mill:

"Nada há de hipotético na teoria de Laplace; é um exemplo de legítimo raciocínio, que parte do efeito presente para remontar à causa passada; só pressupõe que os

(1) *Smithsonian Contributions*, XXI, art. 1.º, pp. 79-97.

objetos realmente existentes obedecem às leis a que se sabe estarem sujeitas todas as coisas terrestres que se lhe assemelham." [2]

Em se tratando de um lógico tão eminente como Stuart Mill, tal raciocínio seria muito valioso se se pudesse verificar que "as coisas terrestres que se assemelham" às celestes, na distância em que se acham as nebulosas, *são semelhantes realmente a esses objetos, e não apenas na aparência.*

Outra erronia que, do ponto de vista oculto, se incorporou à teoria moderna, tal como hoje se apresenta, é a hipótese de que todos os planetas se tenham desprendido do Sol, sendo osso de seus ossos e carne de sua carne; pois o Sol e os planetas são apenas irmãos uterinos, que têm a mesma origem nebular, mas em virtude de um processo diferente do admitido pela Astronomia moderna.

As inúmeras objeções aduzidas por alguns adversários da moderna Teoria Nebular contra a homogeneidade da Matéria original difusa, baseada na uniformidade da composição das Estrelas fixas, não abalam de modo algum a questão dessa homogeneidade, senão apenas a teoria em si mesma. Nossa nebulosa solar pode não ser completamente homogênea, ou melhor, é possível que não se revele como tal aos astrônomos, e seja, contudo, *de facto*, homogênea. As Estrelas diferem em seus materiais constituintes, e até apresentam elementos de todo desconhecidos na Terra; não obstante, isso em nada altera o ponto de que a Matéria Primordial — a Matéria tal como apareceu justamente em sua primeira diferenciação após o estado "laya" [3] — seja ainda hoje homogênea, a incomensuráveis distâncias, nas profundezas do infinito, e também em sítios não muito afastados dos confins do nosso Sistema Solar.

Finalmente, não há um só dos fatos trazidos à colação pelos adversários da Teoria Nebular (sendo embora falsa, como é, e portanto fatal, bastante ilogicamente, à hipótese da homogeneidade da Matéria) que possa resistir à crítica. Uma falsa premissa conduzirá naturalmente a uma falsa conclusão, se bem que uma dedução inadmissível não deva necessariamente invalidar a proposição principal do silogismo. Um erro leva a outro erro. Assim, podemos deixar de lado todos os aspectos e inferências secundárias das provas do espectro e das linhas, como simplesmente provisórias por enquanto, a abandonar à ciência toda questão de pormenor. O dever do ocultista se entende com a *Alma* e o *Espírito* do Espaço Cósmico, e não apenas com a aparência e o modo de ser ilusórios deste Espaço. O da ciência física consiste em estudar e analisar a sua *casca* — a Última *Tule* do Universo e do Homem, na opinião dos materialistas.

Com estes últimos nada tem que ver o Ocultismo. Só com as teorias de homens do saber de um Kepler, de um Kant, de um Oersted e de um Sir William Herschel, que acreditavam em um Mundo Espiritual, pode a Cosmogonia Oculta entender-se e chegar a um acordo satisfatório. Mas

(2) *System of Logic*, p. 229.
(3) Além da linha zero de ação.

as idéias dos citados físicos são bem diferentes das últimas especulações modernas. Kant e Herschel especulavam sobre a origem e o destino final do Universo, assim como sobre o seu aspecto presente, de um ponto de vista muito mais filosófico e psíquico; ao passo que a Astronomia e a Cosmologia modernas repudiam tudo o que se refira à investigação dos mistérios do Ser. O resultado é o que se poderia esperar: completo malogro e contradições inextricáveis nas mil e uma variedades das chamadas teorias científicas, inclusive a de que ora nos ocupamos.

A hipótese nebular, que implica a teoria da existência de uma Matéria Primordial, difundida em estado nebuloso, não é de data recente na Astronomia, como todos sabem. Anaximenes, da escola jônica, havia já ensinado que os corpos siderais se formavam pela condensação progressiva de uma Matéria Primordial *pré-genética*, cujo peso era quase negativo e que se encontrava difundida pelo Espaço em um estado extremamente sutil.

Tycho Brahe, que considerava a Via Láctea uma substância etérea, acreditou que a estrela nova, surgida na constelação de Cassiopéia em 1572, fora formada com aquela Matéria [4]. Kepler julgava que a estrela de 1606 também se tinha formado com a substância etérea que enche o Universo [5]. Atribuía a esse mesmo éter o aparecimento de um anel luminoso ao redor da Lua, durante o eclipse total do Sol observado na cidade de Nápoles em 1605 [6]. Mais tarde ainda, em 1714, a existência de uma Matéria luminosa por si mesma foi admitida por Halley, no *Philosophical Transactions*. Finalmente, o periódico com este nome publicava em 1811 a famosa hipótese do eminente astrônomo Sir William Herschel sobre a transformação das nebulosas em Estrelas [7], sendo depois aceita a Teoria Nebular pelas Reais Academias.

Em *Five Years of Theosophy* (p. 245) pode-se ler um artigo sob o título: "Negam os Adeptos a Teoria Nebular?" A resposta que ali se dá é a seguinte:

Não; eles não negam suas proposições gerais, nem as verdades aproximadas das verdades científicas. Somente negam que as presentes teorias estejam completas, e também que sejam totalmente erradas muitas daquelas antigas teorias que hoje são tidas como "superadas", e que, durante o último século, se seguiram umas às outras com tanta rapidez.

Alegou-se então que era "uma resposta evasiva". Argumentou-se que semelhante falta de respeito para com a Ciência oficial, para ter justificativa, deve acompanhar-se da substituição da teoria ortodoxa por outra mais completa e com base mais sólida. A isso cabe apenas responder: É inútil formular teorias isoladas em relação a matérias que fazem parte de um sistema consecutivo integral; pois que, ao serem separadas do corpo principal de ensinamentos, perderiam necessariamente sua coerência vital, e seria de

(4) *Progymnasmata*, p. 795.
(5) *De Stella Nova in Pede Serpentarii*, p. 115.
(6) *Hypothèses Cosmogoniques*, C. Wolf, p. 2, 1886.
(7) Veja-se *Philosophical Transactions*, pp. 269 e segs.

nenhum proveito o seu estudo independente. Para que seja possível apreciar e aceitar as idéias ocultas sobre a Teoria Nebular, far-se-á mister o estudo de todo o sistema cosmogônico esotérico. E ainda não soou a hora em que se possa conclamar os astrônomos a admitirem Fohat e os Divinos Construtores. As suposições inegavelmente corretas de Sir William Herschel, que nada tinham de sobrenatural em si mesmas, quanto a chamar o Sol, talvez metaforicamente, de "um Globo de Fogo", e as suas primeiras especulações sobre a natureza do que hoje se denomina a Teoria da Folha de Salgueiro de Nasmyth, só tiveram como resultado que o mais eminente de todos os astrônomos fosse ridicularizado por colegas seus muito menos ilustres, que não viam e ainda não vêem em suas idéias senão "teorias geradas por uma imaginação fantasiosa".

Antes que se pudesse revelar aos astrônomos todo o Sistema Esotérico, e que pudessem apreciá-lo, teriam eles que regressar, não só às "antiquadas idéias" de Herschel, mas também aos sonhos dos mais antigos astrônomos hindus, e abandonar assim suas próprias teorias, as quais, com terem surgido oitenta anos depois que as primeiras, e vários milênios mais tarde que as outras, não são por isso menos "fantasiosas". Teriam principalmente que se desfazer de suas idéias sobre a solidez e a incandescência do Sol; pois, se é verdade que o Sol "resplandece", nem por isso "arde". Por outro lado, dizem os ocultistas, quanto às "folhas de salgueiro", que estes "objetos" — assim os chama Sir William Herschel — são as fontes imediatas do calor e da luz solar. E, embora os Ensinamentos Esotéricos não os vejam sob o mesmo prisma — isto é, como "organismos" que participam da natureza da vida, pois os "Seres" solares não ficam certamente dentro do foco telescópico —, afirmam, não obstante, que todo o Universo está cheio de tais "organismos" conscientes e ativos, conforme a proximidade ou a distância de seus planos em relação ao nosso plano de consciência; e acrescentam, finalmente, que o grande astrônomo estava com a razão, quando, especulando sobre os supostos "organismos", dizia que "não sabemos se a ação vital é incapaz de, ao mesmo tempo, desenvolver o calor, a luz e a eletricidade". Pois os ocultistas, expondo-se ao risco de serem ridicularizados pelo mundo dos físicos, sustentam que todas as "Forças" dos cientistas têm sua origem no Princípio Vital, a Vida Una coletiva do nosso Sistema Solar — sendo esta "Vida" uma parte, ou mais propriamente, um dos *aspectos* da Vida Una Universal.

Podemos, portanto, como o fizemos no artigo a que já nos referimos — e onde, com apoio na opinião dos Adeptos, dissemos que "é suficiente fazer um resumo do que os físicos ignoram a respeito do Sol" —, podemos definir a nossa posição em face da Teoria Nebular moderna, e de seus evidentes erros, limitando-nos a assinalar fatos que estão em diametral oposição a ela em sua forma atual. E, para principiar, perguntamos: Que é o que ensina essa Teoria?

Resumindo as hipóteses mencionadas, vemos que a teoria de Laplace, que aliás está hoje irreconhecível, não foi muito feliz. Em primeiro lugar, pressupõe a existência da Matéria Cósmica em um estado de nebulosidade difusa, "tão sutil que sua presença mal poderia ser "suspeitada", e exclui

qualquer tentativa para penetrar o Arcano do Ser, salvo no que se refere à imediata evolução do nosso pequeno Sistema Solar.

Em conseqüência, a aceitação ou a rejeição de sua teoria, relativamente aos problemas cosmológicos, que se procura solucionar, não tem outro resultado senão o de fazer recuar um pouco mais longe o mistério. Quanto às eternas perguntas: "De onde vem a Matéria? De onde provém o impulso evolutivo que lhe determina as agregações e dissociações cíclicas? De onde a maravilhosa ordem e simetria com que se agrupam os Átomos primordiais?" — não oferece Laplace nenhuma resposta. Tudo o que nos apresenta se reduz a um esboço dos princípios gerais *prováveis* em que se supõe basear-se o processo atual. Mas qual é a explicação, sobre que hoje tanto se fala, desse processo? Que nos expôs ele, de tão maravilhosamente novo e original, que pudesse servir, pelo menos em suas linhas gerais, de base para a Teoria Nebular moderna? Eis aqui as informações que pudemos colher em diversas obras de astronomia.

Laplace pensava que, devido à condensação dos átomos da nebulosa primitiva, e de acordo com a lei de gravitação, a massa então gasosa, ou talvez parcialmente líquida, adquirisse um movimento de rotação. À medida que aumentava a velocidade desse movimento, a massa ia tomando a forma de um disco delgado; depois, a força centrífuga, dominando a de coesão, fez desprender grandes anéis das bordas vertiginosas e incandescentes, e estes anéis se contraíram necessariamente, por força da gravitação, convertendo-se em corpos esféricos (segundo se admite), os quais, também necessariamente, conservaram a mesma órbita ocupada antes pela zona externa de que foram separados [8]. A velocidade da parte exterior de cada planeta nascente — diz Laplace —, excedendo à da parte interior, deu lugar a um movimento de rotação em torno do eixo. Os corpos mais densos eram projetados por último; e finalmente, durante a fase preliminar de sua formação, os globos recém-destacados projetaram, por sua vez, um ou mais satélites. Descrevendo a história da ruptura dos anéis e de sua transformação em planetas, escreve Laplace:

"Quase sempre cada um desses anéis de vapores teve que se fragmentar em numerosas massas, as quais, movendo-se com uma velocidade mais ou menos uniforme, foram também levadas a circular a igual distância em redor do Sol. Tais massas tiveram que tomar uma forma esférica, com um movimento de rotação no mesmo sentido do de revolução, pois que as moléculas internas (as mais próximas do Sol) deviam ter uma velocidade real inferior à das moléculas externas. As massas passaram então a formar outros tantos planetas em estado de vapor; mas, quando um deles teve suficiente força de atração para unir sucessivamente todos os demais ao redor do seu centro, o anel de vapores deve ter se transformado em uma só massa esférica de vapores, girando em torno do Sol e animada de um movimento de rotação no mesmo sentido que o de revolução. Este último caso foi o mais comum, mas o Sistema Solar

(8) Laplace imaginava que as zonas externas e internas do anel girariam com a mesma velocidade angular que haveria no caso de um anel sólido; mas o princípio de áreas iguais exige que as zonas internas girem mais rapidamente que as zonas externas (*World-Life*, p. 121). O Professor Winchell salienta muítos equívocos cometidos por Laplace; mas, como geólogo, também ele não é infalível em suas "especulações astronômicas".

nos oferece exemplos do primeiro nos quatro pequenos planetas que se movem entre Júpiter e Marte."

Apesar de haver poucas pessoas que neguem "a magnífica audácia desta hipótese", é impossível deixar de reconhecer as dificuldades insuperáveis que a cercam. Por que razão, por exemplo, vemos que os satélites de Netuno e de Urano são dotados de um movimento retrógrado? Por que Vênus, a despeito de sua maior proximidade do Sol, é menos denso que a Terra? Por que também Urano, estando mais distante, é mais denso que Saturno? Como se explica que haja tanta variedade na inclinação dos eixos e das órbitas da suposta progênie do Globo central? Por que essas diferenças tão flagrantes no tamanho dos planetas? Por que os satélites de Júpiter são 228 vezes mais densos que este planeta? E, finalmente, por que ainda permanecem inexplicáveis os fenômenos dos meteoros e dos cometas? Ouçamos as palavras de um Mestre:

Eles [os Adeptos] entendem que a teoria centrífuga de origem ocidental é incapaz de abranger todos os problemas. Que, por si só, não pode explicar o porquê do achatamento de cada esferóide, nem resolver as evidentes dificuldades que apresenta a densidade relativa de certos planetas. Efetivamente, como pode algum cálculo de força centrífuga explicar-nos, por exemplo, a razão por que Mercúrio, cuja velocidade de rotação, segundo se diz, é "aproximadamente igual a um terço da da Terra, e cuja densidade é somente cerca de um quarto maior que a da Terra", tem uma compressão polar mais de dez vezes superior à desta última? Por que também Júpiter, cuja rotação equatorial se diz que é "vinte e sete vezes maior que a da Terra, enquanto a sua densidade é apenas uma quinta parte da do nosso Globo", há de ter a sua compressão polar dezessete vezes maior? Ou ainda, por que Saturno, com uma velocidade equatorial, para fazer face à força centrífuga, cinqüenta e cinco vezes superior à de Mercúrio, tem uma depressão polar só três vezes maior que a deste último planeta? Para coroar todas essas contradições, querem fazer-nos acreditar nas Forças Centrais, conforme ensina a ciência moderna, ainda quando nos declaram que a matéria equatorial do Sol, com uma velocidade centrífuga quatro vezes maior que a da superfície equatorial da Terra, e só com a quarta parte da gravitação da matéria equatorial, não manifestou a menor tendência para aglomerar-se no equador solar, nem mostrou nenhum achatamento nos pólos do eixo solar. Em termos mais claros: o Sol, apenas como uma quarta parte da densidade terrestre para opor aos efeitos da força centrífuga, não tem nenhuma depressão polar! Vemos que esta objeção tem sido levantada por mais de um astrônomo, mas nunca deu lugar a uma só explicação satisfatória, que seja do conhecimento dos Adeptos.

Eis por que dizem eles [os Adeptos] que os grandes homens de ciência do Ocidente, não sabendo... nada ou quase nada sobre a matéria cometária, nem das forças centrífuga e centrípeta, nem sobre a natureza das nebulosas, nem da constituição física do Sol, das Estrelas ou mesmo da Lua, cometem uma imprudência ao falar com tanta segurança, como o fazem, da "massa central do Sol" a lançar no espaço planetas, cometas e não sei mais

o que... Nós dizemos que o que ele [o Sol] desprende de si é só o Princípio de Vida, a Alma daqueles corpos, princípio que distribui e recolhe em nosso pequeno Sistema Solar, como o "Dispensador Universal de Vida..." no Infinito e na Eternidade; que o Sistema Solar é o Microcosmo do Macrocosmo Uno, da mesma maneira que o homem é o Microcosmo em relação ao seu pequeno Cosmos Solar[9].

O poder essencial que têm todos os Elementos Cósmicos e terrestres de gerar dentro de si mesmos uma série regular e harmônica de resultados, um encadeamento de causas e efeitos, é uma prova irrefutável de que eles ou se acham animados por uma *Inteligência ab extra* ou *ab intra*, ou então a ocultam dentro ou por trás do "véu manifestado". O Ocultismo não elude a certeza da origem mecânica do Universo; mas somente proclama a necessidade absoluta de existirem mecânicos de alguma espécie dentro ou por trás daqueles Elementos: um dogma entre nós. Não foi o concurso fortuito dos Átomos de Lucrécio, como ele bem o sabia, que construiu o Cosmos e tudo quanto nele se contém. A própria Natureza desmente semelhante teoria. Ao Espaço Celeste, ocupado por uma Matéria tão sutil como o Éter, não se pode pedir que explique, com ou sem atração, o movimento comum das legiões siderais. Ainda que a perfeita harmonia de suas inter-revoluções indique claramente a presença de uma causa mecânica no Universo, Newton, que mais do que outro tinha o direito de confiar em suas próprias deduções, viu-se, não obstante, obrigado a abandonar a idéia de chegar a explicar o impulso original dado aos milhões de orbes somente pelas leis *conhecidas* da Natureza e suas Forças materiais. Reconheceu ele, de modo inequívoco, os limites que separam a ação das Forças naturais da ação das *Inteligências* que ordenam e põem em execução as leis imutáveis. E se um Newton teve que renunciar a semelhante esperança, qual dos pigmeus materialistas *será capaz de dizer: "Eu sei mais"*?

Para que uma teoria cosmogônica seja completa e compreensível, tem que partir de uma Substância Primordial difundida em todo o Espaço sem limites, e *de natureza intelectual e divina*. Esta Substância deve ser a um tempo a Alma e o Espírito, a Síntese e o Sétimo Princípio do Cosmos manifestado; e, para servir de Upâdhi espiritual a este, deve existir o sexto princípio, seu veículo, a Matéria Física Primordial, por assim dizer, embora a sua natureza tenha que escapar sempre aos nossos sentidos *normais limitados*.

É fácil a um astrônomo, se dotado de algum poder de imaginação, idear uma teoria sobre o nascimento do Universo do seios do Caos, mediante a simples aplicação dos princípios da mecânica. Mas semelhante Universo nunca passaria de um monstro de Frankenstein perante o seu criador humano, que seria por ele arrastado a perplexidades sem fim. A só aplicação das leis mecânicas não pode levar o teórico além do mundo objetivo; nem desvendar ao homem a origem e o destino do Cosmos. Eis aonde a Teoria Nebular conduz a Ciência. A bem dizer, essa Teoria é irmã gêmea da do

(9) *Five Years of Theosophy*, pp. 249-50, artigo *Do the Adepts deny the Nebular Theory?* ("Negam os Adeptos a Teoria Nebular?").

Éter, e ambas são filhas da necessidade: uma é tão indispensável para explicar a transmissão da luz como a outra o é para demonstrar a origem dos Sistemas Solares. A questão, para a Ciência, está em saber como pôde a mesma matéria homogênea [10], obedecendo às leis de Newton, dar nascimentos a corpos — o Sol, os Planetas e seus satélites — sujeitos a condições de movimento idêntico e formados de elementos tão heterogêneos.

Tem servido a Teoria Nebular para resolver o problema, ainda que limitada a sua aplicação a corpos tidos como inanimados e materiais? Decididamente não. Qual o seu progresso desde 1811, quando a comunicação de Sir William Herschel, com fatos baseados em suas observações, fez irromper "exclamações de júbilo" por parte dos membros da Sociedade Real? A partir de então, uma descoberta ainda mais importante, por meio da análise espectral, permitiu a verificação e confirmação da conjetura de Sir William Herschel. Laplace pedia uma espécie de "Matéria-prima" original para comprovar a idéia da progressiva evolução e desenvolvimento do Universo. Ei-la aqui, tal como se propôs há dois mil anos.

A "matéria-prima", que hoje tem o nome de nebulosa, foi conhecida desde a mais remota antiguidade. Anaxágoras ensinava que, na diferenciação, a mistura resultante das substâncias heterogêneas permaneceu imóvel e sem organização, até que a "Mente" — a corporação coletiva dos Dhyân Chohans, dizemos nós — começou a atuar sobre ela e a comunicar-lhe movimento e ordem [11]. Essa teoria é atualmente aceita no que tange à sua primeira parte; sendo rejeitada a outra, a que se refere à intervenção de uma "Mente". A análise espectral revela a existência de nebulosas formadas inteiramente de gases e vapores luminosos. Será a Matéria nebular primitiva? O espectro, dizem, mostra as condições físicas da Matéria que emite a luz cósmica. Demonstrou-se que os espectros das nebulosas resolúveis e os das irresolúveis são absolutamente diferentes, indicando os destas últimas que o seu estado físico é o de um gás ou vapor luminoso. As linhas brilhantes de uma nebulosa significam a existência de hidrogênio e de outras substâncias materiais, conhecidas e desconhecidas. O mesmo sucede com as atmosferas do Sol e das Estrelas. Isto leva diretamente à conclusão de que uma Estrela se forma pela condensação de uma nebulosa; e, portanto, que até mesmo os metais se formaram na Terra pela condensação do hidrogênio ou de outra matéria primitiva talvez algum parente ancestral do hélio ou algum material ainda desconhecido. *Tal conclusão não colide com os Ensinamentos Ocultos.* E este é o problema que a Química está procurando resolver; e cedo ou tarde há de consegui-lo, aceitando, então, *nolens volens*, o Ensinamento Esotérico. Mas, quando isso

(10) Se os astrônomos, no estado atual de sua ciência, se houvessem limitado à hipótese de Laplace, que tratava simplesmente da formação do Sistema Planetário, com o tempo poderiam aproximar-se da verdade. Mas as duas partes do problema geral — a da formação do Universo, ou dos Sóis e Estrelas da Matéria Primitiva, e a do desenvolvimento dos Planetas ao redor do Sol — se baseiam em leis bem distintas da Natureza, e a própria Ciência assim o reconhece. Ocupam os pólos opostos do Ser:

(11) *Física* de Aristóteles, VIII, I.

acontecer, será a sentença de morte da Teoria Nebular tal como hoje prevalece.

Até lá, não pode a Astronomia, se quer ser considerada ciência *exata,* aceitar de modo algum a teoria atual da filiação das Estrelas — ainda que o Ocultismo a aceita à sua maneira, explicando de outra forma essa filiação — porquanto *não dispõe* a Astronomia *de um só dado físico* para comprová-la. A Astronomia poderia, antecipando-se à Química, demonstrar a existência do fato, se lhe fosse possível mostrar uma nebulosa planetária que exibisse um espectro de três ou quatro linhas brilhantes, condensando-se gradualmente para se transformar em uma Estrela, com um espectro todo coberto de um certo número de linhas obscuro. Mas:

"A questão da variedade das nebulosas, e até mesmo de sua forma, é ainda um mistério em Astronomia. As observações até agora feitas são demasiado recentes e incertas para que nos autorizem uma afirmação." [12]

Desde que foi descoberto, o espectroscópio, com o seu poder mágico, não nos revelou senão uma transformação daquela espécie em uma Estrela. E essa transformação indicou justamente o contrário do que seria preciso para servir de prova em favor da Teoria Nebular; pois revelou *uma Estrela que se transmutava em uma nebulosa planetária.* Segundo relatou *The Observatory* [13], a Estrela temporária descoberta por J. F. J. Schmidt na constelação do Cisne, em novembro de 1876, acusava um espectro interrompido por linhas muito brilhantes. Gradualmente desapareceram o espectro contínuo e a maior parte das linhas, deixando finalmente só uma linha brilhante, que parecia coincidir com a linha verde da nebulosa.

Embora não seja essa metamorfose inconciliável com a hipótese da origem nebular das Estrelas, este caso isolado não se apóia em observação alguma, e muito menos em observação direta. Tal ocorrência podia ser devida a várias outras causas. Se os astrônomos se inclinam a crer que os nossos planetas tendem a precipitar-se no Sol, por que não poderia aquela Estrela ter-se inflamado em conseqüência de uma colisão com Planetas assim precipitados, ou com algum cometa, como supõe muitos? Fosse como fosse, o único exemplo conhecido de transformação de uma estrela, desde 1811, não é favorável à Teoria Nebular. Demais, no tocante a essa teoria, como em relação a muitas outras, não se acham de acordo os astrônomos.

Em nosso próprio século, e antes que Laplace houvesse sequer pensado nisso, Buffon, muito impressionado com a identidade de movimento dos planetas, foi o primeiro a formular a hipótese de que eles e os seus satélites haviam tido origem no seio do Sol. E, com esse ponto de vista, imaginou um Cometa especial que teria arrancado do Sol, por meio de um poderoso sopro oblíquo, a quantidade de matéria necessária para a formação daqueles. Laplace situou nos devidos termos a questão desse Cometa, em sua *Expo-*

(12) *Hypothèses Cosmogoniques*, p. 3, Wolf.

(13) Vol. I, p. 185, citado por Wolf, p. 3. O argumento de Wolf foi aqui resumido.

sition du Système du Monde [14]. Mas a idéia foi aproveitada e até aperfeiçoada com um conceito da evolução alternada, desde a massa central do Sol, de planetas *aparentemente* sem peso ou influência sobre o movimento dos planetas visíveis — e, evidentemente, sem mais existência que a da imagem de Moisés na Lua.

Entretanto, a teoria moderna não é mais do que uma variante dos sistemas elaborados por Kant e Laplace. O pensamento de ambos era que, na origem das coisas, toda essa Matéria que agora entra na composição dos corpos planetários se achava disseminada em todo o espaço compreendido no Sistema Solar — e mesmo além dele. Era uma nebulosa de densidade extremamente fraca, e cuja condensação gradual deu lugar, por um mecanismo que até hoje nunca foi explicado, ao nascimento dos diversos corpos do nosso Sistema. Esta é a Teoria Nebular original, *repetição* incompleta, mas fiel, dos ensinamentos da Doutrina Secreta: um curto capítulo do grande volume da Cosmogonia Esotérica universal. E ambos os sistemas, o de Kant e o de Laplace, diferem consideravelmente da teoria moderna, que abunda em *sub*-teorias contraditórias e em hipóteses fantasiosas.

Dizem os Mestres:

A essência da matéria cometária [e também da que compõe as Estrelas]... *é totalmente diferente de qualquer dos caracteres químicos e físicos com que estão familiarizados os grandes químicos e físicos da Terra... Se o espectroscópio mostrou a similitude provável* [devida à ação química da luz terrestre sobre os raios interceptados] *da substância sideral e terrestre, não puderam ser descobertas as ações químicas peculiares aos orbes do espaço diversamente evolucionados, nem se pôde provar sua identidade com as observadas em nosso próprio planeta* [15].

O Sr. Crookes disse quase a mesma coisa no citado trecho de sua conferência sobre *Os Elementos e os Meta-elementos*. C. Wolf, membro do Instituto e astrônomo do Observatório de Paris, observa:

"A hipótese nuclear pode, quando muito, segundo W. Herschel, apoiar-se na existência de nebulosas planetárias em vários graus de condensação, e na de nebulosas em espiral com núcleo de condensação nos ramos e no centro [16]. Mas a verdade é que o conhecimento do laço que une as nebulosas com as estrelas não está ainda ao nosso alcance; e, privados de observações diretas, como estamos, nem sequer podemos baseá-lo sobre a analogia da composição química." [17]

Ainda que os homens de ciência — deixando de parte a dificuldade que se origina de tal inegável variedade e heterogeneidade de matéria na constituição das nebulosas — admitissem, como os antigos, que a origem de todos os corpos celestes, visíveis e invisíveis, deve buscar-se em uma

(14) Nota VII. Extraído de Wolf, p. 6.

(15) *Five Years of Theosophy*, pp. 239, 241 e 242.

(16) Mas os espectros destas nebulosas ainda não foram determinados. Só quando eles *revelarem linhas brilhantes* é que se poderá dizer algo a esse respeito.

(17) *Hypothèses Cosmogoniques*, p. 3.

matéria primordial homogênea, uma espécie de *Pré-Prótilo*[18], é evidente que isso não poria termo às suas perplexidades. A não ser que também admitam que o nosso Universo visível atual é simplesmente o Sthûla Sharira, o corpo grosseiro do Cosmos sétuplo, eles se verão em face de outro problema; sobretudo se se abalançarem a sustentar que os corpos ora visíveis são o resultado da condensação daquela Matéria Primordial única. Pois a simples observação mostra que as operações que produziram o Universo atual são demasiadamente complexas para que esta teoria possa abrangê-las todas.

Em primeiro lugar, há duas classes distintas de nebulosas "irresolúveis", conforme ensina a própria Ciência.

O telescópio não é capaz de distinguir entre essas duas classes, mas pode fazê-lo o espectroscópio, e este assinala uma diferença essencial entre as suas constituições físicas.

"Esta questão da resolubilidade das nebulosas tem sido com freqüência apresentada de maneira demasiado afirmativa e de todo contrária às idéias expostas pelo Sr. Huggins, o ilustre experimentador que estudou o espectro de tais constelações. Toda nebulosa cujo espectro só contém linhas brilhantes diz-se que é gasosa e, portanto, irresolúvel; toda nebulosa que tem um espectro contínuo afinal se resolve em estrelas — observa com um instrumento de suficiente poder. Esta suposição contraria ao mesmo tempo os resultados obtidos e a teoria espectroscópica. A nebulosa Lira, a nebulosa Haltere e a região central da nebulosa de Orion aparecem como resolúveis, e dão um espectro de linhas brilhantes; a nebulosa de Canes Venatici não é resolúvel, e acusa um espectro contínuo. Porque, se efetivamente o espectroscópio nos revela o estado físico da matéria constitutiva das estrelas, não nos dá noção alguma dos seus modos de agregação. Uma nebulosa formada de globos gasosos (ou mesmo de núcleos, ligeiramente luminosos, rodeados de uma atmosfera poderosa) daria um espectro de linhas, e, não obstante, seria resolúvel; tal parece ser o estado da região de Huggins na nebulosa de Orion. Uma nebulosa formada de partículas sólidas ou fluidas em estado incandescente, uma verdadeira nuvem, dará um espectro contínuo, e não será resolúvel."

Algumas destas nebulosas, diz Wolf,

"têm um espectro de três ou quatro linhas brilhantes; outras, um espectro contínuo. As primeiras são gasosas, as outras são formadas de uma matéria pulverulenta. Aquelas devem constituir uma verdadeira atmosfera; entre elas deve classificar-se a nebulosa solar de Laplace. As últimas formam um *conjunto* de partículas que podemos considerar independentes, e cuja rotação obedece às leis da gravitação interna; tais são as nebulosas adotadas por Kant e Faye. A observação nos permite situar umas e outras na origem mesma do mundo planetário. Mas, quando tentamos ir mais longe e remontar ao caos primitivo de que saiu a totalidade dos corpos celestes, temos que preliminarmente explicar a existência dessas duas classes de nebulosas. Se o caos primi-

(18) O Protilo do Sr. Crookes não deve ser considerado como a matéria *primordial* com que os Dhyân Chohans, de acordo com as imutáveis leis da Natureza, construíram o nosso Sistema Solar. O protilo não pode sequer ser a Matéria-Prima de Kant, que, na concepção do grande filósofo, serviu para a formação dos mundos; e que, portanto, já não existia em estado difuso. O Protilo representa uma fase *mediata* na progressiva diferenciação da Substância Cósmica, a partir do seu estado normal não diferenciado. E, pois, o aspecto que a Matéria assume a meio-caminho para a objetividade completa.

tivo fosse um gás frio e luminoso [19], *compreender-se-ia que a contração resultante da* atração pôde aquecê-lo e dar-lhe luminosidade. Resta explicarmos a condensação desse gás no estado de partículas incandescentes, cuja presença em certas nebulosas o espectroscópio nos revela. Se o caos original era compostos de semelhantes partículas, como se explica que parte delas passasse ao estado gasoso, enquanto a outra parte conservou seu estado primitivo?"

Tal é a sinopse das objeções e dificuldades que se opõem à aceitação da Teoria Nebular, objeções formuladas pelo sábio francês, que concluiu sua interessante argumentação declarando que:

"A primeira parte do problema cosmogônico, a saber: que é a matéria primitiva do caos? e como produziu o Sol e as estrelas? permanece deste modo, até o presente, no domínio da ficção e da fantasia." [20]

Se esta é a última palavra da Ciência sobre o assunto, a quem nos devemos dirigir para saber o que é que ensina a Teoria Nebular? Que é, na realidade, essa teoria? O que é, ninguém parece estar seguro de saber. O que não é sabemo-lo através da lição do erudito autor de *World-Life*. Ele nos ensina que:

"I. Não é uma teoria da evolução do Universo. É antes uma explicação da origem dos fenômenos do sistema solar; e, acessoriamente, a coordenação, em um conceito comum, dos fenômenos que ocorrem no firmamento estelar e nebular, onde a vista humana não pode penetrar.

II. Não considera os Cometas abrangidos nessa evolução especial que produziu o Sistema Solar. [Mas a Doutrina Secreta os inclui, pois ela reconhece também "os Cometas como formas de existência cósmica, relacionados com fases mais primitivas da evolução nebular", *e a eles realmente atribui sobretudo a formação de todos os mundos.*]

III. *Não nega que houvesse um período anterior à névoa de fogo luminoso* [a fase secundária da evolução na Doutrina Secreta] [e] ...não pretende haver chegado a um princípio absoluto.]E até faz a concessão de que essa]... névoa de fogo pode ter existido anteriormente em um estado invisível, frio e não luminoso.

IV. [Finalmente] *não pretende descobrir a* ORIGEM *das coisas, mas tão-somente um estágio da história material...* [deixando] o filósofo e o teólogo tão livres como sempre o foram para especular sobre a origem dos modos do ser." [12]

Mas não é tudo. Até o maior filósofo da Inglaterra, Herbert Spencer, também investe contra esta fantástica teoria, dizendo: (*a*) "Que não resolve o problema da existência"; (*b*) Que a hipótese nebular "não projeta luz alguma sobre a origem da matéria difusa"; e (*c*) Que "a hipótese nebular (tal como atualmente se apresenta) implica uma Causa Primeira" [22].

Receamos que esta última parte vá além do que os físicos modernos pediram. De modo que a pobre "hipótese" dificilmente pode esperar apoio ou confirmação, até mesmo por parte dos metafísicos.

---

(19) Ver a Estância III, Comentário 9, sobre a "Luz" ou "Chama Fria", onde se explica que a "Mãe" — o Caos — é Fogo Frio, uma Radiação fria, incolor, sem forma, desprovida de qualidade. Diz-se que "*o Movimento, como o Eterno Uno. É, e contém potencialmente todas as qualidades dos Mundos Manvantáricos.*"

(20) *Hypothèses Cosmogoniques*, p. 4 e 5.

(21) *World-Life*, de Winchel, p. 196.

(22) *Westminister Review*, XX, 27 de julho de 1868.

Diante de tudo isso, crêem os ocultistas que lhes assiste o direito de apresentar a sua filosofia, por mais incompreendida e relegada que se encontre no momento. E eles sustentam que a incapacidade dos homens de ciência para descobrir a verdade se deve inteiramente ao seu materialismo e ao desprezo que votam às ciências transcendentes. Apesar de tudo, e ainda que as mentes científicas de nossa época se achem mais do que nunca distanciadas da verdadeira e correta doutrina da Evolução, resta ainda um pouco de esperança no futuro; e agora mesmo vemos um indício promissor nos termos em que outro sábio se manifesta sobre a questão.

Em um artigo na *Popular Science Review* sobre "Investigações recentes acerca da Intimidade da Vida", eis o que diz o Sr. H. J. Slack, F. C. S., Sec. R. M. S.:

"E evidente que todas as ciências, desde a física e a química até a fisiologia, *convergem para uma doutrina de evolução e de desenvolvimento, na qual estarão compreendidos* os fatos do darwinismo; mas, quanto ao aspecto final que essa doutrina virá assumir, não se pode ainda formar uma idéia, e talvez não o consiga a mente humana enquanto as investigações metafísicas e físicas não estiverem muito mais adiantadas." [23]

Eis em verdade uma boa profecia. Assim, *pode* chegar o dia em que a "Seleção Natural", conforme a ensinaram Darwin e Herbert Spencer, represente, em sua última modificação, só *uma parte* de nossa doutrina oriental da Evolução, que será a de Manu e Kapila, *explicada esotericamente*.

(23) Vol. XIV, p. 252.

Seção XIII

AS FORÇAS: MODOS DE MOVIMENTO OU INTELIGÊNCIAS?

Esta é a última palavra da Ciência Física, até o ano corrente de 1888. As leis mecânicas nunca serão capazes de provar a homogeneidade da Matéria Primordial, a não ser por via de inferência e como desesperada necessidade, quando não haja outro recurso, como no caso do Éter. A Ciência moderna não está segura de si mesma senão em seu próprio terreno e domínio, dentro dos limites físicos do nosso Sistema Solar, além do qual tudo, inclusive a menor partícula de Matéria, é diferente da Matéria que ela conhece, e onde a Matéria existe em estados de que não pode formar idéias. *Esta* Matéria, verdadeiramente homogênea, está muito além da percepção humana, se limita apenas aos nossos cinco sentidos. Nós lhe sentimos os efeitos por intermédio das INTELIGÊNCIAS que são os resultados de sua diferenciação primordial, Inteligências a que damos o nome de Dhyân Chohans e que são chamadas os "Sete Governadores" nas obras herméticas; aqueles que Pimandro, o "Pensamento Divino", menciona como os "Poderes Construtores", e Asclépio como os "Deuses Celestes".

Esta Matéria, a Substância primordial verdadeira, o Númeno de toda a "matéria" que conhecemos, alguns de nossos astrônomos tiveram que admiti-la, porque já não esperam seja possível explicar a rotação, a gravidade e a origem das leis mecânicas físicas sem que a Ciência aceite aquelas INTELIGÊNCIAS. Em sua obra, já citada, sobre Astronomia, Wolf [1] adota inteiramente a teoria de Kant, teoria que, senão em seu aspecto geral, pelo menos em alguns de seus traços, lembra muitíssimo certos ensinamentos esotéricos. Ali vemos o sistema do mundo, que "renasce de suas cinzas" por meio de uma nebulosa — a emanação dos corpos mortos e dissolvidos no Espaço, em virtude da incandescência do Centro Solar —, reanimar-se pela matéria combustível dos Planetas.

Nessa teoria, que surgiu e tomou forma no cérebro de um jovem de apenas vinte e cinco anos de idade, e que nunca safra de sua terra natal, Königsberg, pequena cidade do norte da Prússia, não podemos deixar de reconhecer a presença de um poder inspirador externo — ou uma prova da

(1) *Hypothèses Cosmogoniques.*

reencarnação, como pensam o ocultistas. Preenche ela uma lacuna, que nem o próprio Newton com todo o seu gênio pôde suprir.

É certamente à nossa Matéria Primordial, Akâsha, que Kant se referia, quando pressupôs uma Substância primordial difundida por todo o Universo, a fim de evadir a dificuldade de Newton e sua falta de êxito em explicar só pelas forças naturais o impulso primitivo transmitido aos Planetas.

Porque, conforme observa ele no Capítulo VIII de sua obra, se se admite que a perfeita harmonia das Estrelas e dos Planetas e a coincidência dos planos de suas órbitas provam a existência de uma Causa natural, que seria portanto a Causa Primordial, "essa causa não pode realmente ser a matéria que ocupa hoje os espaços celestes". Deve ser a que enchia o Espaço — a que era o Espaço — originariamente, e cujo movimento como Matéria diferenciada foi a origem dos movimentos atuais dos corpos siderais; e que, "transformando-se por condensação nesses mesmos corpos, abandonou assim o espaço que hoje se encontra vazio".

Em outras palavras, os Planetas, os Cometas e o próprio Sol se compõem dessa mesma Matéria, a qual, tendo-se originariamente condensado nesses corpos, conservou a qualidade de movimento que lhe era inerente, qualidade que, estando agora concentrada nos núcleos de tais corpos, dirige todo o movimento. Uma ligeira alteração de palavras e alguns acréscimos bastariam para que isto se convertesse em nossa Doutrina Secreta.

Esta última ensina que a Matéria-prima original, divina e inteligente, direta emanação da Mente Universal, Daiviprakriti — a Luz Divina [2] que emana do Logos — formou os núcleos de todos os orbes "que se movem" no Cosmos. É o poder de movimento e o princípio de vida informador, sempre presente; a Alma Vital dos Sóis, Luas e Planetas, inclusive de nossa Terra; latente o primeiro, ativo o segundo — o Soberano e Guia invisível do corpo grosseiro unido e associado à sua Alma, que é, em suma, a emanação espiritual dos respectivos Espíritos Planetários.

Outra idéia completamente Oculta é aquela teoria de Kant segundo a qual a Matéria de que são formados os habitantes e os animais dos outros Planetas *é de natureza mais leve e mais sutil, e de conformação mais perfeita, à medida que aumenta a distância do Sol.* Este se acha demasiado provido de Eletricidade Vital, do princípio físico produtor da vida. Assim, os homens de Marte *são mais etéreos que nós; ao passo que os de Vênus* são mais densos, e muito mais inteligentes, embora menos espirituais.

A última doutrina não é de todo a nossa; não obstante, essas teorias de Kant são tão metafísicas e transcendentais como qualquer Doutrina Oculta; e mais de um homem de ciência, se tivesse a *coragem* de dizer o que sente, as aceitaria, como o fez Wolf. Da Mente e da Alma dos Sóis e Estrelas, de Kant, ao Mahat (a mente) e ao Prakriti dos *Purânas*, não há mais que um passo. Reconhecendo-o, a Ciência, afinal, não estaria senão admitindo uma causa natural, elevasse ou não suas crenças a tais alturas metafísicas. Mas em nosso caso Mahat, a Mente, é um "Deus", e a Fisio-

(2) "Luz" a que nós chamamos Fohat.

logia só admite a "mente" como função temporária do cérebro material, e nada mais.

O Satanás do Materialismo de tudo igualmente escarnece, e nega tanto o visível como o invisível. Não vendo na luz, no calor, na eletricidade, e até no fenômeno da vida, senão propriedades inerentes à Matéria, ri-se quando chamamos a vida de *Princípio Vital*, desprezando a idéia de que seja independente e distinta do organismo.

Mas, neste ponto como em tudo, também divergem as opiniões científicas, e há homens de ciência que esposam conceitos semelhantes aos nossos. Veja-se, por exemplo, o que diz o Dr. Richardson, F. R. S. (já tão citado em outra parte), quanto a esse "Princípio Vital", por ele chamado "Éter Nervoso":

"Refiro-me tão-só a um *agente material* verdadeiro, refinado, talvez, para o mundo em geral, mas *efetivo* e *substancial*; um agente com atributos de peso e volume; um agente suscetível de *combinações* químicas e, portanto, de alterar o seu estado físico; um agente passivo em sua ação, vale dizer, que é sempre impulsionado por fatores estranhos [3], que obedece a outras influências; um agente que carece do poder de iniciativa, que não tem *vis* ou *energia naturæ* [4], mas que desempenha um papel importantíssimo, senão primário, na produção dos fenômenos resultantes da ação da *energia* sobre a matéria visível." [5]

Como a Biologia e a Fisiologia hoje negam *in toto* a existência de um "Princípio Vital", esta opinião, juntamente com o admitido por Quatrefages, vale por uma confirmação clara de que existem homens de ciência que têm, sobre as "coisas Ocultas", as mesmas idéias dos teósofos e dos ocultistas. Estes reconhecem um Princípio Vital distinto e independente do organismo — material, sem dúvida, *porque a força física não pode ser divorciada da matéria* — mas constituído por uma substância que existe em um estado não conhecido da Ciência. *A vida, para eles, é alguma coisa mais que a interação de átomos e moléculas.* Existe um Princípio Vital sem o qual nenhuma combinação molecular jamais poderia produzir um organismo vivo, e muito menos a chamada Matéria "inorgânica" do nosso plano de consciência.

Por "combinações moleculares" entendemos, é claro, as da matéria de nossas atuais percepções ilusórias, matéria que só transmite energia no plano em que nos encontramos — e este é o ponto principal que está em debate [6].

(3) Isto é um erro, por implicar um agente material, distinto das influências que o movem, ou seja, a matéria cega e, possivelmente, "Deus" também, quando essa Vida UNA é, "em si mesma", Deus e os Deuses.

(4) O mesmo erro.

(5) *Popular Science Review*, vol. X.

(6) "É o Jiva um mito, como diz a Ciência, ou não o é?" perguntam alguns teósofos, que vacilam entre a ciência materialista e a idealista. A dificuldade que sentimos para bem compreender os problemas esotéricos que dizem com o "estado último" da Matéria reedita aquele velho quebra-cabeça do *objetivo* e do *subjetivo*. Que é Matéria? É a Matéria de nossa presente consciência objetiva outra coisa além de nossas *sensações?* É verdade que as sensações que experimentamos vêm *de fora*; mas podemos realmente — exceto no tocante aos fenômenos — falar da "matéria grosseira"

Vê-se, pois, que os ocultistas não estão em posição singular quanto às suas crenças. Nem são assim tão néscios, afinal de contas, que rejeitem a "gravidade" da ciência moderna, juntamente com outras leis *físicas*, e aceitem em seu lugar a *atração* e a *repulsão*. Para eles, estas duas forças contrárias são simplesmente dois *aspectos* da Unidade Universal, chamada Mente Manifestada, aspectos em que o Ocultismo, por meio de seus grandes Videntes, percebe uma Legião inumerável de Seres atuantes: os Dhyân Chohans Cósmicos, Entidades cuja essência, em sua natureza *dual*, é a Causa de todos os fenômenos terrestres. Porque essa essência é consubstancial com o Oceano Elétrico universal, que é a Vida; e sendo, como já dissemos, dual — positiva e negativa —, são as efluências dessa dualidade que ora atuam sobre a Terra com o nome de "modos de movimento". Atualmente, a própria palavra Força tem dado motivo a objeções, pelo receio de que possa alguém ser induzido a separá-la da Matéria, ainda que só em pensamento! Segundo o Ocultismo, é aos *efeitos* daquela essência dual que chamamos ora forças centrípeta e centrífuga, ora pólos positivo e negativo, ou polaridade, frio e calor, luz e trevas, etc.

É de acrescentar que os cristãos das Igrejas grega e católica romana, acreditando, como acreditam, em Anjos, Arcanjos, Arcontes, Serafins e Estrelas Matutinas, em suma, em todas aquelas *deliciæ humani generis* teológicas, que regem os Elementos Cósmicos — embora relacionem tudo isso, cegamente, a um Deus antropomórfico —, demonstram mais sabedoria que a Ciência quando os nega de modo absoluto e advoga suas forças mecânicas. Porque estas se comportam freqüentemente com inteligência e precisão mais que humanas. A despeito disso, tal inteligência é negada, atribuindo-se tudo a um cego acaso. Mas, assim como De Maistre estava com a razão ao dizer que a lei de gravitação não era senão uma *palavra* destinada a substituir a "coisa desconhecida", também nós temos o direito de aplicar a mesma observação a todas as outras Forças da Ciência. E se nos objetarem que o Conde era um católico romano apaixonado, poderemos citar Le Couturier, materialista não menos apaixonado, que disse a mesma coisa, como ainda Herschel e muitos outros [7].

Dos Deuses aos homens, dos mundos aos átomos, da estrela ao vagalume, do Sol ao calor vital do mais humilde ser orgânico, o reino da Forma e da Existência é uma imensa cadeia, cujos elos se acham todos interligados. A lei de Analogia é a chave mestra para o problema do mundo, e os diversos elos da cadeia devem ser estudados coordenadamente em suas mútuas relações ocultas.

Por isso, quando a Doutrina Secreta pressupõe que o espaço condicionado ou limitado (o espaço de posição) só tem existência real neste

---

deste plano como de uma coisa à parte e independente de nós? A todos esses argumentos, responde o Ocultismo: A Matéria, *na realidade*, não é independente de nossas percepções, nem existe fora delas. O homem é uma *ilusão*: de acordo. Mas a efetiva existência de outras entidades ainda mais ilusórias, embora não menos *reais* do que *nós, nem por isso deixa de afirmar-se, antes se robustece com aquela doutrina do idealismo* vedantino ou mesmo a do idealismo de Kant.

(7) Veja-se *Musée des Scienses*, de agosto de 1856.

mundo de ilusão ou, em outras palavras, em nossas faculdades de percepção, quer significar que todos os mundos, os superiores como os inferiores, interpenetram o nosso próprio mundo objetivo; que milhões de coisas e de seres se acham, quanto à localização, ao nosso redor e dentro de nós, assim como nós estamos ao redor deles, com eles e neles. E isso não é uma simples figura de retórica metafísica, mas sim a expressão de um fato real da Natureza, por mais incompreensível que seja para os nossos sentidos.

Cumpre entender, porém, a linguagem do Ocultismo, antes de criticar suas afirmações. Por exemplo, a Doutrina se nega — como também o faz a Ciência em certo sentido — a empregar os termos "em cima" e "embaixo", "superior" e "inferior", com relação às esferas *invisíveis*, uma vez que neste particular tais expressões carecem de sentido. Da mesma forma, as palavras "Oriente" e "Ocidente" são meramente convencionais, e necessárias tão-só para ajudar as nossas percepções humanas; pois, embora tenha a Terra os seus dois pontos fixos nos pólos Norte e Sul, o Este e o Oeste variam segundo a posição que ocupamos na superfície da Terra e em virtude de sua rotação de Ocidente para Oriente.

Assim, quando se mencionam "*outros* mundos" — melhores ou piores, mais espirituais ou ainda mais materiais, invisíveis em qualquer dos casos — o ocultista não situa essas esferas nem fora nem dentro de nossa Terra, como o fazem os teólogos e os poetas; porque elas não se localizam em nenhuma parte do espaço conhecido ou concebido pelo profano. Fundem-se, por assim dizer, com o nosso mundo; interpenetram-no e são por ele interpenetrados.

Há milhões e milhões de mundos que nos são visíveis; muito maior é o número dos que se acham fora do alcance dos telescópios, e grande parte destes últimos não pertencem ao nosso plano *objetivo* de existência. Ainda que tão invisíveis como se estivessem situados a milhões de milhas do nosso Sistema Solar, coexistem conosco, junto de nós, *dentro* de nosso próprio mundo, e são tão objetivos e materiais, para seus respectivos habitantes, quanto o é o nosso mundo para nós. Mas a relação entre esses mundos e o nosso não é como a de uma série de caixas ovais encerradas umas nas outras, à maneira de certos brinquedos chineses; cada mundo está sujeito a suas próprias leis e condições especiais, sem ter relação direta com a nossa esfera.

Os habitantes desses mundos, já o dissemos, podem, sem o sabermos ou sentirmos, estar passando *através de nós* ou *ao nosso lado*, como num espaço vazio; suas moradas e suas regiões interpenetram as nossas, sem perturbar com isso a nossa visão, porque ainda não possuímos as faculdades necessárias à sua percepção. No entanto, graças à sua visão espiritual, os Adeptos, e até alguns videntes e sensitivos, podem distinguir, em maior ou menor grau, a presença entre nós e a proximidade de Seres que pertencem a outras esferas de vida. Os que vivem nos mundos espiritualmente superiores só se comunicam com os mortais terrestres que, por seus esforços individuais, se elevam até o plano mais elevado que aqueles ocupam.

Os filhos de Bhûmi [a Terra] *consideram os filhos dos Devalokas* [as Esferas Angélicas] *como seus Deuses: e os Filhos dos reinos inferiores*

olham os homens de Bhûmi como seus Devas [Deuses]; *os homens não têm consciência disso por causa de sua cegueira... Eles* [os homens] *tremem diante daqueles, ao mesmo tempo que os utilizam* [para fins mágicos]... *A primeira Raça de Homens era a dos "Filhos Nascidos da Mente" dos primeiros. Eles* [os Pitris e os Devas] *são os nossos progenitores*[8].

As chamadas "pessoas cultas" ridicularizam a idéia de Sílfides, Salamandras, Ondinas e Gnomos; os homens de ciência consideram como um insulto a simples menção de semelhantes superstições; e, pondo de lado a lógica e o senso comum, com esse desprezo que tão amiúde é o apanágio da "autoridade reconhecida", deixam que aqueles a quem lhes cumpre instruir fiquem sob a impressão absurda de que em todo o Cosmos, ou pelo menos em nossa própria atmosfera, não existem outros seres inteligentes e conscientes além de nós mesmos[9]. Qualquer outra humanidade (composta de seres *humanos diferentes*) não será chamada *humana* se os seus componentes não tiverem duas pernas, dois braços e uma cabeça com feições de homem, se bem que a etimologia da palavra não pareça ter muita relação com o aspecto geral da criatura. Assim, enquanto a Ciência rejeita e menospreza até a simples possibilidade da existência de tais seres invisíveis (invisíveis *para nós*), a Sociedade, apesar de no *íntimo* acreditar neles, troça abertamente da idéia. E acolhe com risos obras tais como O *Conde de Gabalis*, sem atentar que *a sátira franca é a mais segura das máscaras.*

No entanto, esses mundos invisíveis existem. Tão densamente povoados quanto o nosso, acham-se disseminados no espaço aparente em número incontável; alguns são muito mais materiais que o nosso próprio mundo; outros vão se tornando cada vez mais etéreos, até que perdem a forma e ficam como "sopros". O não serem vistos pelos nossos sentidos físicos não é razão para que se descreia de sua existência. Os físicos não podem ver os seus átomos, o seu éter, os seus "modos de movimento" ou forças; e contudo os aceitam, e os incluem entre os seus ensinamentos.

Se vemos que a matéria, mesmo no mundo natural que conhecemos, nos proporciona uma analogia parcial para a difícil concepção de semelhantes mundos invisíveis, parece fácil admitir a possibilidade de sua existência. A cauda de um cometa, que, atraindo a nossa atenção com o seu resplendor, não perturba nem impede a nossa visão, uma vez que através dela vemos os objetos situados do outro lado, já nos oferece um começo de prova quanto àquela existência. A cauda de um cometa passa rapidamente através do nosso horizonte, e não a sentimos, nem nos damos conta de sua passagem, senão por causa da luminosidade que ela projeta, luminosidade que muitas vezes só é percebida por um pequeno número de pessoas a quem o fenômeno interessa, continuando as demais a ignorar-lhe a presença acima ou *através* de uma região do nosso Globo. Essa cauda pode ou não ser

(8) Livro II do *Comentário do Livro de Dzyan.*

(9) A questão da pluralidade de mundos habitados por criaturas dotadas de o que disse o grande astrônomo francês Camille Flammarion em seu livro *La Pluralité des Mondes Habités.*

parte integrante do cometa; a sua tenuidade, porém, nos basta como exemplo.

Sim, porque não é uma questão de superstição, mas simplesmente de Ciência transcendente, e mais ainda de lógica, admitir a existência de mundos constituídos por Matéria muito mais tênue que a da cauda de um cometa. Negando tal possibilidade, a Ciência não caiu, durante o século passado, em mãos da filosofia nem da verdadeira religião, mas tão-somente nas da teologia. Para melhor contestar a pluralidade até mesmo dos mundos materiais, crenças que muitos homens da Igreja entendem ser incompatível com os ensinamentos e as doutrinas da *Bíblia* [10], Maxwell chegou a caluniar a memória de Newton, tentando convencer os seus leitores de que os princípios consubstanciados na filosofia newtoniana são os que existem "no fundo de todos os sistemas ateus" [11].

"O Dr. Whewell negava a pluralidade dos mundos, apelando para as provas científicas" — escreve o Professor Winchell [12]. E se a habilidade dos mundos físicos, dos planetas e das longínquas estrelas que brilham por miríades acima de nossas cabeças, é tão discutida, que probabilidades pode haver de aceitar-se a existência de mundos invisíveis no espaço, aparentemente transparente, que nos rodeia!?

Se, porém, pudermos conceber um mundo formado de matéria ainda mais tênue, em relação aos *nossos* sentidos, que a da cauda de um cometa, e, conseqüentemente, imaginar habitantes que sejam tão etéreos, em comparação com o *seu* globo, quanto o somos em relação à nossa Terra de crosta dura e rochosa, nada haverá de estranho que não os vejamos e nem sequer tenhamos consciência de que existam e estejam ali presentes. Em que será essa idéia contrária à Ciência? Não se poderá supor que os homens e os animais, as plantas e as rochas, seriam ali dotados de sentidos completamente diferentes dos que possuímos? Não poderiam os seus organismos nascer, desenvolver-se e existir sob o império de leis outras que não as que regem o nosso pequeno mundo? Será absolutamente necessário que todo ser corpóreo seja revestido de um "envoltório cutâneo" idêntico aos que foram proporcionados a Adão e Eva, segundo a lenda do *Gênesis?* A corporeidade, assim nos diz mais de um homem de ciência, "pode existir sob as mais diversas condições".

[O Professor Winchell, discutindo a pluralidade dos mundos, tece as seguintes considerações:

"Nada tem de improvável que substâncias de natureza refratária possam estar tão mescladas com outras, conhecidas ou desconhecidas, ao ponto de suportarem variações de frio e de calor muitíssimo superiores às suportáveis pelos organismos terrestres.

(10) Não obstante, pode-se demonstrar, com o testemunho da própria *Bíblia* e o de tão bons teólogos cristãos como o Cardeal Wiseman, que esta pluralidade vem ensinada assim no *Antigo* como no *Novo Testamento.*

(11) Veja-se *Plurality of Worlds*, vol. II.

(12) Consulte-se a esse respeito *La Pluralité des Mondes Habités*, de C. Flammarion, onde consta a lista dos numerosos homens de ciência que escreveram para demonstrar os bons fundamentos da teoria.

Os tecidos dos animais terrestres são apropriados tão-somente às condições terrestres. Aqui mesmo vemos diferentes tipos e espécies de animais, organizados para viverem sob condições ambientes inteiramente díspares... Que um animal seja quadrúpede ou bípede, é coisa que não depende das necessidades da organização, do instinto ou da inteligência. Não é uma necessidade da existência perceptiva que um animal deva possuir exatamente cinco sentidos. Podem existir na Terra animais sem olfato nem paladar. Podem existir seres em outros mundos, e até neste, que sejam dotados de sentidos em número superior ao que possuímos. Semelhante possibilidade transparece se considerarmos como deve ser provável que outras propriedades e outros modos de existência façam parte dos recursos do Cosmos, inclusive os da matéria terrestre. Há animais que vivem ali onde o homem pereceria: no solo, nos rios, no mar..." [E neste caso por que não pode suceder o mesmo com seres *humanos* de organização diferente?]... "A existência corpórea racional não está condicionada ao sangue quente ou a uma temperatura qualquer, se esta não modifica a classe de matéria de que se compõe o organismo. Podem existir inteligências em corpos de tal natureza que não requeiram o processo de ingestão, assimilação e reprodução. Tais corpos não teriam necessidade de alimento diário nem de calor. Poderiam estar sumidos nos abismos insondáveis do Oceano, viver em um alcantilado rochedo expostos às tormentas do inverno ártico, ou ainda submergidos durante cem anos nas entranhas de um vulcão, sem contudo perderem a consciência e a faculdade de pensar. Isso é concebível. Por que não poderiam existir naturezas psíquicas encerradas no interior do sílex e da platina indestrutíveis? Estas substâncias não estão mais distanciadas da natureza da inteligência do que o estão o carbono, o hidrogênio, o oxigênio e o cálcio. Mas, sem deixar ir tão longe (?) o pensamento, não poderiam inteligências elevadas estar incorporadas em formas tão indiferentes às condições externas, como a sálvia das planícies ocidentais, o líquen do Lavrador, os rotíferos, que resistem à seca durante anos, ou as bactérias, que permanecem vivas em água fervente?... Estas sugestões têm simplesmente o objetivo de lembrar ao leitor quão pouco estamos à altura de determinar as condições necessárias para a vida inteligente e organizada, com base nos padrões de existência corpórea sobre a Terra. A inteligência é, por sua própria natureza, tão universal e uniforme como as leis do Universo. Os corpos representam apenas a adequação local da inteligência a modificações particulares da matéria universal ou da Força." [13]

Não sabemos, graças às descobertas dessa mesma Ciência que tudo nega, que nos achamos rodeados por miríades de vidas invisíveis? Se os micróbios, as bactérias e os *tutti quanti* do infinitamente pequeno são invisíveis aos nossos olhos em razão de suas ínfimas dimensões, não poderiam acaso existir, no pólo oposto, seres igualmente invisíveis em razão da contextura de sua matéria, ou, numa palavra, de sua tenuidade? O raio de sol que penetra em nosso aposento revela, em seu percurso, uma infinidade de seres minúsculos, cuja vida fugaz se passa e chega ao fim na mais completa indiferença de que sejam ou não percebidos pelos nossos sentidos mais grosseiros. E o mesmo sucede com os micróbios, as bactérias e outros organismos semelhantes, também invisíveis, que povoam elementos diversos.

Os homens viveram sem a noção da existência daqueles seres durante os longos séculos de triste obscurantismo, depois que o facho do saber dos sistemas altamente filosóficos dos pagãos deixou de projetar sua luz resplandecente sobre as épocas de intolerância e fanatismo do Cristianismo primitivo. E agora parece que os homens como que desejam ainda passar por alto.

E, contudo, essas vidas nos rodeavam *então*, como hoje nos rodeiam. E trabalharam, obedientes a suas próprias leis; e só quando nos foram

(13) *World-Life*, pp. 497-500 e segs.

pouco a pouco reveladas pela Ciência é que começamos a travar conhecimento com elas e com os efeitos que produzem.

Quanto tempo foi necessário ao mundo para se tornar o que hoje é? Se se pode admitir que atualmente ainda chega ao nosso Globo poeira cósmica "que antes nunca havia pertencido à Terra" [14], não será muito mais plausível acreditar, com os ocultistas, que, durante os milhões e milhões de anos transcorridos depois que aquela poeira se aglomerou para formar o nosso Globo em torno de seu núcleo central de Substância Primitiva *inteligente*, muitas humanidades — que diferiam da atual como desta vão diferir as que se desenvolverão daqui a milhões de anos — têm povoado a Terra e desaparecido em seguida, como há de desaparecer a nossa? Nega-se que tenham existido essas humanidades primitivas tão remotas, porque, segundo crêem os geólogos, elas não nos deixaram nenhuma relíquia tangível. Desapareceram todos os traços de sua passagem, e portanto nunca existiram. No entanto, tais relíquias — é verdade que raríssimas — podem ser encontradas, e algum dia virão à luz do sol nas investigações geológicas. Mas, ainda quando assim não aconteça, razão não haverá para se afirmar que não podiam ter existido homens nos períodos geológicos que os ocultistas atribuem àquelas raças. Porque o organismo desses homens não precisava nem de sangue quente, nem de ar, nem de alimento; o autor de *World-Life* tem razão, e não é nenhuma extravagância acreditar, como acreditamos, que, se podem existir, consoante hipóteses científicas, "naturezas psíquicas encerradas no seixo e na platina indestrutíveis", terão existido, do mesmo modo, naturezas psíquicas encerradas em formas de Matéria Primitiva igualmente indestrutível: os verdadeiros progenitores de nossa Quinta Raça.

Por isso, quando nos volumes III e IV falamos de homens que há 18 000 000 de anos habitaram este Globo, não tivemos em mentes nem os homens de nossas raças atuais, nem as leis atmosféricas, condições térmicas, etc., do nosso tempo. A Terra e a Humanidade, como o Sol, a Lua e os planetas, têm todos as suas fases de crescimento, transformações, desenvolvimento e evolução gradual, durante a sua existência; nascem, tornam-se crianças, adolescentes, chegam à idade madura, depois envelhecem e finalmente morrem. Por que não estaria a Humanidade também sujeita a essa lei universal? Dizia Uriel a Enoch:

"Eis que te mostrei todas as coisas, ó Enoch!... Vês o Sol, a Lua e os que conduzem as estrelas do céu e produzem todas as suas operações, estações e revoluções. No tempo dos pecadores os anos serão encurtados, tudo o que se fizer na Terra será subvertido... a Lua mudará suas leis..." [15]

O "tempo dos pecadores" significa o tempo em que a Matéria alcançaria o seu apogeu na Terra, e o homem o máximo de desenvolvimento físico em estatura e animalidade. Ocorreu isso durante o período dos Atlantes, quando esta Raça estava em seu ponto médio, perecendo ela afo-

(14) *World-Life.*
(15) *O Livro de Enoch*, tradução do Arcebispo Laurence, capítulo LXXIX.

gada, conforme profetizou Utiel. Desde então foi o homem decrescendo em estatura física, em força e em anos de vida, como se mostrará nos volumes III e IV. Mas, como já estamos no ponto médio da idade da nossa sub-raça da Quinta Raça-Raiz — época do apogeu da materialidade —, as propensões animais, ainda que mais requintadas, nem por isso têm menor desenvoltura, o que se observa principalmente nos países civilizados.

Seção XIV

DEUSES, MÔNADAS E ÁTOMOS

Há alguns anos fizemos a seguinte observação:

A Doutrina Esotérica poderia muito bem chamar-se... a "Doutrina-Fio", visto que, como o Sûtrâtmâ [da Filosofia Vedanta] [1], ela passa através de todos os sistemas filosófico-religiosos da antiguidade, unindo-os... e os concilia e explica [2].

Agora diremos que faz ainda mais. Não somente concilia os diversos sistemas aparentemente contraditórios, mas também examina as descobertas da Ciência exata moderna, mostrando que algumas delas são necessariamente corretas, porque confirmadas pelos Anais Antigos. Tudo isso, não há dúvida, será considerado o cúmulo da impertinência e da falta de respeito, verdadeiro crime de *lesa-ciência*; mas o fato é que assim é.

A Ciência atual, não há por que negar, é ultramaterialista; mas, em certo sentido, tem sua justificativa. A Natureza procede sempre esotericamente *in actu*, e está, como dizem os cabalistas, *in abscondito*; por isso, só por sua aparência pode o profano julgá-la, e essa aparência é sempre enganosa no plano físico. Por outro lado, os naturalistas se recusam a estabelecer relação entre a física e a metafísica, entre o Corpo e a Alma-Espírito que o anima. Preferem ignorar estes dois últimos. É uma questão de gosto, para alguns; mas há uma minoria que se esforça, com justa razão, por ampliar o domínio da Ciência Física, penetrando no terreno proibido da Metafísica, que tanto desagrada aos materialistas. São sábios, em sua geração, esses homens de ciência; todavia, as suas maravilhosas descobertas nada significarão, e não passarão sempre de corpos *sem cabeça*, se não levantarem eles o véu da Matéria e não exercitarem a vista para ver *mais além*. E agora, que estudaram a contextura física da Natureza, em sua longitude, largura e espessura, é tempo de relegarem o esqueleto ao segundo plano, e de buscarem nas profundezas do desconhecido a entidade vivente e real, a *substância* — o Númeno da Matéria efêmera.

---

(1) O Âtmâ, ou Espírito, o Eu Espiritual, que passa como um fio através dos cinco Corpos Sutis ou Princípios, Koshas, é chamado "Alma-Fio" na Filosofia Vedantina.

(2) "O Princípio Setenário", *Five Years of Theosophy*, p. 197.

Só por esse caminho conseguirão eles descobrir que algumas verdades, batizadas hoje com o nome de "superstições ultrapassadas", podem ser identificadas como fatos e como relíquias do antigo conhecimento e sabedoria.

Uma de tais crenças "degradantes" — degradante na opinião do céptico que tudo nega — seria a idéia de que o Cosmos, além de seus habitantes planetários objetivos, suas humanidades de outros mundos habitados, esteja povoado de *Existências* invisíveis e inteligentes. Os chamados Arcanjos, Anjos e Espíritos do Ocidente, cópias de seus protótipos os Dhyân Chohans, os Devas e os Pitris do Oriente, não são Seres reais, mas apenas ficções. Neste ponto a ciência materialista é implacável. Para sustentar sua posição, ela subverte os seus próprios axiomas — as leis de continuidade e de uniformidade na Natureza, e toda a série lógica e sucessiva de analogias na evolução do Ser. Pedem que a massa profana creia, e fazem-na crer, que o testemunho acumulado da História — testemunho que inclui até os "Ateus" da antiguidade, homens como Epicuro e Demócrito, entre os que acreditavam nos *Deuses* — é falso, e que filósofos como Sócrates e Platão, que afirmavam a existência dos Deuses, não passavam de uns fanáticos iludidos ou loucos.

Ainda quando as nossas opiniões só estivessem baseadas em fundamentos históricos, na autoridade daquelas legiões de grandes Sábios, como os neoplatônicos e os místicos de todos os tempos, desde Pitágoras até os eminentes professores e cientistas deste século, que, embora não admitindo os "Deuses", crêem nos "Espíritos", deveríamos considerar tais autoridades tão pobres de inteligência e tão ingênuos como qualquer aldeão católico romano que crê em seus santos humanos ou no Arcanjo São Miguel, e faz orações a eles? Será que não há nenhuma diferença entre a crença do aldeão e a dos herdeiros ocidentais dos Rosacruzes e alquimistas da Idade Média? Será que os Van Helmonts, os Khunraths, os Paracelsos e os Agripas, desde Rogério Bacon até Saint-Germain, foram todos cegos fanáticos, histéricos e impostores? Ou é este punhado de cépticos modernos — os "mestres do pensamento" — que se acha atacado pela cegueira da negação? Opinamos pelo segundo termo da alternativa. Seria realmente um *milagre*, um fato de todo em todo anormal no domínio das probabilidades e da lógica, que uns poucos negativistas representassem os únicos guardiães da *verdade*, e os milhões de pessoas que acreditam em Deuses, Anjos e Espíritos — por falar somente na Europa e na América —, a saber: cristãos gregos e latinos, teósofos, espíritas, místicos, etc., não fossem outra coisa senão gente fanática e iludida, médiuns alucinados, quase sempre vítimas de charlatães e impostores!

Por mais que variem as formas externas e os dogmas, as crenças em Legiões de Inteligências invisíveis de graus diversos têm todas o mesmo fundamento. Há em todas elas um misto de verdade e de erro. O total exato — a profundidade, a amplitude e a extensão — dos mistérios da Natureza só se encontra na Ciência Esotérica Oriental. Tão vastos e profundos são, que apenas um número mui restrito dentre os mais altos Ini-

ciados — aqueles *cuja existência mesma só é conhecida de uns poucos Adeptos* — são capazes de apreender tais conhecimentos. Tudo, porém, ali está; e os fatos e processos do laboratório da Natureza podem, um por um, abrir caminho na Ciência exata, quando uma assistência misteriosa é proporcionada a uns poucos indivíduos em seus esforços para desvendar os arcanos. É no fim dos grandes Ciclos, relacionados com o desenvolvimento das raças, que geralmente se produzem esses acontecimentos. Estamos chegando precisamente ao termo do ciclo de 5 000 anos do presente Kali Yuga Ariano; e até o ano de 1897 dar-se-á um grande rasgão no Véu da Natureza, e a Ciência materialista receberá um golpe mortal.

Sem a intenção de lançar o menor descrédito sobre as crenças que o tempo consagrou, vemo-nos obrigados a traçar uma linha divisória entre a fé cega, alimentada pelas teologias, e os conhecimentos devidos às investigações de longas gerações de Adeptos; numa palavra, entre a fé e a filosofia. É inegável que em todos os tempos houve homens sábios e bons, que, tendo sido educados em crenças sectárias, morreram com as suas convicções cristalizadas. Para os protestantes, o jardim do Éden é o primeiro ponto de partida no drama da Humanidade, e a solene tragédia que teve por teatro o cume do Calvário é o prelúdio do esperado Milênio. Para os católicos romanos, Satã está na base do Cosmos, Cristo no centro e o Anticristo no ápice. Para uns e outros, a Hierarquia dos Seres principia e termina nos limites estreitos de suas respectivas teologias: um Deus *pessoal* que se criou a si mesmo, e um empíreo no qual ressoam as aleluias de Anjos *criados*; o resto, *falsos* Deuses, Satã e demônios.

A Teofilosofia se move em um campo muito mais amplo. Desde o início dos séculos — no tempo e no espaço, em nossa Ronda e em nosso Globo — os mistérios da Natureza (pelo menos os que às nossas Raças é permitido conhecer) foram classificados e inscritos pelos discípulos daqueles "Homens Celestes" (agora invisíveis) em figuras geométricas e símbolos. As chaves que podiam decifrá-los foram transmitidas de uma a outra geração de "Sábios". Alguns símbolos passaram assim do Oriente para o Ocidente, trazidos por Pitágoras, que não foi o inventor do famoso "Triângulo" que tem o seu nome. Esta figura geométrica, o quadrado e o círculo representam descrições da ordem em que se processou a evolução do Universo, espiritual, psíquica e fisicamente, descrições que são muito mais eloqüentes e científicas que volumes inteiros de Cosmogonia descritiva e de "Gêneses" reveladas. Os dez Pontos inscritos no "Triângulo Pitagórico" valem por todas as teogonias e angeologias já concebidas pelos cérebros teológicos. Aquele que souber interpretar os dezessete pontos (inclusive os sete Pontos Matemáticos ocultos) — tais como ali estão e na ordem indicada — encontrará neles a série ininterrupta das genealogias, desde o primeiro Homem Celeste até o homem terrestre. E, assim como eles dão a ordem dos Seres, revelam também a ordem em que se desenvolveram o Cosmos, a nossa Terra e os Elementos Primordiais de que se originou esta última. Engendrada nos "Abismos" invisíveis e na Matriz da mesma Mãe, como seus companheiros, quem dominar os mistérios da nossa Terra terá dominado os de todos os demais Globos.

Seja o que for a ignorância, o orgulho e o fanatismo possam argüir em contrário, não é difícil demonstrar que a Cosmogonia Esotérica está inseparavelmente ligada tanto .. filosofia como à Ciência moderna. Os Deuses e as Mônadas dos antigos — de Pitágoras a Leibnitz — e os Átomos das escolas materialistas de hoje (que os foram buscar nas teorias dos antigos atomistas gregos) são apenas unidades compostas ou formam uma unidade graduada, como a estrutura humana, que principia com o corpo e termina com o Espírito. Nas Ciências Ocultas podem-se estudar separadamente; mas nunca será possível aprofundar esse estudo, a não ser considerando-os em suas mútuas correlações, durante o seu ciclo de vida, e como uma Unidade Universal durante os Pralayas.

La Pluche revela sinceridade, mas dá uma pobre idéia de sua capacidade filosófica ao expor suas opiniões pessoais sobre a Mônada ou o Ponto Matemático. Diz ele:

"Basta um ponto para ater fogo a todas as escolas do mundo. Mas que necessidade tem o homem de conhecer esse ponto, se a criação de um ser assim tão pequeno está fora de seu alcance? *A fortiori*, vai a filosofia de encontro a toda probabilidade quando tenta passar desse ponto, que absorve e desconcerta todas as suas especulações, à geração do mundo."

A Filosofia, no entanto, nunca poderia formar o conceito de uma Divindade lógica, universal e absoluta, se não houvesse, no interior do Círculo, nenhum Ponto Matemático em que basear suas especulações.

Somente o Ponto manifestado, perdido para os nossos sentidos após o seu aparecimento pré-genético no infinito e no incognoscível do Círculo, torna possível a conciliação da Filosofia com a Teologia — sob a condição de que esta última abandone seus grosseiros dogmas materialistas. E foi precisamente por haver a Teologia cristã renegado tão imprudentemente a Mônada Pitagórica e as figuras geométricas, que ela teve de recorrer àquele seu Deus humano e pessoal criado por si mesmo, a Cabeça monstruosa de onde fluem, em duas correntes, os dogmas da Salvação e da Condenação. Tanto isso é verdade que até os sacerdotes que, sendo maçons, desejariam ser filósofos atribuíram, em suas interpretações arbitrárias, aos sábios antigos a paternidade da estranha idéia de que

"A Mônada representava [para eles] o trono da Divindade onipotente, colocado no centro do Empíreo para indicar T.G.A.O.T.U. [leia-se "the Great Architect of the Universe", o Grande Arquiteto do Universo]."[3]

É uma curiosa explicação, mais de caráter maçônico que estritamente pitagórico.

O "Hierograma em um Círculo, ou Triângulo eqüilátero", nunca significou tampouco "o símbolo da unidade da Essência divina", pois que esta era simbolizada pelo plano do Círculo ilimitado. O que realmente significava aquele Triângulo era a Natureza trina co-igual da primeira Substância diferenciada, ou a consubstancialidade do Espírito (manifestado), da Maté-

(3) *Pythagorean Triangle*, pelo Rev. G. Oliver, p. 36.

ria e do Universo — "Filho" dos dois — que procede do Ponto, o Logos esotérico real ou Mônada Pitagórica. A palavra grega Monas significa "Unidade", em seu sentido primário.

Os que são incapazes de discernir a diferença entre a Mônada — Unidade Universal — e as Mônadas — Unidade manifestada —, como também a que existe entre o Logos sempre oculto e o Logos revelado, ou Verbo, nunca deviam ocupar-se de filosofia, e muito menos de ciências esotéricas. Não é necessário recordar ao leitor culto a tese desenvolvida por Kant para demonstrar a sua segunda Antinomia [4]. Os que a tiverem lido e compreendido verão claramente a linha divisória que traçamos entre o Universo *absolutamente ideal* e o Cosmos invisível, porém manifestado. Nem a Filosofia Esotérica, nem Kant, para nada dizer de Leibnitz, admitiriam jamais que a extensão possa compor-se de partes simples ou inextensas. Mas os filósofos da teologia não querem compreender isso. O Círculo e o Ponto — este último afastando-se dentro do primeiro e com ele se fundindo depois de produzir os três primeiros Pontos e de uni-los com linhas, formando assim a primeira base numênica do Segundo Triângulo no Mundo Manifestado — constituíram sempre um obstáculo insuperável aos vôos telógicos nos empíreos dogmáticos. Com base na autoridade deste símbolo arcaico, um Deus masculino, pessoal, Criador e Pai de todas as coisas, converte-se em uma emanação de terceira ordem, o Sephira, que ocupa o quarto lugar, de cima para baixo e à esquerda de Ain Soph, na Árvore da Vida cabalística. Fica assim a Mônada rebaixada à condição de um Veículo — um "Trono"!

A Mônada — emanação e reflexo tão-somente do Ponto, ou Logos, no Mundo fenomenal — torna-se, como ápice do Triângulo equilátero, manifestado, o "Pai". A linha ou lado esquerdo é a Díada, a "Mãe", considerada como o princípio mau, oposto [5]; o lado direito representa o "Filho", "Esposo de sua Mãe", uno com o ápice, em *todas* as cosmogonias; a base é o plano material da Natureza produtora, que unifica, no plano fenomenal, Pai-Mãe-Filho, assim como estes se acham unificados pelo ápice no Mundo supra-sensível [6]. Por transmutação mística, eles se converteram no Quaternário: o Triângulo passou a ser o Tetraktys.

Essa aplicação transcendental da geometria à teogonia cósmica e divina — o Alfa e o Ômega da concepção mística — foi depreciada por Aristóteles,

(4) Kant, *Crítica da Razão Pura*, tradução de Barni, II, 54. (Nota da Ed. Adyar: Veja-se também a tradução de J. M. D. Meiklejohn, p. 271: "Toda substância

menciona que só a primeira era considerada como substancial e real, "o Ser mais simples, a causa de toda unidade e a medida de todas as coisas".

A Díada, porém, embora sendo a origem do Mal, ou da Matéria — por conseguinte irreal em Filosofia — é também Substância durante o Manvantara, e recebe muitas vezes, em Ocultismo, o nome de Terceira Mônada, a linha de união entre dois Pontos, ou Números, que procedem de AQUILO "que existia antes de todos os Números", como se expressou o Rabi Bara-

Desse modo, só nos sistemas antropomorfizados — como em grande parte passou a ser a Cabala de hoje — é que Shekinah-Shakti tem aspecto feminino. Como tal, converte-se na Díada de Pitágoras, as duas linhas retas que não podem formar nenhuma figura geométrica e são o símbolo da Matéria. Dessa Díada, quando unida à linha-base do Triângulo sobre o plano inferior (o Triângulo superior da Árvore Sephirotal), surgem os Elohim, ou a Divindade na Natureza Cósmica, a designação *inferior* para o verdadeiro cabalista, traduzida na *Bíblia* por "Deus" [18]. Deste (os Elohim) procedem as Centelhas.

As Centelhas são as "Almas", e estas Almas aparecem sob a tríplice forma de Mônadas (Unidades), Átomos e Deuses, segundo a nossa Doutrina. Como diz o *Catecismo Esotérico*:

Cada Átomo se converte em uma unidade visível complexa [molécula], e, uma vez atraída à esfera da atividade terrestre, a essência Monádica, passando através dos reinos mineral, vegetal e animal, se converte em homem.

E mais:

Deus, Mônada e Átomo são as correspondências de Espírito, Mente e Corpo [Atmâ, Manas e Sthûla Sharira] *no homem.*

Em sua agregação setenária, formam o "Homem Celeste", no sentido cabalístico; de modo que o homem terrestre é o reflexo provisório do Celeste. Ou ainda:

As Mônadas [Jivas] *são as Almas dos Átomos; aquelas e estes são a estrutura com que se revestem os Chohans* [Dhyânis, Deuses] *quando uma forma se faz necessária.*

Refere-se isso às Mônadas cósmicas e subplanetárias; não ao Monas supracósmico, a Mônada Pitagórica, conforme é chamado, em seu caráter sintético, pelos peripatéticos panteístas. As Mônadas objeto de nossa dissertação, e do ponto de vista de sua individualidade, são consideradas como *Almas Atômicas*, antes de descerem os Átomos às formas puramente terrestres. Porque esta descida na Matéria *concreta* marca o ponto médio de sua própria peregrinação individual. Aqui, perdendo sua individualidade no reino mineral, começam elas a subir, através dos sete estados de evolução terrestre, para aquele ponto em que se estabelece firmemente uma correspondência entre a consciência humana e a consciência Deva (divina). Por enquanto, porém, não nos vamos ocupar de suas metamorfoses e atribulações terrestres, mas sim de sua vida e atitude no Espaço, em planos até

(18) "A designação inferior, ou a Divindade na Natureza, o termo mais geral Elohim, foi traduzida por 'Deus'" (p. 175). Obras recentes, como a *Qabbalah* de Isaac Myer e de S. L. MacGregor Mathers, justificam plenamente nossa atitude em relação à Divindade jeovista. Não é a abstração transcendental, filosófica e altamente metafísica do pensamento original cabalístico — Ain-Soph-Shekinah-Adão-Kadmon e todos os demais — não é essa abstração que combatemos, mas a cristalização de tudo isso no Jeová antropomórfico, extremamente antifilosófico e inaceitável, a divindade *finita* e andrógina, para a qual se pretende a eternidade, a onipotência e a onisciência. Não nos opomos à *Realidade Ideal*, e sim à sua horrível *Sombra* teológica.

onde a visão do mais intuitivo dos químicos e dos físicos não pode alcançar, a não ser que haja desenvolvido em si faculdades de clarividência superior.

É bem sabido que *Leibnitz* muito se aproximou da verdade várias vezes; mas definiu a Evolução Monádica incorretamente, o que não deve surpreender, pois não era um Iniciado, nem sequer um místico, sendo apenas um filósofo dotado de bastante intuição. Apesar disso, nenhum psico-físico chegou, como ele, tão perto do esboço geral esotérico da Evolução.

Esta Evolução (considerada em seus diversos ângulos, isto é, como a Mônada *Universal* e a *Individualizada*, e sob os aspectos principais da Energia que se desenvolve após a diferenciação, o aspecto puramente Espiritual, o Intelectual, o Psíquico e o Físico) esta Evolução, dizíamos, pode formular-se, como lei invariável, deste modo: uma descida do Espírito na Matéria, equivalente a um período ascendente da evolução física; uma reascensão desde as profundezas da materialidade até o *statu quo ante*, com um correspondente esvaecer da forma concreta e da substância, até o estado "Laya", ou o que a Ciência chama de "ponto zero", e ainda além.

Tais estados — uma vez que se tenha bem apreendido o espírito da Filosofia Esotérica — se fazem absolutamente necessários, por simples *considerações lógicas e analógicas. A Ciência física, que já chegou a determinar*, graças ao ramo da química, a lei invariável dessa evolução dos Átomos — desde a sua condição de "Protilo" até a de partículas físicas e depois químicas (ou moléculas) — não pode rejeitar esses estados como lei geral. E, uma vez obrigada por seu inimigos — a Metafísica e a Psicologia [19] — a sair de suas fortalezas supostamente inexpugnáveis, haverá de reconhecer mais difícil, do que hoje parece, recusar um lugar nos Espaços do ESPAÇO aos Espíritos Planetários (Deuses), aos Elementais e até mesmo aos Espectros ou Fantasmas Elementares, e outros. Já Figuier e Paul D'Assier, positivistas e materialistas ambos, se renderam diante dessa necessidade lógica. Outros homens de ciência ainda mais eminentes os seguirão nessa "Queda" intelectual. Serão eles desalojados de suas posições, não por fenômenos espiritistas ou teosóficos, nem por outro fenômeno físico ou mental, mas tão-somente pelas enormes *fendas* e *abismos* que se abrem todos os dias e continuarão a abrir-se aos seus pés, à medida que se sucedem as descobertas, até que finalmente sejam todos lançados à terra pela simples vaga do senso comum.

Podemos citar como exemplo a última descoberta do Sr. W. Crookes, a que ele deu o nome de Prótilo. Em *Notes on the Bhagavad Gitâ*, de autoria de um dos mais eminentes metafísicos e eruditos vedantinos da Índia, vemos uma observação tão significativa quanto rigorosamente exata, a propósito das "coisas Ocultas" que se contêm naquela grande obra esotérica hindu:

(19) Que a palavra "Psicologia" não induza o leitor, por uma associação de idéias, a pensar nos chamados "psicólogos" modernos, cujo *Idealismo* não passa de outro nome dado ao materialismo intransigente, e cujo pretenso monismo não é mais que uma máscara destinada a ocultar o vazio do aniquilamento final, inclusive o da própria consciência. Queremos aqui referir-nos à Psicologia *espiritual*.

"É desnecessário descer às minúcias da evolução do sistema solar. Podeis formar uma idéia *do modo* como vem à existência cada um dos elementos procedentes destes três princípios em que se diferencia Mûlaprakriti" [o Triângulo Pitagórico] "estudando a conferência pronunciada pelo Professor Crookes, há pouco tempo, sobre os chamados corpos simples da ciência moderna. Essa conferência vos dará uma noção de como esses chamados corpos simples surgem de Vishvânara [20], o mais objetivo dos três princípios, que parece ocupar o lugar do *prótilo* mencionado naquela conferência. Salvo em certos pormenores, a mesma conferência parece apresentar as grandes linhas da teoria de evolução física no plano de Vishvânara, e representa, que eu saiba, a maior aproximação da verdadeira teoria oculta, que já alcançaram os investigadores modernos sobre tal assunto." [21]

Todos os ocultistas orientais aprovarão e repetirão as palavras acima. Na Seção XI tivemos oportunidade de citar muitos trechos da conferência do Sr. Crookes. Proferiu ele uma segunda conferência sobre a "Gênese dos Corpos Simples" [22], e ainda uma terceira, ambas tão notáveis como a primeira. Aqui temos quase uma confirmação dos ensinamento da Filosofia Esotérica quanto ao processo seguido pela evolução primordial. É realmente a maior aproximação da Doutrina Secreta a que podia chegar um grande cientista especializado em química [23], à parte a aplicação das Mônadas e Átomos aos dogmas da metafísica puramente transcendente, assim como à sua correlação e conexão com os "Deuses e Mônadas conscientes e inteligentes". Mas a química se acha agora em seu plano ascendente, graças a um de seus mais insignes representantes na Europa. Já não lhe seria pos-

Os herdeiros das revelações primitivas ensinaram essas possibilidades no curso dos séculos, mas nunca foram ouvidos. As verdades inspiradas a Kepler, Leibnitz, Gassendi, Swedenborg, etc., foram sempre mescladas com suas próprias especulações em um ou outro sentido predeterminado; e daí o deformarem-se. Hoje, porém, uma das grandes verdades começou a brilhar ante os olhos de um eminente professor da ciência exata, e ele proclama sem receio, como um axioma fundamental, que até o presente não chegou a Ciência a conhecer os corpos realmente simples. Disse o Sr. Crookes ao seu auditório:

"Se me aventuro a declarar que os corpos geralmente aceitos como simples não são simples nem primários, que *não* surgiram por acaso, *não* foram criados de maneira mecânica e irregular, senão que se desenvolveram de matérias mais simples — ou mesmo, possivelmente, de uma única espécie de matéria —; se eu o declaro, não faço mais que dar forma a uma idéia que tem estado, por assim dizer, "no ar" da ciência desde já algum tempo. Químicos, físicos, filósofos do mais alto mérito, afirmam de modo explícito a sua convicção de que os setenta (ou coisa aproximada) corpos simples mencionados em nossos compêndios não representam colunas de Hércules que não possamos algum dia transpor... Filósofos de hoje e de ontem — homens que certamente nunca trabalharam em laboratório — chegaram à mesma conclusão por caminho diferente. O Sr. Herbert Spencer, por exemplo, manifesta sua crença de que "os átomos químicos são produzidos pelos átomos verdadeiros ou físicos, mediante processos evolutivos, sob condições que a química não pôde ainda reproduzir..." E o poeta se antecipou ao filósofo. Milton (*O Paraíso Perdido*, Canto V) põe na boca do Arcanjo Rafael palavras inspiradas na idéia evolucionária e o faz dizer a Adão que o Todo-Poderoso criou,

"...Uma só matéria-prima, dotada
De formas várias, e de graus diversos
De substância..."

Contudo, a idéia teria permanecido cristalizada "no ar da Ciência", sem descer à densa atmosfera do Materialismo e dos mortais profanos, talvez por muito tempo ainda, se o Sr. Crookes, decidida e corajosamente, não a houvesse reduzido a sua verdadeira expressão, e a impusesse publicamente à atenção da Ciência. Conforme disse Plutarco,

"Uma idéia é um Ser incorpóreo, que não subsiste por si mesmo, mas que dá forma e figura à matéria caótica e se converte em causa da manifestação." [25]

A revolução levada a efeito por Avogadro na velha Química foi a primeira página do volume da "Nova Química". O Sr. Crookes acaba de virar a segunda página, e valorosamente anonta *a que pode ser a última.*

o Espírito que é a Chama invisível que nunca arde, mas inflama tudo aquilo em que toca, e lhe dá a vida e o poder de geração[32].

E a Ciência nos diz que "o primogênito dos corpos simples... mais próximo do prótilo" deve ser "o *hidrogênio*... que durante algum tempo terá sido a única forma existente de matéria" no Universo. Que diz a

menos do movimento, a admitir que este último seja uma Força independente. Jamais se tornarão anticartesianos na presente geração, e tampouco aceitarão que

"A propriedade da inércia não é uma propriedade puramente geométrica, senão que indica a existência de algo nos corpos externos que não é simplesmente extensão."

É o pensamento de Leibnitz, tal como o analisou Mertz, o qual acrescenta que a esse "algo" dava ele o nome de Força, sustentando que as coisas externas são dotadas de Força, e que, sendo portadoras de Força, devem ter uma Substância; pois não são massas inertes e sem vida, mas centros e veículos da Forma — proposição de caráter puramente esotérico, uma vez que a Forma era para Leibnitz um princípio *ativo* —; desaparecendo com esta conclusão a separação entre a Mente e a Matéria.

"As investigações matemáticas e dinâmicas de Leibnitz não teriam conduzido ao mesmo resultado na mente de um investigador puramente científico. Mas Leibnitz não era um homem de ciência na acepção moderna do termo. Se o houvesse sido, teria desenvolvido o conceito da energia; definido matematicamente as idéias de força e trabalho mecânico; e chegado à conclusão de que, até mesmo para fins rigorosamente científicos, convém considerar a força, não como uma quantidade primária, mas como uma quantidade derivada de outra."

Mas, felizmente para a verdade,

"Leibnitz era um filósofo; e, como tal, adotava certos princípios fundamentais, que o inclinavam em favor de determinadas conclusões; e a sua descoberta de que as coisas externas eram substâncias dotadas de força desde logo foi empregada para fins de aplicação daqueles princípios. Um deles consistia na lei de continuidade, na convicção de que o mundo tinha todas as suas partes relacionadas umas com as outras, não existindo fendas ou vazios que não pudessem ser transpostos. Era-lhe insuportável o contraste de substâncias pensantes extensas. A definição das substâncias extensas já se havia tornado insustentável: era natural que se fizesse uma investigação semelhante a respeito da definição da mente, a substância pensante."

As divisões adotadas por Leibnitz, ainda que incompletas e defeituosas do ponto de vista do Ocultismo, revelam um espírito de intuição metafísica que nenhum homem de ciência, nem Descartes, nem o próprio Kant, jamais alcançou. Para ele existe uma gradação infinita de pensamento. Dizia que só uma pequena parte do conteúdo de nosso pensamento se eleva ao nível da apercepção clara, do conhecimento interno; "à luz da consciência perfeita". Muitos permanecem em um estado confuso ou obscuro, no estado de "percepções"; mas ali estão. Descartes negava a alma aos animais; Leibnitz, como os ocultistas, dotava "toda a criação de vida mental, sendo esta, segundo ele, capaz de gradações infinitas". E isso, como judiciosamente observa Mertz:

"Ampliou o reino da vida mental, eliminando o contraste entre a *matéria inanimada* e a *animada*; mais ainda, reagiu sobre o conceito de matéria, de substância extensa. Porque evidenciou que as coisas externas ou materiais só para os nossos

Quanto à relação que podem ter as suas Mônadas com os nossos Dhyân Chohans, Espíritos Cósmicos, Devas e Elementais, julgamos oportuno reproduzir a opinião de um erudito pensador teósofo, o Sr. C. H. A. Bjerregaard. Em seu excelente trabalho "Sobre os Elementos, os Espíritos Elementares e sua Relação com os Seres Humanos", lido perante a Sociedade Teosófica Ária de Nova York, ele a expôs com muita clareza nos seguintes termos:

"Para Spinoza, a substância é morta e inativa; mas para o espírito penetrante de Leibnitz tudo é atividade vivente e energia ativa. Sustentando esta opinião, ele se aproxima infinitamente mais do Oriente que outro pensador contemporâneo ou posterior. Sua descoberta de que *uma energia ativa forma a essência da substância* representa um princípio que o associa diretamente as Videntes do Oriente." [39]

Mostra depois o conferencista que para Leibnitz os Átomos e os Elementos são *Centros de Força,* ou melhor, "seres espirituais cuja natureza mesma é a ação", pois

"as partículas elementais são forças vitais, que não atuam mecânicamente, senão em virtude de um princípio interno. São unidades incorpóreas, espirituais ['substanciais', porém, e não 'imateriais', no sentido que damos a esta palavra], inacessíveis a toda mudança externa... [e] indestrutíveis por qualquer força do exterior. As mônadas de Leibnitz diferem dos átomos pelas seguintes particularidades, que devemos sempre ter em mente, pois de outro modo não estaremos em condições de ver a diferença entre os Elementais e a matéria ordinária. Os átomos não se distinguem uns dos outros, são qualitativamente iguais, mas cada mônada difere qualitativamente de todas as demais, e cada qual constitui um mundo peculiar, um mundo que lhe é próprio. Não sucede o mesmo com os átomos; são absolutamente iguais, qualitativa e quantitativamente, carecem de individualidade própria [40]. Além disso, os átomos [ou antes, as moléculas] da filosofia materialista podem ser considerados como extensos e divisíveis, ao passo que as mônadas são "meros pontos metafísicos" e indivisíveis. Finalmente, e eis aqui um ponto em que as mônadas de Leibnitz muito se parecem com os Elementais da filosofia mística, essas mônadas são seres representativos. Cada mônada reflete todas as outras. Cada mônada é um espelho vivo do Universo, em sua própria esfera. E — atentai bem nisto, de que depende o poder destas mônadas, assim como a tarefa que podem realizar por nós — ao refletirem o mundo, as mônadas não são meros agentes refletores passivos, mas são *espontaneamente ativas por si mesmas*; representam imagens de modo espontâneo, como a alma que produz um sonho. Por isso,

Em Ocultismo, os Átomos são chamados vibrações, e também, coletivamente, Som. Nada tem isto a ver com a descoberta científica do Sr. Tyndall. Descreveu ele, nos graus inferiores da escala da existência monádica, a sucessão completa das vibrações *atmosféricas* — o que representa a parte *objetiva* do processo da Natureza. Descobriu e registrou a velocidade de seu movimento e de sua transmissão; a força de seu choque; sua repercussão vibratória no tímpano e a transmissão aos otólitos, etc., até que se inicia a vibração do nervo auditivo, dando lugar a um novo fenômeno: o lado *subjetivo* do processo da *sensação* do som. Será que ele o vê ou percebe? Não, porque sua especialidade consiste em descobrir o modo de ser da Matéria. Mas, por que não o haveria de ver um Psíquico, ou um Vidente espiritual, cujo Olho interno estivesse aberto, alguém que pudesse ver através do véu da Matéria? As ondas e ondulações da Ciência são todas produzidas por Átomos que, *de dentro*, impulsionam suas moléculas à atividade.

Os Átomos enchem a imensidão do Espaço e, por sua vibração contínua, *constituem* aquele MOVIMENTO que mantém em perpétua marcha as rodas da Vida. É a essa obra interna que se deve o fenômeno natural chamado correlação das forças. Só que na origem de cada uma dessas "Forças" se encontra o Númeno *consciente* que a dirige — Anjo ou Deus, Espírito ou Demônio, poderes dirigentes, em suma.

Segundo a descrição dos Videntes — aqueles que podem ver o movimento das multidões interestelares, e segui-las clarividentemente em sua evolução —, são elas deslumbrantes como flocos de neve virgem à luz radiante do sol. Sua velocidade é mais rápida que o pensamento, demasiado rápida para que possa acompanhá-la o olho físico de um mortal; e, tanto quanto a rapidez vertiginosa permita ajuizar, o movimento é circular. Para quem esteja em um campo aberto, e principalmente no alto de uma montanha, e fixe o olhar na imensa abóbada e nos infinitos espaços em derredor, toda a atmosfera se apresenta iluminada por aqueles Átomos, e repassada de relâmpagos ofuscantes. Às vezes a intensidade do seu movimento produz resplendores como as Luzes do Norte nas Auroras Boreais. O espetáculo é tão maravilhoso que o Vidente, ao contemplar este mundo interior e sentir o perpassar célere dos pontos cintilantes, se deixa possuir de um temor respeitoso ante o pensamento de outros mistérios ainda maiores, que existem dentro e além desse radioso Oceano.

Incompleto e imperfeito que seja este [illegible]

Se se perguntasse a um brâmane da Seita Advaita se ele crê na existência de Deus, a resposta seria provavelmente igual à que recebeu Jacolliot: "Eu próprio sou Deus"; ao passo que um budista (sobretudo um cingalês) se limitaria a sorrir, dizendo: "Não há Deus, não há Criação". Contudo, a filosofia fundamental dos eruditos advaitas *é idêntica* à dos budistas; e uns e outros têm igual respeito à vida animal, acreditando que toda criatura da Terra, por pequena e humilde que seja, "é uma parcela imortal da Matéria imortal" — a Matéria tendo para eles um significado muito diferente do que tem para os cristãos e os materialistas — e que todas as criaturas estão sujeitas ao Carma.

A resposta do brâmane teria ocorrido a todo filósofo antigo, cabalista ou gnóstico dos primeiros tempos. Ela encerra o espírito mesmo dos mandamentos délficos e cabalísticos; pois a Filosofia Esotérica resolveu, desde há séculos, o problema do que o homem *foi, é* e *será*; sua origem, seu ciclo de vida — interminável na duração das encarnações e renascimentos sucessivos — e sua absorção final na Fonte de onde proveio.

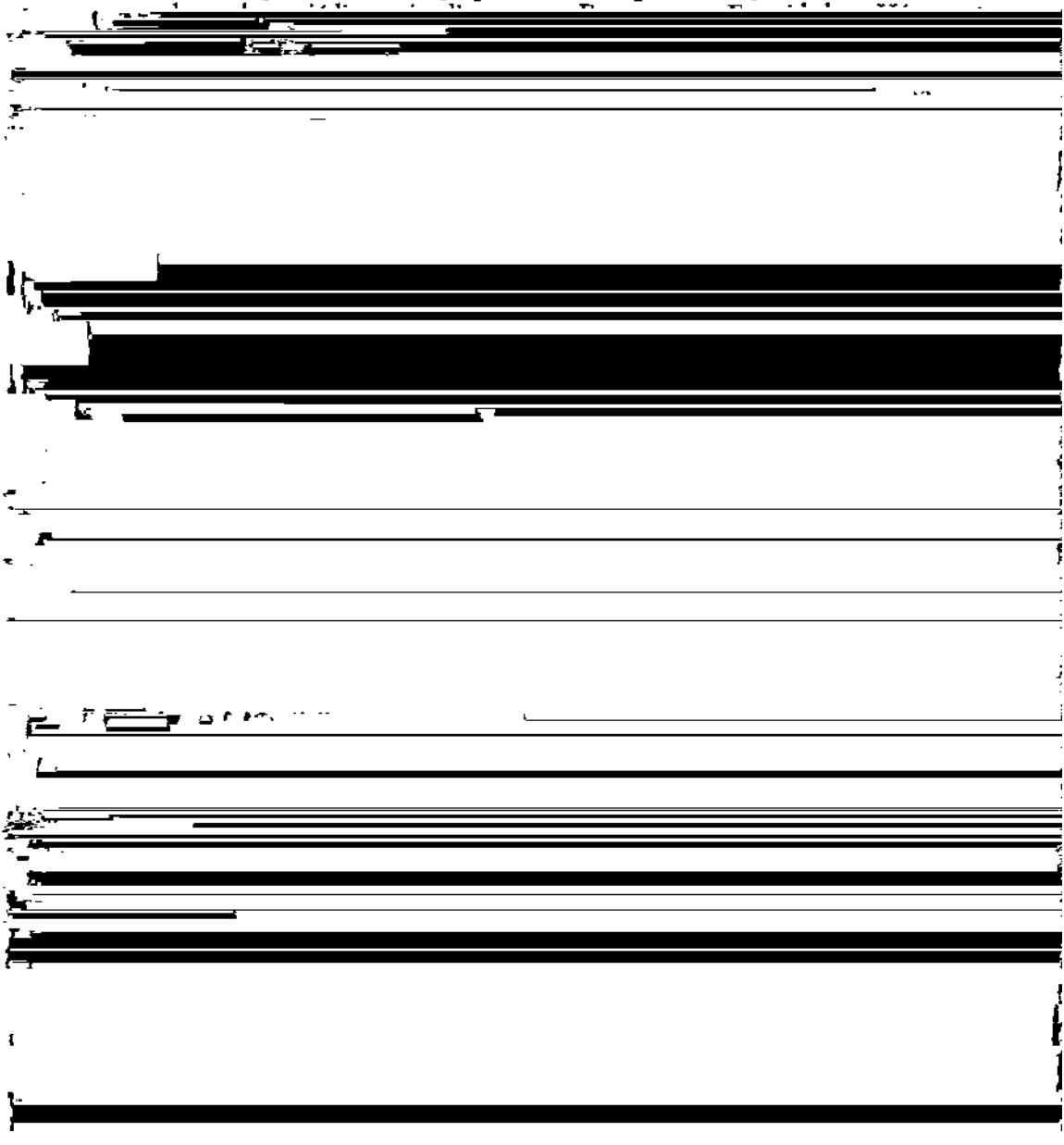
Não é, porém, à Ciência Física que poderemos algum dia pedir a decifração do homem, como enigma do Passado ou do Futuro, pois que nenhum filósofo nos pode dizer o que é o homem, nem mesmo o homem tal como o conhecem a Fisiologia e a Psicologia. Não sabendo se o homem era um Deus ou uma besta, a Ciência decidiu-se hoje por associá-lo com a última, fazendo-o descender de um animal. Certamente, a tarefa de analisar e classificar o ser humano como *animal terrestre* pode ser deixada à Ciência, que os ocultistas, mais que ninguém, consideram com veneração e respeito. Reconhecem o seu campo de investigação, assim como a obra magnífica por ela realizada, por progressos alcançados em Fisiologia e, até certo ponto, em Biologia. Mas a natureza *interna* do homem, espiritual, psíquica e ainda moral, não pode ser deixada à mercê de um materialismo iconoclasta. Pois nem sequer a filosofia psicológica mais elevada do Ocidente, por sua imperfeição atual e sua tendência ao agnosticismo, pode fazer justiça ao homem interno, e principalmente a suas capacidades e percepções superiores, bem como àqueles estados de consciência em cujo caminho autoridades como Mill traçaram uma forte linha divisória, dizendo: "Até aqui chegarás, mas não irás além".

Nenhum ocultista negaria que o homem — da mesma forma que o elefante e o micróbio, o crocodilo e o lagarto, a folha de erva e o cristal — seja, em sua constituição física, o simples produto das forças evolutivas da Natureza, através de uma série inumerável de transformações; mas ele apresenta um aspecto diferente.

Não é contra as descobertas antropológicas e zoológicas, baseadas sobre os restos fósseis do homem e do animal, que se insurgem todos os místicos e quantos crêem em uma Alma Divina; mas tão-só contra as conclusões intempestivas que resultam de teorias preconcebidas e elaboradas para se ajustarem a certos preconceitos. As premissas dos homens de ciência podem ser ou não sempre verdadeiras; e como algumas dessas teorias têm vida efêmera, as deduções serão sempre parciais, como o evolucionismo materialista. E, no entanto, é sob a fé de autoridades assim transitórias que se

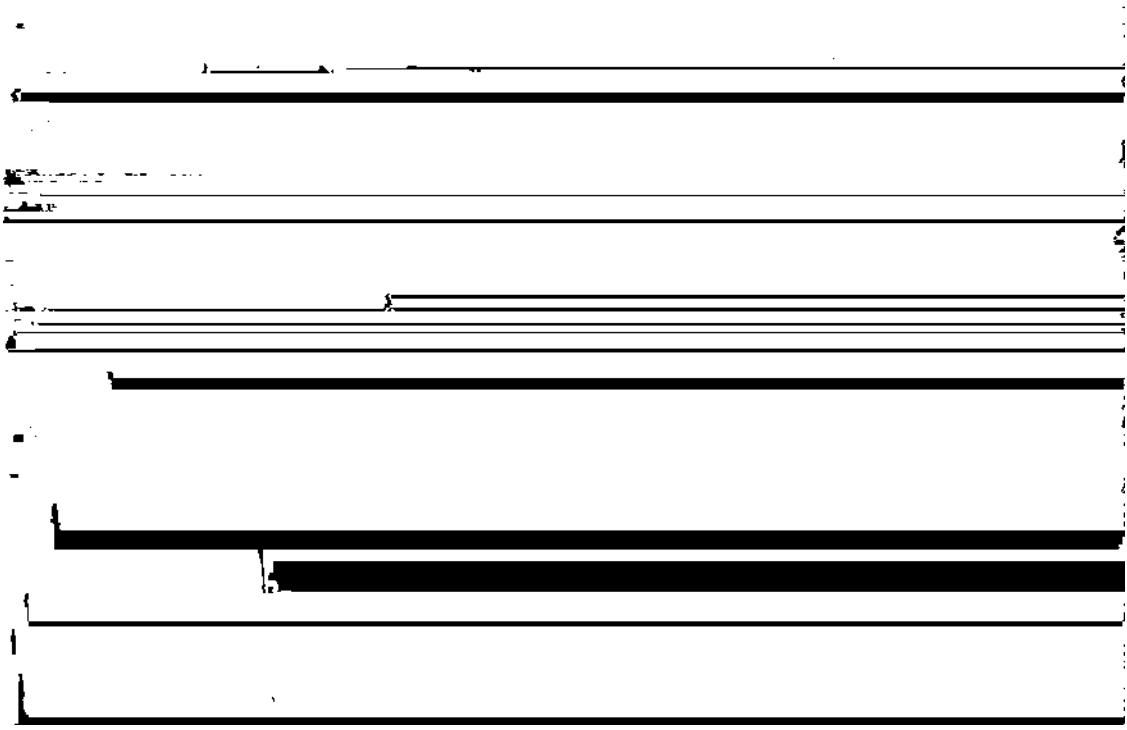
cumulam honras à maioria dos homens de ciência, por aquilo em que menos a merecem [3].

Para que a obra do Carma — nas renovações periódicas do Universo — se torne mais evidente e inteligível ao estudante, quando este chegar à origem e evolução do homem, é mister que ele nos acompanhe agora no exame da influência oculta dos Ciclos Cármicos sobre a Ética Universal. A questão é a seguinte: exercem alguma influência sobre a vida humana, ou têm relação direta com ela, essas misteriosas divisões do tempo, chamadas Yugas e Kalpas pelos hindus, e às quais os gregos deram o nome tão expressivo de (kúklοι), ciclos, anéis ou círculos? A própria Filosofia Esotérica esclarece que esses ciclos perpétuos do tempo recomeçam constante-



da matéria cambiante e variável; e que afirma sua superioridade sobre as formas insensíveis e perecedoiras do ser. Há, na sucessão dos acontecimentos, e em sua relação com as coisas coexistentes, um método de que a mente humana se apodera e que usa como baliza, marchando para diante ou para trás ao longo de séculos de história material, que a experiência do homem não pode jamais certificar. Os acontecimentos germinam e se desenvolvem. Têm um passado que está relacionado com o presente, e sentimos, com justificada confiança, que há também um futuro que, de modo semelhante, se achará relacionado com o presente e o passado. Essa continuidade e essa unidade da história se repetem diante de nós em todas as fases concebíveis do progresso. Os fenômenos nos proporcionam os fundamentos para a generalização de duas leis, que constituem verdadeiros *princípios de adivinhação científica*, os quais, e só eles, permitem à mente humana penetrar nos anais selados do pretérito e nas páginas por abrir do futuro. A primeira destas leis é a da evolução, ou, para defini-la em termos adaptados à nossa explicação, *a lei de sucessão correlacionada ou de história organizada no individual*, ilustrada nas fases cambiantes de cada sistema separado que faz amadurecer resultados... Estes pensamentos evocam o passado sem limite e surpreendem o futuro imensurável da história material; como que abrem horizontes infinitos e conferem à inteligência humana uma existência e uma visão isentas das limitações do tempo, do espaço e da causalidade finita, elevando-a a uma sublime concepção da Inteligência Suprema, cuja morada é a Eternidade." [5]

Segundo os ensinamentos, Mâyâ — a aparência ilusória da ordenação de acontecimentos e ações sobre esta Terra — muda e varia com as nações e os lugares. Mas os traços dominantes da vida de cada homem estão sempre em harmonia com a "Constelação" sob a qual nasceu, ou — poderíamos dizer — com as características do princípio que o anima, ou da Divindade que lhe preside a existência, chame-se Dhyân Chohan, como na Ásia, ou Arcanjo, como nas Igrejas grega e latina. No simbolismo antigo, era sempre o Sol — mas o Sol espiritual, e não o físico — que se acreditava enviar os principais Salvadores e Avatares. Daí o laço de união entre os Buddhas, os Avatares e tantas outras encarnações dos Sete Supremo.



Sim, "o nosso destino *está* escrito nas estrelas!" De ver, porém, que, quanto mais estreita a união entre o reflexo mortal, que é o Homem, e seu Protótipo Celeste, tanto menos perigosas as condições externas e as reencarnações subseqüentes — às quais nem os Buddhas nem os Cristos podem escapar. Não é superstição, e muito menos *fatalismo*. Este último parece implicar ação cega de uma força ainda mais cega; o homem, porém, é um agente livre durante a sua estada na Terra. Não pode fugir ao seu Destino *dominante*, mas pode escolher entre dois caminhos que conduzem àquela direção, e chegar à meta da desgraça — se é a que lhe está reservada — ou com as níveas vestes do mártir ou com a roupa tisnada de um voluntário da senda do mal: por que há condições *externas* e *internas* que podem exercer influência sobre o uso de nossa vontade no conduzirmos as nossas ações, e está em nosso alvedrio eleger um ou outro dos dois caminhos.

Os que crêem no Carma não podem deixar de crer no Destino que cada homem, do berço ao túmulo, tece ao redor de si mesmo, fio por fio, como a aranha a sua teia; e esse Destino é dirigido, ou pela voz celeste do invisível Protótipo exterior a nós, ou pelo nosso mais íntimo *astral*, ou homem interno, que mui freqüentemente é o gênio do mal da entidade encarnada. Ambos influenciam o homem externo, mas um deles tem que prevalecer; e, desde o princípio desse conflito invisível, a austera e implacável *Lei de Compensação* intervém, e segue o seu curso, acompanhando lance por lance as flutuações da luta. Quando o último fio se acha tecido, e o homem se deixou enredar na malha de seus próprios atos, vê-se ele sob o império absoluto desse Destino, *que ele mesmo elaborou*. Este então o imobiliza, qual concha inerte presa ao firme rochedo, ou o arrasta, como uma pena, no torvelinho levantado por suas próprias ações; e isto é o CARMA.

Um materialista, tratando das criações periódicas do nosso globo, assim as expressou em uma só frase:

"Todo o *passado* da Terra não é senão um *presente* não desenvolvido."

*O autor era Büchner, que nem de longe suspeitava estar repetindo um axioma dos ocultistas. É também verdade, como observa Burmeister, que

"As pesquisas históricas sobre o desenvolvimento da terra demonstraram que o *hoje* e o *ontem* assentam na mesma base; que o passado se desenvolveu do mesmo modo por que se desenvolve o presente; e que as forças em ação permanecem sempre as mesmas." [6]

As Forças — ou melhor, os seus Númenos — são certamente as mesmas; portanto, as Forças fenomenais devem ser também as mesmas. Mas quem pode assegurar que os atributos da Matéria não se tenham modificado sob a ação da Evolução Protéica? Como pode o materialista afirmar, com a confiança com o que faz Rossmassler, que

(6) Citado em *Força e Matéria*, de Büchner.

"Esta conformidade eterna na essência dos fenômenos dá a certeza de que o fogo e a água possuíram em todos os tempos as mesmas propriedades e as possuirão sempre"? [7]

Quem são os "que obscurecem o segredo com palavras sem sabedoria", e onde estavam os Huxleys e os Büchners quando as fundações da Terra foram lançadas pela Grande Lei? Esta mesma homogeneidade da Matéria e esta mesma imutabilidade das leis naturais, em que tanto insiste o Materialismo, constituem um princípio fundamental da Filosofia Oculta; mas tal unidade se baseia na inseparabilidade de Espírito e Matéria: se por acaso os dois se divorciassem, todo o Cosmos cairia no Caos e no Não-Ser. Portanto, é absolutamente *falso*, e uma demonstração a mais da grande presunção da nossa época, que todas as grandes transformações geológicas e as terríveis convulsões do passado tenham sido produzidas por *Forças físicas ordinárias e conhecidas*, como afirmam os homens de ciência. Porque essas Forças não foram mais que os instrumentos e os meios finais para o cumprimento de certos desígnios, atuando periodicamente e, na aparência, de modo mecânico, em obediência a um impulso interno incorporado à sua natureza material, mas independente dela. Há um objetivo em cada ato importante da Natureza; e todos os seus atos são cíclicos e periódicos. Devido, porém, à confusão generalizada entre forças espirituais e forças puramente físicas, são as primeiras negadas pela Ciência, que, por não as haver examinado, continuará ignorando-as [8]. Diz Hegel:

"A história do Mundo principia com o seu propósito geral, a realização da Idéia do Espírito, somente de um modo *implícito* (*an sich*), isto é, como Natureza; um instinto inconsciente e oculto, bem profundamente oculto; e todo o processo da história... tende a converter em consciente esse impulso inconsciente. Manifestando-se desse modo em forma de simples existência natural, a vontade natural — o que se chamou o lado subjetivo —, os apetites físicos, o instinto, as paixões, os interesses privados, assim como a opinião e o conceito subjetivo, aparecem espontâneamente desde o começo. Esse vasto conjunto de volições, interesses e atividades constitui os instrumentos e os meios de que se vale o Mundo do Espírito para realizar os seus fins, levando-o a adquirir consciência de si mesmo. E tais fins outros não são que os de encontrar-se a si mesmo, alcançar a si mesmo e contemplar-se a si mesmo como realidade concreta. Pode-se contudo discutir, e tem sido mesmo discutido, que essas manifestações de vitalidade por parte de indivíduos e de povos, mediante as quais buscam eles atingir seus próprios fins, sejam ao mesmo tempo os meios e os instrumentos *para a consecução de um objetivo mais vasto e mais elevado, de que nada* sabem — e que realizam inconscientemente... Sobre este ponto expressei a minha opinião desde o início, e defendi a nossa hipótese... e a nossa crença de que a Razão governa o Mundo, e tem, por conseguinte, governado a história. Com relação a esta existência substancial, independente e universal, tudo lhe está subordinado e dela depende, servindo de meios para o seu desenvolvimento." [9]

---

(7) *Ibid.*

(8) Dirão os homens de ciência: "Negamos, porque no campo de nossas experiências jamais se apresentou algo parecido". Observa, porém, o fisiólogo Charles Richet: "Seja! Mas, pelo menos, já demonstrastes o contrário?... Não negueis, pois, *a priori*. A ciência atual ainda não progrediu o suficiente para vos conferir esse direito". *La Suggestion mentale et le Calcul des Probabilités.*

(9) *Lectures on the Philosophy of History*, p. 26, tradução inglesa de Sibree.

Nenhum metafísico ou teósofo poderia objetar a estas verdades, que se acham todas incorporadas aos Ensinamentos Esotéricos. *Há* uma predestinação no que se refere à vida geológica do nosso globo, assim como na história, passada e futura, das raças e das nações. Tem isso estreita relação com o que chamamos Carma, e os panteístas ocidentais chamam Nêmesis e Ciclos. A lei de evolução nos está levando agora ao longo do arco ascendente de *nosso ciclo*, até que os efeitos mais uma vez se fundirão com as causas, hoje neutralizadas, identificando-se com elas, e tudo o que haja sofrido a influência dos efeitos terá recuperado sua harmonia original. Este será o ciclo de nossa Ronda particular, um simples instante na duração do Grande Ciclo, ou Mahâyuga.

Os belos conceitos de Hegel encontram aplicação nos ensinamentos da Ciência Oculta, que nos mostram a Natureza obrando sempre com um propósito determinado, cujos resultados apresentam sempre dois aspectos. Já o assinalamos em nossos primeiros livros de Ocultismo com as seguintes palavras:

"Assim como o nosso planeta efetua anualmente uma revolução ao redor do Sol, e ao mesmo tempo gira sobre o seu eixo em cada vinte e quatro horas, cumprindo deste modo ciclos menores dentro de um ciclo maior, assim a obra dos períodos cíclicos menores se realiza e recomeça no curso do Grande Saros. A revolução do mundo físico, segundo a doutrina antiga, é acompanhada de uma revolução similar no mundo do intelecto, pois a evolução espiritual do mundo procede por ciclos, tal como a evolução física. Assim é que observamos na história uma alternação regular de fluxo e refluxo na maré do progresso humano. Os grandes reinos e impérios deste mundo, depois de atingirem o ponto culminante de seu desenvolvimento, passam a descer, de acordo com a mesma lei que os fez subir, até que, tendo chegado ao ponto inferior, a Humanidade novamente se afirma e sobe outra vez, para então alcançar, graças a essa lei de progressão ascendente, uma altura algo maior que a do ponto de onde havia anteriormente descido." [10]

Mas estes ciclos — rodas que se engrenam em outras rodas, simbolizadas de modo tão compreensível quanto engenhoso pelos vários Rishis e Manus da Índia e pelos Cabiros do Ocidente [11] — *não incluem de uma só vez e ao mesmo tempo toda a Humanidade.* Daí a dificuldade em identificá-los e distingui-los uns dos outros, em seus efeitos físicos e espirituais, sem que haja uma compreensão nítida de suas relações com as nações e as raças, e de sua influência sobre elas, quanto ao respectivo destino e evo-

(10) *Ísis sem Véu*, I, p. 119.

(11) Este simbolismo não impede que tais personagens, que hoje parecem mitos, hajam governado a Terra em dado momento, sob a forma humana de seres realmente vivos, embora fossem homens verdadeiramente divinos e semelhantes a deuses. A opinião do Coronel Vallancey — e também a do Conde de Gebelin — de que "os nomes dos Cabiros parecem ser todos alegóricos, sem outra significação que a de um almanaque com as mudanças das estações — calculadas para os misteres da agricultura" (*Collect. de Reb. Hibern.*, n.° 13, Præf. Sect. 5), é tão absurda como a sua afirmação de que Æon, Cronos, Saturno e Dagon não representam senão uma só pessoa, que seria o "Patriarca Adão". Os Cabiros foram os instrutores da Humanidade em agricultura, por serem os Regentes das estações e dos Ciclos Cósmicos. Daí a razão por que foram eles que regularam, como Espíritos Planetários ou Anjos (Mensageiros), os *mistérios da arte* da agricultura.

lução. E este sistema não pode ser compreendido se a ação espiritual de tais períodos — de certo modo *prefixados* pela lei Cármica — for separada de seu curso físico. Os cálculos dos melhores astrólogos serão inúteis, ou pelo menos imperfeitos, a menos que se leve em conta essa ação dual, entendida naquele exato sentido. Ora, tal entendimento só pode ser alcançado por meio da INICIAÇÃO.

O Grande Ciclo abrange o progresso da Humanidade desde o aparecimento do homem primordial de formas etéreas. Ele circula através dos Ciclos internos da evolução progressiva do homem, desde o homem etéreo ao semi-etéreo e ao puramente físico, até à libertação do homem de sua "veste de pele" e de matéria; e depois prossegue seu curso descendente, e passa de novo ao ascendente, para recolher-se ao atingir o ponto culminante da Ronda, quando a Serpente Manvantárica "engole a própria cauda", e são decorridos sete Ciclos Menores. Estes são os Grandes Ciclos de Raça, que incluem por igual todas as nações e tribos pertencentes àquela Raça especial; mas, dentro deles, há Ciclos menores ou nacionais, como também Ciclos de tribos, que seguem seu próprio curso, sem dependerem uns dos outros. O Esoterismo Oriental lhes dá o nome de Ciclos Cármicos. No Ocidente, onde a Sabedoria Pagã foi repudiada como obra das Potências Tenebrosas, que se supunha estarem em guerra permanente contra o Deus de uma pequena tribo, Jeová, toda a plena e solene significação da Nêmesis grega, ou Carma, foi totalmente esquecida. Se não fosse isso, os cristãos teriam compreendido melhor a profunda verdade de que Nêmesis não possui atributos; e que, se a temida Deusa é absoluta e imutável como Princípios, somos nós — as nações e os indivíduos — que a pomos em ação e lhe traçamos o rumo. Carma-Nêmesis é quem cria as nações e os mortais; mas, uma vez criados, são estes que a convertem em uma Fúria ou em um Anjo que recompensa. Sim;

Sábios são os que rendem culto a Nêmesis [12],

como diz o Coro a Prometeu. E pouco sábios aqueles que acreditam poder propiciar a Deusa por meio de sacrifícios e orações, ou fazer desviar a sua roda do caminho que tomou. "As três Parcas e as Fúrias sempre atentas" só na Terra são os seus atributos, e nós mesmos os criamos. Não há retorno possível dos caminhos trilhados por seus ciclos, conquanto sejam esses caminhos obra nossa, porque somos nós, individual ou coletivamente, que os preparamos.

Carma-Nêmesis é um sinônimo de Providência, *menos* o motivo, a bondade e todos os demais atributos e qualificativos *finitos*, atribuídos à última de maneira tão pouco filosófica. Um ocultista ou um filósofo não falará de bondade ou de crueldade da Providência; mas, identificando-a com Carma-Nêmesis, não deixará de ensinar que ela protege os bons e vela sobre eles, nesta vida como nas futuras, e que pune os que praticam más ações — sim, até o seu sétimo renascimento — por tanto tempo, na verdade,

(12) Seria mais acertado dizer: "os que temem Carma-Nêmesis".

quanto dure o efeito da perturbação que tenham causado, ainda que do mais insignificante átomo, no Mundo Infinito da Harmonia. Porque o único decreto do Carma — decreto eterno e imutável — é a Harmonia completa no Mundo da Matéria, como o é no Mundo do Espírito. Não é, portanto, o Carma que pune ou recompensa, mas somos nós mesmos que nos recompensamos ou punimos, segundo trabalhemos com a Natureza, pela Natureza e de acôrdo com a Natureza, obedecendo-lhe às leis de que depende essa Harmonia, ou transgredindo-as.

As vias do Carma não serão impenetráveis, se os homens deixarem que a união e a harmonia presidam aos seus atos, em vez de os nortearem pela desunião e a luta. Nossa ignorância desses processos — que uma parte da Humanidade chama de caminhos sombrios e inextricáveis da Providência, enquanto outra parte vê neles a ação de um cego fatalismo, e uma terceira a obra de um simples acaso, sem que haja Deus ou Demônio a guiá-la — nossa ignorância, dizíamos, certamente que desapareceria, se nos dispuséssemos a atribuí-los a suas verdadeiras causas. Com o conhecimento real, ou pelo menos com uma convicção firme de que os nossos próximos não procurariam causar-nos dano maior do que o que nós pensássemos em fazer-lhes, dois terços do mal que há no mundo se desvaneceriam. Se nenhum homem prejudicasse o seu hemelhante, Carma-Nêmesis não teria motivo para intervir nem armas com que executar o seu ofício. É a presença constante, entre nós, dos elementos de luta e de oposição, é a divisão das raças, nações, tribos, sociedades e indivíduos em Cains e Abéis, lobos e cordeiros, que constituem a causa principal dos "caminhos da Providência". Com as nossas próprias mãos, traçamos diariamente o curso sinuoso dos nossos destinos, crendo estar seguindo em linha reta no caminho real da respeitabilidade e do dever, e nos queixamos depois de que sejam tão sombrias e inextricáveis essas curvas sinuosas. Quedamo-nos estupefatos diante do mistério que nós próprios fabricamos, e dos enigmas da vida que *não queremos* resolver, e depois acusamos a grande Esfinge de nos devorar. Em verdade, não há um acidente em nossa vida, não há um dia mau ou uma desgraça, cuja causa não possa ser encontrada em nossas próprias ações, nesta ou em outra existência. Se alguém infringe as leis da harmonia ou, conforme a expressão de um teósofo, as "leis da vida", deve estar preparado para cair no caos que ele mesmo produziu. Porque, segundo as palavras desse escritor,

"A única conclusão a que podemos chegar é que são as próprias leis da vida que se vingam; e, portanto, que todo anjo vingador não é senão a representação simbólica da reação dessas leis."

Conseqüentemente, se alguém há desarmado em presença de tais leis imutáveis, não somos nós, os artífices de nossos destinos; mas antes aqueles Anjos guardiães da Harmonia. Carma-Nêmeis outra coisa não é senão o efeito espiritual dinâmico de causas produzidas e forças postas em ação pelas nossas próprias obras. É uma lei da dinâmica oculta que "uma quantidade de energia desenvolvida no plano espiritual produz efeitos muito maiores que a mesma quantidade aplicada no plano físico da existência objetiva".

Semelhante estado de coisas deve perdurar até que a intuição espiritual do homem esteja completamente desperta, e isto não acontecerá antes que tenhamos conseguido libertar-nos de nossas grosseiras vestes de matéria, antes que principiemos a pautar os nossos atos de acordo com a voz *interior*, em vez de seguirmos sempre os impulsos *externos*, impulsos que são devidos aos nossos sentidos físicos e ao nosso corpo egoísta e grosseiro. Até esse momento, os únicos paliativos para os males da vida consistem na união e na harmonia, em uma Fraternidade *in actu* e no Altruísmo não apenas em nome. A supressão de uma só causa nociva eliminaria não um, mas numerosos efeitos maléficos. E se uma Fraternidade, ou ainda várias Fraternidades não bastam para impedir que as nações por vezes se degolem mutuamente, a unidade de pensamento e de ação e as investigações filosóficas nos mistérios do ser impediriam sempre algumas pessoas, que se esforçam por compreender o que até então lhes pareciam um enigma, de gerar causas adicionais de infortúnio em um mundo tão cheio de males e de dor. O conhecimento do Carma dá a convicção de que, se

> ...a angústia da virtude e o triunfo do vício
> Tornam a Humanidade atéia [13],

é tão-somente porque a Humanidade teve sempre os olhos fechados a esta grande verdade: O homem é o seu próprio salvador e o seu próprio destruidor. Ele não precisa acusar o Céu e os Deuses, o Destino e a Providência, de serem os autores da aparente injustiça que impera na Humanidade. Mas deve ter presente e repetir aquele fragmento de sabedoria grega, que recomenda ao homem abster-se de acusar *Aquele* que,

> Justo, inda que misterioso,
> Nos conduz, infalível,
> Por caminhos ignotos,
> Do pecado ao castigo.

E são estes atualmente os caminhos por onde seguem os grandes países europeus. Todas as nações e tribos dos Arianos ocidentais, assim como os seus irmãos orientais da Quinta Raça, tiveram sua Idade de Ouro e sua Idade de Ferro, seu período de relativa irresponsabilidade, ou sua Idade Satya de pureza, e agora várias delas estão em sua Idade de Ferro ou Kali Yuga, uma idade de trevas e de horrores.

Por outro lado, é verdade que os Ciclos exotéricos de cada nação se derivaram diretamente dos movimentos siderais, e deles são dependentes, conforme se demonstrou. Tais movimentos se acham inseparavelmente ligados aos destinos das nações e dos homem. Mas, no sentido puramente físico, a Europa não conhece outros Ciclos além dos astronômicos, e nestes baseia todos os seus cálculos; nem tampouco quer ouvir falar senão de círculos ou circuitos *imaginários* que cingem os céus estrelados,

(13) Dryden.

Círculos cêntricos e excêntricos,
Órbitas dentro de órbitas,
Ciclos e epiciclos.[14]

No entanto, para os pagãos — de quem Coleridge disse com razão que "o tempo, o tempo cíclico, era a sua abstração da Divindade", divindade

mensageiros", e profetizam, em conseqüência, os terremotos, as chuvas meteóricas, a passagem de certas estrelas ou cometas, etc. São adivinhos, por isso? Não; são astrônomos e cientistas.

Por que, pois, não hão de merecer crédito os ocultistas e os astrólogos, tão sábios quanto os astrônomos, quando profetizam a volta de algum acontecimento cíclico, baseando-se nos mesmos princípios matemáticos? Por que devem ser ridicularizados quando afirmam *saber* que tal volta há de ocorrer? Havendo os seus antepassados e predecessores anotado o retorno de semelhantes acontecimentos, cada qual no seu devido tempo, em um período que abrange centenas de milhares de anos, a conjunção das mesmas constelações deve necessariamente produzir, senão o mesmo efeito, pelo menos um efeito similar.

Devem ser levadas a ridículo essas profecias por causa da afirmativa

oculta e misteriosa sobre os indivíduos, e se acham com eles relacionadas. E se o estão com os indivíduos, por que também não havia de acontecer a mesma coisa com as nações, as raças e a Humanidade como um todo? Semelhante afirmação ainda encontra fundamento nos anais do Zodíaco.

Vamos agora examinar até que ponto os Antigos conheciam o Zodíaco, e até que ponto o esqueceram os Modernos.

Seção XVI

O ZODÍACO E SUA ANTIGUIDADE

Todos os homens são propensos a ter em alta conta a própria inteligência e a obstinar-se nas opiniões que professam" — diz com razão Jordano, e acrescenta: "E, no entanto, quase todos os homens são guiados pela inteligência dos outros, e não pela própria; pode-se, em verdade, dizer que as suas opiniões são antes adotadas que criadas por eles".

Isso é duplamente verdadeiro no que se refere às opiniões científicas em torno das hipóteses que surgem: são muitas vezes os preconceitos e o *parti pris* das chamadas "autoridades" que decidem sobre questões da maior importância vital para a história. Existem várias dessas opiniões preconcebidas, a que se atêm os nossos sábios orientalistas, e poucas são tão ilógicas e injustas como o erro generalizado acerca da antiguidade do Zodíaco. Devido à tese favorita de certos orientalistas alemãs, alguns sanscritistas ingleses e americanos acolheram a opinião do Professor Weber de que os povos da Índia não tinham noção alguma do Zodíaco anteriormente à invasão macedônia, e de que os antigos hindus a importaram dos gregos para o seu país. Várias outras "autoridades" querem ainda fazer-nos acreditar que nenhuma nação oriental tinha conhecimento do Zodíaco antes que os helenos houvessem por bem comunicar amavelmente sua invenção aos vizinhos. E fazem *tal* afirmação a despeito do *Livro de Job*, que eles próprios reconhecem ser o mais antigo dos cânones hebreus, e anterior certamente a Moisés; a despeito desse livro, que se refere à *criação* "de Arcturo, de Orion, das Plêiades (Osh, Kesil e Kimah) e das recâmaras do Sul" [1], do Escorpião e de Mazaruth — os *dozes signos* [2]; palavras que, a significarem algo, implica o conhecimento do Zodíaco até entre as tribos de árabes nômades. Afirma-se que o *Livro de Job* precedeu a Homero e a Hesíodo pelo menos mil anos, e que os dois poetas gregos floresceram cerca de oito séculos antes da era cristã (!!). Sem falar, diga-se de passagem, nos que

"os sacerdotes, a quem os reis de Israel haviam ordenado queimar incenso... a Baal, ao Sol, à Lua, aos planetas e a todo o exército do céu",

— isto é, aos "doze signos ou constelações", segundo explicação em nota marginal constante da *Bíblia* inglesa —, cumpriram a ordem durante séculos. Só em 624 antes de Cristo é que o rei Josias pôs termo a essa idolatria.

O *Antigo Testamento* está repleto de alusões aos doze signos zodiacais, e todo o seu esquema neles se baseia: heróis, personagens e acontecimentos. Assim, o sonho de José, que viu "onze Estrelas" inclinando-se ante a duodécima, que era a sua "Estrela", refere-se ao Zodíaco. Os católicos romanos viram ali uma profecia da vinda de Cristo, que estaria representado por aquela duodécima Estrela, sendo os Apóstolos as outras onze; a ausência do décimo segundo Apóstolo seria uma indicação profética da traição de Judas. Também os doze filhos de Jacob significam uma alusão ao Zodíaco, como acertadamente observa Villapandus [6]. Sir James Malcolm, em sua *History of Persia* [7], mostra que o *Dabistan* se faz eco de todas essas tradições concernentes ao Zodíaco. A invenção deste é por ele atribuída aos dias florescentes da Idade de Ouro do Iran; e observa que, segundo uma das tradições, os Gênios dos Planetas estão representados sob as mesmas formas e aspectos que haviam tomado quando *apareceram a vários dos santos profetas*, o que deu lugar à instituição dos ritos baseados no Zodíaco.

Pitágoras e, posteriormente, Filon o Judeu consideravam sagrado o número 12.

"Este número doze é *perfeito*. É o dos signos do Zodíaco, que o sol visita cada doze meses; e foi para honrar este número que Moisés dividiu a sua nação em doze tribos, instituiu os doze pães da proposição e colocou doze pedras preciosas no peitoral dos Pontífices." [8]

Segundo Sêneca, Berose profetizava os acontecimentos e os cataclismos futuros por meio do Zodíaco; e observa-se que as épocas por ele fixadas para a conflagração do Mundo — Pralaya — e para um dilúvio correspondem às indicadas num velho papiro egípcio. Semelhante catástrofe ocorre a cada renovação do ciclo do Ano Sideral de 25 868 anos. Os nomes dos meses acadianos eram derivados dos nomes dos signos do Zodíaco, e os

listas. O Coronel Wilford foi o primeiro a levar a extremos suas infelizes especulações sobre a cronologia hindu e os *Purânas,* estabelecendo uma relação entre os 4 320 000 000 anos e a cronologia bíblica, mediante o simples processo de reduzir aquelas cifras a 4 320 anos — o suposto ano lunar da Natividade. O Dr. Sepp limitou-se a plagiar a idéia daquele bravo oficial; e, ademais, incidiu em considerar as cifras como propriedade dos judeus e como profecia cristã, acusando assim os Arianos de se haverem apropriado da revelação semítica, quando se deu precisamente o contrário. Os judeus, por outra parte, não devem ser acusados de copiar diretamente os hindus, cujos algarismos provavelmente Ezra nem conhecia. É evidente e inegável que os haviam tomado dos caldeus, juntamente com os Deuses destes. Converteram os 432 000 anos das Dinastias Divinas caldéias [25] em 4 320 anos lunares desde a criação do mundo até a Era Cristã; e, quanto aos Deuses babilônicos e egípcios, eles os transformaram, modesta e tranqüilamente, em Patriarcas. Todas as nações foram mais ou menos responsáveis por semelhante transformação e adaptação de um Panteão — outrora comum a todas elas — de Deuses e Heróis universais em Deuses e Heróis nacionais e de tribos. A veste nova que lhe deu o Pentateuco era propriedade exclusiva dos judeus, que jamais procuraram impô-la a outra *nação, e muito menos aos europeus.*

Sem nos determos mais que o necessário no exame dessa cronologia *tão pouco científica, podemos, contudo, aduzir algumas observações,* que sem dúvida hão de parecer pertinentes. Os 4 320 anos *lunares* do mundo — a *Bíblia* adota os anos *solares* — não são, como tais, imaginários, ainda que haja completo erro em sua aplicação; porque são o eco deformado da doutrina esotérica primitiva, e da doutrina bramânica, menos antiga, a respeito dos Yugas. Um dia de Brahma equivale a 4 320 000 de anos, como também uma Noite de Brahma, ou seja, a duração de um Pralaya, depois do qual um *novo* "sol" se levanta triunfalmente sobre um *novo*

(25) Todos os eruditos sabem, sem dúvida, que os caldeus reivindicavam, para suas Dinastias Divinas, os mesmos números dígitos (432) ou 432 000 que os hindus assinam ao seu Mahâyuga, ou seja, 4 320 000. Daí a razão por que o Dr. Sepp, de Munich, empreendeu a tarefa de secundar Kepler e Wilford na acusação de que os hindus os haviam tomado dos cristãos, os caldeus dos judeus, sendo que os últimos, segundo se pretende, esperavam o seu Messias no ano do mundo 4320 (!!!). Como tais algarismos, de acordo com os antigos escritores, foram baseados por Berose nos 120 Saros — cada divisão representando seis Neros de 600 anos cada um, perfazendo um total de 432 000 anos —, parecem ser decisivos, observa De Mirville (*Des Esprits,* III, p. 24). Assim, o piedoso professor de Munich intentou explicá-los *no sentido correto.* Pretende haver encontrado a solução do enigma mostrando que "o Saros se compunha, segundo Plínio, de 222 meses sinódicos, ou seja 18 anos e 6/10"; e que o calculador se reportou naturalmente às cifras "apresentadas por Suidas", o qual afirmava que "os 120 Saros correspondiam a 2 222 anos sacerdotais e cíclicos, sendo estes equivalentes a 1 656 anos solares" (*Vide de Notre Seigneur Jésus Christ,* II, p. 417; citação de De Mirville).

Suidas, porém, não disse tal coisa; e, supondo que o tivesse dito, pouco ou nada provaria a sua afirmação. Os Neros e os Saros eram um espinho no flanco dos antigos escritores *não iniciados,* da mesma forma que o 666 da "Grande Besta" do Apocalipse o é no dos modernos; e os primeiros algarismos tiveram os seus mal-afortunados Newtons, como sucedeu com os últimos.

Manvantara, para a Cadeia Setenária que ele ilumina. A doutrina havia penetrado na Palestina e na Europa, séculos antes da Era Cristã [26], e nela se inspirou o pequeno Ciclo dos judeus mosaicos, embora este Ciclo só

sem levar em conta as inumeráveis gerações precedentes nem as que deviam nascer depois.

Dizem-nos:

"Não foi o simples acaso que, em certas esferas, colocou sobre um tronco a cabeça desse touro [Taurus] para afugentar o dragão com a cruz ansata; devemos saber que esta constelação de Taurus foi chamada *'a grande cidade de Deus e a mãe das revelações'*, e também *'a intérprete da voz divina'*, o Apis Pacis de Hermontis no Egito, que [como os sacerdotes patrísticos quiseram afirmar ao mundo] teria proferido oráculos que se referiam ao nascimento do Salvador." [28]

Pode-se responder de vários modos a essa suposição teológica. Primeiro, a cruz ansata egípcia ou Tau, a cruz Jaina ou Svástica, e a cruz cristã, têm todas o mesmo significado. Segundo, nenhum povo ou nação, excetuando-se os cristãos, deu ao Dragão o significado que hoje se lhe atribui. A Serpente era o símbolo da *Sabedoria*, e o Touro o da geração física ou terrestre. De sorte que o Touro rechaçando o Dragão (ou Sabedoria Divina espiritual) com o Tau ou a Cruz — que representa, esotericamente, "a base e os andaimes de toda construção" — teria um sentido inteiramente fálico ou fisiológico, se não tivesse outra significação que é desconhecida de nossos sábios bíblicos e simbologistas. Seja como for, não há nenhuma relação especial com o Verbo de São João, salvo, talvez, em um sentido geral. O Taurus — que diga-se de passagem, não é um cordeiro, mas um touro — era sagrado em todas as cosmogonias, tanto para os hindus como para os zoroastrianos, os caldeus e os egípcios. Todos os colegiais sabem disso.

Aos teósofos seria talvez útil refrescar a memória, lendo o que se diz a respeito da Virgem Maria e do Dragão, assim como da universalidade dos nascimentos e renascimentos periódicos de Salvadores do Mundo — Deuses Solares —, em *Ísis sem Véu* [29], a propósito de certas passagens do *Apocalipse*.

Em 1853, o sábio de nome Erard-Mollien leu perante o Instituto de França um trabalho em que se propunha provar a antiguidade do Zodíaco indiano, em cujos signos se encontrava a origem e a filosofia de todas as mais importantes festas religiosas dos hindus; o conferencista mostrou que a origem dessas cerimônias religiosas se perde na noite dos tempos, ou pelo menos remonta a 3 000 anos antes de Cristo. Acreditava ele que o Zodíaco dos hindus era muito anterior ao dos gregos, diferindo deste em algumas minúcias. Vê-se ali o Dragão sobre uma árvore, ao pé da qual se acha a Virgem Kankâ-Durgâ, uma das mais antigas Deusas, colocada sobre um Leão, que puxa a carruagem solar. Disse o referido sábio:

"Esta é a razão por que a Virgem Durgâ não é o simples *memento* de um fato astronômico, mas realmente a mais antiga divindade do Olimpico indiano. Evidentemente é ela a mesma cuja volta era anunciada em todos os livros sibilinos — fonte da inspiração de Vergílio —, uma época de renovação universal... E como os

(28) *Des Esprits*, IV, p. 61.
(29) Vol. II, p. 490.

nomes dos meses são ainda hoje tirados desse Zodíaco solar indiano pela população que fala o malaiala [na Índia meridional], por que este mesmo povo teria abandonado o seu Zodíaco para tomar o dos gregos? Tudo demonstra, pelo contrário, que tais figuras zodiacais foram transmitidas aos gregos pelos caldeus, que as obtiveram dos brâmanes." [30]

Mas tudo isso é um testemunho bem precário. Lembremo-nos, contudo, do que diziam e aceitavam os contemporâneos de Volney; observa este que, achando-se Áries no seu décimo segundo grau 1 447 anos antes de Cristo, daí se segue que o primeiro grau da Balança não poderia ter coincidido com o equinócio da primavera posteriormente a 15 194 anos antes de Cristo; se acrescentarmos, continua ele, os 1 790 anos que nos separam do nascimento de Cristo, temos que 16 984 anos devem ter decorrido desde a origem do Zodíaco [31].

Por outra parte, o Dr. Schlegel, em sua *Uranographie Chinoise*, registra para a Esfera Astronômica Chinesa uma antiguidade de 18 000 anos [32].

Não obstante, como valem pouco as opiniões desacompanhadas de provas idôneas, será preferível recorrermos à evidência científica. Bailly, o famoso astrônomo francês do século passado, membro da Academia, etc., afirma que os sistemas astronômicos dos hindus são os mais antigos, e que foi neles que os gregos, os romanos e até os judeus beberam os seus conhecimentos. Em abono dessa opinião, diz ele:

"Os astrônomos anteriores a 1491 são: primeiramente, os gregos de Alexandria — Hiparco, que floresceu 125 anos antes de nossa era, e Ptolomeu, 260 anos depois de Hiparco; seguem-se os árabes, que fizeram reviver a astronomia durante o século IX; depois, os persas e os tártaros, a quem devemos as tábuas de Nassireddin em 1269, e as de Ulug-beg em 1437. Tal é a sucessão, na Ásia, dos acontecimentos conhecidos anteriormente à época indiana de 1491. Que é, pois, uma época? É a observação da longitude de uma estrela num dado momento, do lugar em que foi vista no céu, observação que serve de ponto de referência, de ponto de partida para o cálculo das posições, passadas e futuras, da estrela, segundo o estudo dos seus movimentos. Mas uma época só pode ter utilidade se o movimento da estrela houver sido determinado. Qualquer povo que esteja iniciando os primeiros passos na ciência, sendo obrigado a importar uma astronomia do estrangeiro, não encontrará dificuldade em fixar uma época, pois que a única observação necessária pode ser feita seja em que momento for. Terá, porém, que pedir alhures aqueles elementos que dependem de uma observação exata e que requerem observações continuadas, sobretudo os movimentos que dependem do tempo e que só podem ser obtidos com precisão após séculos de observação. Há que buscar, portanto, a indicação desses movimentos em outras nações que tenham feito tais observações e conte, no seu passado, séculos de labor. Chegamos, assim, à conclusão de que um povo novo não recorrerá às épocas de outro povo antigo sem tomar também, para elas, os 'movimentos médios'. Partindo deste princípio, veremos que as épocas hindus de 1491 e 3102 não podiam ter sido derivadas das de Ptolomeu ou de Ulug-beg.

Resta a suposição de que os hindus, comparando suas observações de 1491 com as feitas anteriormente por Ulugbeg e Ptolomeu, usassem os intervalos entre essas observações para determinar os movimentos médios. A data de Ulug-Beg é demasiado recente

(30) Veja-se *Recueil de l'Académie des Inscriptions*, 1853; citado em *Des Esprits*, IV, p. 62.

(31) *Ruins of Empire*, p. 360.

(32) Páginas 54, 196 e seguintes.

para semelhante determinação, enquanto que as datas de Ptolomeu e Hiparco apenas eram suficientes para isso. Mas, se os movimentos dos hindus houvessem sido determinados por tais comparações, as épocas estariam relacionadas entre si. Partindo das épocas de Ulug-geg e de Ptolomeu, chegaríamos a todas as dos hindus. Donde se vê que as épocas estrangeiras ou não eram conhecidas dos hindus ou lhes foram inúteis [33].

A isso podemos acrescentar outra consideração importante. Quando uma nação se vê obrigada a pedir a seus vizinhos os métodos ou os movimentos médios de suas tábuas astronômicas, muito mais necessidade terá de lhes pedir, além disso, o conhecimento das desigualdades dos movimentos dos corpos celestes, os movimentos dos apogeus, dos nodos e da inclinação da elítica; em suma, todos os elementos cuja determinação requer a arte de observar, o emprego de certos instrumentos e uma grande habilidade. Todos esses elementos astronômicos, que diferem mais ou menos entre os gregos de Alexandria, os árabes, os persas e os tártaros, não apresentam semelhança *alguma com os dos hindus. Estes últimos, por conseguinte, nada importaram de seus* vizinhos.

Se os indianos não obtiveram de outros a sua época, deviam ter uma época própria e verdadeira, baseada em suas observações diretas; e seria ou a época do ano de 1491 de nossa era ou do ano de 3102 antes de Cristo, precedendo esta última em 4 592 anos a de 1491. Temos que escolher entre as duas épocas e decidir qual delas está baseada na observação. Mas, antes de expor os argumentos que podem e devem solucionar a questão, permitimo-nos tecer algumas considerações para os que estejam inclinados a crer que foram as observações e os cálculos modernos que permitiram aos hindus determinarem as posições passadas dos corpos celestes. Nada tem de fácil a determinação dos movimentos celestes com precisão suficiente que possibilite retroceder no curso do tempo durante 4 592 anos e descrever os fenômenos que devem ter ocorrido ao longo desse período. Possuímos hoje excelentes instrumentos; durante dois ou três séculos, fizeram-se observações exatas que já nos permitem calcular com notável precisão os movimentos médios dos planetas; dispomos das observações dos caldeus, de Hiparco e de Ptolomeu, as quais, dada a época recuada a que se referem, nos facilitam a fixação desses movimentos com maior certeza. Apesar disso, não podemos apresentar com exatidão invariável as observações referentes ao largo período transcorrido desde os caldeus até nós; e ainda menos determinar com precisão os acontecimentos que se passaram há 4 592 anos. Cassini e Maier determinaram, separadamente, o movimento secular da lua, havendo uma diferença de 3' 43" entre os seus resultados. Tal diferença daria lugar, no fim de quarenta e seis séculos, a uma inexatidão de três graus na posição da lua. Um dos dois cálculos é, sem dúvida, mais exato que o outro, e às observações de maior antiguidade cabe decidir entre eles. Em se tratando, porém, de períodos muito remotos, em que faltam observações, é de ver que permanecemos na incerteza quanto aos fenômenos. Como, pois, teria sido possível aos hindus fazerem recuar os seus cálculos desde o ano 1941 de nossa era até o ano 3102 antes de Cristo, se fossem meros principantes no estudo da Astronomia?

Os orientais nunca foram o que nós somos. Por mais elevado que seja o conceito que possamos fazer de seus conhecimentos pelo exame de sua Astronomia, jamais pudemos imaginar que houvessem possuído os numerosos instrumentos que caracterizam os nossos modernos observatórios, frutos do progresso simultâneo em várias artes; nem que fossem dotados deste gênio das descobertas e invenções, que pareciam, até agora, pertencer exclusivamente à Europa, e que, suprimindo o tempo, produz o rápido desenvolvimento da ciência e da inteligência humana. Se os asiáticos se têm mostrado fortes, instruídos e sábios, é ao poder e ao tempo que devem os seus méritos e êxitos de toda espécie. O poder *fundou ou destruiu os seus impérios; ora levantou edifícios* imponentes por sua massa, ora os converteu em ruínas veneráveis; e, enquanto se sucediam estas alternativas, a paciência ia acumulando o conhecimento, e a experiência continuada produzia a sabedoria. Foi a antiguidade das nações do Oriente que edificou a sua reputação científica.

(33) Para uma prova minuciosa e científica desta conclusão, veja-se a p. 121 da obra de Bailly, onde a questão é tecnicamente examinada.

Se os hindus dispunham em 1491 de um conhecimento dos movimentos celestes suficientemente exato que lhes permitisse remontar os seus cálculos a 4 592 anos antes de nossa era, só podiam tê-lo obtido por meio de observações muito antigas. Reconhecer-lhes tal conhecimento, negando as observações de que ele resulta, é enunciar uma impossibilidade; equivaleria a supor que, no início de sua trajetória, haviam já colhido os frutos do tempo e da experiência. Por outra parte, se for tida como real a sua época de 3102, teremos então que os hindus acompanharam *pari passu* os sucessivos séculos até o ano de 1491 de nossa era. Deste modo, o seu mestre terá sido o próprio Tempo: eles conheceram os movimentos celestes durante aqueles períodos, porque os haviam observado; e a antiguidade do povo hindu sobre a terra é a razão da fidelidade dos seus anais e da exatidão dos seus cálculos.

Pode parecer que o problema sobre qual das duas épocas é a verdadeira, 3102 ou 1491, devia resolver-se por uma consideração, a saber: a de que os antigos em geral e os hindus em particular, como se pode ver pela ordenação de suas tábuas, tão-somente calculavam, e por conseguinte observavam, os eclipses. Ora, não houve eclipse algum do Sol no momento da época de 1941, e tampouco eclipse algum da Lua nos quatorze dias antes ou depois daquele momento. Portanto, a época de 1491 não estaria baseada em nenhuma observação.

Quando á época de 3102, os brâmanes de Tirvalur a situam no momento em que o Sol nasceu no dia 18 de fevereiro. O Sol estava então no primeiro ponto do Zodíaco, de acordo com a sua verdadeira longitude. As outras tábuas mostram que na meia-noite precedente a Lua ocupava o mesmo lugar, mas de acordo com a sua longitude média. Também dizem os brâmanes que esse primeiro ponto, origem do seu Zodíaco, estava, no ano 3102, 54 graus atrás do equinócio. Donde se conclui que a origem — o primeiro ponto do seu Zodíaco — se achava no sexto grau de Aquário.

Ocorreu, assim, nessa ocasião e nesse lugar, uma conjunção média, que está efetivamente indicada em nossas melhores tábuas: as de La Caille para o Sol, e as de Maier para a Lua. Não houve eclipse do Sol, porque a Lua estava demasiado longe do seu nodo; mas, quatorze dias depois, tendo a Lua se aproximado do nodo, deve ter havido eclipse. As tábuas de Maier, usadas sem a correção por motivo da aceleração, acusam esse eclipse, mas durante o dia, quando ele não podia ser observado na Índia. As tábuas de Cassini o apresentam durante a noite, demonstrando isto que os movimentos de Maier são demasiado rápidos para séculos longínquos, em que não se leva em conta a aceleração, e provando também que, apesar do progresso dos nossos conhecimentos, podemos ainda ficar em incerteza quanto ao real aspecto dos céus em tempos passados.

Cremos, por isso, que das duas épocas hindus a verdadeira é a do ano 3102, porque foi acompanhada de um eclipse que pôde ser observado, e que deve ter servido para determiná-la. Esta é uma primeira prova da exatidão da longitude atribuída pelos hindus ao Sol e à Lua nesse instante; e tal prova seria talvez suficiente se aquela antiga determinação não se revestisse da mais alta importância para a verificação dos movimentos desses corpos, devendo, portanto, ter a sua autenticidade comprovada por todos os meios possíveis.

Observamos: 1.° Que os hindus parece terem juntado e combinado duas épocas dentro do ano 3102. Os brâmanes de Tirvalur contam a origem desde o primeiro momento do Kali Yuga; mas têm uma segunda época, que situam 2 dias, 3 horas, 32' 30" mais tarde. Esta última é a verdadeira época astronômica, ao passo que a outra parece ser uma era civil. Mas, se aquela época do Kali Yuga não tivesse realidade, e não passasse de mero resultado de um cálculo, por que haveria de estar dividida desse modo? A época astronômica calculada estaria convertida na de Kali Yuga, colocando-se esta na conjunção do Sol e da Lua, como sucede com a época das outras três tábuas. Deve ter havido algum motivo para que eles fizessem uma distinção entre as duas, e esta razão só pode ser atribuída às circunstâncias e ao tempo da época: não podia ser o resultado de um cálculo. Não é tudo. Se tomarmos como ponto de partida a época solar determinada pelo nascimento do Sol a 18 de fevereiro de 3102, e retrocedermos de 2 dias, 3 horas, 32 minutos e 30 segundos os acontecimentos, chegaremos às 2 horas, 27 minutos e 30 segundos da manhã de 16 de fevereiro, que é o instante em que principiou o Kali Yuga. É curioso que não se tenha feito começar

o ciclo em uma das quatro grandes divisões do dia. Poder-se-ia supor que a época houvesse sido determinada pelo instante da meia-noite, e que as 2 horas 27' 30" representassem uma correção meridiana. Mas, qualquer que fosse a razão por que se fixou este momento, claro é que, se a época resultasse de um cálculo, teria sido igualmente fácil situá-la à meia-noite, de maneira que correspondesse a uma das principais divisões do dia, em vez de o fazer no momento fixado pela fração de um dia.

2.º Os hindus afirmam que havia no primeiro momento do Kali Yuga uma conjunção de todos os planetas; e suas tábuas indicam essas conjunção, ao passo que as nossas mostram que ela realmente podia ter ocorrido. Júpiter e Mercúrio se achavam exatamente no mesmo grau da eclíptica, enquanto Marte estava à distância de 8.º, e Saturno à de 17.º. Donde se deduz que, por esse tempo, ou uns quinze dias após o começo do Kali Yuga, à medida que o Sol se adiantava no Zodíaco, os hindus viram surgir quatro planetas sucessivamente dos raios solares: primeiro Saturno, seguindo-se Marte, depois Júpiter e Mercúrio; e estes planetas apareciam como que reunidos em um espaço bastante reduzido. Embora Vênus não estivesse entre eles, a inclinação para o maravilhoso fez com que se dissesse que era uma conjunção de todos os planetas. Aqui o testemunho dos brâmanes coincide com o de nossas tábuas; e esta evidência, fruto de uma tradição, deve estar baseada em observações reais.

3.º Tal fenômeno, podemos, acrescentar, foi visível mais ou menos quinze dias antes e depois da época, e exatamente no momento em que devia ter-se observado o eclipse da Lua que serviu para fixá-la. As duas observações se confirmam mutuamente, e quem fez uma deve também ter feito a outra.

4.º Temos ainda razões para crer que os hindus determinaram ao mesmo tempo o lugar do nodo da Lua; é o que parecem indicar os seus cálculos. Dão eles a longitude desse ponto da órbita lunar no momento da sua época, e a ela acrescentam uma constante de 40', que corresponde ao movimento do nodo em 12 dias e 14 horas. É como se declarassem que esta determinação havia sido feita treze dias depois de sua época, e que, a fim de ajustá-la com esta, temos que acrescentar os 40' em que o nodo retrogradou no intervalo. Tem esta observação, portanto, a mesma data que a do eclipse lunar — o que nos proporciona três observações que se confirmam mutuamente.

5.º Pela descrição do Zodíaco hindu feita por M. C. Gentil, as posições que ali ocupam as estrelas chamadas o Olho do Touro, e a Espiga da Virgem parece que podem ser determinadas pelo início do Kali Yuga. Ora, comparando essas posições com as atuais, reduzidas por nossa precessão dos equinócios ao momento de que se trata, vemos que o ponto de origem do Zodíaco hindu deve situar-se entre o quinto e o sexto grau do Aquário. Os brâmanes tinham, portanto, razão em colocar esse ponto no sexto grau do citado signo, tanto mais que esta pequena diferença pode ser devida ao movimento próprio das estrelas, que é desconhecido. De modo que foi também outra observação que permitiu aos hindus determinar com tão satisfatória exatidão o primeiro ponto do seu Zodíaco móvel.

Não parece possível duvidas da existência, na antigüidade, de observações dessa data. Dizem os persas que quatro belíssimas estrelas foram colocadas como guardiãs nos quatro cantos do mundo. Ora, acontece que, ao iniciar-se o Kali Yuga, 3000 ou 3100 anos antes de nossa era, o Olho do Touro e o Coração do Escorpião se achavam exatamente nos pontos equinociais, enquanto que o Coração do Leão e o Peixe Austral estavam bem próximos dos pontos solsticiais. Também pertence ao ano 3000 antes de nossa era a observação referente ao nascimento das Plêiades pela tarde, sete dias antes do equinócio outonal. Esta e outras observações semelhantes se acham reunidas nos calendários de Ptolomeu, embora sem nomear os seus autores; e, sendo mais antigas que as dos caldeus, bem que podem ser obra dos hindus. Conhecem estes perfeitamente a constelação das Plêiades, que chamamos vulgarmente de "Gaiola" e eles denominam Pillâlu-kodi [34], a "Galinha e seus pintinhos". Este nome passou de um a outro povo, e veio das mais antigas nações da Ásia. Vemos que os hindus devem ter observado a saída das Plêiades, utilizando-a para regular os seus anos e os seus meses,

(34) Termo tamil.

pois esta constelação é também chamada Krittikâ. Igual nome tem, efetivamente, um de seus meses, e semelhante coincidência não pode ser atribuída senão à circunstância de que esse mês era anunciado pelo nascer ou o pôr da aludida constelação.

Mas o que demonstra de modo ainda mais decisivo que os hindus observavam as estrelas, tal como nós hoje o fazemos, indicando-lhe a posição por sua longitude, é o fato, assinalado por Augustinus Riccius, de que, segundo observações atribuídas a Hermes e feitas 1985 anos antes de Ptolomeu, a estrela brilhante da Lira e a do Coração da Hidra estavam, ambas, sete graus adiante das respectivas posições assinadas por Ptolomeu. Esta observação tem muito de extraordinário. As estrelas adiantam-se regularmente em relação aos equinócios, e Ptolomeu deve ter encontrado longitudes superiores em 28 graus às que havia 1985 anos antes do seu tempo. Por outro lado, existe uma particularidade notável: o mesmo erro ou diferença se observa na posição das duas estrelas; o erro foi, portanto, devido a uma causa que interferiu igualmente em ambas as estrelas. Para explicar tal particularidade, imaginou o árabe Thebith que as estrelas possuíam um movimento oscilatório, que as fazia avançar e retroceder alternativamente. A improcedência da hipótese foi logo facilmente evidenciada; mas as observações atribuídas a Hermes ficaram sem explicação. Não obstante, a explicação se encontra na Astronomia hindu. Na data a que se referem essas observações, 1985 anos antes de Ptolomeu, o primeiro ponto do Zodíaco hindu estava 35 graus adiante do equinócio; e portanto as longitudes computadas para este ponto eram superiores em 35 graus às computadas para o equinócio. Mas, depois de um período de 1985 anos, tendo as estrelas avançado 28 graus, não devia restar senão uma diferença de 7 graus entre as longitudes de Hermes e as de Ptolomeu; e a diferença seria a mesma para as duas estrelas, por ser devida à diferença entre o ponto de partida do Zodíaco hindu e o de Ptolomeu, que começou a contar do equinócio. A explicação é tão simples e natural, que não pode deixar de ser verdadeira.

Não sabemos se Hermes, tão celebrado na antiguidade, era indiano; mas vemos que as observações a ele atribuídas estão computadas à maneira indiana, e por isso deduzimos que foram feitas pelos hindus, a quem, portanto, não faltava capacidade para levar a efeito todas as observações a que nos temos referido e que encontramos anotadas em suas tábuas.

6.° A observação do ano 3102, que parece ter fixado a época dos hindus, não era difícil. Vemos que eles, depois de determinarem o movimento diário da Lua de 13° 10' 35", o empregaram para dividir o Zodíaco em 27 constelações, relacionadas com o período da Lua, pois este astro leva vinte e sete dias para percorrê-lo.

Com esse método, determinaram as posições das estrelas no Zodíaco; e assim descobriram que certa estrela da Lira estava em 8ˢ 24°, e o Coração da Lira em 4ˢ 7° — longitudes[35] que se atribuem a Hermes, mas que estão calculadas sobre o Zodíaco hindu. Descobriram também que a Espiga da Virgem forma o começo de sua décima quinta constelação, e o Olho do Touro o final da quarta; estando uma dessas estrelas em 6ˢ 6° 40', e a outra em 1ˢ 23° 20' do Zodíaco hindu. Sendo assim, o eclipse da Lua, que se deu quinze dias depois da época do Kali Yuga, ocorreu em um ponto situado entre a Espira da Virgem e a estrela θ da mesma constelação. Essas estrelas formam quase uma constelação distinta, principiando uma a décima quinta, e a outra a décima sexta. Não era, portanto, difícil determinar a posição da Lua, medindo a distância que a separava de uma dessas estrelas; desta posição, deduzir a do Sol, oposta à da Lua; e depois, conhecendo seus movimentos médios, calcular que a Lua se achava no primeiro ponto do Zodíaco, segundo a sua longitude média, à meia-noite de 17-18 de fevereiro do ano 3102 antes de nossa era, e que o Sol ocupava o mesmo lugar seis horas mais tarde, segundo a sua verdadeira longitude; acontecimento que fixa o início do ano hindu.

7.° Dizem os hindus que 20 400 anos antes da idade do Kali Yuga o primeiro ponto do seu Zodíaco coincidia com o equinócio da primavera, e que o Sol e a Lua

(35) Isto é, a estrela da Lira no 24.° do 8.° signo do Zodíaco (o Escorpião), ou a 264.° de longitude; e a estrela da Hidra no 7.° grau do 4.° signo (o Câncer), ou a 127 graus de longitude, a partir do ponto vernal.

se achavam ali em conjunção. Essa época evidentemente é fictícia[36]; mas podemos perguntar: de que ponto, de que época partiram os hindus para estabelecer o seu Zodíaco? Tomando os valores hindus para a revolução do Sol e da Lua, isto é, 365 dias, 6 horas 12' 30", e 27 dias, 7 horas 43' 13", temos:

20.400 revoluções do Sol = 7.451.277^{d} 2^{h}
272.724 revoluções da Lua = 7.451.277^{d} 2^{h}

Tal é o resultado que se obtém partindo da época do Kali Yuga; e a afirmação dos hindus, de que houve uma conjunção naquela ocasião, está baseada em suas tábuas; mas se, usando os mesmos elementos, tomarmos como ponto de partida a era do ano 1491, ou outra situada no ano 1282, da qual trataremos mais adiante, haverá sempre uma diferença de um ou dois dias. É ao mesmo tempo justo e natural que na verificação dos cálculos hindus se tomem aqueles dos seus elementos que dão o mesmo resultado por eles obtido, e que se adote como ponto de partida aquela de suas épocas que permita chegar-se à época fictícia já mencionada. Conseqüentemente, uma vez que para fazer esse cálculo devem ter partido de sua época real, a que se baseava na observação, e não em alguma outra derivada da primeira por meio desse mesmo cálculo, conclui-se que a sua época real foi a do ano 3102 antes de nossa era.

8.° Os brâmanes de Tirvalur dão o movimento da Lua como de 7^{s} 2° 0' 7" no Zodíaco móvel, e de 9^{s} 7° 45' 1" em relação ao equinócio durante um grande período de 1 600 000 984 dias ou 4 386 anos e 94 dias. Cremos que este movimento foi determinado pela observação, e devemos desde logo declarar que tal período tem uma extensão que o faz pouco apropriado para o cálculo dos movimentos médios.

Em seus cálculos astronômicos, utilizam os hindus períodos de 248, 3 031 e 12 372 dias; mas estes períodos, apesar de muito curtos, não oferecem os inconvenientes do primeiro, e correspondem a um número exato de revoluções da Lua, relacionadas ao seu apogeu. São, na realidade, movimentos médios. O grande período de 1 600 984 dias não representa a soma de um certo número de revoluções; não há *razão* para que se tomem 1 600 984 dias de preferência a 1 600 985. Parece que só a observação deve ter influído para fixar o número de dias e marcar o começo e o fim do período. Este período termina a 21 de maio de 1282 de nossa era, às 5 horas, 15 minutos e 30 segundos de Benares. A Lua estava então em seu apogeu, e sua longitude era, segundo os hindus:

de	7^{s}	13°	45'	1"
Maier dá a longitude como de	7^{s}	13°	53'	48"
e situa o apogeu em	7^{s}	14°	6'	54"

A determinação da posição da Lua pelos brâmanes, como se vê, só difere da nossa por nove minutos, e a do apogeu por vinte e dois minutos; e é evidente que só pela observação teriam chegado a um resultado tão conforme ao registrado em nossas melhores tábuas, e obtido essa exatidão nas posições celestes. Se foi, portanto, a observação que fixou o termo do período, tudo faz crer que também lhe determinou o começo. Mas então esse movimento, determinado diretamente, e tomado da Natureza, deveria necessariamente guardar inteira conformidade com os verdadeiros movimentos dos corpos celestes.

E, com efeito ,o movimento hindu durante esse longo período de 4 883 anos não difere nem um minuto do de Cassini, e está igualmente de acordo com o de Maier. Assim, dois povos, os indianos e os europeus, localizados nos dois extremos do mundo, e talvez distanciados também por suas instituições, obtiveram precisamente os mesmos resultados no tocante aos movimentos da Lua, acordo que seria inconcebível se os seus cálculos não estivessem baseados na observação e na imitação mútua da Natureza. Devemos observar que as tábuas hindus, em número de quatro, são todas cópias de

(36) Os homens de ciência europeus nunca puderam explicar por que seria "fictícia" essa época.

uma só e mesma Astronomia. Não se pode negar que as tábuas siamesas existiam em 1687, quando as trouxe da Índia o Sr. De La Loubère. Naquele tempo não havia as tábuas de Cassini e de Maier, de modo que os hindus estavam já de posse do movimento exato que nelas veio a figurar, enquanto que *nós ainda não o tínhamos*[37]. Impõe-se, portanto, admitir que a exatidão do movimento hindu é resultado da observação. É ele exato em todo aquele período de 4 383 anos, porque foi tomado do

as plêiades das Sociedades Reais de Astronomia se levantem em armas contra a demonstração matemática que êles apresentam.

A descida e a ascensão da Mônada ou Alma não pode ser separada dos signos zodiacais, e parece mais natural, no sentido da propriedade das coisas, crer na existência de uma misteriosa simpatia entre a Alma metafísica e as brilhantes constelações, e na influência destas sobre aquela, do que na absurda idéia de que os criadores do Céu e da Terra hajam colocado nos céus os tipos de doze judeus viciosos. E se, como afirma o autor de *The Gnostics and their Remains*, o objetivo de todas as escolas gnósticas e das escolas platônicas posteriores

"era conciliar a fé antiga com a influência da teosofia budista, cuja essência mesma consistia em não considerar os numerosos deuses da mitologia hindu senão como nomes dados às Energias da Primeira Tríade, em seus sucessivos Avatares ou manifestações para o homem",

onde melhor poderíamos investigar os traços dessas idéias teosóficas, inclusive a sua origem, senão recorrendo à antiga sabedoria hindu? Repetimos: o Ocultismo arcaico permaneceria incompreensível para todo o mundo, se cuidássemos de exprimi-lo por outro modo que não pelos métodos mais familiares do Budismo e do Induísmo. Porque o primeiro é a emanação do último; e ambos são filhos da mesma mãe: a Antiga Sabedoria Lemuro-Atlante.

Seção XVII

RESUMO DA SITUAÇÃO

Tendo sido apresentados ao leitor os dois aspectos da questão, a ele cabe decidir se o conjunto se mostra ou não favorável aos nossos pontos de vista. Se existe na Natureza algo que se possa chamar um vácuo, deve este encontrar-se (segundo a lei física) nas mentes dos incautos admiradores daqueles "luminares" da Ciência que passam o tempo destruindo os ensinamentos uns dos outros. Se alguma vez teve aplicação a teoria de que "duas luzes produzem obscuridade", tê-lo-á sido neste caso, em que uma metade dos "luminares" impõe suas forças e "modos de movimento" à crença dos fiéis, e a outra metade lhes ignora até mesmo a existência.

Em um livro do Sr. S. Laing, *Modern Science and Modern Thought*, considerado como obra mestra em ciência, e cujo autor, segundo artigo elogioso do *Times*, "expõe em termos incisivos e admiráveis as imensas descobertas no campo da Ciência, e suas grandes vitórias sobre as opiniões antigas, sempre que estas ousaram desafiar-lhe as conclusões", lemos o seguinte:

"De que é composto o universo material? De Éter, Matéria e Energia."

Aqui interrompemos para perguntar: "Que é o Éter?" E o Sr. Laing responde em nome da Ciência:

"O Éter, ainda não o conhecemos por nenhuma experiência que esteja ao alcance dos nossos sentidos; mas é uma espécie de substância matemática que temos necessidade de admitir a fim de podermos explicar os fenômenos da luz e do calor." [1]

E que é a Matéria? Tendes, a seu respeito, melhor informação que sobre aquele "hipotético" agente, o Éter?

"Estritamente falando, é verdade que as pesquisas químicas nada nos podem dizer diretamente sobre a composição da matéria viva, e... é igualmente verdade que nada sabemos a respeito da composição de nenhum corpo [material], qualquer que seja." [2]

E a Energia? Com certeza podeis definir a terceira pessoa da Trindade do nosso Universo Material? Podemos encontrar a resposta em qualquer compêndio de Física:

"A Energia é uma coisa que só conhecemos pelos seus efeitos."

Solicitamos melhor explicação, porque isso é bastante vago.

"[Em mecânica há a energia atual e a energia potencial: o trabalho que se executa, e a capacidade de executá-lo. Quanto à natureza da Energia molecular ou das Forças], os vários fenômenos apresentados pelos corpos mostram que suas moléculas sofrem a influência de duas forças contrárias: uma que tende a uni-las, e outra a separá-las... A primeira força chama-se *atração molecular*... a segunda é devida à *vis viva* ou força impulsiva." [3]

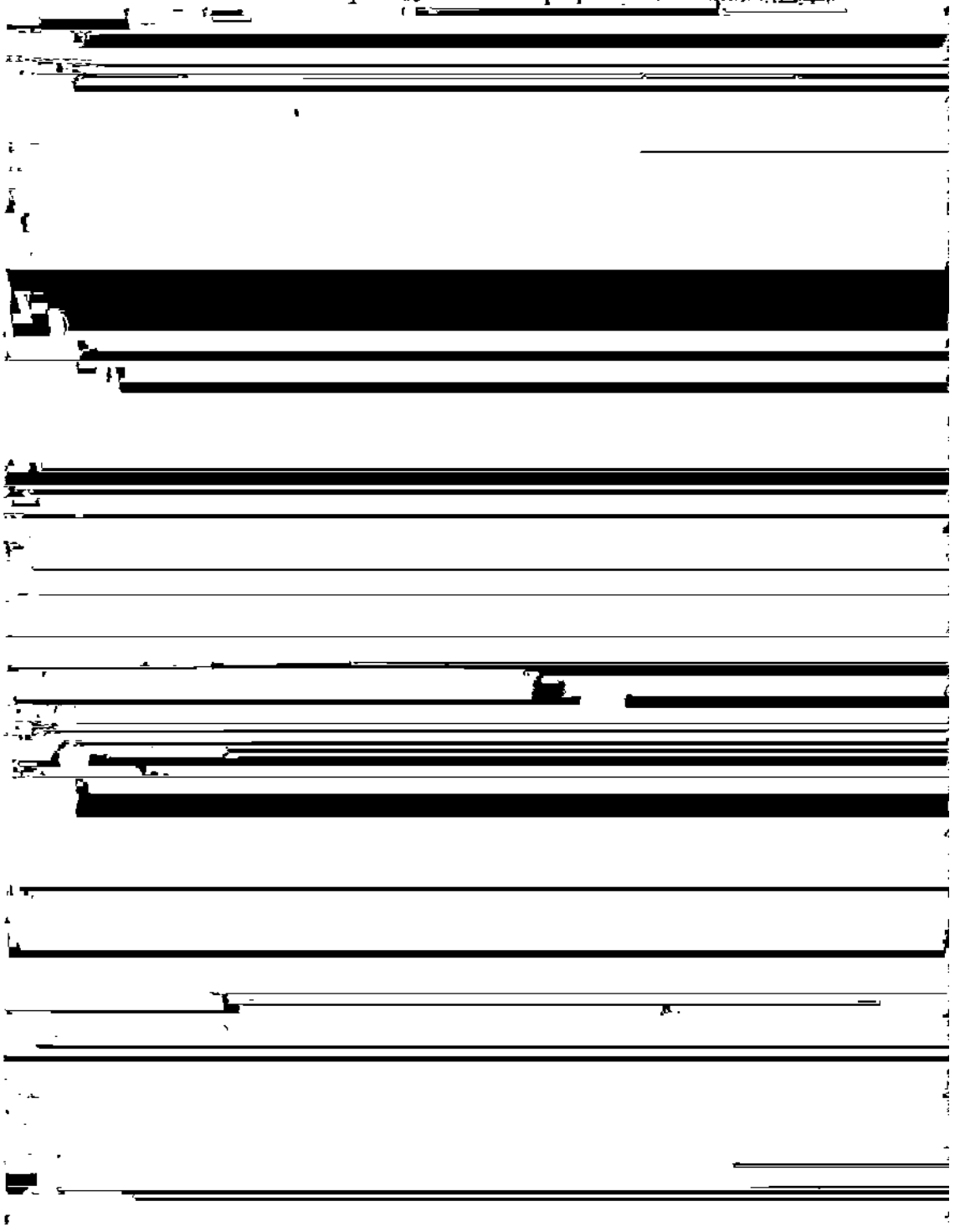
Precisamente: é a natureza desta *força impulsiva*, desta *vis viva*, o que desejamos conhecer. Que é?

"NÃO O SABEMOS" — tal é a resposta invariável. "É uma sombra vazia da minha imaginação" — explica o Sr. Huxley em sua *Physical Basis of Life*.

De modo que todo o edifício da Ciência Moderna está construído sobre uma espécie de "abstração matemática", sobre uma "Substância protéica que elude os sentidos" (Dubois Reymond), e sobre *efeitos*, o fogo-fátuo opaco e ilusório de *algo* completamente desconhecido e fora do alcance da Ciência. Átomos "*que se movem por si mesmos!*" Sóis, Planetas e Estre-

(1) Cap. III, "On Matter", p. 51.
(2) *Lecture on Protoplasm*, pelo Sr. Huxley
(3) *Physics*, de Ganot, p. 73, tradução de Atkinson.

las *dotados de automovimento!* Mas, afinal, quem ou *o que* são eles, para se moverem assim por conta própria? E por que, então, vós, os físicos, haveis de rir do nosso "Arqueu de movimento próprio"? À Ciência repugna



crença aceita. E quanto ao que nele se contém, eis o que nos ensina Hermes Trismegisto (segundo a hábil interpretação da Dra. Anna Kingsford):

"No que respeita ao vácuo... considero que não existe, nunca existiu, nem jamais existirá; pois todas as diferentes partes do Universo estão cheias, da mesma forma que também a Terra está completa e cheia de corpos, com as suas diferenças qualitativas e morfológicas; corpos que têm as suas espécies e os seus tamanhos; uns maiores, outros menores, uns sólidos, outros tênues. Os maiores... são percebidos com facilidade; os menores... são difíceis de perceber ou de todo invisíveis. Só sabemos de sua existência pelas sensações que nos causam, e por isso muitas pessoas negam que tais entidades sejam corpos, considerando-os como meros espaços [5]; mas é impossível que haja tais espaços. Porque se efetivamente houvesse algo fora do Universo... seria então um espaço ocupado por seres inteligentes, semelhantes à sua divindade [a do Universo]... Quero referir-me aos gênios, pois afirmo que moram conosco, e os heróis, que moram acima de nós, entre a terra e a atmosfera superior, alí onde não há nuvens nem há tempestades." [6]

E também nós o "afirmamos". Apenas, como já tivemos ocasião de observar, nenhum Iniciado oriental falaria de esferas "*acima* de nós, entre a terra e a atmosfera", nem ainda de esferas mais altas, pois a linguagem ocultista não comporta semelhante divisão ou medida, não havendo nenhum *acima* ou *abaixo*, senão um eterno *dentro, dentro de outros dois de dentro,* ou os planos da subjetividade fundindo-se gradualmente no da objetividade terrestre, que para o *homem* é o último, o seu próprio plano. Podemos concluir esta explicação necessária expondo, com as palavras de Hermes, a crença de todos os místicos do mundo relativamente a este ponto particular:

"Há muitas ordens de Deuses, e em todas existe uma parte inteligível. Não se deve supor que eles não estejam ao alcance dos nossos sentidos; pelo contrário, nós os percebemos *ainda melhor do que as coisas chamadas visíveis... Há, pois,* Deuses superiores a todas as aparências; depois deles vêm os Deuses cujo princípio é espiritual; sendo sensíveis estes Deuses, consoante a sua origem dupla, manifestam todas as coisas de um modo sensível, cada um deles iluminando suas obras umas pelas outras [7]. O Ser supremo do céu, ou de tudo o que se compreende por este nome, é Zeus, pois é por meio do céu que Zeus dá vida a todas as coisas. O Ser supremo do sol é a luz, pois é por meio do disco solar que recebemos o benefício da luz. Os trinta e seis horóscopos das estrelas fixas têm por Ser supremo ou Príncipe aquele cujo nome é *Pantomorphos*, o que possui todas as formas, porque dá formas divinas a tipos diversos. Os sete planetas ou esferas errantes têm por Espíritos supremos a Fortuna e o Destino, que mantêm a eterna estabilidade das leis da Natureza através da transformação inces-

(5) Vemos aqui a obra dos Ciclos e o seu periódico retorno! Os que negavam que tais "Entidades" (Forças) fossem corpos, e os chamavam "Espaços", eram os protótipos do nosso público moderno "hipnotizado pela ciência", e de seus mestres oficiais, que falam das Forças da Natureza como energia imponderável da Matéria e modos de movimento, e, sem embargo, consideram a eletricidade *tão atômica quanto a própria Matéria* — (Helmholtz). A inconseqüência e a contradição reinam tanto na ciência oficial como na heterodoxa.

(6) *The Virgin of the World*, de Hermes Mercúrio Trismegisto, tradução inglesa da Dra. Anna Kingsford e Dr. Edward Maitland, pp. 83 e 84.

(7) "Hermes inclui aqui, entre os Deuses, as Forças sensíveis da Natureza, os elementos e os fenômenos do Universo", observa mui corretamente a Dra. Anna Kingsford em uma nota esclarecedora. O mesmo faz a Filosofia Oriental.

sante e da perpétua agitação. O éter é o instrumento ou meio pelo qual tudo se produz." [8]

São conceitos puramente filosóficos e que se hamonizam com o espírito do Esoterismo oriental, uma vez que todas as Forças, como a Luz, o Calor, a Eletricidade, etc., são chamadas Deuses — esotericamente.

Assim deve ser realmente, pois os Ensinamentos Esotéricos eram idênticos na Índia e no Egito. Daí por que a personificação de Fohat, sintetizando todas as Forças que se manifestam na Natureza, é um consectário legítimo. Demais, como adiante mostraremos, as verdadeiras Forças Ocultas da Natureza só agora começam a ser conhecidas, ainda assim pela ciência heterodoxa, não pela ortodoxa [9], muito embora sua existência, em um caso pelo menos, seja corroborada e atestada por um número considerável de pessoas cultas, e até por alguns cientistas oficiais.

Além disso, a declaração contida na Estância VI — de que Fohat põe em movimento os Germes primordiais do Mundo, ou o agregado dos Átomos Cósmicos e da Matéria, "uns nesta direção, outros naquela", a direção oposta — tal declaração parece bastante ortodoxa e científica. Há, em todo caso, para apoiar esta opinião, um fato perfeitamente reconhecido pela Ciência, e é o seguinte: as chuvas de meteoros, periódicas em novembro e agosto, fazem parte de um sistema que se move ao redor do Sol segundo uma órbita elíptica. O afélio deste anel se acha a 11 732 milhões *de milhas além da órbita de Netuno, o seu plano é inclinado sobre a* órbita da Terra em um ângulo de 64° 3', e a direção do enxame de meteoros, que se move ao redor dessa órbita, *é contrária* à da revolução da Terra.

Tal fato, só reconhecido em 1833, representa como que a redescoberta moderna do que já era sabido nos tempos antigos. Fohat faz girar com suas duas mãos, em sentidos opostos, a "semente" e os "coágulos", ou Matéria Cósmica; mais claramente, faz girar partículas de extrema tenuidade, e nebulosas.

Além dos limites do Sistema Solar, há outros Sóis, e especialmente o misterioso Sol Central — a "Mansão da Divindade Invisível", como por vezes o têm chamado —, que determinam o movimento e a direção dos corpos. Esse movimento serve ainda para diferenciar a Matéria homogênea, ao redor dos diversos corpos e entre eles, em Elementos e Subelementos desconhecidos em nossa Terra, sendo estes considerados pela Ciência moderna como Elementos distintos individuais, quando não passam de aparências temporárias, que mudam em cada pequeno ciclo dentro o Manvantara e que as obras esotéricas denominam "Máscaras Kálpicas".

Fohat, em Ocultismo, é a chave que abre e decifra os símbolos e alegorias multiformes da chamada mitologia de cada nação; que demonstra a maravilhosa Filosofia e o profundo conhecimento dos mistérios da Natureza, que encerram as religiões dos egípcios e dos caldeus, assim como a dos arianos. Fohat, visto sob o seu verdadeiro aspecto, mostra como todas

(8) *Ibid.*, pp. 64 e 65.

(9) Veja-se também a Seção IX, "a força futura".

essas nações pré-históricas eram sumamente versadas em cada uma das Ciências da Natureza, que agora correspondem aos ramos de física e química da Filosofia Natural. Na Índia, Fohat é o aspecto científico de Vishnu e de Indra, sendo este último *mais antigo* e *mais importante* no *Rig Veda* que o seu sucessor sectário; enquanto que, no Egito, Fohat era conhecido pelo nome de Tum, *nascido* de Nut [10], ou Osíris em seu *caráter* de Deus primordial, criador dos céus e dos seres [11]. Porque se fala de Tum como um Deus Protéico que *gera outros Deuses* e assume a forma que lhe apraz; o "Senhor da Vida", que confere aos Deuses o seu vigor [12]. É o *dirigente* dos Deuses, e o "que cria os espíritos e lhes dá a forma e a vida"; é o "Vento do Norte" e o "Espírito do Ocidente"; e, finalmente, o "Sol Poente da Vida", ou a força elétrica vital que abandona o corpo por ocasião da morte; razão por que o *Defunto* pede a Tum que lhe dê o sopro de sua narina *direita* (eletricidade positiva), para poder viver em sua *segunda* forma. Tanto o desenho como o texto do capítulo XLII do *Livro dos Mortos* revelam a identidade de Tum com Fohat. O primeiro representa um homem de pé, com o hieróglifo dos *sopros* nas mãos. Diz o texto:

"Eu me abro ao chefe de An (Heliópolis). Eu cruzo a água derramada por Thot-Hapi, o senhor do horizonte, e sou o que divide a Terra" [Fohat divide o Espaço, e, com seus Filhos, a Terra em sete zonas]...

"Eu cruzo os céus; sou os dois Leões. Eu sou Ra, sou Aam; eu devoro o meu herdeito [13]... Eu deslizo sobre o solo do campo de Aanru [14], que me foi dado pelo senhor da ternidade sem limites. Eu sou um germe da eternidade. Sou Tum, a quem a eternidade foi concedida."

São as mesmas palavras usadas por Fohat no Livro XI, e os mesmos títulos que lhe deram. Nos Papiros egípcios toda a DOUTRINA SECRETA

(10) "Tum, ó Tum! nascido da grande [fêmea] que está no seio das águas [o grande Oceano ou Espaço], luminoso através dos dois Leões", a Força dual ou poder dos dois *olhos solares*, ou as forças eletro-positiva e eletro-negativa. Veja-se o Livro dos Mortos, III.

(11) Veja-se o *Livro dos Mortos*, XVII.

(12) Cap. LXXIX.

(13) Imagem que exprime a sucessão das funções divinas, a transmutação de uma força em outra, ou a correlação das forças. Aam é a forma eletro-positiva, que *devora todas as outras, como Saturno devorou sua progênie.*

(14) Aanru, no domínio de Osíris, é um campo dividido em *quatorze* seções, "rodeado por uma cerca de *ferro*, e dentro do qual cresce o *grão da vida com sete côvados de altura*", o Kama-Loka dos egípcios. Entre os mortos, só aqueles que conhecem os nomes dos "sete porteiros" dos "sete vestíbulos" serão admitidos no *Amenti para sempre*; isto é, os que passaram pelas Sete Raças *de cada Ronda* — de outro modo ficariam nos *campos inferiores*; isso também representa os sete sucessivos Devachans ou Lokas. No Amenti o homem se converte em espírito puro para a eternidade (XXX, 4), ao passo que no Aanru a "alma do espírito", ou o Defunto, é a todo instante *devorada* por Uræus — a Serpente, Filha da Terra (em outro sentido, os princípios vitais primordiais do Sol), ou seja, o Corpo Astral do Defunto, ou o "Elementário", se dissolve e desaparece no "Filho da Terra", o tempo *limitado*. A alma abandona os campos do Aanru e vai para a Terra sob alguma forma que deseje assumir (veja-se o *Livro dos Mortos*, XCIX).

se encontra esparsa em sentenças isoladas, inclusive no *Livro dos Mortos*. Vê-se ali o número sete tão amiúde e com tanta ênfase como no LIVRO DE DZYAN. "A Grande Água (o Abismo ou Caos) diz-se que tem sete côvados de profundidade" — a palavra "côvados" devendo aqui significar divisões, zonas e princípios. Ali, "na Grande Mãe, nascem todos os Deuses e os Sete Seres das Sete Forças Mágicas" que "venceram a Serpente Apap" ou a Matéria [15].

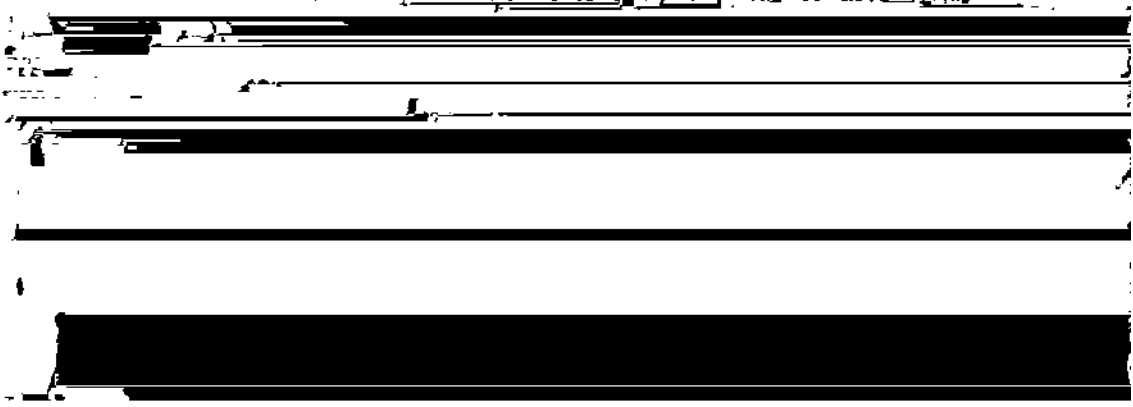
Nenhum estudante de Ocultismo, porém, deve ser induzido em erro quanto às expressões habitualmente usadas nas traduções dos Livros Herméticos, e crer que os antigos egípcios ou gregos fizessem alusão, a todo momento, em sua conversação, como o fazem os monges, a um Ser Supremo, Deus, o "Pai Único e Criador de todas as coisas", etc., conforme se lê em cada uma das páginas daquelas traduções. Nada havia de parecido, em verdade; e esses textos *não são os textos originais egípcios*. São compilações gregas, a mais antiga das quais não remonta além do primeiro período do Neo-Platonismo. Nenhum livro hermético escrito por egípcios — como se pode ver pelo *Livro dos Mortos* — falaria de um Deus único universal como o dos sistemas monoteístas; a única *Causa Absoluta* de tudo era tão inominável e impronunciável na mente do antigo filósofo do Egito quanto é para sempre *Incognoscível* no conceito do Sr. Herbert Spencer. Quanto aos egípcios em geral, como bem observa o Sr. Maspero, desde que

"alcançavam a noção da Unidade divina, o Deus Único nunca era simplesmente 'Deus'. O Sr. Lepage-Renouf explicou mui acertadamente que o termo Noutir Nouti, 'Deus', jamais deixou de ser um *nome genérico* para ser um nome pessoal."

Para eles, cada Deus era "um Deus único e vivente". O seu

"monoteísmo era puramente geográfico. Se o egípcio de Menfis proclamava a Unidade de Phtah com exclusão de Ammon, o egípcio de Tebas proclama a Unidade de Ammon com exclusão de Phtah" [tal como agora ocorre na Índia no caso dos Shaivas e dos Vaishnavas]. "Ra, o 'Deus Único' de Heliópolis, não é Osíris, o 'Deus Único' de Abidos, e pode ser adorado juntamente com este, sem que seja por ele absorvido. O Deus Único não é senão o Deus do nomo ou da cidade, Noutir Nouti, e não exclui a existência do Deus Único do nomo ou cidade vizinha. Em suma, sempre que falamos do Monoteísmo egípcio, devemos falar dos Deuses Únicos do Egito, e não do Deus Único." [16]

Por essa característica, eminentemente egípcia, é que se deve testar



The Expanding Universe, Sir A. S. Eddington. Londres. Cambridge University Press.

Nature of the Physical World, The, Sir A. S. Eddington. Londres. Cambridge University Press, 1920.

Science and the Unseen World, Sir A. S. Eddington. Londres. Allen and Unwin, Ltd.

Mathematical Theory of Relativity, The, Sir A. S. Eddington. Londres. Cambridge University Press.

Relativity Theory of Protons and Atoms, Sir A. S. Eddington. Londres. 1936, Cambridge University Press.

Relativity, Albert Einstein, Ph. D., M. D. Londres. Methuen and Co., 1921.

On the Method of Theoretical Physics, Albert Einstein, Ph. D., M. D., Londres. Oxford University Press.

World as I see it, The, Albert Einstein, Ph. D., M. D. Londres. John Lane, 1937.

Meinong's Theory of Objects, J. A. Findlay. Londres. Oxford University Press, 1937.

Reign of Relativity, The, Viscount R. B. Haldane, Londres. John Murray.

Science of Life, The, J. Huxley and H. G. Wells, Londres. The Amalgamated Press, 1929.

Astronomy and Cosmogony, Sir James Jeans. Londres. Cambridge University Press.

Mathematical Theory of Electricity and Magnetism, Sir James Jeans, Londres, Cambridge University Press, 1925.

Philosophical Writings of Leibnitz. Seleção e tradução de Mary Morris. (Inclui *Monadology*.) Londres. J. M. Dent and Sons, Ltd. 1934.

Monad, The, C. W. Leadbeater. Adyar, Madras. The Theosophical Publishing House, 1920.

Modern Astronomy, Hector MacPherson, Ph. D. (Edimburgo), F. R. A. S., F. R. S. E. Londres. Oxford University Press.

Composition of the Stars, The, H. N. Russell, M. A., Ph. D. Londres. Oxford University Press.

Newer Alchemy, The, Sir Ernest Rutheford, Sc.D., M.D., M.A., F.R.S. Londres. Oxford University Press, 1937.

Limitations of Science, J. W. N. Sullivan. Londres. Chatto and Windus, 1933.

World of Science, The, F. Sherwood Taylor, M.A., Ph.D. Londres. William Heineman.

Mahâbharata, The, of Krishna Dwaipâyana Vyâsa, trs. Pratâpa Chaudray Ray, C.I.E. 2 vols. Calcutá. Bhârata Press, 1890.

Shankarâchârya: Philosopher and Mystic, K. T. Telang. Adyar, Madras. The Theosophical Publishing House, 1911. Reimpressão, 1935.

Brahmasutrabhâshya of Sri Sankarâchârya, com Bhâmati de Vâcaspati Misra. Texto em Devanâgiri. Tradução inglesa de S. Suryanârâyana Sastri, M. A., B. Sc. (Oxon.), Adyar, Madras. The Theosophical Publishing House, 1933.

Story of the Great War, The (Mahâbhârata), Annie Besant. Benares. The Theosophical Publishing House, 1899. Reimpressão, 1927.

Symbolic Yoga, George S. Arundale. Adyar, Madras. The Theosophical Publishing House, 1939.

Occult Chemistry, Annie Besant e Charles W. Leadbeater. Adyar, Madras. The Theosophical Publishing House, 1909. Londres, Edição Revista, 1919.

Trans-Himâlaya, Sven Hedin. Londres. MacMillan and Co. Ltd., 1909. 2 vols.

Across the Gobi Desert, Sven Hedin, Londres, George Routledge and Sons, Ltd., 1931.

Atlantis: The Antediluvian World, Ignatius Donnelly. New York. Harper Brothers, 1882. Reimpressão: Londres, Sampson Low.

Atlantis, The Story of, W. Scott-Elliott, Londres. The Theosophical Publishing Society, 1896.

Atlantean Continent, The, H. E. Florrest, Londres, H. F. and G. Witherby.

Lost tlants, The, James Bramwell, Londres, Cobden-Sanderson, Ltd., 1937.

The Theosophist, março, abril, agosto, 1926; março, junho, outubro, 1925. "Occult Chemistry", por C. Jinarajadâsa, M. A. (Cantab.).

The Theosophist, junho, 1938. "Astronomy and Chemistry in *The Mahatmâ Letters*" por G. N. Drinkwater, B. Sc. (Lond.). Adyar, Madras. The Theosophical Publishing House.